This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 05751570 6

s. c

CURSO ELEMENTAR

DE

LITTERATURA NACIONAL

PELO CONEGO DOUTOR

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

PROFESSOR DE RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL
NO IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO
ETC., ETC.

. . . . . *Fungar vice cotis, acutum*
Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.
HORAT., *ad Pisones*, vers. 304-305.

Por contente me dou, fazendo as vezes
De pedra d'amolar, que em si não tendo
Virtude de cortar, dá córte ao ferro.
Traduc. de CANDIDO LUSITANO.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIZ, GARNIER IRMAOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

Todos direitos de propriedade reservados.

348110A

ADVERTENCIA DO EDITOR

Reconhecida a falta que existe na litteratura luso-brasileira d'uma obra essencialmente elementar que analysando-a com o devido esmero facil torne o seu conhecimento, julgamos prestar real serviço aos dois povos que fallam a bella lingua de Camões editando o livro que para o uso dos seus discipulos acaba de compor o Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro.

Tomando por ponto de partida a formação do idioma portuguez estuda-o através de suas variadas phases, e apreciando os auctores que maior nomeada hão galgeado, dá-nos ácerca d'elles breves, porém veridiças noções bio-bibliographicas.

Classifica os escriptores portuguezes e brasileiros conforme as escolas em que se filiáram; esforçando-se por manter a maior imparcialidade, sómente ao verdadeiro merito confere a palma da primazia.

Tal é, em ligeiros traços, o plano da obra que ora submettemos ao esclarecido juizo do publico, cuja benevolencia respeitosamente imploramos.

AO LEITOR

Quando em 1857 fomos nomeado professor de rhetorica, poetica e litteratura nacional do Imperial Collegio de Pedro II, reconhecemos practicamente a falta d'um compendio adaptado á ultima parte do nosso curso. Para preencher esse vasio tomamos sobre os nossos debeis hombros uma empreza que a outros melhor caberia; e o resultado é o que ora apresentamos ao publico.

Não temos a vaidade de crer que completo seja o nosso trabalho, sendo o proprio em reconhecer seus defeitos; originados uns da nossa insufficiencia, e outros da estreiteza do plano que abraçamos, tendo em attenção á multiplicidade de materias que estudam os alumnos do setimo anno do [illegible]ido collegio, para os quaes principalmente o escreve[illegible]s. Consola-nos porém a persuação de sermos o primeiro [illegible] realisarmos um pensamento que, quando aperfeiçoado, será d'alguma vantagem para a juventude.

Estudando successivamente os auctores que mais se abalisáram, tivemos o escrupuloso cuidado de conservar-lhes a physionomia; já respeitando-lhes a dicção, já conformando-nos com a sua orthographia, por mais estranhas que ellas nos parecessem. Nada seria mais ridiculo (quanto a nós) do que rebocar e caiar um velho edificio gothico, que no sombrio do seu aspecto ganha em veneração o que porventura perde em belleza : assim tambem entendemos que cumpre que acatada seja a orthographia dos classicos, por ter ella o cunho da sua epocha, e servir, até certo ponto, para caracterisa-los. Infelizmente porém não nos foi sempre possivel observar o rigor que nos haviamos prescripto, pela difficuldade d'obter as edições primitivas.

Receando da fraqueza dos nossos juizos buscamos escudar-nos com os dos mais afamados criticos, apartando-nos porém d'elles quando entendemos não poder sacrificar-lhes as nossas profundas convicções.

Si erramos no conceito que d'alguns escriptores formamos foi sempre da melhor boa fé, e com o desejo vehemente d'obter a verdade. Pensando que n'um livro elementar não deve haver systema exclusivo fomos eclectico em nossas opiniões.

Tal foi o nosso programma, tal o pensamento que guiou-nos na confecção d'este *Curso elementar de Litteratura nacional*, a que consagramos os poucos lazeres que nos sobram da nossa atarefada vida.

Vale.

CURSO ELEMENTAR

DE

LITTERATURA NACIONAL

LICÃO I

ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA

Antes d'analysarmos as diversas phases da litteratura portugueza convém que digamos algumas palavras sobre a origem da lingua que le serviu d'instrumento.

Pensamos com o Sr. A. Herculano que Portugal é uma nação nova, nascida no XII seculo n'um angulo da Galliza, constituida sem attenção ás divisões politicas anteriores, dilatando-se pelo territorio do *Al-Gharb* sarraceno [1], e rejeitamos portanto a tradição que a faz descendente dos antigos celtas, que por mais de tres mil annos souberão conservar a sua vitalidade a despeito de todas as invasões porque teve de passar a Peninsula Iberica. Cremos ainda com o mesmo douto historiador que o moderno Portugal

[1] *Hist. de Port.*, tom. I, Intr., pag. 47.

CURSO ELEMENTAR

DE

LITTERATURA NACIONAL

PELO CONEGO AUTOR

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

PROFESSOR DE RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL
NO IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO
ETC., ETC.

. . . . . *Fungar vice cotis, acutum*
Reddere quæ ferrum valet, exors ipsa secandi.
HORAT., *ad Pisones*, vers. 304-305.

Por contente me dou, fazendo as vezes
De pedra d'amolar, que em si não tendo
Virtude de cortar, dá córte ao ferro.
Traduc. de CANDIDO LUSITANO.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIZ, GARNIER IRMAOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

Todos direitos de propriedade reservados.

Tal era o estado da Peninsula quando a conquista arabe trouxe-lhe nova e importante modificação. A vingança do conde Juliano abriu a Hespanha aos sarracenos e as aguas do Guadelete se tingirão do mais puro sangue christão. D. Pelagio, salvando na gruta de Covadonga as reliquias da nacionalidade goda, e começando essa Iliada de oito seculos, apresenta-nos um dos mais curiosos espectaculos da historia humana. Esse pequeno reino d'Oviedo, occulto nas montanhas das Austrias, que como immenso Briareo, estrangula os emirados musulmanos, supplanta o califado de Cordova, e vai nas pessoas de Fernando e Isabel expulsar d'Alhambra o ultimo herdeiro d'Abd-el-Rahman, é a mais brilhante demonstração de que jamais perece um povo que illesa conserva a sua fé religiosa.

Profundos vestigios ethnographicos deverão deixar as raças que successivamente estanciárão na Hespanha; mas forão elles pouco a pouco se apagando em virtude das novas invasões; e raros são os que se encontrão na lingua que fallamos relativas ás primeiras epochas. Algumas poucas palavras celticas e phenicias, conservadas principalmente mas denominações geographicas, revelárão-se ás pesquizas de nossos doutos philologos : quanto porém aos vocabulos gregos, parece que nos forão transmittidos pelos romanos, havendo-se ja perdido o uso d'esse idioma na Peninsula, bem como o do carthaginez.

Foi portanto a lingua latina quasi que a unica fallada por muitos seculos na Hespanha, e alguns grandes nomes da sua litteratura, como Seneca, Lucano e Marcial, vírão ahi a luz do dia. Não fallava porém o povo um latim classico, porque nem na propria Roma isso acontecia, como nol-o testifica Cicero; e a linguagem vulgar, transplantada pelos soldados e empregados subalternos da administração, mesclou-se com os dialectos indigenas, formando o dialecto rustico, ou popular, d'onde derivou-se o *romano*, *romance*, ou *romanence*, base dos modernos idiomas da raça latina.

Por mais pasmosa comtudo que fosse a influencia do latim, para o que poderosamente contribuírão as causas que havemos indicado, a que mais tarde juntou-se a acção da predica e liturgia christãs, não se estendia ella aos campos; porque, como muito bem observa o Sr. Guizot, a politica dos conquistadores nas Gallias

e nas Hespanhas fôra concentrar a população dentro dos muros das cidades para fazel-as esquecer atê a sua lingua nativa. Serviu porém um elemento, com que se não contava, de perpetuar os vestigios das antigas nacionalidades, queremos fallar da escravidão Peçamos ao Sr. A. Herculano que nos explique este curioso phenomeno: « Paiz domado pelas armas, a Peninsula devêra ter visto cahir muitos de seus filhos na servidão. Era por meio de escravos que os romanos cultivavão as terras, e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles. Os servos agricultores forão os mais opprimidos pela deshumanidade e capricho dos senhores do mundo. Longe da conversação civil, tractados ainda peior que os animaes, tendo commummente por morada os carceres subterraneos das granjas, chamados *ergastulos*, sem protecção nas leis e tribunaes, porque a morte ou a vida dependia da vontade do senhor, estes homens, maldictos do mundo, e cuja sorte seria ainda terrivel, comparada com a dos negros d'uma roça d'America, alheios á civilisação, que se esquecêra d'elles, cheios de terror e de odio para com os habitantes das cidades, devião conservar tenazmente os costumes e a linguagem mixta de celtico, phenicio, grego e punico, em tudo aquillo que por seus donos lhes fosse consentido. Quando porém as leis dos imperadores e a influencia do christianismo forão tornando mais suave a sorte d'aquelles desgraçados, quando a decadencia do imperio e as invasões germanicas confundirão tudo, essa raça espuria, atirada ao meio d'uma sociedade moribunda, cujos usos e linguagem se corrompião rapidamente, devia, confundindo-se com ella, trazer-lhe tambem a sua parte de corrupção. E' a esta causa que nós attribuimos principalmente os vestigios de tradições celticas, phenicias, gregas e punicas, que ainda subsistem não so na lingua mas tambem nos costumes[1]. »

Para essa *alchimia linguistica* trouxérão os visigodos seu contingente; e posto que se amoldassem elles aos usos e costumes dos povos vencidos, não deixárão de legar-lhes muitas locuções germanicas que se descobrem no nosso idioma.

Não podião outrosim deixar de resentir-se os dialectos hispa-

[1] *Hist. de Port.*, tom. I, Intr.

nicos do longo dominio arabe; assim pois numerosos são os vocabulos que d'elles recebemos, e cuja enumeração systematica fez um douto ecclesiastico [1].

Apesar da diversidade de crenças e d'aversão de raça, vivêrão os christãos em grande contacto com os sarracenos; porque, como se exprime o Sr. Villemain, «essa presença de tão grande numero de musulmanos, essa longa partilha do mesmo territorio, esse tracto habitual, essa riqueza, esse genio industrioso dos mouros, adoçava a aspereza d'antipathia religiosa [2].»

Na decomposição da *lingua romana* cada provincia procedia por um methodo particular; a Catalunha, a Biscaya, o Aragão e a Galliza empregnavão os seus dialectos de palavras arabes e lançavão os germens de futuras linguas, que sem duvida se formarião na Hespanha se o guante de ferro de Carlos V não lhes desse a unidade politica, religiosa e litteraria.

Portugal, como ja vimos, pôde cedo emancipar-se, formando distincta nacionalidade, e, sem renegar a sua origem hespanhola fazendo-a derivar em linha recta dos antigos lusitanos, constituiu-se um povo independente pelo valor de seus filhos, e organisou um diverso idioma pelo lapso do tempo e perseverança de seus litteratos.

Garfo destacado do tronco lionez, fallando um dialecto mui proximo ao gallego, conseguiu afastar-se cada vez mais d'essa origem e aproximando-se ao latim, creou uma lingua sonora, energica, expressiva, que estranhos e imparciaes juezes tanto gabão.

Concorrêrão igualmente para a organisação da lingua portugueza o provençal e o normando que fallavão os companheiros do conde Henrique de Borgonha, e que com elle se estabelecêrão nas margens do Douro : offerecendo-nos o romance d'*Amadis de Gaula* um padrão d'essa litteratura dos trovadores, tão geralmente apreciada no meio-dia da Europa. Muitos termos que hoje nos parecem gallicismos datão do berço da monarchia, e forão usados pelos primeiros escriptores portuguezes; provando-se d'est'arte que tambem este elemento entrou na formação da nossa lingua.

[1] *Vestigios da ling. arab. em Port.*, por frei João de Sousa.
[2] *Littérat. du moyen âge*, seizième leçon.

Collige-se do que acabamos de dizer a futilidade da censura que nos fazem alguns escriptores estrangeiros de fallarmos um dialecto do hespanhol, como o genovez e o veneziano são para a bella lingua de Dante. Deixemos que lhes responda um dos maiores engenhos que n'este seculo honrou as letras portuguezas: « Grande semelhança ha, diz Garrett, entre o portuguez e o hespanhol; nem podia ser menos quando suas capitaes origens são as mesmas e communs; porém tão parecidas como são pelas raizes de derivação; no modo, no systema d'essas mesmas derivações, na combinação e amalgama d'identicas substancias e principios, se vê todavia que diversos agentes entrárão, e que mui variado foi o resultado que a cada um proveio. Filhas dos mesmos pais, diversamente educadas, distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiverão: ha comtudo nas feições d'ambas aquelle *ar de familia* que á primeira vista se colhe.

« Este *ar de familia* enganou os estrangeiros, que sem mais profundar decidirão logo que o portuguez não era lingua propria. Esse achaque de decidir afoitamente de tudo é velho, sobretudo entre francezes, que são o povo do mundo entre o qual (por philaucia de certo) menos conhecimento ha das alheias cousas[1]. »

Se tão nobre é a genealogia da lingua portugueza, se tão elevado posto occupa na familia neo-latina, porque não é ella mais conhecida e estimada? Causas diversas para isso concorrem, como em outro lugar examinaremos, não sendo das ultimas o pouco apreço que lhe dão os seus naturaes, que desprezão o seu estudo para engolfarem-se no de intrincados, pobres e asperos idiomas.

[1] *Bosq. da Hist. da poes. e da ling. port.*

LICÃO II

NOÇÃO E DIVISÃO DA LITTERATURA

Deriva-se a palavra litteratura do vocabulo latino *littera*, que, como se sabe, significa letra. Na sua mais ampla accepção é a litteratura, na phrase do Sr. de Lamartine, a expressão memoravel do homem transmittida ao homem por meio da palavra escripta. Tomada porém em sentido restricto é a expressão dos conceitos, sentimentos e paixões do espirito humano feita por modo agradavel. E' nesta ultima accepção que lhe cabe o epitheto de *bellas letras*, *humanidades*, ou *boas letras*, como tambem lhe chamavam os nossos classicos.

Intuitiva é a sua importancia e utilidade. Seriam apenas conhecidas por alguns entes privilegiados as admiraveis descobertas das sciencias se não se encarregasse a litteratura de popularisa-las dando-lhes agradavel forma. Realisando o preceito d'Horacio *miscuit utile dulci*, e instrue deleitando.

Nem-uma classe ha que possa dispensar o seu auxilio, porque todas necessitam de derramar encantos sobre os seus escriptos e conversações, e para que, á semelhança da taça figurada pelo cantor da *Jerusalem libertada*, circumde-lhe o mel das letras as bordas.

Não se segue do que acabamos de dizer que a litteratura seja unicamente um delicioso passatempo, como pensam alguns : é antes poderoso elemento de civilisação, alavanca d'Archimedes

com que se póde abalar qualquer systema politico por mais solidas que sejam as suas bases. Entregue a mãos mercenarias, dominada por maleficas intenções póde causar tantos males quantos bens d'ella se colhe quando bem dirigida. São os seus diversos ramos outras tantas arterias por onde póde infiltrar-se o erro n'alma do povo.

Dividem os criticos a litteratura em duas grandes secções : a *classica* que imita os modelos que nos legou a antiguidade grega e romana, e a *romantica*, filha da inspiração christan, fiel interprete das ideias que dominam as modernas sociedades.

A denominação *classica* procede do costume geralmente adoptado de se estudarem nas aulas (*classes*) os livros que de maior nomeada gozam principalmente os dos auctores gregos e romanos : e deriva-se o nome de *romantico* da lingua *romana*, ou *romance*, em que escreveram os *trovadores* as suas primeiras poesias dictadas pelo christianismo, e em que celebravam as lendas dos sanctos, e as façanhas dos cavalleiros.

Além d'esta divisão, ácerca da qual ainda hoje se litiga, subdivide-se a litteratura conforme os paizes a que pertencem os seus auctores, ou conforme as ideias de que se fazem orgãos. Se o clima, a religião, a forma de governo, os usos e costumes actuassem sempre poderosamente sobre as litteraturas dos povos seria fóra de duvida que cada paiz devera contar uma que lhe fosse especial. Infelizmente porém assim não acontece; e numerosos são os exemplos de nações independentes que não possuem litteratura propria, como v. g. a Suissa.

Em compensação póde um povo estar sujeito a estranho dominio, haver perdido a sua autonomia, e ser contudo diverso no ponto de vista litterario. Sirvam d'exemplo a Polonia e a Hungria que submettidas a Russia e a Austria contam cada uma d'ellas sua litteratura nacional.

Vê-se pois que não é a lingua que serve de divisão ás litteraturas : Sylvestre Pinheiro Ferreira escreveu em francez, o bispo Jeronymo Osorio em latim, mas não pertencem suas obras nem a litteratura franceza, nem ao espolio litterario d'antiga senhora do mundo.

Fazendo applicação dos principios que acabamos d'estabelecer

julgamos bem que pese ao nosso patriotismo, que nas faixas infantis ainda se acha envolta a litteratura brasileira. Tel-a-hemos brevemente, como já a possúem os Estados-Unidos e quiçá o Chile; numerosos são os elementos que se agglomeram para a sua constituição, e o movimento impresso em 1836 pelo Sr. Magalhães vai produzindo brilhantes resultados.

Discordamos porém da opinião dos que pretendem enchergar uma nacionalidade, um cunho particular nos escriptos d'alguns illustres brasileiros, compostos durante o regimen colonial, ou ao crepusculo d'aurora boreal da independencia, quando as preocupações politicas absorviam todas as attenções. Não passam de gloriosos percursores Durão, Basilio da Gama, os dois Caldas, S. Carlos, os dois Alvarengas, Claudio Manuel da Costa e alguns outros bellos engenhos que faziam ouvir seus cantos no meio da servidão da patria. Não descobrimos porém em seus versos uma ideia verdadeiramente brasileira, um pensamento que não fosse commum aos poetas d'alem-mar. Para isso é certo que poderosamente contribuia a educação que então se dava á juventude, e para brasileiros e portuguezes era infallivel o oraculo de Coimbra. Impossivel é pedir originalidade a quem não tem ideias suas. Si por empregarem alguns nomes indigenas devem esses auctores serem classificados na litteratura brasileira injusto fôra excluir da indostanica Camões, Barros e Castanheda.

Reservando para mais tarde o desenvolvimento d'esta proposição procedamos a divisão das epochas da litteratura portugueza, que, por tambem ser nossa, chamaremos de nacional.

Pensamos com o Sr. Borges de Figueiredo [1] que por cinco phases, ou epochas, passou a litteratura portugueza a que denominou d'*infancia*, *virilidade*, *velhice* e *renascimento*, a que acrescentaremos outra com o nome de *reforma*, inaugurada em Portugal pelo eximio poeta visconde d'Almeida Garrett, e no Brasil pelo Sr. D. J. Gonçalves de Magalhães.

Abrange a primeira epocha (*infancia*) um periodo de cento e trinta e nove annos, isto é, desde a fundação da monarchia em 1140 até o reinado de D. Diniz que começou em 1279.

[1] *Bosq. hist. da Lit. class. greg. lat. e port.*, pag. 152.

Comprehende a segunda (*adolescencia*) duzentos e desaseis annos, isto é, desde 1279 até 1495, servindo-lhe de marcos milliarios os reinados de D. Diniz e D. Manoel.

A terceira (*virilidade*) dura sessenta e cinco annos (de 1495-1580) que tantos se contam desde o reinado de D. Manoel até o começo do reinado de D. Philippe II. E' este o *seculo aureo* da litteratura portugueza.

A quarta (*velhice*) tem de duração cento e sessenta e cinco annos (de 1580-1750) e servem-lhe de limites os reinados do D. Philippe II e o de D. João V. E' um periodo de decadencia a que os escriptores chamáram *idade de ferro*.

A quinta (*renascimento*) é de mais curta duração; pois apenas abrange o intervallo de septenta e seis annos (1750-1826), comprehendidos nos reinados de D. José I ao de D. João VI. Póde ser denominada *idade de prata*, pelos grandes engenhos que nella viveram.

A sexta (*reforma*) é a contemporanea, felizmente estreada em ambos os hemispherios por dois illustres poetas (Garrett e Magalhães).

Fallaremos mais d'espaço sobre a natureza d'esta reforma que introduziu em Portugal e no Brasil a escola romantica, a que tão grandes talentos illustraram em França, Allemanha, Inglaterra e Italia.

Como era d'esperar trouxe a reforma do Sr. Magalhães o gosto pelas coisas patrias, e do estudo que d'ellas fizeram os nossos poetas e prosadores póde-se datar a apparição da nova escola que apellidaremos de *brasilico-romantica*.

LICÃO III

PRIMEIRA EPOCHA. — 1140-1279

Foi cercado de perigos o berço da monarchia portugueza; com o montante e não com a penna gravou-se ella no mappa politico da Europa; assim pois a era dos guerreiros devera preceder a dos sabios.

Arrancando seu paiz ao dominio arabe consagrou D. Affonso Henriques sua longa existencia ás guerras de conquista: não desprezou porém a cultura das letras, já compondo na lingua latina os seus proprios commentarios, e legando-nos a *Historia da Conquista de Santarém*, transcripta por Fr. Antonio Brandão, na sua *Monarchia Lusitana*, já attrahindo á sua côrte de Coimbra os litteratos e abrindo aulas em que se instruia a juventude.

O primeiro chronista portuguez (Fr. João Camello) era capellão de D. Affonso Henriques e por elle incumbido de narrar a origem da nobreza: o que desempenhou no seu *Summario das Familias e primeiros Conquistadores d'este Reyno*. Vivia nesse tempo e partilhava da confiança do rei D. Gastão de Fox, bispo d'Evora, que possuia vasta litteratura tanto sagrada como profana e a quem eram familiares as linguas franceza, latina, hebraica e arabe. N'esta ultima lingua escreveu elle uma obra dividida em septe partes e que tractava: de Deus; *da immortalidade d'alma; da concordancia das prophecias das sybillas com as dos prophetas; da bemaventurança eterna, do Purgatorio e do Inferno.*

Para completar a ideia que desejamos dar do reinado do primeiro monarcha portuguez, citaremos o que Fr. Luiz de Souza diz fallando de S. Fr. Gil que gozava nessa epocha da reputação de grande medico e habil chimico (*mágico*) : « Desde a sua primeira puericia entrou o bemaventurado Gil a frequentar os mestres em Coimbra, na qual cidade, como côrte que era naquelle tempo dos monarchas portuguezes, se achavam então em grande vigor os estudos das letras [1]. »

Fruindo das doçuras da paz que lhe alcançára a heroica espada de seu pai occupou-se D. Sancho I em reedificar cidades e villas, construir muralhas e favorecer á agricultura merecendo o epitheto de *Povoador e Pai da Patria*. Quando permittia a rudeza dos tempos não foi por elle menosprezada a intelligencia e em seu abono temos o seguinte testemunho do já citado Fr. Luiz de Souza : « Era Coimbra o assento da côrte, e juntamente havia nella mestres das boas artes e sciencias. Porque el-rei D. Sancho (o primeiro) como recebeu de seu pai o reino pacifico e rico, procurou illustra-lo e acrescenta-lo por muitas vias, e não lhe esqueceu a das letras, que é o que mais lustre dá aos homens e ás provincias [2]. »

As continuas guerras sustentadas por D. Affonso II distrahíram sua attenção dos cuidados litterarios ; e as discordias que assignaláram o seguinte reinado (o de D. Sancho II) retardáram o desenvolvimento intellectual que tão bem estreára.

A exaltação de D. Affonso III, chamado o *Bolonhez*, marca um periodo de progresso para a lingua e litteratura portuguezas. Sua longa residencia em Paris, essa Athenas da idade media, seu tracto familiar com os homens mais eminentes nas sciencias, letras e artes, e mais que tudo seu gosto pela poesia dos trovadores, então muito em voga na capital de França, communicáram grande brilhantismo ao seu reinado. Confiando a educação de seu filho ao celebre Americo d'Ebrard, um dos homens mais afamados d'essa epocha, preparou o esplendor a que attingíram as letras no governo de D. Diniz.

[1] *Hist. de S. Dom.*, part. I, livr. II, cap. XIII.
[2] *Hist. de S. Doming.*, *loco citato*.

Deve Portugal a este principe illustre, a fundação d'uma universidade, aberta em Lisboa em 1279, á imitação das que já possuiam algumas cidades da Europa. Para evitar que fossem seus vasallos mendigar em estranhos climas o pão do espirito estabeleceu el-rei D. Diniz a referida universidade, onde se lecionavam leis, canones, logica, grammatica e medicina, omittindo-se a theologia por ser ensinada nos conventos.

Grandemente contribuiu semelhante fundação para os progressos da lingua e litteratura portuguezas pelo concurso dos sabios estrangeiros chamados para regerem suas diversas cadeiras. Começou então o uso das traducções do arabe e do latim com que se enriqueceram as letras patrias; e o contacto dos idiomas estranhos poliu e aperfeiçoou o nosso.

Já fallamos do gosto que manifestava D. Affonso III pela poesia dos trovadores; acrescentaremos que no reinado de D. Diniz tornou-se esse gosto universal para o que certamente contribuíu a harmonia entre as côrtes de Portugal e a d'Aragão, cujos monarchas regiam a Provence.

Julgamos d'utilidade citar a opinião que ácerca dos trovadores e da sua benefica influencia emitte um dos mais distinctos compatriotas nossos.

« Creadores do Parnaso moderno os trovadores deveram occupar o primeiro lugar entre os poetas da Europa moderna, si o titulo d'inventar fosse sempre uma prova indubitavel do merito do invento. Como quer que seja, este unico titulo foi sufficiente para que os trovadores fossem o objecto do respeito e da veneração de todos aquelles que amavam as letras e a poesia. O que de certo não nos deve causar admiração, se reflectirmos que nessas eras rudes sendo tudo escripto em latim, lingua peculiar aos sabios e desconhecida da maior parte da gente, as poesias dos trovadores, por serem escriptas em vulgar, deviam ser naturalmente recebidas com universal applauso. Era um novo prazer, um novo genero de divertimento, inventado para o recreio do espirito em um tempo em que poucos havia que não fossem encaminhados á satisfação material dos sentidos. Assim que, foram os trovadores mui bem acceitos em todas as côrtes, convidados a todas as festas, amados dos grandes e das damas, e a muitos

d'elles esse dote do engenho foi occasião para se enriquecerem[1].»

Ninguem ignora a influencia que exercem sobre o espirito dos povos certas usanças vulgarmente intituladas *modas*, e muito mais sensivel se torna essa influencia quando parte o exemplo dos homens constituidos em dignidade. Sendo o rei o primeiro trovador é facil de suppor que toda a nação se entregou á poesia.

Devemos ao zelo e dedicação do nosso benemerito patricio o Dr. Caetano Lopes de Moura a publicação do *Cancionero d'el-rei D. Diniz*, que até o anno de 1847 se conservára inedito. Seria injusto o aferi-lo pelas ideias modernas e torna-lo responsavel pelas archaicas locuções; mas transportando-nos pela imaginação á epocha em que foi escripto devemos confessar que é um dos mais bellos monumentos da litteratura portugueza. A elevação e delicadeza dos pensamentos se harmonisa com a melodia da phrase que o real-poeta procurava adelgaçar da barbara crosta de que ainda se revertia. Para bem avaliar do merecimento d'esse precioso codice cumpre coteja-lo com o que de melhor se escrevia na douta Italia e espirituosa França e ousamos asseverar que d'essa confrontação não resultará desar ao regio cancioneiro.

Terminaremos esta lição apresentando alguns specimens da lingua e litteratura portuguezas na primeira epocha.

Canção d'Egas Moniz, despedindo-se de D. Violante, dama da rainha D. Mafalda.
(*Reinado de D. Affonso Henriques.*)

Ficaredes bos em bora
Tam coitada,
Que ei boyme por hi fóra
De longada.

Sai no vulto do meu corpo
Ma ei non
Cá os sócos vos fica morto
O coraçon.

Si pensades que ei me vó
Ne lo pensedes
Que em vós chantado esté
E non me vedes.

. . . . . .

[1] *Prefação ao Cancioneiro d'el-rei D. Diniz*, pelo Dr. C. Lopes de Moura.

Canção de Gonçalo Hermiguez á mulher D. Ouroana. (*Reinado de D. Sancho I.*)

Tinhe rabos, non tinhe rabos
Tal a tal cá monte?
Tinharedesme, non tinharedesme
De la vinharedes, de cá filharedes
Cá amabia tudo em sona.

. . . . . .

Regulamento formulado pelas Côrtes de 1211. (*Reinado de D. Sancho I.*)

Perque a sanha sohe embargar o coraçon que nom póde ver direytamente as cousas per onde estabelecemos que se per ventura no movimento de nosso coraçom a alguem julgarmos morte, ou que lhe cortem algum membro; tal sentença seja prolongada atá vinte dias, e des hi em diante será a sentença a execuçom se a nos com este comenos a non revogarmos.

Extracto do prologo d'um livro sobre o clima de Portugal, escripto pelo judeu Zaciuto, e dedicado a D. Affonso III.

Do que achardes honrado senhor querela e honrada seminheira deste reyno em que Deus vos mantenha e mais atrigada pera arrebanhar porradas a gunhas coisas per birras, e a jazer em sembra co olho, e co cuidar no libro onde jaz a sabença.

. . . . . .

Trecho do cancioneiro d'el rei D. Diniz.

Praz m'ha mi, senhor, de morrer,
E praz m'ende por vosso mal,
Ca sey que sentiredes qual
Mingua vos poys ey de fazer,
Ca nõ perdi pouco, senhor,
Quando perdi tal servidor,
Qual perdedes en me perder.

E com minha mort'ey eu prazer
Por que sey que vos farey tal
Mingua, qual fez omem leal
O mays que podia seer
A quem ama poys morto for,
E fostes vos muy sabedor
De' eu por vós a tal mort'a ver.

LICÃO IV

SEGUNDA EPOCHA. — 1279-1495

Já vimos que a fundação da universidade portugueza por el-rei D. Diniz foi uma das causas que poderosamente influiram para o desenvolvimento litterario da nação; e poucos annos havia que se trasladára ella para as pictorescas ribas do Mondego, fugindo ao bulicio da capital, quando sasonados fructos começavam a produzir os engenhos lusitanos. Chamada a Lisboa por D. Affonso IV foi de novo reintegrada a Coimbra pelo mesma monarcha em 1354 com novas graças e concessões pontificias que lhe fizéra o Papa Clemente V. Mudou-se ainda a séde da universidade para a côrte em 1377 por haver el-rei D. Fernando mandado vir mestres estrangeiros, que recusavam habitar uma cidade central. Volveu ella mais tarde a Coimbra cujo assento parece melhor do que qualquer outro convir-lhe.

Si entramos nestas minucias a respeito da universidade é porque nessa epocha era ella o unico fóco litterario, o altar de Vesta, onde ardia o fogo sagrado da intelligencia. Corriam em seu auxilio os reis portuguezes, que, com raras excepções, promoviam grandemente a cultura do entendimento.

Erguido ao throno pelo voto da nação mostrou-se o mestre d'Aviz zeloso de sua honra e gloria; de volta d'Aljubarrota addicionava á universidade a faculdade theologica, tornando official

o idioma vulgar. « D. João I, diz Garrett, o eleito do povo, e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma patrio valente impulso, mandando usar d'elle em todos os actos e instrumentos publicos que até então se faziam em latim. Foi esta lei aarta d'alforria e de cidade para a lingua que atélli vivera escrava da dominação latina, a qual sobrivivera não so ao imperio romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tao desvairados povos[1]. »

Consolidada a nacionalidade portugueza pelos heroicos esforços de Nuno Alvares e de João das Regras circulou a seiva do progresso por todas as arterias; por toda a parte notava-se um movimento, uma espontaneidade que caracterisam as epochas do dispertar dos povos Sahiam da escola naval de Sagres, a que um illustre principe patrocinava; os Perestrellos, os Béthencourts, e os Camaras, que avassallando os mares ás quilhas lusitanas accendiam as almenáras para os Dias, Cabraes e Gamas.

Não tencionamos fallar aqui dos missionarios da navegação portugueza, que prepararam o grande *seculo dos mares*, na poetica expressão d'um amigo nosso[2]; apenas queremos respigar na seára litteraria d'esse tempo.

Já admiramos na lição antecedente o *rei trovador* que trocou o sceptro pelo alaúde, legando-nos em seu *Cancioneiro* um dos mais antigos monumentos litterarios : vejamos agora as tradições paternas gloriosamente *continuadas* por seus filhos e successores.

Escreveu o conde de Barcellos, D. Pedro Affonso, filho natural d'esse monarcha, o seu livro das *Genealogias*, vasto repertorio da fidalguia portugueza e hespanhola, inestimavel thesouro archeologico; bem como grande numero de poesias, que lhe mereceram de Frei Antonio Brandão o seguinte conceito : « Temos certeza de ser homem inclinado a estudos, segundo vemos em seu testamento, em que deixou a el-rei de Castella o seu livro de *Cantigas;* e quem tinha composto um *Cancioneiro*, que podia ser apresentado a um rei, pessoa era com noticia de boas letras[3]. »

Seu irmão, D. Affonso Sanches, tambem filho natural de

[1] *Bosq. da Hist. da poes. e da ling. port.*
[2] O Sr. M. d'Araujo Porto Alegre.
[3] *Monarch lusit.*, part. V liv. XVII, cap. v.

D. Diniz, grangeou grande renome entre os poetas e litteratos d'essa era.

Genio naturalmente affeiçoado ás musas compoz el-rei D. Affonso IV varias trovas, a que Fr. Bernardo de Brito, chronista-mór do reino, dispunha-se a dar á estampa, segundo o testemunho de Freire de Carvalho; ignorando-se o motivo porque deixou de faze-lo.

Numerosas poesias, devidas ao regio amante de D. Ignez, apparecem no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, que abstracção feita de certa rudeza propria do seu caracter, e ainda mais da epocha em que vivia, recommendam-se pela inspiração com que são escriptas.

Igualmente leem-se no referido *Cancioneiro* as *Poesias Varias* do infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho segundo d'el-rei D. João I; bem como um *Poema em louvor da cidade de Lisboa* e diversas obras em prosa, fructo dos seus longos estudos e longinquas peregrinações.

E' geralmente conhecido e estimado o *Leal Conselheiro* d'el-rei D. Duarte, a primeira obra de politica que por sem duvida se escrevera em lingua portugueza. Injustiça grave seria procurar nelle um curso de direito publico, e torna-lo responsavel por algumas locuções grosseiras, diremos mesmo barbaras, que porventura offendam os nossos castos ouvidos. Era porém em seu tempo um feliz engenho e mui dado ao cultivo das letras. Existe tambem d'este principe o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sella*, modernamente impresso em Paris.

D. Affonso V, denominado o *Africano* pelas suas conquistas de Tanger e Arzilla, deu-se com vantagem ao estudo das letras e deixou-nos um *Tratado da Milicia, conforme o costume de batalhar dos antigos portuguezes;* um *Discurso em que se mostra que a constellação chamada Cãoceleste constava de vinte e nove estrellas, e a menor de duas;* e um *Regimento para os officiaes e officios de guerra, e da casa real.* Muito abona o caracter d'este principe a carta que endereçou a seu chronista-mór Gomes Eanes d'Azurára, em que se leem estas nobres palavras : « ... Muito me prouve saber como o conde D. Duarte vos apousentára e o gasalhado que d'elle recebestes; e posto que assi o deva fazer per sua virtude eu lh'o agradeço muito e vos assi lh'o direys de minha

parte. » E mais adiante : « O meu vulto pintado e non tenho para volo agora lá poder enviar, mas o proprio prazerá Deus que o verei lá em algum tempo, com que vos lá mais deve prazer. »

Grande sabedor da lingua latina foi D. João II e d'elle nos resta a carta, escripta neste idioma, ao famoso Angelo Poliziano persuadindo-o que compuzesse em latim, ou toscano, a historia de Portugal.

Fazendo a enumeração dos reis litteratos que viveram no periodo que nos propuzemos d'estudar foi o nosso intuito demonstrar que d'elles partia toda a iniciativa; e que bem podiam dizer aos sabios do seu tempo o que a seus discipulos dizia Jesus-Christo : *exemplum enim do vobis*. Percorramos rapidamente o catalogo dos homens, que arrastados por tão nobre impulso, alguma nomeada grangeáram nas letras.

Emprehendeu um monge de Cister, Fr. Mendo Vasques de Briteiros, no reinado de D. Diniz, um poema sobre as tomadas de Lisboa, Obidos e Alenquer; seguido das guerras feitas no seu tempo. Louváram-no os seus contemporaneos, a posteridade porém condemnou á obra ao olvido.

Celebrou Sueiro Govino a tomada d'Alcácer no governo de D. Affonso II em um poema latim, que mereceu as honras da transcripção na *Monarchia Lusitana* de Brito.

O maior poeta, ou antes, o maior trovador d'essa epocha foi certamente Vasco de Lobeira, que segundo pensa o Sr. Borges de Figueiredo[1] era contemporaneo d'el-rei D. Diniz e não de D. Fernando como affirma Faria e Sousa. Exerceu immensa influencia na litteratura o seu romance cavalheresco intitulado : *Historia d'Amadis de Gaula*, que traduzido por Bernardo Tasso, pai do illustre cantor de Jerusalem, gozou d'extraordinaria acceitação na culta Italia, como se deprehende do que a tal respeito diz o erudito Sismonde de Sismondi[2].

N'ausencia da historia substituia a chronica o seu vasio; e tres distinctos escriptores poude ella contar nesse periodo; queremos fallar de Fernão Lopes, Gomes Eanes d'Azurára e Duarte Galvão.

[1] *Bosq. historico da Litt. class.*, parte III, pag. 157.
[2] *De la littérat. du midi de l'Europe*, tom. II.

Fernão Lopes incumbido por D. Fernando da guarda dos archivos conhecidos por *Torre do Tombo*, escreveu as chronicas dos soberanos portuguezes desde o conde D. Henrique até el-rei D. Duarte. Aperfeiçoando o tosco instrumento de que dispunha prestou o chronista-mór relevantes serviços á lingua patria e foi um dos homens que, como se exprime o Sr. Ferdinand Denis, *mais dignamente escreveu a historia em toda a Europa*. Rende-lhe o illustrado philologo Francisco Dias Gomes a seguinte homenagem : « D'ahi a pouco mais de meio seculo appareceram as Chronicas dos reis portuguezes, compostas por Fernão Lopes, o mais antigo e venerando historiador portuguez, escriptas em lingua clara e tão diversa da que se observa n'aquelles anteriores escriptos, que se póde reputar outro idioma [1]. »

Gomes Eanes d'Azurára successor do precedente nos elevados cargos que exercera bem como na privança d'el-rei D. Affonso V, de cujas benevolas disposições a seu respeito já fizemos menação, não herdou em tudo o talento do seu antecessor e nota-se alguma quebra na simplicidade do estylo e lhaneza d'expressão. Proseguiu na *Chronica d'el-rei D. Duarte*, que a morte de Fernão Lopes deixára incompleta, e compoz a *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, impressa pela primeira vez em Paris no anno de 1841. Apesar dos defeitos a que acima alludimos não deixa Azurára de ser um benemerito chronista e d'elle diz João de Barros que merecia o cargo que occupava pelas suas luzes e esmero na indagação dos factos.

Inferior aos seus antecessores desempenhou Duarte Galvão o cargo de chronista-mór, que na côrte dos reis portuguezes correspondia ao de historiographo; e d'elle apenas sabemos que escrevera a Chronica de D. Affonso Henriques. Pensa F. Freire de Carvalho [2] que esta mesma obra não era de lavra propria; ha vendo-lhe so limado o estylo e corregido algumas inexactidões.

Implantado o gosto das letras, que do proprio solio recebiam o influxo, rapido foi o seu germinar, sombreando a arvore de civilisação o grande seculo manoelino.

[1] *Mem. de Litter. port.*, tom. IV, pag. 33.

[2] *Primeiro ens sobre a Hist. lit. de Portugal*, por Francisco Freire de Carvalho, pag. 12.

Para dar uma prova do gráo d'adiantamento da poesia portugueza nessa epocha copiamos aqui algumas estancias das trovas de Garcia de Rezende que viveu no tempo de D. João II, de quem foi *moço da escrevaninha* (secretario particular), feitas á morte de D. Ignez de Castro.

Eu era moça, menina,
Por nome D. Ignez
De Castro; e de tal doctrina
E virtudes que era dina
De meu mal ser ao revez.
Vivia sem me lembrar
Que paixão podia dar
Nem dá-la ninguem a mim.
Foi-me o principe olhar
Por seu nojo e minha fim.

Começou-me a desejar,
Trabalhou por me servir;
Fortuna foi ordenar
Dois corações conformar
Á uma vontade vir.
Conheceu-me! conheci-o!
Quiz-me bem! e eu a elle!
Perdeu-me! tambem perdi-o!
Nunca té morte foi frio
O bem, que triste, puz nelle!

Dei-lhe minha liberdade;
Não senti perda de fama;
Puz nelle minha verdade;
Quiz fazer sua vontade;
Sendo mui formosa dama.
Por me éstas obras paguar
Nunca jamais quiz casar
Polo qual aconselhado
Foi el-rei que era forçado
Polo seu de me matar.
. . . . . .

Inspiráram estas trovas, insertas no *Cancioneiro* de Rezende, um dos mais primorosos episodios do auctor dos Lusiadas; assim como a fabula do cavallo de Troia d'Apollonio de Rhodes foi habilmente aproveitada por Virgilio.

LICÃO V

TERCEIRA EPOCHA. — 1495-1580

Marca o zenith da gloria litteraria portugueza o feliz reinado de D. Manuel. Como que a porfia appareceram nessa epocha os maiores engenhos. Todos os ramos do humano saber foram cultivados e attingiram a subido gráo de perfeição : e nem-um paiz da Europa lhe levava a primasia. Entrava então n'uma d'essas phases d'incremento intellectual a que chamamos seculos litterarios; porque passára a Grecia nos dias de Pericles, Roma nos d'Augusto, e a Italia no dos Medicis.

« O commercio de paizes remotos, diz um distincto litterato, e o conhecimento d'um mundo novo haviam disposto as cabezas portuguezas para nellas conceberem grandes e novas ideias, e, devemos declara-lo, nem-uma de todas as nações da Europa reunia tantos e tamanhos elementos para elevar-se até a immortalidade sobre as azas do engenho, como a portugueza, pelos seus vastos descobrimentos terrestres e maritimos, de cujos fructos ella tinha ainda por esse tempo o dominio exclusivo [1]. »

Abundante é a messe e portanto difficil a escolha déntre tantos primores. Procuremos destribui-los conforme o methodo que adoptamos e que oxalá mereça a acceitação dos doutos.

[1] F. Freire de Carvalho, *Primeiro ensaio sobre a Hist. litt. de Portugal*, periodo V, pag. 74.

Permittindo-nos a uberdade litteraria d'esse seculo o procedermos á classificação dos generos e das especies, o que até aqui não nos foi possivel fazer, mais systematico e de mais facil comprehensão se tornará este nosso trabalho.

Precedeu em Portugal a poesia á prosa, e primeiro raiou o genero lyrico no horisonte das musas. Fez-se ouvir a flauta pastoril de Bernardim Ribeiro antes que soasse o plectro de Sá de Miranda e Ferreira; e invertendo a ordem natural antecedeu o drama á epopea, mostrando-se Gil Vicente antes de Camões.

Estudando as causas d'esta apparente anomalia julgamo-la encontrar nesse excesso de vida, nesse luxo d'intellectualidade que caracterisou a epocha, nesse concurso de todos os talentos, nesse acordar de todas as actividades, que lançou Fernão Mendes Pinto através dos continentes, archipelagos e ilhas, para enriquecer a litteratura patria com as suas *Perigrinações*; que deu a Fr. Heitor Pinto e a Fr. Amador Arraes a penna de Platão para escreverem seus admiraveis *Dialogos*; a Jeronymo Osorio o estylo de Cicero para compor a vida do novo Augusto; a André de Rezende a erudição de Varrão para pesquisar os antiguidades lusitanas; e finalmente a João de Barros e a Castanheda a palheta de Tiziano para pintar-nos as maravilhas da India, vasto theatro da gloria portugueza.

Objectar-nos-hão quiçá que todos esses pharóes da intelligencia não foram contemporaneos de D. Manuel : mas a isto responderemos que a historia litteraria deixa aos *homens positivos* o escrupulo das datas, e que matricula no aureo seculo da litteratura latina a Plauto, Terencio, Lucrecio, Catullo, Cicero, Sallustio e Cesar, que viveram muito antes d'Augusto. Basta que um principe promova generosamente as letras para que gratas lhe gravem estas o seu nome no seculo em que vivera; e no qual ás vezes occupára bem curto espaço. Não privou o breve pontificado de Leão X d'assignalar elle o terceiro seculo litterario. De mais, não aproveitou-se D. João III do impulso dado por seu pai, que tão sabiamente lançou mão dos poderosos elementos accumulados pelos seus gloriosos predecessores? Si jamais um nome proprio deveu symbolisar uma epocha, nem-um foi mais digno d'isso do que o de Dom Manuel.

Estreando pela poesia lyrica occupar-nos hemos en primeiro lugar com a especie bucolica, e faremos rapido inventario das louçainhas de Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e ainda do grande Epico que tão docemente modulava a avena.

LICÃO VI

GENERO LYRICO. — ESPECIE BUCOLICA.

A' amenidade do clima de Portugal e ao gosto pelos prazeres campestres que sempre tiveram os seus habitantes cumpre attribuir a apparição da poesia bucolica n'alvorada de sua civilisação, e o gráo d'aperfeiçoamento que reveláram os seus primeiros ensaios. Podia-se com justeza dividír a população d'esses tempos em tres grandes classes : a dos guerreiros, que repelliam os mouros para além das suas raias africanas; a dos lavradores, que armados da charrua e do arado, conquistavam ao solo á sua subsistencia; e a dos pastores, que apascentavam pelos montes, veigas e quebradas os rebanhos, indispensaveis auxiliares da lavoura. Devera produzir á conformidade do seu ceo com a da Grecia as scenas d'Arcadia; o certame dos pastores fôra talvez uma das primeiras fórmas de poesia nativa. Deixando á margem esses tentames mais ou menos felizes, tratemos dos poetas que maior nome adquiriram nessa especialidade durante o periodo que ora estudamos.

BERNARDIM RIBEIRO

Era este illustre poeta natural da villa de Lorvão, no Alentejo, ignorando-se ao certo a data do seu nascimento. Occupava seu pai Luiz Esteves Ribeiro o emprego de thesoureiro do infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Manuel, e a abastança em que vivia permittiu-lhe dar a Bernardim disvellada educação mandando-o

gràduar-se em leis na universidade de Coimbra. Terminados os seus estudos entrou para o serviço do paço na qualidade de moço fidalgo : exercendo mais tarde com não menos distincção as funcções de capitão-mór da India e governador da fortaleza de S. Jorge da Mina, pelo que mereceu ser agraciado com uma commenda da ordem de Christo, d'onde percebia bons rendimentos. Parece que placidos se deslisáram os ultimos dias da sua existencia, embaciada contudo pela melancolia que perenne transuda de sua penna.

Si acreditarmos antiquissima legenda nascera ella dos desproporcionaes amores do poeta, que, novo Tasso, encontrára sua Leonor em D. Beatriz, filha de D. Manuel, cuja separação pungira a sua alma com o doloroso espinho da saudade.

Fallando d'esse platonico amor assim se exprime Costa e Silva[1] : « D. Beatriz, longe d'escandalisar-se com o atrevimento do trovador, em lugar de desapprovar que elle tomasse um vôo demasiado alto, acceitou benevola os seus rendimentos e correspondeu a sua paixão com uma paixão igual havendo por grande ventura ser a Laura d'aquelle Petrarcha. Elle a celebrava em suas cantigas e adorava com un fogo e uma idolatria que é facil de suppor. »

Não é este o lugar proprio para discutirmos a veracidade da tradição que apenas citamos como decifração do mysterioso enigma da tristeza que vemos pairar sobre todas as suas obras tanto em metro como esse em prosa.

Reservando para mais d'espaço emittirmos nosso voto ácerca do seu romance cavalheiresco a que intitulou : «*Menina e Moça*» considera-lo-hemos unicamente como poeta bucolico.

Eminentemente nacional collocou Bernardim Ribeiro as suas scenas pastoris nas margens do Tejo e do Mondego; portuguezes são seus pastores e portugueza a linguagem de que se servem. « Foi tanto mais em sua simplicidade original, diz Garrett, que o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhes em brandura, e n'uma ingenua ternura que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade, cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tão longo padeceu, e tão bem pintou[2] ».

[1] *Ensaio biographico critico dos melhores poetas portuguezes.*
[2] *Bosq. da Hist. da poes. e da ling. portug.*

Preferindo sempre as opiniões dos doutos aos nossos mesquinhos juizos juntemos ás palavras do eximio reformador da poesia portugueza o grave pensar do maior critico que no seculo XVIII contou a nossa litteratura; queremos fallar do erudito Francisco Dias Gomes.

« As bellissimas eclogas de Bernardim Ribeiro são as mais antigas que em Hespanha se conhecem; e, segundo o meu parecer, são as melhores que ha escriptas em verso d'arte menor, e onde como na mais pura fonte se deve beber o verdadeiro estylo pastoril [1]. »

Apesar dos gabos de tão grandes mestres faltariamos ao nosso dever se deixassemos de mencionar algumas manchas que obumbram o disco d'essas maviosas composições.

Em primeiro lugar torna-se monotona a especie d'echo que d'espaço a espaço repete a mesma ideia senão o mesmo vocabulo; e depois essa infeliz imitação de Sannazaro, Boscan e Garcilasso, que lhe faz repudiar tantas galas patrias para cobrir-se de peregrinos andrajos. Travavam no animo do poeta porfiada lucta as usanças e costumes nacionaes que tão graciosos poderam tornar seus paincis, com a impressão que lhe deixavam suas dilectas leituras, e esforçando-se por ser portuguez commetteu mais d'uma infidelidade *á côr local*.

Para que possa o leitor por si proprio avaliar das bellezas e defeitos do nosso poeta citemos alguns trechos das suaves eclogas e romances:

Nas selvas junto do mar,
Persio pastor costumava
Seus gados apascentar;
De nada se arreceiava,
Não tinha que arreceiar.
Na mesma selva nasceo;
Fez-se famoso pastor;
Mas foi permissão do ceo
Fazer-lhe guerra o amor;
Era mais forte e venceo.

Sendo livre, mui isento,
Viu dos olhos Catherina;

[1] *Obras poet.*, pag. 292.

Cegou-lhe o entendimento,
E Catherina era dina
Pera dar pena e tormento.
Logo então começou
Seu gado a emagrecer,
Nunca mais d'elle curou,
Foi-se-lhe todo a perder.
Dá-me conta do teu damno,
Porque a um desconsolado,
Um conselho, ou um engano
Tira as vezes de cuidado.
Poderas julgar então
Si quizeras ter razão,
O teu cuidado por vão,
Mas no grande bem querer
Poucas vezes ha razão.

. . . . . .

Da ecloga IV, chamada *Jano*, extractamos o começo, notavel pelos doces sentimentos que nella dominam. Ei-lá :

Um pastor Jano chamado,
De amor da fermosa Dina
Andava tão transportado,
Que por dita nem mofina
Nunca era outro cuidado,
Segundo o bem que queria.
Tão pouco do mal se guardou,
Que vendo a Dina um dia
Logo da vista cegou,
Que d'antes d'alma não via.

De si ella o desterrou,
Pera longe terra estranha,
Seu mal so acompanhou
Sobre uma magoa tamanha,
Tamanha magoa ajuntou :
Vendo-se assi desterrado,
Muitas vezes se subia
Pera um despovoado,
Onde ir ninguem podia
Senão desencaminhado.

Alli triste se assentava ;
Pascendo ao derrador

Seu pobre gado o cercava,
E o coitado do pastor
Nunca uma hora repousava.
Encostado á uma mão,
Os olhos postos na terra,
E a Dina no coração
Assi ante aquella serra
Se estava queixando em vão.

Dina minha, ou se me engano
Ao menos muito querida,
E com tanto desengano
Já me vós fostes a vida,
Agora me sois o damno;
Damnos meus tão encobertos,
Aqui podereis sem medo
Ser agora descobertos;
Si ficou algum segredo
Al de menos nos desertos.

A nenhum outro lugar,
Por minha desaventura,
Vos não posso ja levar,
Levou-me toda a ventura,
Leixou-me so o pesar,
Pesar nunca me leixou,
Depois que por meu peccado
Tudo me desamparou,
E eu mais desamparado,
Fico como que me ficou.....

Traça-nos elle n'um dos seus romances o mimoso quadro d'*um sitio abençoado, uma estancia do silencio, guarida saudosa do amor*. Pena é que a falta da variedade possa gerar o tedio na mór parte dos leitores. Demos aqui uma amostra desse primor litterario :

Ao longo d'uma ribeira
Que vai polo pé da serra,
Onde me a mim fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr,
Era já tarde do dia,
E a agoa d'ella corria
Per antre um alto arvoredo,
Onde as vezes hia quedo

O rio e as vezes não;
Entrada era do verão,
Quando começão as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso.
No rugido saudoso
Das agoas cantavão ellas,
Todalas minhas queréllas
Se me pozerão diante:
Alli morrer quizera ante,
Que ver per onde passei;
Mas eu que digo? Passei!
Antes inda hei de passar
Em quanto hi houver pesar
Que sempre e hi ha de haver.
As agoas que de correr
Não cessavão um momento,
Me trouxerão ao pensamento
Que assim erão minhas magoas,
D'onde sempre correm agoas
Por estes olhos mesquinhos,
Que tem abertos caminhos
Polo meio do meu rosto:
E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha,
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assi não sei como,
D'onde eu certa crença tomo,
Que pera me leixar veio.....

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Nascido em Coimbra em 1495 e distinguindo-se na patria universidade a ponto de nella lecionar, foi arrastado pelo impulso de seu genio poetico a viajar pela Hespanha e Italia, que então eram s maiores focos do saber humano, deixando pára isso a cadeira, que tão dignamente occupava na faculdade de direito em que e formára. Regressando a Portugal fixou sua residencia em Lisboa onde gozou da privança de D. João III, e consagrando ás musas todo o seu tempo poderosamente contribuiu para o aperfeiçoamento da lingua e metreficação portuguezas. Falleceu na sua quinta da Tapada a 15 de março de 1558 sinceramente pranteado por todos os que o conheceram e practicáram.

Imitador acerrimo dos italianos transplantou Sá de Miranda com o seu metro, a physionomia de sua escola, sacrificou a naturalidade, ou como tambem se diz a *côr local*, ao immoderado desejo de seguir as pégadas de Sannazaro. Nota-se porém harmonia em suas eclogas : e posto que inferior nesse ponto ao suaviloquo Bernardim, póde ser contado como um dos melhores *bucolicos* da nossa litteratura. Profundo pensador não deixa o nosso poeta de misturar aos seus cantares maximas da mais pura moral, e si algumas vezes deparamos com palavras que ferem a delicadeza dos nossos ouvidos é porque em seu tempo nada tinham ellas d'asperas, ou indecentes. Para bem avaliarmos qualquer escriptos cumpre que nos colloquemos pela imaginação na epocha em que elle escreveu.

Como prova de quão philosopho era Sá de Miranda citemos esta sentença que se lê na sua segunda ecloga :

A virtude é paga igual
De si mesma sem mais troca,
Mas tractemos ora d'al,
Sabe-se que vos não toca
O bem, nem menos o mal.
Quem sabe por onde vai
Leva sua conta feita;
Nunca do caminho sai,
Não olha a quem diz tomai
Á esquerda e á direita.

Na mesma ecloga lemos outro trecho notavel pela ingenuidade e candura d'estylo :

Fui-me um dia á villa Gil,
E logo ao sahir de casa,
Mais verde que um perrexil
Cuidei que matava a brasa
De galante e de gentil.
Bem passei co'os viandantes,
Mas depois, quando lá cheias
Vi ruas d'outros galantes,
Si eu viera ufano d'antes,
Não tornei tal ás aldeias.
Dizia um vendo-me assi :

« Bom vai o do barretinho,
Nunca o tão fidalgo vi! —
Chamarám-me outros ratinho,
Uns assi, outros assi;
Finalmente por acerto
Vi alguns nossos de cá,
Deixei-os chegar mais perto
Metti-me entre elles por certo,
Que tarde me acolhem lá. »

Os pastores de Sá de Miranda fallassem sempre com esta graça e naturalidade seriam mui superiores aos de Virgilio, e rivaes dos de Theocrito; infelizmente porém tomam a miudo ares academicos e discorrem como não se devera d'elles esperar.

ANTONIO FERREIRA

Contemporaneo do precedente poeta foi um dos legisladores do *Parnaso Portuguez*, que muito deveu a sua intima amizade e communhão de vistas.

Era natural de Lisboa, onde nascera no anno de 1528, e pertencia a uma familia distincta sendo seu pai, Martim Ferreira, condecorado com o habito de S. Thiago da Espada. Passando na flôr da idade á Universidade de Coimbra ahi completou com applauso o seu curso d'humanidades, alcançando os fóros de grande latinista e hellenista. Seguiu depois os estudos de Direito civil, e tão notavel tornou-se neste ramo, que apenas recebia o capello e já uma cadeira magistral lhe era destinada. Mais tardo trocou a vida de lente pelo cargo de desembargador da relação de Lisboa, onde gozou dos favores da côrte, obtendo a mercê de fidalgo da casa real, e sendo geralmente bem quisto. Sua morte, acontecida no anno de 1569, foi considerada como uma calamidade publica, e os primeiros poetas do tempo, como Diogo Bernardes, Andrade Caminha, Sá de Menezes e outros, consagráram-lhe o tributo de sua dôr em sentidos versos.

Ainda que o estro de Ferreira o chamasse antes para as especies lyrica, elegiaca e tragica do que para a pastoril, legou-nos todavia algumas eclogas recommendaveis principalmente na parte descriptiva. Citemos o começo da intitulada *Tityro* ·

Uma fresca manhan, fria orvalhosa
Ao longo do Mondego que corria
Com agua clara, mansa e graciosa;
Quando já o claro raio reluzia
Do louro Phebo n'agua, e começava
O orvalho derreter, dourar o dia:
Ao pé d'um gran ceiceiro rodeava
O gado de Castalho e de Serrano,
Que ambos um bom amor sempre juntava.
Mas outro amor cruel, amor tyranno,
Os trazia ambos taes que pareciam
Dois spritos perdidos trás seu damno.
Ambos mancebos, ambos se perdiam
Um por um olhos verdes, outro brancos,
Ambos cantavam sempre, ambos tangiam,
Diziam que apprenderam de dois Francos.
Pastores que com as Musas se creáram
Dois Linos, dois Orpheus os nossos Francos.
Bem conhecidos são: Sás se chamáram
Um de Menezes, outro de Miranda
De que as irmans de Phebo se espantáram!
E inda hoje entre nós soa voz tão branda
Do seu divino canto que lhe ouvimos,
Que todo o ceo aclára e o ar abranda.
Ditosos nós que em nosso tempo vimos
Á nomeada Arcadia, tão vencida
D'estes nossos pastores que seguimos!
Aconteceu que em quanto era ouvida
De mi uma bella nympha, que cantando
Na veia d'agua estava meia-mettida,
Um cordeiro dos meus se foi lançando
Para onde ambos estavam; o que eu seguindo
Ouvi Castallio estar-me já chamando.
« Tityro, amigo, sejas tão bem vindo
Como este claro sol que nos aquenta.
Aqui (diz) teu cordeiro veio fugindo,
Deixa o mais gado ao moço: aqui te assenta.
Não vès esta clara agua que nos chama,
Esta herva verde que se nos presenta?
Aqui se esfria aquella doce chamma
Que arde em nós sempre; aqui amor se engana,
Aqui queres amar quem te desama.
Si o sol muito apertar temos choupana
De canas e ramadas bem coberta,
Onde nem entra sol, nem a chuva damna.
Sentei-me. Eis se ergue entr'elles gran referta
De quem tange melhor, ou melhor canta.

A contenda então mais a voz esperta.
Assi ora um, ora outro a voz levanta.
. . . . . .

Mostra-nos este trecho da terceira ecloga de Ferreira que o sublime auctor da *Castro* era tambem capaz de tanger o arrabil: pena é que as reminiscencias classicas tanto preocupassem o seu espirito que parece-nos ouvir o echo da flauta mantuana atravez de seus versos.

LUIZ DE CAMÕES

O egregio cantor dos *Lusiadas*, com quem nos occuparemos mais d'espaço, aspirou tambem um nome na poesia bucolica, e graças á inimitavel flexibilidade do seu genio, póde ser nella inscripto entre os da primeira plana.

Admiremos o tom mavioso com que começa a sua ondecima ecloga:

A rustica contenda desusada
Entre as musas dos bosques, das areias,
De seus rudes cultores modulada;
A cujo som attonitas e alheias
Do monte as brancas vacas estiveram,
E do rio as saxatiles lampreias;
Desejo de cantar. Que se moveram
Os troncos ás avenas dos pastores
E já silvestres brutos suspenderam.
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo pégo
E fez-se ouvir aos mudos nadadores.....

O que maior interesse communica ás eclogas de Camões é a paixão que as anima, e a constante melodia de seus versos, que si nos de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda encontram superioridade em singeleza levam-lhe incontestavel vantagem em elevação de sentimentos. Deve-se-lhe tambem o naturalisar entre nos o idyllio piscatorio, que quando bem traçado, é summamente agradavel. Copiemos integralmente um a que chamou *Sereno*, que

poucos rivaes conhece em todas as litteraturas antigas e modernas.

Arde por Galatéa, branca e loura,
Sereno pescador pobre, forçado
D'uma estrella que quer que a mingoa moura [1]
Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes : elle so fazia
Este queixume ao vento descuidado :
Quando virá, formosa nympha, um dia,
Em que te possa dar a conta estreita
D'esta doudice triste e van porfia?
Não vês que me foge alma e que me engeita,
Buscando um so sorriso d'essa boca
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Si ao teu esprito alguma magoa toca,
Si d'amor fica nelle uma pégada
Que te vai, Galatéa, nesta troca?
Dar-te-hei minh' alma : lá m'a tens roubada,
Não t'a demandarei : dá-me por ella
Uma so volta d'olhos descuidada.
Si muito te parece, e minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as azas do amor perdidas nella.
Que mais te posso dar, nympha formosa,
Inda que o mar d'aljofar me cubrira
Toda esta praia leda e graciosa?
Amansão-se as ondas, quebra o vento a ira :
Minha tormenta so nunca socega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.
Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos
Emquanto o solar raio não lhe chega.
Eu, vendo apparecer outros formosos
Raios que a graça e côr ao ceo roubáram,
Si os olhos cegos vi, vejo-os saudosos.
Quantas vezes as ondas se encrespáram
Com meus suspiros! Quantas com o meu pranto
As fez parar de magoa e me escutáram!
Si na força da dôr a voz levanto
E ao som do remo, que a agua vai ferindo,
Perante a lua meu cuidado canto,
Os maviosos delphins me estão ouvindo,
A noite socegada, o mar callado :

[1] Em vez de *morra* está *moura* como então se dizia.

Tu so fóges d'ouvir-me e te vás rindo!
  Estranhas porventura o mar cercado
Da fraca rede? a barca ao vento solta?
E um pobre pescador aqui lançado?
  Antes que o sol no ceo cerre uma volta,
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede, n'agua involta.
  Igual preço não é da formosura
D'ouro a areia que o rico Tejo espraia,
Mas um amor que para sempre dura.
  Vejam teus olhos, bella nympha, a praia;
Verás teu nome na mimosa areia.
Nunca sobre elle o mar com furia saia!
  Vento algum té agora o não salteia:
Tres dias ha que escripto aqui o deixou
Amor, e o veda a toda força alheia.
  Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o sol para ti so as matisou.
  Um ramo te colhi de coral brando:
Antes que o ar lhe désse, parecia
O que de tua boca estou cuidando.
  Ditoso se o soubesse inda algum dia!

Para não alongar demasiado esta lição deixamos de fazer excerptos d'alguns outros poetas que nesse seculo se entregáram á especie bucolica, como sejam Pero d'Andrade Caminha, Fernão Alvares d'Oriente, e Manoel da Veiga, que todos com mais ou menos felicidade, adquiriram boa reputação nessa especie, com que tanto se conforma o caracter nacional. Dos nomes acima citados o mais justamente celebre é sem duvida o de Fernão Alvares d'Oriente pela frescura de sua imaginação, sendo profundamente para lamentar que nascido nas poeticas ribas do Ganges não se inspirasse dos esplendores da natureza tropical para so cantar na sua *Lusitania transformada*, o clima e os costumes da Europa, que so por tradição conhecia.

DIOGO BERNARDES

Natural de Ponte de Lima, provincia do Minho, viu a luz pelos annos de 1530-1540 e distinguiu-se desd'a mais tenra infancia

pelo seu gosto poetico. Acompanhando, na qualidade de secretario, a Pero d'Alcaçova Carneiro, nomeado embaixador na côrte de Madrid, ahi passou muitos annos regressando a Portugal para seguir a D. Sebastião em sua desastrada expedição d'Africa. Combatendo com galhardia ao lado de seu rei cahiu prisioneiro dos mouros e curtiu os amargores da escravidão. De volta á patria abandonou a vida publica consagrando seu tempo á poesia. Julgase que então compuzera uma collecção d'eclogas que denominou — *O Lima*, — por figurarem seus pastores nas margens d'esse rio. E' a sua melhor obra; e incontestavelmente um dos monumentos da nossa litteratura. Os conceitos e trocadilhos que enfeiam seu livro são vicios que começavam a invadir a poesia contemporanea e de que não soube libertar-se como o immortal cantor dos *Lusiadas*. Pura é ainda a sua linguagem; harmoniosos e fluidos os seus versos, apropriados os costumes, e bem expressados as paixões. Exemplifiquemos o que acabamos de dizer.

Com grande naturalidade pinta o poeta o lugar da scena em que se passa a segunda ecloga :

N'um solitario valle fresco e verde
Onde com veia doce e vagarosa,
O Vez no Lima entrando o nome perde;
N'uma verde rozada graciosa
Quando no mar seus olhos resfriava,
O sol deixando a terra saudosa;
Ouvi uma voz triste que soava
Tão brandamente alli que parecia
Um rio que com outro murmurava.
O gado que do campo recolhia
Deixando nelle por antre a espessura
Me fui chegando á triste voz que ouvia.
Vi Thirso e Melebêo que na verdura
Antre bastos salgueiros escondidos,
Choravam duras magoas com brandura.
N'esta nossa ribeira ambos nascidos,
Mas como pouco nella conversáram,
Eram mais na do Tejo conhecidos.
Em moços foram lá, lá se criáram
Em outros de mór nome, mór estima
De tanger e cantar fama cobráram.

Modelo de ternura e doce melancolia é sem duvida a ecloga quinta em que se lem estes bellos tercetos :

Quão docemente agora aqui cantava
Un rouxinol entre estas avelleiras
Emquanto Philis sua dôr chorava,
Eu vim a lançar fóra estas cordeiras
D'aquelle trigo e não ouvi jamais
Senão as differenças derradeiras,
A sem ventura Philis deu uns ais,
Tão sentidos então que me cortou
O coração com dôr de dores tais.
Emfim triste se foi elle vôôu
Não sei se voou triste, ou voou ledo,
Co'a minha saudade me deixou.

Alguns ligeiros, mas vivos traços, da poesia descriptiva notam-se aqui e acolá, como v. g. na ecloga decimo-septima :

Sentamo-nos á sombra d'uns olmeiros,
N'um prado d'arvoredo rodeado,
Onde cruzar-se vinham tres ribeiros;
Lugar fresco e sombrio aparelhado
Para fugir ao sol que então entrára,
No *rei dos animaes* todo abrasado.
Por cima da corrente doce e clara,
Um freixo te mostrei cuja verdura
Um raio que deu nelle chamuscára,
Em cujo tronco, nós, e sua altura,
Uma gralha tres dias gritou tanto
Que sem folgo cahiu na vêa dura.
. . . . . .

Nem menos feliz foi Bernardes no pathetico revelando grande estudo do coração humano. Sirva de prova o seguinte trecho da primeira ecloga, em que dois pastores pranteiam a morte do principe D. João :

SYLVIO.

Secai-vos verdes campos lusitanos,
Secai fontes e rios, secai flores,
Mostrai neste gran damno grandes damnos,
Cobri-vos verdes bosques d'outras côres,

Tão triste como traz a dôr comsigo
Senti tamanha perda dos pastores.

SERRANO.

Descobre esse mal já, ah! Sylvio amigo,
Que pois é mal commum segundo vejo,
Tambem o chorarei aqui comtigo.

SYLVIO.

Levou a cruel morte sem ter pejo
Aquelle bello moço a quem tributo
Esperavam pagar o Indo e o Tejo.
Que bem na vida já, que rosto enxuto
De nympha, ou de pastor se póde ver
Qual ave escura dor, qual fero bruto?
Morreu comtigo, Adonis, o prazer,
A brandura, o amor, o aviso raro.
De tudo quiz-se o ceo enriquecer.

SERRANO.

Oh! Adonis! Pastor formoso e caro,
Comtigo nos crescia erva na terra,
E das fontes corria o crystal claro.
Os fruitos sem trabalho dava a terra,
Porque o gado nas montanhas,
Não lhe fazia o lobo cruel guerra.

SYLVIO.

Chorai tamanho mal gentes estranhas
Nas frias e nas quentes regiões,
Chorai perda, que fez perdas tamanhas.

SERRANO.

Dai lagrimas sem fim varias nações,
A dôr que enche de dôr, enche d'espanto,
A dôr de tigres, magoa de leões,
Não negue coisa viva, vivo pranto
De quantas o ceo vê, a terra cria;
As que o mar cobre façam outro tanto.

SYLVIO.

Escuro torne sempre aquelle dia,
Em que da branca neve andou roubando
A morte as frescas rosas com mão fria.

SERRANO.

Assim se foi teu rosto descorando
Como o lyrio no campo, ou a bonina,
A quem o arado talha em traspassando,

SYLVIO.

Levou-te pera si, oh! flôr divina,
Esse que gera o sol, enfrea os ventos,
A quem o ceo, a terra, o mar se inclina.

SERRANO.

Já gozas immortaes contentamentos,
Nós ficamos sem ti nesta baixeza,
Em magoas, em miserias, em tormentos.

Pesa sobre a memoria d'este grande poeta uma grave accusação. Crimina-o Faria e Sousa d'haver-se apropriado d'algumas eclogas de Camões sem que para semelhante assérto se tenha rodeado d'irrecusaveis provas. Respeitando, como nos cumpre, a opinião do illustre philologo portuguez, não podemos contudo crer que um poeta de tanto merito como o autor do *Lima*, se houvesse deshonrado com um plagio que não teria escapado aos seus emulos, que todavia guardam a tal respeito absoluto silencio.

LICÃO VII

ESPECIE LYRICA

Quasi todos os poetas portuguezes ensaiáram o seu estre em romances, endechas, decimas e principalmente canções, que na poesia moderna tomáram o lugar das odes entre os gregos e romanos.

Mencionaremos unicamente aqui os que mais se avantajáram durante o periodo que estudamos.

BERNARDIM RIBEIRO

Exhalou-se muitas vezes a melancolia d'este poeta em lindos romances e vilancetes, que apesar de certo desalinho e languidez recommendam-se pela graça e naturalidade. Sirva d'exemplo o seguinto vilancete, justamente reputado como o melhor de composição sua :

Não sou casado, senhora,
Pois inda que dei a mão
Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse,
Sem errar contra vós nada,
Uma so mão fiz casada,
Sem que mais nisso mettesse,
Dou-lhe que ella se perdesse,

Solteiros e vossos são
Os olhos e o coração.

Dizem que o bom casamento
Se ha fazer por vontade,
Eu a vós a liberdade
Vos dei e o pensamento.
Nisto não me achei contento,
Que se a outra dei a mão
Dei a vós o coração.

Como, senhora, vos vi
Sem palavras de presente
Na alma vos recebi
Onde estareis pera sempre.
Não, dei palavra sómente,
Não fiz mais que dar a mão,
Guardai vós o coração.

Casei-me com o meu cuidado
E com o vosso desejar,
Senhora, não sou casado,
Não m'o queiras occultar.
Que servir-vos e amar
Me nasceu do coração
Que tendes em vossa mão.

O casar não faz mudança
Em meu antigo cuidado,
Nem me negou esperança
Do galardão esperado :
Não me engeiteis por casado,
Que se a outra dei a mão
Dei a vós o coração.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Ainda que a poesia didactica fosse a que mais se coadunava com o genio de Miranda escreveu elle em outros ramos com mais ou menos fortuna. Admira-se em suas obras uma canção denominada *Psychis* da qual citamos a primeira strophe, cuja delicadeza d'expressão é reconhecida pelos mais difficeis e severos criticos :

Dura necessidade quando engrossa
Como agua na ribeira

Quem não foge, podendo, vendo-a vir?
Quem ha porém que possa?
Cumpre de ter maneira
Ou de pôr peito á agua, ou de fugir
Buscando pelos vãos contos passados
De que cante que hei medo ao máo ensino
Maior que a cantar mal versos rimados.
Emfim direi d'Amor cego e menino,
Por desastre malino
Como lhe aconteceu,
Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.....

LUIZ DE CAMÕES

Em todos os generos e especies de poesia encontraremos o nome do grande epico portuguez communicando-lhes o brilhantismo da sua vigorosa imaginação. Incontestavelmente o mais assombroso engenho de seculo aureo passaria seu nome á posteridade, rodeado da mais fulgurante aureola, ainda que não nos legasse o seu immortal poema. Com o maior esmero cultivou a poesia italiana, naturalisada em Portugal por Sá de Miranda e Ferreira, e excedeu em tudo á esses legisladores do nosso Parnaso, na phrase do Sr. Ferdinand Denis. Aprazia-lhe a poesia lyrica e teria nella obtido tão distincto lugar como na epopéa si menos imitador fosse, dando mais expansão ao seu original talento. Libertando-se dos principios eminentemente classicos que prendiam-lhe os vôos na ode, e inspirando-se mais d'antiga poesia nacional elevou-se na canção a uma altura que jamais attingiu poeta algum portuguez. Apresentamos para exemplo e modelo a sua canção XII, que muito folgaria Petrarcha de conta-la por sua :

Nem rôxa flor d'abril,
Pintor do campo ameno e da verdura,
Colhidas entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre e bella,
De sua mãi, cuidado e gloria pura,
Como a mi foi inculta formosura
Natural que podera
A Saturno render na sua esphera.

Natural fonte agreste
Não lavrada d'artifice excellente,

Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Não fez jamais tão ledo
Cansado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
De ver tão descuidado,
Que fez sereno a Jupiter irado.

Fructa, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto;
A quem pintada a vê de sangue e leite,
Não lhe dara o deleite
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura,
E o toucado sem arte
Que tornara pastor o bravo Marte.

A manhan graciosa
Que derramando sae d'entre os cabellos
A flor, o lyrio, a rosa,
Sem ajuda d'ornato, ou d'artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos
A quem os vê tão puros e singelos,
E este innocente riso
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.

Outeiros coroados,
Das arvores que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão destra os não cultiva;
Graça tão excessiva
Não tem na sua natural verdura,
Quanto na d'esses olhos clara e pura,
Deposita a esperança,
Com que Amor gosto, a Mãi tormento alcança.

Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada
Dentre os verdes raminhos,
Tão suave não é, tão deleitosa,
A quem na selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está tão enlevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada
E o natural aviso
Que roubara a Mercurio o sceptro e o siso.

De frescos rios ágoa,
Que clara entre arvoredos se divisa,
Cahindo d'alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado,
O verde delicado
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
D'essa luz soberana
Que faz conter a rustica Diana.

Á tal luz (o canção, que ousaste ve-la!)
Vendo estás ja prostrado,
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda estrella.

FERNÃO ALVARES D'ORIENTE

Depois de Camões o poeta que mais se lhe aproxima no genero lyrico e que maior imaginação e apurado gosto revelou foi Fernão Alvares, chamado d'Oriente, por ter nascido na cidade de Goa, capital da India Portugueza, no anno de 1540. Correcção e elegancia d'estylo, abundancia d'imagens e propriedade de pincturas, caracterísam o vate indiano. Extrahiremos da sua *Lusitania transformada*, informe pastoral, imitada d'*Arcadia* de Sannazaro, a riquissima canção dedicada á vida campestre e que passa geralmente por uma das mais estimaveis producções da musa portugueza. Apesar da sua extensão julgamos conveniente transcreve-la integralmente :

Que sorte tão ditosa,
Que dom tão sublimado aquelle alcança
Que aposentou nos campos a ventura!
No bem de que a alma gosa,
Isento do temor e da esperança
Nem d'esta, nem d'aquelle se assegura.
Passando a vida alegre não procura
Ver os soberbos paços,
Em que busque os favores
Que grangeam somente aduladores,
Á custa d'alma! e á força de seus braços
A fruta lhe daria
O ramo, aguas a fonte, o campo flores,
Oh! quão alto descanço emfim teria

Quem tão baixa tivesse a phantasia!
Vira nos arvoredos
Da natureza as obras contemplando
A fruta de mil côres variada:
Dos asperos penedos
Veria a fonte clara ir murmurando
Per entre alvas florinhas derivada:
Veria pelos montes pendurada
A sua amada ovelha,
Na manhan clara e pura
Que deixando dos campos a verdura,
Dera ao seu doce canto attenta orelha.
Oh! quem passar soubesse
A vida tão quieta e tão segura
D'ella apartando assi todo o interesse
Que nunca em móres coisas a mettesse!
Veria a alegre aurora
Communicar no campo as frescas flores.
A bella côr que tem na roixa frente;
Veria d'onde mora
Pintadas de subtis e varias côres
Na praia conchas mil, flores no monte!
E quando o sol se esconde n'horisonte
As nuvens transparentes
Vira na fresca tarde
(Como de noite a luz nos montes arde),
Pintar de bordaduras differentes.
O fructo colheria
Que por colher melhor seu tempo aguarde
E em nada maior gosto levaria,
Que em levar o seu gado a fonte fria.
Dera-lhe o campo a vide,
Dera-lhe a vide os cachos roixos e verde,
E os cachos o licor gostoso e lindo
O valle em que reside
Quando o sol da quentura a força perde,
Fora com vagarosos pés medindo,
Canções cantando um'hora, outr'hora ouvindo,
N'um gostoso descanso,
E descansado gosto,
Teria todo o seu cuidado posto
Em tosquiar o simples gado e manso,
Quando mais Phebo ardesse,
Em o levar ó mais seguro posto,
Em vestir-lhe de lam que lhe elle desse,
E mugi-lo de leite que comesse.
Do triste, ou ledo rosto

D'aquelle de que em vão, vão preço spera
Não trará seu descanso pendurado,
Nem temor, nem desgosto
Lhe causará na guerra ardente e fera
Cahir o companheiro ao proprio lado,
Não experimentará no mar irado,
Dos ventos procellosos
A furia nunca mansa.
O que pois tão ditosa sorte alcança
Que de tantos encontros perigosos
A ventura o desvia,
Se entende sua bem aventurança
Que lhe cantam as aves á porfia,
Quão bem aventurado que seria!
Em fraco lenho e leve,
A vida não entrega ao vento irado
Para as pedras buscar que a India manda,
Nem pòe o gosto breve
No soberbo metal que nega o fado,
A quem trás elle mais trabalha e anda.
Por mais que volte a uma e outra banda,
O sol não lhe seria
Senão sereno e claro
Que mal pode mudar-se o gosto raro
De vida que em tão doce paz se cria
Por mais que a acommettesse
Com seus tiros mortaes o tempo avaro,
E ainda acertaria se dissesse
Que por mais que a fortuna revolvesse,
Se o vestido lhe falta
De fina prata ornada e d'oiro alheio,
E as casas de subtil e varia tinta;
No campo se lhe esmalta.
O verde chão de gracioso arreio
Que o ceo de suas cores proprias pinta,
E sem que do temor o assalto sinta,
Ao somno socegado,
O convida a corrente
Do ribeiro que corre mansamente
Per entre as hervas humidas do prado.
Se a costumada onzena
A terra lhe negar, tão pouco o sente,
Que por causa mais grande, ou mais pequena,
Nunca em si senteria maior pena.
Quão bem aventurado,
Quão ledo, quão ditoso emfim seria,
O que mercê do ceo tão grande houvesse

Que so acompanhado
Das ovelhas pacificas que cria
Na doce solidão viver podesse!
E sem buscar do mundo outro interesse,
No seguro remanso
Que para si buscasse
Alegre a vida em tanta paz passasse,
Que nunca profanára o seu descanso
Outra mais grave pena
(Por mais que a sorte dura salteiasse
Com varios casos sua paz serena)
Que pesar-lhe da vida ser pequena

LICÃO VIII

ESPECIE ELEGIACA

Esta especie do genero lyrico, destinada aos sentimentos de dôr e melancolia, foi cultivada em todos os tempos pelos maiores engenhos. Admiramos na Biblia o *Livro de Job*, sublime hymno da mais sublime resignação, choramos com Simonides, acompanhamos Ovidio a seu exilio, e com elle saudosos nos recordamos de Roma. Parece ser a tristeza o estado normal d'alma, e é tal vez por isso que a poesia elegiaca tanto nos apraz. Quasi todos os poetàs portuguezes do seculo aureo illustráram-se neste ramo; a brevidade porêm obriga-nos a fazer selecções mencionando unicamente os que, ao nosso ver, melhor comprehenderam e desempenháram as leis da elegia.

ANTONIO FERREIRA

O mais illustre representante da escola classica portugueza não podia deixar de naturalisar entre os seus a poesia elegiaca. Seus esforços nesta especie, bem como em varias outras, foram coroados do mais feliz exito, e d'entre muitas elegias, devidas á sua douta penna, escolhemos para modelo um trecho da que compôz por morte de seu amigo João de Bittencourt :

Como será meu coração tão duro
Que te não ame, que te não suspire,
Pois sem ti acho todo este ar escuro?

Que coisa póde vir que mude, ou tire
A lembrança de ti, meu doce amigo,
Que coisa, a que já lêdo os olhos vire?
Chorarei eu, e chorarão commigo
Musas, graças, brandura, e cortezia,
E tudo mais que se nos foi comtigo.
. . . . . .
Já crescias nova hera, já crescias,
Novo loureiro para dar corôas
A quem tão justamente te devias.
. . . . . .
Quantos valles pisamos, quantos montes
Meu Bittancourt colhendo hervas e flores!
Quantos rios bebemos, quantas fontes!
Ora, cantando a vida dos pastores,
Que tu amavas tanto; ora, escrevendo
Nos tenros troncos nossos bons amores.
Outr'ora um ouvindo, outro dizendo
Aquelles sãos conselhos bons segredos
Que uma alma á outra alma estava vendo.
Ouvidos so dos ceos e dos penedos
Das mansas aves, e das aguas claras,
Que nos ambos banhavam estavam quedos,
Quantas verdades e surprezas raras
Guardareis sempre em vós bosques sombrios,
Ditoso tempo se mais me duráras.

Descobre-se nestes versos uma dôr calma, un profundo e verdadeiro sentimento, expressados em harmoniosa linguagem.

DIOGO BERNARDES

Rojando os ferros da escravidão compôz o mavioso cantor do *Lima* saudosas endeichas suspirando pela liberdade e pela patria. A melancolia d'Ovidio e a doce uncção de Job divisam-se na elegia de que aqui apresentamos alguns fragmentos :

Sobre um alto rochedo em Berberia,
O sem ventura Alcide se sentava,
Quando o cruel senhor lh'o concedia.
Alli seu fraco corpo repousava,
O trabalho do seu cansado espirito
Naquelle vão repouso se dobrava.

Em suspiros envolto choro e grito,
Soltava pelos ares estrangeiros
O mal que na sua alma estava escripto.
A vista dos fructiferos outeiros,
Dos crystallinos lagos e das fontes
Fazia dos seus olhos dois ribeiros.
Lembravam-lhe outros valles, outros montes,
Outras aguas mais claras, outros rios,
Outros mais afastados horisontes.
Lembravam-lhe outros bosques mais sombrios,
Verdes no frio inverno e abrigados,
E quando o sol mais arde então mais frios.
Lembravam-lhe outros mais floridos prados,
Outros ares mais leves, mais suaves,
Á vida humana mais acommodados.
Lembravam-lhe outras feras, outras aves,
Outras hervas e flores, outras plantas
E outros pensamentos menos graves.
Emfim que suas magoas eram tantas,
Quantas naquella parte as causas eram
Que de muitas não posso dizer quantas.

Prosegue em seus queixumes lamentando-se da sua miserrima sorte, e fallando da imprudente expedição d'Africa exclama :

Ah! jornada infelice! ah! cego engano!
Deixar tão rica terra, ir a desterros
Por livrar d'um tyranno outro tyranno.
Ambos inimigos nossos, ambos perros,
Ambos desprezadores da cruz sancta,
Ambos tinham um culto, ambos mil erros.
Quem põe os olhos nisto não se espanta
De permittir o ceo castigo tanto,
A descuido tamanho, a culpa tanta.
Dia cheio de dor, cheio d'espanto,
Emquanto o ceo der luz, verdura os prados,
Celebrado serás com triste pranto.
Morrestes, cavalleiros esforçados,
D'aquella multidão de bruta gente,
Vencidos não, mas de vencer cansados.

Que nobre patriotismo anima a musa de Bernardes no final d'esta elegia! Que belleza d'expressão não encerra o ultimo verso!

Aqui não se descobre nada d'artificial, quem falla é o coração do valente *batalhador*, do martyr da dedicação e da lealdade.

PERO D'ANDRADE CAMINHA.

Discipulo e ardente enthusiasta de Ferreira, amigo intimo de Diogo Bernardes, viveu este poeta na obscuridade : e posto que fossem seus versos presados por alguns eruditos contemporaneos jamais gozou de popularidade, e por muitos annos foram desconhecidas as suas poesias. De tão injusto esquecimento salvou-as a Academia Real das Sciencias de Lisboa dando-as ao prélo em 1784 em um elegante volume d'oitavo. Considerando-o como elegiaco ninguem deixará de reconhecer em Caminha grandes dotes para esta especie de poesia; sendo a sua expressão um meio termo entre a vehemencia de Ferreira e a doçura de Bernardes : participando das vantagens e dos defeitos d'ambos. Communicava-lhe ao estylo certa aspereza a severidade do seu caracter; e notam-se por isso alguns prosaismos em seus versos. Fugindo ao abuso, então muito em voga, das comparações privou-se absolutamente d'este grande recurso poetico, que tanto contribue para o ornamento do estylo. Escolhemos d'entre as suas elegias a que dedicou a Bernardes tomando por assumpto a morte do seu commum amigo, o doutor Antonio Ferreira.

Recommendamos o seguinte trecho, repassado da mais sincera e profunda dôr : e onde brilha a mais singular modestia :

Um silencio, Bernardes, me rompeste,
Já quasi a não fallar determinado
Na dôr que ora de novo a mim moveste.
Igualmente a dôr minha ser chorado
Não podia em meu verso o meu Ferreira,
Nem ser de mim seu espirito bem cantado.
Entendia de mim que a verdadeira
Fama do que elle em tudo merecia,
Não chegaria a minha voz inteira.
Calava, e a fallar d'elle me escondia
Por não offender morto um bom amigo,
Que me quiz tanto quando cá vivia.
Fizeste-me chorar ora comtigo

Com magoa nova, nova saúdade,
A dôr que eu cá chorava só commigo.
Moveste-me a alma, a nova piedade,
A nova pena, a novo sentimento,
D'aquella grande perda d'esta idade.
D'aquella grande perda que um momento
Depois de tanto mal acontecido,
Não deixei de trazer no pensamento.
Mas eu não choro ver d'entre nós ido
Este retrato so da idade antiga,
Do ceo a nossa lingua concedido.
Mas faltar-me um engenho a que o meu siga
Uma voz que ouça, e espirito de que apprenda,
E os segredos das Musas me abra e diga.
E quem o meu verso me reprehenda,
E o meão me conserte e m'o levante
Com douto aviso e com segura emenda.
Sinto faltar, Bernardes, quem me espante
Com o seu bom senso, com o seu bom escripto,
Com cuja imitação possa ir ávante.
Aquelle claro, aquelle puro esp'rito,
De são conselho cheio, e de prudencia,
Sempre será de mim cantado e escripto.

. . . . . .

Fazia-me a tristeza menos grave,
Mais branda a dura pena, a dôr mais leve,
Fazia-me a alegria mais suave.
Si teve, magoa nossa, a vida breve,
Largo nome terá, larga memoria,
Que a toda a parte e tempo a fama leve.

LICÃO IX

Genero didatico.

ESPECIES DIDATICA E EPIGRAMMATICA

ESPECIE DIDATICA

F DE SA DE MI ANDA

Distinguiu-se este grande poeta na especie didatica; por isso que seu espirito naturalmente inclinado ás cogitações philosophicas, a experiencia que adquirira em suas peregrinações, e o retiro em que se lhe escoava a placida existencia, eram mui azados a esta poesia. Da sua carta escripta a el-rei D. João III, tantas vezes citada, como modelo do estylo epistolar, copiaremos algumas quintilhas para prova do seu discernimento e franqueza com que se expressava.

E' admiravel o seguinte quadro das seduções e enganos que rodeam os thronos :

Sobre obrigações tamanhas,
Velem-se contudo os reis
Dos rostos falsos, das manhas
Com que lhe querem das leis
Fazer teias d'aranhas.

Que se não póde fazer
Per arte, per força, ou graça,

Salvo o que a justiça quer,
Senhor, não chamam valer,
Salvo ao que lhes val na praça.

E por muito que os reis olhem,
Vão por fóra mil enchaços
Que ante vós, senhor, se encolhem
D'uns gigantes de cem braços,
Com que dão e com que tolhem.

Quem graça ante rei alcança,
E hi falla o que não deve,
Mal grande de má privança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beve.

Quem joga, onde engano vai,
Em vão corre e torna atráz,
Em vão sobe a face cai,
Mal hajam as manhas más,
D'onde tanto damno sai.

Homem d'um so parecer,
D'um so rosto, uma so fé,
D'antes quebrar que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de côrte homem não é.

Nem menos bella é a pintura do amor e fidelidade que os portuguezes votavam a seus reis, e justamente apontada como um dos mais lindos pedaços d'essa interessante epistola. Julguem-na por si os leitores :

Aqui não vemos soldados;
Aqui não sôa o tambor;
Outros reis os seus estados
Guardam d'armas rodeados,
Vós rodeado d'amor.

Achar-nos-hão as divinas
No meio dos corações,
Entalhadas vossas quinas;
Estas são as guarnições
De vós e dos vossos dinas.

Tem na verdade o Francez
A seu rei amor acceso,
Não lh'o nega o Portuguez,
Porém traz guarda escossez,
Que não é de pouco peso.

O Padre-Sancto assi faz,
A quem certo se devia
Alto assocego, alta paz,
Mas tem guarda todavia
Com que vai seguro e jaz.

Que se póde ir mais ávante
Com quanto alcança o sentido,
Sem ferro, ou fogo que espante:
Com duas canas diante
Is amado, e is temido.

ANTONIO FERREIRA

E' opinião geralmente seguida entre os criticos que o primeiro lugar na poesia didatica da terceira epocha pertence ao doutor Antonio Ferreira. Imitador d'Horacio leva vantagem a Sá de Miranda na elevação dos pensamentos, e pureza e correcção de linguagem. Para bem confrontar esses dois eximios poetas escolhamos nas obras de Ferreira um assumpto analogo ao que já extrahimos das de Miranda; e seja a epistola que endereçada a el-rei D. Sebastião, onde se leem estes conceituosos versos modelos da respeitosa liberdade com que um magistrado do decimo sexto seculo fallava ao seu soberano:

Em duas partes iguaes repartido
Te deu Deus seu poder, em premio e pena
Dê-se a cada um o que lhe for devido.
Aquelle que suavemente ordena
Todas as causas, olha com amor
Paga o bem logo e de vagar condemna.
Não se acha alli respeito, não favor;
Tanto val cada um quanto merece;
Iguaes ante elle são servo e senhor.
Olha-te bem, gran rei, e a ti conhece,
Nascido so para reger a tantos,
E d'essa grande alteza ao teu fim desce.

Ver-te-has igual na humanidade a quantos
Mandas; verás o fim tão duvidoso
Como quem tambem morre e nasce em prantos.
Que presta ser na terra poderoso?
No alto fim do ceo se põe em sorte
Que até ao filho de Deus foi tão custoso?
Córte o bom rei primeiro por si, córte
Mais vence o exemplo bom que o ferro e fogo
Não póde errar quem contra si é forte.
Nem a propria affeição, nem brando rogo
Tire a força a razão e a igualdade
Não se lhe faça sempre falso jogo.
Somente em Deus razão é a vontade:
Absoluto poder não ha na terra,
Que antes será injustiça e crueldade.
Que vontade mortal, senhor, não erra
Si a lei justa, e a razão a não enfreia
De que nasce a injustiça e a cruel guerra?
. . . . . .

DIOGO BERNARDES

Menos erudito e menos pensador do que Ferreira vence-o em melodia, e na extrema veracidade com que descreve os quadros da vida campestre, que tão bem conhecia. Melhor colorista do que seus mestres acha grande numero d'admiradores nos que preferem a fórma á substancia. Existem porém entre as suas epistolas algumas de subido merito em que soube reunir qualidades que raramente se ajuntam. Sirva d'exemplo a que nos descreve as doçuras e vantagens da vida do lavrador:

Em selva escura andamos ás-escuras,
Sem ver do gran planeta claro e puro
O lume que dá luz ás luzes puras.
Oh! bem aventurado o que seguro
No campo vive com os seus bois lavrando,
A dura terra com arado duro.
Ou vai o longo rego semeando,
Ou o monda, ou rega desde que nasce,
Ou com foucinha torta o vai segando.
Ou em quanto no prado o gado pasce,
A videira sem mimo infructuosa
C'o alámo sombrio espose e abrace.

Ou em planta silvestre e amargosa,
Enxerta com mão destra, e ferro agudo,
Outra de melhor gosto e mais mimosa.
Bem se póde chamar ditoso em tudo
O que tamanho bem do ceo alcança,
Que gasta assim seu tempo e seu estudo;
Que da fortuna adversa aspera mudança
Não teme, nem dos homens mil enganos,
Nos quaes ter-se não deve confiança.
Nunca damna ninguem, nunca vê damnos
Que causem na sua alma tal tristeza,
Que mais asinha veja o fim dos annos.
Goza dos puros dons da natureza,
De mil suaves fructos, de mil flores,
Que parte a primavera com largueza.
Nunca se queixa em vão de vãos amores,
Nem vê cuidados doidos quaes eu tive,
Quando sentia a dôr das suas dôres.
Finalmente que vive, ah! como vive!
Pois vive d'esperanças e receios,
Tão livre que não tem quem o captive.
Digo, por concluir estes rodeios,
Que confesso de mim que tenho inveja
A quem de seus bens vive e não d'alheios.
Pelo que rogo ao ceo que inda me veja,
Onde possa viver com liberdade
O pouco que da vida me sobeja.
Onde siga razão, negue vontade,
A minha, com as mais que errado sigo,
O trabalho perdendo após a idade.

Para não alongar demasiado esta lição deixamos de mencionar aqui alguns outros poetas que se illustráram na especie didatica, principalmente Pero d'Andrade Caminha, e Luis de Camões, que, sobre os demais, se aventajáram.

ESPECIE EPIGRAMMATICA

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Primeiro introductor da poesia italiana e um dos patriarchas da escola petrarchista em Portugal não podia este poeta deixar de compôr sonetos, necessario portico de todas as collecções de ri-

mas nessa epocha publicadas. De facto deparamos nas poesias de Sá de Miranda com vinte e cinco sonetos, dos quaes alguns são escriptos em castelhano. D'entre os primeiros o que nos pareceu mais sentencioso, e por isso mais proprio para ser offerecido como modelo, é o seguinte dando-se todavia desconto a alguns defeitos de metrificação :

O sol é grande ; caem com a calma as aves
De tempo em tal sarão, que sóe ser fria
A agoa que d'alto cae, acordar-me-hia,
Do somno não, mas de cuidados graves.

Oh! cousas todas raras, todas *mudaves!*
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vai tráz outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

Eu já vi por aqui sombras e flores,
Vi agoas e vi fontes, vi verdura,
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e secco é já tudo e de mistura,
Tambem fazendo-me eu fui d'outras côres,
E tudo mais revive, isto é, sem cura.

ANTONIO FERREIRA

Pagando tributo ás ideias do seu tempo consagrou este poeta o seu estro a uma infinidade de sonetos os quaes ainda que os consideremos como pequenos poemas, na phrase de Boileau, prestam-se infelizmente a banalidades, sendo por isso mui poucos os que dignos se tornam d'honrosa menção. Pertence certamente ao numero dos privilegiados o que abaixo transcrevemos, pela frescura das imagens e harmonia do metro, com que descreve o poeta os cabellos da sua amada :

Em quanto solto ao sol, brando ar movia,
O ouro, que o Amor da sua mão fia e tece,
De amorosos espiritos o ar se enchia,
De que amor doce em toda a parte crece.

Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia
Laço, em que toda a alma livre empece,

Outro o soltava ao vento e parecia
Descer então o sol mais do que desce.

Namorava-se o claro sol da terra,
Ja crescendo o dia mais formoso,
Minha alma de si mesmo estava fóra.

Mas, recolhendo o amor, eis que se cerra
Triste o ceo, escuro o dia, o sol queixoso,
E minha alma d'alli sempre em vão chora.

DIOGO BERNARDES

Tambem nesta especie seguiu o discipulo as pegadas dos mestres, tambem alistou-se nas bandeiras petrarchistas, e centurias de sonetos sahiram de sua penna. Como ha pouco dissemos serviam elles de refugio ás banalidades, e custa a catar nesses palheiros algumas perdas para engastar no nosso repertorio. Julgamos o mais bello soneto de Bernardes aquelle em que com delicado pincel, pinta a lucta de Leandro contra as vagas do Hellesponto. Ei-lo :

Leandro em noite escura indo rompendo
As altas ondas d'ellas rodeado
No meio do Hellesponto já cansado
E o fogo já na torre morto vendo.

E vendo cada vez ir mais crescendo
O bravo vento, e o mar mais levantado,
De suas forças ja desconfiado
Os rogos quiz provar não lhe valendo.

Ai ondas! suspirando começou,
Mas d'ellas, sem lhe mais alento dar,
A falta contrastada atrás tornou.

Ai ondas! (outra vez diz) vento, mar,
Não me afogueis, vos rogo, em quanto veu;
Afogae-me depois quando tornar.

LUIZ DE CAMÕES

Querendo talvez mostrar a pasmosa fertilidade do seu engenho ensaiou o preclaro cantor do Gama todos os generos de compo-

sições poeticas, deixando em todos impresso luminoso sulco. Sobrepujou tambem no soneto a todos os que o haviam precedido, e seria ainda hoje o primeiro nesta especialidade se não tivesse apparecido Bocage. Embaraçado no escolha de tantos primeiros citaremos unicamente para specimen aquelle em que faz a pintura do Amor :

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dóe e não se sente :
É um contentamento descontente ;
É dôr que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor ?

Longe iriamos se quizessem mencionar todos os bellos sonetos, glosas, epitaphios e epigrammas que se encontram nos poetas d'esta epocha. Pensamos que para dispertar o gosto da sua leitura basta o que deixamos apontado.

LICÃO X

Genero epico.

Mais feliz do que muitas outras conta a litteratura portugueza um poema epico em seu seculo aureo, cujo merito, mais ou menos apreciado, não póde ser posto em duvida, ainda pelos mais severos criticos. Antes d'entrarmos n'analyse de tão magestoso monumento digamos duas palavras sobre a vida do seu preclaro auctor.

LUIZ DE CAMÕES

Luiz de Camões, oriundo d'uma nobre familia da Galliza, nasceu em Lisboa no anno de 1524. Manifestando desd'os mais verdes annos decidida inclinação para as letras foi por seus pais mandado á Universidade de Coimbra, onde fez rapidos progressos nas linguas latina, hespanhola e italiana, bem como na historia, geographia e astronomia. Onde porém mais se revelára o seu portentoso talento era na poesia, em que não tardou em distinguir-se. Terminados os seus estudos regressou a Lisboa, cheio d'esperanças que lhe inspiravam seus conhecimentos e a nomeada que começava a ganhar. Bem acolhido pela côrte e principalmente pelas damas compoz em sua cidade natal a môr parte das suas *Rimas*, e, se dermos credito a Manuel de Faria e Sousa, ahi

concebeu o plano dos *Lusiadas*, chegando a escrever os seis primeiros cantos.

Não podia porém um fidalgo portuguez d'esses velhos tempos permanecer ocioso nas delicias de Capua; assim pois alistou-se Camões entre os guerreiros que partiam para Ceuta, onde, combatendo valentemente ao lado de seu pai, perdeu o olho direito. Persuadido de que semelhantes serviços lhe davam jus a alguma remuneração dirigiu-se á côrte afim de requere-la; e nada havendo porém obtido embarcou-se para a India em 1553. N'Oriente, onde tanta gente fazia fortuna, e onde facil era d'adquirir fama, não foi mais feliz o nosso poeta; tendo antes de soffrer acerbos desgostos e injustas perseguições da parte dos que ahi governavam. Ao seu genio satyrico, que não poupava a escandalosa conducta dos que longe da patria tornavam odioso o nome portuguez, attribuem alguns biographos a guerra que na India experimentou Camões. Parece que o mais venturoso tempo que passou nas regiões d'Aurora foi o que exerceu o cargo de Provedor dos Defuntos e Ausentes da cidade de Macau, onde a tradição geral pretende que terminára o seu poema, indo medita-lo n'essa poetica gruta que saudosa lhe guarda o nome.

Havendo conseguido sua ampla justificação perante o vice-rei D. Constantino de Bragança levantou-lhe este a pena do desterro permittindo-lhe voltar a Gôa, para onde se encaminhava quando naufragou nas costas de Cambaya não longe da foz do rio Mecon, perdendo n'esse naufragio tudo quanto possuia, com unica excepção do seu poema.

Para resumirmo-nos diremos que, saturado de contrariedades e reduzido á extrema penuria, resolveu Camões, após desessete annos d'ausencia, volver á patria, internamente convicto que seus longos serviços militares e a gloria que sobre Portugal ia espargir a sua epopea seriam alfim galardoados. Novas decepções porém o aguardavam nessa côrte em que reinava D. Sebastião, ou antes os jesuitas na pessoa do P. Luiz Gonsalves da Camara, confessor do moço monarcha. Mesquinha, senão ridicula pensão, foi, como esmola, concedida ao rival de Virgilio, e seus derradeiros dias escoáram-se n'uma indigencia, que lançava indelevel nodoa sobre o caracter portuguez. Nas enchergas d'um hospital expirou o

grande homem um anno antes d'aquelle em que no solio dos Affonsos sentou-se o sombrio e implacavel filho de Carlos V restando-lhe por unica consolação *o morrer com a patria*. Tractemos agora do seu poema.

Os Lusiadas. — O portentoso genio que já havemos admirado em varias especies de poesia deliberou dotar o seu paiz com um monumento igual aos da *Iliada* e *Eneida*. Na moderna poesia ninguem o havia precedido; pois que nem a *Divina Comedia* de Dante, o *Orlando furioso* d'Ariosto nem tão pouco a *Italia libertada* de Trissino lhe podiam servir de norma, trilhando appostas veredas.

Com o nobre e patriotico empenho de cantar os heroicos feitos dos seus compatriotas tomou Camões um titulo collectivo para o seu poema appellidando-o de *Lusiadas*. Convindo porém dar unidade ao plano, buscando para isso um protagonista, achou-o na pessoa de Vasco da Gama, incumbido por el-rei D. Manuel da gloriosa empresa de descortinar novos horisontes ao genio lusitano. Em torno de tão prestigioso nome grupou todos os heroes da patria e narrando uma viagem ao Oriente celebrisou os mais memorandos feitos nacionaes.

Superando mil obices escreveu Camões o primeiro poema verdadeiramente epico que possuimos. Guardou, sempre que lhe foi possivel, os preceitos aristotelicos, e a critica não lhe exprobra com justiça o haver desprezado as classicas unidades. A principal (a d'acção) foi por elle escrupulosamente observada, jamais se olvidando do fim a que se propunha. Habilmente introduzidos, e com arte ligados são os seus episodios, de que tão bem serviu-se para contar a historia de seu paiz, tornando d'este arte o seu livro essencialmente nacional.

Por maior pórem que sejam o nosso respeito e admiração para com o *Homero Lusitano* não dissimularemos os defeitos que julgamos descobrir em sua obra, e a este numero pertence sem duvida a tibieza com que traça os seus caracteres. Pouco interesse inspira o Gama, cuja acção por demais secundaria, como elle proprio no-lo diz:

> Que elle não era mais que um deligente
> Descobridor das terras d'Oriente

e cujo papel não é sempre o que mais converia a um heróe, como v. g. na occasião em que victima da negra traição do Catual,

> Escreve a seu irmão que lhe mandasse
> A fazenda com que se resgatasse.

Não é sempre bem guirdada a verosimalhança, tão necessaria neste genero de composições, como, por exemplo, quando figura que os grandes feitos dos antigos portuguezes se achavam pintados nas bandeiras, onde so se representam as armas das nações, ou dos principes, que as governam.

Seria muito para desejar que Camões désse mais côr local a sua epopéa, e que conhecendo tão bem o Oriente nos legasse maior numero de pinturas da esplendida natureza tropical, tirando melhor partido dos ritos brahminicos e musulmanos, assim como dos costumes dos habitadores das margens gangeticas.

Somos da opinião dos que julgam impropria da magestade epica as voluptuosas scenas da ilha dos Amores, e desejarámos que o poeta fosse nesse, e em alguns outros lugares menos erotico.

Discordamos porém dos que accusavam-no pela confusão do sagrado com o profano, da mythologia com o christianismo. Seria torría-lo responsavel por um vicio que em seu tempo passava por grande belleza, e a que não puderam subtrahir-se Dante, Ariosto, e mais tarde Tasso e Milton. Era então a mythologia considerada como ornato que em nada prejudicava a fé religiosa dos poetas. Perfeitamente desconhecido o maravilhoso christão seria o seu emprego considerado quasi como uma profanação.

Si, como todas os obras humanas, contam-se defeitos nos *Lusiadas*, por quantas bellezas não são elles remidos? Quem melhor do que Camões serviu-se da poesia descriptiva, essa pedra do toque do verdadeiro talento? Com que graça, com que naturalidade, não pinta elle esses fogos fatuos chamados pelos navegantes de *santelmos!* Como é magnifica a descripção do phenomeno da *tromba maritima!* Oicamo-los :

> Vi claramente visto o lume vivo
> Que a maritima gente tem por sancto ;

Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto:
Nem menos foi a todos excessivo
Milagre, e coisa certo d'alto espanto,
Ver as nuvens no mar com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente, e não presumo
Que a vista me enganava, levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se.
D'aqui levado um cano ao pólo summo
Se via tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco a pouco accrescentando
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, alli se alarga quando
Os golpes grandes d'agua em si chupava.
Estava-se com as ondas ondeando;
D'elle em cima uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual ròxa sanguesuga se veria
Nos beiços d'alimaria que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria,
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra que a sustenta.

Nota-se na ultima estancia uma das mais lindas parabolas de todo o poema; assim como o singular talento com que soube realçar um objecto que á primeira vista parecia tão pouco poetico.

Quasi todos os grandes poetas consagráram sua musa a descripções das tempestades sobre o Oceano; nem um porém ainda igualou ao epico lusitano na veracidade e belleza dos seus quadros, merecendo que Chateaubriand denominasse os *Lusiadas* de primeiro poema maritimo. Quando pendente dos labios de Velloso

ouvia a equipagem a narrativa das proezas dos seus maiores surge a terrivel procella :

Mas nesse ponto assim promptos estando
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca ; acodem despertando
Os marinheiros d'uma e d'autra banda :
E porque o vento vinha refrescando
Os traquetes das gavias tomar manda :
« Alerta (disse) estai, que o vento cresce
D'aquella nuvem negra que apparece. »

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella :
« Amaina » disse o mestre a grandes brados,
« Amaina » disse, « amaina a grande vela. »
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem, mas juntos dando nella
Em pedaços a fazem com ruido
Que o mundo pareceu ser destruido.

O ceo fere com gritos nisto a gente
Com subito temor e desaccordo ;
Que no romper da véla a náo pendente
Toma gran somma d'agua pelo bordo.
« Alija » disse o mestre rijamente,
« Alija tudo ao mar : não falte accordo, »
Vão outros dar á bomba, não cessando ;
Á bomba, que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegáram
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náo, n'um bordo os derribáram :
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastáram ;
Talhas lhe punham n'uma e n'outra parte
Se aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos eram taes que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel
Si para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel :
Nos altissimos mares que cresceram,
A pequena grandura d'un batel

Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

A náo grande em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos no ar derrama
Toda a náo de Coelho com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento.

Agora sobre as nuvens as subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo;
A noite negra e feia se allumia
Co'os raios em que o pólo todo ardia.

As alcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantáram,
Lembrando-se do seu passado pranto
Que as furiosas aguas lhe causáram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entráram,
Fugindo a tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes,
O grão ferreiro sordido que obrou
Do enteado as armas rutilantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão deluvio, d'onde sós viveram
Os dois que em gente as pedras converteram

Quantos montes então que derribáram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancáram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidáram
Que nunca para o ceo fossem usadas;
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

Segue-se a deprecação do Gama, implorando o celeste auxilio, e finda com esta bellissima estancia :

Assi dizendo os ventos que luctavam
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sobre a terra
Comsigo os elementos terem guerra.

Apesar da malevola critica e chocarrices de José Agostinho de Macedo não deixa de ser considerada como riquissima a metamorphose do gigante Adamastor, e o proprio Voltaire, que por mais d'uma vez tão injusto foi para com Camões, rendeu homenagem a este inimitavel trecho dos *Lusiadas*. Admiremos este medonho retrato do gigante :

Não acabava quando uma figura
Se nos mostra no ar robusta e valida,
De desforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba escalida :
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra, crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes extranhissimo colosso
Que dos septe milagres foi do mundo;
Com tom de voz nos falla horrendo e grosso
Que pareceu sahir do mar profundo :
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, so de ouvi-lo e ve-lo.

Não é menos notavel pela sua arrogancia a falla d'Adamastor ameaçando terriveis desgraças aos audazes navegadores que lhe devassavam os dominios :

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobriu summa vingança;

E não se acabará so nisto o damno
De vossa pertinacé confiança :»
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

Procurando guardar a maior imparcialidade em nossos juizos diremos com franqueza que parece-nos mal cabida a narração dos amores d'Adamastor com a deusa Thetis; além de censuravel pela nimia voluptuosidade do quadro. De facto, onde está a verosimilhança em contar o gigante, cujas iras tão bem descreve o poeta, seus amores a um temerario que lhe invadia os terminos e cuja frota quizera submergir? Não se deixaria tambem Camões arrastar demasiadamente pelo fogo da sua phantasia olvidando-se da magestade epica? Vejamo-lo :

Já nescio, já da guerra desistindo
Uma noite de Doris promettida
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida ;
Como doido corri de longe abrindo
Os braços para aquella que era vida
D'este corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

Oh! que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
D'aspero mato, d'espessura brava ;
Estando c'um penedo fronte a fronte
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

Não é por certo invejavel pela sua moralidade o papel que aqui representa a nympha Doris ao passo que digna se faz d'elogios a fidelidade conjugal de Thetis.

Outro reparo que não podemos deixar de fazer a este lindo episodio é o d'haver nelle introduzido Camões o naufragio de Sepulveda e os seus infelizes amores : o que poderosamente con-

tribue para tornar tibia a falla d'Adamastor, que com tanta energia começára. Alem de que é este um episodio encerrado n'outro episodio.

A aventura de D. Ignez de Castro forma agradabilissima diversão no meio das scenas bellicosas da historia lusitana, que o Gama, á imitação d'Ulysses e d'Eneas, conta ao rei de Melinde. E posto que, como já dissemos, pareça este episodio imitado d'um romance então mui popular, e que se lê no *Cancioneiro* de Rezende, soube Camões adorna-lo com as graças da sua fecunda imaginação. Emquanto houver quem falle, ou entenda, o idioma portuguez serão justamente celebres estas bellas estancias :

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo d'alabastro que sustinha
As obras com que Amor matou d'amores
Aquelle que depois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

Bem puderas, oh! sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes
Quando os filhos por mão d'Atreo comia.
Vós, oh! concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes
Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina que cortada
Antes de tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltractada
Da menina que trouxe na capella
O cheiro traz perdido e a côr murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva côr co' a doce vida.

Exprobramos a Camões de ser fraco na pintura dos caracteres, em que tanto primáram Homero e Tasso; é porém brilhante excepção o do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, cuja

allocução antes da batalla d'Aljubarrota, é dos mais energicos trechos de eloquencia militar, e cujo nobre proceder o mais completo modelo do verdadeiro patriota.

O sonho de D. Manuel não conhece rival na litteratura classica pela magestade do estylo e sublime concisão d'ideias. A ninguem deixará d'agradar esta bella prosopopea :

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro :
Est'outro é o Indo rei, que nesta serra
Que vês seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com não vistas victorias sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.

São justamente celebres as endechas do

. . . . Velho d'aspeito venerando
Que ficava nas praias entre a gente

o qual

C'um saber so d'experiencias feito

lamentava os perigos, os naufragios, as porfiadas guerras a que lá nos reinos d'Aurora se iam expor esses afoitos lusitanos que no *Restelho* se embarcavam; e que com a singular liberdade que lhe asseguravam as cans perguntava a fama :

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'oiro que lhe farás tão facilmente?
Que fama lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Depois d'haver virulentamente estigmatisado a expedição, o

bom velho, que representava o povo, prorompe nestes magoados queixumes :

Oh! maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!
Digna da eterna pena do profundo,
Si é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo
Nem cythara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memoria;
Mas contigo se acabe o nome e a gloria!

Fecha o circulo de tantas e tão poeticas bellezas o sentencioso epilogo com que termina Camões o seu poema :

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida;
E não do canto, mais de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça e da rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

E não sei porque influxo do destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vos, oh! rei, que por divino
Conselho estaes no regio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes!

Olhai que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolátras e de mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo;

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,

Sem dar resposta promptos e contentes:
So com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes negros e ardentes,
Commetterão convosco e não duvido
Que vencedor vos façam e não vencido.

Favorecei-os logo e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desaliviai-os,
Que assi se abre caminho á sanctidade:
Os mais experimentados levantai-os,
Se com a experiencia tem bondade,
Para vosso conselho pois que sabem
O como, o quando e onde os coisas cabem.

Todos favorecei em seus officios
Segundo tem das vidas o talento:
Tenham religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplinas, pelos vicios
Communs; toda ambição terão por vento;
Que o bom religioso verdadeiro
Gloria não pretende, nem dinheiro.

Os cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido e fervente,
Estendem não somente a lei de cima,
Mas ainda vosso imperio preeminente:
Pois que aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dois inimigos vencem, uns os vivos,
E, o que é mais, os trabalhos excessivos.

Fazei, senhor, que nunca os admirados
Allemães, gallos, italos e inglezes,
Possam dizer que são para mandados
Mais que para mandar os portuguezes.
Tomai conselhos so d'experimentados
Que viram largos annos, largos mezes
Que posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião, philosophoelegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tractava e lia.

A disciplina militar prestante
Não se apprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando
Senão vendo, tractando e pelejando.

Depois d'haver com respeitosa e franca linguagem dado ao monarcha estes uteis e salutares conselhos desculpa-se por este modo da liberdade como se exprimira :

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo
De vós não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei contudo
Que o louvor sahe ás vezes acabado :
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente
Coisas que juntas se acham raramente.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
So me fallece ser a vos acceito,
De quem virtude deve ser presada;
Se me isto o ceo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina :

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tenra o monte Athlante,
Ou rompendo nos campos d'Ampelusa
Os mouros de Marrocos e Trudante;
A minha ja estimada e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja
Sem á dita d'Achilles ter inveja.

Malogradas foram as esperanças do grande poeta; porque partindo para a infeliz jornada d'Africa não o escolheu D. Sebastião para cantar dos heroicos feitos que ahi esperava practicar; e sim a Diogo Bernardes, cujo estro não era por fórma alguma epico.

O pouco favor de que gozou na côrte do rei-cavalheiro, de quem apenas mereceu a mingoada tença de quinze mil reis annuaes, faz-nos acreditar que poderosos e occultos inimigos tra-

máram contra elle. Segundo a opinião dos seus mais acreditados biographos eram os Jesuitas esses inimigos, os quaes não satisfeitos d'amargurarem os derradeiros dias do maior homem que Portugal tem tido, machináram ainda contra seu renome adulterando-lhe a obra.

Collige-se do luminoso trabalho de Mendo Trigoso, apresentado á Academia real das Sciencias de Lisboa, e inserto no tomo VIII das suas *Memorias*, que a primeira edicção dos *Lusiadas* viu a luz em 1572 havendo o auctor obtido privilegio para a sua impressão por alvará de 1571. Como quasi sempre acontece havendo escapado muitos erros typographicos nessa primeira edicção e desejando por outro lado o poeta aproveitar-se dos conselhos da critica pediu venia para dar ao lume uma segunda edicção correcta, e quiçá augmentada; não lhe permittiram porém os censores aos quaes haviam escandalisado algumas liberdades poeticas, o que obrigou o seu livreiro a contrafazer a primeira edicção publicando outra no mesmo formato, com a mesma data, e com o favor das mesmas licenças.

É esta que passa pela mais autentica das edicções; pois que poude Camões corrigi-la, sendo feita sob as suas immediatas vistas.

A edicção de 1585, publicada alguns annos depois da morte do auctor foi infelizmente mutilada pela cruel e fanatica censura d'aquelles de quem tudo então dependia em Portugal.

Reduz Trigoso a duas classes as alterações feitas ao texto primitivo dos *Lusiadas*, a saber religiosas e politicas. Assim pois supprimiram, ou adulteráram todos lugares em que Camões fallava dos deuses do paganismo, fazendo-lhe por suas mudanças dizer absurdos, improprios da sua vasta erudicção. Sirva d'exemplo este bello trecho do canto I:

> Em luzentes assentos marchetados
> De oiro e de per'las mais abaixo estavam
> Os outros deuses todos assentados

cujo ultimo verso fui assim corrigido:

> Os outros idolos todos assentados!

que exprime un contrasenso de que certamente seria incapaz o poeta.

Nem menos grosseiras são as emendas politicas. Havendo Camões tractado d'*arrenegados* os irmãos de Nuno Alvares, que abraçáram o partido castelhano, os Jesuitas, que monopolisavam a instrucção publica, julgáram lisongear a D. Philippe II, que pelo direito da força e d'astucia, dominava em Portugal, substituindo esta passagem :

> Os Pereiras tambem arrenegados
> Morrem arrenegando os ceos e os fados

por estes pessimos versos :

> Os Pereiras que tambem são rebellados,
> Finalmente são aqui desbaratados.

Longo seria o inventario das profanações commettidas por mãos sacrilegas contra o magestoso monumento a que chamamos *Lusiadas*, até que os doutos cuidassem em vingar a ultrajada memoria de Camões. D'entre d'esses benemeritos das letras avantajou-se D. José Maria de Sousa Botelho, conhecido por *morgado de Matheus*, de cuja edicção nos servimos para este trabalho [1].

[1] Depois de escripto este capitulo chegou-nos ás mãos o primeiro volume da nova edição das *obras* de Camões dirigida pelo Sr. visconde de Jerumenha, e impressa em Lisboa na typographia nacional no anno de 1860. Folgamos d'acharmo-nos d'acordo com o illustrado edictor quanto á biographia do eximio epico; sentindo porém discordar do seu sentimento ácerca das causas da perseguição que se moveu a Camões, do pouco apreço em que foi tido pelos seus contemporaneos, bem como dos verdadeiros inimigos que tão mysteriosa e tenaz guerra lhe fizeram. Apesar das asseverações em contrario do Sr. visconde persistimos em acreditar que numerosas e ineptas mutilações se fizeram nos *Lusiadas*, algumas das quaes apontamos no decurso d'esta lição, e que podem ser amplamente estudadas na *Memoria* de Mendo Trigoso, já por nós citada, e em cuja fonte de preferencia bebemos as noções criticas e bibliographicas de que fizemos uso.

LIÇÃO XI

Genero dramatico.

Estudemos a origem do theatro portuguez antes d'analysarmos as obras dos que nelle maior nomeada obtiveram na epocha de que nos occupamos.

Nos primeiros seculos da monarchia nada encontramos que se pareça com as representações dramaticas, que eram apenas conhecidas por alguns povos da Europa que nos precederam neste genero, taes como os d'Italia e França. Davam os nossos avós preferencia á caça, como meio de destruir os animaes malignos, e ás justas e torneios, mais aptos para adestrar-lhes os corpos, servindo-lhes de simulacros da guerra, em que de continuo viviam.

Julga Aragão Morato [1] descobrir o germen do theatro nacional nesses momos, entremezes, guínolas e galantarias de mouros e judeos que recreavam a côrte de D. João I e de seus immediatos successores, divertimentos quasi sempre acompanhados de dansas e de musicas, agrestes e ruidosas, como sóem aprazer aos animos grosseiros.

« É provavel que as touras e guíndas (diz o referido escriptor)

[1] *Memoria sobre o theatro portuguez*, por Francisco Trigoso d'Aragão Morato, inserta no tomo 5° das *Memorias d'Academia real das sciencias de Lisboa.*

fossem rebuços, ou mascaras com que os mouros e judeos se disfaçavam para fazerem as suas dansas e folias, e para arremedarem o espectaculo dos touros. Os momos não passavam ordinariamente de representações mimicas acompanhadas de dansa, que precediam quasi sempre as justas e torneios e lhes serviam de desafio. Finalmente os que Rezende chama entremezes e representações eram figuras, ou machinas, que entravam e sahiam, e que pela novidade dos trajos, ou pela semelhança que tinhamos com as cousas figuradas enchiam ora d'admiração, ora d'assombro aos espectadores [1].

Nem sempre porém eram mudos esses momos e entremezes, e em muitos casos dirigiam as personagens palavras acommodadas ao caracter que representavam; mas essas fallas em prosa, ou em verso, estavam muito longe das representações dramaticas, como devem ser entendidas, e so mui remotamente se podem ligar á historia do nosso theatro.

A Gil-Vicente cabe indubitavelmente a gloria de creador da scena lusitana, e o seu monologo pastoril, recitado no anno de 1502 por occasião do nascimento do principe D. João, depois terceiro rei d'este nome, serviu-lhe d'incentivo a muitos e mais completos trabalhos.

Diz-nos Luiz Vicente, no prefacio á primeira edicção das obras de seu pai, que semelhante monologo agradára tanto á rainha D. Beatriz que lhe pedira que apresentasse isto mesmo nas matinas do natal applicando-o ao nascimento do Redemptor, o que não achando o poeta conveniente compuzera um *auto* em que entravam seis pastores, e que adquirindo nova fama fôra successivamente escrevendo outros por espaço de trinta e quatro annos, e durante os reinados de D. Manuel e D. João III.

Muito se tem discutido ácerca da originalidade do primeiro dramaturgo portuguez, apresentando-o alguns como mestre e discipulo de si mesmo, e outros como um mero copista e servil imitador dos francezes e hespanhoes. Examinemos perfunctoriamente este ponto.

Reconhecemos com Aragão Morato que na carreira dramatica

[1] *Memoria sobre o theatro portug.*, pag. 45.

nos precedera a Italia, a França e a propria Hespanha; e que um seculo antes de Gil-Vicente eram representadas nas côrtes dos principes italianos as tragédias e comedias d'Angelo Poliziano e Ludovico Ariosto, imitadas dos gregos e romanos. Não cremos porém que taes composições, quando conhecidas por Gil-Vicente, influenciassem a sua musa, demasiadamente livre para moldar-se pelas regras classicas. Nem melhor fundada nos parece a opinião dos que fazem-no discipulo de João de la Enzina, porque este poeta castelhano, mui popular nessa epocha, como se collige do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, não escreveu senão dramas pastoris, a que appellidava d'*eglogas*, e não podia portanto servir de norma a Gil-Vicente na vastidão de seu plano.

Propondemos para os que pensam achar no theatro francez, que desde a primeira metade do decimo quinto seculo desabrochára, os modelos a que talvez recorresse o dramaturgo portuguez, a quem por certo não foram estranhas a *Historia da Vida de Christo*, por João Michel, e a *Farça do advogado Pathelin* : como nos testifica o seu *Breve summario da Historia de Deus, desde o principio do mundo até a resurreição de Christo*, em que Gil-Vicente parece imitar a primeira das obras supra citadas. Em muitos lugares das suas peças nota-se o apreço que fazia dos auctores francezes, e é muito possivel que se inspirasse d'essa escola quanto lhe permittia a originalidade que desejava sempre guardar.

Fallemos agora dos principaes representantes da scena que acabava de crear-se.

GIL-VICENTE

Collocado á frente dos nossos dramaturgos pela prioridade dos seus trabalhos justo é que lhe consagremos algumas paginas.

Parece hoje averiguado que em 1470 nascera este illustre poeta em Lisboa; posto que Guimarães e Barcellos por muito tempo lhe disputassem essa honra. Oriundo de familia distincta formou-se em direito civil na universidade de Coimbra; não constando porém que servisse lugar algum de magistratura, nem tão

pouco advogasse. Decidida vocação para a poesia arredava-o quiça de qualquer outro emprego; devendo a seus talentos a boa acceitação de que gozou na côrte de D. Manuel.

Já vimos porque occasião se desenvolvera nelle o talento dramatico destinando a essa nobre e infortunada carreira sua longa e gloriosa existencia. Fixada a residencia na côrte, e cremos mesmo que no paço real, não houve festividade, motivo de regosijo publico, em que não fosse solicitada a sua fecunda musa.

Tão grande foi a sua nomeada que, diz um critico allemão [1], que não havia por esse tempo poeta comico mais afamado, nem mais querido dos seus do que o poeta portuguez. Não se limitava sua reputação unicamente a Portugal, estendendo-se por toda a parte; a ponto de dizer-se que o grande litterato hollandez Erasmo aprendera a nossa lingua so para ler as obras do que elle denominava *rival de Plauto*.

Duvidava porém a fatua mediocridade do genio inventivo do poeta, e, como já dissemos, não faltou quem o suspeitasse de plagiario. Desenganou-os victoriosamente Gil-Vicente; pois que achando-os reunidos em um dos serões do paço, a que costumava assistir, pediu-lhes que lhe dessem um assumpto para compor uma farça, e sendo-lhe designado o rifão popular : *antes quero burro que me leve que cavallo que me derrube*, serviu elle de thema á espirituosa farça d'*Ignez Pereira*. «A engenhosa applicação d'este proverbio, diz Barreto Feio, as situações verdadeiramente comicas que se encontram nesta farça, a verdade sempre sustentada com que pinta os caracteres d'Ignez, de Pero e do Escudeiro; a naturalidade, graça e fluencia do dialogo, o inimitavel sal, a elegancia d'estylo, a musica harmoniosa da versificação, formam a mais victoriosa resposta que jamais escriptor, em iguaes circunstancias, deu a seus zoilos [1]. »

Deprehende-se d'algumas passagens das suas obras que cahira em pobreza o grande comico; talvez porque confiando demasiadamente na protecção dos grandes consumisse o seu patrimonio, ou porque não lhe remunerassem estes com generosidade. São bem

[1] Bouterweck, *Littérature portugaise et espagnole*, page 190.
[2] *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil-Vicente*, por J. V. Barreto Feio, p. XIV.

caracteristicos os seguintes versos por elle dirigidos ao conde de Vimioso :

Agora trago entre dedos
Huma farça mui fermosa;
Chamo-a « *A caça dos segredos* »,
De que ficareis mui ledos,
E a minha dita ociosa.
Que o medrar,
Se estivera em trabalhar,
Ou valera o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar, e que deixar.

Ignora-se ao certo o anno do fallecimento de Gil-Vicente; suppondo-se que seria na proximidade do de 1536 em que escrevera a comedia denominada : *Floresta dos enganos*. Herdáram-lhe seus dois filhos (Luiz e Paula) o talento dramatico; sendo a ultima afamada pelas suas muitas letras, que tornavam-na um dos ornamentos d'academia feminina fundada pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel.

Em tres classes podem-se dividir as peças de Gil-Vicente; a saber, os *autos*, a que muitas vezes deu a forma de *farças*, alargando assim os estreitos limites que lhe eram assignados; as *tragi-comedias*, genero bastardo, que servia de meio termo entre a tragedia e a comedia; e finalmente as *farças e comedias*, em que melhor sabia desenvolver o seu talento. Seu principal movel em todas essas composições era divertir a côrte por constantes allusões por ella comprehendidas, por satyras indirectas e tambem por personalidades no gosto d'Aristophanes. Sabemos pelo testemunho dos chronistas contemporaneos que não raro era o achar-se presente a pessoa a quem o poeta dirigia as suas ervadas setas : e maravilha-nos que tão grande fosse a liberdade de que então gozassem as letras em Portugal.

Bem estranhos parecerão os elogios prodigalisados a Gil-Vicente a quem quizer julgar o seu theatro pelas regras classicas, que accintosamente desprezou; posto que muito bem as conhecesse. Partindo do principio de que o drama deve ser a fiel expressão da vida, especie de photographia moral, quiz fallar aos seus con-

temporaneos a unica linguagem para elles comprehensivel.

Formava a Biblia, em cuja lição era mui versado, a base da sua erudição, não descobrindo-se em suas composições nem-um vestigio dos theatros grego e romano. Assim pois não divide seus dramas em actos [1]; menosprezando inteiramente as unidades, como se vê no já referido *Breve summario da Historia de Deus*, em que os seus interlocutores Adão, Moysés e Jesus Christo, tendo vivido em tão diversas epochas, apparecem successivamente na mesma scena. Nem menos anomalo é o enredo; por isso que as personagens chegam, fallam e retiram-se quando lhes apraz e sem que d'isso sejam instruidos os espectadores. Falta as mais das vezes nexo aos episodios, que de todo se destacam d'acção principal. E para cumulo de monstruosidades são estas peças simultaneamente escriptas em portuguez e hespanhol, e em versos endecasyllabos, d'arte maior e de redondilha.

Para com justiça julgar o patriarcha da scena portugueza releva que nós transportemos ao tempo em que elle vivia, estudemos os usos d'essa sociedade já de nós tão remota. Assim, v. g., quem não achará inconveniente o emprego d'algumas phrases e vocabulos, improprios hoje da mais infima plebe, e que no entanto causavam prazer e eram ouvidos sem escandalo pelas honestas e delicadas damas das côrtes de D. Manuel e D. João III? Não somos tambem obrigados a usar de periphrases para exprimir o que com tanta naturalidade disseram os auctores agiographos? Consistindo a obscenidade na ideia, e não nas palavras, claro é que seguem estas uma escala movel.

Arrastado pela torrente do máo gosto confundiu Gil-Vicente o sagrado com o profano, vicio este a que não escapou o proprio Camões. Umas vezes as diversas hierarchias d'anjos, as estações do anno e o mesmo Jupiter vem adorar o Deus Menino; segue-se-lhes David, repetindo psalmos, e termina a representação com um *Te Deum laudamus*. Outras vezes apparece um padre que vem casar dois noivos: ouve-se um dialogo entre Jesu-Christo e Satanaz ácerca dos perigos das tentações; e para remate dos absurdos são

[1] A comedia de *Rubena* é a unica que apparece dividida em actos, e assim mesmo chamados *scenas*.

alteradas as palavras das Escripturas e das preces da Igreja, como quando um frade chega do inferno recitando uma especie d'invitatorio amoroso de que usava no mundo, e préga por ultimo um sermão com este thema : *Amor vincit omnia.*

Para melhor comprehensão do que acabamos de dizer releva que digamos duas palavras sobre o modo porque eram nesse tempo representados *os autos.*

Deprehende-se da leitura das chronicas que as peças dramaticas serviam a miudo de continuação ao serviço divino, e que os povos depois d'assistirem a estes, nos quaes parece que pouca parte tomavam, corriam ás representações dramaticas em que esperavam sanctificar com imagens sagradas o que de profano havia no divertimento, e de certo modo tactearem as verdades e mysterios da religião, que por metaphysicos escapavam a seu rude engenho. Vê-se pois que um pio e louvavel sentimento presidiu á creação dos *autos*, cujos abusos porém foi bem depressa forçada a Igreja á cohibir.

Geral era por toda a Europa o uso dos drammas sacros chamados pelos francezes *mysterios* e pelos inglezes *milagres.* Comparados com os dos seus antecessores e contemporaneos mui graves e decentes eram os *autos* do poeta portuguez; pois que os francezes e castelhanos levaram-nos a um gráo d'exageração reprehensivel.

Uma das causas que por certo mais contribuiu para o desalinho e pouco estudo que se nota na mór parte das peças de Gil-Vicente consiste n'absoluta falta d'um auditorio justo e imparcial, e d'um publico composto de todas as classes da sociedade. Escrevia elle para os fidalgos em cuja presença e muitas vezes em cujos paços representava seus dramas. Immolava a substancia á forma; e havendo provocado a hilaridade finda julgava a sua missão. Ninguem porém melhor do que elle conhecia o falso terreno que trilhava, e talvez que comsigo dissesse o que em identica situação escrevia Lope de Vega :

> Sustento en fin lo que escribí y conozco
> Que aunque fuera mejor de otra manera,
> No tuvieran el gusto que han tenido.

Porque á veces lo que es contra el justo
Por la misma razon deleita el gusto [1].

Posto que não se desse Gil-Vicente ao estudo dos caracteres, e não fosse a moralidade o alvo das suas composições não olvidou-se contudo d'introduzir-la sempre que para isso achava azada occasião. Assim v. g. se encontra em suas comedias um usurario logrado por um cavalleiro d'industria; um ministro prevaricador por uma moça ladina; coberta de ridiculo a astrologia judiciaria muito em voga nessa epocha; e finalmente humilhada a soberba dos ricos e poderosos. Nem menos digna d'encomios é a franqueza com que se exprimia, nem menos honrosa para a côrte perante a qualquer representava, e, que muitas vezes, como ja dissemos, era ferida pelos seus sarcasticos gracejos.

Afim de dar uma ligeira ideia das obras dramaticas de Gil-Vicente, vamos rapidamente analysar uma das suas mais espirituosas farças denominada *Mofina Mendes*, representada diante de Dom João III por occasião das matinas do Natal de 1534.

Entra em scena um frade que a maneira de sermão recita o argumento da farça, na qual accumula para achincalhar muitos nomes d'auctores sagrados e profanos. Explicando a sua apparição na scena diz o frade:

Mandáram-me aqui subir
N'este sancto amphitheatro
Para aqui introduzir
As figuras que hão de vir
Com todo o seu apparato.
He de notar
Que haveis de considerar
Isto ser contemplação
Fóra da historia geral,
Mas fundada em devação.

Findo o prologo apparece a Virgem Maria acompanhada de suas damas, a Fé, a Pobreza, a Prudencia e a Humildade. Vem depois o anjo Gabriel fazer a annunciação com estes lindos versos:

[1] *Arte nuevo de hacer comedias.*

Oh! Deus te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Goza-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor é contigo.

Cerra-se a cortina, ajuntam-se os pastores para saudarem o nascimento do Messias; e depois d'haverem recitado um extenso dialogo deitam-se, e dormem. No entanto mostra-se em publico a Virgem, S. Jozé e a Fé que juntamente com as outras virtudes rezam genuflexas um psalmo marchetado de latim e portuguez. Ordenando a Virgem á Esperança que accenda uma véla respondelhe S. Jozé com bastante espirito :

Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que querermos por signaes
Metter coisas divinaes
Nas cabeças dos bugios.

Mandae-lhe accender candeias,
Que chamem oiro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
Ollume com que se accenda.
E á gente religiosa
Manda-lhes velas bispaes;
A cera de renda grossa;
Os pavios de cazaes;
E logo não porão grosa.

Terminada esta scena chora o Menino posto em seu berço e embalam-no cantando as Virtudes, e annuncia o anjo a vinda dos pastores, que entram tangendo os seus instrumentos e formando um baile com elle finalisam a *farça*.

Concordamos com Sismondi quando julga as tragi-comedias como a parte mais imperfeita das obras dramaticas de Gil-Vicente; podendo apenas recommendarem-se pela graciosidade d'algumas scenas as que foram escriptas por motivo da partida da infanta

D. Beatriz, casada com o duque de Saboia, e denominadas *Nao d'Amores* e *Fragoa d'Amores*.

No unanime pensar dos criticos occupam os primeiros lugares entre as farças a intitulada *Ignez Pereira*, a que já nos referimos, pela vivacidade do dialogo; e a do *Juiz da Beira* pela sua *vis comica* e fiel desenho dos costumes do tempo.

No nosso humilde conceito o mais bem acabado e mais chistoso dos seus *autos* é o da *Feira da Virgem*, que podemos oppor aos melhores de Lope de Vega e Calderon de la Barca. Citemos d'entre infinitas bellezas que nella abunda o seguinte trecho da falla do Tempo :

Em nome d'aquelle que rege nas praças
D'Anvers e Medina as feiras que tem,
Começa-se a feira chamada das graças,
Á honra da Virgem parida em Belem.
Quem quizer feirar
Venha trocar, que eu não hei de vender;
Todas virtudes que houverem mister
Nesta minha tenda as podem achar
A troco de coisas que hão de trazer.

Alem do estudo da lingua e dos costumes do tempo lucra com a leitura das obras de Gil-Vicente quem desejar inteirar-se cabalmente da historia do theatro portuguez. Verá ahi que então representavam os actores em amphitheatros, isto é, em lugares mais elevados do que os assentos dos espectadores; que haviam mutações de scenas, operadas por meio de bastidores e cortinas; que já eram usadas grande numero de machinas theatraes; offerecendo o dramaturgo aos espectadores do *Triumpho do Inverno*, « uma vista de mar com navios e toda a confusão d'uma tormenta », segundo no-lo affirma um grave chronista [1].

Pela vereda que tão bem se estreara Gil-Vicente trilháram ainda alguns engenhos lusitanos, entre os quaes importa fazer expressa menção do infante D. Luiz, Antonio Prestes, Braz de Rezende e do proprio auctor dos *Lusiadas*, que não se dedignou d'imita-lo.

[1] Garcia de Resende, *Hida da Infanta D. Beatriz para a Saboia*.

Soára porém a derradeira hora da escola dos trovadores; e Sá de Miranda e Ferreira apressavam-se em inaugurar a *era italica*.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Francisco de Sá de Miranda é auctor de duas comedias classicas, a que Sismonde de Sismondi denominou d'*eruditas*. Apartando-se do impulso tão felizmente dado por Gil-Vicente, imitou os italianos a ponto tal de desnacionalisar as suas composições que de portuguezas so tem a linguagem. Fallemos de cada uma d'ellas.

Os Estrangeiros, comedia em cinco actos, impressa pela primeira vez em Coimbra em 1569, e dedicada ao cardeal D. Henrique que foi rei de Portugal. Fraco é o seu assumpto consistindo em uma banal intriga amorosa entre alguns estrangeiros reunidos accidentalmente em Palermo. Mal sustentados são os caracteres, si exceptuarmos os do doutor Petronio, e do velho Reynaldo: frio e monotono o dialogo: revelando a infancia d'arte e as poucas disposições que para ella tinha o auctor. A falta de nexo entre as varias scenas d'um mesmo acto é outro defeito que não póde escapar á critica; assim como o pouco espirito, a quasi que nemuma *vis-comica*, que se nota em seus *graciosos*. Os extensissimos monologos em que abunda a comedia de que nos occupamos deveram ser um grande embaraço para a sua representação, ainda no tempo em que podia ella apparecer no palco.

Através d'essas imperfeições descobrem-se algumas bellezas que recommendam a sua leitura. Não faltam ahi os principios philosophicos, que grangeáram ao seu auctor o titulo de *Seneca portuguez;* nem o conhecimento do coração humano de que tantas provas dera em suas *rimas*. No começo do quinto acto a falla de Reynaldo é o modelo da linguagem que convém a um pai que peregrinava em busca de sua filha. Facamo-lhe um excerpto para sua melhor apreciação:

REYNALDO, so.

No cabo d'esta minha tão longa e trabalhosa jornada, quando os outros descançam começa o mór cansaço meu, có a duvida que tenho se acharei

aqui huma filha em cuja busca venho. Té gora na minha esperança hia passando meus males, sem ella como passarei isso que fica de vida? O mór bem que neste mundo tive que foi a mãi d'esta moça, a morte o levou dias ha, o da filha que me em seu lugar ficava, se m'o tambem tem levado fello cruelmente commigo, que me não deixou nesta vida a que possa alevantar somente os olhos. Aquelle foi o meu primeiro amor, aquelle será o derradeiro, a grande dor da sua morte me lançou então de toda a Italia, o desejo da filha me trouxe agora cá...

O caracter do vaidoso Petronio que, preconisando a sua profissão rebaixa as outras, é admiravelmente desenhado na quarta scena do acto terceiro quando assim se exprime:

Desde que homem nasce até que morre não trata cousa de mór peso, que a do seu casamento que cada dia rematamos tão levemente. Grande feito que se te vendem um rocim manço, ou huma mula maliciosa, logo hi são mil leys a te ajudar, e tem procuradores tanto que dizer e allegar, e na tua molher por quem deixamos os pays, e as mãys, alli nós desampara tudo, e si a morte póde ser boa. Pello que estive tanto tempo solteiro vim aqui, com sós as letras de que me a fortuna não pode roubar : có ellas me remediey, que a estes nossos direitos não se lhes pode negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes como se elles chamão. Philosophos já passarão mal avindos huns co'os outros, com as suas barbas, e gravidade. Poetas tudo põem em flores; pollo fruyto não espereis. Os Oradores nós os tiramos das suas vezes. Os Astrologos sempre tratão do porvir de que elles, nem ninguem sabem pouco, nem muito. Fisicos ganhão bem que comer, porém he co ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lan da porca, e antre todos estes não ha hum homem de negocio : somente o Jurisconsulto he o que pode tratar, e rematar duvidas de substancia. Todavia frades entremeter-se querião mas não tem azas com que voem, que a vontade não lhes fallece. So o Jurista pode andar co'o peito alto e satisfeito do seu saber quer seja para concertar as coisas d'esta vida, quer da outra. Isto he o que te releva e crime que não busca ninguem senão o que te ha mister.

Como se vê pura e castiça é a locução empregada por Sá de Miranda, incontestavelmente um dos maiores mestres da lingua, e as phrases que hoje aos nossos ouvidos parecem asperas eram as mais finas e delicadas em seu tempo.

Os Vilhalpandos. — Moldada pelo *Miles gloriosus* de Plauto é esta comedia de Sá de Miranda, tambem impressa en Coimbra nove annos antes (1560), e igualmente dedicada ao cardeal Dom Henrique. Consta o assumpto d'esta peça das seguintes palavras proferidas pela Fama, que faz o prologo :

Nós estamos em Roma; naquellas duas casas vivem dois velhos cidadãos, cujos nomes vedes cada hum sobre a sua porta. O Pomponio tem um filho a que chamão Cesarião, o qual filho, o pay e a mãy andão por tirar do captiveiro d'huma destas suas cortesãas (que assi lhe chamão). O pay por razão e authoridade e a mãy por devoções; faz delle tudo o que quer.

Como era d'esperar casa Cesarião com Aurelia e tudo acommoda-se do melhor modo possivel, terminando d'est' arte a acção.

Os mesmos defeitos e incoherencias que assignalamos nos *Estrangeiros* existem nos *Vilhalpandos* que lhe precedera alguns annos como se verifica pela data das suas respectivas impressões, que deixamos apontadas. No nosso entender é esta comedia inferior a que primeiro analysamos, sendo os seus caracteres ainda mais imperfeitos.

A satyra porém é manejada com mais graça nos *Vilhalpandos* do que nos *Estrangeiros* e algumas vezes sabe o auctor ter espirito e provocar a hilaridade sem por forma alguma roçar nos baixios da obscenidade. Sirva d'exemplo a maneira porque o fanfarrão do Vilhalpando (soldado hespanhol) caracterisa os poetas :

« E tu cuydavas que eu era como estes poetas, que andam sempre fallando comsigo, e cacarejão mais um verso, que huma galinha o seu ovo. »

Nem menos mordaz é dito de Milvo que fallando das mulheres de diversas nacionalidades diz :

« Demos, mas seja porem Italiana, que tudo mais he vento. Francezas e Allemãas com quanto muito vinho bebam são mais frias do que huma pouca de agoa, Espanholas todas vem já coroadas de Caleze, de Valença, d'Aragão : e sempre o bruquel do rufião ha de luzir em algum canto da casa como por posse. Ora que

rosto he o de huma Romãa, que graça das Bolonhezas, e Mantuanas. »

Distingue-se pela sua vivacidade e fina critica o dialogo entre Antonioto e o hermitão Apollonio. Citemo-lo textualmente :

APOLLONIO.

Por aqui ha de ser segunda a informação ey de esperar piloto que me navegue.

ANTONIOTO.

Torno a guardar aquelle hermitão, o que azimel tão pesado da redea, de quão prestes he a grega.

APOLLONIO.

Dominum, Dominum, Dominum.

ANTONIOTO.

E porém as vezes assi carrancudos e de má graça enganão mais.

APOLLONIO.

Dominum, Dominum meum, Dominum meum.

ANTONIOTO.

E os agudos que querem dar razão a tudo ás vezes se perdem.

APOLLONIO.

Conturbatus, conturbatus.

ANTONIOTO.

Este he bom, vem, como diz em, em habito e tonsura.

APOLLONIO.

Abrenuntio, abrenuntio, abrenuntio.

ANTONIOTO.

Apollonio, deixa de rezar e escuta.

APOLLONIO.

Não pode homem em Roma acabar uma oração em paz e por isso he melhor estar soo na minha lapa.

ANTONIOTO.

Ah! ah! ah! que tambem me queres enganar a mim.

APOLLONIO.

Oh! tu eras, não te conhecia; como está a casa?

ANTONIOTO.

Vosso amo repousa, vossa ama te espera.

APOLLONIO.

Bem está.

ANTONIOTO.

O que logo poderes recadar não o deixes pera depois.

APOLLONIO.

Mas deixa-lo-hia pera dia de San-Circijo.

ANTONIOTO.

Espanta, apanha e despachate.

APOLLONIO.

Bem te ouço.

ANTONIOTO.

Se te enrequererem muito faze-te agastadiço e de poucas palavras.

APOLLONIO.

Tudo me lembrará.

ANTONIOTO.

Aquella he a casa, vay muito em hora maa.

APOLLONIO.

Maa seja pera ti.

ANTONIOTO.

Quem anda neste mundo em seu habito, nem em seu proprio rosto? De alguns religiosos sahem enganos, dos Regedores as desordenanças, dos letrados as cautelas, assi como das boticas as peçonhas. E, como dizem os beleguines são os que roubão a cidade. De que fazem em Roma os officiaes taeis quintas? Quem sahe de nossa casa? O velho he em outro posto, espirarey o hermitão a tornada, que já sabe onde ha de acudir.

A imitação de Gil-Vicente mistura Sá de Miranda em suas comedias o portuguez com o hespanhol, pondo na boca dos dois Vilhalpandos muitas phrases e canções nesta ultima lingua. Era este um abuso tão generalisado que nem podiam a elle subtrahirem-se os proprios mestres da lingua e *legisladores do Parnaso.*

Nada tinham de populares as comedias de Sá de Miranda: não podiam ser comprehendidas e apreciadas como o foram as peças de Gil-Vicente: faltava-lhes o cunho nacional; pois os assumptos, personagens e até os lugares da scenas não pertenciam a Portugal. Produzidas pela reacção classica, inaugurada por elle, so á nata da sociedade poderiam agradar, e de facto foi perante ella que subiram á scena, e de quem receboram louvores.

« As comedias de Sá de Miranda, diz Costa e Silva, apesar dos seus visiveis defeitos, e dos seus desgraçadissimos disfechos, foram representadas com todo o apparato e pompa no palacio do cardeal D. Henrique, que fazia d'ellas muito apreço e até as mandou im-

primir a sua custa depois da morte do auctor; nem deve estranhar-se que um cardeal se divertisse fazendo representar comedias no seu alcaçar, quando o Summo Pontifice Leão X despendeu grossas sommas na representação das de Bibbiena e de Ariosto, sem comparação mais livres, e muito menos modestas, que as de Sá de Miranda.

« O poeta ficou mui satisfeito com os applausos com que as acolheu o auditorio, composto de fidalgos, prelados, frades e outros ecclesiasticos reunidos no paço do infante-cardeal; mas si nesse tempo existisse em Lisboa um theatro publico e nelle se representassem as duas comedias é mais que provavel que lá não fossem recebidas tão lisongeiramente [1]. »

ANTONIO FERREIRA

Deixou-nos este eximio poeta duas comedias, *Bristo* e *o Cioso*, e uma tragedia, a que denominou *Castro*. Invertendo a ordem chronologica, occupar-nos-hemos de preferencia com a tragedia *Castro*, em cinco actos, escripta em versos heroicos e lyricos, sendo a primeira tragedia regular que contou a lingua portugueza, e a segunda em toda a Europa. Tomando por objecto um facto da historia patria guiou-se Ferreira pelos classicos gregos, e parece que nem-uma influencia sobre o seu éstro exercera a famosa *Sophonisba*, de Trissini, que teve a gloria d'inaugurar o theatro do renascimento litterario, nem tão pouco pensamos haver elle conhecido as duas informes tragedias de Rucellai, que nessa epocha encantavam a Italia.

Eminentemente classico seguiu Ferreira as pisadas de Sophocles, Eschylo e Euripides, apartando-se unicamente nos lugares em que impossivel se tornava a imitação. E' pois esta excellente tragedia mais apropriada á leitura do que á representação, que não nos consta que jamais tivesse. Tão longe levou o poeta portuguez o seu respeito pelo theatro grego que não duvidou introduzir em sua peça os córos, que podem ser considerados como uma planta

[1] *Ensaio biog. e critico*, tom. II, cap. II.

hellenica, que nunca germinára em sólo estranho; porque, como optimamente pondera Schlegel « não lhe sendo a nossa dansa e a nossa musica apropriadas, nem existindo tão pouco para elles lugar em nossos theatros baldadas serão sempre as tentativas para naturalisa-los entre os modernos [1]. »

Percorramos perfunctoriamente esse monumento da nossa brilhante litteratura, e assignalemos com franqueza seus primores e tambem suas nodoas.

Abre-se a scena por uma linda canção de D. Ignez convidando as suas amigas a rigosijarem-se pelo jubilo que inunda-lhe o peito :

Colhey, colhey alegres,
Donzellas minhas, mil cheirosas flores;
Tecey frescas capellas
De lyrios e de rosas, coroay todas
As douradas cabeças.
Espirem suaves cheiros,
De que se encha este ar todo.
. . . . . .

Causado era esse jubilo pela certeza que do seu amor lhe dera o infante D. Pedro, que jurara-lhe que jamais se desprenderia de seus braços arrostando para esse fim todos os obstaculos que se lhe podessem oppor. Enlevado pelas graças de D. Ignez exclamara o herdeiro da monarchia :

Por ti a vida me he doce, por ti espero
Acrescentar imperios, sem ti o mundo
Duro deserto me pareceria.
Não poderá fortuna, não os homens,
Não estrellas, não fados, não planetas
Apartar-me de ti, por arte, ou força
Nesta tua mão te ponho firme e fixa
Minh' alma; por Iffante te nomeo,
Do meu amor senhora, e do alto estado
Que me espera e teu nome me faz doce.

O côro, que no pensar dos gregos, era um espectador ideal, representante das ideias populares, toma o seu papel na tragedia

[1] W. Schlegel, *Cours de Littérature dramatique*, tom. I, l. III.

de Ferreira e censura no principe sua imperiosa e indomavel vontade, que nem ás leis da razão queria submetter-se.

Recommendavel é o dialogo da terceira scena entre o infante e o seu secretario, que com rude lealdade lhe lembra os seus deveres de filho e de primeiro vassallo. E' admiravel a resposta do fiel servidor a quem D. Pedro, agastado pelas suas admoestações, pergunta :

Quem tão livre te fez e tão ousado?

SECRETARIO.

Amor e lealdade esta ousadia
Me dão : dá-me a razão que tem tal força
Que inda que se não siga, não se nega.

O caracter do infante, que tão frio e secundario se ha de mostrar no decurso da peça, lança aqui um vivo lampejo nestas hyperbolicas expressões :

Não cuidem que me posso apartar donde
Estou todos onde vivo que primeiro
A terra subirá onde os ceos andam,
O mar abrasará os ceos e a terra,
O fogo será frio, o sol escuro,
A lua dará dia, e todo o mundo
Andará ao contrario de sua ordem
Que eu ó Castro te deixe, ou nisso cuide.

Termina o primeiro acto por dois bellos trechos lyricos que o poeta empresta ao côro e que derramam extraordinario encanto, offerecendo uma agradavel diversão á aspera discussão suscitada entre o infante e o seu secretario.

Destina-se o segundo acto a apresentar-nos a sessão do conselho aulico em que foi decidida a morte de D. Ignez. Com razão pensa o Sr. Martinez de la Rosa que o papel de D. Affonso IV é *ignobel;* mas nisto cingiu-se o poeta á historia, nem um lugar deixando a phantasia. Bem desenhados são os caructeres de Coelho e Pacheco, que levados por implacavel odio que votavam á familia Castro, queriam satisfazer suas particulares vinganças envoltas no que chamavam *razões d'estado*. A fraqueza, e culpavel

condescendencia do rei, bem comparavel á de Pilatos, é, como ha pouco dissemos, essencialmente historica, não cumprindo ao dramaturgo alterar um caracter, que os fastos nacionaes haviam registado. Remata tambem o côro este acto com uma magnifica ode sobre a triste situação em que se acham collocados os reis, em que se lem estas sentenciosas estrophes :

Reys poderosos, Principes, Monarchas,
Sobre nós pondes vossos pés, pisay-nos,
Mas sobre vós está sempre a fortuna,
Nós livre d'ella.
Nos altos muros soam mais os ventos,
As mais crescidas arvores se derribam,
As mais inchadas vellas no mar rompem,
Caem mores torres.
Pompas e ventos, titulos inchados,
Não dão descanço, nem mais doce somno;
Antes mais cançam, antes em mais medo
Poem, e perigo.
Como se volvem no gran mar as ondas,
Assi se volvem estes peitos cheios,
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
Nunca seguros.

O sonho da protagonista que se lê no terceiro acto, e os terrores por elle causados, que em vão busca dissipar a disvellada ama, é d'excellente effeito dramatico, sendo para lamentar que por extensas e declamatorias percam as fallas do seu intrinseco valor.

A scena segunda em que vem o côro participar a D. Ignez a aproximação da terrivel hora da sua morte, pois que para Coimbra encaminhava-se el-rei com grande sequito, é realmente bem traçada; e com especialidade a anxiedade da dama em inquirir novas de seu esposo. Nada porém descobrimos de sublime nestas palavras :

He morto o meu senhor? o meu Iffante?

comparadas por alguns escriptores ao celebre « *qu'il mourût* », de Corneille.

Não menos bella e sentenciosa é a parte lyrica, com que finalisa o côro este acto, discorrendo á cerca da instabilidade das coisas humanas.

E' o quarto acto o lugar mais pathetico de toda a tragedia, e a supplica de D. Ignez ao seu cruel sogro pode ser apontada, como um modelo neste genero. Dignas e sentimentaes são estas expressões :

Meu Senhor,
Esta é a mãi de teus netos. Estes são
Filhos d'aquelle filho que tanto amas,
Esta he aquella coitada molher fraca,
Contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens. Bastava teu mandado
Pera eu segura e livre t'esperar,
Em ti e em minha innocencia confiada.
Escusáras, senhor, todo este estrondo
D'armas e cavalleiros, que não foge
Nem se teme a innocencia da justiça,
E quando meus peccados me accusáram
A ti fôra buscar; á ti tomára
Por vida em minha morte: agora vejo
Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
Reaes tão piadosas : pois quizeste
Por ti vir-te informar de minhas culpas.
Conhece-m'as, Senhor, como bom Rey,
Como clemente e justo, e como pay
De teus vasallos todos, a quem nunca
Negas-te piedade com justiça.

Quem não deixará de sensibilisar-se ao ler as despedidas, que faz a infeliz Castro de seus filhos, quando com elles abraçada exclama :

Abraçay-me, meus filhos, abraçay-me,
Despedi-vos dos peitos que mamastes,
Estes sós foram sempre : já vos deixam
Ah! já vos desempara essa mãi vossa;
Que achará vosso pai quando vier?
Achar-vos-á tam sós, sem vossa may :
Não verá quem buscava, verá cheias
As casas e paredes de meu sangue.
Ah! vejo-vos morrer, Senhor, por mim;
Meu Senhor, já que eu morro vive tu;

Isto te peço e rogo : vive, vive,
Empara estes teus filhos que tanto amas
E pague minha morte seus desastres
Se alguns os esperavam.
. . . . . .

Commovido pelas tocantes palavras da illustre dama ia perdoar-lhe D. Affonso IV quando os seus ferozes conselheiros arrancáram-lhe o consentimento para que no sangue da innocencia e da belleza se embebessem seus gladios. Cheio d'animação é o dialogo entre o rei e os seus indignos ministros, e palavras cheias de nobreza são postas pelo auctor na boca do monarcha, a quem faltou infelizmente a necessaria coragem para impedir o mal que em seu nome ia-se practicar.

Como que exhausta a musa de Ferreira pelo esforço do pathetico que empregára no penultimo acto deixou pallida e fria a catastrophe, onde releva que empregue o dramaturgo mór talento e maior arte.

A lamentavel noticia da morte de D. Ignez encontrou D. Pedro em seu regresso para Coimbra quando quadros de ventura domestica planejava. Ouvindo do mensageiro a communicação do desgraçado fim de sua amada esposa prorompe o infante em declamatorias imprecações, mui pouco convinhaveis á situação em que se achava, e nada significativas da verdadeira dôr.

Rigorosamente observadas são nesta tragedia as classicas unidades; a acção, imitada do theatro grego, por demais simples. Raros são os lances dramaticos que nella se descobrem; e certa medida parece presidir o desenvolvimento e trazer uma forçada peripecia. O unico caracter verdadeiramente bello, e sempre com arte sustentado, é o da protagonista : todos os mais ou são insignificantes, como o de D. Pedro e da Ama, ou *ignobeis* como o de D. Affonso, de Coelho, e de Pacheco. Cumpre porém exceptuar o do secretario que conserva-se n'altura de sua missão.

Tivemos mais d'uma occasião d'elogiar as bellezas lyricas dos córos; não deixaremos porém de reconhecer que são em demasia longos para uma tragedia, ainda mesmo da classe das *eruditas*, como a de que ora fallamos.

Dura é em muito lugares a metrificação parecendo-nos um vicio

348118A

congenito em Ferreira a quem o genio d'harmonia raras vezes visitaba.

Resta-nos examinar o peso que deve merecer a grave accusação de plagio formulada por alguns criticos contra o grande poeta lusitano. Funda-se essa accusação na circumstancia d'existir uma tragedia castelhana composta por um frade dominico, natural da Galliza e por nome Jeronymo Bermudes que publicou alguns annos antes d'apparecer impressa a *Castro* de Ferreira a sua *Nise lacrymosa*, cujo assumpto é absolutamente identico, e cuja marcha é em tudo semelhante, chegando a coincidencia a ponto d'empregarem ambas as tragedias as mesmas expressões.

A melhor defeza que se possa fazer do tragico portuguez consiste, como fez Costa e Silva, em exhibir o testemunho, summamente valioso, do sabio critico hespanhol o Sr. Martinez de la Rosa que n'uma nota á sua *Arte poetica* não duvida decidir-se contra o seu compatriota, affirmando que posto houvesse este publicado á sua obra em 1577, servira-se elle do manuscripto de Ferreira, que havendo fallecido em 1569 não pode ter o prazer d'imprimir a sua *Castro*, que so viu a luz em 1598. Foi pois Bermudes, e não Ferreira, o plagiario.

Bristo, comedia em cinco actos e em prosa, publicada primeira vez em 1622 juntamente com a do *Cioso* e as de Sá de Miranda pelo impressor Antonio Alvares e dedicada a Gaspar Severino de Faria em agradecimento de lh'as haver confiado para esse fim. — Foi escripta esta comedia quando o auctor frequentava a Universidade de Coimbra, onde parece que fôra representada com grande applauso, como se collige da sua dedicatoria endereçada ao principe D. João, depois terceiro rei d'este nome. Pertence á classe das *d'enredo* e leva grande vantagem sobre as de Sá de Miranda, tanto no estylo como no dialogo. Menos decorosas porém são as suas situações e a obscenidade é muitas vezes o escolho de Ferreira em busca d'espirito e de graciosos trocadilhos.

Versa o enredo d'esta peça no logro pregado pelo rufião Bristo ao libidinoso commendador Annibal, fazendo com que a honesta donzella Camilla case com Leonardo, que por mais d'um titulo d'ella fazia-se digno.

Melhor conhecedor dos recursos scenicos do que seu predeces-

sor sabe Ferreira interessar, conduzindo a acção com mais arte : traçando com mais felicidade os caracteres, como os de Bristo, Caledonio, Roberto e de Leonardo, e ainda os d'Annibal et Mont'-alvão apesar d'um pouco phantasticos. Infelizmente porém os longos monologos, em que o auctor com profusão expende suas ideias philosophicas e principios moraes, retardam o caminhar d'acção.

Dissemos que Ferreira não respeitára sempre nas suas comedias as leis da decencia, cahindo por vezes na obscenidade. Esta censura, de que nem um dos seus mais ardentes apologistas o poderá defender, procura attenuar o Sr. Ferdinand Denis, allegando *não serem ellas destinadas ao publico, e sim á mocidade das escolas* [1]. Não cremos porém que a linguagem solta e as expressões deshonestas devam tolerarem-se nas casas d'educação, nem jamais desejaremos que se confundam os bancos com as tarimbas. A unica explicação que a nosso ver se possa dar de semelhante aberração da intelligencia no grave e douto Ferreira é a d'haver-se deixado arrastar pelo máo gosto da sua epocha.

Desagrada-nos o modo porque o auctor apresenta-nos em scena Bristo tecendo uma apologia do seu indigno papel (o de rufião) : e posto que adiante o stigmatise não deixa de produzir má impressão a sua cynica linguagem.

Verdadeiramente comica é a scena entre Annibal e o soldado Montálvão, que a força de mentiras e adulações fazia crer ao pretencioso commendador d'haver practicado proesas, em que jamais cogitára. Excellente lição dá neste lugar o auctor aos que se deixam desfructar pelos especuladores em troco da parva vaidade de por elles serem lisongeados. Ainda que em demasia extensa é bem caracteristico o monologo em que o astuto soldado se gaba d'haver embaçado ao necio fidalgo. Citemo-lo resumindo :

Vedes alli hum homem que nunca vi, nem conheci sinão des que entrei nesta terra. Tive tão boa manha com elle que lhe metti em cabeça que o servira em Rhodes uns dias. De maneira que ainda que lhe agora jure o contrario já me não crerá. Terra foi onde nunca puz os pés. Toda a minha vida fui belleguim em Roma, matei lá um clerigo, acolhi-me a este couto.

[1] *Résumé de l'Histoire littéraire du Portugal*, chap. XI.

A alma não sei que tal anda, a vida queria segurar, mór medo hei á forca que ao diabo. Quiz-me Deus bem, que vim topar com este doudo, mettilhe mil mentiras em cabeça com pouco trabalho, des que me informei da sua arte, dou com elle um dia em sua casa estando jogando com os outros (que foi grande acerto), lanço-me a seus pés, começo de abraçar, como se o sempre conhecera, elle na verdade á primeira vista ficou confuso, mas desde que me ouviu fallar em Rhodes, nos Cavalleiros, nos Turcos, e dizer mil façanhas que fizera, de que eu soube que se elle gabara muito, abraçou-me, conheceu-me, agazalhou-me, tem-me como um Rey. Eu sou o que mando a elle, e a casa toda, he homem de boa renda, vam, gastador, denodado, cabeça de ferro, que com quanto não hei medo ao diabo assombro-me com elle. O serviço que lhe faço he fallar-lhe á vontade, gabar-lhe quanto faz, rir-me quando ri, crer-lhe quanto diz, mentir-lhe isso que posso, se chóra choro, se se canta bailo, se brada grito, e so com isso o contento. Conto-lhe coisas que elle nunca viu, nem fez, desafios que teve, batalhas que venceu, mil perigos de que me livrou, e tudo cuida que he si.....

Na scena primeira do terceiro acto o dialogo entre Cornelia e Camilla é recommendavel pelos sãos principios, e sublimes maximas de moral com que eram educadas nossas avós.

A inesperada apparição do velho Pindaro que após largos annos volve a seus lares, e que nada tem d'envergonharse da conducta de sua mulher e de sua filha, a quem acha sanctamente ligada a um honrado mancebo que soube antepôr suas nobres qualidades ás riquezas que algures se lhe offereciam, é um dos mais bellos quadros d'esta comedia, e novo testemunho do talento e proficiencia do seu auctor.

Bem disposto e com arte combinado é o desfecho, que amplamente satisfaz servindo de natural desenlace ao nó da intriga.

Como Sá de Miranda, a quem folgava de chamar de mestre, desprezou Ferreira a grande regra que manda inspirar-se o dramaturgo das ideias, costumes e crenças do paiz em que vive; pois que, como diz Schlegel, é a comedia uma copia exacta da realidade. Da cuidadosa leitura de *Bristo* não podemos colligir em que terra tivera lugar a acção, nem que costumes tivesse o auctor em vistas censurar. Suppomos portanto com Costa e Silva, que é esta peça uma imitação das comedias italianas, que estavam então muito em voga, não querendo pintar o comico portuguez a socie-

dade em que vivia, e a que em razão dos seus poucos annos pouco ou nada devera conhecer.

O Cioso. — Foi esta a primeira comedia de caracter que appareceu em Portugal e quiçá que toda Europa : e posto que não possamos fixar a epocha em que fôra composta cremos ter sido ella muito posterior á de *Bristo*, sendo mais adiantado em annos e saber o doutor Antonio Ferreira. Deprehende-se de sua leitura que se passa a acção em Veneza, cujos costumes não são nem sequer esboçados, talvez por desconhece-los o auctor, que não nos consta que jamais deixasse o seu paiz natal.

Serve d'assumpto a esta comedia, que como a precedente, é escripta em prosa com igual numero d'actos, a pintura do feroz ciume d'um mercador por nome Julio, que suspeitando até de sua propria sombra, enclausurava sua mulher Livia, vedando-lhe até de ver a luz. A velha Bromia, aia da desgraçada moça, debalde procura abrandar a severidade d'esse Othello de nova especie, e o velho Cesar tarde se arrepende d'haver sacrificado a filha aos calculos de vil interesse. Quando no purgatorio d'esse malfadado casamento arrastava Livia sua miseria existencia chega a Veneza Bernardo, mancebo portuguez a quem ella outr'ora muito amara, vindo recommendado ao seu zeloso marido que sabendo d'esta circumstancia recusa receber o hospede negando a sua identidade. Nasce a situação comica d'haver Julio recommendado a Bromia que não abrisse a porta a ninguem, nem que proprio fosse, julgando passar a noite em casa de Faustina, o que não tendo podido effeitnar por um contratempo, regressa a casa, cujo accesso lhe é vedado por Bromia em obediencia ás suas proprias ordens, e para não perturbar a entrevista que nesse momento tinha Livia como o seu antigo amante.

Como em Bristo conculcou ainda aqui o auctor as leis do decóro, não so na linguagem muitas vezes indecente, como nos caracteres e lances comicos. Comprovam a veracidade d'esta asserção as scenas entre Julio, Faustina e Clareta no terceiro acto, e a sexta do quarto acto entre o Cioso e a velha Bromia. Indigno é o papel que destina a Otavio, mancebo honesto que não se devera prestar ao ignobil mister d'alcaiote.

Acerrimo imitador dos classicos seguiou Ferreira o uso dos

theatros grego e romano, em que o auctor em longuissimos monologos informava os espectadores do que se havia passado, ou se passava fóra de suas vistas, e fazia alarde dos principios que professava. Como quasi sempre torna o discipulo, exagerando mais salientes os defeitos do mestre, este grave inconveniente que Hegel nota n'antiga arte dramatica, intoleravel se faz nos que lhe quizeram seguir as pégadas.

Depois de ter apontado os defeitos que mais afeiam a obra do douto magistrado justo é que não esqueçamos o summario das muitas bellezas que lhe servem de remissão. A falla do *Cioso* na scena terceira do primeiro acto é mui propria para exprimir as torturas moraes por que passava. Com quanta angustia exclama elle ao recolherse á sua casa :

Oh! com que trabalhos sayo d'esta casa, o corpo anda pelas ruas, a alma cá fica espreytando as janellas, o porque hey mór inveja aos Reys e Principes, porque são tão bem aventurados, que vem os homens aos negocios busca-los a suas casas. Se me não fôra por fazer costumes novos, fechara estas portas, aquellas janellas mandara-lhes deitar humas travessas. Mas antre tantos povos, de força he que o seja. Não guardarei eu o meu thesouro, e minha honra, e minha fama, rim-se, e não vem os cegos quanta differença vai da mulher á bolsa, morrem sobre hum pouco de ouro, que se acha por esse chão, cavão-no, escondem-no, vigião-no e tem-no em reliquias, nem elles mesmos o tocão. E a mulher que he o seu verdadeiro thesouro, deixão-no, desprezão-no, e offerecem-no aos ladrões; chama a hum destes confiado, e hum homem que he perdido por ella, e como de pouco experimentados no Mundo, vos vem a vós outros parvos estes enganos, quem anda, quem ouve, quem vê por terras estranhas fará o que eu faço.

Repassadas de sentimentalismo são as queixas de Livia á sua boa ama, que se lêm na seguinte scena, e cheios de prudencia os conselhos que lhe dá Bromia.

Nem menos digno d'elogio é o arrependimento do velho Cesar, que lamenta a sua cegueira, e o irreparavel mal que á sua filha causára. A scena terceira do segundo acto em que tal monologo se encontra é digno da delicada penna de Menandro. Como são tocantes estas expressões de Cesar dirigidas a sua desditosa filha :

Não dera eu agora quanto tenho, e quanto tinha por te ver livre, por não ver os escandalos da vizinhança, das justiças que em ti fazem, e os brados de tua may, as suas lagrymas, e seus arrependimentos magoados! Oh! cobiça quanto pódes, nem nos dás descanço neste mundo, nem a gloria no outro, nem sei que remedio tenha!

Sublime é a indignação de Faustina na scena oitava deste mesmo acto contra a inqualificavel conducta de seu amante, e sirvam as nobres palavras que o auctor lhe empresta para absolve-lo d'haver engenhado semelhante situação. Dir-se-hia, lendo este trecho, que preludiava Ferreira a nudez da moderna escola realista.

Concentrada toda a força da comedia no quarto acto em que se desenlaça a intriga, e onde dá-se a engraçada scena na qual o *Cioso* cae em seus proprios laços, e em que a velha Bromia pela sua excessiva obediencia, pune-o das imbecis ordens que lhe dera; insipido e inverosimil é o ultimo acto, que sem damno algum da peça podera ser supprimido. Parece, que como mais tarde practicava Molière, consagrou Ferreira todo o esmero no desenho dos principaes caracteres dando á acção, que tão bem imaginára, um desfecho languido, e contrario ás naturaes previsões do auditorio.

LUIZ DE CAMÕES

Nada escapa ao genio em sua pasmosa irradiação : assim Camões, primeiro epico portuguez, avantajou-se em todos os ramos da poesia a que consagrou-se. Havemos repetido seu nome em todos os generos e especies poeticas, e vamo-lo ainda encontrar no dramatico. Referem seus biographos que em verdes annos compuzera Camões para seu recreio tres comedias, intituladas *el Rey Seleuco*, *os Amphitriões* e *Filodemo*, não dando o poeta grande apreço a essas ligeiras composições.

Revelou Camões seu grande talento até nesses brincos da sua musa; seguindo os passos de Gil-Vicente desprezou as reminiscencias classicas e teria sido um dos corypheus do theatro portuguez si porventura contasse com um publico digno para entende-lo e applaudi-lo.

Mais correcto do que o seu modelo sobrepejou-o n'arte de travar

o dialogo, combinar a fabula, conduzir a acção e preparar o desfecho. Conhecedor dos recursos da lingua sabe empregar a proposito a expressão chistosa, e si nem sempre lisongea ella aos nossos ouvidos é porque cada seculo tem sua linguagem, diriamos quasi o seu espirito.

Mais popular do que Sá de Miranda e Ferreira podiam as peças de Camões ser representadas em seu tempo ; não nos consta porém que o fossem e nada achamos acerca da acceitação que dos seus coetaneos recebesse. Fiel ao nosso plano demos de cada uma d'ellas rapida noticia.

El Rey Seleuco, comedia cujo assumpto é o facto historico d'haver Seleuco I casado em avançada idade com a formosa Stratonica, cedido-a a seu filho Antiocho, que por ella finava-se de paixão. Repugnava aos costumes portuguezes e as suas leis civis e religiosas semelhante amor, soube porém o dramaturgo superar as difficuldades que se antolhavam e desenhando seus caracteres respeitou em summo gráo a moral.

O papel do rei nada perde de sua dignidade com o sacrificio que a seu filho faz : e os de Stratonica e Antiocho conservam-se nas raias do decóro, nada dizendo ou fazendo que o possa ultrajar. O mais bello caracter porém é do physico, ou medico, que com extrema delicadesa e engenhosa traça descobre a Seleuco o amor que para com a rainha alimentava o moço principe. Cremos que será agradavel ao leitor o ve-lo aqui transcripto :

REY.

Neste mal que não comprendo
Que meio dás de conselho?

FIZICO.

Señor, nada entiendo dello,
Y supuesto que lo entiendo
Yo quisiera no entendello.

REY.

Porque?

FIZICO.

Porque he entendido
Lo mas malo de entender,
Para lo que puede ser,
Porque anda, Señõr, perdido
De amores por mi muger.

REY.

Santo Deos, que tal amor
Lhe dá doença tam fera!
Que remedio achais melhor?

FIZICO.

Forçado será que muera,
Porque no muera mi honor.

REY.

Pois como! á hum so herdeiro
Deste reyno não dareis
Vossa mulher, pois podeis,
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este não engeiteis;
Dae-lha, porque eu espero
De vos dar dinheiro e honra,
Quanto eu para elle quero.

FIZICO.

No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.

REY.

Ora bem pouco defeito
He pequice conhecida,
Quando deixa de ser feito
Porque com elle dais vida
A quem vos dará proveito.

FIZICO.

Quan facilmente aporfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo, que me dió,
Vuestra Alteza, que haria
Si agora fuese yo?

REY.

A mulher que eu tivesse
Dar-lha-hia, oxalá
Que elle a Rainha quizesse!

FIZICO.

Pues déla, si le parece
Que por ella muerto está.

REY.

Que me dizeis?

FIZICO.

La verdad.

REY.

Sem duvida, tal sentistes?

FIZICO.

Sin duda, sin falsedad.

Pues, Señor, agora tomad
Los consejos que me distes.

REY.

Certamente que eu o via
Em tudo quanto fallava.
Como vistes? porque via?

FIZICO.

Nel pulso, que se alterava
Si la via, ó si la oia.

REY.

Que maneira hade haver
Que eu certo me maravilho
Possa mais o amor do filho
Do que póde o da mulher:
Finalmente ei-lha de dar,
Que a ambos conheço o centro.
Quero-o ir alevantar,
E iremos para dentro
Neste caso praticar.

« Eis aqui um dialogo, diz J. M. da Costa e Silva, cerrado, vivo, sem inutilidades e cheio d'artificio : estou certo que nem Molière, nem Goldoni, os dos maiores mestres da comedia moderna, se tirariam mais airosamente de situação tão delicada, do que fez aqui um poeta moço, sem experiencia de theatro, mas a quem o genio revelava os segredos d'arte [1]. »

Como seu mestre Gil-Vicente entremeia Camões os dois idiomas da peninsula iberica neste dialógo, bem como em muitos outros lugares das suas obras dramaticas, o que devemos attribuir ao pessimo gosto dos seus contemporaneos, a quem buscava agradar o poeta.

Nem-uma divisão d'actos existe nas comedias do auctor dos *Lusiadas*, e o prologo da que ora nos occupa destaca-se completamente do assumpto, parecendo uma farça collocada no principio da peça. Bastante engraçada é a scena que ahi se lê entre o escudeiro Ambrosio e o moço Lancerote, de que damos um fragmento :

AMBROSIO.

Oh que salgado moço! Zombas de mim? Vem cá, donde és natural?

[1] *Ensaio biog. e critico*, tom. III, livr. V, cah. I.

MOÇO.

Donde quer que me acho.

AMBROSIO.

Pergunto-te onde nasceste.

MOÇO.

Nas mãos das parteiras.

AMBROSIO.

Em que terra?

MOÇO.

Toda a terra he huma, e mais eu nasci em casa assobradada, varrida daquella hora, que não havia palmo de terra nella.

MARTIM.

Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize, cujo filho es? He para ver com que disparate respondes.

MOÇO.

A fallar verdade, pareceme-a mim, que eu sou filho de hum meu tio.

MARTIM.

Vem cá, de teu tio, e isso como?

MOÇO.

Como? isto, Senhor, he adivinhação, que vossas mercês não entendem. Meu pai era clerigo, e os clerigos sempre chamão aos filhos sobrinhos, e daqui me ficou a mim ser filho de meu tio.

Por mais d'uma vez havemos assignalado a intemperança de linguagem dos auctores comicos do grande seculo da nossa litteratura; sendo Sá de Miranda e Camões os mais sobrios d'essas descabelladas phrases que escorsiam os delicados ouvidos. Bem como aos gastos paladares convém fortes e estimulantes condimentos assim aos grosseiros populares quinhentistas se destinavam asperas expressões. Escolhendo d'entre as menos livres scenas citaremos a que representa a entrevista de dois namorados (o porteiro e a moça) :

PORTEIRO.

Traz, traz?

MOÇA.

Jesu, quem está ahi?

PORTEIRO.

Já vós, mana, ereis *mamada:*
Pera vos levar furtada

Nunca tal ensejo vi.
E vós estais descuidada!

MOÇA.

E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO.

Vossos descuidos? *cadella!*
Ah minha alma! sois tam bella,
Que esses descuidos me trazem
Dois mil cuidados á vela.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirai os *antolhos*,
E vereis meus tristes damnos.

Posto que o objecto do *Seleuco* seja completamente estranho acommodou o auctor o caracter dos personagens ao seu paiz, e fe-los fallar como te-lo-hião feito os bons portuguezes d'esses priscos tempos. O que ha d'inverosimil em diversas situações procede da crença então dominante que o theatro era um mundo convencional, nada de commum tendo com a vida positiva.

Os Amphitriões. — Imitada d'outra d'igual titulo de Plauto é esta comedia muito mais regular do que a antecedente; ainda que menos espirituosa. Urdida sobre usada tela e reproduzindo a mui conhecida fabula de Jupiter enganando Alcmena debaixo d'apparencia de seu marido Amphitrião poude ainda tornar-se interessante quando manejada por Camões.

Grande numero de scenas burlescas nascidas das duplicatas dos Amphitriões e Soseas provocam a hilaridade pela confusão em que lançam Alcmena e sua serva Bromia.

Não póde ser imputado ao auctor o aviltamento do caracter do *pai dos deuses;* por que em sua monstruosa historia o foi buscar elle, havendo-o precedido um comico latino para quem semelhante divindade nada tinha de falsa.

O dialogo entre Jupiter e Mercurio no qual lhe suggere este a ideia de metamorphosear-se na pessoa d'Amphitrião, transformando-se elle na do seu criado, tanto tem d'immoral como de comico.

Fria é a entrevista d'Amphitrião com a consorte a quem ha longos annos não via, nem mais affectuosa se mostra ella, manifestando uma incredulidade mui pouco natural em semelhante situa-

ção. Sujeitemo-nos ao juizo do leitor offerecendo-lhe aqui a referida scena :

ALCMENA.
Vejo eu Amphitrião,
Ou a vista me afigura
O que está no coração?
JUPITER.
Olhos, diante dos quaes
Desejei mas este dia
Que nenhuma outra alegria,
Senhora, nunca creais
Que lhe minta a fantasia.
ALCMENA.
Oh! presença mais querida
Que quantas formou amor!
Isto he verdade, senhor?
Acabe-se aqui a vida,
Por não ver prazer maior.
JUPITER.
Pois esta hora de vos ver
Alcançar, senhora, pude,
Para mais contente ser
Conformem co' este prazer
Novas de vossa saúde.
ALCMENA.
Vida foi pezada e crua
A saúde que eu sostinha;
Que emquanto, Senhor, a tinha,
Temer perigo na sua
Me faz descuidar da minha.

Trovas e voltas, ou como hoje dizemos motes e glosas, abundam nesta composição differençando-a radicalmente dos modelos classicos, aos quaes pouco seguiu Camões; preferindo-lhes as inspirações da originalidade.

Filodemo.— Pertence esta comedia á escola que Lope de Vega e Calderon illustráram. Simples é a sua fabula consistindo nos duplos amores de Filodemo com sua prima Dionysia e de Vanadoro com Florimena, ao qual ligava igual parentesco. Forma o enredo na circumstancia d'ignorarem ambos tão intima alliança servindo Filodemo em casa de seu tio D. Luzidardo suppondo-se de baixa condição e não sabendo ser filho d'um seu irmão, que outr'ora

ausentando-se de Portugal e indo para Dinamarca enamorara-se d'uma filha do rei d'esse paiz; e subtrahindo-se com ella á colera do mencionado rei naufragára nas costas d'Hespanha, morrendo nessa occasião, assim como a princeza, que expirara ao dar á luz dois gemeos, que se chamaram Filodemo, e Florimena. Descoberto o gráo de parentesco em que se achavam os amantes pelo velho pastor que abrigára os dos orphãos, nem-uma difficuldade oppoz D. Luzidardo ao seu casamento e terminou-se tudo com o maior jubilo de todas as partes.

Como os dramas de Shakspeare é esta peça escripta em prosa e verso, e a passagem d'uma á outra nem sempre se realisa com acerto e naturalidade. Releva porém não olvidar que eram ainda os juvenis ensaios d'um grande engenho, que teria emparelhado com o auctor de *Macbeth* e d'*Othello*, si a Thalia e não a Caliope dedicasse o seu éstro.

A fraqueza dos caracteres que notamos nesta comedia é um vicio commum a todas as *pastoraes*, de que nem puderam escapar o *Pastor Fido*, de Guarini, e a *Aminta*, de Torquato Tasso. Não são mal traçados todavia os papeis de D. Luzidardo, de Filodemo, e Dionysia, que derramam algum interesse em tão pallida acção. Umas vezes attribue o poeta aos seus personagens pensamentos philosophicos que animavam seu illustrado espirito e cedendo-lhes n'outros lugaros a sua avena bucolica traça idyllios dignos de Theocrito e de Moscho. Exemplifiquemos : queixando da triste sorte da mulher diz Dionysia :

Bofé que estava cuidando
Que he muito para aver dó
Da mulher que vive amando.
Que hum homem póde passar
A vida mais occupado :
Com passear, com caçar,
Com correr, com cavalgar,
Fórra parte do cuidado.
Mas a coitada
Da mulher sempre encerrada
Que não tem contentamento
Nem tem desenfadamento,
Mais que agulha e almofada?
Então isto vem parir

Os grandes erros da gente:
Foram mil vezes cahir
Princezas d'alta semente.
. . . . . .

Mais adiante descrevendo as bellezas d'um sitio exclama Vanadoro:

Oh! ribeiras tão fermosas,
Vales, campos pastoris,
Porque vos não revestis
De novas flores e rosas,
Se minha gloria sentis?
Porque não secais, abrolhos?
E vós, agoa, que regando
Os olhos his alegrando,
Correi, que tambem meus olhos
D'alegres estão manando.
Ah! pastora em quem espero
Poder viver descançado,
Comtigo guardarei gado,
Que já eu sem ti não quero
Nem huma alteza d'estado.
Diga o que quizer a gente,
Tudo terei n'uma palha;
Porque está claro e evidente
Que não ha honra que valga
Contra a vida descontente.
. . . . . .

Alguns chistes apropriados ao paladar do seu publico descobrimos nesta comedia e para não multiplicar citações mencionaremos apenas os ditos de Vilardo convidando a Dionysia para accudir depressa ao chamado de seu pai:

VILARDO.

Senhora, o senhor seu pay
Mesmo de vossa mercê
Já lá para casa vai:
Por isso, senhora, andai,
Que elle me mandou num pé,
E diz que fosse jantar
Vossa mercê mesmamente.

SOLINA.

E já veio do pomar?

DIONYSIA.

Oh! quem pudera escusar
De comer, nem de ver gente!
Nenhuma còr de verdade
Tenho do que elle me manda.

VILARDO.

Se ella sem vontade anda,
Eu lhe emprestarei vontade,
Empreste-me ella a vianda.

SOLINA.

Vá, Senhora, por não dar
Mais em que cuidar á gente.

DIONYSIA.

Irei, mas não por jantar:
Que quem vive descontente
Mantem-se de imaginar.

VILARDO.

Pois tambem cá minhas dòres
Não me deixão comer pão,
Nem come a minha affeição
Senão sopadas d'amores,
E mil postas de paixão.
Das lagrimas caldo faço,
Do coração escudela,
Esses olhos são panela
Que coze bofes e baço
Com toda a mais cabedella.

Julgamos ter assás demonstrado a proposição que emittimos de ser Luiz de Camões superior aos seus predecessores n'arte dramatica, e d'haver melhor do que ninguem cooperado para a gloria do theatro portuguez, creado pelo fecundo e original Gil-Vicente.

LIÇÃO XII

ROMANCE

Forma o romance a transição entre a poesia e a prosa : conservando da primeira a faculdade inventiva, e os floreios da imaginação, e da segunda a naturalidade da phrase. A attenção que importa que prestemos ás composições em verso impede que duradoura seja ella, ao passo que a linguagem prosaica, menos fatigante, é tambem mais comprehensivel ao grande numero de leitores. Lançáram em todas as epochas mão d'este meio d'instruir deleitando os mais abalisados auctores ; a Grecia nos offerece o exemplo do grande Xenophonte escrevendo a sua *Cyropedia*, e apresenta-nos a litteratura latina em Quinto Curcio um distincto romancista historico. Geralmente se sabe o gosto que na idade-media havia pelas ficções em prosa, e do grande emprego que d'ellas fizeram os trovadores na lingua vulgar, ou *romance*, derivou-lhe o nome por que são mais conhecidas. Já fizemos menção da *Historia d'Amadis de Gaula*, que tão grandes gabos mereceu dos contemporaneos, e que se destaca ufana d'entre os escriptos da nossa segunda epocha litteraria. Barbara era porém a sua dicção, nem com propriedade pode-la-hemos chamar de portugueza, porque em suas fachas infantis envolvia-se então a lingua, que, semelhante á chrysalida aguardava os raios do sol manoelino para metamorphosear-se em brilhante barboleta.

Não nos consta que nem-um escriptor portuguez seguisse os

passos de Vasco de Lobeira antes do saudoso Bernardim de cuja obra passamos a tractar.

Menina e Moça. — Assim se denomina o romance cavalheiresco composto por Bernardim Ribeiro, de quem já anteriormente nos occupamos como poeta bucolico : viu a luz da imprensa na cidade d'Evora em 1557, pouco depois da sua morte. Parece que tal acceitação teve que dois annos depois (em 1559) tirava-se uma segunda edição, que posto que não declare o lugar nem o nome do impressor, crê o Snr. Innocencio Francisco da Silva em seu *Diccionario bibliographico* que sahira da officina d'Arnaldo Birkman, impressor de Colonia. Foi publicada esta obra no reinado de Dom João III, apparecendo entre os livros defesos no catalogo publicado pelo inquisidor-geral D. Jorge d'Almeida; até que sessenta annos depois levantada a excommunhão publicou-se uma terceira edição mudando-lhe o titulo em *Saudades de Bernardim Ribeiro*, e fazendo-se-lhes algumas emendas e alterações. Tem tido até hoje cinco edições sendo a ultima (a de 1852) recommendavel pela sua exactidão e por ter sido cuidadosamente collacionada pela de 1557.

Nem-uma relação tem o titulo com a obra senão por começar ella por estas palavras : *Menina e moça me leváram da casa de meus pais.* Pensam os criticos que é esta a melhor producção de Bernardim Ribeiro, e o primeiro livro de prosa portugueza, tanto em razão da sua harmoniosa e pictoresca dicção, como pela ternura dos sentimentos e delicadeza das descripções.

« E' quanto a mim, diz Costa e Silva, o livro de cuja leitura os poetas podem tirar mais proveito, porque nella depararão com abundancia muitos modos de dizer chistosos, energicos e graciosos, grande copia de phrases pictorescas e elegantes, muitos vocabulos que não merecem o desuso em que estão tanto por sua clareza, como por sua harmonia, muitos donaires d'elocução, com que usando-os a tempo, podem enriquecer o seu estylo [1].»

Confrontado com os contos cavalheirescos em que abundam as litteraturas italiana, hespanhola e franceza d'essa epocha frouxa achar-se-ha a sua acção; faltando-lhe as maravilhas e peripecias

[1] *Ensaio biogr. e crit.*, tom. I. cap. XIII.

inopinadas. Innumeraveis episodios entorpecem a marcha dos acontecimentos, e nem sempre soube-os o auctor ligar com arte á acção principal. O que porém não póde deixar d'inspirar-nos vivo interesse por esse romance, cujo assumpto tão contrario é aos nossos usos, é essa doce melancolia que unge suas paginas, esses quadros bucolicos tão bem pintados, esse profundo estudo da natureza e do coração humano.

Transcrevamos para testemunho do que acabamos de dizer o começo do capitulo segundo em que uma moça conta como se retirára para solidão e porque modo ahi deslisava-se a sua existencia:

Neste monte mais alto de todos (que eu vim buscar pela suavidade differente dos outros que nelle achei) passava eu a minha vida como podia; ora em me ir polos fundos valles que os cingem derredor, ora em me por do mais alto delles olhar a terra em que ia acabar o mar; e depois o mar como se estendia logo apos ella, para acabar onde ninguem visse. Mas quando vinha a noite acepta aos meus pensamentos, que via as aves buscarem os seus pouzos; umas chamarem as outras; parecendo que queria assossegar a terra mesma, então eu triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa (aonde Deus me he boa testemunha de como as noites dormia). Assim passava eu o tempo, quando umas das passadas, pouco ha, levantando-me eu vi a manhan como se erguia fermosa e se estendia graciosamente por antre os valles e leixar ainda os altos. Cá o sol, já levantado até os peitos, vinha tomando posse dos outeiros como quem se queria senhorear da terra. As doces aves batendo as azas andavam buscando umas ás outras; os pastores tangendo as suas frautas e rodeados dos seus gados começavam a assomar polas comiadas. Para todos parecia que vinha aquelle dia assim ledo; os meus cuidados sós vendo como vinha seu contrario (ao parecer poderoso) recolhiam-se a mim, pondo-me ante meus olhos, pera quanto prazer e contentamento podera aquelle dia vir, se não fôra tudo tão mudado; donde o que fazia alegre a todas as cousas a mim so teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, pera o que tinha a ventura ordenado, me começassem de entrar pola lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fôra, senhoreárão-me assim de mim que me não podia já soffrer á par de minha casa, e desejava ir-me por lugares sós, onde desabafasse em suspirar. E ainda bem não foi alto dia quando eu (parece que assinte) determinei ir-me pera o pé deste monte, que de arvoredos grandes, e verdes ervas, e deleitosas sombras, é cheio; e por onde corre um pequeno ribeiro de agoa todo o

anno, que nas noutes caladas o rogido delle faz no mais alto deste monte hum saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o somno; onde outras muitas vou eu lavar minhas lagrimas, e onde muitas infinitas as torno a beber...

Prosegue Bernardim Ribeiro neste tom digno da flauta pastoril de Theocrito e Virgilio, descrevendo com singular primor as scenas campestres, e pintando a agridoce saudade com inimitavel colorido. Cumpre não esquecer que não estava esta simplicidade no gosto do tempo, como veremos analysando os romances de Francisco de Moraes e de João de Barros, e que so nos classicos gregos e latinos poderia encontrar modelos de tão bello estylo.

Encobriu o romancista com anagrammas os verdadeiros nomes dos seus personagens dizendo *Bimnasder*, *Aonia*, *Belisa*, *Avalor*, etc.; em vez de *Bernardim*, *Antonia*, *Isabel*, *Alvaro*, etc.; ou porque se referisse a pessoas da côrte, como pretenderam alguns dos seus biographos, ou (mais provavelmente) por querer subtrahir a uma indiscreta curiosidade os seus mysteriosos amores.

Chronica de Palmeirim d'Inglaterra.—Este romance cavalheiresco é devido á penna de Francisco de Moraes, natural de Lisboa, e nascido nos ultimos annos do seculo decimo quinto, ou no começo do decimo sexto, segundo pensa o Sr. M. Odorico Mendes [1]. Affeiçoado á casa de Linhares acompanhou D. Francisco de Noronha, segundo conde d'este titulo, á côrte de França, onde serviu-lhe de secretario. Foi thesoureiro de D. João III, e commendador da ordem de Christo. Casado com Barbara Madeira foi pai de numerosa prole, e com honra passou a sua vida até o anno de 1572 em que subitamente morreu á porta do Rocio d'Evora conforme o testemunho do abbade Barbosa Machado.

Na posse mansa e pacifica da paternidade do citado romance conservou-se por largos annos Francisco de Moraes até que em seu catalogo dos livros hespanhoes e portuguezes, impresso em Londres no anno de 1826, negou-lhe Vicente Salvá esta honra fa-

[1] Vide *Opusculo sobre Palmeirim d'Inglaterra e do seu auctor*, publicado em Lisboa no anno de 1860.

zendo-a reverter para seu compatriota Luiz Hurtado. Deslumbrados pelo prestigio de que justamente goza o distincto litterato hespanhol seguiram quasi todos os modernos bibliographos o seu alvitre; que parecia incontroverso até que o nosso benemerito patricio, feliz interprete de Virgilio, sahisse a campo para reivindicar em prol do thesoureiro de D. João III a gloria que lhe cabe por haver originariamente escripto em portuguez a sua *Chronica de Palmeirim*. Entre muitas razões habilmente expendidas pelo Sr. Odorico Mendes pareceu-nos irrespondivel a deduzida da data da dedicatoria feita em 1544 á infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel e magnanima protectora das letras. Como é possivel, pondera o Sr. Odorico, que um livro, que se diz que viera pela primeira vez a lume em 1547, escripto em idioma castelhano, fosse vertido para o portuguez trazendo uma dedicatoria composta em 1544 por Francisco de Moraes, a quem pretendeu-se modernamente arrancar-lhe as palmas, que por semelhante trabalho lhe destinou a posteridade? E' pois para nós evidente que o amigo do conde de Linhares é o auctor, e não mero traductor, da *Chronica de Palmeirim d'Inglaterra*.

Le-se no *Manuel bibliographico* de Brunet que fora este romance vertido em francez por Jacques Vincent è publicado em Lyon em 1533, e em italiano por Mambrino Rosco, que o dera á estampa em Veneza nesse mesmo anno de 1533.

São apenas da lavra de Moraes a primeira e segunda partes; sendo a terceira e quarta de Diogo Fernandes; e a quinta e sexta de Balthasar Gonsalves Lobato.

Contra a torrente dos criticos sustenta o Sr. Odorico, com muito bons fundamentos, que a primeira edição da Chronica apparecera em 1544, tres annos antes da traducção castelhana d'Hurtado.

Tal como sohiam ser a de todos os contos e novellas de cavallaria é a fabula d'este livro absolutamente inverosimil, e a cada passo sacrificando a historia á ficção. Phantasticos são todos os nomes de principes e heroes que ahi se encontram, e chimericos todos os factos a que allude.

Falta-lhe a singelesa d'expressão da *Menina e Moça*; por quanto já o gosto dos trocadilhos e empolladas phrases começava a despontar. Sobrecarregadas de tropos são a mór parte das suas des-

cripções e por demais prolixas quasi todas as narrativas. Desconheceu Moraes o talento de pintar com graça que em subido gráo possuiu Bernardim Ribeiro. A reputação porém de que outr' ora gozou, e o apreço em que ainda hoje é tido pelos amadores da lingua obrigam-nos a não omitti-lo na resenha que fazemos dos romancistas da terceira epocha inventariando algumas das suas bellezas.

Como quadro de costumes, como exemplo do modo porque procediam as donzellas para com os seus apaixonados, citemos um trecho do capitulo CXII da primeira parte em que se narra a declaração d'amor que faz Floriano á princesa Leonarda, em presença da imperatriz Polinarda, que semelhante amor patrocinava:

A todas estas palavras a fermosa Lienarda esteve calada e corrida, por ser ainda tão nova naquella casa, e, respondendo a Polinarda disse. Senhora eu não sey que cousa me possaes mandar, nam sendo contra a minha honra, que não faça e receba nisso mercê. Este cavalleiro pera o aver por meu baste ser hirmam de Palmeirim, a quem tanto devo, e primo de V. A., a quem desejo servir. Se elle acha que este nome lhe pode prestar pera alguma cousa, eu consinto que lhe fique: mas quem taes obras tem nam tem necessidade de ajuda ca pequena pera depois lhe atribuyr a honra de seus feitos.

Notavel pela exactidão e feliz escolha dos vocabulos é a pintura das justas que se lê no capitulo CXXVII, começando por estas palavras:

Como os cavalleiros se aparelháram pera justar, Almourol se poz em mêo, pedindo-lhes que se detivessem, té que Miraguarda se pozesse a huma janella, porque vendo a detençam se recolhera. Co'isto pozeram os contos no cham e encostados aas lanças esperáram té que huma das janellas do castello se concertou pera Miraguarda, e como a janella fosse pouco alta Florendos teve lugar d'a olhar a sua vontade, gastando nisso mais tempo do que em tal tempo era necessario. E virando-se contra o cavalleiro das donzellas pedindo-lhes perdão de sua detença cheo de contentamento foi pera elle, que tambem o sayo a receber acompanhado de seu esforço. E encontrando-se nos escudos cõ toda a sua força fizeram as lanças em rachas, passando hum por outro sem fazer nenhum desar. Tomando outras remeteram segunda vez e foi cõ tanta furia, que ambos erráram o encontro, porém

como a cada hum naquelles tempos nam costumasse fallecer acordo logo tornáram voltar cõ tençam d'os acertar melhor a terceira vez...

Bem escolhidas enargueias e rara concisão d'estylo recommendam a seguinte passagem do capitulo CLXVI da segunda parte, em que se descreve uma batalha pelejada entre christãos e os turcos :

O romper das armas, rachar d'escudos, quebrar de lanças soava tam longe e cõ tamanho estrondo que parecia que alli se consomia e desfazia toda a geraçam humana, que os alaridos de alguns barbaros fendiam as estrellas, os gemidos dos feridos e que em aquelle ponto acabavam de dar a vida cõ tamanha lastima se representavam nos ouvidos dos seus amigos que não avia a quem não provocasse lagrimas e dôr...

Pouco adiante traçando a afflictiva situação da cidade serve-se destas bellissimas expressões :

.... A imperatriz cõ toda a sua casa vendo tal batalha, lembrando-lhe o que naquella batalha aventuravam, se mettera em seu apousento. Alli, assolando os paços cõ gritos parecia que a destruyçam d'elles era chegada. Este pranto espargiu por toda a cidade, e as matronas e donas de maior autoridade, postas em cabello, e as faces rasgadas, sayam pela rua gritando té o paço, onde em pequeno espaço se juntáram muitas, como quem no imperador esperavam verdadeiro remedio e socorro.

Poupamos aos leitores a transcripção de muitos otros lugares onde custa a joeirar o bom d'entre myriadas de metaphoras, hyperboles e pleonasmos do mais reprovado e anachronico gosto. Não escrevendo uma historia litteraria temos por unico proposito apresentarmos o que de melhor possuir a nossa litteratura para que de modelo possa servir a juventude.

Chronica do Imperador Clarimundo. — Antes de inventariarmos as bellezas e defeitos d'este romance daremos algumas noções biographicas sobre o seu auctor. Diz o abbade Diogo Barbosa Machado [1] que nascera João de Barros na cidade de Vizeu, provincia

[1] *Bibliotheca Lusitana*, tom. II.

da Beira, no anno de 1496. Revelando singular engenho desde a mais tenra idade foi nomeado por el-rei D. Manuel moço da guarda-roupa de seu filho o principe D. João, o qual apenas de posse do throno escolheu-o para capitão-mór da fortaleza de S. Jorge da Mina, para onde partiu em 1522, e regressando tres annos depois recebeu em premio dos seus bons serviços o emprego de feitor da casa da India, Mina e Ceuta, que com grande probidade serviu até 1567. Falleceu a 20 d'outubro de 1570 na sua quinta da Ribeira d'Alitene, junto a villa de Pombal. Refere ainda o mesmo biographo que tanto aprouvera a el-rei D. Manuel a leitura da *Chronica do imperador Clarimundo*, composta em oito mezes por um mancebo de vinte annos, que o incumbira d'escrever a historia dos gloriosos feitos practicados pelos portuguezes nas partes d'Oriente, sendo esta a origem das *Decadas*, que o constituiram digno emulo de Tito-Livio.

Comprova-se o merecimento d'esta obra pelas successivas edições que tem tido. De cinco temos nós conhecimento sendo a primeira de 1520, a segunda de 1553, a terceira de 1601, a quarta de 1742, e a quinta de 1843.

Apesar da declaração do auctor de ser a sua obra trasladada da lingua hungara ninguem deu-lhe credito, considerando tal declaração como um artificio d'escriptor, que em tão verdes annos arrostava os perigos da publicidade. Nem parece que tivesse o proprio Barros grande empenho em occultar a sua intenção como se deprehende das seguintes palavras exaradas no prologo endereçado a D. João III :

> E por cima das arcas da vossa guarda-roupa, publicamente, como muitos sabem, sem outro repouso, sem mais recolhimento, onde o juizo quieto podesse *escolher as cousas que a fantesia lhe representava* fiz o que meu amor, e vosso favor ordenáram.

Ora, sendo claro que a fantesia é prejudicial ao traductor, segue-se que Barros inventava e não traduzia.

Apartando-se da historia procurou João de Barros o tronco dos reis portuguezes no fabuloso Clarimundo, rei d'Hungria e imperador de Constantinopla. Cheia d'inverosimelhanças, como todos os

romances de cavallaria, é esta *chronica* recommendavel pela correcção de linguagem, graças d'estylo, e frescura d'imaginação. São menos salientes nella os defeitos inseparaveis a taes composições; assim, por exemplo, menos tediosas são as suas pinturas de combates do que na de Palmeirim, menos prolixas as suas descripções de palacios e castellos encantados, e menor é o numero de gigantes cujas enormes cabezas são decepadas pelas terriveis durindanas dos cavalleiros.

Bem sustentado é o caracter do protagonista e naturalmente encadeados os episodios á acção principal. Lances perfeitamente romanescos e de grande moralidade abundam neste livro cuja leitura, si não tem hoje o attractivo que n'outra era causava, não deixa de compensar com usura a quem emprehende-la. Bastante desculpavel é o demasiado colorido de sua phrase num mancebo que se estreava na vida litteraria, preludiando já o elegante e classico historiador, que devera mais tarde ornamentar a nossa lingua.

Segundo o methodo que havemos abraçado exemplefiquemos o que ácima dissemos. Para prova da delicadeza de Barros em suas pinturas transcrevamos a do capitulo XLIV do livro segundo:

Tanto andou o Cavalleiro Descuidado por huma e outra parte, fazendo taes obras que o desejárão todo-los Reys e Princepes ver, e dizião que a vantage que aos outros cavalleiros tinha era com seus descuidos dar tão boa conta de si em toda-las cousas, como os muito previstos nas suas. E seguindo as aventuras sem saber o que seguia, nem por onde caminhava, veio ter huma jornada da cidade de Constantinopla, junto de huns Paços que se chamavão *Todo Prazer*, os quaes estavão mettidos entre duas serras tão frescas de pomares e fructas de todas sortes, que alli se achava o que em muitas partes desfallecia; pois os lavores das sallas, cameras e outros repartimentos de casas e jardins, certo que mais parecia obra pera olhar que pera se della servir. E leixando estas cousas de dentro, pelas serras havia grande montaria e nas varzias debaixo caças de toda a sorte, e por esta causa vinha o Emperador estar alli tres mezes de verão: e quando os negocios do Imperio o não leixavão lograr este tempo vinham alli suas filhas caçar alguns dias...

Nem menos gracioso é o quadro que nos traça o romancista

das costas de Portugal e da entrada de Lisboa que se lê no capitulo I do livro terceiro :

E tomando a minha trasladação, diz o Auctor, que navegando Clarimundo com toda a sua frota, em espaço de doze dias com prosperidade de tempo virão terra, e antes que chegassem a ella, obra de seis legoas, começárão a achar muitas maçans, peras, flôres e outros sinaes do viço da terra. E quanto mais se chegavão a ella tanto mais abastança daquellas cousas achavão. Fanimor como vio estes sinaes onde elle desejava, mandou governar pelo meio das agoas, dizendo que ellas o metterião em porto seguro, inda que á primeira lhes parecesse aspero. Clarimundo vendo-o tão alvoroçado com a vista d'aquella terra perguntou-lhe por ella. Esta he, respondeu Fanimor, a mãi de todo o esforço, que dará seus filhos pera o reparo do sangue de Christo, chamada o Monte da Lua, o qual nome antes de pouco perderá chamando-se Roca de Cintra pera emquanto o mundo durar; e não ficará parte nelle que o não saiba, assi como aquelle que os sinaes desta terra terá tão vivos que nunca os perderá dos olhos; a qual roca he mostra do reino de Portugal que em linguagem scythica quer dizer *Todo o bem*. E porque vós, mui esforçado cavalleiro, na entrada deste porto haveis de achar quem volo defenda será mui bem tomardes armas, e serão estas que vos trago. Então mandou tirar humas de hum verde gracioso com huns arminhos brancos sem outro algum sinal, e no escudo em campo verde a saudade pintada tão triste e chorosa, como tem aquelles que muito amão : com que Clarimundo folgou pór virem feitas á sua tenção. E armado com alguns criados de Fanimor, começárão á entrar por hum rio, que vinha coberto daquellas maçans e flores em tanta quantidade que empedião as náos, que vinhão humas antre outras com vento mui brando e gracioso. E entrando já antre as terras começárão as antenas a tocar de quando em quando pelas pontas das ramas, e com a força que levavão sacudião as flores e fruitos, donde se causava hir o rio qualhado dellas. Pois os roxinoes e passaros erão tantos sobre as enxarcias mostrando o prazer daquella vinda, que vencião em numero a todalas flôres.

As prophecias de Fanimor annunciando as futuras façanhas dos netos de Clarimundo são dos mais bellos lugares do romance, as quaes claramente demonstram o fim para que fôra escripto o livro. São porém frios e dissonantes os versos com que julgou o auctor dever exornar a sua prosa. Tomemos para exemplo os seguintes :

O' almas divinas, que aqui sereis dadas,
Dadas por Christo por mais perfeição,

Ter-vos-hão todos tal veneração
Quanto com obras sereis exalçadas.
Porque pelas terras ireis espalhadas
Banhadas em sangue de vossa victoria
Cobrando d'inimigos tão grande victoria
Que sobre todas sereis collocadas.

Mais habil prosador do que harmonioso poeta descreve com admiravel primor a creação da ordem de Christo; quando fazendo fallar o vidente, diz:

E porque o seu desejo será sempre occupado na destruição de Mafamede, e no exalçamento da fé de Christo, ordenará huma Ordem Sagrada e Militar; os membros da qual, pera serem conhecidos antre os outros homens, trarão nos peitos hum signal de sangue, como aquelle que pera nossa redempção foi ordenado. E a este tal numero dará hum superior, a que chamarão Mestre de Christus.

Animado pelo mais ardente patriotismo allude Barros aos descobrimentos dos seus compatriotas na seguinte mimosa allegoria: « E de suas mãos soltarão aves sem espiritos com cruzes de sangue nas azas as quaes voarão por tantas partes que *darão a conhecer ao mundo que he maior do que elle de si cuidava*; descobrindo com os seus bicos tantos recantos e fraldas da terra, que ajuntados em numero farão por si outro maior corpo do que ella tinha.»

Termina o romance com a chegada a Hespanha n'uma náo encantada de dois filhos do imperador Clarimundo, dos quaes casando-se um d'elles (D. Sancho) com uma filha de D. Affonso VI foi progenitor do conde D. Henrique, d'onde os reis de Portugal descendem.

LICAO XIII

DIALOGOS

E' certamente o dialogo uma das mais agradaveis formas d'instruir aos homens, reunindo á solidez das obras didaticas o movimento dramatico. Foi por isso que os dialogos de Platão, em que tão bem espelhada se ve a grande alma de Socrates, mereceram a maior acceitação d'antiguidade. A belleza d'este genero de composição diz Marmontel[1], resulta da importancia do assumpto e do peso das oppostas opiniões. Deve ser mais um debate do que uma lição; podendo existir ignorancia n'um dos interlocutores, nunca porém absoluta carencia d'espirito.

Na brilhante quadra da litteratura nacional que perfunctoriamente estudamos, notam-se alguns dialogos de reconhecido valor; nem era possivel que a pasmosa fecundidade do engenho lusitano deixasse de consagrar-se a esse tão bello, quão util ramo, da frondosa arvore das letras.

Seguindo a ordem chronologica fallaremos dos auctores que maior nomeada alcançáram, transcrevendo, como de costume, os lugares de suas obras que mais aptos nos parecerem para servirem d'exemplo tanto da pureza de linguagem, como da elevação e nobreza dos sentimentos : servindo ao mesmo tempo de formal

[1] *Eléments de littérature*. tom. II.

desmentido aos que desprezam os nossos escriptores por pouco philosophos.

Imagem da Vida Christan. — Foi composta esta obra em forma de dialogos por Fr. Heitor Pinto, religioso da ordem de S. Jeronymo, e doutor em theologia pelas universidades de Siguença e Coimbra. Era Fr. Heitor um dos caracteres mais respeitaveis do seu tempo, e refere o abbade Barbosa Machado, que havendo elle abraçado a causa de D. Antonio, prior de Crato, contra a de Dom Philippe II, fôra chamado por este a Madrid com o honroso pretexto de faze-lo seu consultor; a cuja capital chegando exclamára com apostolica liberdade: « *El-rei Philippe bem poderá me metter em Castella, mas Castella em mim é impossivel.* » Como era d'esperar desagradou semelhante franqueza ao poderoso filho de Carlos V, e o frade portuguez teve ordem de recolher-se a um convento da sua regra, situado nos arredores de Toledo, onde expirou no anno de 1584.

Entre os escriptos do sabio Jeronymiano occupa a primeira plana a *Imagen da Vida Christan*, dividida em duas partes, e onze dialogos, impressa pela primeira vez em Lisboa em 1572, e segundo o testemunho do supramencionado Barbosa, traduzida em francez, hespanhol e italiano.

Versando quasi que exclusivamente sobre assumptos religiosos e moraes pouco attractivo póde este livro offerecer aos amigos do maravilhoso e que so fortes emoções buscam na leitura. Para os que porém desejarem alguma coisa de substancial, e que indelevel impressão deixe no espirito, encontrárão na obra do douto seiscentista materia para serias e fructuosas meditações.

Essencialmente correcta é a dicção de Fr. Heitor, e sem receio póde ser tomada para modelo. As galas e as pompas da linguagem são por elle menosprezadas, e sacrifica talvez demasiado a forma á substancia. Obstrue tambem a limpida corrente de suas ideias o luxo d'erudição, que averbariamos de pedantesca si por outro homem, e n'outra epocha fosse empregada. Era porém Fr. Heitor Pinto excessivamente modesto; e a superfluidade das citações um contagio de que poucos auctores se poderam então subtrahir. Sempre patriota não esquece jamais d'admittir um portuguez entre os seus interlocutores, collocando de seu lado os mais validos

argumentos, e fazendo-o mais instruido do que os seus oppositores.

Revela-se mais d'uma vez em suas comparações a ingenuidade com que escrevia empregando vocabulos que passariam hoje por grosseiros. Assim v. g. terminando o primeiro dialogo *da verdadeira philosophia* exprime-se nestes termos :

Mas assoma a humida noite e as estrellas que começam apparecer, nos amoestam que nos vamos. E virando-se pera o companheyro disse : sera bom irmos com o padre que com suas palavras e doutrina nos levará tras si, assi *como homem que leva após si cachorros soltos, com lhe hir lançando pedaços de pão, que vão comendo.*

O elogio da justiça feito pelo theologo e que se lê no terceiro dialogo distingue-se pelas sublimes verdades que encerra. Ei-lo :

O justiça, guia de nossa vida, que seria do mundo sem ti? Tu és inventora das leys, mestra dos bons costumes, tu alevantas as virtudes e abates os vicios. Tu és inimiga d'azeda discordia e conservadora da doce paz. Tu espantas os máos e asseguras os bons. Sem ti a ordem he desordem, a vida he morte, o descanso he trabalho, a gloria he infamia, o bem é mal. Tu destruiste a confusão, e pariste a boa governança. Tu livras os innocentes e condemnas os culpados. Tu alegras os justos tristes e entristeces os justos alegres pera que deyxadas suas vans e temporareas alegrias alcancem os verdadeyros e eternos contentamentos. Finalmente tu és aquella gloriosa escada de Jacob, que com huma ponta estava na terra, e com a outra tocava no ceo pela qual huns subiam, outros desciam; porque tu alevantas os justos e sanctos até os altos céos, e derribas os impios e damnados até os profundos abysmos. E pois tu mandas o seu a cujo he, e nós todos somos de Deus, he necessario que nos demos a elle se te quizermos seguir a ti.

Apesar do frequente uso das antitheses ninguem deixará de confessar que é este trecho d'admiravel eloquencia, e primorosa linguagem.

No dialogo quinto *da vida solitaria* encontra-se uma formosissima pintura de Lisboa feita por um italiano que assás perigrinára pelos dominios portuguezes, constituindo-se por isso estrenuo de-

fensor da sua gloria. Cremos que com prazer será lido o seguinte excerpto :

..... A quinta foi a nobreza, riqueza, grandeza e sumptuosidade de Lisboa, cidade antiquissima e edificada pelo grande Ulysses, com o maior e mais rico almazem do mundo, situada ao longo do Tejo, onde se elle com as suas salgadas agoas alarga tres legoas apar donde se vay metter no gram mar Oceano, rio famoso, rico em pescaria, e arêas d'ouro, como o affirma Plinio e o confirma Solino, e outros authores. O qual tomou este nome de Tago, quinto Rey de Espanha, tão antigo que affirma Beroso neste livro que delle temos que foi tresentos e setenta e oito annos antes da fundação de Troya. Ainda que hum vosso Portugues diz que não he este livro de Beroso e fez contra elle e contra alguns outros humas censuras que a meu ver mereciam ser censuradas, sem embargo que elle he muito docto e de varia erudição e grande de quencia. Mas tornando a Lisboa, digo que me parece que o mundo he hum anel e ella he a pedra preciosa do anel. Parece-me que he Lisboa huma praça e feyra de todo o universo, e o porto de Belem he a boca desta praça, onde está firmado o mais bello, sumptuoso e insigne mosteiro de quantos se sabem no mundo, povoado de muitos religiosos e excellentes varões, assi nas virtudes como nas letras.

Excellente e veridico quadro da fragilidade das grandezas humanas deixou-nos o auctor no primeiro dialogo da segunda parte em que tracta da *tranquillidade da vida*. Figurando uma practica entre um religioso portuguez e o prior d'um mosteiro de benedictinos em Marselha serve-se d'estas palavras :

A prosperidade do mundo he como o imperio de Penticoste de aldea, que se costuma em Portugal, ou como o rey da fava, que se costuma em França; que não dura mais que hum dia, ou dous. Hum lavrador faz-se imperador, servem-no de giolhos, levam-lhe a salva, fallam-lhe per magestade, está vestido ás mil maravilhas; acabada a festa torna os vestidos a cujos são, e fica tão aldeão como de antes, tão baxo e abatido como sempre fôra. Assi os poderosos do mundo em quanto nelle vivem e lhes dura o poder, são servidos e estimados, e triumphão a vida em quanto a tem. Mas acabado o imperio, consummida sua prosperidade, fenecida sua vida, são vestidos m'hum lençol, ás vezes roto, e mettidos na terra entregues aos bichos. Aquelles que eram idolos de si mesmos, tão vãos e altivos e soberbos, que de huma só nada se empolavam e inchavam são convertidos

em pó e cinza, e as almas são levadas a tormentos eternos, lugar dos obstinados em malicia, emperrados em vicios, empapados no mundo, e de todos os que morrem em peccado mortal.

E' ainda á esse mesmo religioso portuguez a quem empresta o auctor uma vehemente invectiva contra o máo uso das riquezas e o mais pomposo panegyrico da esmola. Citemos alguns fragmentos de tão edificante passagem:

Quantas pessoas hai que com joyas superfluas que tem poderiam casar muitas orphans, que estão em risco de se perder, e sustentar muitas viuvas, que estão em perigo de se deshonrar. Taes hai que nos peitos e nas orelhas, e nos braços e nos dedos trazem quasi roubado o amparo dos tristes, o remedio dos pobres. Estão com a rica tapeçaria cobrindo as paredes insensiveis e não cobrem, nem ainda com baxos panos os pobres de Jesu-Christo, que andam nús perecendo de frio e de fome. Seu cuydado he satisfazer huns a suas cobiças, e avarezas, outros a suas pompas superfluas, outros a seus edificios sumptuosos em demasia, outros a suas ricas baixellas, outros a suas tapeçarias d'excessivá fineza, outros a exquisitos marmores e alabastros e pinturas e das obras de misericordia não hai lembrança. Gastos em pedras mortas e pedras vivas morrem a fome, despezas em vans superfluidades e das obras necessarias não hai memoria...

Acabamos de fazer justiça ao merecimento litterario de Fr. Heitor Pinto e proclamamos a sua obra como uma das que mais exornam o nosso idioma: tempo é de tambem olharmos para o reverso da medalha.

A tão necessaria vivacidade do dialogo falta inteiramente nos do nosso auctor, que arrastado pelo desejo de moralisar torna por demais prolixas as fallas dos interlocutores. Partindo sempre d'um so principio, e dominado como que por uma ideia fixa, a da superioridade da vida christan, torna amiudadas vezes monotona a discussão, onde parece que todos se acham d'accordo antes de formularem as suas objecções.

Explicando as causas de varios usos e costumes entra o auctor em minudencias improprias da magestade do assumpto, sem perder jamais esse tom cathedratico com que decide todas as questões.

Para melhor preencher o fim a que certamente foi destinado, converia que mais practica fosse a moral d'este livro, e que sahindo da orbita das theorias, em que tanto prima, buscasse nos factos a sua confirmação. Releva porém que não nos olvidemos que era Heitor Pinto um frade, cujos dias se escoavam na solidão do claustro longe do mundo e dos seus enganos.

Dialogos de D. Frei Amador Arraez. — Este illustre prelado que, segundo pensam seus biographos, nascera em Béja pelos annos de 1530, professou em 30 de janeiro de 1546 na ordem dos carmelitas calçados e obteve o grão de doutor em theologia pela universidade de Coimbra. Summamente presado pelo cardeal Dom Henrique serviu-lhe de coadjuctor no arcebispado d'Evora, sendo mais tarde galardoado com a mitra de Portálegre, cujas funcções sanctamente preenchia quando falleceu no anno de 1600.

Do seu espolio litterario apenas possuimos os *Dialogos* que viram pela primeira vez a luz publica em Coimbra no anno de 1589 por industria de Antonio Mariz. Assevera o Sr. Innocencio F. da Silva [1] que tivera esta obra mais duas edições; a de 1604, acrescentada pelo auctor, e igualmente impressa en Coimbra por Diogo Gomes Loureiro, e a de 1846, feita em Lisboa na typographia Rollandiana e em dois tomos.

Gozáram sempre estes *Dialogos* de grande conceito dos amadores da boa linguagem vernacula e são apontados como exemplar do estylo medio, ou temperado. San doutrina, vasta erudicção, tanto sagrada como profana, abundam nos discursos dos interlocutores, optimamente apropriados ao seu estado e condição. Ha quem os prefira aos de Fr. Heitor Pinto em razão da sua maior naturalidade; não sendo porém d'esta opinião o padre Antonio Pereira de Figueiredo que injustamente classificava Arraez em duodecimo lugar no catalogo dos nossos primeiros classicos.

Diz-nos o auctor no seu prologo que impellira-o a amizade fraterna a terminar a obra começada por seu irmão o doutor Jeronymo Arraez fazendo nella *emprego do estudo que para outro livro tinha dirigido*. E justificando-se por have la escripto no idioma patrio serve-se d'estas expressões [1]: «*Não na compuz em*

[1] *Diccionario bibliogr.*, t. I.

lingua latina mas na nossa portugueza; porque a minha tenção foi, e he, aproveitar a todos, e polo mesmo respeito cortei por muitas cousas que fazião muyto mayor este volume. »

Suppõe Arraez um enfermo por nome Antiocho a quem visitam varias pessoas com elle practicando sobre diversos assumptos. Revela Antiocho nessas practicas copiosa instrucção, e, pondo de parte as suas dores, argumenta como o mais arguto dialectico.

Como era natural, principia discutindo com o seu medico, e não poupa epigrammas e apódos contra a sciencia, de que mais do que qualquer outra necessitava. Dignamente responde Apollonio ás accusações e censuras que contra a sua nobre profissão fazia o doente, e consegue convence-lo da pouca razão que o assistia.

Occupa-se o segundo dialogo com uma discussão entre o mesmo Antiocho e um fidalgo chamado Herculano, e forma o seu assumpto a confiança que depositava o enfermo n'um medico que por ser *christão-novo*, devera considerar-se como um ente perigoso. Como fiel transumpto dos preconceitos que então dominavam contra a infeliz raça hebraica copiemos as primeiras palavras d'Herculano, genuino representante dos principios professados pela nata da sociedade portugueza no tempo a que nos referimos.

HERCULANO.

Salve Deos Antiocho, e lhe dê a saúde que deseja. Topei hoje com o doutor Apollonio e delle soube de vossa enfermidade, compadeci-me de vós como a razão e o conhecimento requerem. Mas aveis-me de perdoar se minhas palavras vos aggravarem. Hum homem como vós de honra, e letras, e auctoridade, que saúde espera de inimigos? Já passou o tempo de Telepho e Achilles. Ponde-vos nas mãos de gente que pôz o Filho de Deos na cruz, e o enxaropou com fel e vinagre? Curae-vos com gente suspeita, fiaes della a vida, como que não dá nada perde-la?

E respondendo Antiocho que o seu medico não era judeu e sim convertido ao christianismo, não descobrindo por isso razão para retirar-lhe a sua confiança, replicou-lhe o fanatico fidalgo.

Não he tempo de donaires vós só sois peregrino neste reyno e não sabeis as cousas que nel e se passarão de cincoenta annos a esta parte?

Nunca visteis queimar judeus em Portugal? Não sabeis que se achai por experiencia de que muitos dos que tinhão melhores mostras de christãos estavão mais entregues á perfidia judaica? E he de notar que estando obstinados em seu erro não vemos até agora algum que por elle pozesse molher, filhos, e fazenda, e a propria vida : antes por não perderem cada qual destas cousas, o escondem e encobrem, e dissimulão quanto podem, e fazem quanto lhe mandão, como persuadidos não ser peccado negar co a boca o judaismo, que tem no coração e reputão por crença verdadeira.

Maravilhosamente traçado é o caracter d'Herculano, tibio porém o d'Antiocho; como que se receasse o auctor tornar-se suspeito d'heterodoxia, si a exemplo do grande bispo D. Jeronymo Osorio, sustentasse a causa da tolerancia religiosa, e estigmatisasse os horrendos crimes, que, em nome d'uma religião de paz e amor, practicavam homens desnaturados.

Para amostra da maneira por que D. Fr. Amador Arraez sabia manejar a satyra transcrevamos o chistoso dito d'Antiocho ao seu visitante :

Pareceis doutor theologo, que sae novamente dos gymnasios de Sorbona, inchado de conclusões paradoxas. Os fidalgos portuguezes são muito mimosos, tem-se por parentes do Rey, e parece a cada qual delles que cahio do ceo, e que não ha para elles justiça. A hum ouvi dizer que não avia inveja a todolos Princepes do mundo, sinão de huma so cousa, e era que se servião de homens, que o erão mais que elles.

Consideram os criticos o terceiro *Dialogo* como o mais aprimorado quanto a elegancia do estylo e pureza de dicção. Tracta elle da gloria e triumphos dos Lusitanos, sendo interlocutores o infallivel Antiocho e um cavalleiro conhecido por Aureliano. Si porém considerarmos a mais alguma coisa além da linguagem não poderemos deixar de reparar na grande inverosimilhança que reina em todo elle lembrando-nos que um enfermo no estado em que se achava Antiocho era mui pouco apto para se constituir o narrador das proezas dos seus conterraneos não deixando ao seu hospede senão o triste papel d'humilde ouvinte. Reconhecemos que o sacro amor da patria guiou a delicada penna d'Arraez; mas

desejaramos que não se esquecesse aqui d'arte com que sabia traçar os seus caracteres.

Deparamos no XX capitulo d'esse dialogo com uma breve noticia do descobrimento do Brazil que pela sua simplicidade e relativa importancia não podemos deixar de transcrever:

ANTIOCHO.

Pelo descobrimento do Brazil, que fez o Cabral, se póde começar a entender, como Deus com nossas navegações proveo de remedio a muitas nações de gentios desemparadas do presidio da sanctissima religião e carecidas de humanidade. Quanta fosse a benegnidade do clementissimo Senhor em levar Portuguezes a esta paragem se mostra pela barbaria e cegueira em que jazia, e pela luz do Evangelho, que desfeitas as trevas do seu erro, receberão beneficio divino, cuja memoria estão com animo grato celebrando. Esta terra he conjuncta co a do Perú, mui fertil e fresca. Tão sadia que quasi todos os seus visinhos morrem de velhice, por a natureza os desampare não por alguma infermidade lhes abreviar a vida.

Em duas secções divide-se o cuarto *Dialogo* versando a primeira ácerca das condições d'um bom principe, e a segunda sobre a consolação para a hora da morte. O novo actor é Calydonio, cura e theologo. Incorre no mesmo reparo que ácima fizemos á primeira parte, posto que recommendavel pelas judiciosas reflexões que expõe, e pela nunca desmentida correcção da phrase. Mais adequada a situação d'Antiocho é a segunda parte, onde o auctor põe em relevo a sua amplissima erudicção theologica.

Connexo com o precedente é o quinto *Dialogo* em que o prégador Sabiniano largamente discorre ácerca da paciencia e da fortaleza christans.

Forma o testamento christão o objecto do sexto *Dialogo*, onde o doutor Salonio incumbe-se d'instruir cabalmente ao seu amigo doente dos deveres que pelas leis divinas e humanas tem ainda de cumprir sobre a terra, offerecendo *per accidens* um excellente tractado sobre esta materia.

O septimo ultimo *Dialogo* destina-se a uma douta e pia prelecção sobre o culto e attributos da Virgem Maria, a cujo valioso patrocinio aconselha o religioso Olympio a seu amigo Antiocho que

recorra. Edificantes são os seus ultimos momentos, deixando n'alma do leitor o fragrante perfume da fé.

Dialogos de Francisco de Moraes. — Digamos duas palavras ácerca dos *Dialogos* de Francisco de Moraes, mui proprios para nos darem exacta ideia dos preconceitos em seu tempo dominantes, e offerecendo no dizer do Sr. Ferdinand Denis tres lindissimas scenas de comedias de costumes.

Apresenta-nos o primeiro uma pratica entre um fidalgo e o seu escudeiro em que lem estas caracteristicas palavras:

FIDALGO.

Pois bem! E tendes por honesto que o sangue de hum fidalgo, criado para cousas grandes, se aventure por qualquer? ou parece-vos cousa justa que a dignidade da fidalguia se venda tão barato, como a humanidade vossa? Lança-vos homem diante, porque nos perigos sejais escudo dos nobres, se venceis a virtude delles o causa, se vos vencem não se perde muito nisso; pois está claro, que segundo a natureza gera de vós outros mais do desnecessario, em tres dias comereis tudo como traça. Emfim tendes os espiritos grossos, praticais como sentiz e se viera a mão, assim como o dizeis o credes e esta ignorancia vos faz dignos de menos culpa.

Nem era menor o menospreço que nessa era ostentava a nobreza para com a classe litterata, como se collige das seguintes expressões do cavalleiro, dirigidas ao doutor, e que se encontram no segundo dos referidos Dialogos:

Bem aviado estaria quem com palavras esperasse vencer-vos: huma mercê me fizesse Deos e morresse logo, que visse um batalhão de Turquos e hum de Doutores, para ver como passavam: o conde do Redondo cô duzentas lanças desbaratou duas mil, e nenhum dos inimigos sabia letras, que se todos foram letrados podera desbaratar cem mil, e o feito não fora grande: emfim Hanibal com cento e tantos mil homens passou os Alpes, e se entre elles acertavam de hir tres Doutores nunqua os passára; la deram tantas razões e sustentadas com tanta autoridade, que fizeram o perigo certo e a batalha duvidosa: o caso he que por elle se disse: *Razona bien del arnes mas vistallo quien quisiere.* Duas calidades de homens acho que matam mais homens, que quantas guerras civiz se podem levantar: Doutores e Fisiquos cada um por sua via; qualquer genero destes he mais perigoso napaz, que os imigos na guerra, porque dos huns defendei-vos, e aos

outros entregai-vos, e então onde cuidais que achais remedio para a vida achais a condenação della.

No terceiro *Dialogo* encontra-se a mais veridica photographia dos costumes populares do decimosexto seculo em Portugal. Copiemos a enumeração que faz a regateira do que havia preparado para a recepção do seu noivo, o moço da estribaria :

Mano, não me tinhais vós por tal, a vós so amo, á vós so quero, a vós tenho na vontade, e ainda está por nacer a quem eu desse lenço de Bretanha de setenta reaes a vara, lavrado pellos cantos, cõ molhos de setas de verde e encarnado, como dei a vós, no mêo o meu coração atravessado cõ muitas, que assi trazia eu o meu, e toalha de Olanda para alimpardes o rosto, que como determinava receber-vos por marido, me esmerava em tudo, tendo minha cantareira alva como a neve, e talhas vermelhas como sangue postas nella : pucaro de Estremós pedrado por dentro com serpinha no mêo, feito do mesmo barro, e porque era antigo dei-lhe uma cerada, parecia casi novo, e tudo coberto com seus madriz de Guiné listrados de muitas côres para mór do pó, pratelleiro espanado com seus bacios vidrados, e malega de Flandes pendurada por cordel, e da outra parte redoma azul chêa de agoa de frol para vos borrifar á cabeceira da cama, papel de Santo Antonio, e ramo de palma bento entre elle e a parede por vos não dar olhado.

Cremos que á vista dos fragmentos que havemos citado será o leitor da nossa opinião quando descobrimos em Francisco de Moraes mais talento comico do que romanesco, e mais aptidão para bosquejar com arte as usanças populares do que para phantasiar quadros, e dispôr peripecias. Dava elle mais importancia ao seu romance, monstruosamente concebido e executado, do que aos seus tão simplices e tão verdadeiros *Dialogos*, em que tão pronunciada é a côr local, tão natural a linguagem das classes da sociedade contemporanea que poz em acção. Não é o auctor o melhor juiz dos seus escriptos ; por isso vemos Dante antepor o seu tractado da *Monarchia* á *Divina Comedia* e Petrarcha o fastidioso poema d'*Africa* aos seus tão espirituosos e elegantes sonetos.

LIÇÃO XIV

EPISTOLOGRAPHIA

Constitúe o genero epistolar pela universalidade dos assumptos que póde abranger verdadeira pedra de toque do talento do escriptor. Não ha quem não faça uma carta; poucos porém sabem conservar-se no justo meio que lhe é prescripto pelo bom gosto. Cumpre que nem se perca o auctor nas nuvens da *hyperbole* e da *emphase*, nem rasteje pelas baixas e grosseiras expressões. Pretende Blair que seja a carta a conversação escripta, natural como esta, e subindo, ou descendo de tom, segundo a importancia da materia. Poucos são os escriptores que verdadeira nomeada tenham alcançado em taes composições; assim vemos que apenas cita a antiguidade as cartas de Cicero a Attico, e nos tempos modernos consideram os francezes a madame de Sévigné como o seu primeiro modelo.

Tambem no nosso seculo aureo tivemos um eminente epistolographo, que tanto aproximou-se ao amigo d'Attico, que foi denominado de *Cicero portuguez*. Queremos fallar de D. Jeronymo Osorio, eloquente escriptor da vida de D. Manuel, cuja obra subtrahe-se á nossa analyse por ser composta em estranho idioma. Julguemos suas *Cartas* com imparcialidade dizendo antes duas palavras sobre o auctor.

D. JERONYMO OSORIO

D. Jeronymo Osorio nasceu em Lisboa em 1506 passando-se aos treze annos d'idade para Salamanca em cuja universidade aperfeiçoou-se no idioma latino, e apprendeu o grego para o qual traduziu em elegantes versos as *Lamentações* de Jeremias. Voltando a patria por morte de seu pai, quando apenas contava desanove annós, partiu para Pariz afim d'estudar dialectica, dirigindo-se depois á Bolonha, em cuja celebre universidade graduou-se em theologia, escrevendo aos trinta annos d'idade a obra intitulada *De Nobilitate civili et christiana* pelos seus contemporaneos mui apreciada. Chamado por el-rei D. Manuel regeu em Coimbra a cadeira d'Escriptura, escrevendo nas horas vagas o tractado *De Gloria* com o proposito de restaurar o que fallava nas obras de Cicero. Compoz ainda varias obras em latim, sendo em razão do seu saber incumbido da educação de D. Antonio, filho do infante D. Luiz. Em remuneração dos longos e relevantes serviços prestados á Igreja e ao Estado, elegeu-o D. Sebastião bispo de Silves, no Algarve, cuja diocese com sabedoria administrou até o dia 20 d'agosto de 1580, em que, com setenta e quatro annos, achou eterno repouso na cathedral de Tavira.

Pondo de parte a sua principal obra *De Rebus Emmanuelis gestis*, pelo motivo já exposto, compulsemos as suas cartas por muito tempo ineditas, e cuja publicidade debemos ao erudito professor Antonio Lourenço Caminha, que deu-as á estampa em Lisboa no anno de 1818 n'um pequeno volume em 12.

Consta essa preciosa collecção de nove cartas, versando seis sobre assumptos politicos e tres ácerca de varias psalmos de David. Occupar-nos-hemos unicamente com as primeiras.

E' a primeira carta endereçada a el-rei D. Sebastião, onde, com apostolica liberdade, censura-o por haver concebido o impolitico projecto da jornada d'Africa. Pelo mais opportuno emprego da figura *preterição* reproduz o virtuoso bispo as queixas do povo, e parecendo-lhe depois haver fallado mais livremente do que converia á dignidade real toma a defeza do que condemnava e mostra

com admiravel destreza quão desesperada era semelhante causa, e em quão fracas razões se apoiava. Bellissimo é o exordio d'esta carta em que busca o auctor insinuar-se no animo d'el-rei. Vejamo-lo :

Senhor. Se eu fôra procurador da coroa e tivesse algum feito na mão em que V. Alteza fosse reo e fosse necessario dar-lhe delle relação forçado seria ler-lhe primeiro o processo que a contrariedade, o que nesta carta farei com a verdade e lealdade que devo. Confio no engenho e real espirito de V. A. que terá este por hum dos maiores serviços que lhe posso fazer.

Recapitulando os queixumes dos bons portuguezes emprega estas nobres e leaes palavras :

Dizem os prudentes que o officio do bom rei mais consiste em defender os seus do que em offender os inimigos; e que tanto he esto verdade que nenhuma gloria ganháram princepes illustres nas victorias havidas contra os seus inimigos se dellas não resultasse a seguridade dos seus vassallos.

Néste ponto se lamentão muitos, porque vem ao presente que toda a guerra que se fazia aos mouros, se fez, sem V. A. saber, a portuguezes, e por conclusão não falta quem diga que entre pressa e diligencia ha grande differença; porque se a deligencia não perde a occasião a pressa não espera por ella; e muito maiores inconvenientes se seguem da muita pressa que da pouca deligencia; porque os muito accelerados chorão o que perderão do seu, e os negligentes o que não ganharão do alheio.

Transsuda a mais sancta indignação na segunda carta, escripta do padre Luiz Gonsalves da Camara, mestre e confessor de D. Sebastião, a quem a opinião publica indigitava como causador de todos os males que acabrunhavam o reino. E' toda ella um monumento d'eloquencia e de patriotismo, podendo o leitor avaliar pelo seguinte trecho :

Senhor, sómente aos reis me parecia que se estendia aquella praga de ninguem lhes fallar verdade senão os cavallos, porque elles os desenganão á sua vista de serem ruins cavalgadores; mas eu já vejo que he hum mal que os princepes apegão a todos os que lhe são acceitos; pois sendo V. R. membro de huma tão sancta Companhia, tem tão poucos que lhe

digão a verdade, que passa, como se enxerga no modo com que as cousas procedem em V. R. e o Sr. Martim Gonçalves, vosso mui querido irmão; porque nem os padres da Companhia andão tão fóra do mundo, que não saibão as causas muito publicas nelle, pois alguns até nas muito secretas e particulares se entremettem, nem devem ser tão interesseiros que por seu proveito temporal (como a gente cuida) deixem huma pessoa entre elles tão principal proceder tão singela e confiadamente, podendo com o desengano pôr o remedio, que a quietação desta afligida e desconsolada terra ha mister, e que da virtude e discrição de V. R. se espera; e isto me moveo a querer-lhe escrever do que na terra se passa, como quem o sabe da mais verdadeira maneira, que as cousas da vida se podem saber, e como quem não pretende, nem quer d'el-rei, nosso senhor, nem dos que andão á par delle, mais que o bem commum, e ver a sua patria livre do mais triste estado em que ella nunca se vio; e se V. R. soubesse o amor que sempre tive a Companhia e a V. R. em particular, posto que nunca o tratasse, veria que me havia de crer mais facilmente; e quando o não fizer, Deos que sabe tudo, o julgue.

Primeiramente V. R. está havido na opinião da mais gente desta terra, e ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lhe mais submettem, por mais amigo do mundo e honra do que esse habito requer; porque dizem que quando V. R. se não correo de ser o primeiro da Companhia que acceitasse para sua pessoa os officios publicos e governo da terra, e que logo ordenou as cousas e entabolou seu irmão mancebo, sem experiencia de negocios, sem auctoridade, sahido das escolas de quatro dias com mediocres letras, pobre de conselho, com el-rei menino, para que fôra necessario resuscitar o conde D. Nuno Alvares Pereira, ou outro dos antigos de Portugal, ainda que não fosse mais, que por a decencia de pouca idade d'el-rei, o qual dizem que V. R. o faz homem para não haver mister ninguem, e menino para vosso irmão haver de fazer tudo. E por isso consentio que o cardeal em Leiria aconselhasse a el-rei que lhe desse o officio de escrivão da puridade, por hum so anno, para remedio das calamidades presentes; e para assim o encaixar mais facilmeute e com menos escandalo, o qual foi tanto pelo contrario, que quanto no negocio se empregou mais manha, tanto foi o escandalo maior da terra; porque quando V. R. fôra de parecer que lançassem o secretario Pero d'Alcaçova para mandar buscar a Tras-los-Montes quem entrasse naquelle lugar, parecera zelo da republica; mas quando o effeito disso foi engrandecer vosso irmão, com tanto escandalo de toda a terra; julgarão todos que a este fim se ordenarão estas cousas, e a isso atirou sempre a deligencia de tirar de á par d'el-rei todas as pessoas de que elle mostrava gosto, assim Pero Nunca, cosmographo-mór, por que tomado el-rei, á fome, como agora dizem que está, não podesse gostar sinão de V. R.,

ou de cousa vossa, nem haver que prestavão, senão os que procedessem desta fonte.

Felicita a el-rei na terceira carta pela resolução que tomára de casar-se com uma princeza de França, apesar da pouca vocação com que se sentia para o estado matrimonial, e pesando como habil politico, as consequencias que d'essa alliança resultariam a Portugal, e referindo-se ao mesmo tempo ao dever que corre aos monarchas d'assegurar a duração de sua dynastia conclúe nestes termos :

Huma das mais alegres mercês que Portugal recebeu da mão de Nosso Senhor foi o nascimento de V. A. : não será menos alegre mercê a d'este casamento; porque não sómente dos homens, mas dos montes e dos valles será festejado. Além de tudo isto cumprirá V. A. com que deve aos seus vassallos; porque lhe deve princepes que se pareção com os reis de gloriosa memoria, seus avós; he esta obrigação tamanha que obrigou alguns princepes a sahir dos seus mosteiros, sendo frades professos, por não haverem outros mais chegados á corôa, e não sómente reinarem, mas casarem e terem filhos; porque de outra maneira corrião risco os reinos de se perderem com discordias, ou pelo menos porderem a liberdade; e pois V. A. não he frade, em casar não ha que ter escrupulo, deve o ter muito grande na dilação, por que tarda em officio da justiça, que he pagar o que deve aos seus.

Dirigida foi a quarta carta ao senado de Lisboa exhortando-o para que intercedesse junto á rainha D. Catharina afim de que abandonasse o proposito de retirar-se para Castella em razão das intrigas de que era victima na côrte de seu neto, D. Sebastião. Aqui, como em toda a parte, a franqueza e a fidelidade, fallam pela boca do benemerito prelado de Silves.

Encaminha aos pés do throno na quinta carta suas magoadas queixas contra o procedimento do juiz dos feitos da corôa, que oppunha-se ao pagamento do dizimo do sal, que de *tempo immemorial* se pagava á igreja, cuja direcção lhe fôra confiada. Zeloso defensor das immunidades ecclesiasticas e apoiando as suas argumentações nas mais terminantes disposições canonicas não se ol-

vida jamais D. Jeronymo Osorio do acatamento devido á realeza, sabendo conjuntamente ser energico e respeitoso.

Animado pelo benevolo acolhimento que recebia da rainha Dona Catharina enviou-lhe Osorio uma carta abundando nas considerações que fizera ao senado de Lisboa, e recommendavel pela sinceridade com que se exprime. Tão compenetrada ficou a rainha das allegações do sabio bispo, que respondeu-lhe buscando justificar o seu proceder, e rendendo-se ao desejo dos leaes portuguezes que não queriam ve-la *allongar-se dos ossos de seu marido e filhos*.

Por este rapido elencho que fizemos das cartas do bispo de Silves conhecerá o leitor por que tão estimadas tem sido ellas desde que viram a luz publica. A mais castiça linguagem, apropriado uso dos epithetos, vivo colorido de phrase, grave e vigorosa dialectica, fazem d'esta collecção uma das obras que deve encontrar espaço em todas as boas livrarias. Verdade é que pouco familiares são ellas por tractarem d'objectos de summa ponderação; são porém politicas, moraes e philosophicas, e por qualquer d'estes titulos dignas se tornam de particular estudo.

LICÃO XV

BIOGRAPHIA

Todos sabem que pela palavra biographia entende-se a historia d'um individuo, que por qualquer circumstancia tornou-se notavel. E' indubitavel que fornecem ellas grande subsidio á historia geral d'um paiz, por encerrarem grande numero de factos anecdoticos, que nesta decolocados, sinão improprios, seriam. Estudando minuciosamente a vida dos protagonistas conhecendo de perto o seu caracter, tendencias, e quiçá aspirações, melhor comprehenderemos o drama que ante nós se desdobra. Regeita a gravidade da historia grande numero de pormenores, que com proveito regista o biographo; assim pois de muitos mysterios dos annaes gregos e romanos faz-nos a revelação Plutarcho, cuja leitura J.-J. Rousseau preferia a todas as outras.

Entre os escriptores do periodo manoclino apenas encontramos um a quem caiba propriamente a denominação de biographo, e ainda assim querem alguns que seja elle classificado entre os hagiographos, subdivisão creada para as vidas dos sanctos e varões apostolicos. Desejando porém, quanto nos for possivel, simplificar este nosso tosco trabalho, afastar-nos-hemos por vezes das vigorosas regras bibliographicas em bem da clareza e da facil comprehensão das materias. E' pois em virtude d'este principio, que fugiremos sempre de multiplicar as divisões e subdivisões em que tanto se embaraça o espirito.

PADRE JOÃO DE LUCENA

O Padre João de Lucena é o biographo a quem nos referimos, o qual nasceu na villa de Trancoso, bispado de Viseu, em 1549, entrando na tenra idade de quinze annos para a Companhia de Jesus, onde distinguiu-se pelas suas muitas luzes e exemplar conducta. Lecionou com grandes applausos philosophia na universidade d'Evora, e não menor reputação grangeou como orador sagrado. Falleceu em Lisboa na *casa-mãi* de S. Roque (que assim appellidavam os jesuitas o seu principal collegio), no anno de 1600 deixando apenas duas obras. São ellas uns *Commentarios a S. Matheus*, compostos em latim, que não consentiu-lhe a morte que terminasse, e a *Vida do P. Francisco de Xavier*, impressa en Lisboa em 1600 por Pedro Craerbeck n'um volume *in-folio*. Diz Barbosa que fôra esta obra traduzida em italiano por Luiz Manzono e em castelhano por Antonio de Sandoval, ambos pertencentes á Companhia de Jesus, merecendo igualmente as honras d'uma versão latina, si dermos credito ao testemunho de Manuel Severim de Faria. Occupemo-nos com o seu escripto biographico que intitulou :

Vida do P. Francisco de Xavier, e do que fizerão na India os mais religiosos da Companhia de Jesus.

Os relevantes serviços prestados á causa do christianismo, e por consequencia da civilisação, por S. Francisco de Xavier, serviços reconhecidos pelos proprios protestantes, e que tão sincero quão eloquente elogio dictáram ao illustre Macaulay, acháram no P. J. de Lucena um digno pregoeiro, que em claro, elegante e puro estylo transmittiu-os á posteridade. Não era possivel que percorrendo nós a brilhante pleiade dos classicos portuguezes ometissemos o nome do douto jesuita, que tão bem conheceu e practicou o nosso idioma. Estamos certo porém que não agradará a todos o livro de Lucena, e que poucos quererão dar-se ao trabalho de respigar bellezas d'entre os falsos arabescos e anachronicos ouropeis que o espirito de classe e as ideias do tempo lhe ministráram. Qual é porém o auctor isento de defeitos? e quantos deixáram de

sacrificar nas *aras da moda?* Sejamos justos e avaliemos os homens pelo seu merito intrinseco.

Patriotico coração pulsava em Lucena debaixo da roupeta de jesuita, e digno se faz de menção o modo porque falla do genio maritimo dos portuguezes. Oiçamo-lo :

Os que escreveram em linguagens estrangeiras esta, ou alguma das historias da India, tratam largamente em semelhantes occasiões da calidade e grandeza das náos e armadas, que partem do Reyno; da sorte e numero da gente que levam, e das difficuldades da navegaçam, em que se gasta meyo anno, dobra meyo mundo, descobrem no ceo novas estrellas, nos mares ilhas sem conto, na terra Reynos, portos, cabos nunca vistos. Mas nós que escrevemos em Portugal, e por servir aos Portuguezes, *a quem a viagem e carreira da India he já quasi natureza*, como que somos desobrigados de apontar destas cousas pera entendimento das do P. Francisco, assi nam-he rezam, que nos dilatemos nellas curiosamente.

Do seu talento descriptivo deu-nos o auctor excellente prova na pintura que faz d'um temporal no oceano indico, que se lê no livro quinto capitulo XX; e da qual citaremos este fragmento:

Logo os ventos sahiram saltando d'hum rumo n'outro, e correndo-os todos breve e impetuosamente, como se por sossobrar a náo mudaram os postos e provaram as forças, que por isso o P. Francisco fallando deste grande temporal na carta de Janeiro de corenta e oito lhe chama nam huma so mas muytas tormentas, e as maiores que até então vira no mar. Tres dias e tres noites os assombrou a morte : avendo pola continua çarraçam bem pouca differença d'hum ao outro tempo : senam quanto as agoas, que arrebentando em frol de dia eram da côr do pez, fêas e escuras: de noite quebravam em fogo com tanto espanto, que o poseram a quem as vira da praia. A náo quando o impeto do vento a tomava sobre o cume dos mares mais parecia cortar polos ares que polas ondas; mas subitamente abrindo-se e apartando-se humas das outras aquellas grandes montanhas d'agoa, assi se sumia entre ellas como se a metteram e deixaram nos abysmos. E (sem prejuizo do que acima dissemos) tambem póde ser que estas subidas e descidas tam frequentes e tam profundas sam o profundo do mar, em que o Apostolo se vio no Archipelago da Grecia, e aqui o P. M. Francisco, ambos em serviço do mesmo Evangelho. Esforçou-se a gente a trabalhar ao principio da tormenta, mas depois que o tempo

continuou, e os mares vinham ja feitos de longe, e sobre maneira grossos, nem a náo acudia ao leme, nem os ventos davam lugar a se marearem as vélas, e hum pequeno bolso que mettiam era n'hum momento arrebatado. O escuro da noite, o estrondo das ondas, o assoprar do vento, o ranger da madeira, as vozes dos que mandavam, a grita de todos, nam representava menos que a confusam do inferno. Té que alijadas as fazendas por rimir as vidas, e andando já a arvore seca, sem outro governo que o da furia do tempo, sem outra esperança que a do ceo, sem outro pensamento que o da morte, tudo eram lagrimas e votos.....

Contrasta a vehemencia d'estylo na passagem que acabamos de citar com a simplicidade com que traça o quadro da natureza e producções do Japão. Citemo-lo integralmente :

Ha por estas terras ricas minas de prata, cuja fama e cobiça he a que de tantas millegoas chama as nossas náos, que nenhuma outra mercadoria trazem do Japam. Os campos são regados de rios d'agoa doce muytos e caudais que juntamente com as continuas neves do inverno e chuvas do veram os fizeram fertiles e rendosos, se as perpetuas guerras o nam impediram a agricultura, ou nam levaram ante tempo os fruytos della, com que a terra tem de esterilidade mais infamia que culpa. Cria arroz principal mantimento dos moradores, que elles colhem per Setembro, e trigo que vem grado per Mayo; do qual porém nam fazem pam, dado que o comam noutra iguaria. As fruytas algumas sam as mesmas, ou semelhantes ás nossas, tendo muytas differentes das plantas das quais, todo outro artvoredo he bem coberto o terreno nos altos como nos baixos, povoados de oda a sorte de aves e animaes de cuja caça e montaria grandemente se deleitam, e vivem em parte os Japões; porque nam curando elles, como fazemos na Europa, nem de apascentar gados, nem de pombais pera pombas, nem de outra alguma criaçam em suas casas, ou herdades; pelos campos contudo andam os cavallos, que lhes servem na guerra, os bois em bandos, e os matos cheos de toda a veaçam, porcos, coelhos; nam faltando das aves, faisões, gallinhas sylvestres, pombos, rolas, codornizes, e muytas outras sortes. E da mesma maneira he grande a abundancia de pescado no mar e nos rios. As agoas delgadas e os ares sáos. A terra emfim tão acommodada pera quem se acommoda ao pouco que ha mister a vida, que se não acharam muytas onde ella tenha geralmente o prazo nem melhor, nem mais largo; porque o ordinario he passar a gente dos setenta annos com as forças tam inteiras que começando dos quinze até os sessenta não deixam armas.

Sabia tambem o delicado colorista manejar a penna de Platão e de S. Agostinho; para exemplo do que vejamos de que maneira demonstra elle o consolador dogma da immortalidade d'alma :

Onde ha bom governo e providencia ha sufficiente premio e castigo pera os que merecem. E Deos como autor da natureza governa o mundo que criou em infinita providencia : ha logo de castigar os máos e premiar os bons. E contudo vemos que desta vida mortal muytos dos melhores sahem sem o devido galardam, que a passam e acabam em pobreza, trabalhos, afrontas, infermidades, lagrimas e continuas miserias; á vista de outros sem couto, que sendo indinos de nacer, nam acabam de morrer, cuja he a saúde, a gentileza, a fazenda, a honra, que logram per largos annos triunfando da vida, nam cabendo na terra, sem respeito do ceo, nem memoria do mesmo Deos. Logo nem huns, nem outros acabam per morte de tal maneira que nam fique de todos alguma cousa, em a qual o criador satisfazendo a obrigaçam de sua divina providencia, pague bastantemente a virtude e castigue o vicio. E constando do corpo que se resolve todo nos elementos, sobre nam ser de si capaz de tal satisfaçam, necessario he que confessemos a vida immortal das almas; que como ainda nos corpos lhes cabe mais do prazer e pesar, da gloria e d'afronta, dos gostos e dos desgostos; assi podem apartadas e livres delles de que as criou, ou em pena, ou em premio, quando de tudo isto merecerem.

Com primoroso pincel desenhou o que os rhetoricos chamam *retrato e ethopeia* fallando das feições, e das principaes qualidades do seu heroe :

Foi o P. Francisco de Xavier de justa estatura, mais grande que pequeno, nam falto de carnes, bem formado, e homem de grande compleiçam e forças. O rosto grave e em boa proporçam no cumprimento e largura, a côr naturalmente branca e rosada de mais, de andar sempre como inflammado, os olhos entre negros e castanhos; a testa larga, e nariz moderada, a barba preta, e em todo o sembrante tinha com muyto ar muyta autoridade, trouxe sempre o cabello copado, nam usou nunca manteo sobre a roupeta, que era pobre mas limpa. Andava com ella solta tomando-a com ambas as mãos hum pouco sobre os peitos. Na conversação descarregado, brando pera com todos, e so aspero e rigoroso pera consigo : de altos espirito e generoso coraçam, a quem sem duvida foram estreitos os termos de todo o Oriente, apressado nas execuções, e de tanto valor no commetter das emprezas que entam o julgavam (e muyto mais o ouveram

oje) por temerario os que nam sabiam da divina confiança, com que entrava em tudo, e da luz e prudencia do ceo com que se governava.

Pensamos que sufficientes serão os excerptos que havemos feito para que por si julgue o leitor do merito litterario do P. João de Lucena, e do valor que cumpre dar á sua obra. Uma unica censura no nosso entender se lhe poderia dirigir, e seria o de ser mais panegyrista do que biographo; importa porém que nos lembremos que tanto excedem os feitos do seu heroe ao thermometro das acções humanas, que escrevendo-lhe a vida foi insensivelmente arrastado á apothéose.

DAMIÃO DE GÓES

Nasceu este distincto escriptor na villa d'Alenquer pelos annos de 1501 e sendo admittido ao serviço d'el-rei D. Manuel quando apenas contava nove annos d'idade permaneceu nelle até o fallecimento d'este monarcha, occorrido em 1521. Viajou por varios paizes, tendo o feliz ensejo de prestar á sua patria relevantissimos serviços dando cabal conta das diversas commissões que por el-rei D. João III lhe foram commettidas. De volta á patria recebeu em remuneração os importantes cargos de guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista-mór do reino; além d'uma commenda da ordem de Christo. Amargurados porém foram os derradeiros dias de sua vida; por isso que accusado de sympathisar com as doutrinas de Luthero e d'outros sectarios com quem practicára em suas peregrinações pela Allemanha foi arrastado aos carceres da Inquisição e condemnado a expiar suas culpas em reclusão e rigorosa penitencia no mosteiro da Batalha. Parece porém que lhe fôra relaxada a reclusão e concedida licença para recolher-se á sua casa, onde acharam-no morto casual, ou intencionalmente.

A mais notavel das obras de Damião de Góes, e que por isso escolhemos para assumpto de nosso estudo, é certamente a

Chronica do felicissimo Rey Dom Emmanuel, cuja primeira edição foi a de Lisboa em 1566 *in-folio*. Teve mais tres, sendo duas de Lisboa nos annos de 1619 e 1749 e a ultima em Coimbra em 1790, impressa nas officinas da Universidade.

De merecido conceito goza este classico não hesitando o padre Antonio Pereira de colloca-lo immediatamente depois de Barros, opinião que não partilhamos, ainda que grande seja a nossa veneração para com o illustre philologo oratoriano. Julgando-o inferior a Castanheda, a Lucena, e á alguns outros contemporaneos seus, reconhecemos com o marquez d'Alegrete «que foi elle quem começou a elevar a maior gráo de perfeição a historia portugueza nas chronicas que compoz.»

Simples é o estylo de Góes e grave a narração que faz dos acontecimentos, muitos dos quaes passáram-se a seus olhos, sendo d'outros informado por fidedignas testemunhas. Penetra já em seu livro um raio da luz philosophica e por vezes manifesta velleidades de querer submetter á critica os successos que relata. Para exemplo do que acabamos de dizer bastará mencionar o modo porque refere a horrivel matança dos christãos-novos, effeituada em Lisboa no anno de 1506, e como regeita a versão do milagre que lhe dera origem:

Antes que El-Rei fosse d'Almeirim (diz elle no capitulo CII da 1ª parte) ordenou de mandar Tristam da Cunha á India por capitam de huma armada, da qual e do que nesta viajem fez se dirá adiante, no anno de mil quinhentos e oito, em que tornou. Pelo que nestes dous capitulos que sam os derradeiros desta primeira parte, tratarei de hum tumulto, e alevantamento que se aos dez e nove d'Abril deste anno de mil quinhentos e seis em domingo de Paschoella fez em Lisboa contra os christãos-novos, que foi pela maneira seguinte. No mosteiro de San Domingos da dita cidade está huma capella que chamavam de Jesu, e nella hum crucifixo, em que foi entam visto hum sinal, a que davam côr de milagre, com quanto os que se na egreja acharam julgavam ser o contrario, dos quaes hum christam-novo dixe que lhe parecia huma candêa accesa que estava posta ao lado da imagem de Jesu, o que ouvindo alguns homens baixos o tiráram pelos cabellos arrasto fóra da egreja, e o matáram e o queimáram logo o corpo no resio. Ao qual alvoroço acodio muito povo, a quem hum frade fez huma pregaçam convocando-o contra os christaons novos, após o que sahiram dous frades do mosteiro, com hum crucifixo nas mãos bradando, heresia, heresia; o que imprimio tanto em muita gente estrangeira popular, marinheiros de náos, que entam de Hollanda, Zelanda, Holstelanda e outras partes, assi homens da terra, da mesma condiçam e pouca calidade, que juntos mais de quinhentos, começáram a matar to-

dolos christaons-novos que achavam pelas ruas, e os corpos mortos e mêos vivos lançavam e queimavam em fogueiras que tinham feitas na ribeira, e no resio, ao qual negocio lhes serviam escravos e moços que muita deligencia acarretavam lenha e outros materiaes para acender o fogo no qual domingo de Paschoella matáram mais de quinhentas pessoas. A' esta turma de máos homens, e dos frades, que sem temor de Deos andavam pelas ruas concitando o povo a esta tamanha crueldade se ajuntáram mais de mil homens da terra, da calidade dos outros, que todos juntos a segunda-feira continuáram nesta maldade com mór crueza, e por já na rua nam acharem nenhuns christaons-novos foram commetter com vaivens e escadas as casas em que viviam, ou onde sabiam que estavam; e tirando-os dellas arrasto os lançavam de mistura vivos e mortos nas fogueiras, sem nenhuma piedade, e era tamanha a crueza que até nos meninos e nas crianças que estavam no berço os executavam, tomando-os pelas pernas, fendendo-os em pedaços e esborrachando-o d'arremesso nas paredes.

Cumpre não esquecer em honra do benemerito chronista que assim escrevendo incorria no odio da Inquisição, de cuja vingança já demos noticia. Em todas as epochas houveram homens assás corajosos para estigmatisarem os excessos e abusos d'onde quer que partissem elles.

Offereçamos como specimen da simplicidade e pureza da linguagem de Góes a descripção por elle feita da Terra de Sancta Cruz, hoje chamada Brasil. D'entre muitos bellos trechos demos preferencia a este por mais de perto tocar-nos.

Esta terra de Santa-Cruz que jaz na demarcaçam e conquista destes regnos, com a que descobriram, e conquistáram os reys de Castella, a que chamam Antilhas e Perú, são tamanhas com outras provincias juntas a ella, correndo de norte a sul, que por sua grandeza lhe pozeram os cosmographos desse tempo o nome de novo mundo, as discripções do sitio e clima dos quaes deixarei aos mesmos cosmographos, cujo tal officio he, e eu, seguindo o que toca ao meu, direi algumas particularidades desta provincia de Sancta-Cruz, e dos costumes da gente de que he habitada. A terra he muito viçosa, muito temperada, e de muitos bons ares, muito sadia, tanto que a mór parte da gente que morre he de velhice, mais do que de doenças; tem muitas e grandes ribeiras e muitos bons portos, e muitas fontes de muito boas agoas, a mais da terra he de montes e valles, cheia de bosques em que ha arvores de desvairadas sortes, entre as quaes

he a arvore do balsamo e o páo brasil, hai muitas ervas odoriferas e medicinaes, dellas differentes das nossas, entre as quaes he a que chamamos de fumo e eu chamaria erva sancta, a que dizem que elles chamam *betum*, de cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas, de que eu vi a experiencia, principalmente em casos desesperados d'apothemas ulceradas, fistolas, caranguejas, polipos, frenesis, e outros muitos casos...

A gente desta provincia he baça, de cabello preto, comprido e corredio, sem barba, de mea estatura; sam tam barbaros que em nenhuma coisa creem, nem adoram; nem sabem ler, nem escrever, nem tem egrejas, nem usam imagens de nenhum genero, ante as quaes possam idolatrar, nem tem ley, nem peso, nem medida, nem moeda, nem rey, nem senhor; obedecem sómente áquelles que nas guerras que tem huns com os outros, sam mais valentes, e destes fazem cabeça, em quanto não commettem covardia, andam nús, e se alguns se cobrem sam os nobres, com vestidos que fazem de pennas de papagaios, e de outras aves de diversas côres, tecidos com o fio d'algodam.

Pondo de parte o que a d'inexacto nesta pintura de Góes somos forçados a confessar que a ingenuidade do seu estylo emparelha com a de Pero Vaz Caminha, na sua celebre carta, escripta a el-rei D. Manuel, noticiando-lhe o descobrimento do Brasil.

Como biographo não é elle estreme de defeitos : a imparcialidade não lhe guia a penna quando se refere ao seu heroe. O que mais eram porém as chronicas dos reis, escriptas por pessoas addictas ao serviço, e vivendo em constante dependencia? Prestou porém Damião de Góes assignalados serviços á historia de seu paiz; porquanto, d'envolta com os factos individuaes do seu protagonista, mencionou grande numero d'acontecimentos politicos; e gozando da privança do grande principe que então dirigia os destinos de Portugal podemos nas paginas do seu livro encontrar a explicação de muitos problemas historicos. N'uma palavra tem este escriptor para nós a importancia que Suetonio teve para os romanos.

LICÃO XVI

HISTORIOGRAPHIA

Ninguem desconhece a importancia do estudo da historia, *magistra vita*, *testis temporis*, na phrase de Cicero. Com o fio d'Ariadne conduz-nos ao labyrintho do passado, e faz-nos assistir pela imaginação a factos occorridos em estranhos climas e remotas eras. Fe-la classificar nas bellas letras o encanto que causa-nos a sua leitura; por isso que não poucas vezes a penna do historiador converte-se em pincel, e descrevendo, ou narrando, deslumbra-nos pelo brilhantismo do colorido.

De duas diversas maneiras póde-se escrever a historia : ou como testemunha impassivel dos acontecimentos registrando-os sem fazer-lhes o menor commentario; ou apreciando as causas d'onde dimanam os successos, e procedendo á rigorosa autopsia das circumstancias que mais ou menos actuáram sobre elles. O primeiro d'estes methodos produz a chronica, que regeita a critica, e interrogando as tradições populares apressa-se em enfeixa-las n'um ramalhete de maior ou menor fragrancia. Foi Herodoto o patriarcha d'essa escola, que contou illustres adeptos, sendo Fernão Lopes o que em Portugal maior nomeada grangeou. Submette a segunda escola todos os factos á luz da critica, e nunca conta sem que moralise e raciocine. É mais philosophico e infinitamente mais util o segundo d'estes methodos : cumpre porém reconhecer que exige elle da parte dos escriptores e dos leitores certo gráo d'adiantamento que lhes permitta estudar com impar-

cialidade o passado, cortando não raro por legendas que sobremodo lisongeam o orgulho e a vaidade nacionaes.

É evidente que antes do seculo manoclino não podia existir em Portugal a historia, como a comprehenderam Thucydides e Tacito; porque não estavam preparados os animos para ouvi-la e aprecia-la. Coube a João de Barros a gloria d'inaugurar a *era historica*, impedindo-lhe o seu hyperbolico patriotismo, e exagerada admiração por Tito Livio d'attingir a perfeição, que, do seu talento, e meios de que dispunha, faziam-se esperar.

Forma João de Barros a transição entre a chronica e a historia participando a sua obra d'ambas as naturezas. Havia elle emprehendido a gigantesca tarefa de narrar as façanhas de seus compatriotas nas quatro partes do mundo então conhecidas; circumstancias porém que não chegáram ao nosso conhecimento impediram-lhe tão louvavel desejo. Resta-nos apenas uma parte da vasta encyclopedia historica que delineará, e para a qual consta que juntára grande cabedal de documentos.

Já noutro lugar algumas noções biographicas demos d'este eximio escriptor, que com Camões, Sá de Miranda e Ferreira tanto contribuiu para o aperfeiçoamento do idioma portuguez: consideremo-lo agora como historiador e analysemos a sua

Asia, ou Décadas dos Feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente.

Em quatro secções, denominadas *Décadas*, a exemplo de Tito Livio, dividiu elle a sua historia, as quaes foram separadamente publicadas vindo a luz a primeira e a segunda em 1553, a terceira em 1563, e a quarta em 1615. Assevera o abbade Barbosa Machado que as duas primeiras decadas foram traduzidas em italiano por Antonio Ulloa. Faltou-lhe a vida para a conclusão d'esta obra, cuja ultima parte foi impressa depois da sua morte e sahiu dos prelos de Madrid. Para terminar o glorioso padrão que se propuzera d'erguer aos altos feitos lusitanos foi designado Diogo do Couto, com o qual nos occuparemos na quarta epocha da litteratura, a que pertence.

Já exprobamos á Barros a sua parcialidade para com todas as acções de seus compatriotas, e a injustiça com que tracta os inimigos do seu paiz. Em suas paginas são os orientaes pintados com

tetricas côres, e pouco faltou para que como anthropophagos fossem elles representados. A differença de culto arrastou tambem o douto historiador a inexactas apreciações: e consagrando implacavel odio aos sectarios do *Korão*, ou aos adoradores de Brahma e de Budha, obstinou-se em desconhecer nelles a menor particula de virtude. Com que arte, com que singular talento, busca elle atenuar os erros, e até os crimes, de seus compatriotas!! Não eram elles patriarcados por esses heroicos peregrinos que iam ás regiões d'aurora dilatar as fronteiras da fé? Aos seus olhos, obcecados por um falso zelo religioso, tanto bastava para justifica-los.

Pretende Sismondi que a parcialidade de Barros era uma condição indispensavel para que a sua obra fosse verdadeiramente nacional, para que aprouvesse aos seus conterraneos. « Era parcial, diz elle, é verdade, mas tanto quanto deve-o ser um historiador nacional para que interesse. Para que tomaria a penna se não tencionava alçar um glorioso monumento á sua patria? Não te-la-hia trahido, si, consultado sempre como advogado, a condemnasse como juiz? Poderá animar, electrisar os leitores pelo enthusiasmo que produz os grandes feitos quem os dissecar para amesquinha-los, com afan buscar os vergonhosos motivos das acções illustres, suffocar os sentimentos pela duvida, ou communicar ao seu livro o gelo que lhe enerva o coração? Mais vezes acontece o descobrir-se a verdade pelos escriptores parciaes pelo seu paiz do que pelos que por elle nada sentem; porquanto, privados do sentimento, são incapazes d'apreciar coisa alguma com exactidão[1]. »

Discordamos da opinião do distincto escriptor, cujas palavras acabamos de citar; por isso que entendemos que a missão do historiador é semelhante á do juiz, que, com os olhos fitos na justiça, pouco se lhe deve importar que agradem, ou deixem d'agradar, as suas sentenças, so esperando da posteridade a sua confirmação. Avantajam-se no conceito dos homens sensatos os auctores que melhor luctáram com os preconceitos dos seus contemporaneos, e cujas vistas perspicazes lobrigáram os horisontes longinquos da verdade. Perderam coisa alguma do seu patriotismo D. Jeronymo Osorio, e Damião de Góes, por haverem estigmatisado as carnifi-

[1] *De la littérature du midi de l'Europe*, t. II, ch. XXXIX.

cinas dos judeus, e as crueis medidas contra elles ordenadas? — Eram no entanto essas ideias populares; e a aversão aos inficis parecia fazer parte integrante do caracter nacional.

Honrosos para Portugal e uteis á civilisação foram as façanhas dos Almeidas, Albuquerques, Pachecos e Castros; cumpre porém não perder de vista que defendiam os asiaticos os seus lares, injustamente aggredidos por esses audazes navegadores que dos confins da Iberia vinham ás margens do Ganges e do Indo avassallar os reis e impor-lhes sua pesada alliança.

D'esses abusos, d'essas violencias contra todo o direito divino e humano, que artificiosamente occulta Barros debaixo do esplendido ouropel do seu poetico estylo, fazem menção Castanheda, Couto, Jacyntho Freire, e outros que não receáram nodoar a opa do triumpho lusitano com a confissão da verdade.

Preferiu porém Barros a tuba epica ao buril da historia, e assim como precedera Herodoto a Homero publicou elle a sua primeira década no mesmo anno em que Camões partia para a India. A pompa do seu estylo, o enthusiasmo que inspira as suas narrativas, faziam-no digno de preludiar a epopéa. Eis como a tal respeito se exprime um dos mais conceituados criticos portuguezes, o distincto Francisco Dias Gomes : « Pelo longo estudo que fiz das suas obras convenci-me que preparou esse grandiloquo estylo de que mais tarde se serviram os nossos poetas epicos. »

O despeito de Barros por não terem-se aproveitado os portuguezes da offerta de Colombo, cujo feliz descobrimento reverteu todo em proveito de seus emulos, revela-se na maneira porque descreve a volta do almirante a Lisboa.

Procedendo por esta maneira (diz elle) as cousas deste descobrimento, estando El-Rey o anno de quatrocentos e noventa e tres a seis de Março em Val do Paraizo junto do Mosteiro de N. S. das Virtudes, Termo de Santarem; por razão da peste, que andava por aquella Comarca foi-lhe dito que ao porto de Lisboa era chegado um Christovão Colom, o qual dizia que vinha da Ilha de Cypango e trazia muito ouro e riquezas da terra. El-Rey porque conhecia este Colom, e sabia que por El-Rey D. Fernando de Castella fôra enviado a este descobrimento, mandou-lhe rogar que quizesse vir a elle pera saber o que achára naquella viagem; o que elle fez de boa vontade, não tanto por aprazer a El-

Rey quanto por o magoar com sua vista. Porque primeiro que fosse a Castella, andou com elle mesmo Rey D. João, que o armasse pera este negocio, o que elle não quiz fazer por as razões que abaixo diremos. Chegando Colom ante El-Rey, pero que o recebeu com agazalhado, ficou muy triste, quando vio a gente da terra, que com elle vinha, não ser negra, de cabello revolto, e do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto, côr e cabello, como lhe diziam ser a da India, sobre o que elle tanto trabalhava. E porque Colom fallava maiores grandezas e cousas da terra do que nella havia, e isto com huma soltura de palavras, accusando e reprehendendo a El-Rey em não acceptar a sua offerta, indignou tanto esta maneira de fallar a alguns fidalgos, que ajuntando este avorrecimento de sua soltura com a magoa que viam tel El-Rey de perder aquella empreza offereceram-se delles que o queriam m tar, e com isto se evitaria ir este homem a Castella. Cá verdadeiramente lhe parecia que a vinda delle havia de prejudicar a este Reyno, e causar algum desassocego a S. Alteza, por razão da conquista que lhe era concedida pelos Summos Pontifices, da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offertas El-Rey não aceiptou, antes as reprehendeu como Princepe Catholico; posto que desse feito de si mesmo tivesse escandalo; e em lugar disso fez mercê a Colom, e mandou dar de vestir de gran aos homens que trazia daquelle novo descobrimento, e com isso o espedio.

Ninguem deixará d'estranhar a frieza com que Barros menciona o nefando projecto d'alguns fidalgos portuguezes : não achando uma so expressão de censura limita-se a dizer que D. João II não acceitára o offerecimento por ser principe catholico! Cremos que se desgraçadamente se tivesse consummado o crime não deixaria o historiador d'attenua-lo, pintando-o com o justo disforço pela *soltura de palavras* com que se exprimia Colombo, ou ainda por ter dado a outrem o que Portugal regeitára.

Nem menos injusto é João de Barros para com esses dois illustres portuguezes que particulares desgostos levâram a prestar a Carlos V o poderoso auxilio de seu genio e pasmosa audacia. Jamais louvaremos taes actos de desespero; e os Themistocles, Alcibiades e Coriolanos não podem encontrar nada que justifique as suas defecções. Cumpre porém não calumniar-lhes a memoria, bastante onerada pelo peso da verdade. Fernão de Magalhães e Ruy Falleiro não merecem, quanto á nós, os affrontosos epithetos que lhes prodigalisa o auctor d'*Asia Portugueza*.

Como seu modelo (Tito Livio) acolhia Barros as tradições com pouco discernimento; e uma vez que fossem ellas favoraveis aos seus bastava para dar-lhes carta de cidade. Demasiadamente rhetorico aprazia-se em fazer discursos, que nem sempre são apropriados ás personagens a quem são attribuidos.

Taes são no nosso entender os principaes defeitos de Barros como historiador; considerando-o porém como panegyrista, ou encomiasta, convertem-se elles em bellezas.

Si como escriptor o submetter-mos a critica pede a equidade que digamos que poucos em nosso idioma como elle compuzeram. Innumeras são as passagens de rara perfeição d'estylo que em sua obra encontramos; obrigando-nos a estreiteza do espaço a pouquissimas transcripções.

Logo no capitulo XVI da primeira Década deparamos com o retrato do infante D. Henrique, notavel pela perfeição dos costumes e regularidade detraços:

Este excellente Princepe foi filho terceiro d'El-Rey D. João, o primeiro, de gloriosa memoria, e da Raynha D. Philippa, sua mulher, filha do duque João d'Alem-Castro, e irman d'El-Rey D. Henrique, o quarto, d'Inglaterra. E como da excellencia do sangue pela maior parte procedem todalas inclinações da pessoa podemos crer que sobre este fundamento Deus edificou nelle as outras d'alma, que emquanto viveu mostrou em suas obras. Dizem que a estatura do seu corpo era de compassada medida, e de largos e fortes membros, acompanhados de carne, a côr da qual era branca e corada, em que bem mostrava a boa compleição dos humores. Tinha os cabellos algum tanto alevantados, e acatamento, á primeira vista (por gravidade de sua pessoa), hum pouco temeroso a quem delle não tinha conhecimento: e quando era provocado á ira mostrava huma vista esquiva, e isto poucas vezes; porque na maior força de qualquer desprazer que lhe fizessem, estas eram as mais escandalosas palavras que dizia: *Dou-vos a Deus, sejais de boa ventura*. A continencia do seu vulto era assocegada, a palavra mansa, e constante no que dizia, e sempre eram castas e honestas; e esta religião da honestidade guardou não sómente em as obras, mas ainda nos vestidos, trajos da sua pessoa e serviço de casa.

Como amostra do quanto prima Barros nas descripções copiaremos o começo da que traça do sitio em que está edificada a cidade d'Ormuz.

A cidade de Ormuz está situada em huma pequena ilha chamada Gerum, que jaz quasi na garganta de dentro do estreito do mar Persio, tão perto da costa da terra de Persia, que haverá de huma á outra tres legoas, e dez da outra Arabia, e terá em roda pouco mais de tres legoas, toda mui esteril, e a maior parte huma maneira de sal e enxofre, sem naturalmente ter hum ramo, ou herva verde. A cidade em si he mui magnifica em edificios, grossa em trato, por ser huma escala onde concorrem todalas mercadorias orientaes e occidentaes a ella, e as que vem da Persia, Armenia e Tartaria que lhe jazem ao norte, de maneira que não tendo a Ilha em si cousa propria, per carreto tem todalas estimadas do mundo. Porque té agua, cousa tão commum, tirando alguma de tres poços e cisternas, toda lhe vem da terra firme da Persia, parte della em vasilhas, e a outra solta em barcas com toda a hortaliça, verdura, frutas verdes, sorôdea que despende que he em abastança assi da comarca a que elles chamam Mogortão, como destas Ilhas que tem por visinhas, Queixome, Larec e outras; com o que a cidade he tão viçosa e abastada que dizem os moradores della, que o mundo he hum anuel, e Ormuz huma pedra preciosa engastada nelle.

Modelo de simplicidade é a narração da tomada de Malaca pelo grande Affonso d'Albuquerque, de que daremos um fragmento :

Recolhido Affonso d'Albuquerque ás náos, mandou logo El-Rey Mahamed com grão deligencia reformar suas estancias e dobrallas em artelheria e resistencia. E porque vio que no dia da entrada dos nossos começáram seguir a rua larga, alem de novamente fazer na boca della huma tranqueira mandou minar toda a rua, e enterrar nella humas canas grossas cheas de polvora, e semealla de abrolhos de ferro com peçonha, e assi os lugares por onde podiam os nossos fazer entrada, pera os encravar e queimar. Fez tambem alem desta huma cousa mui nova, que em sua vida em quantas guerras teve nunca fez, pagar soldo aos Jaos, porque soube que naquella entrada que os nossos fizeram na cidade não pelejaram tambem como elles costumam e puderam fazer...

Finalmente em algumas consultas que Affonso d'Alboquerque teve com os Capitães, assi por parte delles, como sua, occorriam tantas cousas humas em contrario de outras té que per derradeiro vieram a concluir que acabassem de ver o fim desta empreza, que foram buscar por tão comprido caminho. Porque Deos não moveo o animo delle Affonso d'Alboquerque per acabar no que tinham feito, e nos inconvenientes que punham, mas pera fim e gloria de sua Sancta Fé, porque d'alli se fosse estendendo por aquellas grandes regiões Orientaes tão cáfaras dos meritos da sua Redemp-

ção, e apagar aquelle fogo de Mahamed que se começava accender per todas aquellas partes; da communicação que o Gentio della tinha com os Mouros daquella cidade, a qual era já feita huma casa d'abominação de infernal doctrina.

Do estylo florido e derramado serve d'exemplo a narrativa da chegada d'Albuquerque á cidade de Goa; da qual tambem faremos este extracto :

Chegando Affonso d'Alboquerque á barra de Goa com toda a sua frota, leixou em baixo as náos grandes da carga, e levou á cima ao porto de Goa as de pequeno porte, que podiam levemente hir pelo rio. Na sahida do qual em terra a cidade lhe tinha feito hum solemne recebimento, e quando foi a entrada da porta da cidade, hum Mestre Affonso, homem letrado, Fysico, que servia de Juiz Ordenario, lhe fez huma oração. A substancia da qual era, como elle ganhára aquella cidade aos Mouros, com que ácerca dos Reys e Princepes da India, por ser ella huma das mais notaveis daquellas partes, a nação Portuguez, não sómente tinha ganhado grão nome, mas ainda em ser sua era hum duro jugo, que cada hum destes Princepes tinha sobre o seu pescoço...

E em dizendo estas palavras o Capitão da cidade, lhe entregou as chaves della, e elle depois lhas tornou a dar, e de si foi á Sé dar graças a Deus da mercê que lhe tinha feito em o trazer aquella cidade, onde estavam todos os seus desejos, e d'ahi ao seu aposento. Passados dous dias da sua chegada, começou elle a entender nas cousas de sua obrigação e officio, pedindo razão a cada hum do que tinha feito, começando primeiro naquelles a que ante da sua partida tinha mandado alguma cousa, assi como a Diogo Fernandes de Béja, que mandára desfazer a fortaleza de Çocotará...

Com grande eloquencia enumera o illustre historiador os perigos arrostados por seus compatriotas, quando por occasião do naufragio d'Affonso d'Albuquerque nos baixos d'Arú, na costa de Sumatra, diz :

Entre muitas cousas de grande admiração, que esta nossa conquista Oriental tem, e muito pera ponderar com discurso de prudencia, he, que além de contendermos accidentalmente per armas com homens de tão varias nações e sectas, como nella ha, temos perpetua contenda com os elementos, sendo cousa mais bruta, féra e impetuosa que Deos creou, que

té nosso tempo não temos visto, em alguma gente. Porque se lemos guerras de Persas, Gregos, Romanos, ou de outras nações desta nossa Europa, nas quaes ouve grandes perigos no rompimento d'exercito com exercito, trabalhos de fome, e sede e vigilia na continuação d'algum comprido cerco, frio e ardor do sol na variação dos tempos e climas, grandes enfermidades na corrupção dos ares, ou mantimentos, e outros mil generos d'accidentes que chegam a estado de morte, todos estes perigos e trabalhos passa a nossa gente Portuguez em suas navegações e conquistas. E sobretudo peleja com a furia do vento, impeto do mar, dureza da terra, temendo seus baixos e encontros; e finalmente tem posta a vida e morte esse tão breve termo, como são tres dedos de taboa ás vezes com'esta do Busano, e no descuido de cahir em huma pevide de candea em lugar onde se possa atear, e em outros muitos particulares e miudos casos de que resulta tão grande cousa, como vemos em tanto numero de náos que são perdidas. Em cada huma das quaes podemos affirmar que se perde huma mui nobre Villa deste Reyno em substancia de fazenda e em nobreza de gente. E o que mais devemos lamentar por parte delle, he, que vem os homens daquellas Orientais regiões salvos do fogo e ferro de tanto Mouro e Gentio, como nellas habitam, trazendo as náos carregadas dos seus despojos; e hum tão pequeno perigo como este que apontamos, confunde tudo no abysmo do grande Oceano, principal sepultura dos Portuguezes, depois que começáram seus descobrimentos.

Na passagem que acabamos de citar vence o espirito philosophico ao animo bellicoso que dictou a *Asia Portugueza* : arranca-lhe o naufragio d'um dos protagonistas do grande drama indiano a sincera confissão dos males e perigos inherentes a essas longinquas e perigosas conquistas.

Para rematar os excerptos que havemos feito da inimitavel obra de João de Barros, transcreveremos o primoroso quadro que traçou dos ultimos momentos do vencedor de Malaca e d'Ormuz :

Affonso d'Alboquerque lida a carta, temendo que estas novas podiam fazer alguma mudança no que elle leixáva ordenado em Ormuz pera onde a náo hia, tomou-lhe quantas cartas levavam de Dio, e pera isso lhe mandou dar juramento, e deo-lhes outras pera seu sobrinho Pero d'Alboquerque dando-lhe aviso do que devera fazer. Espedidos esses Mouros com mercê que lhes fez, ficou so com Diogo Fernandes, e Pero d'Alpoem, e tornando ler a carta de Cide Alle, quando veio a dizer que vinha Lopo Soares por Capitão-Mór, disse : *Lopo Soares por Capitão-Mór á India! este he, e*

não podia ser outro : e Diogo Mendes, e Diogo Pereira, que eu mandei presos ao Reyno por culpas que tinham, El-Rey Nosso Senhor os torna cá mandar, hum por Capitão e Feitor de Cochij e outro por Secretario! tempo he de acolher á Igreja ; e assi fico mal com El-Rey por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'El-Rey. E levantando as mãos a Deos, disse que lhe dava muitas graças, pois em tal tempo El-Rey mandava Capitão-Mór, porque (segundo o estado em que elle se achava) sua vida seria mui breve. E com isto começou tomar huma continua de palavras dizendo : *Tempo he de acolher a Igreja ;* e quanto gosto tinha de dizer isto tanto lhe aborrecia comer, e todalas cousas de folgar e prazer, que Diogo Fernandes e Pero d'Alpoem lhe representavam, por lhe verem enfraquecer muito os piritos, assi com a enfermidade, como com as novas que lhe deram, esperando elles outras cousas de seu galardão. E o que mais o enfraqueceo, foi junto de Dabul, onde achou huma náo que fôra em companhia de Lopo Soarez, na qual hia por Capitão e armador hum Joannes Impole, o qual per mandado de Lopo Soares hia a Dio a vender mercadoria, e fazer roupa pera levar a Malaca, onde por seu contracto havia de hir carregar. O qual Joannes mui particularmente lhe contou cousas que pera sua saúde foram veneno, e pera quietação do seu espirito mui damnosas; porque vendo elle as que El-Rey cá ordenara pera o governo da India, tão contrarias ao que elle entendia que deviam ser, e do que lhe tinha escripto, foram pera elle huma abreviação da morte. Espedido Joannes, chegou sobre a barra de Dabul já com sinaes della, onde não fez mais detença que emquanto lhe trouxeram huns poucos de figos, rabãos, e outras verduras, as quaes fizeram nelle pouco alvoroço, por tudo lhe aborrecer, e de nenhuma cousa tinha mais cede que de chegar a Goa. A qual elle chamava terra da sua promissão, por a grande esperança que sempre teve de lhe El-Rey nella dar algum galardão de seus serviços com acrescentamento de honra; cá em algumas cartas que lhe El-Rey escrevia ácerca do contentamento que tinha das victorias que lhe Deos dava, isto lhe dava entender. E posto que as novas que elle houve de Lopo Soares lhe quebráram o animo desta esperança, ainda confiado na grandeza de seus serviços, desejava em extremo ver cartas d'El-Rey, porque nellas podia ver cousa que lhe desse mais vida do que a enfermidade promettia. Indo assi com esta agonia do espirito, e morte que já com elle começava lidar, porque Diogo Fernandes e Pero d'Alpoem viam que muita parte daquelle trabalho em que estava, era por não ver em sua vida algum galardão de seus serviços, polo alliviar daquella dôr do animo fizeram com elle que escrevesse alguma carta pera El-Rey, quasi como nisso em alguma maneira podia desabafar. O qual importunado delles mandou escrever estas regras, que já mal assinou : *Senhor, esta he a derradeira que com soluços de morte escrevo a Vossa Alteza, de quan-*

tas com espirito de vida lhe tenho escripto, pola ter livre da confusão desta derradeira hora e muito contente na occupação do seu serviço. Nesse Reyno leixei hum filho, por nome Braz d'Alboquerque, ao qual peço a Vossa Alteza que faça grande, como lhe meus serviços merecem. Quanto as cousas da India ellas fallarão por si e por mim. Chegando a barra de Goa, onde eram todos os seus desejos, parece que permettiu Deus pera sua salvação não sahir em terra; cá não ouve mais espaço que emquanto o Padre Frei Domingos, Vigairo-Geral, que elle já per o bargantim tinha mandado buscar, esteve com elle nas cousas da sua alma, a qual deo a Deos da chegada á barra cinco horas, hum Domingo pela manham, deseseis de Dezembro de quinhentos e quinze, em idade de sessenta e trez annos.

Purissima é sempre a linguagem de Barros com razão nomeado como um dos mestres da lingua. Pecca porém não poucas vezes contra a clareza e concisão pelo seu demasiado amor aos hyperbatons e periphrases que fazem quasi que interminaveis os seus periodos. Era porém esse o gosto da epocha, cuja acção nunca deixa de manifestar-se nos escriptos, ainda dos mais eminentes engenhos.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA

Ignora-se o anno em que nascera este distincto escriptor, sabendo-se unicamente que vira a luz em Santarem, sendo filho natural de Lopo Fernandes de Castanheda em cuja companhia passára á India em 1528, onde ideára e escrevera a obra que o immortalisou, e na qual empregou o espaço de vinte annos estudando o theatro dos acontecimentos, cuidadosamente pesquisando os documentos, e interrogando as tradições. De volta á patria, rico de noticias, e pobre de fazenda, viu-se obrigado a aceitar o emprego de bedel do collegio das artes na universidade de Coimbra e guarda do respectivo archivo, no desempenho de cujas funcções falleceu a 23 de março de 1559, como consta do seu epitaphio que até pouco tempo existia na igreja parochial de S. Pedro de Coimbra. A unica obra d'este desditoso escriptor de que temos conhecimento é a

Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes, da qual apenas se publicáram oito livros entre os annos

de 1551 á 1561, ficando ineditos os nono e decimo, apesar de concluidos.

Temos á vista a nova edição feita em Lisboa em 1833 pelo impressor Rolland em oito volumes em 4°; a qual diz-se collacionada pela primeira de Coimbra, a que acima nos referimos.

Mereceu esta excellente historia a honrosa distincção de ser traduzida em hespanhol, francez, inglez e italiano, sendo citada pelos mais distinctos escriptores nacionaes e estrangeiros como o melhor guia para entrar-se no verdadeiro conhecimento da Asia Portugueza.

Posto que não possúa Castanheda a magestade do estylo de Barros, nem a sua erudicção leva-lhe contudo á palma em ser quasi que uma testemunha ocular do que narra pelo acurado estudo que fez dos homens e das coisas da India.

Da dedicatoria endereçada a el-rei D. João III collige-se qual o plano que adoptára :

. . . . . .

E sentindo eu tamanha perda como fôra perder-se a memoria de feitos tão notaveis que hos Portuguezes fizerão, e pelas mais rezões que digo me dispus a tamanho trabalho, como levei em fazer, pera ho que me ajudou muyto ir a India, onde fui com Nuno da Cunha em companhia do licenciado Lopo Fernandes de Castanheda, meu pay que por mandado de V. A. foy o primeiro ouvidor da cidade de Goa. E a riqueza que lá trabalhey por alcançar foy saber muyto particularmente ho que até aquelle tempo fizerão os Portuguezes no descobrimento e conquista da India, e isto não de pessoas quaeisquer, senão de Capitães e Fidalgos que ho sabião muyto bem por serem presentes nos conselhos das cousas e na execução dellas, e per cartas e summarios que examiney com estas testemunhas. E assi vy hos lugares em que se fizerão as cousas que havia de escrever pera que fossem mais certas : porque muytos escriptores fizerão grandes erros no que escreverão por não saberem hos lugares de que escreverão. E não sómente fiz esta diligencia na India, mas ainda despois em Portugal, por não achar nella quem me dissesse tanta diversidade de cousas e tão particularmente como queria saber. E além de me todos affirmarem com juramento o que me disserão me derão licença para os allegar por testemunhas. E estas pessoas com quem falley em Portugal andey buscando per diversas partes, com muyto trabalho da minha pessoa e gasto desse pouco que tinha : no que gastey vinte annos, que foi ho melhor tempo da minha idade, e nelle fuy tão perseguido da

fortuna e fiquey tão docente e pobre, que por não ter outro remedio com que me mantivesse acceitei servir huns officios na universidade de Coimbra, onde no tempo que me ficava desocupado do serviço delles com assaz fadiga do corpo e do spirito acabey de compoer esta historia, que reparti em dez livros, que offereço a V. A., a quem Deos Nosso Senhor depois de muytos e prosperos annos, ficando em seu lugar ho Princepe nos o senhor, leve do senhorio da terra ao do ceo.

Por vezes o colorido da phrase iguala, senão excede, ao de Barros, e quando pinta as scenas que presenciára dir-se-hiam os seus quadros photographos. Sirva d'exemplo o do sacrificio das viuvas malabares :

Os ricos casam com quantas mulheres podem manter e os pobres com huma so; as mulheres se queimam vivas despois da morte dos maridos alguns dias, nos quaes fazem grandes convites a parentes e amigos, e dão sua fazenda aos seus herdeiros, ou a outrem se não os tem, e despois vão emcima de hum cavallo branco por todo ho lugar onde morão com trombetas e muytos cantares, e muytos jogos : e diante chocarreiros que vão louvando a honra que aquella mulher faz ao seu marido : e isto faz tres dias com grande festa. E ao terceyro se veste dos melhores panos que tem e das melhores joyas, e despois de andarem pelo lugar vão-se ao lugar onde o marido foy queymado : e hi está feita huma cova, na qual está ardendo muyta lenha : e junto coesta cova está feito hum cadafalso de tres degráos, no qual se descem estas mulheres. E estando ao derrador toda aquella gente que vem coella, diz as mulheres que se lembrem do quanto devem aos seus maridos, pera lhe darem aquella honra; porque a fama della durará pera sempre, e a dòr que ellas podião receber passará em hum momento : e despindo-se lanção suas joyas e pannos a quem querem, e ficando nuas dão tres voltas ao redor do cadafalso chorando com as mãos alevantadas, e na derradeyra lhe dão hum cantaro chêo de manteiga, e posto na cabeça olha pera o sol, encommendando-se aos seus idolos : e virando-se pera ho fogo lanção nelle ho cantaro e despois a si. Em se lançando seus parentes que estão ao redor do fogo lanção nelle muyto azeite e manteiga pera que acrescentem a fortaleza do fogo que logo as faz em cinza, e as que não podem fazer esta ceremonia por serem pobres queimão-se logo com os maridos, e as que não se querem queymar ficão deshonradas, como que fizessem adulterio; porque ninguem as obriga a queymarem-se senão suas honras.

Nem menos primorosas são as suas descripções dos varios paizes

por onde perigrinára, e onde se haviam passado os principaes successos da historia luso-indiana. Citemos para prova do que dizemos a descripção da ilha de Ceylão :

E esta (a ilha de Ceylão) querem alguns dizer que he aquella a que antigamente chamavão Taprobana, que está setenta e cinco legoas de Cochim; e aparta-se da terra firme por hum paúl chamado Chilão, em que ha muytos baixos per antre os quaes se faz hum canal muyto estreito, e por este passo passão todas as náos que vão da India pera Choramandel, e delle pera a India, e perdem-se sempre muytas nestes baixos por ser o canal tão estreito que com difficuldade se póde acertar; e por isso os mercadores Indios hum dos perigos que rogão a Deos que os guarde he dos baixos de Chilão. Dizem que tem esta ilha de rodor perto de CCC legoas. Os mouros Arabios e Persios lhe chamão Ceilão, que em sua lingoa quer dizer cousa de canal. Este nome lhe pozerão por amor do canal que a cerca da banda da terra firme. Os malabares e outros indios lhe chamão Hebenaro, que quer dizer terra viçosa : e assi ho he ella de muytas e muy boas agoas, e de muyto e diverso arvoredo, de que grão parte he de arvores de que se tira a canella, e que tem a folha como dos louros, e a casca he a canella que vem cá, que se tira dos ramos despois d'encapotados e secos, e isto faz a gente baixa que a vende por muy pouco preço. Ha tambem muytas larangeiras doces que tem a casca tão doce como o gomo : e assi ha todalas arvores de espinho, e outras muytas muy differentes das nossas que dão diversas fruytas, e todo o mato he dessas arvores : em que ha tambem muytas ervas cheirosas, assi como mangericães, alfavacas e outras. E crião-se nos matos muytos e muy grandes alifantes que tornão com outros mansos que prendem polos pees em arvores, e fazem-lhe derredor grandes covas que cobrem com a rama onde caem os bravos que se vem pera os outros.

. . . . . .

Mais parco do que Barros em discursos e allocuções sabia-os Castanheda fazer com arte, revelando perfeito conhecimento das regras de rhetorica. D'entre os mais bellos escolheremos o que dirigiu o mouro de Tunis, em nome d'el-rei d'Ormuz, ao capitão-mór Affonso d'Albuquerque, cujo exordio, no genero insinuativo, póde ser apontado como modelo :

He pera todos desta terra e doutras, muy esforçado e invencivel capitão, tamanha novidade de tua sobre-natural victoria, que estou em duvida

se folgue mais de escapar com a vida pera viver, se pera ver tua excellente pessoa; mas já que a vida he a todos tão aprazivel, digo que tanto a estimo pera te ver como pela causa que a todos estimamos; porque segundo vejo não sómente nos devemos de espantar do esforço e valentia que hoje mostraste que tens, mas a beninidade com que recebes os teus vencidos; devem-te todos de aver por tão estranha, quanto pela mayor parte ella ho he que naquelles que hos homens tem por esforçados e valentes. E cuydava eu que a oufama de tua victoria te ensoberbeceria de maneyra que nem as alimarias dessa cidade quererias ver, quanto mais hos homens; e despois que vi a piedade com que me recebeste acabey de crer que estavas no mais alto gráo de valentia, pois he acompanhada de piedade que El-Rey d'Ormuz e Cojeatar te pedem que hajas dessa tão nobre e populosa cidade; porque já ho fogo começa de laivrar, segundo podes ver do fumo que se nella alevanta. Oo muy grande capitão doe-te da angustia e afrição em que teus posto a seus moradores. E cesse já a tua ira, e não mandes fazer mais destruição nella, nem nas náos que estão varadas, por que ellas são o enobrecimento da cidade por causa das mercadorias que trazem. E olha que não he tanto alcançar victoria como sabe-la conservar, e conservando-a durará pera sempre a tua fama, porque destruindo esta cidade acabará coella a tua gloria, porque não ficará quem diga que tu a sogigaste, que sendo El-Rey D'Ormuz tamanho Princepe e Senhor de tanta terra e gente, e de muyto tesouro, e Cojeatar que todo ho governa querem ser teus vassallos, se lhe quizeres conceder paz, e ficarão debaixo da obediencia del-Rey de Portugal, e como o Capitão de seu Rei e Senhor te darão posse de todo o reyno. E ainda farão mais se mais quizeres, por que já tem experimentado que assi he necessario que ho fação.

Era porém o estylo simples o que mais aprazia a Castanheda, e no qual escreveu a mór parte da sua obra. Buscava-o de preferencia para as narrações, em que raras bellezas se manifestam como v. g. na do funeral d'Affonso d'Albuquerque, de que daremos um extracto :

Despois que aprouve a Nosso Senhor de levar desta vida este tão esforçado e famoso capitão, foy aberto o seu testamento, em que se achou que mandava que seu corpo fosse enterrado em Nossa Senhora da Serra, que está na cidade de Goa, onde logo foy recado para que os clerigos e leygos se percebessem pera derradeyras honras que haviam de fazer a quem ganhou aquella cidade, onde o rebate de novas tão tristes deu assáz de torvação, especialmente ouvindo dobrar os sinos, que a todos certificarão ser a nova verdadeyra, que ainda alguns a não podião crer. E como todos

tinhão amor de pay ao Governador huns polos casar e lhes dar fazenda pera sustentamento de suas vidas, outros porque por natureza se inclinavão a isso polas virtudes que havia nelle, não houve nenhum que não mostrasse no rosto a magoa que tinhão no coração, e huns com os outros fazião ajuntamentos por essas ruas fallando na morte de Affonso de Alboquerque, que trazia a memoria a muita honra e louvor que ganhára na vida, assi em servir a Nosso Senhor, como a El-Rey, affirmando todos que nunca iria á India outro tal. E nisto chegou ho seu corpo a Cays, onde ho estavão esperando os clerigos e frades com suas cruzes e todas as confrarias com sua cera, e ho Capitão da cidade com todos os fidalgos e gente outra que havia nella. E tirado do batel no catle em que ia foy posto em terra pera ho encommendarem. E como vinha vestido no habito de Santiago, e huma rede douro na cabeça com huma carapuça e beca de veludo negro, e barba branca que lhe chegava até a cinta, e ho rosto descoberto com hos olhos meyos abertos parecia vivo; e quando assi ho virão todos que conhecerão ho desemparo que ho estado da India recebia por sua morte foy tamanho ho choro que todos alevantárão que mais forão lagrymas que os clerigos chorárão que palavras que pronunciárão pera o encommendar. E tomando-ho com este pranto debaxo de hum palio que levavão fidalgos começárão de caminhar pera Nossa Senhora da Serra. E entrando pola cidade parecia que se fundia toda com gritos das mulheres que elle casára, que todas sahirão a ve-lo. E postas todas em cabello e dizendo humas que perdião pay, e outras senhor; e assi ho choravão commummente christãos, gentios e mouros, e em toda a cidade se não ouvia outra cousa senão choros, soluços, suspiros, e coelles foy aquelle corpo levado a N. S. da Serra, onde despois de se dizerem em huma pregação seus grandes louvores foy sepultado e posta sobre a sua sepultura huma eça de veludo negro e damasco, por se não achar veludo que abastasse, e sobre a eça foy dependurada a bandeira que levava nas batalhas, e suas exequias durárão hum mez, e dahi por diante se lhe disse cada dia huma Missa, que elle dexou pera sempre.....

Para não multiplicar as transcripções deixamos de citar muitos outros lugares recommendaveis pela graça e elegancia; bastando os especimens que exhibimos para que forme o leitor o seu conceito a respeito do auctor da *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes*.

Não é a obra de Castanheda extreme de defeitos; e faltam-lhe muitos dos requisitos exigidos para o historiador. Grosseiro é o crysol da sua critica, e apesar dos esforços que fez para possuir a

verdade numerosas fabulas se introduziram em suas paginas; mais imparcial porém do que Barros aponta os erros e mesmo os crimes dos seus compatriotas, e tacteando as chagas da India feriu por certo mais d'uma susceptibilidade.

A demasiada extensão dos periodos e o gosto pelas inversões das phrases, que já notamos nas *Décadas* de Barros, encontram-se igualmente na *Historia* de Castanheda. Parece-nos contudo menos pretencioso e systematico este ultimo auctor occupando-se mais com o assumpto do que com as galas com que o devera arreiar.

Algumas incorrecções de linguagem, e extraordinaria confusão orthographica são maculas que a justiça pede que se não dissimule; talvez porém que possam ser ellas attribuidas á ignorancia dos copistas, e ao atrazo em que ainda então se achava a arte typographica em Portugal.

Finalisamos esta lição recommendando a assidua leitura e cuidadoso estudo dos dois historiados cujas obras rapidamente analysamos.

LICÃO XVII

VIAGENS

São por certo as viagens uma das mais agradaveis maneiras d'instruir deleitando. Conhecer os usos e costumes dos diversos povos sem correr os perigos inseparaveis das peregrinações, deve ser o *desideratum* dos espiritos curiosos, e avidos da verdadeira e solida instrucção. Raro porém é o viajante, que, fielmente compenetrado de sua missão, não troque o fôro de historiador pelo de romancista, sacrificando a verdade nas aras da ficção, como que para indemnisar-se dos azares por que passára, e das decepções que experimentára. A mesma difficuldade porém d'encontrar-se um veridico guia da nossa curiosidade faz com que mais apreciado seja elle, constituindo o seu livro a mais agradavel e proficua leitura que se deparar possa.

D'entre os numerosos viajantes que conta a litteratura portugueza no periodo de que ora nos occupamos faremos selecção d'um que se avantaja não so pela belleza do seu estylo, como pela senceridade e modestia que de continuo guiam a sua penna.

FERNÃO MENDES PINTO

Nasceu na villa de Monte-mór,-o-velho, provincia da Beira, no anno de 1509 segundo se crê, de pais pobres e obscuros, como

se deprehende de sua propria confissão quando se refere em sua obra *á miseria e estreitesa da pobre casa de seu pai*. Chegando a Lisboa na tenra idade de doze annos em companhia d'um tio seu, entrou para o serviço de D. Jorge, duque de Coimbra, e filho natural d'el-rei D. João II, na qualidade de moço da camara. Aborrecendo-se da domesticidade resolveu tentar fortuna na India embarcando-se para ahi no anno de 1537. Após longas e perigosas viagens tencionava voltar á patria de posse de mediano peculio, quando passando por Goa em 1554 tomou o subito partido d'alistar-se nas fileiras da Companhia de Jesus, doando-lhe toda a sua fazenda. Acompanhou o P. Belchior Nunes na sua viagem ao Japão e serviu d'embaixador do vice-rei D. Affonso de Noronha junto ao rei de Bungo. Notavel é o silencio que guarda em suas *Peregrinações* sobre a circumstancia de ter sido noviço dos Jesuitas, circumstancia porém que não póde ser posta em duvida á vista da expressa menção que d'ella faz o P. Francisco de Sousa em seu *Oriente conquistado*. Ignoram-se quaes foram os motivos que o fizeram deixar a Companhia antes d'haver professado, regressando a Lisboa no anno de 1558, rico d'esperanças e pobre de dinheiro. Nem-uma remuneração havendo obtido pelos seus serviços retirou-se no fim de quatro annos e meio d'inuteis diligencias á villa d'Almada, onde casou-se e teve filhos. Affirma o já referido P. Francisco de Sousa, em seu *Anno Historico*, que fallecera Fernão Mendes Pinto no dia oito de Julho de 1583.

Nada menos de seis edições tem tido as suas *Peregrinações* sendo a primeira a de 1614 feita em Lisboa á custa de Belchior de Faria, in folio de 303 folhas numeradas so na frente. A segunda, inferior á primeira, pelas alterações e córtes que lhe fizeram, tem a data de 1678 e sahiu das officinas d'Antonio Craesbreek. Foi a terceira igualmente publicada em Lisboa por José Ferreira no anno de 1711, acrescentada com a *Relação ou Breve Discurso da Conquista do Pegú pelos Portuguezes*, que corria em separado, sendo vertido do castelhano em que a escrevera Fernão Mendes. A quarta e quinta edições que appareceram nos annos de 1725 e 1762 nem um melhoramento tiveram. A sexta e ultima que veio a luz em 1829 em quatro tomos em 8° foi devida aos cuidados de D. Antonio José Ferreira de Sousa, arcebispo de La-

cedemonia, e estimabilissimo philologo. Diligentemente collacionada com a primeira edição, e expurgada dos grosseiros erros que afeiavam as anteriores, torna-se esta edição recommendavel aos amadores da litteratura portugueza.

Differentes traducções nos idiomas mais cultos da Europa honravam as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, e assevera o Sr. Innocencio Francisco da Silva em seu precioso *Diccionario Bibliographico Portuguez* que nas linguas hespanhola, franceza, alleman e ingleza existe trasladada esta obra.

Escolhamos em tão precioso livro as passagens que mais dignas nos parecem d'honrosa menção, e que melhor justificam a nomeada que soube grangear o seu auctor.

Do talento descriptivo, indispensavel ás narrações de viagens, muitos exemplos poderiamos citar, contentando-nos com a viva pintura d'um tribunal judiciario a que teve de responder na China. Ei-la :

. . . . . .

e abrindo-se estas portas toda a gente entrou de roldão em huma grande casa de fórma de igreja, pintada toda de alto a bayxo de diversas pinturas, e estranhos modos de justiças, que algozes de gestos medonhos e espantosos faziam em todo o genero de gente; com letreyro ao pé de cada huma das pinturas que diziam : Por este tal caso se dá este tal genero de morte, de maneyra que na diversidade destas horrendas pinturas em que se punhão os olhos se declarava o genero de morte que se devia a cada genero de culpa, e o grandissimo rigor de justiça com que as leis ordenavão estas taes mortes. Na frontaria desta casa atravessava outra como cruzeyro muyto mais rica e de mayor custo, toda cosida em ouro, em cuja vista os olhos se puderão occupar com muyto gosto, se o nós então puderamos ter de alguma cousa. No meyo desta casa estava huma tribuna de sette degráos fechada em roda com tres ordens de grades de ferro e latão, páo preto com troços marchetados de madre perola e por cima hum docel de damasco branco franjado de ouro e verde, com humas rendas muyto largas do mesmo, debayxo da qual estava o Chaem com grande apparato e majestade, assentado numa rica cadeyra de prata, e huma menza pequena diante de si, com tres meninos ao redor assentados de joelhos ricamente vestidos, e com cadeyas de ouro aos pescoços, hum dos quaes que estava no meyo, servia de dar a penna ao Chaem com que assinava, e os dous dos cabos tomavão as petições aos requerentes, e as apresentavão na menza para se lhes dar despacho. A mão direyta em outro lugar mais alto, quasi

igual com Chaem, estava hum moço pequeno, que parecia de déz ou onze annos, vestido de setim branco coberto de rosas de ouro, e ao pescoço hum rico fio de perolas, que lhe dava tres voltas, e os cabellos muyto compridos como mulher, trançados como huma fita de ouro e carmesim, com sua guarnição de perolas de grande preço, e nos pés humas alparcas de ouro e verde guarnecidas por cima de aljofar grosso e na mão por divisa e demonstração do que representava tinha hum ramo pequeno de rosas de seda e fio de ouro, e em partes perolas muyto ricas, e elle tão gentil homem e bem assombrado que qualquer mulher por fermosa que fôra, lhe não pudera levar vantagem. Este moço tinha o cotovello encostado na cadeyra do Chaem, onde parecia que descançava o braço da mão em que tinha a insignia, e este representava a misericordia : a mão esquerda pelo mesmo modo estava outro menino tambem muyto fermoso e riquissimamente vestido de humas vestiduras de setim carmesim com rosas de ouro espalhadas por ellas, o qual tinha o braço direyto arregaçado e tinto de vermelhão, que parecia como sangue, e na mão dereyta tinha hum rico treçado nú, tambem tinto do mesmo vermelhão, e na cabeça huma corôa, a modo de mitra, guarnecida toda de navalhinhas como lancetas de sangrar, o qual ainda que em tudo se via muyto rico e bem assombrado, todavia estava assás temeroso pela insignia de que estava acompanhado, e este representava a justiça; porque dizem elles que o julgador que está em pessoa do Rey, o qual representava a Deos na terra, lhe he necessario ter estas duas partes de justiça e misericordia; e que o que não usa de ambas vem a ser tyranno, sem ley, e usurpador da insignia que traz na mão.. ..

Sirva d'exemplo d'uma elegante narração o seguinte trecho em que refere a sua partida de Dio para o estreito de Meca :

Havendo desassete dias que eu era chegado a esta fortaleza de Dio, fazendo-se nella prestes duas fustas para irem ao Estreyto de Meca a saberem a certeza da Armada dos Turcos, de que já na India havia algum receyo, me embarquey em huma dellas, de que hia por Capitão hum meu amigo, por me elle fazer grandes encarecimentos de sua amizade naquella viagem fazendo-me muyto facil sahir eu della muyto rico em pouco tempo, que era o que eu então mais pretendia. Confiado eu nesta promessa e enganado desta esperança, sem pôr diante dos olhos quão caro muytas vezes isto custa, e quão arriscada eu então levava a vida, assi por ser fóra de tempo, como pelo que depois succedeu por peccados meus, e de todos que nella fomos, me embarquey com este amigo em huma fusta, chamada Sylveyra. Partidas estas duas feustas da fortaleza de Dio, e navegando juntas em conserva com o tempo assás forte na despedida do Inverno, com

grandes chuveyros e contra a monção, houvemos vista das ilhas de Curia, Musia e Abedalcuria, nas quaes estivemos perdidos sem nenhuma esperança de vida, e tornandonos (por não haver outro remedio) na volta de Sudoeste prouve a nosso Senhor, que ferramos a ponta da ilha de Çacotará, huma legoa abayxo donde esteve a nossa Fortaleza, que D. Francisco d'Almeida, primeyro Viso-Rey da India, fez quando no anno de 1507 foi deste Reyno; e alli fizemos a nossa agoada, e houvemos algum refresco, que por nosso resgate comprámos aos Christãos da terra, que descendem daquelles que antiguamente o Apostolo S. Thomé converteu nas partes da India e do Choromandel.....

Modelo do estylo temperado é a modesta e ingenua exposição que faz Fernão Mendes dos ultimos tempos que passou na India e do seu regresso ao reino :

Velejando nós deste porto do Xeque por nossa derrota com ventos nortes de monção tendente, chegamos a Lampacau aos quatro de Dezembro, onde achamos seis náos portuguezas, de que era Capitão-Mór hum Mercador, que se chamava Francisco Martins, feytura de Francisco Barreto, que então governava o Estado da India por successão de D. Pedro de Mascarenhas, e porque já a este tempo a monção da India era quasi gastada não fez aqui o nosso Capitão D. Francisco de Mascarenhas mais detença que emquanto se proveu de mantimentos para a viagem. Deste porto de Lampracau partimos a primeyra oitava de Natal, e chegamos a Goa a desassete de Fevereyro, onde dey conta a Francisco Barreto da carta que lhe trazia do Rey do Japão, e elle me mandou que lha levasse ao outro dia, e eu lha levey com as armas e terçados, e com as mais peças do presente que levava. E elle depois que esteve vendo tudo muyto devagar me disse : Certifico-vos em toda a verdade que tanto préso estas armas e peças que agora me trouxestes, como o proprio governo da India, porque com ellas e com esta carta d'El-Rey do Japão espero agradar tanto a El-Rey, nosso Senhor, que, depois de Deos, ellas me livrem do castello de Lisboa, aonde os mais dos que governamos este Estado viemos desembarcar por nossos peccados. E em satisfação d'este trabalho e dos gastos que tinha feyto da minha fazenda, me fez muytos offerecimentos, que eu por então não lhe quiz acceytar, mas justifiquey perante elle por Instrumentos e testemunhas de vista quantas vezes por serviço d'El-Rey, nosso Senhor, eu fôra cativo e minha fazenda roubada, parecendo-me que isto so bastaria para que nesta minha patria se me não negasse o que por meus serviços eu cuydei que me era devido. Elle me mandou passar Instrumento de todas estas cousas, e ajuntou a elle as mais Certidões, que lhe apresentey, e me deu huma carta para Sua Alteza com que me fez tão chão sobejar-me cá a satisfação

destes serviços, que confiado eu nestas esperanças, na razão tão clara, que eu então cuydava que tinha por minha parte, me embarquey para este Reyno tão contente e tão ufano com os papeis que trazia, que tinha para mim que aquelle era o melhor cabedal que trazia de meu, porque estava persuadido que me não tardaria mais mercê que em quanto a não requeresse. Prouve a nosso Senhor que cheguey a salvamento a Cidade de Lisboa aos vinte e dous de Sembro de 1558, governando então este Reyno a Raynha D. Catharina, nossa Senhora, que tanta gloria haja, a quem dey a carta que lhe trazia do Governador da India e lhe relatey por palavra tudo o que me pareceu que fazia ao bem do meu negocio. Ella me remetteu ao Official que então tinha o cargo de tratar destes negocios, o qual com bôas palavras e melhores esperanças, que eu então tinha por muyto certas, pelo que elle me dizia, me teve os tristes papeis quatro annos e meyo, no fim dos quaes não tirey outro fruto senão os trabalhos e pesares que passey no requerimento, que não sey se diga que me forão mais pesados que quantos passey no decurso do tempo atrás. E vendo eu quão pouco me fundião assi os trabalhos e serviços passados, como o requerimento presente, determiney de me recolher com essa miseria que trouxera commigo, adquerida por meyo de muytos trabalhos e infortunios, que era o resto do que tinha gastado em serviço deste Reyno, e deyxar o feyto a Justiça Divina, o qual logo puz em obra, pesando-me ainda porque o não fizera mais cedo, porque se assi o fizera, talvez que poupara nisso hum bom pedaço de fazenda. E nisto vieram a parar os meus serviços de vinte e hum annos, nos quaes fuy treze vezes cativo, desasseis vendido por causa dos desaventurados successos que atrás no discurso desta minha tão longa peregrinação largamente deyxo contados.....

Com estas e outras nobres e singelas expressões põe Fernão Mendes termo ao seu interessantissimo livro, de cuja leitura proveitosas lições podem-se colher.

Notam os criticos alguns solecismos nestas *Peregrinações*, e certos modos de fallar por demais vulgares; cumpre porém não esquecer que, baldo d'estudos era o seu auctor, e que so em seu proprio engenho encontrára o cabedal com que opulentou a nossa litteratura. Prodigio de talento e firmeza de vontade devemos ser indulgente para com o desditoso peregrino, que, com honra, levou o nome portuguez a inhospitas regiões.

Estranhos e naturaes escriptores hão tecido a Fernão Mendes Pinto os maiores encomios. Em sua preciosa *Collecção de Viagens* assim s'exprime o illustre La Harpe :

É uma relação do maior interesse pela singularidade dos acontecimentos e pelo curioso dos lances. Nas aventuras de Pinto acharão os leitores com que interessar a sua sensibilidade e imaginação.

Não menos propicio é o juizo que a seu respeito formava o distincto litterato D. Fr. Francisco de S. Luiz, quando no seu *Indice chronologico* escrevia estas palavras :

A multiplicidade e singularidade das aventuras que este escriptor refere, a estranhesa dos povos e nações que viu, e dos seus ritos, costumes, opiniões e linguagens, os incommodos e riscos que correu, e de que escapou são e salvo fizeram com que alguns escriptores desconfiassem da veracidade de suas relações. Hoje porém está mais desvanecida esta desconfiança, e as indagações dos mais ousados viajantes modernos tem verificado muitos dos factos que ao principio pareciam mais estranhos e duvidosos.

« Onde foi o seu immenso genio buscar aquellas galas de linguagem (diz o Sr. J. F. de Castilho), aquelle inexgotavel de phrases, aquella propriedade d'expressões, aquelle brilho de fórmas, aquelle tacto nos vocabulos, aquella harmonia nos sons, aquella variedade na dicção, aquella opulencia no estylo?!! Foi no seu proprio genio que o seu genio achou! Foi discipulo de si mesmo, mestre de si mesmo! Pois que o que Camões faria para a linguagem do verso pelo mesmo tempo alcançava Pinto para a linguagem da prosa[1]. »

[1] *Livraria classica*, t. XVI.

LIÇÃO XVIII

QUARTA EPOCHA. — 1580-1750

Attribue-se geralmente a decadencia da litteratura portugueza ao dominio hespanhol, que por sessenta annos enervou as forças e abateu os brios dos netos de Viriato. Para assegurar o triumpho da força e d'astucia sobre o direito forçoso era que promovessem os monarchas usurpadores o obscurantissimo; assim pois desde D. Philippe II até D. Philippe IV vigorou em Portugal um systema calculadamente combinado para embrutecer o povo, e deturpar o gosto litterario.

Fallando da perda da nacionalidade, resultado da infelicissima jornada d'Africa, e do quanto concorreu ella para o eclipse das letras assim s'exprime um distincto escriptor : « Consequentemente as luzes, que com esplendor tamanho tinhâm brillado n'horisonte portuguez, mas que já de tempos a esta parte haviam começado a desmaiar, por causas de que adiante daremos conta, afracâram tão prompta e visivelmente, que quasi de todo chegâram a apagar-se com a invasão de Philippe II nestes reinos. Consummada que foi tão abominanda catastrophe a nem-uns talentos se perdoou : era o maior de todos os crimes o amar a patria; mas como ha de deixar d'amala-la o homem illustrado? Facultou-se unicamente o perdão a alguns espiritos condescendentes, por não dizer d'ignobil

tempera, e obtiveram as boas graças da usurpador algumas almas venaes, sem sombras de honra e de patriotismo, de que não faltáram exemplos até nas classes mais elevadas da nação, que não hesitáram em comprar uns a sua existencia politica, outros novas mercês e empregos lucrativos a custa da ignominiosa promessa que fizeram de forçarem os entendimentos para a barbaridade.

« Este plano d'aniquilação litteraria, traçado no ardiloso gabinete do monarcha invasor, foi mais extensamente desenvolvido no reinado de seu filho e illegitimo successor á corôa portugueza D. Philippe III, chegou so porém ao seu ultimo remate no governo de D. Philippe IV, pois foi so então que vimos completamente apagadas entre nós todas as luzes das sciencias e boas artes, como se fez bem patente, por exemplo quanto ás disciplinas ecclesiasticas, nos horrorosos attentados, com inteira impunidade commettidos pelo bispo de Nicastro, Alexandre Castracani, collector apostolico, contra a soberana independencia temporal d'estes reinos, e contra a sua recta e sabia legislação. E foram tão profundas e valentes os raizes, que com a dominação castelhana chegou a lançar no terreno portuguez a mal assombrada arvore da ignorancia, que para d'elle a arrancar de todo, e para substituir-lhe o habito dos antigos e proveitosos estudos, não foi bastante a restauração da liberdade por nós tão briosamente alcançada; não foi so bastante o havermos sacudido dos pescoços o jugo da tyrannia estrangeira, e o depositarmos novamente nas mãos dos nossos monarchas legitimos a auctoridade real por espaço de sessenta annos usurpada [1]. »

Por maiores porém que fossem os damnos causados ás letras portuguezas pela dominação castelhana injustos seriamos si lhe fizessemos unicamente responsavel pela rapida degeneração em que as vemos cahir logo no começo do seculo decimoseptimo. Poderosas causas, e d'ha muito accumuladas, trouxeram esse funesto resultado, que cordialmente lamentamos, e que abysmáram no barathro da ignorancia, ou do pedantismo, o genio portuguez

[1] *Primeiro ensaio sobre a Historia litteraria de Portugal*, por F. Freire de Carvalho, pag. 125.

que contemporaneamente do italiano e muito antes do francez, e allemão, ou o inglez fulgurára n'horisonte da historia.

Falleciam em D. João III as qualidades necessarias para continuar a obra de seu pai e antecessor; e bem depressa conheceram as letras que nos limbos do passado sumira-se o seculo aureo. Nem se nos diga que grandes talentos floresceram no reinado do filho de D. Manuel e que a sua reforma da universidade de Coimbra prova que sabia elle dar justo valor ao que mais que tudo enobrece a epocha dos grandes principes e transmitte seus nomes á posteridade. Colheu o protector da inquisição e dos jesuitas os fructos sazonados, deixando porém por suas mãos inculto o vergel das letras. Não somos nós, e sim o illustre Garrett, quem no seu *Bosquejo da Historia da Poesia e da Lingua portugueza*, assim condemna este esteril reinado:

« Com a morte d'el-rei D. Manuel declinou visivelmente a fortuna portugueza : certo é que as artes progrediram, que a lingua se aperfeiçoou; porque esse movimento era continuado ainda do impulso anterior, e já não promettia longa dura. Assim succedeu D. João III colheu os fructos do que D. Manuel havia semeado, mas de lavras suas, nem elle, nem seus successores, viram colheita. »

Quanto a tão preconisada reforma da universidade os mais imparciaes historiadores não a tem em grande conta, e alguns ha que não duvidam de toma-la por causadora da corrupção do gosto, e da perda d'essa poderosa vitalidade que tanto distingue os escriptores quinhentistas. Em um memoravel livro acaba d'escrever o Sr. A. Herculano estas palavras relativamente ao assumpto de que nos occupamos. . . . . « A mesma reforma da universidade, ideia generosa e grande a principio, descera ás proporções d'uma intriga de claustro, sobretudo desde a entrada dos jesuitas no reino [1]. »

Sem desconhecer nos jesuitas bastante illustração não podemos deixar de censurar o monopolio que com tanto afan buscáram exercer no magistorio publico e particular; bem como extranhavel é que um soberano que tinha a honra de descender de D. Manuel

[1] *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, t. III, p. 54.

expedisse a carta regia de 10 de dezembro de 1555 que firmava o dominio exclusivo da Companhia de Jesus sobre as letras lusitanas. Fatal foi em todas as epochas ao desenvolvimento intellectual o regimen do privilegio, por mais habeis que sejam aquelles em cujo pról é estabelecido. Bem sabios eram os sacerdotes do Egypto e nulla foi a sua influencia litteraria sobre a maioria da nação e sepultados com as mumias ficáram os monumentos de seu espirito, que com tanto zelo resguardavam dos olhares profanos. Levando muito longe o espirito de classe, e dando ao seu ensino uma physionomia particular propicio não podia ser o ascendente dos jesuitas as producções do engenho portuguez. E' para nós um dogma de que as letras não podem medrar sem libertade; e logo que pretende alguem submette-las a certo padrão definham e fenecem.

Até que ponto prejudicáram os jesuitas ao progresso litterario de Portugal dizem-no os mais authenticos documentos; e com dôr repetem-nos graves escriptores. Oiçamos o testemunho insuspeito d'um homem que pelas suas muitas luzes e acrysolado patriotismo podia com toda a proficiencia julgar da materia.

. . . . . .

« Todos sabem que os jesuitas, monopolisando a instrucção publica e a educação substituiram os bons estudos e a boa philosophia ás chimeras da philosophia. Scholastico-Aristotelica, eivada de subtilesas, destincções, ergotismos e cavilações, que depraváram os engenhos a força d'aguça-los : este methodo vicioso d'estudos não podia deixar d'influir sobre a poesia, que anda á par dos conhecimentos do seculo. Não eram so os poetas que cantavam naquelle estylo; nelle lecionavam os lentes nas universidades e collegios, expunham os oradores nos pulpitos a doutrina christan, discutiam os theologos, arrazoavam os advogados, sentenceavam os juizes, se expressavam os tribunaes e se correspondiam os amantes[1]. »

Não tardáram em sentir-se os effeitos de tão pernicioso systema : sensivelmente decresceu o numero dos sabios nacionaes, e os raros que appareciam eram d'inferior quilate aos dos seus

[1] *Ensaio biographico e critico sobre os melhores poetas portuguezes*, por J. M. da Costa e Silva, cap, I, pag. 11.

antecessores. A' simplicidade e elegancia dos poetas quinhentistas, ás succulentas composições dos Sás de Mirandas, dos Ferreiras e dos Camões seguiu-se o falso brilhantismo de Marini e de Gongora, cobrindo o ouropel do estylo bombastico e pedantesco a trivialidade, senão a inopia, do pensamento. Dada a senha d'adulação e do aviltamento escriptores houverem que repudiáram o idioma patrio para empregarem o de seus oppressores.

Acordando ao clangor da trombeta da liberdade renovou Portugal em Montejo a façanha d'Aljubarrota, e mostrou ao mundo absorto que as espadas dos Nun' Alvares e dos Albuquerques não se haviam oxidado em seu longo repouso. Mais facil porém é crear um reino, conquistar a perdida autonomia, do que fazer apparecer uma epocha litteraria. Desd' o illustre chefe da casa de Bragança até D. José I não se descuidáram os reis de Portugal de favorecer o desenvolvimento litterario. Baldados foram os seus nobres anhelos; não so porque lento é o resuscitar das letras, como porque corroria ainda o cancro do monopolio o ensino publico.

Enfesados e rachiticos fructos produzia o engenho portuguez, outr' óra tão vivaz e tão fecundo, e contemplando essa era de decadencia enluta-se-nos o coração a ponto de desejarmos cobrir com a crepe do silencio esses dias de nefasta recordação.

Aqui e acolá crepusculava alguma debil luz que cedo obumbrava-se nas trevas da ignorancia emquanto o *Postilhão d'Apollo* e a *Phenix renascida* formavam as delicias dos leitores de tão rudes tempos.

Si apparecem ainda no começo d'essa epocha talentos de primeira plana podem ser êlles considerados como serodios fructos de fecundo germen. Abundante era porém a seiva para que succumbisse, a essa, posto que rude, provação; e quando tudo parecia jazer no lethargo do indifferentismo protestavam contra elle alguns homens distinctos e verdadeiramente patriotas. Entre esses preclaros varões, releva fazer expressa menção do conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes), do Padre D. Raphael Bluteau, de Luiz Antonio Verney, arcediago d'Evora, que com seus escriptos e incansaveis esforços, prepáraram a restauração litteraria. O facto porém mais saliente do periodo em que vamos entrar é a instituição d'*Academia Real da Historia Portugueza*, feita por

decreto de 8 de Dezembro de 1720, firmado por el-rei D. João V. Compunha-se essa Academia de cincoenta socios e tinha por missão o escrever a historia civil e ecclesiastica do reino e seus dominios. Limitadissima era a sua esphera d'acção; mas ainda assim prestou ella relevantes serviços, e mui digna de consulta é a copiosa collecção de suas memorias e documentos.

LICÃO XIX

Genero lyrico.

ESPECIE BUCOLICA.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Forma este suaviloquo poeta, chamado o *Theocrito Portuguez*, a transição da terceira para a quarta epocha da litteratura. Pertence ainda á escola italiana, de que foram paladinos Ferreira, Miranda e Camões, mas participa ja da funesta influencia do gongorismo, que com a usurpação castelhana entrára em Portugal. Natural de Leiria ignora-se o anno do seu nascimento, mas é de presumir que fosse pelo meiado do XVI° seculo. Não consta que occupasse cargo algum publico, e parece que se deslisáram seus dias no modesto mister de lavrador. Geralmente estimado era o mais popular poeta do seu tempo, e estranhos e nacionaes rendiam homenagem aos seus conhecimentos e honestidade. Considerando-o como poeta bucolico não se lhe póde recusar um dos primeiros lugares e a *Collecção d'Eclogas Pastoris* goza de merecido conceito. Seus pastores, como os de Sá e Miranda, tem falta de naturalidade, são por demais sentenciosos e d'uma prolixidade enfadonha. Contribue ainda poderosamente para desgostar os leitores os versos octosyllabos de que quasi sempre se serve.

Para exemplo de suas bellezas citemos um fragmento da VI

Ecloga em que, com delicado pincel, traça a lucta entre dois pastores :

Foram Dino e Montano os luctadores,
Cada qual de seu cabo levou trez
Da serra os mais dispostos e melhores.
Tangem-se as gaitas uma e outra vez,
Põem no terreiro a boa da Fogaça
Que nunca neste vodo tal se fez.
Despem-se os dois, rodeam toda a praça,
Eis um se chega, eis outro se apartava
Commettendo por geito e por negaça.
Arcou Dino primeiro, e não chegava
Quando a Montano lhe arma uma travessa
Que imaginei então que o derribava.
Se não quando chegando o arremeça
De si com tanta força e tanta ira
Que lhe valeu soltar-se bem depressa.
Tornam de novo a guerra, quem os vira!
Como os nossos almalhos com ciume
Da juvenea que a vo-los se não virá!
Os olhos vertem sangue, e vertem lume
As mãos tremendo, e o rosto traspassado
Cada qual teme e cada qual presume.
Remettem, pegam, arcam e abraçado
Ficou Montano um pouco mais a geito :
Elle da parte esquerda subjugado
Metteu-lhe então com força o pé direito,
Cahiu Dino e Montano justamente
Na terra poz a mão como eu suspeito.
Gritam d'um bando e d'outro brada a gent
Cobram logo Montano os do seu bando
Cobrem Dino tambem, mas descontente.
Os d'uma e d'outra parte estão gritando
Que foi d'ambos a queda, e sobre o caso
Armou Vicente brigas com Fernando.
Pediu Cerino então por não dar azo
A' móres desavenças que o julgassem
E poz da causa até domingo o prazo.

E' notavel pela sua naturalidade e vivo colorido o seguinte exordio da 1ª Ecloga :

BICITO.

Huma novilha dourada
Que anda n'aquella floresta

Com huma estrella na testa
Sylva branca e remendada
Viste, Aleixo, d'onde veio
Que anda alli sem companhia?

ALEIXO.

Guiçaes se derramaria,
Será d'algum gado alheio,
Para nós se vem chegando,
E si o eu tenho inda o meu tino,
A novilha he de Corino,
E o pastor anda-a buscando.
He nestes pastos estranha,
Veio ha pouco a seu curral,
Acha-se no campo mal
E foge para a montanha.

BICITO.

E d'onde houve aquella rez
Que elle poucas vacas cria?

ALEIXO.

Ganhou-a n'huma porfia
Nas festas que Ergasto fez;
Houve então gran desafio
Em lucta, canto e louvores,
Venceo todos os pastores
Da serra e d'além do rio.

As mesmas bellezas se encontram neste trecho da Ecloga VIII.

O teu novilho formoso
Tão arisco e indomado
Máo de pasto, e máo d'arado,
Entre os vaccas boliçoso,
Entre os homens espantado,
Que pastor lhe não passava,
Nem outro quando pastava,
Na ribeira do Sabugo
Não veio tomar o jugo
E amansar furia tão brava?
O urso que Alberto cria
Animal de tal fereza
Não vai perdendo a braveza
Porque basta a companhia
A mudar a natureza?
Huma charneca maninha
Que so mouta e cardos tinha

E infructiferos sylvados,
E estes barrancos quebrados
Por onde a agoa ao valle vinha,
Não vês que o trabalho alheio,
E a dura continuação,
Fez com que agora nos dão
De trigo milho e centeio
Cheia espiga e louro grão?
Pois como não póde ser,
Gonçalo, que huma mulher,
Que tem razão conhecida,
Sabendo que he tão querida
Que se sugeite a querer?

Obriga-nos a brevidade do nosso plano a omittir muitos outros lugares lindissimos que se acham nas Eclogas do *Theocrito Portuguez*.

LIÇÃO XX

ESPECIE LYRICA

A corrupção do gosto que já assignalamos na introducção a esta epocha, e a fatal influencia que a escola de Gongora exerceu sobre a poesia portugueza fez-se sentir de modo bem manifesto no genero lyrico e suas diversas especies. Nem-um dos poetas d'esse periodo póde ser apontado como modelo, e não desejando nós multiplicar citações inuteis, mas antes offerecer á juventude uma grinalda das mais odoriferas flores da litteratura nacional, omittimos essa pleiade de poetas gongoristas, cujo brilhante europel poderia fascinar as suas verdes imaginações. Abrimos uma unica excepção em favor d'um compatriota nosso, a quem cabe a honra d'haver primeiro feito ouvir as harmonias da musa brasileira, e cantado as producções do nosso solo, esmaltando seus versos com *a côr local*, o mais saliente distinctivo das litteraturas coirmans.

MANUEL BOTELHO D'OLIVEIRA

Natural da provincia da Bahia, nasceu no anno de 1636, e havendo feito em sua patria os estudos preparatorios partiu para Coimbra em cuja universidade formou-se em jurisprudencia, entregando-se com ardor em seus lazeres ao estudo da lingua ita-

liana; assim como da hespanhola, então muito em voga, e quasi que exclusivamente empregada pela sociedade aristocratica.

Regressando ao seu paiz natal consagrou-se Botelho d'Oliveira á advocacia em cujo exercicio grangeou bem merecida reputação. A' semelhança do illustre doutor Antonio Ferreira resfolegava d'avidez dos processos no tracto das Musas, lembrando-se, já septuagenario, de fazer o publico confidente de suas impressões poeticas, e dos brincos da sua imaginação. Em 1703 remetteu para Lisboa um volume de composições suas cujo titulo por sesquipedal e extravagante revela seu culto ao máo gosto da epocha. Obtidas as necessarias licenças veio a luz em 1705 a — *Musica do Parnaso, dividida em quatro coros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com o seu discante comico reduzido em duas comedias.*

O generoso pensamento que levou-o a publicar o seu livro transluz das seguintes palavras da dedicatoria. « N'esta America inculta habitação antigamente de barbaros indios, mal se podia esperar que as Musas se fizessem brasileiras; contudo quizeram tambem passarse a este emporio onde como a doçura do assucar he tão sympathica com a suavidade do seu canto, achàram muitos engenhos, que imitando os poetas de Italia e Hespanha, se applicassem a tão discreto entretenimento, para que não se queixasse esta ultima parte do mundo, que assim como Apollo lhe communica os raios para os dias lhe negasse as luzes para os entendimentos. Ao meu, posto que inferior aos de que é tão fertil este paiz, dictàram as Musas as presentes rimas que me resolvi expor á publicidade de todos para ao menos ser o primeiro filho do Brasil, que faça publica a suavidade do metro, já que o não sou em merecer outros maiores creditos na poesia. »

Não se enganava o nosso proto-poeta no conceito que formava da *suavidade do seu metro*, que realmente constitúe um dos caracteristicos da sua *Musica do Parnaso*. Pena é que dispendesse elle tanta erudição e tanta melodia em assumptos da maior futilidade, e despidos d'uma so d'essas ideias luminosas que formam o maior interesse d'uma producção poetica. Nem menos censuravel é a mania que apossou-se do nosso benemerito conterraneo d'alardear o conhecimento que possuia d'estranhos idiomas acumulando

pilhas de rimas para em guindada phrase exprimir sediços e balofos pensamentos.

Deparamos nessa volumosa collecção de versos com uma bellissima pintura da *Ilha da Maré*, que póde ser citada como um dos mais recommendaveis trechos da poesia nacional, e cuja fluidez de phrase, e colorido d'imagens, acompanhados do verdadeiro estro patriotico, fez-nos considera-la como pertencente á especie lyrica, em que a classificamos, maxime por não crermos que possa haver um genero exclusivamente descriptivo.

Offerecendo alguns fragmentos d'essa excellente producção de Botelho d'Oliveira desejamos mostrar, que apesar dos entraves com que luctava, tendia a poesia brasileira á tomar uma physionomia propria, aspirava um cunho d'originalidade, que ainda não poude totalmente alcançar.

Admiremos este primoroso quadro que nos traça o poeta da sua predilecta ilha :

Jaz em obliqua fórma e prolongada
A terra de *Maré*, toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante
Lhe dá muitos abraços por amante.
E botando-lhe os braços dentro d'ella
A pretende gozar por ser mui bella.

Nesta assistencia tanto a senhoreia
E tanto a galanteia,
Que do mar de *Maré* tem appellido,
Como quem presa o amor do seu querido,
E por gozar das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas ancias successivas
São d'amor marés vivas;
E se nas mortas menos a conhece
Maré de saudades lhe parece.

Vista por fóra é pouco appetecida;
Porque aos olhos por feia e parecida,
Porém dentro habitada
É mui bella, e muito desejada,
E como a concha tosca e deslustrosa
Que dentro cria a perola formosa:
Erguem-se nella outeiros

Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes desprezando
As presumpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.
Por hum e outro lado,
Varios lenhos se vem no mar salgado,
Que vão buscando da cidade a via
Outros d'ella se vão com alegria
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.

Os pobres pescadores em saveiros
Em canoas ligeiros
Fazem com tanto abalo
Do trabalho maritimo regalo,
Huns as redes estendem
E varios peixes por pequenos prendem,
Que até nos peixes, com verdade pura,
Ser pequeno no mundo he desventura;
Outros no anzol fiados
Tem os miseros peixes enganados,
Que sempre da vil isca cobicosos
Perdem a propria vida por gulosos.

Onde porém o nosso poeta se avantaja, e onde, quanto a nós, revelou mais o seu talento e fina observação, foi na delicada pintura, que com pincel raphaelesco, fez das frutas do Brasil. Depois d'haver demonstrado que as do antigo continente, transplantadas para o nosso clima, tinham sobrepujado em belleza e sabor, prosegue nestes termos fallando das que são indigenas :

E tractando das proprias, os coqueiros
Galhardos e frondosos
Criam cocos gostosos,
E andou tão liberal a natureza
Que lhes deu por grandeza
Não so para bebida mas sustento
O nectar doce, o candido alimento;
De varias cores são os cajús bellos,
Huns são vermelhos, outros amarellos,
E como varios são nas varias côres
Tambem se mostram varios nos sabores.
E criam a castanha,

Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.
As pitangas fecundas
São na côr rubicundas
E no gosto picante comparadas,
São d'America ginjas disfarçadas.
As pitombas douradas se as desejas
São no gosto melhor do que as cerejas;
E para terem o primor inteiro
A ventagem lhe levam pelo cheiro.
Os araçazes grandes, ou pequenos,
Que na terra se criam mais ou menos;
Como as peras da Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas,
Tambem se fazem d'ellas
De varias castas marmelladas bellas,
As bananas no mundo conhecidas
Por fructo o mantimento appeticidas.
Que o ceo para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo.
Competem com maçãns, ou baonezas
Com peros verdeaes, ou camoezas;
Tambem serve de pão aos moradores
Si da farinha faltam os favores;
E' conducto tambem que dá sustento
Como se fosse proprio mantimento;
De sorte que por graça, ou por tributo
É fructo, é como pão, serve em conducto.
A pimenta elegante
É tanta, tão diversa e tão picante,
Para todo o tempero acommodada,
Que é muito avantajada
Por fresca, e por sadia,
A que n'Asia se gera, a Europa cria.
O mamão por frequente
Se cria vulgarmente
E não presa o mundo,
Porque é muito vulgar em ser fecundo.
O maracujá tambem gostoso e frio
Entre as fruitas merece nome e brio;
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado,
E' bello cordeal, e como é molle
Qual suave manjar todo se engolle.
Vereis os ananazes
Que para rei das fruitas são capazes:
Vestem-se d'escarlata
Com magestade grata

Que para ter do imperio a gravidade
Logram da corôa verde a magestade;
Mas quando tem a corôa levantada
De picantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas,
Não ha corôa no mundo sem espinhas.
Este pomo celebra toda a gente
E' muito mais que o pecego excellente,
Pois lhe leva a ventagem gracioso
Por maior, por mais doce, e mais cheroso.

Alem das fruitas que esta terra cria
Tambem não faltam outras na Bahia;
A mangaba mimosa
Salpicada de tinctas por formosa
Tem o cheiro famoso
Como se fôra almiscar oloroso;
Produz-se no mato
Sem querer da cultura o duro tracto,
Que como em si toda a bondade apura
Não quer dever aos homens a cultura.
Oh! que galharda fruita soberana
Sem ter industria humana,
E se Jove as tirára dos pomares
Por ambrosia as puzera entre os manjares
Com a mangaba bella a semelhança
Do macujé se alcança
Que tambem se produz no mato inculto
Por soberano indulto;
E sem fazer ao mel injusto aggravo
Na boca se desfaz qual doce favo.

Nem menos mimosa é a descripção dos legumes brasilicos, distinguindo-se sobre todos :

A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta :
Que sempre o que é feliz se difficulta.
E parece que a terra d'amorosa
Se abraça com o seu fruito deleitosa;
D'ella se faz com tanta actividade
A farinha que em facil brevidade
No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se disfaz, se coze o fruito;

D'ella se faz tambem com mais cuidado
O bejú regalado
Que feito tenro por curioso amigo
Grande ventagem leva ao pão de trigo.

Esta descripção da *Ilha da Maré*, que talvez descuidamente lançasse o poeta n'um recanto do seu *Parnaso*, constitue o seu verdadeiro padrão de gloria, elevando-o a categoria de patriarcha da poesia brasileira, e um dos precursores dos Srs. Magalhães e Porto-Alegre.

Do atticismo de sua linguagem serve-lhe de brilhante testemunho a declaração de *classico* com que o honrou a Academia Real das Sciencias de Lisboa.

LICÃO XXI

Genero didatico.

ESPECIE SATYRICA

Corrigir os costumes por meio do ridiculo foi sempre louvavel porém difficil tarefa; e tanto mais difficil quanto custoso é parar no plano inclinado da critica. Desde Archilocho, que os gregos consideram como o pai da satyra, numerosos são os poetas que se entregáram a esta especie do genero didatico com mais ou menos exito. Entre os romanos Horacio e Juvenal parece haverem-na comprehendido por duas diversas phases; o cortesão d'Augusto reconhecendo-se incapaz de deter a torrente da corrupção immola nas aras da sua faceta musa os ridiculos do povo rei, e como Heraclito rise e zomba dos seus contemporaneos; ao passo que o implacavel discipulo de Cornuto, marca com o fervo candente da sua satyra essa degenerada raça que applaudia os Neros, os Claudios, os Caligulas e os Domicianos, e que thuriferava diante de suas imagens. « Cada satyra de Juvenal, diz o Sr. Loise, é um exercito disposto em ordem de batalha, cujas setas partem a um signal convencionado e dirigem-se ao mesmo alvo[1]. » A colera, a indignação eram suas Musas : *facit indignatio versum*, como elle proprio se expressava.

[1] *De l'influence de la civilisation sur la poésie.* Bruxelles, 1859.

Suppõe a satyra o enfraquecimento dos laços sociaes, e o ocaso da moral : é uma maneira d'instruir por demais violenta para existir em tempos regulares; é um antidoto que reage contra os toxicos das Agrippinas, e das Lucrecias Borgias. Não nos devemos pois maravilhar que nas primeiras epochas da nossa litteratura note-se a ausencia dos satyricos propriamente ditos; porquanto são para nós semelhantes ás *atellanas* latinas os autos de Gil-Vicente, em que as allusões substituem as personalidades.

Fataes foram a antiga simplicidade dos costumes portuguezes ás riquezas do Oriente; e para avaliarmos dos rapidos progressos que fazia a corrupção sobre os vassallos de D. Manuel e de D. João III leiamos a sua legislação penal, veridico espelho das ideias e tendencias da epocha. A insaciavel avidez do oiro, a postergação de todos os principios d'honestidade, a hypocrisia mascarada em devoção, contribuiram mais do que o revez d'Africa e os soldados do duque d'Alba para a perda da nacionalidade lusitana, sequestrada em proveito do astucioso filho de Carlos V.

Abundam nos escriptores coetaneos lamentaveis quadros da devassidão do tempo, e do scepticismo egoistico de que todas as classes se achavam mais ou menos eivadas. Era portanto occasião d'apparecer a satyra : convinha recorrer aos heroicos remedios, á *ultima ratio poetarum*.

Não era em Portugal porém que devera nascer o flagellador dos vicios e dos ridiculos d'essa era, e sim na capital do Estado do Brasil, na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Sanctos. Testemunha dos desregramentos dos governadores, da vaidade dos colonos, de suas nescias pretenções á fidalguia, das dilapidações dos empregados publicos, das superstições do vulgo ignaro, e do fanatismo d'alguns membros do clero, armou-se Gregorio de Matos do azorrague da satyra, e zurziu os vicios e as más usanças com inexoravel severidade.

Participando da natureza do Aretino pela sua mordacidade, e descomedimento de linguagem, da de Juvenal pela vehemencia de suas apostrophes, e da d'Horacio pela perfeição dos seus quadros, é o nosso patricio digno que lhe consagremos algumas paginas d'este trabalho destinado ao estudo da litteratura nacional.

GREGORIO DE MATOS GUERRA

Na supramencionada cidade da Bahia viu a luz a 7 d'Abril de 1623, sendo seus pais Pedro Gonçalves de Matos e Maria da Guerra, abastados fazendeiros. Recebeu na pia baptismal o nome de João, que foi depois trocado pelo de Gregorio pelo bispo, D. Pedro da Silva, quando administrou-lhe o sacramento da confirmação.

Feitos os seus estudos preliminares com grande aproveitamento passou-se a Coimbra, onde revelou logo seu gosto para a satyra. Doutourou-se na faculdade de direito, e em Lisboa grangeou a reputação d'habilissimo advogado, gozando da privança do principe regente, que foi depois D. Pedro II. Havendo-se eximido da incumbencia de vir ao Rio de Janeiro syndicar da conducta de Salvador Correia de Sá e Benavides parece que por tal motivo incorrera no regio desagrado, o que o obrigou a regressar aos seus lares, provido na dignidade de thesoureiro-mór da cathedral. Merecendo as sympathias de D. Gaspar Barata de Mondonça, primeiro arcebispo da Bahia, accumulou tambem o emprego de vigario-geral da diocese.

Durante a vida de seu protector exerceu Gregorio de Matos os referidos cargos como simples minorista; mas havendo succedido no governo do arcebispado D. João da Madre de Deus, quiz obriga-lo a completar a sua ordenação, ao que recusou-se o poeta allegando faltar-lhe a necessaria vocação.

Aproveitando-se d'esse pretexto privou-o o arcebispo das dignidades ecclesiasticas, querendo talvez d'est'arte vingar-se d'alguma ervada seta que lhe disparára o mordaz doutor.

Voltando a banca d'advogado sorriu-se-lhe de novo a fortuna e avultadas sommas foram-lhe offerecidas em remuneração dos seus conselhos e boa direcção dada aos negocios forenses. Não era porém Gregorio de Matos homem que renunciasse seus antigos habitos, e não havia vantagem que lhe fizesse desistir do maligno prazer de lançar um epigramma. Receando-se de sua malignidade abandonáram os clientes o escriptorio do primeiro advogado bahiano, que se viu reduzido a uma inacção forçada.

Seus mais intimos e prestimosos amigos, e até á propria consorte, não escapavam-lhe aos motejos; e dominado pela funesta paixão de fazer rir, todos os respeitos humanos desprezava. No numero dos seus admiradores contava-se o governador D. João d'Alencastre, que enthusiasta pelo talento do poeta, mandava registar em um livro todas as suas satyras. Quando porém sentiu-se ferido resolveu degrada-lo para Angola, recommendando todavia que nada lhe faltasse em seu trajecto, e dando-lhe cartas de favor para Pedro Jacques de Magalhães, que ahi governava.

Ainda uma vez recorreu Gregorio de Matos com proveito ao seu talento d'advogado; e por algum tempo viveu socegadamente, até que havendo prestado ao governador relevante serviço, applacando uma sedição militar, obteve licença para retirar-se para Pernambuco. Caetano de Mello e Castro, que administrava então essa capitania, acolheu-o benignamente e dispensou-lhe numerosos obsequios com a condição porém de não fazer jamais uso da satyra.

Acommettido de febres e havendo recebido christanmente os sacramentos das mãos do prelado D. Frei Francisco de Lima, que o fora procurar a uma legoa de distancia por constar-lhe que Gregorio de Matos os recusára do parocho do Corpo Sancto, expirou aos 73 annos d'idade no mesmo dia em que chegou a noticia da submissão dos Palmares, sendo sepultado no hospicio de N. S. da Penha dos Capuchinhos Francezes.

Consta que deixára seis volumes de poesias que nunca viram a luz da imprensa, dos quaes porém tem-se feito varios extractos, de que nos aproveitaremos.

Fallando ácerca d'estes ineditos assim se exprimia o erudito conego Januario da Cunha Barboza: « As suas poesias correm manuscriptas em seis grossos volumes de quarto, alguns dos quaes possuimos; mas é tal a sua desenvoltura, que não convém dar-se a luz publica, podendo assegurar-se que Gregorio de Matos foi unico nos rasgos satyricos de que recheava todas as suas composições, e com tanta graça que era temido por esta arma, e muitos em seu tempo se diziam seus amigos, so para não incorrerem em sua apollinia indignação[1]. »

[1] *Revista trimensal do Inst. hist. e geog. Bras.*, tomo III.

Como já vimos não respeitava a musa de Gregorio de Matos o poder quasi discricionario dos governadores e capitães-generaes, que com poucas e honrosas excepções, vinham flagelhar aos miseros colonos. A' um d'estes, Antonio de Sousa de Menezes, mais conhecido por *Braço de Prata*, dedicou uma virulenta satyra, que começa pelos seguintes bellissimos versos :

Oh! não te espantes, dona anatomia,
Que se atreva a Bahia
Com esprimida voz, com plectro esguio
Cantar ao mundo esse teu bom feitio :
Que é já velho em poetas elegantes
O cahir em torpezas semelhantes.

Da pulga acho que Ovidio tem escripto;
Lucano do mosquito;
Das rans Homero; e estes não desprezo,
Que escreveram materias de mais peso
De que eu, que canto cousa mais delgada,
Mais chata, mais subtil, mais esmagada.

Quando desembarcaste da fragata,
Meu dom *Braço de Prata*,
Cuidei que a esta cidade tola e fatua
Mandava a Inquisição alguma estatua,
Vendo tão exprimido salvajola,
Visão de palha sobre um mariola.

O rosto d'azarcão afogueado
E em partes mal untado;
Tão cheio o corpazil de godilhões,
Que o julguei por um saco de melões;
Vi-te o braço pendente da garganta
E nunca prata vi com liga tanta.

O bigode fanado posto ao forro
Alli esta n'um desterro,
E cada pello em solidão tão rara
Que parece ermitão de propria cara.
. . . . . .

Bastante graciosa é a satyra dirigida contra os hypocritas e murmuradores.

D'estes que campam no mundo
Sem ter engenho profundo,
E entre o gabo dos amigos,
Os vemos em papa-figos,
Sem tempestade, nem vento,
Anjo bento!

De quem com letras secretas,
Tudo o que alcança é por tretas,
Bocalejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desd'a manhan té a tarde,
Deus me guarde!

Do que passea farfante,
Muito presado d'amante,
Por fóra luvas, galões,
Insignias, armas, bastões,
Por dentro pão bolorento,
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Per dentro fataes maganos,
Sendo na cara uns Janos
Que fazem do vicio alarde
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar
Quem mal soube engatinhar
Muito inteiro e presumido;
Ficando e outro abatido
Com maior merecimento,
Anjo bento!

. . . . . .

Como a mór parte dos satyricos procurava Gregorio de Matos ridicularisar sempre que podia os defeitos physicos que encontrava nos que lhe desagradavam por qualquer motivo. D'entre as numerosas composições achincalhando a este por feio, áquelle por torto, aquelle outro por aleijado, citaremos aqui a primeira estancia d'umas decimas feitas contra um advogado de Pernambuco, de quem se diz que era extremamente baixo e muito presumido.

Tu és mosquito que cantas
Pequeno e bem zunidor;
Dos lanções malquistador,
Aborrecido das mantas:
Com o ferrão da lingua espantas,
E com a musica enfadas:
Caminhas as trombetadas
E não sabemos por onde;
Porque o invisivel te esconde
Para poupar bofetadas.

Com o proposito de corrigir pelo ridiculo a presumpção de nobreza que nutriam alguns plebeos da Bahia escreveu o nosso poeta algumas espirituosas satyras, como v. g. o seguinte soneto.

Bóte a sua casaca de veludo
E seja capitão sequer dois dias:
Conserve a porta de Domingos Dias,
Que péga fidalguia mais que tudo.

Seja um magano, um picaro, abelhudo:
Vá a palacio; e apoz das cortezias
Perca quanto ganhar nas mercancias;
Em que perca o alheio, esteja mudo.

Ande sempre na caça e montaria:
Dê nova locução, novo epitéto,
E diga-o sem proposito a porfia:

Que em dizendo *facção, pretexto, affecto,*
Será no entendimento da Bahia
Mui fidalgo, mui rico, mui discreto.

Para demonstrar quanto era espirituoso e engraçado o nosso illustre compatriota copiemos aqui duas decimas, consagradas a um livreiro e a um musico. Constando ao poeta que o primeiro havia comido um canteiro d'alfaces cumprimentou-o pela seguinte maneira:

Levou um livreiro a dente
D'alfaces todo um canteiro,
E comeu sendo livreiro
Desencadernadamente.

Porém eu digo que mente
A quem d'isso o quer taxar:
Antes é para notar
Que trabalhou como um mouro,
Pois metter folhas no couro
Tambem é encadernar.

Não menos feliz foi o improviso feito por occasião d'umas pancadas applicadas em um musico muito conhecido na cidade:

Uma grave entoação
Vos cantáram, Braz Luiz,
Segundo se conta e diz,
Por solfa de fá bordão.
Pelo compasso da mão
Onde a valia se apura,
Parecia solfa escura;
Porque a mão nunca parava,
Nem no ar, nem no chão dava,
Sempre em cima da figura.

Pelos specimens que havemos apresentado terá visto o leitor que a poesia de Gregorio de Matos é rica d'ornatos, e d'uma infinidade de phrases populares; vivas as suas pinturas, e profundos e penetrantes os seus golpes. Resente-se porém o seu estylo dos conceitos e trocadilhos que constituiam o vicio radical d'essa escola castelhana, a que elle se presava de pertencer. Cabe-lhe a gloria d'haver introduzido em nossa metrificação o verso italiano, ou decasyllabo, hoje muito usado, e conhecido nos compendios de Poetica pela denominação de *gregoriano*.

Discordando do respeitavel parecer do conego Januario, acima citado, pensamos que muito lucraria a nossa litteratura com a publicação das obras poeticas de Gregorio de Matos, incumbindo-se um deligente edictor d'expurga-las das obscenidades que as deturpam.

LICÃO XXII

Genero epico

Rigorosamente fallando não se encontra na epocha que ora estudamos nem-uma obra de tal modo monumental que mereça o nome d'epopea, n'accepção que lhe querem dar alguns criticos rigoristas, para os quaes nem os proprios *Lusiadas* podem ser condecorados com semelhante titulo. Si escutarmos porém a opinião do illustre Blair nem-uma difficuldade haverá em alargar o estreito circulo em que os sectarios d'Aristoteles pretenderam encerrar o poema epico. Para o douto professor d'Edimburgo não so a *Iliada*, a *Eneida* e a *Jerusalem Libertada*, mas ainda a *Pharsalia*, a *Thebaida*, o *Paraiso Perdido*, a *Messiada*, e muitos outros poemas devem ser qualificados d'epicos uma vez que cantem empresas illustres. Lemercier acha dignos assumptos para as epopeas as fabulas em que se escondem as origens dos povos, suas guerras mais memoraveis, e perigosas expedições. Condição essencial d'esses poemas é serem interessantes; cumpre porém não olvidarmo-nos de que relativo é o interesse, e que a *Henriade* de Voltaire, que captiva a attenção dos francezes por ligar-se a uma das mais notaveis epochas da sua historia, é em sua grande totalidade insipida para o leitor portuguez, ou brasileiro.

Abunda a litteratura portugueza em grande numero de poemas historicos, mythologicos, ou romanescos, cuja analyse levarnos-hia para longe do nosso plano. Escolheremos porém em tão rica

messe o que mais digno parecer-nos d'estudo e imitação; preferindo sempre as obras que de mais geral e incontestada reputação gozam.

Singular é que o seculo XVII que, como dissemos, assistiu á decadencia da nossa litteratura fosse ao mesmo tempo tão fecundo em poemas epicos, alguns dos quaes bem indignos se tornam da categoria a que pretenciosamente aspiravam. Repercutia em todas as imaginações o echo da gloria patria, e sem calcularem suas forças arrojavam-se innumeros lidadores no estadio em que Homero, Virgilio, Tasso e Camões haviam adquirido immurchaveis louros. Si alguma vez poude a intenção attenuar a imperfeição da obra sirva-lhes de desculpa o ardente anhelo que mostravam para vulgarisar os fastos nacionaes.

Faremos apenas selecção de tres poemas para assumpto d'esta lição, e serão elles a *Ulysséa*, a *Malaca Conquistada* e o *Affonso Africano*, por nos parecerem que melhor que todos preencheram as condições exigidas para as epopéas, e tambem por serem essencialmente patrioticos. Na classificação e conceito que fizermos attenderemos ao voto dos juizes competentes, sem renunciarmos nossas proprias opiniões.

A Ulysséa, ou Lisboa Edificada. — Discordando do respeitavel parecer do illustrado collector do *Parnaso Lusitano*, não duvidaremos assignar o primeiro lugar, depois dos *Lusiadas*, a este poema. Foi seu auctor Gabriel Pereira de Castro, nascido na cidade de Braga aos 7 de Fevereiro de 1571, e fallecido em Lisboa aos 18 d'Outubro de 1632. Justamente considerado pelo seu saber e honestidade desempenhou diversos cargos da magistratura e magisterio para o que o habilitava o seu gráo de doutor em canones pela universidade de Coimbra. Chegou ao pinaculo das honras judiciarias sendo despachado nos ultimos tempos de sua vida chanceller-mór do reino. Restam-nos d'elle algumas obras de direito, apreciadas pelos professionaes, dois volumes manuscriptos de poesias lyricas em varias linguas, e a epopéa, acima indicada, cuja primeira edição sahiu da officina de Lourenço Craesbeck em 1636, precedida d'um discurso poetico de Manuel de Galhegos, e d'argumentos em verso no começo de cada canto por D. Bernarda Ferreira

de Lacerda. Affirma o Sr. Innocencio Francisco da Silva que tem tido a *Ulysséa* cinco edições, sendo a ultima a de 1827 feita em Lisboa na impressão regia em formato de 16°. Tendo tido a fortuna de deparar com a primeira edição, que passa pela mais correcta, por ella nos regularemos para os extractos que houvermos de fazer.

Formava Gabriel Pereira de Castro o mais subito conceito da sua epopéa a ponto de recommendar em seu testamento que não fosse ella impressa senão quando *uma junta d'entendores declarasse que era superior aos Lusiadas de Luiz de Camões*. Cremos que, ou nunca reuniu-se semelhante junta, ou que desobedeceram seus herdeiros a tão vaidosa pretenção : do que lhes devemos ser gratos por não nos haverem d'est'arte privado d'uma obra, que apesar dos seus defeitos, não deixa de ser um dos ornamentos da poesia nacional.

Pertence Gabriel Pereira de Castro á escola castelhana de que foi um dos patriarchas, e admirador apaixonado de Gongora imitou-lhe o estylo e o colorido, levando-lhe porém vantagem na clareza e moderação no emprego das imagens e figuras. Injusto nos parece o que a seu respeito pensava Garrett quando fallando do estylo da *Ulysséa* dizia : « O stylo é o prototypo da *Phenix renascida*, o requinte do gongorismo, cujo patriarcha foi entre nós, pervertendo-nos á sombra da sua grande fama e brilhante engenho todo o resto escasso que de gosto tinhamos ainda, intrincando a poesia (sinão tambem a prosa por máo exemplo), n'um dedalo inextricavel de conceito, d'argucias, d'exagerações, d'affectada sublimidade, falsa e van grandeza; com que de todo veio a terra a poesia nacional, e que acabou a grande escola de Camões e Ferreira, que tantos e tamanhos alumnos havia produzido. E suppunha este homem vaidoso ter sobrepujado com as quichotadas da sua *Ulysséa* as naturaes bellezas dos divinos *Lusiadas*[1] ! »

No nosso entender não merece a *Ulysséa* tão severo juizo, e os nossos mais abalisados criticos reconhecem que nella observára seu preclaro auctor todos os preceitos da epopéa, e que perfeita seria a sua fabula si por tão largo tempo não deixasse o heroe

[1] *Bosq. da Hist. da Poes. e da Ling. port.*, pag. XXII.

ocioso no palacio de Circe, e si mais bem fundado fosse o ciume d'esta deusa por causa dos amores d'Ulysses com Calypso. Vigorosamente traçados são os caracteres, principalmente os do protagonista e o de Gorgoris; a acção progressiva, bem ligados e interessantes os episodios; brilhante e apropriado o maravilhoso; vivas as pinturas; cadente o estylo, e variada a metrificação. Com todos estes predicados porque não cabe á *Ulysséa* o primeiro lugar? — Por falta absoluta d'originalidade. — Repleto d'erudicção compoz o doutor Gabriel Pereira o seu poema de materiaes alheios, sendo, como observa Costa e Silva, apenas uma terça parte de lavra propria. Poz em contribuição Homero, Virgilio, Estacio, Ovidio, Ariosto, Tasso, Gongora, e até o proprio Camões, que fingia desprezar.

Apoderando-se d'uma antiga legenda que fazia Lisboa edificada por Ulysses assentou d'escrever uma epopéa, que lisongeando o amor proprio nacional lhe deixasse vasto campo para ostentar os profundos estudos que fizera dos classicos gregos e latinos.

Nimiamente exploradas haviam já sido as aventuras do *grego errante* limitando-se o poeta portuguez a leva-lo ás margens do Tejo e copiar em Gorgoris a personagem de Turno, que com tanto interesse admiramos em Virgilio.

Conhecido o argumento da *Ulysséa* percorramos rapidamente suas paginas citando aquillo que mais digno se faz de nota.

No canto I, est. 41ª, recommenda-se a bella metamorphose dos companheiros d'Ulysses mudados em animaes em consequencia dos encantos de Circe.

Qual vendo o companheiro ir-se mudando
Quer soccorre-lo, e leva meia espada,
E ao infelice Acteon imitando
As mãos fendidas acha, a testa armada:
Qual libico leão representando
Ruge em lugar de voz articulada,
Qual como touro pelos montes brama,
Qual na agoa veste prateada escama.

Gracioso é o retrato d'Helena, e de sua peregrina belleza, propria para actear o incendio entre dois povos rivaes. No canto II, est. 9ª e seguintes lem-se estes primorosos versos:

De ve-la o mesmo ceo se namorava,
E o ar no do seu resto se acendia,
O mar quando ella as conchas lhe furtava
Parece que a beijar-lhe os pés corria.
Quem as divinas graças que mostrava
Contar quizer, mais facil lhe seria
Contar as flores do lascivo Mayo
E do sol os cabelos rayo a rayo.

Pela testa sem ordem despargido
Solto o cabelo voa livremente,
Onde sae a queixar-se d'opprimido
De huma cinta de pedras refulgente.
No hombro o arco do brunido
Marfil, no lado a aljava está pendente :
Com menos graça ao bosque entrar costuma.
A bella deusa que nasceu da escuma.

. . . . . .

. . . . . .

Quando no ceo d'altiva fronte abria
Hum e outro sol na luz que derramava
O campo todo, todo o ar ardia,
Que a tudo dava ser tudo animava.
A cada passo seu, hum ceo movia;
A cada rayo seu, hum sol mostrava.
A cada olhar abria hum paraizo,
E hum coração feria a cada riso.

. . . . . .

Perfeitamente bucolicos são os queixumes do gigante Poliphemo, dirigidos á nympha Galatéa : o que prova que o grave magistrado sabia tão bem embocar a tuba epica como a avena pastoril. Oiçamo-los :

Galatéa fermosa em cuja neve
Achou principio o fogo peregrino,
Que me soube abrasar, a culpa teve
D'este meu amoroso desatino :
Si me queres matar, e amor se deve
Matar-me, do teu ouro crespo e fino
Hum laço me darás, bella homicida,
Onde suspendas co'a esperança a vida.

A ti no prado imita a pura rosa,
Quando quer exceder-se na belleza,

Por ti retrata como mais fermosa
As que mais bellas foz a natureza.
Que esta triste voz, que so ditosa
Quando a tua graça canta, e gentileza,
Que por vangloria sua, amor ordena
Que os teus louvores cante a minha pena.

. . . . . .

Assim como averbamos d'imitador a Gabriel Pereira pede a equidade que confessemos que não poucas vezes corrigiu elle e embellezou os seus modelos. No combate, por exemplo, entre Achilles e Heitor leva o nosso poeta vantagem a Homero; seu Heitor é mais heroico, mais sublime do que o da *Iliada*. Ninguem deixará d'apreciar este bello quadro da inabalavel coragem do defensor de Troya :

Heitor a fria morte vê defronte,
Que na espada inimiga anda escondida,
Em negro sangue d'huma e d'outra fonte
Vae pouco a pouco destilando a vida;
A armadura mais forte que fez Bronte
Por mil partes estava dividida,
O aperto a que a vida he já chegada
Com mil bocas o diz a propria espada.

Conhece-se ferido, que o fervente
Sangue já as fortes armas lhe banhava,
Contra Achilles corria impaciente,
Que a vida e o perigo desprezava,
Gyrava a hum lado e a outro a espada ardente
Co'a voz que solta aos montes abalava,
Que hum trovão parecia a voz pesada
Traz elle hum rayo o fulminar da espada.

Sentia a côxa esquerda mal ferida,
O escudo lança a traz, a espada aferra
Que sobre Achilles cae grave e temida,
Com que ambos os joelhos poz em terra.
Bravo se ergue d'afronta recebida,
Aperta os dentes, co'o inimigo serra,
Nos braços o levanta, e entre os braços
Se dão ambos durissimos abraços.

No proseguimento d'esta gigantesca lucta usa o poeta portuguez d'uma comparação verdadeiramente homerica quando diz :

Como se Peleo e Olympo se topassem
De duas rochas fronte e peito armados,
E na tosca aspereza se abraçassem
C'os braços de seus tronços carregados,
E em fontes d'apertados rebentassem :
Assi estes vivos montes abraçados
Se apertavam, onde Heitor qual vivo monte
Brotava sangue d'huma e d'outra fonte.

Muito mais epica do que na *Iliada* é a pintura da morte d'Heitor na *Ulysséa* de Castro, e sob pena d'abusar da paciencia do leitor tomamos a liberdade de chamar a sua attenção para as seguintes estancias do canto VI :

Achilles que se vê mais alentado
Estreitamente aperta Heitor comsigo,
Mette o joelho esquerdo ao destro lado
Carregando nos peitos do inimigo,
Que sem poder suster-se cáe forçado
Sem descudar-se em seu valor antigo,
Que nos braços o aperta tão vehemente
Que ambos a terra medem juntamente.

Heitor, a quem o peito a dura lima
Da dôr grave em mil partes dividia,
Tendo d'Achilles o grão peso em cima,
A quem já contrastar tão mal podia,
Mostrando que ainda assi menos o estima,
D'hum lado n'outro o corpo revolvia,
Que sem temer contrario tão temido
Vencido quer não parecer vencido.

Vê no ar levantado o braço forte
E apertado hum punhal na dextra erguida,
Do alto rosto vê descer a morte
Indo esconder-se o ferro na ferida :
Gozando Achilles mais ditosa sorte,
Os laços corta d'esta illustre vida,
Tendo outra vez no ar a adaga féra,
Como que a alma por feri-la espera.

Triumpha a morte e Marte do arrogante
Despojo que no campo se estendia.
A espada jaz, e o escudo rutilante,
Que Grecia toda com rezão temia.
O Ilion poderoso e triumphante
Nelle a gloria completa que perdia
Cuja alta fama quando o ceo tocava
Nesta viva columna descançava.

Pagando tributo ao máo gosto do tempo não poude Gabriel Pereira de Castro evitar as syrtes dos trocadilhos, como por exemplo, quando no canto IV, est. 92, diz fallando d'el-rei D. Diniz :

Este terá a illustre e cara esposa
Do sangue d'Aragão *bella Isabella*
Que so procura n'alma ser fermosa
Sendo sobre a mayor *belleza bella.*

Cumpre reconhecer que as expressões *bella Isabella, e belleza bella* são do mais alambicado gongorismo.

Era outrosim grave defeito dos escriptores seiscentistas a infeliz escolha das metaphoras e hyperboles. Muitos são os lugares da *Ulysséa* em que taes maculas apparecem, como v. g. :

Logo João segundo bellicoso
Fará escura toda a fama alheia
Vendo levar seu nome glorioso
Té onde a ardente sol ferve n'areia,
Descobrindo o grão Cabo, que o famoso
Nilo em cothurnos de christal passeia;
Rey exemplo de Reys, digno governo,
Que fôra eterno Rey d'hum Reyno eterno.

E' por certo bem ridicula metaphora a do *Nilo passeando com cothurnos de chrystal;* e bem arrojada hyperbole a que desejava para D. João II a *eterna realesa d'um reino eterno!* Releva que em tudo *sit modus in rebus.*

Desnaturando a bella figura denominada pelos rhetoricos *aposiopése* (reticencia) emprega-a Gabriel Pereira duas vezes d'um modo pouco gracioso : No canto terceiro, est. sessenta, põe estas palavras na boca de Poliphemo :

Serás, me disse, hospede famoso
O ultimo que me mande ao triste inferno,
Por te pagar este licor saboroso
Que o nectar é de Jupiter eterno,
O mitimno suave e o cheiroso
Falern... . e sem poder diz falerno,
Que as palavras turbada lhe impedia
A lingua grossa e ao somno se rendia.

No canto quinto outra infeliz *aposiopése* marêa o esplendor da tocante repulsa que Circe faz de seu filho Telegonio. Vejamo-la :

Não te quero, lhe diz, pois és retrato
De hum ingrato mayor que o mundo teve,
Porque não no pareças sendo ingrato,
E quem me leva a vida o gosto leve,
Mas não te dou eu filho tão barato
Bem d'esta vida *bre*.... sem dizer breve,
Que as lagrimas lhe afogam n'um momento,
Antre as fauces da voz o ultimo accento.

Apaixonados pelos arrebiques de dicção a que chamavam *conceitos* desprezavam os gongoristas o modo natural d'expressarem-se para recorrerem a guindadas e ocas phrases. Citemos para evidenciar a nossa proposição o seguinte trecho, d'alias pathetica despedida, de Calypso a Ulysses, que se le no canto XX, est. 113 e seg. :

Aqui parou chorando amargamente
E mostrando na vista mil affeitos
Dizia : Que me deixas finalmente,
Nisto são fortes os valentes peitos;
Deixa-me porque chore estando ausente
Noites viuvas, dias imperfeitos;
Vieste, amigo Ulysses, a esta terra
Fazer-me Troya d'amorosa guerra.

Ás torres de minha alma assalto deram
Desejos invenciveis a que o fado
Dobrou a força com que me venáram,
E o Ilion d'esta alma vi abrasado;
Novos incendios em meu peito arderam,
Quando da liberdade vi prostrado

O nobre muro, e após a ardente chama,
Vi a saco mettida a propria fama.
. . . . . .

Deixamos griphados as passagens em que mais salientes se tornam os defeitos que havemos apontado.

Por amor da brevidade omittimos o exame das incorrecções de linguagem, impropriedade e má escolha dos epithetos, e solecismos, que se notam na *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro, remettendo o leitor curioso para a interessante obra do erudito philologo Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) denominada *Reflexões sobre a Lingua Portugueza.*

Malaca Conquistada.—No nosso pensar é este o terceiro poema epico, que conta a litteratura portugueza, e sentimos discordar do juizo que a seu respeito fez o illustre Garrett. Conforme a praxe por nós seguida esbocemos a biographia do auctor antes d'analysar a obra.

FRANCISCO DE SÁ DE MENEZES

Francisco de Sá de Menezes, a quem devemos este bello poema, nasceu na cidade do Porto pelos annos de 1600 tendo por progenitores João Rodrigues de Sá, que fructuosamente cultivava a poesia, e D. Maria da Silva, senhora d'eminentes qualidades. Sobrinho do eximio poeta Sá de Miranda revelou desde a mais tenra infancia propensão para o tracto das musas entregando-se com ardor ao estudo das linguas grega, latina, italiana, franceza e hespanhola. Deu-se ao estudo das sciencias e letras e muito moço grangeou a reputação de litterato. Gozou das boas graças da côrte, sendo condecorado com uma commenda da ordem de Christo. Parece que serenos se deslisáram os primeiros annos da sua existencia até que tendo a infelicidade de perder sua mulher e prima, D. Antonia d'Andrade, desgostou-se do mundo e recolheu-se ao real mosteiro de Bemfica, nos suburbios de Lisboa, onde professou no dia 14 de dezembro de 1641, debaixo do nome de Frei

Francisco de Jesus. Ahi permaneceu no maior desapego da vida até o dia 21 de maio de 1661, em que deu a alma ao Creador.

Escreveu varias obras poeticas pouco conhecidas, e entre estas uma tragedia em que tomára por objecto a lastimosa morte de D. Maria Telles, irman da impudica rainha D. Leonor. Lamenta Costa e Silva a perda d'esta composição crendo que Sá de Menezes « saberia tirar partido da pathetica situação que lhe offerecia uma esposa innocente, barbaramente assassinada por seu marido, alluciinado pelas calumnias da propria irman da victima. »

A mais notavel porém das obras de Sá de Menezes é certamente a sua epopéa que intitulou de Malaca Conquistada *por o grande Affonso d'Albuquerque, poema heroico offerecido á Catholica Magestade de El-Rey D. Filippe III de Portugal;* Lisboa, por Mathias Rodrigues, 1634, em 8°. Consta-nos que se fizeram mais duas edições d'este poema, uma em 1658 em 4°, devida aos cuidados de Paulo Craesbeeck, e dedicada a el-rei D. Affonso VI, e a ultima em 1779 tambem em 4° e que se julga mais correcta do que as antecedentes.

Desencontrados são os pareceres dos nossos criticos ácerca da *Malaca Conquistada;* para Almeida Garrett é ella « um dos derradeiros titulos de gloria da litteratura portugueza; » para Francisco Dias Gomes é « a mais inferior das nossas epopeas regulares, sem que contudo sirva de discredito ao nosso idioma; » em quanto que para José Maria da Costa e Silva « cabe-lhe com justiça o primeiro lugar entre os nossos epicos depois de Camões, pelo bem architectado da sua fabula, variedade e bem sustentado dos caracteres, movimento dramatico, rica invenção dos seus episodios, formosura das suas descripções e poesia verdadeiramente epica. »

Não partilhamos nem os desprezos d'uns nem o enthusiasmo d'outro quando assignamos a *Malaca* o terceiro lugar entre os nossos epicos. Quanto a nós é este poema executado segundo os preceitos classicos, subordinada a grandeza d'acção ao interesse patriotico que devera dispertar aos portuguezes que viam então demolir-se gradualmente o monumento da sua gloria asiatica. Nada póde comparar-se á nobreza e elevação do protagonista, o magnanimo Affonso d'Albuquerque, cujo caracter, bem como o d'Aladino, Geimal, Solemão, Etol, Titonia e Glaura são magistral-

mente desenhados. Seus episodios, posto que as vezes demasiadamente prolixos, ligam-se com arte á acção principal, e apresentam uma variedade de quadros que recream o leitor. Os dos amores d'Alaida, da fundação de Malaca, das façanhas d'Albuquerque, das aventuras de Glaura, e da catastrophe dos companheiros de Diogo de Sequeira recommendam-se pela sua perfeição. Nem menos meritorio se torna o poema de Sá de Menezes pela introducção do maravilhoso christão, precedendo d'est' arte a proficua reforma que ultimamente operou-se na litteratura dos povos neo-latinos.

Bellissimas são as suas descripções, e o perfeito conhecimento das localidades revela que o distincto poeta visitára o theatro onde se passaram as scenas que tão bem pinta. Pelo que porém diz respeito ao estylo é Sá de Menezes genuino representante da escola gongorista; admirador dos ouropeis e lentejoulas immolava a simplicidade da ideia ao falso colorido; quando, no dizer de Garrett, « agitado do genio máo que avexava e endemoninhava os poetas d'então, começa a guindar-se e a transpor os derradeiros limites da naturalidade. »

Dura e descuidada é em varios lugares a sua metrificação, nem lhe serve a desculpa que dá Costa e Silva que são taes defeitos devidos a erros typographicos, procurando outrosim attenua-los com o exemplo de Ferreira, a quem não eram mui triviaes as leis da melodia.

Para complemento do nosso estudo citemos alguns trechos de verdadeiro e incontestavel merito. Logo no livro I encontra-se esta bella narrativa da viagem d'Affonso d'Albuquerque :

No Indico mar a armada se engolfava
E já sómente o ceo e mar se via,
O favoravel vento que soprava
Os grandes lenços brandamente abria.
O promontorio Camori deixava
A traz e a grão Ceilão se descobria,
Taprobana chamada antigamente,
Riquissima delicia de Oriente.

De canella odorifera abundantes
Os altos montes são bosques sombrios,
Habitados de grandes elefantes

Primeiros em prudencia e fortes brios;
De rubis e safiras rutilantes
Ricas são as areas de seus rios,
E tudo rico do mortal que cria
Com seus rayos, o sol na terra fria.

De Ceilão n'Oriente a proa posta
O golfo de Bengala atravessáram,
E de Narsinga a rica e fertil costa,
Para a Septentrional parte deixáram.
Nella a grão Meliapor está composta
De illustres edificios que lavráram
Modernos moradores, e ruinas
Que inda se mostram de memoria dignas.

Esta tinctura de côr local, como se exprime o Sr. Ferdinand Denis, communica grande encanto aos quadros da *Malaca*, e demonstram que o seu illustrado auctor, como outr' ora o dos *Lusiadas*, pedia a natureza que lhe emprestasse as suas côres.

A descripção do inferno reconciliou Sá de Menezes com seus mais decididos adversarios e Garrett não duvidou d'affirmar que « a falla d'Asmodeu no conselho infernal faz lembrar muito a de Lucifer em Milton. » Combinando as descripções d'Homero, Virgilio e Dante conseguiu o poeta portuguez exhibir um precioso painel, em que poude ainda imprimir o sello da sua propria individualidade. Vejamo-lo :

Está na entrada da tartarea porta
Precipicio de medo e de horror cheio,
Onde os fios vitaes Atropos corta,
Onde he confusão tudo, tudo enleio :
D'ali, donde a esperança fica morta
E habita o sobresalto co'o receio,
Corre hum valle, por onde desce a gente
Perdida para o reyno descontente.

Por aquelle vazio o averno alento
Pertifero respira, misturado
C'os gemidos das almas que em tormento
Blasfemam do rigor o ceo irado :
Confunde grosso fumo o negro assento,
Que nunca rayo vio de sol dourado,

D'onde se ouvem rugir feras impias,
E nos ares gritar torpes Arpias.

Ouvem-se alli de Cerbero latrante
Os triplicados horridos latridos,
Com os brados do velho navegante
Que á barca chama as almas dos perdidos.
Fama he que por alli desceo o amante
A quem Pluto e Proserpina vencidos
Do doce canto, a amada concederam
Que seus olhos segunda vez perderam.

E o que sosteve os cercos cristalinos,
Quando Atlas ficou delle o peso puro,
E aquelle que a gentil filha de Minos
Ingratissimo foi, sobre perjuro;
E outros que vãos seguindo desatinos
Quizeram penetrar o centro escuro,
Tambem o infernal Rey com a doce amada,
Tantos tempos da mãy em vão chorada.

D'aquelle sitio horrivel e espantoso,
A quem teito he desforme, immenso monte,
Com brado horrendo o Anio tenebroso
Os ministros chamou de Phlegetonte:
Não quiz passar o negro estreito undoso
Podendo-lhe servir azas de ponte,
Que os protervos desejos, em que ardia,
Hum ponto eternidades parecia.

Logo que do abysmo os negros moradores
Que na ambição primeira conspiráram
Enchendo o ar de horrissimos clamores,
Ante o mesmo furor se apresentáram.
Que monstros d'ira, e de discordia auctores,
Que medonhas formas se ajuntáram
De Chimeras, Pytões e Minotauros,
Hidras, Esfinges, Dragos e Centauros.

Viam-se alli na multidão diffusa
Briareus de cem braços descompostos;
Serpentinas cabeças de Medusa
E de feos, Ciclopes, feros rostos.
Emfim via-se alli copia confusa
De diversos aspeitos e suppostos,
Cujos feos estremos de bruteza
Desconhecia a mesma natureza.

A multidão soberba já esperava
Que o capitão do Erebo revelasse
O caso que dôr tanta lhe causava,
E em seu fatal serviço os occupasse :
Quando elle, que até então callado estava,
Para que o caso em mais se reputasse,
Bramou, gemeo o carcere fumante,
Tremeo a terra, descompoz-se Atlante.

Horrivel gravidade ao fero aspeito,
Gemendo triste ajunta e exhalando,
Infausto fogo do abrazado peito,
A lingua assi vibrou vociferando :
Tartareos Anios, dignos de respeito,
Que depois do grão caso miserando,
Soffreis injusta pena, despenhados
Do Olimpo para quem foste creados.

Em logar nosso aquelle que governa
Lá de cima do claro firmamento
Estrellas, Sol, e Lua, e cá na interna
Escuridão do Reyno do tormento :
Formando o homem vil, já da superna
Região, lhe deo o cristalino assento,
Que n'um tempo occupou o Senhor vosso,
Nunca tão grande dôr esquecer posso.

Presente agora tenho na lembrança
Quando do nada o homem foi creado,
Que com ingrata e douda confiança,
Comeo do fruito que lhe foi vedado.
Em lugar de querer delle vingança,
Ordenou como fosse resgatado,
Quando por justa pena merecia
Não ver, nem gozar mais da côr do dia.

Em fim por elle o filho a morte entrega,
E o filho com morrer triunfou da morte,
E descendo triunfante a região cega
As portas quebrantou do muro forte :
Abrio nossas prisões, que a tanto chega
A grão miseria nossa, ó triste sorte!
Levando as almas que em poder tivemos
A occupar as cadeiras que perdemos.

. . . . . .

Continúa Asmodeu a queixarse de Christo, e dos reis que o imitaram, em cujo numero contempla D. Manuel, que pretendia sujeitar todo o Oriente ao dominio de Evangelho, enviando Affonso d'Albuquerque á conquista de Malaca; e para que semelhante empreza se mallogre ordena a Belzebut, que sobre os ventos impera, que desencadeie furiosa tempestade sobre as naos portuguezas, que cómo já vimos, placidamente cortavam as aguas do oceano indico.

Dignos são do pincel de Buonarotti os vigorosos traços com que Sá de Menezes pinta o reino das trevas; sentimos porém que não seguisse inteiramente o maravilhoso christão abandonando essas imagens pagans, a que de continuo recorre, como que para adornar e poetisar a têa em que trabalhava. Era porém o primeiro poeta portuguez que descrevia o inferno, segundo as nossas crenças; releva pois desculpar si os primeiros ensaios não tiveram o cunho da perfeição.

Do talento descriptivo do poeta temos innumeras provas, sendo muito digna d'especial menção a brilhantissima pintura que deixou-nos da cidade de Malaca nas seguintes estancias:

Jaz Malaca, cidade das famosas,
Num campo plano junto ao mar, batida
Brandamente das agoas caudalosas
De hum rio pelo meio dividida.
De casas de Pomona deleitosas
Da parte do Sertão ennobrecida,
Muros não fabricou porque os despreza
Dos naturaes a indomita braveza.

Tem por donde sae o sol ardente
Na contra costa o mar d'ilhas coalhado;
Divide-a pela parte do Occidente
Da grão Sumatra o Bosforo dourado,
De que dá o Reyno e de Sião potente
Que senhor fôra do Malayo estado
Para onde resplandece Cynosura
Para o austro Sabão e Cingapura.

Como exemplo da delicadeza dos sentimentos pode-se apontar a bella apostrophe de Titonia a sua mãi Aurora, que assim exclama:

Rubicunda Deidade, a quem adoro,
Clara do claro dia percursora,
Não consintas que offendam teu decóro
Em mim que mãi te chamo, bella Aurora.
Ah! não se diga que te vejo e choro
E que me deixas em tristeza agora
Que o mundo alegras, sendo a confiança
Que em ti puz van, van minha esperança.

E si o chamar-me descendente tua
Não são do mundo fabulas sonhadas,
Hoje se mostre, impede a tenção crua
Que deixar minhas ancias enganadas,
Assi o ceo vida a Memnon restitúa
Pelas lagrimas bellas derramadas
De teus olhos que enchergas a luz do dia
E a quem já as minhas fazem companhia.

Não disse mais, que a pressa e grande pena
A mais larga oração lugar não davam,
O monte desceu emquanto a luz serena
Com canticos as aves saúdavam.
Á praia chega e nella amor lhe ordena
A execução dos males que a esperavam;
Dar vê o navio a vela, ay fera vista!
Quem haverá que a tanta dôr resista?

« O contraste das aves (diz Costa e Silva), que saúdam com os seus canticos o despontar d'Aurora, com as lagrimas, as querelas e afflicção da rainha do Cathay, são uma pincelada de mestre que dobra o interesse e o pathetico da situação. » Onde porém Sá de Menezes tocou as raias do sentimentalismo é na imprecação que Glaura, procurando o cadaver de seu esposo no campo da batalha, dirige ás estrellas e á lua. Esperamos que do nosso parecer partilhem os leitores depois de lerem os seguintes versos :

Com ancia que a dôr causa levantando
As chorosas estrellas, ás estrellas;
Rogos e vãos queixumes misturando
Assi roga, e assi aos ceos manda querellas :
E ternas luzes que passais brilhando
Por celestes caminhos, margens bellas
Males de amor, e morte já sentistes,
Mostrai quem morto adoro aos olhos tristes.

Dai-me morto o que vivo me tirastes
E piedosas de mim sereis chamadas,
Bastem os males já que me causastes
Tanto tempo em meu damno conjuradas:
Assi no claro assento, que occupastes,
Nunca sejais de nuvens eclypsadas,
Deixai que chegue a dar-lhe sepultura
E o golpe em mim execute a Parca dura.

E tu que com tres rostos resplandeces
No ceo, na terra, e lá no escuro averno;
Tu que as plantas animas e enriqueces
O mar profundo com vigor interno,
Os rayos com as cousas favoreces
Communicando teu valor eterno
Estende, e mostra-me entre tantos onde
A escura sombra o morto bem me esconde.

Maream infelizmente o esplendor das bellezas do poema comparações de máo gosto, alambicados trocadilhos, e improprios epithetos. Sem proceder a rigorosa autopsia d'esses defeitos mencionemos alguns que logo se apresentam a primeira vista. Querendo v. g. pintar o estado em que ficou Noutel em consequencia da lançada que o privou d'um olho usa d'este simile, pouco digno da magestade epica:

Quando hum bote de lança o faz terceiro
De Annibal e Sertorio companheiro.

Na explicação que faz Etol das pinturas onde se acham figuradas as façanhas dos portuguezes na India encontra-se o epitheto de *tanque* applicado ao oceano, que longe d'embellezar amesquinha a ideia. Citemos toda a estancia para que melhor se julgue da justiça da critica:

Olha o bom Ruy de Brito Palatino,
Que será della o defensor primeiro,
E Andrade que esse *tanque neptunino*
Co sangue tingirá do jao guerreiro;
Irá delle fogindo peregrino
Jatequetir no trance derradeiro,

E fogirá tambem desbaratado
De Jaoa, o Rey soberbo, acobardado.

Na estancia 105ª do Livro X de tal modo guindou o poeta a phrase que tocou ao sublime do gongorismo. Ei-la :

Vês em Amboino do *Senhor cultiva*
A vinha a quem cultor annos faltara,
E cavando-a de novo com fé viva
A cerca, e de seus damnos a repara ·
E como dos trabalhos não se esquiva
Na aspereza do Moro, terra avara
Planta seu zelo ardente, plantas bellas
Que o fructo ha de subir sobre as estrellas.

Já mostramos que nem sempre feliz era Sá de Menezes na escolha das suas imagens, sacrificando muitas vezes a dignidade da epopéa ao emprego d'uma figura que insensivelmente cahia-lhe do bico da penna. Assim, por exemplo, descrevendo uma horrorosa noite em que Asmodeu fora ter com Luzbel para concertarem nos meios de perderem a frota portugueza, ancorada no porto de Malaca, diz :

No horror da escura noite, quando mudo
Calçando feltros, leve e deligente
Anda o silencio emudecendo tudo,
E senhorêa o somno brandamente.
. . . . . .

Ninguem nos contestará que o silencio *calçando feltros* e emudecendo tudo, é uma expressão mais propria do *Hyssope* do que da *Malaca Conquistada.*

Numerosos são os erros de grammatica que se introduziram na obra prima de Sá de Menezes, e que podem ser attribuidos, ou a negligencia do auctor, ou a impericia dos copistas, typographos e revisores. Com o erudito philologo J. M. da Costa e Silva formamos votos para que « se faça quarta edição d'este poema, já bastante raro, sendo esta vigiada por um corrector habil e intelligente, que faça desaparecer essas maculas, e restabeleça algumas rimas que se acham trocadas. »

Affonso Africano. — Forma este poema o mais brilhante florão da gloria de Vasco Mousinho de Quevedo Castello-Branco, natural da villa de Setubal ignorando-se a data de seu nascimento. Segundo o testemunho do infatigavel abbade Barbosa Machado em sua *Biblioteca Lusitana* foi Quevedo grande conhecedor dos idiomas latino, hespanhol e italiano, revelando-se o seu estro quando ainda frequentava a Universidade de Coimbra, onde se graduára *in utroque jure*. A tomada de Tanger e Arzilla por D. Affonso V forma o assumpto do poema que transmittiu o seu nome á posteridade, e que pela primeira vez foi publicado em Lisboa no anno de 1611.

Este poema que so póde encontrar sua razão d'existencia nas inspirações do patriotismo tem sido diversamente julgado; pretendendo alguns criticos colloca-lo immediatamente depois dos *Lusiadas*. No numero dos seus admiradores conta-se o distincto litterato Almeida Garrett, que no seu *Bosquejo da Historia da Poesia e da Lingua Portugueza* assim s'expressa : « Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar, é depois de Camões, nosso primeiro epico, ahi tem já em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia d'esse defeito (*o gongorismo*), que todavia é nelle ainda raro. Mas que bellezas tem esse tão mal avaliado *Affonso Africano*, a que a cegueira e o máo gosto tem querido preferir a *quichotica* e sesquipedal *Ulysséa*, a hyperborea e campanuda *Malaca!* Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a acção toda não mui bem deduzida, mas que riquissimos episodios a enfeitam! A descripção de Zara, o jardim encantado onde aporta o principe D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o sello da verdadeira poesia, e animados da luz que so dá o engenho. Quanto ao estylo, é com poucas excepções fluido e elegante; custa achar em tão longo poema uma rhyma forçada ou má; e a mesma linguagem, supposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates. »

Parece-nos que o brilhantismo das imagens e a fluidez da metrificação do *Affonso Africano* fascináram ao cantor de *Camões* e de *D. Branca* fazendo-lhe attenuar os defeitos do poema de Quevedo. Submettendo ao cadinho da mais benigna critica reconhecer-se-ha que é frigidissima a sua acção peccando gravemente contra as leis da unidade. Os episodios, cuja riqueza tanto exalta Garrett,

são pela mór parte alheios á marcha do poema, e com difficuldade poder-se-hão a ella prender. Sobremodo fracos são os seus caracteres, e o do protagonista pouco, ou nem-um interesse inspira: bem como o do mago Eudolo, que, como muito bem observa Costa e Silva, « na sua gruta cercado d'um armazem de bruchárias, ameaça os christãos, blasona de seu grande poder e sciencia, parte furibundo para a cidade, reprehende asperamente o rei pela sua frouxidão e descuido, exige o sacrificio da princeza, mas nem o sacrificio tem lugar, porque a victima foge, sem que o rei falle mais nisso; o rei, que digamo-lo de passagem, é o perfeito protypo da nullidade, e o mago nada mais faz, salvo no fim, como um novo Balaan abençoar os inimigos em lugar d'amaldiçoa-los. »

As eminentes qualidades que possuia Quevedo como colorista, a elegancia do seu estylo não eram escoimados de maculas. Assim por exemplo quem poderá ler d'uma assentada dois, ou tres cantos do poema sem que note que a monotonia diminue-lhe sensivelmente o prazer, e que o excessivo uso das allegorias e metaphoras geram o tedio, irreconciliavel inimigo d'attenção? Nem menos extranhavel é a affectação, vicio que lhe communicára a escola castelhana da qual confessava-se adepto, e essa descollocada erudição que fazia-o introduzir em seu livro as imitações e rimini-scencias que em seu espirito haviam-lhe deixado suas muitas e profundas leituras.

Havendo assignado esses defeitos não desconhecemos que o *Affonso Africano* occupa distincto lugar entre as nossas epopeas pelos excellentes trechos que encerra, perfeição de seus versos, belleza das comparações, sabedoria de suas maximas e conceitos, e muito principalmente por ter sabido quasi sempre evitar os numerosos escolhos em que naufragavam a mór parte dos poetas que seguiam os dictames de Gongora e Marini, patriarchas da poesia seiscentista.

A' imitação de Torquato Tasso lançou Quevedo mão da magia para o *maravilhoso* do poema sendo para lamentar a confusão que ahi faz reinar. O verdadeiro Deus, os sanctos, os anjos se acham d'envolta com Lucifer, Megera, Protheo, os Tritões e as Nereidas. Assim pois a mistura do sagrado com o profano, tão censurada

em Camões, é levada ao ultimo excesso pelo auctor do *Affonso Africano*.

Percorramos ligeiramente o teclado de suas maiores bellezas não omittindo tão pouco o que menos digno de louvor se nos antolha.

Merecedora de particular menção parece-nos a descripção da gruta do mago Eudolo, que se lê no canto II :

Conta-me agora, ó Musa, emquanto abrindo
Affonso vai o liquido elemento,
Que desvios se vão contra elle urdindo,
Que possam perturbar-lhe o santo intento:
Que tempestades os ares vão confundindo,
. . . . . .
E que magicos espiritos engenhos usa,
Que Archimedes não forma em Syracusa.

N'hum monte cavernoso, que alça o collo
De Arzilla pouco transito distante,
N'huma alta cova onde não chega Apollo,
Por mais que avive o raío rutilante :
Em clausura vivia o mago Eudolo,
Antigo successor do velho Athlante,
De maravilhas cheio, que alcançára
Parte por arte sua, e parte herdára.

Este era n'arte igual ao Grego raro
Que previo os destroços dos Troyanos
Das aves, que roubou do ninho charo
O Dragão fero, computando os annos :
Nem era nos augurios menos claro
Que o que na guerra dos irmãos Thebanos
Abrindo-se-lhe a terra co'a ruina
O Reyno amedrentou de Proserpina.

Este nas azas do plumoso bando
Ou cortem leves o ar, ou trepidantes,
Varios successos vai conjecturando,
Que a Mauritania prognostica instantes :
Este com olho attento está notando
As entranhas das rezes palpitantes,
Como, que o que Deos tem determinado
N'hum animal esteja figurado.

Este observa as estrellas radiantes
No mais alto silencio, e mais profundo

Notando o movimento das errantes
E das fixas o scintillar jocundo :
Dos signos, dos Planetas tão distantes
(Que tanto podem no pequeno Mundo)
Virtudes e secretas qualidades
Que inclinar podem, não forçar vontades.

Este de pedras candidas é bellas
A propriedade e natureza alcança
E desvellado em conjuncções d'estrellas
A cujo nascimento conta lança,
Figuras espantosas abre nellas
Com que as sombras do lago Averno amansa
Qual em Berillo, qual em Calcedonio,
Qual em Saphyro está, qual em Sardonio.

. . . . . .

O retrato de Zara passa por um dos mais mimosos quadros d'uma rara e peregrina belleza. Apreciemo-lo :

Era Zara o retrato mais perfeito
Que com mão destra fez a Natureza,
Se as condições se veem do altivo peito,
E juntamente as partes da belleza :
O Mundo com seu nome tem sujeito
Que inda he maior que topa a Redondeza,
E se de Christo a Fee lhe não faltára
Pode ser que o seu nome ao Ceo chegára.

De mil Prócos ao Pai era pedida
Sem outro primeiro igual em casamento,
Mas tudo desprezava, que na vida
Não ha cousa que lhe encha o pensamento,
E dizem que se tinha offerecida
A' vida singular, e casto intento
De Diana e das mais Nymphas da terra
Que pisam trás a caça e valle e a serra.

Neste exercicio alegre em que se esmera
O mais do tempo nas montanhas passa
Seguindo os passos d'huma e d'outra fera
Té que a tiro lhe chega e alli a traspassa.
Ora emboscada entre alto mato espera,
Tendo so para a setta a vista escassa,
Que do arco despedidos o cervo prega
Incanto, e co' o sangue o campo rega.

Tambem a cosso toma o leve gamo
Tão ligeira tras elle se arremessa,
Depois que o engano c'o vão reclamo
A' quem acode com ligeira pressa
Agora aponta o passaro no ramo,
E antes de ser sentida o atravessa
Ensaio breve com que a mão se afouta
Para o posco, que fez dentro na mouta.

As vezes enfadada na floresta
Quando arde a calma, quando o sol se empina,
No regaço florido passa a sesta
E na mão d'alabastro a face inclina :
Ora os olhos á fonte clara empresta,
E brincando co'a agoa cristalina,
A vea se perturba, e se mistura,
Porque ella se não turbe co'a figura.

Que a ver a imagem bella n'agoa clara,
O lindo asseio e gracioso riso,
(Se porventura visse) perigára
Perdendo-se por si como Narciso :
Mas ella he desta gloria tanto avara
Que por se não mostrar, turba d'aviso
A fonte, que da mesma agoa se cria
Lhe fuja co'a figura, pois corria.

As vezes co'as donzellas escolhidas,
Que a seguem nesta deleitosa pena,
Debaixo do tecido das floridas
Arvores, dansas mil airosa ordena :
Espantam-se das sylvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena
Os passos com som rustico acompanham,
Porém de longe, que chegar estranham.

Ai Zara, e que vida esta tão segura
Em bosque fresco de pezares falto,
Onde o maior tumulto he d'agoa pura
Das aves do ar o murmurar mais alto!
Agora que te apartas da espressura
Logo encontras com pena e sobresalto,
Que n'alma suspiraste quando viste
Tão severo espectaculo e tão triste.

Vivas *enargueias*, pictorescos *similes* deparam-se na seguinte

pintura da multidão de Mouros que vinham em soccorro da cidade :

Já com tropel aquelles campos pisa
De Mouros commarcãos multidão varia,
Já se mostra das Luas a divisa
Ao lume do divino sol contraria :
Como formigas a que o tempo avisa
Da boa conjuncção tão necessaria
Da loura Ceres, saem por carreiros
A fazer para o inverno seus celeiros.

E com impeto alçando estranha grita
Arremettendo aquelles fracos vallos,
Cada qual suas forças exercita
Buscando meios como possa entra-los :
Mas tornam rebatidos, que milita
O valor que costuma conserva-los,
Tanto melhor em damno do inimigo,
Quanto mais conhecido era o perigo.

Poz a sombra da noite escura e parda
Aos cuidados humanos intervallo
Com as trevas em que o Mouro se resguarda
E para o curso do fugaz cavallo :
Mas tanto que de luz os montes barda
Lucifero, e no mundo faz aballo,
Vê que outra vez com gente de soccorro,
Os nossos cercam no cerrado corro.

Mas elles qual o touro impaciente,
Terror da sylva, dos rivaes espanto,
Tanto que reprimido alli se sente
Dando bramidos de mortal quebranto
Rompe as transqueiras com furor ardente,
Desbaratando denodado quanto
Diante lhe oppõe, gritam das ruas,
Cada qual recolhendo as cousas suas.

Taes contra os inimigos se arremessam
Que temerosos logo as costas viram,
Azas levam nos pees com que se apressam,
Nem sentimento tem dos que suspiram :
Huns cattivando, a muitos atravessam,
E por então o alcanse não seguiram
Longe os nossos, que o cego horror lhes tapa
Os caminhos por onde o Mouro escapa.

Fornece o assalto d'Arzilla formosissimas estancias ao poema, onde com grande arte se daguerreotypam as scenas d'horror e confusão proprias de semelhantes momentos. Por economia d'espaço apenas citaremos um trecho, recommendavel pela riqueza e vivacidade d'expressão :

Qual sobe já pela tendida lança
Para este effeito com industria posta;
Qual com mais ligeireza e confiança
Vai por escada que a muralha encosta;
Qual pelo muro vai com segurança,
Qual verde hera, que co' os noos disposta
De quebra em quebra, e pedra em pedra trepa,
Mas no melhor a mão se lhe decepa.

Porém não foi dos Mouros a presteza
Menos solta pois era mais segura,
Com furor bravo igual á fortaleza
Cada qual rebater o seu procura;
Não val aos nossos natural firmeza
Que no risco maior immota dura,
Por tres vezes subir acommetteram,
Por tantas outra vez se recolheram.

Brilham alguns felizes pensamentos, engastados em melodiosos versos, na descripção da batalha d'*Alcacer Kebir*, principalmente na dos ultimos instantes do rei-cavalleiro. Vejamo-los :

Os esquadrões grossissimos desceram
Dos Alarabes, e com bravo insulto
Dos vassallos o globo acommetteram
Onde Sebastião estava occulto :
Muitos matáram, muitos offenderam
Por se não descobrir o regio vulto,
Mas não havia já poder bastante
A resistir a furia semelhante.

E vendo que lhes era necessario
Dar-se algum acertado pensamento
Para se reprimir o temerario
Encontro, e por-se el-rey em salvamento;
Divisa branca symbolo ordinario
De paz e sojeição se estende ao vento,
A Barbaros pedindo em tanto aperto
Algum conveniente e são concerto.

Mas quem poderá por freio á virtude?
Quem reprimir um animo valente?
Para que inda em taes lastimas se ajude
De condições, que o brio não consente:
Não he bastante a morte, a que se mude
Sebastião de si mesmo e de repente
Com furor represado se abalança,
Onde o Reyno acabou sua esperança.

Tal o calor do sol foi levantando
Lá na parte o vapor mais alta e fria,
Onde se esteve em nuvens engrossando,
E dentro a exhalação se densa e cria;
Logo se vai em pedra conglobando
E rompendo a região desse ar vazia,
Nas intimas entranhas da alta serra
(Assombrando o contorno) alli se encerra.

Campos de Alcacer, nunca em ti se veja
Primavera gentil, mas secco estio;
Nunca o ceo na sazão que se deseja
D'agoa te cubra, nem de orvalho frio;
O teu nome infamado sempre seja,
Que em ti perderam fortes lustre e brio.
Não poude dizer mais Eudolo, e sente
O mal futuro, como já presente.

Bellissima é a imprecação final, porém mal cabida na boca d'um musulmano para quem os campos d'Alcacer são como os de Marathon e Platea para os Gregos, por haver ahi succumbido a ultima tentativa d'invasão portugueza. Repare-se outrosim que este episodio, que occupa todo o canto XI, é totalmente estranho á acção do poema, tornando-a lenta e difficultando o seu desfecho.

Perfeito conhecedor dos recursos da lingua censuravel é o emprego que faz Quevedo d'algumas locuções menos proprias para a sublimidade do genero que escolhera. Assim, por exemplo, na despedida pelo poeta attribuida a el-rei D. João I, usa da palavra *curral de Christo*, que já em seu tempo era pouco nobre. Avaliem os leitores da inconveniencia de tal expressão:

A maior carga que minha alma sente
Que quasi faz pendor e me inquieta
He sangue derramado em guerra á gente

Que no *curral de Christo* se aquieta;
O damno que lhe fiz incautamente,
Alma me corra é huma dôr secreta,
E se a morte mais tarde me impedira
Co'o sangue infido o que verti suprira.

Algumas vezes pelo prazer de servir-se d'uma antithese sacrifica um bello pensamento, como neste exemplo :

Ai que estrago e destorço represento,
Que mortes que *sem terra a Terra deixa!*
Pastos de feras, de aves mantimento,
Que a mesma natureza alli se queixa:
Qual descomposta Ceres de ornamento,
Em molhos jaz que o segador enfeixa
Quando da tarde ao derradeiro atalho
Interpoz o descanso ao seu trabalho.

Mata outras vezes a poesia um trocadilho de que não soube libertar-se o bom gosto do auctor, Assim v. g. fallando dos estandartes portuguezes, diz :

Cinquo estandartes que de verde coram
Em signal de victoria e de esperança,

imagem esta so propria da *Phenix renascida.*

A tomada de Tanger, corollario da d'Arzilla, occupa por algum tempo a attenção do poeta com grave prejuizo da unidade d'acção, de que aliás era pouco observador : nem bem sustentado parece-nos o papel de Zara, inutilmente humilhada no ultimo canto, e predizendo, como Eudolo, as victorias dos inimigos de sua patria e religião.

Apesar da proverbial melodia de Quevedo encontram-se em *seu* poema alguns versos mal medidos e desagradaveis do ouvido; e não duvidando lançar muitas d'estas faltas na conta dos copistas e typographos, como já fizemos com o antecedente poeta, cumpre não esquecermo-nos que os seus contemporaneos accusavam-no de pouco cuidadoso na revisão das suas obras.

LIÇÃO XXIII

Romance.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Deixou-nos este poeta tres novellas pastoris intituladas *A Primavera*, *O Pastor perigrino* e *O Desenganado*, cuja perfeição e mimoso estylo collocam-no na primeira plana dos romancistas da sua epocha.

Á imitação de Sannazaro na sua *Arcadia* e de Fernão Alvares d'Oriente na *Lusitania transformada* são as novellas de Rodrigues Lobo entremeadas de prosa e verso. Na parte descriptiva prima o illustre poeta, levando vantagem aos que antes e depois d'elle trilháram a mesma vereda.

Comecemos pela *Primavera*, dividida em trinta *Florestas*, ou capitulos.

Depois de nos haver pintado com graciosas côres a bella paisagem em que vai collocar a acção do seu romance, apresentado-nos o pastor Lereno, sentado junto á uma fonte e á sombra d'um alto frecho, *tirando da sanfonina* a seguinte lyra :

Já nasce o bello dia
Principio do verão, fermoso e brando,
Que com nova alegria,
Estão denunciando
As aves namoradas

Dos floridos raminhos penduradas,
Já abre a bella aurora
Com nova luz as portas d'Oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente
Vestido de boninas,
Aljofradas de gotas crystalinas,
Já o sol mais fermoso
Está ferindo as aguas prateadas,
E Zephiro queixoso
Hora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Hora sobre ellas move os arvoredos.

. . . . . .

Com que graça não nos pinta o auctor os *arrufos amorosos* do pastor Tirreno? Oicamo-lo :

Quem poz seu cuydado
Em pastora loura,
Nem veja a lavoura,
Nem sirva o arado,
Nem jamais se empregue
Em lavrar abrolhos,
Semee em seus olhos,
E em seus olhos segue,
E se seus amores
Nascerão d'amor,
Seja lavrador,
Pois que lavra dores.
Para sustenta-la,
Gaste a vida nella
Ou viva de vella,
Ou de desejalla.
Tenha onde a tem
A vida e cuydado;
Se ella guarda gado,
Guarda elle tambem.

. . . . . .

N'uma formosa lyra traça-nos Rodrigues Lobo as vantagens da vida pastoril, e não cremos que existam em qualquer das litteraturas da Europa muitas pinturas iguaes a esta :

Em quanto está o avaro em seu thesouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento,
Materia á van cobiça de mais ouro;
Em quanto o navegante ao leve vento
Entrega com as vellas a esperança,
Do temor dos perígos livre e isento;
Em quanto vai regendo a grossa lança
O soldado atrevido cujo estado
So nos braços da morte emfim descança;
Em quanto em vans promessas levantado,
Segue o trato da côrte perigosa
Quem tão tarde se vê desenganado;
Em quanto na cidade populosa,
Não cessa a confusão da humana gente,
Onde reyna a mentira poderosa;
Pascei, minhas ovelhas, livremente
A verde erva neste valle umbroso;
Fartai-vos d'esperança tão contente.
Gozai do louro sol, claro e fermoso,
Agora que vos mostra a face sua
Sem seu rigor ardente e furioso:
Nenhuma flor o ceo vos exceytúa
De quantas para os olhos mostra e cria
De dia o claro sol, de noite a lua.
E eu debaixo d'esta arvore sombria,
Assentado sobre ervas, e entre flores
Vos estarei guardando todo o dia.
D'aqui vos contarei dos meus amores
Ao som do meu rabel já tão gabado
Entre as mais das pastoras e pastores:
A vós darei os olhos e o cuydado,
Vós me dareis do leite, e da lan vossa
Trar-me-heis assi vestido e abastado.
Contente vivirei na minha choça
Sem querer dar a vida e ao temor
Os bens de que a fortuna desapossa.

. . . . . .

Tempo é de fallarmos da prosa de Francisco Rodrigues Lobo, que com tanta naturalidade se mescla á poesia. Julgam-na os philologos portuguezes superior á de Bernardim Ribeiro, e Mr. Sané não duvidou de compara-la com a do grande Fenélon. Tomemos para exemplo o principio da *Floresta nona*:

Sahio a rozada aurora a descobrir o dia, e trás ella veio o sol tão fer-

moso, que Thetis desejava a vinda da noite para com inveja das estrellas, gosar nas agoas sua fermosura. Vestião-se os pastores de festa, afinavão os instrumentos, coroavão-se de flores as pastoras e com vestidos de varias côres, e divisas começavão a celebrar a gloria do dia : estavão as cabanas enramadas e com namoradas tençoens sobre as portas, as ruas cobertas de verdes e floridas espadanas onde se ouvião já as frautas e tamboris das danças dos pegureyros, as folias d'alvorada, e entre tudo o balar do gado que os pastores trazião concertava tal harmonia em os coraçoens presentes, que ainda os que não erão a cuydados d'amor sugeytos os sentião menos, e com este meyo dissimulou Enalia os seus, assim que, tomando delles licença, se ornou para a obrigação dos folgares que se fazia em hum espaçoso valle, que além da fermosa verdura com que a natureza o aventajou de todos os daquella ribeyra, estava cercado de muitas arvores verdes, que postas em muro por huma parte o rodeavão, e da outra o rio, que cô saudosa volta o vay cercando por entre os seus altos arvoredos, e assi dentre elles como na espessura, que defronte fazião os trasplantados ramos, avia muytas fontes de artificio, e muytas figuras pastoris, que em vulto representavão memorias antigas em honra dos pastores...

As duas outras novellas, *O Pastor peregrino*, dividido em *jornadas*, e *O Desenganado* em *discursos*, não são mais do que continuações da *Primavera*, e desenvolvimento do mesmo thema. Como specimen do modo porque Rodrigues Lobo sabia travar o dialogo e evitar o tedio, citaremos aqui o principio da primeira *jornada* do *Pastor peregrino*.

VELHO.

He este caminho tão desviado das aldeias, e tão poucas horas passadas do dia, que imagino que tornas para atrás donde partiste ou vaz desencaminhado por falta de guia. Pareces-me estrangeiro, e eu aos que o são estou-lhe obrigado, e costumo a lhes offerecer a pobreza da minha cabana, porque já em as alheias achei saboroso agasalhado andando em desterro.

LEREMO.

Não he essa má nova para quem determina gastar em outra vida, porém no que perguntas te digo que vou por este valle e sei delle tão pouco que te não darei razão do para onde me guio, porém folgarei de te acompanhar em quanto durar a jornada, e dahi hirei para onde quizeres.

VELHO.

Não me pareces homem sizudo, porque vás para onde não sabes, e deixas na vontade de quem te não conhece o que a ti releva.

LERENO.

Por mais seguro tenho eu deixar isso na tua vontade, que na minha escolha, porque por melhor que a faça tudo para mim he hum caminho e hum perigo, e assim pode ser que tu me levasses por outro, em que me arriscasse menos.

VELHO.

Não entendo o que queres dizer, porque ainda que as palavras são boas as razões são de homem sem juizo, ou pelo menos embaração a quem as escuta.

LERENO.

Que muito he que eu que as digo estou mais enleado?

VELHO.

Agora vejo que ha nescios que fallão bem, e doudos que o não parecem: mas dize, se te parecer, pois não sabes para onde vás, de que parte vens?

LERENO.

Ainda nisso me teras por menos sizudo; porque venho donde podera em algum tempo viver a meu gosto, para hir aonde me quer dar a morte hum inimigo que eu sustento a minha custa.

VELHO.

Certo que bom hospede agasalhas! Não era melhor, pois o levas comtigo, fazer-lhe o que elle a ti tenciona e acabar juntamente essa tua determinação e a tua jornada?

LERENO.

Não me atrevo a offender a quem quero grangear, porque quanto elle mais procura meu damno, tanto mais desejo de lhe fazer a vontade...

Refere depois o pastor ao velho que o seu tormento era a incerteza em que estava de ser o seu amor correspondido por um gentil pastora, ao que torna-lhe-o:

VELHO.

Sabe que ha poucos annos que he conhecida nesta aldeia a verdade das suas aguas, e tem ellas tal qualidade que não soffrem enganos, e quem deseja saber a verdade d'algum, nellas o experimenta facilmente. Contar-te-hei de que maneira, pelas muitas vezes que já me achei presente a esta experiencia: escrevem a pergunta com o juramento; ou promessa de que

duvidão em huma taboa, ou em huma pedra e ao nascer do sol, quando os seus raios começão a revolver as aguas a lanção nellas, e succede assim que a falsidade e mentira se vai aò fundo.

A fluidez do estylo de Rodrigues Lobo demonstra-se pelas citações que acabamos de fazer; resentindo-se porém o enredo dos seus romances da monotonia congenita ás mais primorosas pastoraes.

LICÃO XXIV

Dialogos.

Côrte n'Aldeia. No espolio litterario de Francisco Rodrigues Lobo encontra-se esta obra do mais incontestavel merito; escripta a imitação do *Il Cortegiano* de Balthasar Castiglione. Nem um livro é mais idoneo para caracterisar o tempo em que vivera o auctor; e ainda pelas suas sanctas maximas e preciosos dictames com proveito será em nossos dias consultado. *A Côrte n'Aldeia*, diz Costa e Silva, « prescindindo de todos os outros meritos, entre os quaes avulta não pouco o ser o primeiro livro em prosa classica que se escreveu em nossa terra, é uma das leituras mais amenas e recreadoras que eu conheço [1]. »

Para que possa o leitor bem comprehender o titulo e assumpto d'esta obra, transcreveremos o começo do primeiro dialogo :

Perto da cidade principal da Lusitania está uma graciosa aldeia, que com igual distancia fica situada á vista do mar Oceano, fresca no verão, com muitos favores da natureza, e rica no estio e inverno com os fructos e commodidades que ajudam a passar a vida saborosamente; porque com a visinhança dos portos do mar por huma parte, e da outra com a communicação de huma ribeyra que enche os seus valles, e outeyros de arvoredos e verdura tem em todos os tempos do anno que em differentes lugares costuma buscar a necessidade dos homens; e por este respeyto foi sempre

[1] *Ensaio Biogr. critico*, tom. V, liv. VIII, cap. I.

o sitio escolhido para desvio da côrte e voluntario desterro do trafego della; dos cortezãos que alli tinhão quintas, amigos, ou heranças que costumão ser valhacoutos dos excessivos gastos da cidade. Hum inverno em que a aldeia estava feyta côrte com homens de tanto preço que a podião fazer em qualquer parte, se juntava a mayor parte delles em casa de hum antiguo morador daquelle lugar que tambem o fôra em outra idade da Casa dos Reys, donde com a mudança e experiencia dos annos fez eleyção dos montes para passar nelles os que lhe ficavão da vida, grande acerto de quem colhe esse fructo maduro entre desenganos. Alli ora em conversação aprazivel, ora em moderado e quieto jogo, se passava o tempo, se gozavão as noytes, se sentião menos as importunas chuvas e ventos de novembro, e se amparavam contra os frios rigurosos de janeyro. Entre outros homens, que naquella companhia se achavão, erão nella mais costumados em anoytecendo hum letrado, que alli tinha hum casal, e que já tivera honra dos cargos do governo da justiça na cidade, homem prudente, concertado na vida, douto na sua profissão, e lido nas historias da humanidade. Hum fidalgo mancebo, inclinado aos exercicios da caça e muyto affeyçoado ás cousas da patria, em cujas historias estava bem visto. Hum estudante de bom engenho que entre os seus estudos se empregava algumas vezes nos da poesia. Hum velho não muyto rico, que tinha servido a hum dos grandes da Côrte, com cujo galardão se reparava naquelle lugar, homem de boa criação, e além de bem entendido, notavelmente engraçado no que dizia, e muyto natural de huma murmuração que ficasse entre o couro e a carne, sem dar ferida penetrante. Ao senhor da casa chamavam Leonardo, ao doutor, Livio, ao fidalgo, D. Julio, ao estudante, Pindaro, e ao velho, Solino. Fóra estes havia outros, de quem em seus lugares se fará menção, que assim como os mais não erão para engeytar em huma conversação de poucas porfias.

Vê-se pois que é a *Côrte n'Aldeia* uma obra philosophica, como as *Tuscullanias* de Cicero, versando sobre todos os assumptos que podem entrar n'uma conversação entre pessoas de boa sociedade. Apresentemos alguns exemplos que serão outros tantos modelos da pureza de dicção. Practicando-se uma noite ácerca das vantagens, ou imperfeições de varios idiomas, fallados pelos povos cultos, põe o auctor na boca d'um dos seus personagens este bellissimo e veridico elogio da lingua portugueza:

Huma cousa vos confessarey eu, senhor Leonardo (disse a isto D. Julio), que os portuguezes são homens de ruim lingua, e tambem o mostrão em

dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composição das palavras, he lingua excellente. Mas ha alguns necios, que não basta que fallem mal, senão que se querem mostrar discretos, dizendo mal della, e o que me vinga da sua ignorancia he que elles acreditão a sua opinião, e os que fallão bem desacreditão a ella e a elles. Bravamente he apaixonado o senr. D. Julio (acodio o doutor) pelas cousas da nossa patria, e tem razão, que he divida que os nobres devem pagar com mayor pontualidade á terra que os creou. E verdadeyramente que não tenho a nossa lingua por grosseyra, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que he essa; antes he branda para deleytar, grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e acommodada ás materias mais importantes da practica e escriptura. Para fallar he engraçada com hum modo senhoril. Para cantar he suave com hum certo sentimento que favorece á musica. Para pregar he substanciosa com huma gravidade que auctorisa as razões e as sentenças. Para escrever cartas nem tem infinita copia que damne, nem brevidade esteril que a limite. Para historias nem he tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheas. A pronunciação não obriga á ferir o ceo da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo. Escreve-se da maneyra que se fê e assim se falla. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza e a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se a lingua hebrea pela honestidade das palavras chamárão sancta, certo que não sey outra que tanto seja de palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa. E para que diga tudo, so hum mal tem, e he que pelo pouco que lhe querem os seus naturaes a trazem mais recomendada que capa de pedinte.

Acabamos de apreciar os conhecimentos philologicos de Rodrigues Lobo, vejamos agora o moralista, invectivando a cobiça e o funesto emprego do oiro:

Se as cousas são pelos effeytos conhecidas, e ellas testemunhão a excellencia, ou maldade dellas, qual o foy de mayores males e damnos na redondeza e metteo aos homens em mais perigosos trabalhos que o ouro, a quem com muyta razão podião todos chamar peste do mundo: e posto que os notaveis exemplos das destruiçoens e ruinas, que nelle fez, podião tomar mais tempo do que agora tenho para tractar delle, quero começar primeyro de seu nascimento, para que mostrem os seus arriscados principios e desestrados successos para que a malicia humana o descobrio. E

não desprezando o que diz Plinio tão doutamente, que não contentes os homens com que a superficie da terra produzia para a sua recreação e mantimento, a fermosura das arvores, a diversidade dos fructos, a belleza e cheyro das flores, a verdura das ervas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes, quizerão desentranhar do centro della os segredos que a benigna natureza nos escondia. Nasceo o ouro nas entranhas dos montes e nas asterias occultas dos penedos, e subindo como a arvore da profunda raiz, donde começa, vai espalhando os ramos em desigual medida, convertendo o sol com seus poderes aquella materia disposta e propinqua até que chega a ser ouro, e se demostra por duvidosos sinaes na face da terra que logo daquella emprenhidão se mostra triste dando por indicios da riqueza que encerra erva descorada, delgada, subtil e sequinhosa, arêa e barro leve, seco e sem proveyto, e até as aguas que por entre as veas descem saem cruas e com sabor pesado. Espreytando estes sinaes a industria humana entra fazendo guerra aot profundo, caminhando por debayxo dos montes, sustentados em columnas da mesma terra, deyxando a vista do sol e das estrellas pondo as vidas ao risco de ruynosas machinas que mil vezes os opprimem, que tanto a nossa sede fez cruel a benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar perolas e aljofar que do seu seyo o inimigo ouro, que ainda então o não he mais que nas esperanças. Depois de tirado com tão custosas deligencias, sahido com parto de venenosa vibora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo se aparta, apura, e aperfeyçoa, ficando menos apto para o serviço dos homens na cultivação dos campos e arvoredos, e mais aparelhado para a sua destruyção e ruina ; por que ou se lavra para ostentaçoens e demasias da vaidade, ou se bate e cunha em moeda, cujo preço tyrannisa os poderes e graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas e fez em si estanque de todos os commercios do mundo, no qual antes que elle apparecesse se trocavão as cousas humas por outras, com huma composição e tracto mais conforme, e obrigado a necessidades e commodos da vida, que aos roubos da cobiça, maldades da avareza e sobegidoens da vaidade : e apoderou-se tanto de tudo que na terra havia que veyo a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural em que vivião. Foram crescendo os seus atrevimentos, e se antes de sahir da terra começou a matar homens, sahindo della se levantou contra o ceo, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes : tirou logo a vara das mãos á justiça e deytado em sua balança perverteo o fiel da sua igualdade.

. . . . . .

Póde igualmente considerar-se a *Côrte n'Aldeia* como excellente codigo de civilidade e de bom gosto, bem que não devam actual-

mente seguirem-se a risco todas as suas recommendações. Operam os seculos grandes mudanças nas ideias e habitos dos homens, e por certo que as crenças e as usanças do decimoseptimo seculo não nos quadram em sua generalidade.

Grande numero d'historietas, anecdotas e graciosos ditos servem de condimento as maximas e conselhos que com liberalidade dá-nos o auctor. Querendo v. g. condemnar o abuso das locuções latinas e das palavras alambicadas assim se exprime :

E certo que tenho rayva sabendo que a lingua portugueza não he manca nem aleyjada ver que a fação andar com muletas latinas os que a havião de tractar melhor. Ha outros (proseguio Leonardo) que nem com isso se contentão, e andão buscando palavras muyto exquesitas, que por termos muy escuros significão o que querem dizer. Como hum que se queyxava dá sua dama que *de ciosa andava inquirindo os escrutinios do seu pensamento*. E outro a hum barbeyro disse *que lhe rubricára a parede com a sangria*. Alguns (disse o doutor) conheci eu culpados nesse impertinente modo de fallar que por taes erão reprovados ; porém o uso das palavras invocadas não achey ainda entre portuguezes como nos hespanhoes e italianos. Nem tenho por grande vicio aproveitar d'algumas antigas, muyto bem usadas em outro tempo, e desterradas sem razão em nossa idade. Não faltão (respondeo Leonardo) curiosos que por acharem pobre a lingua, ou por elles o estarem de seus vocabulos, trazem alguns a seu modo: como umletrado que querendo authorisar humas casas por certa occasião, disse: *He necessario que as paredes deste domicilio sejão alveadas e que o fato usivel fique retendo nas ultimas delle*. E outro disse de hum navegante *que fôra felice se não fortuneára tanto no exito da viagem*.

. . . . . .

Cremos haver exuberantemente provado que fôra Francisco Rodrigues Lobo tão grande poeta bucolico como eximio prosador. Infelizmente porém naufragou seu éstro no poema historico, deixando por isso d'analysarmos o seu *Condéstabre*, que na opinião d'um illustrado critico[1] « é um poema pobre de maravilhoso, sem fabula bem construida, carregado d'incidentes treviaes e particularidades ociosas, e cujo tom habitual raras vezes passa das raias do familiar. »

[1] J. M. da Costa e Silva no seu *Ensaio Biogr. critico*, tom. V, liv. VIII, cap. II.

LIÇÃO XXV

Oratoria.

Privada da tribuna politica e judiciaria, não restava a eloquencia portugueza senão o pulpito para theatro de sua gloria. Prejudicava-lhe ainda ahi a crença geralmente espalhada entre os prégadores de que todo o artefício rhetorico devera ser banido dos sermões e panegyricos dos sanctos, não necessitando d'ornatos a linguagem evangelica. Com o progresso porém das luzes foi definhando semelhante crença, e convencendo-se os oradores sagrados que mais fructuosas seriam as suas predicas se menos rudes se tornassem ellas. Quer pelas difficuldades da impressão quer pela natural modestia dos religiosos que então principalmente occupavam a cadeira da verdade, não nos consta que hajam sermonarios dignos d'estudo e imitação nas tres primeiras epochas da nossa litteratura. Destinada estava a Companhia de Jesus o fornecer a Portugal o seu primeiro prégador, com cuja vida e trabalhos oratorios passamos a occupar-mo-nos.

O PADRE ANTONIO VIEIRA

O Padre Antonio Vieira nasceu na cidade de Lisboa a 6 de fevereiro de 1608. Foram seus pais Christovam Vieira Ravasco e D. Maria d'Azevedo. Na tenra idade de oito annos acompanhou seu pai a cidade da Bahia, onde vinha exercer o emprego de se-

cretario do Estado do Brasil. No collegio dos padres da Companhia fez elle o seu curso de preparatorios, então chamado d'*humanidades*, com grande applauso de seus mestres e condiscipulos, e aos quinze annos, abandonando a casa paterna, abraçou o instituto de Loyola, no qual professou a 6 de maio de 1625.

Tão prematuro foi o seu desenvolvimento intellectual, que na tenra idade de dezoito annos já regia uma cadeira de rhetorica no collegio d'Olinda, e compunha commentarios ás tragedias de Seneca e ás *Metamorphoses d'Ovidio*. Ainda antes de receber a ordem de presbytero, o que teve lugar no mez de dezembro de 1635, prégava com grande fama nas principaes igrejas da Bahia, onde principiou essa celebridade que depois estendeu-se por toda a Europa.

Levou-o a Lisboa o fausto successo da restauração d'augustissima casa de Bragança, sendo escolhido pelo vice-rei, marquez de Montalvão, para acompanhar á metropole seu filho D. Fernando de Mascarenhas, incumbido de felicitar o novo rei. Involvido no resentimento popular contra a familia dos Mascarenhas, cujos alguns membros se haviam bandeado para o partido de Castella, escapou o P. Vieira de ser victima de furor da populaça de Peniche, devendo ao governador da praça, conde Atouguia, o ser conduzido salvo á capital do reino, onde não tardou em grangear as boas graças de D. João IV e de seu filho, o principe D. Theodosio.

Não é do nosso intuito traçar aqui o quadro d'essa existencia tão cheia de peripecias, das vicissitudes porque passou o maior homem que nesses tempos contava Portugal. Successivamente encarregado das mais importantes commissões dentro e fóra do paiz era o P. Vieira ouvido como conselheiro, e enviado como diplomata a diversas côrtes e governos da Europa. Por suas mãos passavam os mais importantes negocios, tendo o marquez de Niza, ministro de D. João IV em França, expressa ordem de nunca fallar á rainha regente e ao cardeal ministro, senão acompanhado do celebre jesuita. A' sua influencia deveu a causa da restauração o valioso auxilio de tres fragatas carregadas de petrechos bellicos e o emprestimo d'avultada somma de cincoenta mil cruzados. No meio d'esses triumphos diplomaticos, vemo-lo partir para o Maranhão e empenhar-se com não menos zelo no caloroso debate

suscitado entre a Companhia e os colonos ácerca da escravidão dos indigenas.

De pasmosa actividade atravessou o P. Vieira por varias vezes o Atlantico, soffreu naufragios, cahiu prisioneiro de corsarios, soccorrendo, novo Simonides, seus companheiros d'infortunio, e convertendo em seu pról o respeito e admiração que seu saber e virtudes inspiravam.

Honrado com a confiança dos maiores potentados da terra, não escapou o P. Vieira ás garras da inquisição, que, sob pretexto de que em seu livro intitulado — *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo* — haviam algumas proposições mal soantes, fe-lo comparecer ante o seu tribunal e reteve-o em Coimbra até 1667, em que lhe foi lida a sentença pela qual *era privado para sempre da voz activa e passiva e do poder de pregar, e recluso no collegio da sua religião que o sancto-officio lhe designasse*. Verdade é que de pouca duração foi o effeito de semelhante sentença; porquanto seis mezes depois vemo-lo dispensado de tão rigorosos onus, perdoado, e restituido ao collegio de San Antão de Lisboa. Qual seria o motivo que attrahiria sobre o douto jesuita as iras do terrivel tribunal da fe? Suas tendencias prophetícas, essa pueril vaidade que alimentava o eximio prégador de querer penetrar o futuro, mania que jamais o abandonou; a qual contrariando as vistas dos filhos de S. Domingos, chamáram sobre o illustre visionario tão inqualificaveis rigores.

Associado a todos os acontecimentos politicos e religiosos de seu tempo, experimentou o P. Vieira o desfavor da côrte no reinado de D. Affonso VI, a cuja maioridade se oppuzera, conservando-se afastado dos negocios no collegio do Porto durante todo o tempo que esse infeliz monarcha sentou-se no solio lusitano. Com a exaltação ao governo do principe D. Pedro tornou Vieira a gozar de sua antiga privança, e voltando a Roma, obteve do pontifice Clemente X um breve que o isentava da jurisdicção do sancto-officio portuguez. Estimado pelas maiores notabilidades dá capital do mundo catholico, em cujo numero incluia-se a famosa Christina, ex-rainha da Suecia, permaneceu por seis annos longe de sua patria por motivos que não são bem conhecidos.

Pouco se demorando em Portugal deixou a 27 de janeiro de 1681

a barra do Tejo e aportou á Bahia, dispondo-se, como dizia elle, a passar tranquillo os ultimos dias que lhe restavam na solidão da quinta do *Tanque*, pertencente á Companhia. Invejou-lhe a fortuna esse derradeiro vôto; porquanto havendo-se suscitado serias contestações entre o governador Antonio de Sousa de Menezes, e Bernardo Vieira Ravasco, secretario do Estado e irmão do famigerado jesuita, viu-se este obrigado a sahir do seu retiro afim de pugnar pelos ultrajados direitos de seu tão proximo consanguineo. Calumniado no animo d'el-rei D. Pedro II, a quem consagrára a mais viva affeição e por quem talvez em outras eras não pouco se compromettera, doeu-se profundamente de semelhante infortunio, que não pouco contribuiu para abreviar-lhe seus atribulados dias.

Reintegrado á quinta do *Tanque*, foi de novo distrahido para obedecer a ordem do seu geral, que em 1688 lhe expediu a patente de provincial dos jesuitas no Brasil, difficilimo cargo, que não obstante sua avançada idade, com a maior solicitude desempenhou.

Terminada esta honrosa incumbencia, volveu ao seu tão querido asylo, onde já cego e surdo dictava a sua *Clave dos Prophetas*, quando poz a morte termo aos seus trabalhos no dia 11 de julho de 1697, na idade de oitenta e nove annos e meio.

Longa seria a nossa tarefa si quizessemos citar aqui todas as bellezas que abundam nos sermões do P. Vieira; contentemo-nos com apontar as que mais justas e indisputavel reputação hão grangeado. Dentre os primores que sahiram da penna do grande jesuita occupa distincto lugar o sermão pelo *bom successo das armas de Portugal contra as d'Hollanda*, prégado na igreja de N. S. d'Ajuda da cidade da Bahia, no anno de 1640. Este celebre sermão, que mereceu a honra de ser trasladado em francez pelo abbade Raynal, seria digno de Bossuet pela energia dos pensamentos e vivacidade das imagens. Sirva d'exemplo o bellissimo quadro em que traça os horrores d'uma cidade invadida pelos inimigos da patria e da religião :

Finjamos pois (o que está fingido e imaginado faz horror), finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil á mão dos Hollandezes; que é que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e

d'hereges; não perdoarão a estado, a sexo, nem a idade; com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decóro a sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cans; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia a sua qualidade; chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou), a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que so por amor dos innocentes, dissestes vós algum hora, que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é essa nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christan), tambem a vós ha de chegar.

Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras; arrebatarão essa custodia, em que agora estaes adorado dos anjos: tomarão os calices e vasos sagrados, e applica-los-hão ás suas nefandas embriaguezes: e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem as imagens tremendas de Christo crucificado, nem as da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajaes de consentir semelhantes aggravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo, mais na da Virgem Maria, nas de vossa sanctissima Mãi, não sei como isto póde estar com a piedade e amor de filho. No monte Calvario esteve esta Senhora sempre ao pé da cruz, e sem serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nemum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder o respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque assim o tinheis vós promettido pelo propheta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* Pois, Filho de Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decóro de vossa Mãi, como consentis agora que lhe façam tantos desacatos? — Nem me digaes, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma Virgem era a arca do testamento, e so porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás coisas sagradas para uma severissima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se Jeroboão, porque levantou a mão para um propheta se lhe seccou logo o braço milagrosamente, como aos hereges depois de se atreverem a affrontar vossos sanctos lhes ficam ainda braços para outros delictos? Se Balthasar por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava o vosso sangue, o privastes da vida e do reino, por que vivem os hereges, que convertem os vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos que escrevam sentenças de morte contra sacrilegas?

Emfim, Senhor, despojados assim os templos, e derribados os altares, acabar-se-ha no Brasil a christandade catholica; acabar-se-ha o culto divino;

nascerá herva nas igrejas, como nos campos; não haverá quem entre nellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria do vosso nascimento; passará a quaresma e a semana sancta, e não se celebrarão os mysterios da vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias, que choravam as de Jerusalem destruida: *Via Sion lugent eo quod non sint veniant ad solemnitatem*. Ver-se-hão ermas e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis como costumavam em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os catholicos sem confissão, nem sacramentos; pregar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos; e em lugar de S. Jeronymo e Sancto Agostinho ouvir-se-hão e allegar-se-hão os infames nomes de Calvino e Luthero; beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem, reliquias dos portuguezes, e chegaremos ao estado que se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: — Menino, de que seita sois? — Um responderá: Eu sou calvinista; outro: Eu sou lutherano. Pois isto se ha soffrer, Deus meu? Quando quizestes entregar ás vossas ovelhas a S. Pedro, examinaste-lo tres vezes, se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* E agora as entregaes d'esta maneira, não a pastores senão aos lobos? Sois o mesmo, ou sois outro? Aos hereges, o vosso rebanho? Aos hereges as almas? Como tenho dito e nomiei almas não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis d'enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver taes lagrimas e taes estragos. E se assim é (que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas), se é que ha de haver dôr, se é que ha de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo que vos contente antes o que vos ha de pesar em algum tempo.

No mui citado sermão de S. Antonio prégado na cidade de S. Luiz do Maranhão no anno de 1651 encontram-se infinitas galas de linguagem e grande copia d'ideias philosophicas e moraes. Sob a forma d'uma allegoria, e suppondo, á imitação do seu heróe, prégar aos peixes, censura o P. Vieira os vicios dominantes nessa parte do Brasil, e sem ferir nem-uma susceptibilidade, consegue ser por todos comprehendido com não pequena vantagem para as almas. Aprimorado retrato do traidor deparamos nós na pintura que nos faz do polvo, cuja transcripção julgamos que aprazerá ao leitor:

Mas já que estamos nas covas do mar antes que saiamos d'ellas temos lá o irmão polvo, contra o qual tem suas queixas S. Basilio e S. Ambrosio.

O polvo com aquelle seu capello na cabeça parece um monge; com aquelles seus raios estendidos parece uma estrella; com aquelle não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo d'esta apparencia tão modesta, ou d'esta hypocrisia tão sancta testemunham contestemente os dois grandes doutores da Igreja latina, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres a que está pegado. As côres que no camaleão são gala no polvo são malicia: as figuras que em Protheu são fabula, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos faz-se verde; se está na areia faz-se branco; se está no lodo faz-se pardo; se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui que succeda? Succede que o outro peixe innocente da traição vai passando desacautelado, e o salteador que está d'emboscada dentro do proprio engano lança-lhe os braços de repente, e fa-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais porque nem fez tanto. Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o signal, e o polvo dos proprios braços fez as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanterna adiante; traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo escurecendo-se a si tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz é á luz para que não destingua as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

Como não ignora o leitor occupava outr'ora o pulpito o vacuo que vemos hoje preenchido pela imprensa periodica e servia de valvula ao demasiado vapor dos queixumes populares. No gozo de justa influencia e incontestavel prestigio trovejava Vieira da cadeira da verdade contra os abusos que se haviam introduzido na administração publica, e não raro dava aos seus discursos sagrados feições politicas. Em abono do que acabamos de dizer bastará citar o seguinte trecho do *sermão do bom ladrão*, prégado na igreja da Misericordia de Lisboa no anno de 1655:

Dom Fulano (diz a piedade bem intencionada) é um fidalgo pobre, disse-lhe um governo. E quantas piedades, ou advertidas, ou não, se contém nesta piedade? Se é pobre deem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque é pobre um governo, para que desempobrecer á custa dos que governar; e para que vá fazer muitos pobres á conta de tornar muito rico? Isto quer quem o elege por este motivo. Vamos aos do premio e tambem aos do castigo. Certo capitão mais

antigo tem muitos annos de serviço; dem-lhe uma fortaleza nas conquistas. Mas se esses annos de serviço assentam sobre um sujeito que os primeiros despojos que tomava na guerra eram a farda e a ração dos seus proprios soldados, despidos e mortos de fome; que ha de fazer em Sofala, ou em Mascate? Tal graduado em leis leu com grande applauso no Paço; porém em duas judicaturas e uma correição não deu boa conta de si; pois vá degradado para a India com uma beca. E na Beira e no Alentejo onde não ha diamantes, nem rubis, se lhe pegavam ás mãos a este doutor, que será na relação de Goa?

Notavel pela valentia d'expressão e magestade de pensamentos é sem duvida o seguinte exordio *ex abrupto* do sermão da primeira dominga d'advento, prégado na capella real em 1650 :

Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra (dou principio a este sermão sem principio, porque já disse Quintiliano que as grandes acções não hão mister exordio; ellas por si mesmas ou suppõem a attenção, ou a conciliam. Tambem passo em silencio a narração portentosa dos signaes que precederão ao juizo : porque esta parte do Evangelho pertence aos que hão de ser vivos naquelle tempo, e não a nós, e o dia de hoje é muito de tractar cada um so do que lhe pertence). Abrazado pois o mundo, e consumido pela violencia do fogo o que a soberba dos homéns e o esquecimento d'este dia levantou e edificou na terra; quando já não se verão neste formoso e dilatado mappa, senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza e desengano de nossa vaidade ; soará no ar uma trombeta espantosa, não metaphorica mas verdadeira (que isso quer dizer a repitição de S. Paulo : *canet enim tuba*).

E, obedecendo aos imperios d'aquella voz do ceo, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar e a terra ; abrir-se-hão em um momento as sepulturas, e apparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito que a voz d'uma trombeta haja d'achar obediencia nos mortos? Ora reparai em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina, penetrae no mais interior e retirado d'aquellas soledades ; o que é que vedes? Naquella cova vereis mettido um Helarião, naquell'outra um Macario, na outra mais apartada um Pacomio, aqui um Paulo, alli um Jeronymo, acolá um Arsenio, d'outra parte uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou nesses celicios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos metteu nessas sepulturas? Quem? — Responderá por todos

S. Jeronymo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: Surgite, mortui, venite ad judicium.* Sabeis vós quem nos vestiu d'essas mortalhas? Sabeis quem nos fechou nessas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa que ha de soar no ultimo dia: *Levantae-vos, mortos, vinde a juizo.* Pois se a voz d'esta trombeta, so imaginada (pesae bem a consequencia), se a voz d'essa trombeta, so imaginada, bastou para enterrar os vivos; que muito, que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes. Credes, mortaes, que ha de haver juizo? Uma de duas é certa; ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora poderá ser com proveito. Quanto melhor fôra chorar agora, e arrepender agora, como faziam aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrimas não ha de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão! Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos.

Bellissimo exemplo d'uma *amplificação por gradação* deparamos no sermão do dia de Ramos, prégado na matriz do Maranhão em 1656:

Começou a chover o deluvio de Noé; alagáram-se na primeira semana os valles, e os quartos baixos dos edificios; subiram-se os homens aos quartos altos; choveu a segunda semana, venceram as aguas os quartos altos; subiram-se aos telhados; choveu a terceira semana, sobrepujou o deluvio os telhados; subiram-se ás torres; choveu a quarta semana, ficáram debaixo das aguas as torres e as ameias mais altas; subiram-se aos montes; choveu a quinta semana, ficáram tambem afogados os montes; subiram-se finalmente ás arvores e assim estavam suspensos e apegados nos ramos. Postos neste estado os homens, já não tinham para onde subir, e não lhes restava mais que uma de duas; ou nadar e acolher-se á arca, ou deixar-se afogar, e perecer no deluvio. Oh! se nos vissemos bem neste grande espelho!!! E quantos de nós estamos hoje no mesmo estado? Desde o principio da quaresma começou Deus a querer-nos conquistar as almas, e nós sempre a retirar e a fugir de Deus de semana em semana. Passou a primeira semana da quaresma, guardamo-nos para a segunda; passou a segunda, deixamo-nos para terceira; passou a terceira, esperamos pela quarta; passou a quarta, delatamo-nos para a quinta; passou a quinta, appellamos para a sexta; já estamos na sexta e na ultima semana d'este

deluvio espiritual, já estamos como os do outro deluvio com as mãos nos ramos das arvores, ou com os ramos das arvores nas mãos : *Cadebant ramos de arboribus* (Matth.).

Nem menos feliz emprego das figuras e *preterição* e *parrhesia* offerece-nos o exordio do sermão das exequias d'el-rei D. João IV :

Grande é minha ingratidão, sacra, real e defunta magestade. Grande é minha ingratidão que a quero confessar assim, por não dizer que grande é a minha fé. Devo á memoria do senhor rei D. João, o IV, maiores obrigações que as de rei, porque lhe devi muitas vezes nos olhos de sua magestade todas as piedades de pai. Mas sou tão ingrato (sem estar nem poder estar esquecido) que nem a nova da não esperada morte de sua magestade me póde entristecer, nem esta mesma representação funeral, que ainda em casos ordinarios costuma entristecer os animos por sympathia da natureza, me póde causar sentimento.

A par de tantas e tão peregrinas bellezas vem algumas nodoas gongoristicas, embaciar o esplendor dos maiores monumentos oratorios da nossa lingua. Quem por exemplo deixará de censurar os trocadilhos que no sermão do nascimento da Virgem Maria fez o Padre Vieira com os substantivos *nascimento*, *luz* e com o verbo *nascer?*

O sol se bem advertirdes (diz elle) tem dois nascimentos : um nascimento com que nasce quando nasce, e outro nascimento com que nasce antes de nascer. Aquella primeira luz da manham que apaga, ou accende as sombras da noite, cuja luz é? E' a luz do sol. E esse sol então está já nascido? Não, e sim : não porque ainda não está nascido em si mesmo; sim porque está nascido em sua luz. De sorte que naturalmente veem os nossos olhos ao sol duas vezes nascido : nascido quando nasce, e nascido antes de nascer.

Innumeras provas poderiamos apresentar de frequentes abusos da figura *antitheses*, da qual tanto parecia gostar Vieira. Abramos o magnifico sermão da Epiphania, prégado na capella real de Lisboa no anno de 1662 e na presença da rainha D. Luiza e do rei D. Affonso VI. Logo no exordio lem-se estas palavras, inspiradas pelo máo gosto do contraste :

Para que Portugal em nossa idade possa ouvir um prégador evangelico, será hoje o Evangelho o prégador. Esta é a novidade que trago do Novo Mundo. O estylo era que o prégador explicasse o Evangelho : hoje o Evangelho ha de ser a explicação do prégador. Não sou eu o que hei de commentar o texto, o texto é que me ha de commentar a mim. Nem-uma palavra direi que não seja sua porque nem-uma clausula tem que não seja minha. Eu repitirei as suas vozes, elle bradará os meus silencios. Praza Deus que os oiçam os homens na terra, para que não cheguem a ser ouvidos no ceo.

Lendo o sermão de N. S. do O', pregado na igreja d'Ajuda da cidade da Bahia no anno de 1640, profundamente sentimos que o Cicero portuguez procurando ser arguto, descesse a subtilezas impropriaś do seu grande engenho. Nada revela melhor a fraqueza da humanidade do que esses lapsos, a que se referia Horacio quando dizia :

Quando que bonus dormitat Homerus.

So a elles poderemos attribuir o pueril jogo que faz o famoso jesuita da letra O. Sirva d'exemplo este final do exordio :

O mysterio do Evangelho é a conceição do Verbo no ventre virginal de Maria Sanctissima : o titulo da festa é a expectação do parto, e desejos da mesma Senhora, debaixo do nome de O. E porque o O é um circulo e o ventre virginal outro circulo ; o que pretendo mostrar em um e outro, é que assim como o circulo do ventre virginal na conceição do Verbo foi um O que comprehendeu o immenso, assim o O dos desejos da Senhora na expectação do parto foi outro circulo que comprehendeu o Eterno.

Qual será finalmente o juizo que ácerca do P. Vieira, considerado como orador, deveremos formar? — D'um talento assombroso realçado por descommunal erudição tanto sagrada, como profana, d'um profundo conhecedor dos mais reconditos segredos da lingua, apaixonado porém por extravagancias e paradoxos, abusando a miudo das Sagradas Escripturas para provar proposições ridiculas e satisfazer ao immoderado desejo de passar por propheta. « Estes defeitos, diz o Sr. J. I. Roquete, que são assaz para lamentar, eram em parte devidos ao máo gosto do seu seculo e dos

seus ouvintes, e em parte filhos das circumstancias tão variadas da sua vida. Vieira adoecia muito d'amor proprio, e da pretenção de ler no futuro, era mui resentido, e, pungido tão constantemente dos espinhos da ingratidão, abandonava-se a emprezas extravagantes, e escolhia assumptos allusivos em que desafogasse a sua paixão, e como que tomasse um honesto despique d'offensas não merecidas[1]. »

O PADRE ANTONIO DE SÁ

Entre os discipulos e imitadores do P. Vieira cabe distincto lugar a este nosso illustre compatriota, ácerca do qual apenas sabemos que nascera no Rio de Janeiro aos 26 de junho de 1620, vestira a roupeta da Companhia de Jesus, onde fora mestre de theologia e humanidades, gozando da fama de bom prégador alcançada nos pulpitos da metropole bem como da sua patria, onde fallecera no dia 1° de janeiro de 1678. Parece que eram os seus sermões publicados a proporção que os ia prégando, formando d'elles mais tarde Miguel Rodrigues uma collecção que sahiu a luz em Lisboa em 1750. Eis como a respeito d'essa collecção se exprime o Sr. J. F. da Silva em seu *Diccionario Bibliographico* :

« Tenho um exemplar d'esta edição que é muito pouco vulgar; porque uma grande parte d'elles se consummiu pelo incendio subsequente ao terremoto de 1750 na loja do editor. »

Não podendo obter o complexo dos discursos sagrados do eximio prégador, de quem o maior caso fazia o Padre Vieira, tivemos por uma boa fortuna o depararmos na *Biblioteca Fluminense* com alguns dos seus sermões, incluidos n'uma miscellanea oratoria que ahi existe : da qual faremos alguns extractos.

Pondo de parte o patriotismo, que mal cabido seria em semelhante caso, ingenuamente confessamos que está o prégador brasileiro muito abaixo do portuguez, e não duvidamos subscrever ao juizo que a seu respeito emittiu o erudito philologo Francisco José Freire (*Candido Lusitano*) nas suas já citadas *Reflexões sobre a*

[1] *Epitome da Vida do P. A. Vieira*, pag. LII.

Lingua Portugueza, quando disse : « Discipulos d'este grande mestre (o P. Vieira) foram diversos oradores, especialmente Antonio de Sá e D. Luiz d'Ascenção, imitando-o na pureza do estylo, e correcção da grammatica, porém a cada um d'elles se póde applicar com verdade : *Sequiturque patrem non passibus æquis.* »

Recommendavel pela sua energia de linguagem e vigor dialectico é o seguinte trecho do sermão de quarta feira de Cinza, em que o orador fluminense exhorta os fieis a se converterem. No nosso conceito póde elle rivalisar com as melhores passagens de Vieira. Oiçamo-lo :

Se temos fé, e cremos que não ha perdão de peccados sem arrependimento do peccador, necessariamente nos havemos d'arrepender algum dia, pois se ha ser algum dia, porque não será hoje? Se ha ser depois, porque não será logo? Ou o peccado é bem, ou é mal ; se bem, porque vos haveis d'arrepender nunca? Deixai-vos morrer em peccado : se mal, e por isso determinais arrepender-vos depois, não é pouca cordura multiplicar numero de culpas, para dobrar as causas do arrependimento? Não pouca consideração peccar mais para ter mais que arrepender? Que queiraes sacrificar o melhor dos annos ao mundo, e que não vos pejeis de reservar as reliquias da vida para Deus? Que intenteis começar a viver bem naquelles annos, onde muitos não chegarão, e outros acabáram de viver? Compraes uma quinta e desejais que seja boa, fazeis uma galla, e procuraes que não seja má, todas as vossas coisas, ainda as de menos substancia, pretendeis que sejam boas e muito boas, e que segurança tendes de que a vida vos durará até esse tempo, para o qual guardaes a vossa penitencia? Quem vos esperou até hoje, não vos promette, nem o dia d'amanhan : quantos viram nascer o sol que não tornáram a ver posto? Quantos o virão por que não tornárão a ver nascido? Não poderá ser cada qual de nós um d'estes? Antes que se acabe esta hora não poderá cada qual de nós acabar aqui a vida? E se succedesse? Mas quero que vivaes esses annos que falsamente vos prometteis, e por onde vos consta que então vos haveis d'arrepender? Se agora vos parece tão arduo dar de mão aos vicios, que será depois quando com o costume, estiver a natureza mais depravada, e a graça mais distante? Nunca vistes uma avesinha que tendo o corpo todo livre e solto está contudo presa por uma unha? Bate as azas para voar e não pode ; arremeça-se para fugir e não acaba. Pois o que detem, avesinha, triste, não tens o corpo solto, não tens as azas livres? Porque não voas? Porque não foges? Quem te prende? Quem te enlaça? — Uma unha. — Ah! peccadores, a culpa é a prisão d'alma : se vos achaes agora tão impedidos quando

são os laços menos, como esperae desembaraçar-vos quando forem mais os laços; se a muitos retarda hoje uma so unha presa como confiam soltar-se quando estiver enlaçado todo o corpo? Ahi não ha conversão de peccador, sem vocação de Deus, senão accudis a Deus quando vos chama, quem vos assegurou que vos havia d'accudir quando vós chamardes? Aquellas cinco virgens loucas do Evangelho não se presentiram quando Deus as buscou, chamáram depois uma e outra vez : *Domine, Domine*, e Deus não lhes accudiu, *nescio vos* : porque não temereis que diga Deus que vos não conhece quando vós chamardes, pois vós o não quereis conhecer quando elle vos chama?

Bellissimas são tambem as pinturas que nos faz do homem em geral e do christão em particular no sermão da primeira sexta feira da Quaresma, prégado na freguezia de S. Julião em Lisboa no anno de 1674. Judiciosas e eloquentes são as seguintes expressões :

Entre todas as coisas do mundo, que nossos olhos vem, ou nossos entendimentos alcançam, o maior milagre, e o mais notavel é verdadeiramente o homem : oriente do ceo e da terra, contermino da eternidade e do tempo, vinculo do Creador e da creatura, na vida semelhante ás plantas, no sentido igual aos animaes, no entendimento companheiro dos anjos, na magestade quasi um segundo Deus composto de duas naturezas, tão diversas e tão adversas como são, o espirito e a carne, das quaes uma é celestial e a outra terrena, uma é caduca, e a outra immortal, uma é a imagem de Deus, e a outra semelhança dos brutos; o espirito o faz pio, a carne o faz impio; o espirito o levanta ao ceo, a carne o abate ao inferno; o espirito o reforma em Deus, a carne o transforma em animal; ha maior milagre do que o homen? Pois ainda ha outro maior milagre. A unica admiração, a maravilha unica entre todos os homens é o christão verdadeiro : é felicissimo porque espera em premio o ceo, é infelicissimo porque está em desterro na terra; é fortissimo porque vence ao demonio, é fraquissimo porque ás vezes o vence a carne; é animosissimo porque não teme a morte, é pusilanime porque o afflige a vida; é nobilissimo porque é irmão de Christo, é vilissimo porque é fabula do mundo; é prudentissimo porque sabe o caminho da salvação; é fidelissimo porque crê e não vê; é todo solicito porque nunca ama o descanço, é todo descuidado porque se deixa reger em tudo de Christo, padece continuos combates de fóra e goza continua paz de dentro, morre na vida e vive na morte; todas as coisas ama por Christo, e não ama a si mesmo por Christo, não o desvanece a fortuna, nem o entristece a desgraça; no mesmo tempo deseja morrer, e

no mesmo tempo deseja viver, morrer para estar com Christo, e viver para servir a Christo.

Como modelo d'uma boa *prosopopéa* pódem ser citadas as palavras por Jesus Christo endereçadas ao peccador, que se leem n'um dos sermões prégados ao recolher-se á procissão de Passos :

Homem, que como ovelha perdida, embaraçado nos deleites enganosos d'esta vida, te tinhas desviado dos caminhos da eterna, eis aqui como estou affligido e atormentado por te poder lançar aos meus hombros para te reduzir ao Paraizo. Conforma-te com a imagem da tua humanidade para te refazer; já que não retiveste a forma da minha divindade, que imprimi em ti quando te formei, retem ao menos a forma de tua humanidade que imprimi em mim para te reformar; se não estimaste os muitos bens que te concedi quando te criei, estima ao menos as muitas miserias que padeço para te remediar. Tu és a causa de minhas dôres, tu és o motivo dos meus tormentos, tu és a culpa de minha morte : tu foste o peccador, eu sou o castigado; tu foste o reo, eu sou o condemnado; tu foste o delinquente, eu sou o crucificado. Padeci agonias, para te merecer gostos; temi por te fazer seguro; velei para te acordar da culpa; orei para te impetrar favores; suei sangue para te lavar tuas fealdades; fui preso para te libertar; atado para te soltar; vendido para te comprar; negado de Pedro para te confessar diante dos anjos; accusado para te escusar; vendado nos olhos para te revelar minha face na gloria; açoutado para que te não açoutasse meu Pai; condemnado para te absolver ; lançado fóra de Jerusalem da terra para te admittir na Jerusalem do ceo; levei a cruz para te passar de teus hombros aos meus o peso dos teus peccados; fui coroado d'espinhos para te aparelhar uma coroa de gloria; tive sede, para te dar de beber na fonte viva da graça; fui encravado, para te espertar; estendi os braços para te abraçar; inclinei a cabeça para te dar o osculo da paz : finalmente tomei sobre mim a morte para te perpetuar a vida; dar-te por premio minha paixão, pois eu me dei por preço da tua redempção; não me correspondas com aggravos, pois eu te obrigo com ternuras.

Pelos excerptos que havemos feito dos sermões do P. Antonio de Sá terá conhecido o leitor que participou elle dos mesmos defeitos que assignalamos no P. Vieira, ainda mais salientes por isso que, como já dissemos, era muito inferior ao seu confrade. Pagou avultado tributo ao máo gosto do seu tempo : incensou o idolo do *gongorismo*, e militou debaixo das bandeiras do celebre prégador

castelhano Frei Luiz de Granada, cujos conselhos com o mais escrupuloso respeito seguiu e observou. Cumpre porém não esquecer, em honra do nosso benemerito conterraneo, que prégava elle em Lisboa contemporaneamente com o P. Vieira, cuja partida para o Maranhão sendo por algum tempo lamentada acodiu-lhe este ultimo « que a sua ausencia não seria sensivel ficando o P. Antonio de Sá. »

Antigo costume é dos discipulos exagerarem os erros dos mestres : não acontecia porém isto com o P. Antonio de Sá : porquanto conhecendo que o seu talento era muito mais mesquinho do que o do *Chrysostomo Portuguez*, fugia de remontar-se aos alpestres cimos, em que folgava este de pairar. Menos arrogado em suas imagens, era tambem mais exacto o P. Sá nas comparações; menos hyperbolico e guindado na phrase era porvia de regra de maior concisão e propriedade nos termos.

LIÇÃO XXVI

Epistolographia.

O P. ANTONIO VIEIRA.

O P. Antonio Vieira a quem já classificamos como primeiro orador portuguez é tambem o principal epistolographo da sua epocha. Sua correspondencia com diversas pessoas da côrte, com seus superiores ecclesiasticos, ou com seus intimos amigos, constitúe um dos padrões da nossa litteratura, e que será com proveito consultado emquanto houver quem entenda a lingua de Camões e João de Barros. Percorrendo porém a collecção das cartas de Vieira conhece-se que as contrariedades de sua vida e os desgostos dos homens e das coisas que lhe deveram ter produzido tornam-no ás vezes um tanto caustico, e fazem-lhe perder a graça e naturalidade tão necessarias neste genero de composição.

Procedendo ao inventario das bellezas epistolares do P. Vieira somos obrigado a resumir o seu numero em attenção á estreitesa do nosso plano.

Recommenda-se a 40ª carta do tomo III dirigida a D. Rodrigo de Menezes não so pela gravidade do seu estylo como porque nella Vieira parece dar a entender que vira a luz entre nós, o que animou o nosso distincto amigo o Sr. J. Norberto de S. e Silva a propor ao Instituto Historico o exame d'esta materia, que foi amplamente desenvolvida pelo sabio arcebispo marquez de S. Cruz,

ficando exuberantemente provado que a Lisboa e não á Bahia cabe a gloria da naturalidade do eximio jesuita. Em razão da sua importancia e perfeição, copia-la-hemos integralmente :

Senhor : — No correio passado escrevi a V. S. e não suppondo faze-lo neste, sou obrigado a isto por um aviso que tive do Brasil. Em mim é attributo da natureza, em V. S. obra de caridade e em S. Alteza, se for servido fazer-nos a mercê que se pede, acção de sua real grandeza.

É o caso que uma irman que ainda tinha sem tomar estado, em que outras vezes fallei a V. S., está casada na Bahia com Jeronymo Sodré Pereira, que servia a S. Alteza com satisfação em Alémtejo. Pretende o posto de mestre de campo, que alli está vago, e segundo sou informado, excede na qualidade a alguns dos seus antecessores, e os iguala nos procedimentos, posto que não na antiguidade dos serviços. El-Rey, que está no ceo, sem eu lhe pedir (como nunca lhe pedi nada) me fez mercê (ainda quando o tinha servido menos) mandar passar, e registar uma portaria, em que diz : que nos requerimentos de meus parentes se haverá respeito aos meus serviços. Fui duas vezes a Hollanda, duas a França, uma a Italia em serviço de S. Magestade, passando tambem a Inglaterra, e havendo de chegar á Dieta de Munster com negocios de tanta importancia e tanto risco, como póde dizer o bispo de Leiria, e d'algum teve tambem noticia o senhor marquez de Marialva. Si no governo da rainha, que está no ceo, desejei servir a S. A. e quanto me custou este desejo, a V. S. é bem presente ; mas não trago isto á memoria mais que para significar a V. S. que o não quero allegar, para dever-lhe toda a mercê, que de S. A. espero nesta occasião, so a sua grandeza e affecto, de que V. S. tanto me assegura. E para que diga tudo a V. S., com sinceridade que devo, e costumo, toda a razão d'este meu empenho é querer que este parente tenha posto raizes na Bahia para que fique nella, e não se resolva a vir a Portugal com o perigo que já experimentou outro cunhado, e irman com cinco filhos, que ficáram sepultados no mar. *A cabana em que nasci não tem outra esperança de ter successor legitimo senão esta;* e posto que o affecto do sangue está em mim tão morto como outros, vive ainda nos que pedem isto com as maiores instancias, e eu não tenho onde as remetter senão á protecção de V. S.

Vejo quão importuno sou, e quanto molesto a V. S., mas a benignidade tão experimentada de V. S. me anima a que passe dos seus limites. Deus guarde a V. S. muitos annos, como desejo, e os criados de V. S. havemos mister. — Roma, 1 d'agosto de 1671. — Criado de V. S. — *Antonio Vieira.*

Ninguem ignora a difficuldade d'escrever-se uma carta de pe-

sames sem cahir nas trivialidades que o uso tem consagrado. Apartando-se da vereda ordinaria escreveu o P. Vieira algumas notaveis pela concisão de palavras e abundancia de pensamentos, distinguindo-se entre estas a seguinte escripta a certo fidalgo :

Meu Senhor : — Uma das maximas que se deviam evitar entre os politicos, é esta, que mais serve de renovar a dôr, que de diminuir a pena ; principalmente quando o sentimento, por grande e justo, parece que não admitte allivio. Nem eu me atrevo a intima-lo a V. S. ; pois conheço não póde a minha persuação ser poderosa para desvanecer a que V. S. por todas as razões deve sentir. Deus, admiravel sempre em suas disposições, guarde a V. S. por muitos annos, e lhe dê na mais resignada conformidade o mais justificado merecimento.

Na carta mandada á rainha da Gran-Bretanha, filha de D. João IV, formula Vieira as suas queixas ácerca da ingratidão que para com elle practicára o principe D. Pedro, regente de Portugal, e onde, apesar de profundo ser o seu resentimento, nem-uma expressão desrespeitosa escapa de sua penna. Pensando que o leitor não deixará de le-la com summa satisfação, transcrevemo-la em sua intrega :

Senhora : — Tem V. M. a seus reaes pés a Antonio Vieira neste papel, porque é tal a sua fortuna que o não poude fazer em pessoa por mais que o desejou e procurou. A quem me queixarei do principe D. Pedro, meu senhor, senão a V. Magestade ? Por sua causa, depois do primeiro desterro, padeci as indignidades que me não atrevo a referir, e quando para o reparo d'ellas esperava o escudo de sua real protecção, nem-uma folha de papel para o seu embaixador pude conseguir, em que lhe encommendasse me assistisse nesta curia.

A Companhia do Commercio do Brasil, que restaurou Pernanbuco e Angola, e deu cabedal ao reino para se defender, por ser invento e arbitrio meu, me tem trazido á presente fortuna, quando se pudera prometter uma muito avantajada e honrada a quem tivesse feito ao seu rei, e á sua patria um tal serviço sobre tantos outros, em que tantas vezes, e com tão uteis effeitos arrisquei, sem nem-um interesse, a vida. Mas permitte Deus que nos principes da terra se experimentem semelhantes galardões, para que so de sua grandeza e verdade se esperem os que não hão de ter fim.

Quiz fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a rainha da Grãa-Bretanha, minha senhora (como ainda espero), e communicar a V. Magestade de palavras muitos par-

ticulares, que se não podem fiar de papel; e so porque os N. N. N. não imaginassem que S. Alteza por este rodeio consentia no fim da jornada, me não concedeu que passasse, uma vez por amor de mim, aquelle mesmo canal d'Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação de sua corôa. Magoa é maior que toda a paciencia a consideração de que experimente estes rigores em um filho d'El-Rei D. João IV e da rainha D. Luiza d'immortal memoria, um criado tão favorecido d'ambos, que um o nomeou por mestre, e outro por confessor do mesmo senhor. V. Magestade por sua clemencia perdoe a indecencia d'estas queixas, que a dôr não tem juizo, e nem-uma é maior que a do amor offendido.

Rainha e senhora minha, Deus guarde a real pessoa de V. Magestade, como a Igreja universal, e os vassallos e criados de V. M. havemos mister.

De grande tino politico deu Vieira provas em varias cartas suas, como v. g. na que enviou á Duarte Ribeiro de Macedo, advogando a utilidade da cultura no Brasil das plantas e drogas da India, como meio indirecto d'arruinar o commercio hollandez. Extractemos d'ella a parte que mais notavel julgamos :

Quando li esta carta de V. S. de 4 de janeiro, me resolvi que V. S. e eu eramos os verdadeiros chimicos de Portugal, porque me parece temos descoberto a pedra philosophal; e chimicos porque ambos medramos pouco.

Para prova da primeira parte d'esta proposição, ha muitos annos sei se dá no Brasil a pimenta e quasi todas as outras drogas da India, como se experimentou no primeiro descobrimento, e el-rei D. Manuel, por conservar a conquista d'Oriente, mandou arrancar todas as plantas indiaticas, com lei capital que ninguem as cultivasse; e assim executou ficando sómente o gingivre, que, como raiz, dizem no Brasil, se metteu pela terra dentro, mas ainda se conserva a prohibição e se toma por perdido.

Com esta noticia aconselhei el-rei, que está no ceo, mandasse do Brasil á India, ou da India fosse ao Brasil, um navio carregado das ditas plantas já nascidas, e acompanhadas de pessoas practicas da dita cultura, e que em diversos lugares e tempos do anno as fossem transplantando, ou semeando, para que a experiencia mostrasse em qual clima d'aquelle vastissimo Estado se davam melhor. D'onde se segueria que uma vez que tivessemos abundancia das ditas drogas, conduzidas ellas a Portugal com viagem e despeza tanto menor que as que navegam os Hollandezes, vendendo-as nós a muito menos preço, ficavam elles perdidos e a India restaurada sem guerra. O mesmo representei ao principe, que Deus guarde, e não sei si a algum dos seus ministros; mas o effeito foi, como V. S. e eu temos

experimentado em outras muitas advertencias, que mal póde perceber, como convém, quem nunca sahiu d'aquelle canto do mundo, nem cuidai que ha outro.

Modelo da paciencia e resignação evangelicas é a seguinte carta endereçada ao duque de Cadaval :

Excell^mo Sr. — Conheço quanto devo á grandeza e piedade de V. Ex., e quanto ella poderia valer, se os decretos da Providencia divina se poderam impedir com deligencias humanas.

Os homens escreveram a sentença, o ceo a dictou, e eu a acceitei com paciencia e conformidade que se deve ás suas ordens. Sobre tanto desengano do mundo estava e estou resoluto a o tractar como elle me tem tractado, e não apparecer mais onde me veja. Debaixo d'esta condição, que não póde deixar de parecer bem a V. Ex.; irei para onde me mandarem; pois assim V. Ex. o manda, cuja obediencia para mim foi sempre o mais seguro acerto, ainda antes dos meus erros estarem tão conhecidos e condemnados.

Eu, Sr., fico sempre aos pés de V. Ex., sem discurso, nem juizo; e hoje mais rendido que nunca, porque hoje mais obrigado. Deus guarde a V. Ex.

Summamente tocantes são as suas despedidas do mundo dirigidas ao P. Balthasar Duarte, da Companhia de Jesus :

Meu Padre: — Ha perto de quinze annos como tenho escripto em outras, que estou sustentando á capa nesta quinta a grande tempestade de catarrhos, que com pleurizes, e sem outra febre mais que a sua natural, ouço que fazem grande destroço em todas as sortes de vidas e idades. Emfim me resolvo a deixar este deserto e ir para o Collegio, ou para sarar, como homem, com os remedios da medicina, ou para morrer como religioso, entre as orações e braços de meus padres e irmãos. A Deus *Tanque*, não vou buscar saúde, nem vida senão um genero de morte mais socegado e quieto, que é memorial mais frequente, que de muitos annos a esta parte trago diante de Deus; não sei o que será, mas no que for peço a V. Reverencia se conforme com a vontade divina, tão indifferentemente, como se a vida, ou a morte, fora d'ambos. Vale.

Pomos aqui fim ás nossas citações antepondo ao proprio juizo o que a respeito d'estas tão celebres missivas emitte o seu erudicto collector o Sr. conego Roquete :

« As cartas, posto que não tenham as graças das de Cicero, nem o delicado gosto das de Sévigné, são a umas e a outras pouco inferiores na elegancia e nobreza de linguagem; e por ventura superiores na qualidade e importancia dos assumptos. São modelos d'estylo epistolar, e não se encontram nellas aquelles defeitos tão frequentes nos sermões, de que tanto adoecia o seu seculo; por isso foram sempre tidas pelos portuguezes entendidos em subida estimação [1]. »

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

D. Francisco Manuel de Mello, que como epistolographo occupa o lugar immediato a Vieira, nasceu em Lisboa, a 23 de novembro de 1611, de pais nobres. Fez o seu curso de preparatorios no collegio de S. Antão, pertencente aos jesuitas, avantajando-se no estudo da philosophia, bem como no das sciencias theologicas para as quaes mostrava grande predilecção. Perdendo seu pai na idade de 17 annos, determinou de seguir a carreira militar, e passando á Hespanha serviu-a com distincção em varias guerras, como a de Flandres e Catalunha, pelo que chegou ao posto de mestre de campo. Proclamada a independencia de Portugal, apressou-se em acudir ao appello que a todos os seus filhos fazia o restaurado reino, e deixando Castella, entrou em sua patria depois d'haver peregrinado pela França, Hollanda e Inglaterra. Má sorte aguardava-o em Lisboa; porquanto sendo calumniosamente accusado d'um homicidio, jazeu por nove annos nas prisões de Belém, Torre-Velha e Castello de S. Jorge, d'onde sahiu degradado para o Brasil. Findo este exilio, que resignadamente pareceu supportar, volveu aos patrios lares ao cabo d'uma longa digressão pela Italia, assistindo por algum tempo em Roma, onde emprehendeu uma edição completa das suas obras, projecto este que infelizmente so teve um começo d'execução. Falleceu este distincto litterato no lugar do seu nascimento a 13 d'outubro de 1666.

[1] *Epitome da Vida do P. Antonio Vieira.*

Foi D. Francisco Manuel de Mello abalisado escriptor, ostentando immensa variedade e profusão de conhecimentos. Arrastado pela moda, ou quiçá pela sua prolongada residencia em Castella, compoz quasi tanto no seu como no visinho idioma, enriquecendo simultaneamente ambas as litteraturas.

Suas *Cartas Familiares*, cuja primeira edição foi feita em Roma no anno de 1664, e a segunda em Lisboa em 1752 por industria d'Antonio Luiz d'Azevedo, que as dividiu em cinco centurias, pódem ser apontadas como modelos d'elegancia e delicadeza no estylo familiar, levando algumas vezes a palma ao grande Vieira pela naturalidade com que exprime os seus pensamentos, e pela arte com que sabe interessar em assumptos que d'isso pouco susceptiveis pareciam. Victima da mais negra imputação, na incerteza do seu destino, e vendo escoarem-se nos carceres os ultimos dias da sua existencia, nem-um improperio escapa de sua penna, queixa-se com dignidade, e encontra sempre ditos chistosos para dirigir aos seus correspondentes a quem foge d'enfadar com a minuciosa e continua narrativa dos seus infortunios. Grande copia de phrases familiares, usadas em seu tempo, offerecem-nos as Cartas de D. Francisco Manuel, que grande sabedor de nossa lingua, descahia por vezes nos archaismos e palavras affectadas, de que com razão lhe exprobram os criticos.

Entrando na enumeração das passagens mais selectas do illustre epistolographo, não podemos deixar de mencionar com louvor a seguinte carta por elle dirigida a D. Francisco d'Almeida, dando-lhe pezames pela morte d'uma sua filha religiosa :

Ainda hontem sube do desgosto de V. Mce em que eu tenho tão grande parte, como a que tenho de servidor d'essa casa. Mas, Senhor, pois V. Mce havia dado aquella filha a Deus, não tem agora que se sentir, de que elle haja cobrado o que era seu. Quer Nosso Senhor levar os moços para mostrar aos velhos, que lhes não faz aggravo, quando os chama; e aos moços tambem lhes faz mercê, soccorrendo-os com sua mão, e tirando-os dos perigos de tão ruim mundo. No juizo e christandade de V. Mce creio eu que estão vivos de sorte estes discursos, que não ha que advertir de novo d'elles : antes espero, que V. Mce com sua grande constancia nos dê a todos exemplo, de como nos haveremos em nossas adversidades. Sobretudo guarde Deus a V. Mce como desejo.

Em estylo jocoso intercede a um ministro por um seu socio na desdita; deixando-nos d'est' arte mais um documento da benevolencia que o caracterisa. Ei-lo:

V. Mce por amor, e eu por medo, todos temos obrigação aos valentes.

N. Valente, da companhia da justiça está preso, e eu sou o que pago a sua prisão, e o será V. Mce tambem brevemente, porque o não deixarei eu com rogos e importunações até que mo não solte. Não peço a V. Mce que o livre dos ferros do padre N., seu procurador e meu amigo, e que se livre V. Mce de mim, que sou mais pesado que os proprios ferros, e mais importuno que os ferros mesmos nestes meus requerimentos. Veja agora, Senhor, se vai desculpado o meu excesso, procurando o que lhe toca a V. Mce a mim, ao preso, e ao amigo.

Acabamos de ver como D. Francisco Manuel de Mello sabia ser espirituoso sem perder a gravidade de seus annos e posição; provar-nos-ha agora a infra-citada carta que escreveu a uma dama que tomando aço (ferro) lhe passára pela porta, que mui abalisado mestre era n'arte da galanteria:

Quem mais se queixa da ventura diz d'ella que nem lhe passa pela porta. Mas entrar-lhe pela porta e tornar a sahir de casa este outro maior encarecimento de mofina. Não sei que novas aqui achei de certa romaria. Mas de que serve achar novas da romaria e perder a romeira? Veja-se como me trata a minha sorte, que me ameaça com o bem, so para me mostrar que lhe não falta; e para que eu o sinta mais quando me falte. Tambem podia ser que fosse um novo desprezo, pois nem de mim fez caso, nem para fugir de mim. Oh! como eu folgaria se soubesse que me lembrava de cousas passadas! Assim se lembrára alguem para que eu não fosse esquecido. Contudo de que servem memorias do que já não é, se aqui mesmos entre nós nos tratam, como que nunca foramos? Não debalde as damas tomam o aço; porque a peitos de pedra so aço póde ser mésinha. Que melindre tanto seu, e que consciencia tanto sua: matar a gente ás mãos cheias e queixar-se d'um ameaço de dôr? Senhora minha, mal, ou bem, os seus males tem remedio, os meus não. Tambem eu havia de vencer uma vez Vm. das muitas que me vence. Resta-nos agora saber, se essas senhoras que tem assim condição de levar as cousas ao cabo, é so para deixarem no cabo, ou para que que? Bem visto está, que aonde ha tantas perfeições não deixará d'haver a da constancia. Saiba emfim, si o não sabe,

a senhora doente, que ainda assim doente como está, póde dar saúde e vida, vendo e ouvindo a quem lh'o merecer.

Communicando ao seu amigo Jacyntho Freire d'Andrade a noticia que tivera da sua soltura, legou-nos D. Francisco Manuel invejavel modelo da simplicidade que deve reinar no estylo epistolar:

Tive, como tenho por mais barato não crer as esperanças que soffre-las; e vim forrar assim, quando menos, as ancias da tardança e acrescentar o contentamento quando se houverem cumprido. O negocio tomou melhor caminho. Nem sempre as ephemerides dos mofinos acertam os aspectos dos poderosos. A razão talvez leve pelos cabellos o poder de quem tantas vezes é levado. Agora recebi um papel de N. em que me diz nomee pessoa, que pela minha fique. Veja Vm. quem ficará por um homem que sempre fica perdido? Si em negocios se póde crer (o que para mim é ainda maior superstição, que em agouros; porque tenho grande agouro nos negocios), poderia contudo cuidar ficasse este meu negocio amanhan acabado. Emfim, senhor, já tomei casas e na Ribeira, peiores que na praça; e junto aos diamantes. Será porventura esta a pena, que me dessem por meus delictos: ve-los e deseja-los e escusa-los, a maneira d'aquella agua, e d'aquellas maçans de Tantalo. Mas é muito para considerar que estas casas se chamam igualmente dos *Bicos* que dos *Diamantes*, tudo deve ser uma mesma coisa, os diamantes e os bicos para os que tem, e para os que desejam. Ora ficamos em uma altura Vm. e eu mas eu quizera que o buscar a Vm. não me custasse pouco. Todavia sempre haverei de subir onde Vm. esteja.

Queixando-se do esquecimento e abandono em que deixavam-no alguns dos seus amigos fazia-o sempre com a maior nobreza d'alma misturando seus remoques com ditos graciosos, como se deprehende da seguinte carta dirigida a um prelado:

Se V. S.ª se atreve a não estar mal commigo eu me atrevo a não estar mal com V. S. Já vim a Lisboa, já vi a todos, mas nada tenho feito em quanto não vi a V. S. O Estado dará licença; quanto mais, que o que é de V. S. é seu estado; e de V. S. ninguem é mais do que eu, que so por isso sou muito. Meu senhor bispo N. eu não quero de V. S. mais do que poder chamar-lhe assim. O dar obediencia isso é o que falta; o acceita-la não, e tenha eu em V. S. aquelle que foi sempre. Sobre tudo vida, felicidade. . . . . .

Terá notado o leitor que, fiel na observancia das regras epistolares, é D. Francisco Manuel de Mello d'extrema concisão em suas cartas, sem que por isso prejudique á clareza e a boa ordem das suas ideias. Não terá escapado tão pouco a sua perspicacia a predilecção que mostrava o nosso auctor pelos trocadilhos, não perdendo opportuno ensejo para faze-los, contrastando semelhante predilecção com a naturalidade, que havemos elogiado, e que esforçava-se em guardar na sua correspondencia familiar.

LICAO XXVII

Biographia.

O PADRE JACYNTHO FREIRE D'ANDRADE

O Padre Jacyntho Freire d'Andrade, natural da cidade de Béja, na provincia do Alem-Tejo, viu a luz em 1597. Revelando desde os mais verdes annos grande propensão para as letras, foi mandado por seus pais á universidade que então existia em Evora, onde fez o seu curso de preparatorios. Passando mais tarde á de Coimbra, distinguiu-se nos estudos theologicos, para os quaes chamava-o a sua vocação, e graduou-se em canones em 1618. Terminados esses estudos e havendo recebido o presbyterado fez uma viagem a Madrid, onde soube de tal sorte grangear a estima do monarcha que foi logo despachado para a rendosa abbadia de N. S. d'Assumpção de S. Bade, na provincia de Tras-os-Montes. Pouco tardou que pela influencia dos seus protectores, não fosse removido para mais pingue beneficio, qual era a abbadia de S. Maria de Chans, no bispado de Viseu.

Constantemente considerado pelo governo hespanhol com honrosas commissões, não poude Jacyntho Freire suffocar os brados de seu patriotismo, declarando-se abertamente partidista dos direitos da casa de Bragança, e defendendo-os na propria côrte de Madrid. Valeu-lhe essa imprudencia ordem de prisão, de que

poude subtrahir-se abrigando-se á sombra dos altares de sua abbadia. Nesse remanso da paz encontrou-o a gloriosa revolução de 1° de dezembro de 1640, que reergueu a abatida nacionalidade portugueza. Solicito foi Jacyntho Freire em dirigir-se a Lisboa para comprimentar o novo rei, de cuja privança, assim como da do principe D. Theodosio, herdeiro presumptivo da corôa, por muito tempo gozou. Duas recusações d'honrosos cargos para que fora lembrado, o de mestre do infante, depois rei D. Affonso VI, e o de bispo de Viseu, arrefeceram suas relações com o paço, e obrigáram-no a refugiarse de novo em sua abbadia, cuja residencia parecia pouco aprazer-lhe. Desgostoso dos homens e das glorias mundanas, viveu por muitos annos na sociedade de seus livros, até que convidado por uma irman, a quem summamente presava, foi terminar sua existencia em Lisboa no anno de 1657, sendo sepultado na igreja parochial de S. Justa.

Foi Jacyntho Freire d'Andrade notavel poeta da escola de Gongora, que então dominava despoticamente na Hespanha e Portugal, e consta que compuzera muitas obras em verso, que se perderam n'um incendio que consummiu a casa de sua habitação na rua das Portas de S. Antão. Não devemos porém lamentar semelhante perda, a julgarmos pelos excerptos que foram publicados na *Phenix renascida*. Testifica o abbade Barbosa Machado que deixára este auctor uma collecção de cartas familiares, que infelizmente nunca viram a luz da imprensa. A mais celebres porém das suas obras, até hoje publicadas, é certamente a que escreveu a pedido do bispo inquisidor-geral D. Francisco de Castro, e que intitulou — *Vida de D. João de Castro, quarto Viso-Rei da India* — e cuja primeira edição sahiu da officina Craesbeeckiana em 1651 *in-folio*. Diversas edições tem tido este interessantissimo livro, sendo a mais recommendavel a auctorisada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, e enriquecida com notas e documentos originaes, devidos aos cuidados do distincto litterato D. Fr. Francisco de S. Luiz. De duas versões nas linguas ingleza e latina faz menção o erudito auctor da *Bibliotheca Lusitana*, servindo de documento do apreço em que por estranhos e imparciaes juizes fôra tida esta bellissima biographia.

Ceifemos na abundante seára dos primores d'eloquencia e cas-

tiça linguagem, que nos offerece a *Vida de D. João de Castro*, e sem perder de vista a estreiteza do nosso plano, copiemos o que de mais saliente se nos antolhou. Exemplo de concisão e nobreza d'estylo é sem duvida o seguinte trecho em que narra a escolha que do benemerito fidalgo fizera D. João III para ir governar á India.

El-Rei com quem a opinião do infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de D. João com zelo de principe e noticias d'amigo, approvou a inculca feita pelo infante, cuja auctoridade qualificou o conceito de todos; mandando chamar a D. João de Castro a Evora, onde tinha a sua côrte, lhe disse em sala publica: « Andei estes dias cuidadoso em buscar varão que governasse o Estado da India, e não duvidava pode-lo achar na familia dos Castros, de cujo tronco os senhores reis meus antecessores, tiráram sempre generaes para os exercitos, regentes para os povos: assi me prometto que de tão valerosa raiz não póde degenerar o fructo; mórmente se medir as futuras acções pelas passadas, as quaes vos tem dado justo nome na opinião do reino; polo que confiadamente vos encommendo o governo da India, aonde espero procedaes de maneira que possa dar vossas acções por regimento aos que vos succederem.» D. João beijou a mão a el-rei, mais agradecido á honra que ao officio, estimando so de tão grande cargo o não o haver buscado. Na côrte houve sobre esta eleição diversos sentimentos: alguns a notáram por inveja, e outros por costume; tanto que nas virtudes, em que lhe não podião achar faltas, lhe arguiram excessos; foi porém tão bem avaliado dos mais e dos melhores que el-rei se alegrava d'haver achado um homem feito á vontade de todos.

Na descripção de Dio deu Jacyntho Freire provas de quão bem sabia desempenhar as regras de pintar com a penna:

A ilha de Dio (diz elle), celebre pola riqueza do seu tracto, lastimosa pola ruina dos seus habitadores, illustre pola fama das suas virtudes, está situada em uma enseada e ponta que limita o reino de Cambaya, em altura de vinte e dois gráos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulam os naturaes dando-lhe principios mais illustres que averiguados, cuja memoria conservam suas tradições na falta d'escriptos. Foi sempre o porto da enseada a principal escala frequentada das náos que navegam á Méca, cuja viagem fez aos mouros grata a religião e o commercio. É a cidade apartada da terra firme por um esteiro, que em torno a vai cingindo: pola qualidade do terreno é forte, e ajudando-se d'arte a natu-

reza, a faz mais defensavel. O esteiro que a rodêa faz duas bocas, uma ao norte, que por ser aporcelada e baixa é ao serviço inutil; outra ao sul, tambem desacommodada pola aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da ilha, aonde podem ancorar navios, e d'este recebe a cidade mais commoda passagem.

Modelo do estylo asiatico, ou derramado, é a allocução por Coge-Çofar dirigida aos seus soldados, quando se dispunha a apoderar-se da fortaleza de Dio. Citemo-la em sua integra :

Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer nem a desprezar esses poucos portuguezes, que dentro d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque não chegam a ser mais que homens inda que soldados. Em todo o Oriente até agora os acompanhou, ou serviu a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com um limitado poder fazem a guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar um imperio sem forças, sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhe são sujeitos. Apenas tem quinhentos homens naquella fortaleza, os mais d'elles soldados de presidio que sempre costumam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhe tem cerrado o inverno. Estão faltos de munições e mantimentos, assegurados na paz e na soberba com que desprezam tudo. Como são poucos sempre naquelle muro hão assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o lugar de outro, falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bateria, e por força os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que fizeram nas galés do Grão Senhor no cerco d'esta mesma fortaleza. A' tão honrados Turcos e valentes janizaros, como estes presentes, toca acudir pola honra de vossa gente e de vosso imperio, como causa mais justa da guerra que fazemos, que ainda que Cambaya tem exercitos e soldados, não convém á reputação do Grão-Senhor vingar suas injurias com as armas alheias. Com este fim vos trouxe a esta empreza, porque vos não furtassem outros a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra que agora estaes pisando, cobre os ossos dos vossos companheiros, parentes e amigos, que a cada um de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contando-nos as mortes, e as feridas que d'estes homicidas receberam, esperando por vosso esforço poderem descançar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á magestade de principe tão grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamam reis, precisa a todos os que somos vassallos.

Pelo seu laconismo e firmeza d'expressão contrasta com a supra mencionada a seguinte falla de D. João de Castro aos seus briosos guerreiros :

Entramos em uma batalha, onde vencidos honraremos o nosso Deus com o sangue; vencedores o nosso rei com a victoria. A força do exercito inimigo são Turcos e janizaros, os quaes como soldados mercenarios, buscam a guerra e aborrecem a peleja. A outra parte se compõe de nações differentes, o soldo as obriga a estar juntas, mas não a estar conformes. Não são estes mais valentes que seus pais e avós, não serão mais felizes, a todos sujeitarão nossas armas. Este imperio d'Asia é filho de nossas victorias, criamo-lo em seu primeiro berço, sustentemo-lo agora já robusto, que depois de largas idades ha de mostrar ao mundo com o dedo a fama d'este dia. Animar a batalha fôra esquecer-me que somos portuguezes.

Da famosa carta escripta pelo vice-rei á camara de Gôa estrahimos este paragrapho, recommendavel não so pelo brilhantismo da dicção como pelos sentimentos, dignos dos tempos heroicos :

. . . . . .

Eu mandei desenterrar D. Fernando, meu filho, que os Mouros matáram nesta fortaleza, pelejando pelo serviço de Deus e d'el-rei, nosso senhor, para vos mandar empenhar seus ossos; mas acháram-no de tal maneira que não foi licito inda agora de o tirar da terra; polo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues d'Azevedo; porque, como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente uma verdade seca e breve que me nosso Senhor deu.

Finalisemos as transcripções copiando a narração que dos ultimos momentos do seu protagonista faz-nos o illustrado biographo, que ora analysamos :

Achava-se D. João de Castro gastado menos dos annos que dos trabalhos de tão continuas guerras, em que veio a cahir rendido aos pesos de tão graves cuidados. Enfermou gravemente e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal, o que elle reconhecendo pola molestia de repetidos accidentes se alliviou do cargo do governo. Chamou o bispo D. João d'Albuquerque, D. Diogo d'Almeida Freire, ao P. Francisco Toscano, chau-

celler-mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobato, seu ouvidor-geral, e a Roberto Gonsalves Caminha, vedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes visinhos assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario-geral da India, ao guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, ao P. Francisco de Xavier, e aos officiaes da fazenda d'el-rei, a quem fez esta falla :

Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da India faltam nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha; porque nas armadas que fiz primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei : e não é d'espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Peço-vos que em quanto durar a doença me ordeneis da fazenda real uma honesta despeza e pessoa por vós determinada, que com modesta taixa me alimente.

E logo pedindo um missal fez juramento sobre os Evangelhos que até a hora presente não era devedor á fazenda real d'um so vintem, nem havia recebido cousa alguma de christão, judeu, mouro, ou gentio; nem para a auctoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaias que as que de Portugal trouxera; e que inda a parte que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera jamais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama viam, so a seu filho D. Alvaro fizera uma espada guarnecida d'algumas pedras de pouca estima para passar ao reino. Que d'isto lhes pedia que mandassem fazer um termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, el-rei, como a perjuro, o castigasse. Esta practica se escreveu nos livros da cidade, a qual se poderá ler como instrucção aos que lhe succederam; nos quaes creio ficou a memoria mais viva que o exemplo.

Pelos fragmentos citados terá o leitor formado o seu conceito sobre a *Vida de D. João de Castro*, escripta pelo P. Jacyntho Freire d'Andrade, e cremos que não hesitará em confirmar-lhe o epitheto de *Quinto Curcio Portuguez*, com que o saudáram seus contemporaneos. Pureza, gravidade e elegancia são predicados que se encontram nesta preciosa obra, que, no pensar do abalisado philologo Pedro José da Fonseca, *grandemente concorreu para a restauração da boa linguagem que se achava corrompida nos escriptos dos auctores coetaneos*. Nas constantes antitheses, na empolação da phrase, e em algumas hyperboles de máo gosto

pagou porém o eximio litterato o tributo á fraqueza do entendimento humano, como judiciosamente o disse o severo, mas justiceiro critico Francisco José Freire.

Mais panegyrista do que historiador sacrificou a miudo a verdade para exornar seus quadros, e realçar o merito de seu heroe, que aliás d'isso não necessitava. Frequentes são as inexactidões que commette, e a mór parte das vezes voluntariamente, como muito bem o demonstrou o sabio cardeal patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz nas notas e commentarios a que ácima alludimos, e para os quaes remettemos o leitor curioso.

D. LUIZ DE SOUSA

Fr. Luiz de Sousa, que no seculo chamava-se Manuel de Sousa Coitinho, nasceu na villa de Santarem de pais illustres. Terminados os estudos rudimentaes, dirigiu-se a Coimbra, onde consta que adquirira grande nomeada entre seus mestres e condiscipulos. Não quiz porém dedicar-se á carreira litteraria, preferindo-lhe a das armas, e alistando-se na milicia da ordem de Malta, prestou relevantes serviços e soffreu não pouco incommodos. Prisioneiro dos mouros, foi conduzido á Argel tendo por companheiro o celebre Miguel Cervantes, auctor do *D. Quichote*, que lhe guardou sempre tenra affeição, mencionando-o em uma de suas obras. Restituido á liberdade, passou-se á Catalunha sendo despojado pelos bandoleiros que então infestavam o principado. De volta á patria, contrahiu matrimonio com D. Magdalena de Vilhena, estabelecendo em sua casa uma douta palestra, em que muito se recreavam os eruditos com grande proveito das letras portuguezas. Da firmeza do seu caracter temos sobejas provas, bastando citar o facto d'haver mandado lançar fogo á casa da sua residencia em Almada por nella quererem á força aposentar-se os governadores do reino. Afim de subtrahir-se ás consequencias que o seu arrojado feito lhe arrastariam procurou asylo em Madrid, d'onde trasladou-se para a cidade de Panamá, n'America meridional. No seu regresso á patria sendo informado por um peregrino que voltava de Jerusalém de não ser legitimo o seu consorcio com D. Magda-

lena por ainda viver seu primeiro marido D. João de Portugal, prisioneiro na batalha d'Alcacer-Kebir, entrou para a ordem de S. Domingos, onde tomou o nome de Fr. Luiz de Souza. Forneceu este passo da sua vida assumpto para um mui conhecido e estimado drama do visconde d'Almeida Garrett.

No claustro repartiu Fr. Luiz de Sousa o seu tempo entre a oração e o estudo, e compoz tres obras de grande vulto, que collocáram o seu nome á par dos primeiros classicos da nossa lingua. Referimo-nos á *Chronica da Provincia de S. Domingos em Portugal*, refundida da que no idioma hespanhol compuzera Fr. Luiz de Cácegas; a *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga*, igualmente recopilada da que escrevera o referido Fr. Luiz de Cácegas, e ampliada com muitas particularidades omittidas pelo chronista castelhano. Já no ultimo quartel da vida, e para acceder aos desejos de D. Philippe IV, deu-se á composição dos *Annaes de D. João III*, que deixou incompletos, e que por muito tempo se julgáram perdidos, até que no anno de 1844 deu-os á estampa o eximio historiador o Sr. Alexandre Herculano. Occupar-nos-hemos unicamente com os dois ultimos monumentos por amor da brevidade e maior belleza da materia.

Vida de D. Fr. Bartholomeo dos Martyres, da Ordem dos Prégadores, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, repartida em seis livros com a solemnidade da sua trasladação. Sahiu pela primeira vez impressa em 1619 na officina de Nicoláo Carvalho em Vianna, e diz Barbosa, que fôra traduzida em castelhano por Luiz Muñoz, e em francez por um anonymo que a fez imprimir em casa de Pedro Petit, livreiro de Pariz no anno de 1664.

Da simplicidade do estylo de Fr. Luiz de Sousa offerece-nos singular exemplo a seguinte passagem em que narra o modo porque o arcebispo procedia em suas visitações.

Tanto que o arcebispo cerrava a visitação d'aquelle dia que visitava, chamava a dois companheiros e conferiam todos os tres o que tinham achado, e do que resultava de tudo, fazia elle por sua mão um abreviado memorial em um caderno que sempre costumou levar comsigo; e pera mais segredo, e ser menos a escriptura, aos nomes dos culpados juntava umas cifras por onde se entendia na qualidade das culpas de cada um. Aos clerigos que achava de boa vida e boa fama depois d'apontar o nome e

lugar em que moravam signalava-os com um circulo de campo branco; e nos que havia infamia provada eclypsava o circulo, fazendo-lhe o campo negro; se a infamia era com defeito de prova eclypsava o campo so pela metade; e se as testemunhas depunham ao costume alguma materia da suspeição, sobre o circulo meado de branco e preto lançava um S. Correndo o tempo foi fazendo outro livro maior, em que tinha repartido o arcebispado em comarcas pola ordem do alphabeto, e nelle reduzidas a breve leitura grandes e compridas devassas, com os nomes dos delictos e delinquentes, notados com as cifras ácima ditas: e este levava quando tornava a visitar os mesmos lugares, mas tão arrecadado, que pessoa nemuma sabia o que continha.

Outras vezes, e quando o assumpto o exigia, elevava o auctor o diapasão do seu estylo, e tornava-o florido como v. g. na bellissima pintura que nos traça dos costumes dos moradores de Vianna.

Os homens, ou sigam as armas, ou as letras, ou se dem a mercancia e navegação em tudo provam bem; em geral agudos d'engenhos, duros no trabalho, capazes, sisudos, amigos do bem commum, e da conservação d'elle, moderados na vida e gasto ordinario; mas nas occasiões d'honra mais que liberaes; esforçados e animosos nos perigos, briosos em todo o tempo e amigos de se fazer respeitar e conhecer por taes: nas armas e nas sciencias tem lançado homens de tanto valor e tantos em numero que se fazem aggravo no que tem por honra, que é não buscarem escriptores que os façam no mundo celebrados. Todos os nobres exercitam a mercancia a uso de Veneza e Genova contra o costume das mais terras de Portugal, que os louvam e não os seguem, invejam a felicidade e bons conselhos do tracto e não sabem imitar a industria.

Posto que mais parco do que Jacyntho Freire não deixa Fr. Luiz de Sousa d'emprestar alguns discursos ao seu heroe e fa-lo sempre com nobreza de sentimentos e de linguagem. Sirva d'exemplo a falla pelo arcebispo endereçada ao Papa estigmatisando o abuso d'estarem os bispos em pé e desbarretados nas juntas que se celebravam no Vaticano em quanto os cardeaes conservavam-se commodamente sentados e cobertos. Com franqueza, quiçá um pouco rude, assim se exprimiu o virtuoso prelado bracharense:

..... Mas, Sanctissimo Padre (acrescentou o arcebispo), uma obra tão

sancta e de tanta justiça não tem ainda a sua perfeição. Que V. S. tirou e não consente que os bispos que assistem a sua meza estejam em pé e descobertos, como em tempos atráz se soffria; que mais razão ha para estarem da mesma forma nas juntas e congregações que se fazem diante de V. S., como notei nesta ultima, que durou tres ou quatro horas, e todos estiveram em pé quantos bispos foram presentes, e com os barretes na mão? Juntando-se outra desigualdade que para o meu entendimento faz o caso mais indigno, o qual foi ver no mesmo tempo os cardeaes bem assentados e suas cabeças cobertas. Si os bispos em quanto bispos são superiores aos cardeaes, em quanto sómente cardeaes (porque já deixamos declarado no concilio que os bispos tem o primeiro lugar da Igreja) em que justiça caberá que os cardeaes, que é uma dignidade instituida sómente por auctoridade e conselho humano, sejam aventajados diante de V. S. nas honras do barrete, do assento, aos bispos que foram creados por auctoridade divina pelo mesmo Christo, Senhor nosso, e succederam no lugar dos sanctos apostolos? Que razão pode approvar que onde os cardeaes estão com tanta honra, fiquem os bispos humilhados, e abatidos, e afrontados? Beatissimo Padre, os bispos emquanto bispos são vossos irmãos, e como taes devem ser tractados.

Tal impressão fez esta practica, dictada por um zelo e liberdade verdadeiramente apostolicos, que, refere o illustre biographo, rendera-se o Pontifice ás razões de D. Frei Bartholomeo, abolindo tão censuravel usança.

Cheia d'uncção é a despedida do virtuoso prelado, que com tão sublime abnegação renunciára a primeira mitra do reino. Cremos que a ninguem deixará de sensibilisar as seguintes palavras :

Ficai-vos muito nas boas horas, minha muito amada, primeira e derradeira esposa igreja bracharense, honra das Hespanhas, cabeça e primaz d'ellas, fundada polo grande filho do trovão, S. Thiago, muito amada e querida de mim, mas servida com infinitas imperfeições. Ficai-vos embora, minha fermosa igreja, meus primeiros e ultimos amores, a que eu não correspondi, como era obrigado posto que muito desejei e emquanto pude procurei. Perdoai-me se me aparto de vós com alegria e jubilos d'alma, que como sempre me houve por indigno d'occupar uma cadeira em que tantos e tão grandes sanctos se assentáram, é razão que acceite com gosto ver-me livre da grande vergonha e pavor em que sempre vivi, olhando pera sua sanctidade e pera meus grandes peccados. Não me levam de vós amores novos, nem deixo de vos servir pera buscar outra, ou amar outra mais que a vós, senão porque desejo que venha quem supra meus defeitos,

emende minhas faltas, e tenha partes para vos saber merecer, que em mim nunca houve. E pois me soffrestes tanto tempo tal qual sou não poderei deixar de vos querer sempre muito e encommendar-vos muito a Deus. Em quanto nestes membros velhos e cansados durar espirito de vida sempre em minhas orações e sacrificios pedirei ao Senhor que nas necessidades vos acuda com soccorro e nos bens espirituaes com grande augmento.

Fallemos agora d'outra obra do mesmo Fr. Luiz de Sousa, e a que o Sr. Alexandre Herculano denominou *d'ultimo canto de cisne.*

Os Annaes d'El-Rei Dom João III, que como já dissemos consideravam-se perdidos, e que ora enriquecem a nossa litteratura, podem ser considerados como uma obra biographica, a exemplo do que fizemos com a *Chronica d'El-Rei D. Manuel* por Damião de Góes; posto que ambas encerrem muitos factos que pertencem ao dominio da historia. Pena é que tão incompleta e tremeada nos chegasse essa bellissima obra, onde o douto escriptor em mais vasto theatro melhor podia desenvolver seu tão peregrino talento. Descrevendo as façanhas dos seus compatriotas n'Asia é algumas vezes inexacto Sousa; porque, arrastado pelo prestigio de Barros, e incontroverso valor que então se davam aos seus assértos, recusou por si mesmo informar-se quando pelas partes d'Oriente peregrinára. A largos traços delineando os acontecimentos da metropole, é na historia das guerras d'Africa que o distincto escriptor brilha com todo o seu fulgor. « Descobre-se (diz o Sr. A. Herculano) no historiador uma certa complacencia em narrar os successos d'aquellas partes, e descrever miudamente os sitios dos recontros e correrias. Lembram-nos sempre com triste saudade o lugar e o tempo onde passamos dias de mocidade, embora esses dias fossem esquivos e trabalhados. Lembrava-se por ventura Fr. Luiz de Sousa do seu captiveiro em Argel ou era antes que a sua alma grandemente poetica se comprazia nas memorias d'aquelle theatro, onde até mais tarde luziu o astro do puro, nobre e desinteressado esforço portuguez, convertido n'Asia, havia já muito, em cobiça sanguinaria de mercadores. »

Parecem ser predicados inseparaveis do estylo de Fr. Luiz de

Sousa a naturalidade e a graça; de que já havemos offerecido varios specimens, e a que muitos outros se podém addicionar. Assim v. g. nas primeiras paginas do livro de que nos occupamos leem-se estas bellas expressões:

Mostrou Deus ao mundo nos primeiros annos do reinado d'El-Rei D. Manuel o em sua pessoa que se inclinava a entregar aos reis e reinos de Portugal a monarchia d'Hespanha. Deu-lhe por mulher a princeza D. Isabel, filha maior dos Reis Catholicos, que elle em outro tempo reconhecera por senhora levando-a de redea na entrada que fez em Evora, quando veio casar com o principe D. Affonso, filho d'El-Rei D. João II. Foi conseguintemente jurado por herdeiro dos mesmos reis em Toledo, com que ficava universal e absoluto senhor das Hespanhas, e dos reinos de Napoles e Sicilia. Deu-lhe após o juramento, primeiro filho o principe D. Miguel, chamado da paz em signal de vinculo e penhor perpetuo d'ella, entre todos estes reinos, de que nascia herdeiro e successor. Mas passou tudo como sombra, e representação d'uma abreviada tragedia. Porque estava decretado no tribunal divino de trocar as mãos no particular da monarchia. Começou a passar no fallecimento da princeza, que foi no mesmo dia, que dado ao mundo o principe D. Miguel. Infelice senhora em ambos os casamentos: no primeiro com a morte desastrada do marido; no segundo com a propria; não menos triste por ser na flôr da idade e quasi repentina, que a do marido polo accidente do cavallo. Acabou de passar-se toda a representação com a morte do principe D. Miguel, succedida antes de sahir das mantilhas e do primeiro leite das amas. Assi se achou El-Rei D. Manuel dentro de dois annos sem mulher e sem filho e perdida de toda a esperança da grande monarchia de que se vira adorado por senhor. Muito de bronze fora o peito a quem não quebrantára tanto mal junto.

. . . . . .

Não poucas vezes concisa e sentenciosa é a sua dicção de que serve d'exemplo o prologo da segunda parte dos *Annaes de Dom João III*:

Entrados no inverno da vida, que é a velhice e enfermidades que acompanham a quem vai já fazendo numero d'annos sobre setenta, entramos na segunda parte da vida do nosso grande rei D. João. Poderoso é o Senhor que nos chegou a contar tantos, inda que tristes e trabalhados, em tempo que vemos a muitos moços robustos e fortes estallar como vidro na flor da idade, conservar-nos nesta até comprirmos com a obrigação em que esta-

mos a quem fiou sua historia de nossa deligencia, havendo outra de tão bom estylo que pudera bem forrar-nos o trabalho. Dias alcyonios tem ordinariamente o mais esquivo inverno, e não ha homem tão velho que não possa viver mais um anno. Se Deus for servido dilatar o chamamento, que já por muitas maneiras nos sôa nas orelhas, e quasi o temos á porta, brevemente daremos fim ao que resta do governo do nosso bom rei; porque os materiaes que para o edificio servem estão juntos, e a vontade prompta para os empregar, sem perdoar ao trabalho, nem dar ferias á penna, e para que nem este curto prologo nos roube horas, comecemos logo.

Não acumulemos citações; e apressemo-nos em julgar os escriptos do douto dominico. Quem contestará a Fr. Luiz de Souza cabal conhecimento do idioma patrio, propriedade dos termos e singelessa e fluencia da linguagem? Melhor que nem-um contemporaneo seu soube evitar os enfeites e artificios viciosos, o que fez dizer ao distincto litterato Francisco Freire de Carvalho que *as suas obras offereciam perfeitos modelos de bem historiar em portuguez, quer se attenda a viveza das descripções, quer a magia dos affectos, ou as graças e polimento da expressão.*

Como biographo incorre o nosso auctor na pecha de panegyrista; sendo porém muito menos hyperbolico do que Jacyntho Freire, e mais critico do que Damião de Góes.

LICÃO XXVIII

Historiographia.

Escolheremos d'entre os historiadores d'este periodo os que se tornáram mais notaveis pela importancia de suas obras, e pela pureza do estylo, verdadeiramente classico.

DIOGO DO COUTO

Diogo do Couto, natural de Lisboa, onde vira a luz no anno de 1542, exerceu varios cargos tanto no reino como na India, onde permaneceu largos annos sendo por D. Philippe II nomeado guarda-mór da Torre do Tombo e chronista d'esse Estado, com a honrosa incumbencia de concluir as *Decadas*, que por seu fallecimento deixára incompletas o insigne João de Barros. Com pasmosa rapidez sahiram-lhe da penna as diversas partes da sua gigantesca obra, que foram successivamente publicadas; de modo que por sua morte, occorrida em dezembro de 1616, havia já composto nove *Decadas* divididas em noventa livros, exemplo raro de fecundidade litteraria, maxime se reflectirmos que do proprio engenho e do acertado estudo dos documentos originaes, que pudera consultar, eram ellas tiradas, não sendo por ninguem precedido.

Recommenda o Sr. Innocencio F. da Silva a edição de 1778-1788 feita na typographia regia em 14 volumes em 8° como a mais completa por conter partes até então ineditas, supprir algumas omissões deixadas nas anteriores, e ser expurgada de muitos erros grosseiros que as afeiavam. No unanime parecer dos entendidos é Couto digno continuador de Barros; e o seu estylo claro e corrente é porventura mais historico, posto que menos brilhante. O grande humanista, P. Antonio Pereira de Figueiredo, não duvida assignar-lhe o quarto lugar entre os classicos portuguezes, a contar do mesmo Barros.

Grave e sentencioso avaliava Couto os acontecimentos com perfeito conhecimento de causa, e a miudo sahiam de sua penna os mais salutares conselhos e judiciosas reflexões. Sirva d'exemplo o seguinte trecho em que fallando dos perigos que correram Nuno da Cunha e seus heroicos companheiros na ilha de S. Lourenço, assim s'exprime :

Vejam agora os reis si ha na vida cousa com que se satisfaçam tamanhos trabalhos, como seus vassallos passam nesta conquista da India; e que preço ha com que se pague um so risco de morte, quanto mais tantos quantos são os que em cada dia se vem; no mar tanta tormenta e perigos, na terra tanto risco entre pelouros e fogo; comendo mal, dormindo peior, pelejando todas as horas por honra do seu Deus e do seu rei. Por onde haviam de trabalhar que os homens que fossem repartidores dos galardões fossem aquelles que tem visto e experimentado os mesmos riscos e trabalhos, porque dem com compaixão e não taxem com escasseza, tendo mais respeito ao merecimento dos homens que á pretenção de querem valer com os reis por um muito mal entendido meio, como o de quererem acrescentar em sua fazenda, porque nunca ella cresce mais do que quando justamente se pagam merecimentos.

Posto que preferisse, como já dissemos, o estylo simples, sabia por vezes elevar-se ao florido e até ao vehemente, segundo a importancia do assumpto de que se occupava. Assim, v. g., descrevendo a cruel e desesperada acção dos defensores de Beth, accommettida pelo governador Nuno da Cunha, traça-nos o seguinte bellissimo quadro :

..... Os de dentro vendo-se d'aquella maneira, desconfiados de todo o

remedio, e entendendo bem que os portuguezes lhe haviam d'entrar na fortaleza por força e que forçados todos os que dentro estavam haviam de morrer em sua defensão, que suas mulheres, filhos e fazendas não poderiam deixar de ficar por despojos aos portuguezes, o que sentiam em extremo, e trazendo-lhes o demonio um brutissimo remedio á memoria, ajuntou o capitão todos os mouros e lhes fez esta breve arenga:

« Bem vedes, amigos e companheiros meus, como tentei todos os remedios quantos a honra e a obrigação me deram lugar, por ver se podia salvar as mulheres e filhos de todos os que aqui estamos, que é o que so desejava; porque nós, como somos homens, havemos de pretender uma morte honrosa que a vida com vituperio de que não podemos escapar, segundo estes inimigos estam encarniçados contra nós. Mas porque depois de todos acabados em nosso officio e obrigação não fiquem nossas mulheres e filhos em seu poder, nem as fazendas que com tanto trabalho adquirimos, sou de parecer que antes se consumma tudo a nossas mãos, entregando-as ao duro fogo para que as gaste e consumma, e depois com odio d'essa magoa mais entranhavel e com a ira d'essa crueza mais accesa, saiamos aos inimigos e tomemos nelle vingança d'esta deshumanidade, que havemos d'usar para com nossas proprias mulheres e filhos. E quando todos acabarmos ás suas mãos não lhes ficará cousa de que se possam louvar de nós, e assim ficaremos um raro exemplo ao mundo. »

A todos pareceu bem aquelle conselho; sahindo-se d'alli com aquella furia cada um se foi para a sua casa e nos innocentes filhos e mulheres que estavam repousando banháram as crueis espadas, abrindo-lhes as entranhas sem piedade alguma (o que todos fizeram a um mesmo tempo), não perdoando a pais, mãis, mulheres, filhos, irmãos, nem a toda a mas gente e familia. Esta crueza executáram sem lhes mover as entranhas o choro do tenro filho, nem as lagrimas e piedosas lamentações da cara e amada esposa. Acabado este sanguinoso e cruel espectaculo, tomáram todos suas fazendas, ouro, prata, drogas alcatifas e todos os mais moveis ricos e curiosos, e posto tudo em um grande monte no terreiro da fortaleza, ajuntando-lhe muita lenha e palha lhe puzeram fogo, começando a arder tudo soberbessimamente. E tomando os corpos das mulheres, filhos e mais familia, que estavam ainda palpitando e revolvendo-se no quente sangue, os foram lançar no meio d'aquellas ardentes chammas, confundindo-se tudo em cinza em um muito breve espaço, imitando nesta brutal façanha os antigos Numantinos. Foram vistas dos nossos aquellas chammas e labaredas com muito grande espanto, sem poderem cuidar o que seria. Feito aquelle barbaro incendio, ajuntáram-se septecentos dos principaes e foram á mesquita, e nella fizeram grandes votos a Mafamede de morrerem todos em vingança d'aquelles innocentes, e pera signal d'aquelle voto rapáram logo alli as cabeças á maneira das tonsuras dos nossos clerigos, que

uma superstição que usam os que se offerecem a morrer e a desprezar á vida.

. . . . . .

Converte-se ás vezes seu buril em delicada palheta, como quando nos pinta os derradeiros instantes da longa agonia por que teve de passar o desgraçado Sepulveda e sua formosa esposa nos areaes d'Africa. Oiçamo-lo :

Manuel de Sousa de Sepulveda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio Manheça com determinação de se deixarem ficar nelle, se aquelle rei lh'o consentisse, e indo assim tornáram os cafres á dar nelles, e isso que ficou sobre os corpos foi roubado, deixando-os nús; e D. Leonor quando os cafres a quizeram despir o não quiz consentir, antes ás bofetadas e ás dentadas, como leoa magoada, se defendia, porque antes queria que a matassem, que despirem-na. Manuel de Sousa de Sepulveda vendo sua amada esposa naquelle estado, e os filhinhos no chão chorando, parece que a magoa e dôr lhe resuscitou o entendimento (como acontece a candêa que se quer apagar dar antes d'isso maior claridade), e tornando sobre si mais algum tanto, se chegou á mulher, e tomando-a sobre os seus braços, lhe disse : « Senhora, deixai-vos despir, e lembre-vos que todos nascemos nús; e pois d'isto é Deus servido sede vós contente que elle haverá por bem que seja isto em penitencia dos nossos peccados : » com isto se deixou despir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos cousa sa alguma com que se podesse cobrir. Vendo-se ella núa assentou-se no chão e espalhou os seus formosissimos e compridos cabellos por diante, com o rosto todo baixo, porque a pudessem cobrir ; e assim com as mãos fez uma cova n'arêa onde se metteu até a cinta, sem mais se querer alevantar d'alli. Os homens da companhia vendo D. Leonor foram-se afastando de magoa e vergonha. Vendo ella a André Vaz, o piloto, que virara as costas para se ir, chamou por elle e lhe disse :

« Bem vedes, piloto, como estamos e que já não podemos passar daqui, onde parece tem Deus ordenado que eu e meus filhos acabemos por meus peccados, hi-vos muito embora, fazei por vos salvar e encommendai-nos a Deus; e se fordes a India e Portugal em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manuel de Sousa, e a mim com meus filhos. » André Vaz, enternecido de magoa d'aquelle piedoso espectaculo, virou as costas sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, e foi continuando o seu caminho após os outros que iam já adiante. Manuel de Sousa com todos aquelles infortunios e magoas não se esqueceu da mulher e dos tenros meninos que estavam chorando com fome; foi-se aos matos a buscar al-

guma cousa pera lhes dar, e quando tornou com algumas frutas bravas achou já um dos meninos morto, e D. Leonor, como pasmada, com os olhos nelle e com o outro no collo. Elle pondo os olhos fitos nella ficou assim um pequeno espaço sem fallar cousa alguma; passado, elle fez uma cova n'arêa e por sua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

« Feito isto, tornou-se ao mato a buscar mais frutas pera a mulher e pera o outro menino, e quando tornou achou ambos fallecidos, e cinco escravas suas sobre os corpos com grandes gritos e prantos; vendo Manuel de Sousa de Sepulveda aquella desaventura, apartou d'alli as escravas, e assentou-se perto da mulher com o rosto sobre uma mão e os olhos nella, e assim esteve espaço de meia hora sem chorar, nem dizer palavra. Passado aquelle termo, levantou-se e começou a fazer uma cova com ajuda das escravas (sem fallar cousa alguma), e tomando a mulher nos braços, chegando seu rosto ao d'ella um pouco, a deitou na cova com o filho; e depois de a cobrir, sem dizer cousa alguma ás moças, se tornou a metter pelo mato, onde desappareceu, sem jamais se saber d'elle, e sempre se presumiu que os tigres o comeram. »

Como seu predecessor (Barros) julga Diogo do Couto com demasiada severidade os adversarios de sua grei e crença; não lhes descobre uma so virtude, e até os feitos de sublime dedicação, que, practicados pelos seus compatriotas, lhe mereceriam mil encomios, passam desapercebidos, quando não estigmatisados. Que não faltava porém ao erudito chronista da India a necessaria imparcialidade para bem julgar dos factos que narrava fornecem-nos sobejas provas as censuras infligidas aos governadores e capitães-móres que da sua jurisdicção haviam abusado. Para explicar semelhante anomalia cumpre não olvidarmo-nos que, conforme as ideias do tempo, o infiel estava fóra do direito commum; e que por isso, para os espiritos ainda mais rectos, como o de Couto, justificaveis eram as atrocidades para com elles practicadas.

Resentem-se os escriptos de Couto da decadencia em que entrava a litteratura portugueza; e apesar dos louvaveis esforços que empregava para conservar a pureza dos quinhentistas divisa-se em sua obra algumas hyperboles arrojadas e trocadilhos de máo gosto.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

Sebastião da Rocha Pitta, nascido na cidade da Bahia de Todos-os-Sanctos aos tres de maio de 1660, era, segundo o testemunho do conego Januario da Cunha Barbosa, filho do desembargador João da Rocha Pitta; conforme porém a asseveração do abbade Diogo Barbosa Machado, foram seus progenitores João Velho Gondim, e sua mulher D. Brites da Rocha Pitta.

Havendo completado em sua cidade natal o curso de preparatorios, sob a direcção dos jesuitas, foi o joven Sebastião receber o complemento dos seus estudos n'Athenas Lusitana, em cuja famosa universidade graduou-se em canones.

Não aspirando cargo algum da magistratura, regressou aos seus lares; e havendo-se unido pelos vinculos matrimoniaes com D. Brites d'Almeida, dedicou-se aos trabalhos agricolas, servindo todavia ao Estado na qualidade de coronel do regimento privilegiado d'infantaria d'ordenanças.

Não entregou-se Rocha Pitta á ociosidade habitual á mór parte dos nossos fazendeiros; compartilhando o seu tempo entre as occupações ruraes e o tracto das musas, que summamente présava, e no qual so mediocre reputação poude alcançar. Pensando que talvez fosse a rima a causa do seu pouco exito na poesia, consagrou seu talento ás ficções em prosa, escrevendo na lingua castelhana um romance, á imitação do *Palmeirim em Inglaterra*, que nem-um successo obteve.

Tocado havia ao zenith da vida, e mui proximo via o seu occaso, quando deliberou-se o illustre Bahiano d'escrever uma historia geral d'America Portugueza; porque nem Simão de Vasconcellos, nem Francisco de Britto Freire, nem nem-um dos outros chronistas haviam composto sinão monographias.

Concebido tão louvavel proposito, empregou Rocha Pitta toda a sua actividade e recursos pecuniarios de que dispunha para leva-lo ao cabo, deixando para semelhante fim as pitorescas margens do rio *Paraguassú*, onde se achava situada a sua fazenda, e dirigindo-se á capital do Estado afim de compulsar os documentos que dis-

persos se achavam pelos archivos publicos, e das tres ordens religiosas que ahi existiam.

Não contente com o minucioso exame do que na lingua vernacula poude encontrar, deu-se ao estudo dos idiomas francez, hollandez, inglez e italiano, para que em estranhas e insuspeitas fontes fosse beber as informações de que carecia.

Prolongáram-se as suas laboriosas pesquisas até o anno de 1728, em que poz termo á sua obra, publicando-a em 1730, e abrangendo o periodo decorrido desde o descobrimento de Cabral até o anno de 1724.

Devidamente apreciado pelos contemporaneos foi tão importante trabalho, merecendo que a *Academia Real da Historia Portugueza* o elegesse seu socio supranumerario, e que el-rei D. João V o galardoasse com a nomeação de fidalgo da sua casa.

Cumulado d'honras, volveu Rocha Pitta á sua cara Bahia, d'onde se ausentára para melhor desempenhar a tarefa que sobre si tomára, e deixando saúdosos seus amigos de Lisboa, tornou a modesta existencia de que por algum tempo se subtrahira. Rodeado de numerosa prole com que Deus abençoára a sua união conjugal, respeitado pelo seu muito saber e raras virtudes, viu o douto academico escoarem-se serenos os derradeiros dias da sua placida existencia; reunindo-se no anno de 1738 a sua bella alma a divina essencia d'onde emanára.

A *Historia d'America Portugueza* em um volume *in-folio*, sahido da officina de José Antonio da Silva, impressor d'Academia Real, é, como dissemos, o monumento de gloria do nosso benemerito compatriota, a quem cabe bem o titulo d'*Herodoto Brasilico*.

Do seu tracto com as musas guardou Rocha Pitta um estylo grandiloquo, uma pompa de dicção que o fazem rival de João de Barros. Dando a razão d'essa pompa de linguagem bem como d'algumas patrioticas hyperboles assim s'exprime um juiz por demais sufficiente. « He Sebastião da Rocha Pitta nascido na Bahia; e não he muito que o amor da patria o obrigue a engrandecer e ornar com especiosas vozes aquellas cousas que a nós se nos fazem mais estranhas, ou por serem raras vezes vistas, ou sómente cridas pelas informações com que as sabemos. He sem duvida que aquella

parte do mundo contém prodigios que excedendo aos hyperboles, não offendem á verdade, ley mais essencial para a Historia do que os outros mais rigorosos preceitos com que ella se deve compôr. Este auctor o faz com estylo tão elegante que tem muito de poetico, em que lhe acho companheiros de tão grande nota, como algum d'eminentissimo caracter, e este será o motivo, porque concilie na mayor parte dos leitores applauso e louvor; porque entendo que não será menos estimada esta Historia, do que as outras que vemos de semelhante estylo na nossa lingua, e na dos nossos visinhos onde tem bastante reputação[1]. »

Entre as bellissimas passagens da obra a que nos referimos, occupa distincto lugar a seguinte magestosa descripção do Brasil :

Do Novo Mundo, tantos seculos escondido, e de tantos sabios calumniado, onde não chegáram Hannon com suas navegações, Hercules Libyco com suas columnas, nem Hercules Thebano com as suas emprezas, he a melhor porção o Brasil; vastissima região, felecissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos os mais suaves balsamos, e os seus mares o ambar mais selecto : admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo apura a arte; brotando as suas canas espremido nectar, e dando as suas frutas sazonada ambrosía, de que feram mentida sombra o licor e vianda, que aos seus falsos deuses attribuiu a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o ceo mais sereno, nem madruga mais bella a aurora ; o sol em nenhum outro hemispherio tem os rayos tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horisontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos; ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras ; he emfim o Brasil terreal paraizo descoberto, onde tem nascimento e curso os mayores rios : domina salutifero clima; influem benignos astros, e respirão-se auras suavissimas, que o fazem fertil e povoado d'innumeraveis habitadores; posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Plinio e Cicero, e com gentios Padres da Igreja, Sancto Agostinho e Beda, que a terem experiencia d'este

[1] Vide o *Parecer apresentado á Academia Real da Historia Portugueza pelo clerigo regular D. Antonio Caetano de Sousa.*

feliz orbe seria famoso assumpto de suas elevadas pennas, aonde a minha recêa voar; posto que o amor da patria me da as azas e a sua grandeza me dilate a esfera.

Com as mais finas tinctas e delicada palheta esboça o nosso historiador o quadro das flores do seu patrio torrão. Tomemos para exemplo o do maracujá :

Das naturaes (flores) ha muitas admiradas, sendo a primeira a do maracujá, mysterioso parto da natureza que das mesmas partes de que compoz a flor lhe formou os instrumentos da sagrada paixão, fazendo-lhe nas folhas cumuladas ao pé o Calvario; em outras peças a columna; os tres cravos, a corôa d'espinhos; e pendentes em cinco braços, que em igual proporção se abrem da columna para a circumferencia, as cinco chagas; de cada tres com attenção se forma a cruz; e no ramo em que se prende o pé, se vê a lança.

Nem menos formoso é o painel das frutas que com liberal mão concedeu a natureza á Terra de S. Cruz. Fallando das que nos pomares são cultivadas, assim s'expressa :

Das naturaes cultas ha infinitas; sendo primeira o ananaz, que como o rey de todas, o coroou a natureza, com o diadema das suas mesmas folhas, as quaes em circulo lhe cingem a cabeça, e o rodeou d'espinhos, que, como archeiros o guardam. As outras são as fragantes pitombas, como pequenas gemas d'ovos; as pitangas do mesmo tamanho, mas golpeadas em gomos, humas rôxas, outras vermelhas, todas frescas e refrigerantes dos calores da febre. Os maracujás cordealissimos de cinco especies, mas de huma so qualidade, de cujo succo se fazem deliciosos sorvetes, e da casca perfeitas conservas. Os araçázes, tambem de cinco castas, dos quaes os perinhos e os merins se dão aos enfermos, e de todos se fazem presados doces com o nome de marmeladas, tão finas e selectas como as do reyno; todas muy brancas, e so as das goiabas carmezins, côr da sua massa.

Recommendavel pela sua energica concisão, harmonia imitativa e vivas enargueias, é a narração da batalha pelejada entre os portuguezes e os tamoyos, fortificados na magnifica bahia de Nictheroy. Copiemo-la :

Acommettidas pelos portuguezes as estancias contrarias era a sua resistencia proporcionada ao nosso furor. A sua disciplina aprendida com os

francezes e já alguns annos practicada, fazia tão difficil o seu rendimento como constante a nossa porfia. Exitado do valor, pelejavão tambem os elementos; o fumo e as setas tinham occupado o ar; as ballas e o estrondo levantavam as ondas; tremia a terra na contingencia de quem a havia de possuir : o fogo achava varias materias em que arder; tudo era horror; mas superando a toda aquella confusão o nosso esforço, ganhamos aos inimigos todas as suas forças, e estancias, deixando mortos innumeraveis gentios e muitos francezes, e os que tomamos vivos foram pendurados para exemplo e terror.

Com o pincel d'Hogarth, ou d'Horacio Vernet, deixou-nos não menos bello e veridico quadro da primeira batalha dos guararapes nestas singelas expressões :

Acommetterão-se os dois desiguaes exercitos; o dos hollandezes, superior em gente, bastimentos, petrechos, bagagens, arreyos e galas; e dos pernambucanos inferior em soldados, commodidades, sustento, descanço e vestidos: mas como se desigualava na cousa e no valor, superou as vantagens dos contrarios. Durou cinco horas a porfia em rigoroso, sanguinolento e militar certamen : mas depois d'apurarem os inimigos todo o seu alento forão cedendo ao nosso esforço com tanta gloria nossa como confusão e perda sua, retirando-se por não acabarem todos ao nosso ferro, e deixando-nos na campanha muitas bandeiras, artelheria, prisioneiros e mortos.

Inspirando-se nas paginas de Thucydides[1] desdobrou com singular mestria o tristissimo panorama da peste que assolou as capitanias de Pernambuco e Bahia no anno de 1686, conhecida pela denominação popular de *bicha*. Contemplemo-lo n'uma das suas perspectivas :

Continuou com alguma pausa, mas com tal intenção e força, que era o mesmo adoecer que em breves dias acabar, lançando pela boca copioso sangue. D'estes foy naquelle principio dos primeiros o desembargor João do Couto d'Andrada, que na relação d'este Estado procedia muy conforme á obrigação do seu cargo. Foram logo adoecendo e acabando tantas pessoas que se contavam os mortos pelos enfermos. Houve dia em que cahirão duzentos, e não escaparão dous : e os simptomas do mal erão os proprios

[1] Quando na sua inimitavel *Historia da Guerra de Peloponeso* descreve a peste d'Athenas.

na Bahia, que em Pernambuco, mas entre si tão differentes e varios que não mostravão sinal certo.

Era em huns o calor tepido, e o pulso socegado, n'outros inquieto e grande a febre. Huns tinhão ancias e delirios, outros animo quieto, e discurso desembaraçado. Huns com dores de cabeça, outros sem ellas; e finalmente desiguaes até na crise mortal do contagio, porque acabavão ao terceiro, ao quinto, ao sexto, ao setimo e ao nono dia; alguns poucos ao primeiro e ao segundo. Estavão cheias as casas de moribundos, as igrejas de cadaveres, as ruas de tumbas; não havia já pessoas para acompanharem o Sanctissimo Sacramento, que por esta causa levavão os parochos com menor culto; resplandecendo então mais a caridade e a diligencia com que fazião as creaturas o mayor bem e ao Creador grato serviço.

Como a João de Barros guiava o patriotismo a penna de Rocha Pitta; mais imparcial porém do que o eloquente auctor d'*Asia Portugueza*, não recusava elogios aos inimigos da sua nação, quando d'elles se tornavam credores. Sirva de prova o que a respeito de Mauricio de Nassau escreveu no livro V, § 38 :

Pouco satisfeitos os deputados da companhia occidental de Hollanda do procedimento do conde de Nassau em Pernambuco (posto que tinha mais de generoso que d'absoluto) entendendo que extorsões e injustiças lhes crescião a elles os interesses, sentião que o conde tratasse com affabilidade e observancia das leys aos moradores e naturaes d'aquellas capitanias : por esta causa quizerão desgostar antes de o chegarem a remover coarctando-lhe a jurisdicção e o soldo; mas o Conde que na grandeza de principe via as excessivas distancias que havia do seu estado e nascimento á fortuna e condição d'aquelles animos ambiciosos e grosseiros, e entregando o governo aos do conselho do Recife, depois de o haver exercido prospera e heroicamente seis annos, se embarcou para a Hollanda no de mil seiscentos e quarenta e tres, lançando a offensa mais á parte do desprezo que da vingança.

Com tão grandes disposições para desempenhar o papel de Tacito pena é que preferisse Rocha Pitta o de Plinio, o Moço : para elle todos os vicereis e capitaes-generaes, foram benemeritos varões; todos os arcebispos e bispos, apostolos; todos os missionarios, sanctos; todos os provedores da fazenda, honradissimos; e todos os juizes, integerrimos.

Anhelando por mostrar o grande cabedal de conhecimentos que

havia juntado perde-se por vezes n'um intrincado labyrintho; e a proposito da menor occurrencia faz eruditas, porém inopportunas digressões.

Pagando tributo ás ideias do tempo não extrema bem os pontos de fé dos de mera crença; e com nem-uma critica admitte como incontestaveis milagres muitos factos que d'esse predicado careciam. Numerosas paginas consagra para apoiar com os mais especiosos argumentos as tradições e lendas populares, como v. g., a da vinda de S. Thomé á America, onde muitos seculos antes de Colombo prégara a lei de Christo.

Não poude tão pouco Rocha Pitta preservar-se do contagio gongoristico; de que abundantes testemunhos poderiamos colher nas paginas da sua *Historia d'America portugueza;* contentando-nos porém com o seguinte :

Já dominante o nosso real planeta lusitano começava a resplandecer o hemispherio portuguez, livre das sombras com que sessenta annos o turbarão os vapores castelhanos, que agora se desvanecerão em exhalações.

Consideramos, apesar d'estas ligeiras imperfeições, a Rocha Pitta como um distincto historiador; sendo muito para lamentar que tão pouco lida seja hoje a sua excellente obra.

Por amor da brevidade omittimos a analyse da *Monarchia Lusitana*, repositorio historico, em que seu primeiro auctor Fr. Bernardo de Brito registou todos os factos relativos aos seus compatriotas desde o principio do mundo até os tempos modernos. A respeito d'este illustrado escriptor e dos seus continuadores escreveu Francisco José Freire estas sensatas palavras :

« Fr. Bernardo de Brito, que lançou os alicerces á grande obra da *Monarchia Lusitana*, entra igualmente na honrada classe de João de Barros, porque lhe seguia os passos, escrevendo em estylo puro e correcto. Obrigado d'esta justiça, é que o nosso famoso antiquario Manuel Severim de Faria disse nas *Noticias de Portugal*, pag. 284, *que elle na linguagem e juizo póde servir de modelo*, etc. Do mesmo parecer é Caramuel no seu *Philip. Prudens*, pag. 118, dizendo : *Est hercule de Rhetorica optimè meritus, cujus perenne studium ac felicem deligentiam vulgata opera*

testatam facirent. Os seus continuadores Fr. Antonio e Fr. Francisco Brandão tem penna ingenua, indagadora e verdadeira; mas falta d'aquella propriedade e pureza que sobresahe em seu antecessor. Os outros chronistas que continuáram esta grande obra, ainda na linguagem tem entre os criticos menos merecimento que os dois Brandões, especialmente Fr. Raphael de Jesus, que morreu sem saber o como devia fallar a sua lingua um correcto escriptor portuguez[1]. »

[1] *Reflexões sobre a Ling. Port. Introducção*

LIÇÃO XXIX

QUINTA EPOCHA — 1750-1826

Já na *lição XVIII* assignalamos o dispertar das letras portuguezas, que, semelhantes a chrysalidas, começavam a romper o involucro da ignorancia e do máo gosto. Dado felizmente o impulso facil foi de progredir a obra; e vendo os sabios e eruditos honrados os seus trabalhos augmentou-se-lhes o ardor com que se entregavam a arduas pesquizas e assiduas lucubrações.

Propicias circumstancias contribuiram para o resultado que applaudimos; entregue a vigorosas mãos achava-se o timão do Estado; e novo sangue parecia circular pelas arterias do velho Portugal. Renascia a abundancia e prosperidade; o commercio, a lavoura e a industria abençoavam o nome do marquez de Pombal, e as letras que, quaes seguros thermometros, marcam o gráo d'esplendor ou decadencia dos povos, não podiam deixar de participar de tão benefico influxo.

A reforma da universidade de Coimbra, onde, na phrase de Garrett, havia-se entrincheirado a barbaridade como em sua ultima cidadella na Europa; e ainda mais a fundação d'*Arcadia Ulysiponense* no anno de 1757, foram incontestavelmente os acontecimentos que mais de perto influiram para que de novo luzissem no firmamento litterario os bellos dias de Ferreira, Miranda e Camões.

Estanciemos por um pouco n'*Arcadia*, para cujo estabelecimento so indirectamente concorrera o poder real; sendo devido aos nobres esforços dos tres illustres magistrados : Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicoláo Esteves Negrão, e Theotonio Gomes de Carvalho. Reminiscencias classicas leváram-nos a escolher um titulo bucolico, e a trocarem seus nomes pelos de pastores, figurando que sobre o monte *Ménalo* tinham lugar as suas reuniões. Ácerca da natureza e importancia dos seus serviços oiçamos o juizo emittido por um douto academico (F. M. T. d'Aragão Morato) : « Abrangendo o fim do estabelecimento d'Arcadia não so a reforma da poesia portugueza, mas tambem a da eloquencia e da linguagem patria, muitas foram as regras que os Arcades dictáram para estes estudos se elevarem á sua antiga e aurea simplicidade.

« Um grande triumpho ganháram os Arcades sobre o grande numero d'insipidos versejadores do seu tempo, e este foi terem deixado provado com o peso das razões, e ainda mais com a efficacia dos exemplos, que a poesia vulgar era independente do jugo da rima, ou do sonoro *zum-zum dos consoantes*, a que todos estavam servilmente ligados.

« Finalmente o estudo dos nossos antigos poetas e o da linguagem patria era uma lição todos os dias inculcada n'Arcadia e que Diniz repetiu por um modo muito engenhoso e engraçado naquelle dithyrambo, em que brindando separadamente a cada um dos insignes poetas portuguezes exceptua o Montemayor por ter escripto a sua *Diana* no idioma castelhano [1]. »

Por espaço de desanove annos durou esta util associação, a que se haviam aggregado os maiores talentos que então contava Portugal. Duas tendencias, ou antes duas escolas, vemos nascer e desenvolver-se no seio d'*Arcadia*; queremos fallar da que procurava para seus modelos os escriptores gregos e latinos continuando o trabalho d'assimilação estreado por Sá de Miranda e Ferreira. Era uma verdadeira reacção archaica, uma volta para o passado em que lucrava quiçá a lingua e a litteratura na pureza e correcção das formas, perdendo por outro lado pela absoluta condemnação

[1] *Mem. sobre a fundação d'Arcadia e sua infl. na rest. da nossa litter.*

do espirito novo, e formal recusa d'acompanhar o progresso. Foi Garção o patriarcha d'essa escola, sendo com justiça denominado de *novo Ferreira*. Seguindo uma direcção parallela vemos deslizar-se a escola franceza, naturalisada antes da fundação d'Arcadia pelo douto conde da Ericeira, e que não poucos adeptos contou no seio d'esse illustrado areopago. N'uma, ou n'outra d'essas duas escolas poderemos pois classificar todos os escriptores, principalmente poetas, que honráram com seus escriptos a epocha cujo perfil ora desenhamos.

Apenas haviam cessado os harmoniosos sons d'*Arcadia*, que já novo congresso litterario se inaugurava; d'esta vez altamente patrocinado pela auctoridade que d'elle fazia uma instituição nacional. A *Academia Real das Sciencias*, cujos estatutos approvou o aviso de 24 de dezembro de 1779, deveu sua existencia « a uns poucos homens, dotados de grande amor das sciencias e de muito zelo pela verdadeira gloria e felicidade de sua nação, animados por um varão illustre, que cultivando as letras desd'os seus primeiros annos, e havendo examinado os progressos que ellas haviam feito nas cidades mais polidas da Europa, as desejava ver não so restauradas mas vulgarisadas na sua patria[1]. »

O varão illustre a quem se refere Aragão Morato nas palavras que acaba d'emprestar-nos era o duque de Lafões, D. João de Bragança, que após uma longa ausencia volvia a seus lares, e alcançando de sua sobrinha, a rainha D. Maria I, que enobrecesse o seu reinado com a creação d'um corpo scientifico identico aos que já tão numerosos e disseminados existiam pelo resto da Europa. As abundantes e preciosas publicações d'esta *Academia* constituem um dos monumentos da gloria patria; e ainda que diverso seja o seu valor litterario serão sempre com vantagem manuseadas por quem se entregar ao estudo das sciencias, letras e artes de Portugal e dos paizes que, como o nosso, lhe estão, ou foram annexos.

Assentava porém o plano, nimiamente severo d'*Academia das Sciencias*, a alguns espiritos brilhantes e pouco dados ás profundas meditações dos sabios; faltava n'uma palavra ar aos poetas

[1] *Mem. sobre a fund. d'Arcadia*, supra citada.

nessa atmosphera sobrecarregada de formulas e abstracções. Assomou-lhes logo ao espirito a ideia de formarem uma segunda *Arcadia*, que com effeito chegou a ter começo d'existencia, finando-se porém em breve tempo, victima das dissidencias dos seus principaes chefes. Eis como a tal respeito se exprime o Sr. Lopes de Mendonça :

« O gosto das letras não havia fallecido de todo em Portugal. Á primeira *Arcadia* que contára entre seus membros poetas tão distinctos como Garção, Quita e Diniz, succedia a segunda, em que Bocage e José Agostinho de Macedo deviam tomar um lugar importante, e dar principio a uma lucta d'amor proprio que, para gloria d'ambos, deveria ter sido apagada da historia do tempo[1]. »

Continuáram no gremio da segunda as duas tendencias, que, como ácima dissemos, existiam na primeira *Arcadia* : achou-se ahi representada a escola archaica na pessoa do insigne poeta Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido por *Philinto Elysio*, ao passo que a franceza reconhecia por seu chefe o eximio improvisador Bocage (*Elmano*). Grupava-se em torno d'estes dois magestosos vultos luzente pleiade de fecundos engenhos : e os *philintistas e elmanistas* foram os guelfos e gibelinos do renascimento litterario até que o visconde d'Almeida Garrett hasteasse o pendão da nova litteratura.

[1] Vide *Mem. de litt. contemp.*, pag. 50.

LICÃO XXX

Genero lyrico.

ESPECIE BUCOLICA

Manifestou-se o renascimento das letras por uma grande exuberancia poetica : floresceram todos os generos e especies; e a bucolica, que, como já dissemos, tanto se casa com o genio nacional, não podia deixar d'ostentar-se com toda a louçania. Fiel ao nosso proposito, faremos selecção d'aquelles poetas que melhor attingiram ao alvo a que se propunham, e que, quanto a nós, foram Quita e Maximiano Torres.

DOMINGOS DOS REIS QUITA (ALCINIO MYCENIO)

Nasceu em Lisboa a 6 de janeiro de 1728 de pais pobres que lhe deram a profissão de cabellereiro, que nesse tempo parece ter sido mui pouco lucrativa : por quanto sempre a braços com a pobreza viveu o nosso poeta. A humildade do seu estado não o exclui a dos mais aristocraticos circulos de Lisboa, onde era o seu talento geralmente apreciado; e vantajosamente consideram-no os distinctos fundadores d'*Arcadia Ulysiponense*, alistando-o como um dos primeiros socios debaixo do nome pastoril d'*Alcinio Mycenio*. « As musas porém a quem serviu (diz Garrett), os grandes que com ellas honrou nunca o tiráram do seu triste officio,

mas poude de sua baixa condição social levantar-se ao primeiro grão litterario, que acaso lhe disputam ignorantes e presumpçosos, mas que nem-um homem de gosto deixará de lh'o dar[1]. »

Como a mór parte dos seus contemporaneos vivia Quita a dirigir versos ora a um, ora a outro fidalgo, implorando-lhes a sua protecção, que, ou lhe era recusada, ou escassa servia para prolongar-lhe a miseria. Parecia algumas vezes até pedir esmola, como se deprehende do seguinte trecho da epistola que endereçou ao conde d'Oeiras por occasião d'uma terrivel enfermidade que por nove mezes o prostára no leito :

Mostrou-me a desventura irado o rosto
E a mil miserias e fataes perigos
Desabrida a cruel me tem exposto.
E já tão implacaveis inimigos
Tragado me teriam se a piedade
Me não salvasse dos fieis amigos.
Já remir a fatal necessidade
Não podem com fadigas os membros lassos
Quebrados da cruel enfermidade.
Com vacillantes, mal seguros passos
Movo apenas o corpo enfraquecido,
Que em vão para o trabalho agita os braços.
Qual passarinho implume que perdido
Tem os providos pais e sem sustento
Geme no ninho já desfallecido;
Tal me vejo no misero tormento
Que me ordena á Suprema Divindade
Lá do terrivel, magestoso assento.
Pois como a singular benignidade
Com que dos infelices sois amparo
Me deixa suffocar d'adversidade?

A independencia indispensavel á conservação da dignidade de todo o homem, principalmente do litterato, faltou, como se vê, a Quita, e não pouco influiu sobre o merito moral de muitas de suas composições, em que toca ao ridiculo a hyperbole laudatoria. Angustiada deslisou-se a sua existencia, até que veio a morte termina-la no dia 13 de junho de 1770, quando apenas contava 42 annos.

[1] *Bosq. da Hist. da lingua e poes port.*

Sahiram a luz as suas *Obras poeticas* em dois volumes em 1781, contendo alem da usual centuria de sonetos, odes, epistolas, etc., treze eclogas, dez idyllios, um poema pastoril denominado *Licore*, e mais quatro tragedias, *Artarto*, *Mégara*, *Hermione* e *Castro*. Nem as suas tragedias, em que se julga que fôra auxiliado pelo seu amigo Pedegache, nem as suas outras composições poeticas, te-lo-hiam subtrahido do olvido da posteridade a não serem as bucolicas que judiciosamente juntou o editor a esta collecção.

Pelos mais competentes juizes é Quita considerado como o primeiro dos nossos poetas pastoris, e não duvida Garrett de pronunciar o seu nome depois do de Gessner, a quem procurou imitar. Não lhe dissimula os defeitos, mas diz « que a boa e honrada critica louva o bom, nota o máo, porém não faz timbre em achar os defeitos na menor falta para se regozijar com a censura. » Outro judicioso critico (Pato Moniz) citado pelo Sr. Innocencio da Silva em seu *Diccionario*, assim se exprime ácerca das suas obras :

« Com quanto sejam inferiores as suas odes e sonetos são optimas as suas eclogas e formosissimos os seus idyllios: mantendo sempre a illusão, assim pela amenidade da scena e viveza das côres locaes como pela propriedade e sustentação do caracter dos seus interlocutores. E que não vale a sua divina tragedia pastoril, a sua *Licore*? Nem-uma lhe conheço eu superior, se não fôr a *Aminta* do Tasso. Geralmente em suas obras não achamos uma grande profundeza d'engenho e d'erudição : acham-se porém muito amenas invenções, bastantes conhecimentos philologicos e perfeitissima intelligencia e practica das regras d'arte : pois que estas se observam até em suas proprias tragedias, posto que não sejam superiormente boas; e contudo não seria sobre ellas mui desfavoravel o meu juizo, se aqui o houvesse d'assentar; e o que alli se pode notar por menos vigoroso do que convinha, bem compensado fica pela affectuosa singeleza e pela quasi nunca interrompida suavidade e elegancia que reina por todas as suas obras. »

Entremos com o leitor no jardim bucolico de Quita e escolhamos, para offertar-lhe, algumas fragrantes flôres. Seja a primeira a seguinte bellissima pintura da *inveja* que se lê na Ecloga X :

Fujamos d'estes campos, que a Inveja
Tem com o seu negro bafo envenenado;
Aqui as plantas fructos não produzem,
Aqui antes d'abrir as flôres murcham,
E se a semente o lavrador derrama
Morre afogada da importuna grama.

Nem menos primoroso é o quadro que nos traça da visinhança da noite precedida pela tempestade, e a da reunião dos pastores em casa do velho Dalmido :

Pelas serras a neve branquejava,
O ribeiro gelado não corria,
O sol já dos vales se apartava,
Uma nuvem o mostrava, outra o cobria :
Os cordeiros atrás das mãis balando
Se andavam pelas matas abrigando;
Os ventos tão furiosos assopravam
Que as rochas pareciam que abalavam
Remavam para a praia os pescadores,
Recolhiam-se ás choças os pastores,
Quando já da cabana de Dalmido
Uns visinhos pastores se ajuntavam,
Onde os serões do inverno desabrido
Em saborosa practica passavam.
É Dalmido d'idade em decadencia,
Mas d'animo robusto e esforçado,
Largamente ensinado da experiencia
E a climas mui diversos costumado.
Tem despovoado o alto da cabeça,
A barba quasi branca, mas espessa.
É venerando, alegre de semblante
E d'antigas historias abundante.
Sentados os pastores rodeavam
Uns seccos troncos vivamente ardendo;
Concavos tarros uns formando estavam
E cestinhos de cana outros tecendo;
E o bom velho no seu usado assento
Todo entregue a seu sabio pensamento
Na mão em que o cajado sustentava
A respeitavel face reclinava.
. . . . . .

Outras vezes modulava ao som da sua avena melancolicas ende-

chas, como quando lamentava a ausencia d'um amigo, a quem chama de Mirtillo. Escutemo-lo :

Ah! Mirtillo, que mal te fez a patria?
Porque deixas a nossa companhia?
Porque dos nossos vales te separas?
Torna, pastor, a estes campos, torna;
Todos te amam, todos te suspiram;
Que vais buscar as praias do alto Douro?
Olha que nesses campos a discordia
Tem o impio veneno semeado :
Vê quantos males tem reproduzido.
Que vais buscar ao Douro? Porventura
Canta-se lá melhor que cá no Tejo?
Será mais fresca a sombra d'esses valles?
Ou são as suas Nayades mais bellas?
Ah! não, não vás pisar estranhos montes,
Estes valles estão por ti chamando
Os teus valles, os teus paternos campos.
Ah! Mirtillo, assim deixas os pastores
Que contigo nasceram e que foram
Nos innocentes brincos de menino
Teus companheiros, que contigo andáram
Montados nas pacificas ovelhas!
Ou já correndo atrás dos cordeirinhos,
E outras vezes cortando as leves canas
Para colher maçans dos altos ramos,
Ou roubando do ninho as novas aves,
Ah! Mirtillo, que puro amor não gera
O trato simples da primeira idade!
Emquanto á fresca sombra d'estas faias
Tocavas a sonora, doce frauta
Contentamento tudo respirava :
Mas hoje tudo cheio de tristeza
Mirtillo com saudade está chamando.
O dia em que de nós te separaste
Cantou na madrugada o triste mocho,
Os rafeiros fugindo dos rebanhos
Uiváram pelos cumes das montanhas,
E com tristes balidos se quexáram
As ovelhas pasmadas pela serra.
Tu não sabes que magoa, que desgosto
Sentem na tua ausencia estes pastores.
Juro-te que não vivo mais saudoso
Da formosa Tircea separado.

Aqui já pela sésta as bellas nymphas
Não vem gozar a sombra d'este bosque,
Nem a colher as matizadas flôres
Para os louros cabellos adornarem;
Aqui já na serena madrugada
Os rouxinoes não cantam nos loureiros,
Nem já fazem seus ninhos nestas grutas
As brancas pombas, as amantes rolas.
Falta aqui a doçura do teu canto;
Tudo falta : elle a doçura refreava
Da impetuosa corrente n'este rio
Que hoje leva comsigo a mesma ponte :
Elle o raivoso vento suspendia,
Que hoje soprando com feroz zunido
Faz gemer os carvalhos mais robustos,
Desfolha o ramo e as mimosas flores,
Umas deixa por terra amortecidas,
Outras leva quebradas pelos ares.
Oh! venturoso Douro, venturoso
Que á sombra de frondosos arvoredos,
Levanta d'entre a placida corrente
A cabeça c'roada d'espadanas
Para escutar a frauta de Mirtillo!
A frauta de Mirtillo por quem dera
O brando Tejo o ouro das areias
Por quem saudoso lagrimas derrama.
. . . . . .

Innumeras provas deu-nos Quita do talento descriptivo com que sabia moldurar todos os seus mimosos paineis, e para não multiplicar citações apenas transcreveremos o começo do formoso idyllio, dedicado á manhan :

A rosada manhan serena desce
Sobre as azas do Zephiro orvalhadas;
Um cristallino aljofar resplandece
Pelas serras de flôres marchetadas :
Fugindo as lentas sombras dissipadas
Vão em subtil vapor, que se converte
Em transparentes nuvens prateadas.
Saúdam com sonora melodia
As doces aves na frondosa selva
O astro que benefico allumeia
Dos altos montes a florida relva :
Uma a cantiga exorime modulada

Com suave gorgeio, outra responde
C'os brandos silvos da garganta inflada;
Como os raios partindo do horisonte
Ferem brilhando com diversas côres
As claras aguas da serena fonte.
Salve benigna luz, que os resplendores
Qual perenne corrente crystallina
Que do viçoso prado anima as flores
Diffundes da celeste azul campina,
Vivificando a lassa natureza
Que no seio da noite tenebrosa
O moribundo somno tinha preza.
Como alegre disperta e radiosa
D'encantos mil ornada se levanta
Qual do festivo leito a nova esposa!!
A mesma annosa carcomida planta
Co' o matutino orvalho reverdece.
A humida cabeça ergue viçosa
A flôr que rociada resplandece,
E risonha perfumes vaporando,
Embalsamando vai o ar sereno.
De mil insectos um volatil bando
Errando gyra pelo prado ameno,
E com brrando sussuro d'alegria
O astro louva do nascente dia.
. . . . . .

Pela estreiteza do nosso plano deixamos de citar muitas outras bellezas de primeira ordem que abundam nos cantos pastoris do suaviloquo Domingos dos Reis Quita.

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES (ALFENO CYNTHIO)

Domingos Maximiano Torres (Alfeno Cynthio), nascido a 6 de fevereiro de 1748 no lugar denominado Mouro, conselho de Cintra, foi filho de Julião Francisco Torres, guarda da Casa da India, o qual esmerou-se em dar-lhe disvellada educação e aproveitando a intelligencia que precoce se revelava no mancebo, mandou-o estudar na Universidade de Coimbra, onde tomou o gráo de bacharel em leis no anno de 1770. De volta a Lisboa, travou estreitas relações com Francisco Manuel do Nascimento (*Philinto Elysio*), o que

por certo concorreu para a pureza e correcção d'estylo que notamos em seus escriptos. Abrindo mão de mais altas aspirações, a que chamavam-no seu talento e amenidade de caracter, contentou-se com o modesto emprego que exercera seu pai, consummindo seus lazeres no tracto das musas. Pertenceu á *Nova Arcadia*, onde tomou o nome que ácima indicamos. Compromettido por sympathisar com os francezes, que em fim de 1807 occupáram Portugal, foi uma das victimas da reacção. Arrastado á cadeia de Lisboa, mais tarde transferido para o presidio da Trafaria, falleceu de desgostos a 5 d'outubro de 1810.

Dedicou-se Maximiano Torres a quasi todas as especies de poesia, distinguindo-se porém na pastoril. Inferior á Quita em graça e simplicidade, levava-lhe vantagem em erudição, e no profundo estudo que da lingua fizera. Admirador enthusiasta de Virgilio, seguia-lhe de perto os passos, sacrificando d'est' arte a originalidade á imitação. Exprobam-lhe com razão os criticos a demasiada prolixidade com que mais d'uma vez prejudica o interesse de suas composições. São porém taes defeitos resgatados por infinitas bellezas, de que passamos a fazer rapida resenha.

Pranteando a sentidissima morte do primeiro bucolico portuguez (Quita), prorompe nestes magoados queixumes :

Naquelle dia infausto não se viam
Nos pastos as lanigeras manadas,
Nem gostáram as limpidas correntes.
Nossas cabras que apenas se boliam
Com as tetas de leite retezadas,
Hoje matam á mingoa os seus neichentes.
Já debalde lançamos as sementes
    Dos gráos de melhor casta;
    Nesta terra madrasta,
Em vez de loiras gradas sementeiras,
Premio de nossas vidas trabalhosas,
    So negrejam nas eiras
A alforra, e as ervilhaças amargosas.

Depois que nos deixaste, caro Alcino,
Um denso nevoeiro nos destroe
Os fructos não vingados da oliveira :
A frigida saraiva de contino
As vinhas co' o pulgão nos cresta e roe

Os nobres louros, triumphaes palmeiras
Ornamento das tagicas ribeiras
(Oh! successo estupendo!)
Se foram convertendo
Em bravas tamargueiras, e carrascos.
Já boninas o prado em si não cria
Quando até nos penhascos
N'outro tempo brotavam a porfia.
. . . . . .

O dialogo entre o pastor Tityro e o pescador Marino, cada qual exaltando as vantagens dos seus rudes misteres, é de grande belleza e vivo colorido. Para exemplo sirvam as duas seguintes estrophes:

TITYRO.

Neste meu rude trato d'ovelheiro
Graças ao ceo feliz e ledo vivo,
Um lanoso pellico me repara
Dos soes d'Agosto e frios de Janeiro.
No remanso d'arroio fugitivo
Mitigo a sede ardente n'agua clara,
E san a vida cara,
C' o fresco leite que do gado ordenho
E com frutas mantenho
Sem recear Neptuno e o rijo vento
Ou d'Orion o vulto truculento.

MARINO.

Marino, pescador do Tejo claro,
Vive com robustez nada invejando,
Dormindo n'uma taboa tão gostoso
Qual dorme em brando leito o rico avaro.
Mal vai no reino undoso Phebo entrando,
Cea em paz o marisco apetitoso
E o peixe saboroso;
Contra o humido sul, ou norte frio
Bebe o vinho sadio;
Sem temer que o roaz lobo esfaimado
Ou a gafeira lhe devore o gado.

Na bellissima ecloga consagrada á Primavera, soube o distincto poeta tirar o melhor partido d'amenidade do sitio por onde se deslisa o rio Mouro, de que devera guardar tão gratas recordações da infancia. Oiçamos o seu começo:

ALFENO.

Agora que a viçosa Primavera
Alcatifa de flores as campinas,
E enrosca aos ulmos a flexivel hera.
Porque entre as odoriferas boninas
Te não sentas aqui, caro Frondoso,
Junto as aguas do Mouro crystallinas?
Vê no roixo oriente o sol formoso
Por entre as rotas nuvens chamejando,
Rasgar da noite o manto azul pomposo.
Vê nos pinheiros surdos sussurrando
Os Zephyros brincões e d'esta fonte
As prateadas limphas encrespando.
Verdeja em torno o bosque, o valle e o monte,
Serena a manhan vem, nem denegrindo
Estão as grossas nuvens o horisonte.
Quando o sol mais ardente for subindo
D'esta faia ás Napeas consagrada,
Amena sombra está sempre cahindo.
Entrega a Melibeu tua manada,
Ou por esta ribeira a minha unida,
Irá pascendo a gramma rociada.
Tudo aqui a recreio te convida,
O rio murmurando, e o prado hervoso
Que a mão remoça da estação florida.
. . . . . .

Que candura de pensamentos, que ingenuidade d'expressões não se encontram nestes versos da mui celebre ecloga intitulada — *Os Pomareiros!*

ALFENO.

Em quanto ao fogo Thertylis prepara
As singelas viandas, nos sentemos
Junto d'esta corrente mansa e clara.
Por entre as leves cannas gozaremos
Da suave frescura matutina
Com que o festival ardor desencalmemos.
Vede da lua a face crystallina
Como rutila em circulos prateados
Na tagitana tremula campina!
De ferventes luzeiros marchetados
Que linda vista aos ceos agora fazem!
Dignos de que os invejem nossos prados.
Em roscio as lentas sombras se desfazem,

Dorme o vento nos concavos oiteiros,
E lá no mar as bravas ondas jazem :
  Tudo emfim vos convida, oh! Pomareiros,
A revesardes o campestre canto,
Ao som dos vossos rusticos salteiros.

Apesar de certa monotonia, inherente a esta especie de composição, pensamos que com prazer e utilidade serão sempre lidas as obras bucolicas de D. M. Torres.

LIÇÃO XXXI

ESPECIE LYRICA

PEDRO ANTONIO CORREIA GARÇÃO (CORYDON)

Segundo o testemunho de Trigoso[1], nasceu este illustre poeta em 1724 e falleceu em 1772 na prisão em que jazera anno e meio, e cuando já se lhe havia passado alvará de soltura. Diversamente commentada foi esta prisão e a violenta perseguição que lhe moveu o marquez de Pombal, sendo mais provavel a opinião que a faz motivada pelas allusões politicas que encerra a falla pelo poeta posta na boca do infante D. Pedro, duque de Coimbra, por occasião de recusar a estatua que lhe queriam votar os Portuguezes. Parece que nesse magnifico trecho viu o poderoso ministro allusões á pouca modestia com que ainda em vida se eregia um monumento a el-rei D. Jozé.

De varios lugares de suas obras deprehende-se que gozára Garção no principio de sua vida dos bens da fortuna de que fôra despojado em virtude da perda d'uma demanda e da penhora que se lhe seguiu. De tão grande calamidade poude apenas escapar a sua propriedade rural no sitio denominado — *Fonte Sancta* — que, na phrase do Sr. L. A. Rebello da Silva, *era o ermo de Tibur onde o*

[1] *Memoria sobre o estabelecimento d'Arcadia e sua influencia na litteratura portugueza.*

Horacio portuguez corrigia com lima frequente as paginas pouco numerosas, mas acabadas que nos deixou [1].

Casado e pai de numerosa prole, que estremosamente amava, viu-se Garção em graves apuros pecuniarios, escoando-se-lhe a existencia n'uma pobreza honrada; porquanto nada seria capaz de desvia-lo da senda da probidade.

Quatro annos depois da sua morte dissolveu-se a Arcadia, para cuja fundação tanto contribuira, não sendo possivel ao seu collega e amigo Antonio Diniz da Cruz e Silva galvanisar-lhe o cadaver; apesar da protecção do marquez de Pombal, que não cessava d'implorar em suas odes e dithyrambos.

Imprimiram-se d'este puro e elegante litterato dois volumes de poesias incluindo duas comedias. Consta que existia material para um terceiro que o Sr. Rebello da Silva diz que chegou a ver a luz imprensa; posto que não sabe onde existam os exemplares.

Incontestavel é a preponderancia de Garção sobre a escola poetica que se inaugurára com a fundação d'*Arcadia Ulysiponense;* a ponto de ser considerado com um dos legisladores do novo Parnaso. Sabiamente unindo o preceito á pratica legou á posteridade uma pequena collecção de poesias, testemunho do profundo estudo que dos auctores gregos e latinos fizera; bem como dos nossos bons quinhentistas. Justamente estimado por todos os litteratos, mereceu d'um dos mais distinctos (Almeida Garrett) o seguinte honroso juizo :

« Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas póde ser legitimada portugueza) de mais *fino tacto* que entre nós appareceu até agora. Haverá n'outros mais fogo, outros ferveram em mais enthusiasmo, creáram acaso mais; porém a delicadeza de Garção so tem rival n'antiguidade. A musa pura, casta, ingenua, nunca lhe desvairou em suas composições; ha d'ellas onde a mais aguçada critica não esmiuçará um defeito [2]. »

Outro grande serviço por elle prestado ás musas portuguezas foi o de condemnar o excessivo uso da rima, mostrando que n'um

[1] Vide *Poetas d'Arcadia*, pelo Sr. L. A. Rebello da Silva, inserto no *Panorama*, tomo IX.

[2] *Bosq. da Hist. da ling. e poesia portug.*

idioma tão numeroso como o nosso, o verso solto póde com vantagem ser empregado :

Se a rima, como escravo, te traz preso,
Perdida a liberdade ao duro cepo;
Quebra as fortes cadeias, não é justo
Que o continuo *zum-zum* do consoante
Que o ouvido agita so, a alma não
Esfrie o fogo que n'alma nasce[1].

Como sóe acontecer em todas as reacções, ultrapassou-se o alvo a que se mirava, e unicamente preoccupados com a ideia sacrificáram não raro Garção e seus discipulos a harmonia metrica.

Como poeta lyrico, sob cuja face ora o consideramos, ninguem lhe recusará os fóros d'um dos maiores de que se ufana a nossa lingua. Para demonstração d'este assérto (si por ventura d'isso necessita) contentar-nos-hemos com citar integralmente a *Cantata de Dido*, que o cantor de *D. Branca* e de *Camões* considerava « como uma das mais sublimes composições do genero humano e das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. » Ei-la :

Já no rôxo oriente branqueando
As prenhes velas da troyana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando,
C' os torvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
So ermas ruas, so desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta :
Com medonho fragor da praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas :
E nas douradas grimpas
Das cupulas soberbas
Piam nocturnas, agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defuncto Sicheu com debeis vozes,

[1] Garção, *Obras poet.*, epist. I.

Suspirando chamar : Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos numens
Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças :
E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento
Onde do infido amante
Ouviu internecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostráram
As illiacas roupas. que pendentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustroso pavez, a teucra espada :
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito :
Em borbotões d'espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta;
De ròxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se;
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do prófugo dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram.

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus
Em quanto os fados,
Em quanto Deus
O consentiam;
Da triste Dido
A alma acceitai,

D'estes cuidados
Me libertai.
Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu :
Agora núa
Já de Charonte
A sombra sua
Na barca feia,
De Phlegetonte
A negra veia
Surcando vai.

Forneceu-lhe Virgilio o pensamento d'esta magnifica *Cantata:* no emprego porém das imagens, n'arte com que soube traduzir a paixão que agitava o animo da desventurada Dido, e na vivacidade do *recitativo*, contraposta á doçura d'*aria*, foi Garção verdadeiramente original, e inimitavel.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA (ELPINO NONOCRIENSE)

Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonocriense), nascido em Lisboa em 1731, falleceu no Rio de Janeiro no primeiro anno do presente seculo. Seguindo a carreira da magistratura desempenhou diversos lugares d'importancia sendo o principal o de chanceller da relação d'esta cidade, onde, como já dissemos, morreu, quando dispunha-se para entrar no exercicio de membro do conselho ultra-marino para que fôra despachado.

Compete a Diniz o segundo lugar entre os lyricos d'esta epocha pelas suas immortaes *Odes Pindaricas*, de que se tem feito até hoje duas edições (a de Coimbra em 1801 e a de Londres em 1820), ambas porém incompletas. Comparando-o com Garção assim se exprime Garrett, cuja opinião folgamos sempre de citar, firmando-nos em seus juizos :

« . . . . . Não da mesma sorte Antonio Diniz que mais arrojado, mais pomposo, menos correcto e elegante, assim correu mais caudalosa porém menos pura torrente. Em quanto lyrico, tem rasgos pindaricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de

suas odes é em demasia ornamentado; e ellas entre si peccam a miudo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tão desnecessariamente se impoz, a acanhou a isso [1]. »

Posto que seja geralmente apresentado Diniz como imitador fiel e delicado de Pindaro pensamos antes com Pato Moniz, que seguiu elle mais de perto as pisadas do poeta italiano Chiabrera, levando-lhe vantagem em muitos pontos. «Chiabrera, diz o critico a que nos referimos, tem mais philosophia e mais variedade, porém não mais alteza nos pensamentos, mais arrojo nas figuras, nem mais riqueza e magestade na dicção: as suas odes heroicas são quasi todas vulcanicas, porém as suas explosões não são mais violentas, e os vôos de Diniz são quasi sempre mais sustentados; talvez se poderia dizer que as odes de Chiabrera são ardentes e brilhantissimos phosphoros, e as de Diniz fulgorosos e bem caudatos cometas [2]. »

Verdadeiramente patriotica, tomou sua musa para assumpto dos seus canticos as façanhas dos portuguezes nas diversas partes do mundo: sendo para lamentar que d'envolta com os nomes historicos se achem os de muitos individuos que so a lisonja poderá admittir nesse Pantheon da gloria nacional. Era porém o nosso poeta fino cortezão não duvidando profanar seu bello talento em troca d'alguma vantagem, que d'ahi lhe podesse resultar.

Uma das suas mais bellas odes é a que consagrou á memoria do grande Affonso d'Albuquerque, e que começa por estes magnificos versos:

Ao tres vezes e quatro triumphante
De barbaras phalanges
Ao grão terror do Ganges
Sobre os campos do mar leão possante,
Hoje, celeste lyra, levaremos
O som eterno dos thebanos hymnos,
Que em deposito temos
So para coroar varões divinos:
D'eterna fama pois o pleitos cerque
O nome grande do inclito Albuquerque.

[1] *Bosq. da Hist. da poesia e ling. port.*, pag. XL.
[2] Vide o *Diction. bibliog.* do Sr. Inn. F. da Silva, pag. 126.

Nessa mesma ode lê-se com prazer a seguinte bellissima apostrophe mixta de prosopopeia :

Quem mais palma cortou no campo armado
Oh! Tejo, as tuas c'roas?
A fama com que voas,
Quem mais azas lhe deu? quem maior brado?
Sua terrivel chammejante espada,
Dos imperios senhora e da victoria
Deixou eternisada
Com immensos tropheos a tua gloria :
Ella faz com que inda corras orgulhoso
De teres dado a lei ao reino undoso.

Cheia das mais ricas imagens, e notavel pelo enthusiasmo é o começo da ode em que canta as proezas de Vasco da Gama. Admiremo-lo :

Bemque a teu alto esforço eterna c'roa
Tecesse, inclito Gama,
Clarim sonoro que no Pindo voa
Sobre as azas da fama :
Eu que ápesar da inveja e seus furores
Aos astros levo o nome lusitano,
Á minha lyra o panno
Pelo mar soltarei dos teus louvores.

A pouca modestia do verso que deixamos griphado é reparada pela seguinte antistrophe em que o poeta se curva perante a sublimidade do assumpto que se propuzera tractar, e pede ao illustre Gama que aceite a sua homenagem :

Por largo campo, indomito e fremente
Corre o Nilo espumoso :
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso :
Mas se na gran carreira, ás ondas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Soberbo não regeita
Pobre feudo d'incognito regato.

É um primor d'elegancia ainda que pouco verosimil, a falla

dirigida pelo general hollandez Segismundo von Scokop aos seus soldados, a proposito de João Fernandes Vieira :

Valorosos soldados
No regaço criados na victoria,
Se da Hollanda murchar querem a gloria
Hoje os funestos fados.
Ceda-se á sua furia :
Não dobremos no estrago a nossa injuria,
Que é desesperação não hardimento
O querer contrastar o firmamento.

Deixemos esta terra
Com nosso sangue illustre á forte gente
Que traz no gran' Vieira a sua frente,
Uma furia da guerra.
De seu genio animado,
Que não emprehenderá o luso ousado?
Elle primeiro, arando os largos mares,
Em Africa plantou os patrios lares.

Elle d'Adamastor em menoscabo
Que a seus passos raivoso
Se oppoz, dobrou o cabo
De procellas crueis campo espantoso;
Elle, apesar dos ventos importunos,
A grande estrada abriu dos dois Neptunos;
Elle da Iberia o jugo
Saccudiu e é da Hollanda hoje o verdugo.

Exemplo d'uma lindissima parabola encontramos na ode dedicada á Mem de Sá, cujas acções por nem-um fluminense podem ser ignoradas. Ei-la :

Qual indomito touro, que largando
O campo ensanguentado ao seu contrario
No cego horror d'um monte solitario
Se esconde; e grão vingança meditando
Té cobrar novas forças se recolhe;
Tal entre as brenhas o francez se acolhe.
Alli da Gallia com a fresca gente
Seu furor engrossado
Já torna ao campo ousado,
E nelle vaidoso estende a frente.

Notavel pelas mais vivas enargueias é o seguinte epodo da mesma ode :

Negrejavam os montes coroados
Dos brutaes indios com turba immensa,
Que o sol em nuvem densa
Cerra ao ferir dos arcos encurvados.
No ar se alçavam eriçadas lanças
Agourciras d'estragos e vinganças :
E entre os duros mosquetes que soavam
Arrogantes os lyrios roxeavam.

Pomos aqui termo ás citações que julgamos sufficientes para corroborar o juizo que ácerca do merito de Diniz, como poeta lyrico, anteriormente formamos.

FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO (PHILINTO)

Francisco Manuel do Nascimento (Philinto Elysio) nasceu em Lisboa a 21 de dezembro de 1734. Destinando-se desde os mais verdes annos ao estado ecclesiastico, recebeu o presbyterado apenas terminados os seus estudos e attingida a idade legal. Exercia as funcções de thesoureiro collado da parochial igreja das Chagas de Christo quando foi denunciado ao Sancto Officio por um clerigo do arcebispado de Braga como herege, por lhe haver ouvido certas proposições mal soantes. Procurado em sua casa ás cinco horas da manhan do dia 4 de julho de 1778, teve a felicidade de subtrahir-se ás pesquizas dos *familiares*, achando temporario refugio no palacio do conde da Cunha, donde passou-se para a casa de seu amigo Timotheo Verdier, negociante francez, que lhe proporcionou passagem a bordo d'um navio que partia para o Havre.

Luctando com a miseria viveu por alguns annos em Paris até que o illustrado Antonio d'Araujo d'Azevedo (depois conde da Barca) offereceu-lhe o emprego de seu secretario particular. Passando-se á Hollanda, onde na categoria de ministro plenipotenciario, residia o referido fidalgo, permaneceu por cinco annos em Haya, em continuo desgosto, porque, dizia elle, *que não tinha com quem fallar, senão com judeus portuguezes, porque da lingua*

hollandeza, ainda que alli vivesse cem annos, nem palavra! Voltando á França em 1797 ahi conservou-se o resto da vida com os minguados recursos que lhe proporcionava a sua penna. Permittiu-lhe a sua robusta compleição que chegasse á idade de 85 annos succumbindo em Paris aos 25 de fevereiro de 1819. Vinte e tres annos depois da sua morte (em 1842) foram os seus ossos restituidos á patria pela piedosa diligencia do conselheiro Philippe Ferreira d'Araujo e Castro, sendo depositados n'uma das capellas interiores do claustro inferior da sé de Lisboa até que no dia 19 de junho de 1856 foram solemnemente trasladados para o cemiterio do Alto de S. João, onde os aguardava decente e modesto tumulo.

De suas obras completas existem duas edições; uma feita em Paris de 1817-1819 em 11 vol. em 8° grande, e a outra emprehendida por industria do livreiro Rolland, e que sahiu de seus prelos em Lisboa entre os annos de 1836 a 1840 em 22 vol. em 16°; edição esta reputada pelos bibliographos como muito superior á primeira.

Considerado como poeta lyrico occupa Francisco Manuel distincto lugar; e criticos ha que pretendem que seja elle o primeiro nesse genero não duvidando compara-lo com Pindaro. « Este sim é o nosso Pindaro, exclama Pato Moniz; harmonioso, energico, sublime, rapido, arrojado, impetuoso, e mil vezes original, nem-um tem elle que lhe seja superior. Que importa não fazer como Diniz a divisão das suas odes em strophes, antistrophes e epodos? Chimerica é para nós essa divisão uma vez que ella já para o canto não serve, como em sua primitiva; além de que, por essa lhe faltar, negar-se-ha porventura que tenha Horacio algumas tão boas odes como as de Pindaro? — Pois ainda mais tem Francisco Manuel[1]. »

Sem levarmos tão longe a nossa admiração pelo grande poeta portuguez reconhecemos que havia nelle bastantes predicados para primar no genero que mais particularmente cultivou, faltando-lhe porém a harmonia tão necessaria nelle, vestigio inapagavel da sua antiga alliança com a musica. Summamente preocupado

[1] Vide o *Diccion. bibliog. port.* do Sr. I. F. da Silva, pag. 450.

com a ideia desprezava Philinto por vezes a forma; e não escrupulisava em escrever um verso duro com tanto que exprimisse um pensamento sublime, ou conceituoso. Fanatico pela pureza de linguagem e vendo por toda a parte o espectro do gallicismo desenterrava velhas palavras, invertia a ordem grammatical, e tornava-se obscuro a força d'archaismos e d'hyperbatons.

Assim julgando a Francisco Manuel bem arredado estamos de concordar com a severa sentença que a seu respeito lavrou o Sr. A. F. de Castilho quando na Introducção ao seu poemeto *O Dia de Primavera*, diz:

> Em nem-uma das quatro ou cinco partes do globo, e em nem-uma era se metrificou jamais tão dura, desleixada e insolentemente. Si alguma vez sae com dois ou tres versos bons, logo se vinga com duas ou tres duzias, que se os reduzissem a linhas iguaes não seriam mais, nem menos que desaceiada prosa.

Do venerando alvidramento do auctor dos *Ciumes do Bardo* e da *Noite do Castello* podemos sem offensa appellar para não menos acreditado conceito do eximio cantor de *Camões* e de *D. Branca* que no seu, tantas vezes citado *Bosquejo da Historia da Poesia e da Lingua Portugueza*, assim se exprime:

« Nem-um poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza: so per si Francisco Manuel valeu uma academia, e fez mais que ella: muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor ao seu tão rico e bello quanto desprezado idioma: e si ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena deve-se ao exemplo, aos brados, e ás invectivas do grande propugnador de seus fóros e liberdades. »

Na bellissima ode intitulada *Os Novos Gamas* deixou-nos Philinto cabal testemunho de que o enthusiasmo lyrico não se afrouxava nelle nem com os annos, nem com a adversidade. Referindo-se á ascenção aerostatica que emprehenderam em Paris Charles e Roberte, diz:

> Debalde a natureza
> Ao pertinaco esforço se esquivava

De sustos povoando
O largo plaino dos desertos ares,
Desemparadas quedas
Oppondo, escarnecidas, por barreiras!
O disvello incançado
Que aguça a vista a sensação reflexa,
Arremeçado rompe
Pelos montões d'obstaculos, e investe
C' os penetraes vedados,
A arrancar o segredo perigoso.
P'ra escalar os astros
Intexe um globo, imitador dos orbes
Que gyram no ar vasio.....
Eu mesmo vi. Obediente ao mando
Deixou airoso a terra:
Sobre as frentes dos homens assombrados
Levantado planeta
Sulcava as raras ondas magestoso;
(Em soberbo triumpho
A regrada sciencia aos ceos subia)
E furtando-se aos olhos
A nova estrella prefazia o gyro.
Tal Jupiter subido
Tira bizarro pelo ethereo campo,
Os satellites fidos
De um polo a outro polo passeando
Na clara estiva noite.

Avultam no trecho que acabamos de citar as mais brilhantes imagens e vivas pinturas, que por certo não escaparão á perspicacia do leitor.

Algumas vezes (posto que raras) descia Philinto Elysio das alturas do Parnaso, mitigava o ardor pindarico, e traçava primorosos quadros de singular simplicidade. Sirva d'exemplo a seguinte descripção das doçuras da vida campestre, que se lê na excellente ode dedicada aos seus amigos — *Ad Sodales* — :

Lá vem a Aurora, o manto apavonado
Lançando pelas c'roas dos outeiros
Soprando os brandos zephiros lhe ondeam
As faldas roçagantes;
Orvalhadas boninas
Cobiçam d'enfeita-la;
De verde leito de enleada murtha

Se ergue a sauda-la o rouxinol canoro
Campos com que prazer, com que saudade
Buscar-vos corro, escravo fugidio
Do imperio duro da violenta côrte!
Sede-me asylo, oh! bosques
D'afortunada sombra
Contra as douradas magoas,
Contra o riso traidor da vil lisonja,
Contra a voz indigente da cobiça.
Verdes álamos tremulos, cobri-me
De sombrio socego, e, tu ribeiro,
Que entre pardos penedos te espedaças
Manda esquecido somno
Com teu rouco murmurio
Á mente inda abalada
Dos crebros sobresaltos veladores,
Dos turvos medos, subitas justiças.
No seio d'estas placidas campinas
Que bordou Flora com mimoso studo,
Venho despir os trajes dos desgostos.
Aqui renasce o sabio;
Aqui, das mãos graciosas
D'alegre liberdade,
Bebo em rustica taça escarmentado
Do tranquillo prazer e nectar puro.

Arrastado pela belleza do assumpto, esquece aqui o nosso poeta o estylo turgido, os longos e invertidos periodos com que encouraçava os seus pensamentos. Cantando a vida pastoril torna-se rival de Bernardim Ribeiro, Bernardes, Rodrigues Lobo e Quita.

Dos puros sentimentos philosophicos que animavam esse coração tão nobre e tão leal, deixou-nos padrões em varios lugares de suas obras, sentimentos que por certo lhe attrahiram as iras do sanguinario tribunal, que, so por escarneo, podia se intitular de *Sancto Officio*. Na mui justamente celebre ode *á Liberdade*, leem-se estes enthusiasticos versos :

Que é que eu ouço, oh! deuses!
A minha eburnea lyra,
Que repousa depois que a clara gloria
Cantei soberbo do Albuquerque duro,
Não tocada resoa
E do vate incurioso a mão convida?

Respeitavel prodigio
Acceito o auspicio fausto:
Feitos altos, a musa que te excita
Em grandiloquo metro me aparelha.
Já me assignala as cordas,
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta
Qual da Sicyonia praia
Parte o Agenorio incerto
Buscando a linda irman, mal-confiada,
No fallaz touro de nevada fronte;
E dobra ancioso as crespas
Pontas dos alongados promontorios
Per insolitos mares
Calcando insanos medos,
D'além Colomb, d'aqui inclyto Gama,
Vão tremulas occidentaes bandeiras
Entre povos que ajoelham
Ante homens numes, do trovão senhores.
Os Tritões insoffridos
Que os não rompidos mares
Com desatado arrojo, assim devasso
Do extremo occaso o morador afouto,
Depoem a ingrata nova
Ante o throno do cerulo tyranno.
Neptuno enfurecido
Do solio se arremeça,
E c' o braço potente abala o fundo
Do mar que se amontou, e se espedaça:
Que encapellado atira
De serra á serra os descorados lenhos.
Eis já, Cabral, descobres
Os Brasis não buscados
C' os salgados vestidos gotejando
Pesado beijaz as douradas praias
E aos povos que te hospedam,
Ignaro do futuro, os grilhões lanças.
A bondade, a innocencia
Que immemoriaes imperam
Nos reinos não avaros d'aurea veia,
Dos costumes da Europa espavoridas
As gentes desemparam
Miserandas. . . . . .

Graças aos elevados sentimentos que folgamos de reconhecer em Francisco Manuel, estigmatisa elle a conducta de seus compatriotas para com os nossos selvagens, e não dissimula que os

vicios e os crimes dos europeos eram bem pouco proprios para inspirar aos habitadores das florestas americanas favoravel conceito da sua superioridade moral.

Saudando com verdadeira effusão a independencia d'America do Norte prorompe nestas expressões :

Ao teu sisudo aceno,
Philosopho Franklin, que arrebatastes
Aos ceos o raio, o sceptro á tyrannia,
E ao teu aviso, em Boston
O lyrio ajudador tremula, ovante.

As poucas transcripções que havemos feito servirão d'estimulo para que busquem os leitores travar conhecimento com tão distincto poeta manuseando com particular cuidado o riquissimo espolio litterario que d'elle nos resta.

ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS

Nascido na cidade do Rio de Janeiro aos 24 de novembro de 1762 foi na tenra idade de oito annos mandado para Lisboa em razão das molestias que já então o perseguiam. Entregue aos cuidados d'um tio, negociante abastado, seguiu com grande aproveitamento os estudos preparatorios indo aos deseseis annos completar em Coimbra a sua educação litteraria. Escolhendo de preferencia as sciencias juridicas, entregou-se a ellas com ardor, empregando os seus lazeres no tracto das musas. Grande reputação grangeou entre seus condiscipulos, que saudáram nelle um grande e precoce poeta. Desagradáram porém taes composições, principalmente a *Ode ao homem selvagem*, e o canto ás *aves*, á politica suspeitosa que então dominava; e o Sancto Officio chamou o joven estudante á barra de seu nefando tribunal. Graças aos seus verdes annos, e quiçá aos empenhos que em seu pról appareceram, contentáram-se os inquisidores em mandarem-no fazer exercicios de piedade com os padres catechistas de *Rilhafolles*.

Pela sua exemplar conducta, pela leitura assidua que fazia dos livros sagrados, captou a benevolencia dos padres da congregação,

que por elle se interessáram afim de que fosse abreviado o tempo de sua penitencia.

Volvendo a Coimbra terminou os seus estudos e recebeu o grão academico, que tanto ambicionava, e de que tão merecedor se mostrára.

Pelo exercicio d'advocacia renunciou os cargos de magistratura que se lhe offereceram; e mais tarde sentindo crescer a vocação que despontára no seu retiro de *Rilhafolles*, resolveu dedicar-se ao estado ecclesiastico. Visitou a França e a Italia; e recebeu em Roma o caracter sacerdotal, sendo summamente estimado pelo Pontifice Pio VI e pelas principaes pessoas da sua côrte.

Na capital do catholicismo demorou-se Caldas alguns annos, e as mais bellas inspirações da sua musa religiosa foram compostas nas margens do Tibre.

Regressando a Lisboa entregou-se ao ministerio do pulpito, prégando com applauso nas igrejas de S. Vicente de Fóra, e do Coração de Jesus.

Tal era a sua modestia que declinou da honra que se lhe queria fazer com a nomeação de abbade de Lobrigos, cargo muito cubiçado pelos seus pingues redditos; e o que é ainda mais admiravel recusou com não menor abnegação o bispado da sua cidade natal.

Saúdades da patria e o desejo de tornar a ver sua velha e estremosa mãi trouxeram-no ao Rio de Janeiro pelo meiado do anno de 1801.

A atmosphera litteraria de que tanto necessitava o P. Caldas era mephitica no Rio de Janeiro colonial. Ainda estavam impressas em todas as memorias as sentenças d'alçada, e a cruenta guerra movida pelo conde de Rezende aos homens que nos pacificos dias de Luiz de Vasconcellos haviam pensado em arcadias e academias. Desgostoso deixou novamente Caldas os seus lares em 1805; e de volta á metropole occupou-se na traducção dos *Psalmos de David*, o mais virente florão de sua coroa poetica.

Restituiram-no á patria os acontecimentos politicos de 1807; e acompanhando o principe regente, depois rei D. João VI, fixou por uma vez a sua habitação na cidade em que vira a luz do dia.

Honrado pelo principe, bem quisto da melhor sociedade, conti-

nuou Caldas a viver na penumbra da modestia, apartando cuidadosamente de si tudo o que podesse interromper seus habitos d'estudo e de beneficencia.

Como em Lisboa consagrou-se ao ministerio da palavra, e perante um escolhido e numeroso auditorio explicava o Evangelho todos os domingos na matriz de S. Rita, onde fôra baptisado. Essas homilias que, no dizer dos contemporaneos, assemelhavam-se ao que de melhor lemos nas obras de S. Basilio e S. João Chrysostomo, nunca foram impressas; bem como seus eloquentissimos sermões; omissão esta que de ricos thesouros defraudou a litteratura nacional. Consta que tambem da feliz e feracissima penna de nosso erudito patricio sahiram muitas outras composições, tanto em prosa como em verso, que nunca foram confiadas aos prelos. Si d'entre tantas obras perdidas, ou extraviadas, podessemos lamentar de preferencia alguma mencionariamos a collecção das suas *Cartas Politicas e Philosophicas*[1], onde, á imitação de Goldsmith e Montesquieu, photographava elle a côrte do Rio de Janeiro e a sociedade de seu tempo.

Ainda cheio de vida e no vigor da idade succumbiu Caldas no dia 2 de maio de 1814, sendo acompanhado ao seu ultimo jazigo pela nata da população fluminense. Recolhidos seus ossos a uma urna, sobre ella gravou mão piedosa o seguinte epitaphio :

Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonabat,
Fulmen erat servo, verbaque fulmen erant.

Hoje porém se ignora onde param os ossos do nosso primeiro lyrico; e d'esta triste verdade convenceu-nos a discussão da proposta que no seio do Instituto Historico fez o nosso particular e distincto amigo o Sr. J. Noberto de Sousa e Silva.

Suas poesias sacras e profanas foram publicadas em Pariz no anno de 1821 por diligencia de seu sobrinho Antonio de Sousa Dias, e annotadas pelo eximio litterato, tenente-general Francisco de Borja Garção Stockler. Consta-nos que d'ellas existe uma segunda edição feita em Coimbra em 1836, em que se omittiram as traducções.

[1] Algumas d'estas cartas foram publicadas na *Revista trimensal do instituto historico*, fazendo-nos a sua leitura amargamente deplorar a perda do restante.

Pertence Caldas á escola lyrica que dá mór valia ao pensamento do que a fórma; e nesse ponto afastando-se de Camões e de Bocage aproximou-se mais a Francisco Manuel do Nascimento e a Diniz. « A poesia lyrica portugueza d'esta segunda escola, diz o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva, nunca apresentou tão atrevidos e arrojados vôos como nas odes de Antonio Pereira de Sousa Caldas : si Francisco Manuel do Nascimento, dando-se a assumptos historicos, levantou perduraveis monumentos de gloria a Affonso d'Albuquerque, aos portuguezes e a Vasco da Gama, mais alto subio Caldas, porque foi buscar a sua inspiração nos mysterios do Christianismo, elevou o seu pensamento até Deus, e com materiaes tão fecundos como esses, que fallam directamente á alma do homem, quanto se não ergueria elle[1]? »

Não foi o patriotismo, mas sim o sentimento da verdade que dictou ao Sr. Dr. Pereira da Silva as eloquentes expressões que acabamos de citar. Pelos proprios portuguezes é Caldas havido por um dos primeiros lyricos da nossa lingua; e um juiz competente não hesitou em emittir a seu respeito o seguinte juizo :

« O P. A. P. de Sousa Caldas, brasileiro, é dos melhores lyricos modernos. A poesia biblica, apenas encetada de Camões na paraphrase do psalmo *Super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tractada, e desde Milton e Klopstock ninguem chegou tanto acima neste genero[1]. »

Entre os valiosos serviços por Caldas prestados á nossa litteratura releva não esquecer que foi elle um dos precursores da escola romantica entre nós; sobrando-lhe bastante coragem para romper com o maravilhoso mythologico, ao qual o proprio Philinto Elysio curvava a fronte; achando na religião christan bastante poesia para dispensar o emprego de seres fabulosos e divindades pagans. Era Caldas *romantico* sem suspeitar que o fosse; assim como escrevia Homero a *Iliada* ignorando as regras do poema epico : prova evidente de que existem as coisas antes dos nomes, sendo todavia por causa d'estes que se ferem as mais rudes pelejas.

Dissemos que pertencia Caldas á escola que antepõe a energia

[1] *Plutarcho brazil.*, tom. I, *Biogr. do P. Caldas.*

[2] Vide *Bosquejo da hist. da ling. e da poesia portug.*, por J. B. L. d'Almeida Garrett, inserto no *Parnaso port.*, tom. I.

do pensamento á belleza da fórma; não lhe era porém desconhecida a arte de colorir a phrase com vivas e brilhantes imagens. Sirva de prova a sua admiravel ode á *Existencia de Deus*, onde encontra-se a seguinte paraphrase do *Fiat lux :*

A luz se faça ; e subito creada
  A luz, resplandecendo
A voz ouvia que aviventa o nada;
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
  O cháos que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e o ceo, e a noite e o dia.

Pela sua louvavel concisão e magestade é esta pintura superior á mui gabada descripção do chaos que se lê nas *Metamorphoses* d'Ovidio.

Nessa mesma ode deparamos com um formoso quadro representando os seres que rendem homenagem ao Creador :

O verme que no campo resvalando
  Ergue a movel cabeça;
A aguia sobre as nuvens remontando
E do ar retalhando a massa espessa;
  A garganta travessa
Do leve rouxinol; e o peito forte
Do leão que esbraveja e insulta a morte;
  O mar embravecido;
A terra de mil fructos que a guarnecem,
Toldada com que as forças reverdecem
  Do homem atrevido,
Tudo aponta a Suprema Intelligencia,
Adoravel auctora da existencia.

A ode *ao homem selvagem* que, segundo o testemunho de seu amigo Stockler, fôra composta quando o auctor contava apenas vinte e um annos, é um brilhante reflexo das utopias e paradoxos de J. J. Rousseau; encerra porém bellezas de primeira ordem e que so de per si seriam capazes d'inscrever o seu auctor no *livro d'oiro* da poesia nacional.

Que vivo e puro enthusiasmo não se revelam nessas paginas dictadas por uma imaginação de mancebo echoando n'um nobre peito

onde todas as ideias grandes e generosas achavam guarida? Podemos discordar de suas theorias, que mais tarde seriam por elle proprio renegadas; somos porém obrigados a confessar que em nossa lingua poucos trechos se podem comparar com este :

Oh! homem, que fizestes? tudo brada
Tua antiga grandeza;
De todo se eclipsou a paz dourada,
A liberdade em ferros se vê presa,
E a pallida tristeza
Em teu rosto espargida desfigura
Do Deus que te creou imagem pura.

Na cithara que empunho as mãos grosseiras
Não poz cantor profano;
Emprestou-me a verdade, que as primeiras
Canções nella entoára; e o vil engano,
O erro desbumano
Sua face escondeu espavorido
Contando ser do mundo emfim banido.

Dos ceos desce brilhando
A altiva independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a oiço dictando
Versos jamais ouvidos; reis da terra,
Tremei á vista do que alli se encerra.

Pedindo emprestadas a Dante as fulgurantes côres com que nos descreveu o inferno e o purgatorio, traça o bardo fluminense o seguinte vivissimo quadro da tomada de Jerusalem por Tito :

Oh! musa que me inspiras animosa,
Novas côres ajunta ao nobre quadro,
Que soberbo desenhas,
Ouve o guerreiro estrepito que atroa
Os deplorados muros
Da misera Sion; vê como a cinge
Romana bellicosa soldadesca.
Já batem os arietes horrendos
Com medonho fragor as suas torres;
A descorada fome,
O odio, o horror, por toda a parte a investem.
E o venenoso vulto

Ergue a peste lethal, medonha e fera
Mortaes frechas em torno arremessando.

Que scena, oh Deus! avisto!
Lá rasga mãi cruel o tenro peito
Do misero filhinho!
Já sobre ardentes brasas
Lacerado o arroja, e deshumana
Ceva a fome na carne que gerára!

Jerusalem rebelde, vê alçando
O horrido semblante no teu seio
O crime furibundo:
Já freme a crepitante labareda
Em torno do teu templo:
Em vão forcejas apaga-la; e irado
Um Deus a chamma abrasadora acende.

Tuas culpadas ruas estremecem,
Por toda a parte te rodeia ·
Cahida em terra jazes,
De lividos cadaveres juncada.
Nunca mais o teu templo
Se erguerá; e o teu povo vagabundo
Será d'opprobrio e dôr fatal objecto.

Rival de Klopstock deixou-nos a mais tocante e animada pintura da morte do Salvador nestes riquissimos versos:

De sangue está banhado
O Justo, em afrontosa cruz pendente,
O Senhor do universo traspassado
De dôr acerba, ingente:
Tyranno povo as vestes lhe sorteiam,
A traição o vendeu, horrenda e feia
Os macerados olhos lhe circunda
Piedosa ternura,
No coração ajunta a dôr profunda
Os doces sentimentos em que abunda,
E do pai so procura
O perdão dos algozes que o cravâram,
E no seu sangue as impias mãos banhâram.

Não nos consente a estreiteza do nosso plano o inventariar todas as galas litterarias de Caldas; não podemos porém resistir ao

desejo de citar o seguinte trecho da sua *Noite philosophica*, dedicada ás *Aves :*

Nem a tua crua indole se abranda
Nos climas do Brasil, onde Amor vive
D'exquisitos deleites, de finezas
E de ternas meiguices rodeiado :
Paiz aonde as musas que risonhas
Carinhosas o berço me embaláram,
Outra Hipocrene rebentar fariam,
Outro Parnaso excelso e sublimado
Aos ceos levantariam, si ao ruido
De pesados grilhões jamais podessem
As filhas da Memoria acostumar-se.
Alli a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao mundo inteiro.
Alli,... oh dôr! oh minha patria amada!
A ignorancia firmou seu rude assento
E com habito inerte tudo damna,
Os erros diffundindo, e da verdade
O clarão offuscando luminoso.
Alli servil temor e abatimento
Os corações briosos amortece,
E emquanto a natureza desenhava
D'outro Eden as campinas deleitosas,
A estupida ambição com mão mesquinha
Trastornou seu magnifico projecto,
E so parece aparelhar abrigo
Ás aves, que do dia se arreceiam
E procuram da noite a sombra triste.
. . . . . .

É talvez este o unico lugar das *Poesias* de Caldas em que se reflicta o ceo brasilico, em que vigorosamente desenhada se veja a *côr local*, que tantas vezes abrilhanta as paginas de Durão, Basilio da Gama e S. Carlos. Sua audacia em condemnar o dominio portuguez deveram-lhe attrahir, muito mais do que certas proposições mal soantes da ode *Ao homem selvagem*, a perseguição a que anteriormente nos referimos.

Algumas incorrecções de linguagem, e descuidos de metri-

ficação acham-se nas *Poesias* de Caldas; muitas das quaes foram apontadas pelo seu annotador Stockler.

Explicam-se porém com facilidade esses defeitos recordando-nos que o benemerito ecclesiastico não havia ainda dado o ultimo retoque ás suas composições, que por isso ainda não julgava dignas da publicidade. Diz-se mesmo que por uma mal entendida devoção e falso escrupulo entregára ás chammas, por conselho de seu confessor, grande copia de poesias profanas; determinando aos herdeiros que das restantes, que fóra do seu poder estavam, fizessem um *auto da fé*. Felizmente não obedeceram elles a esta verba testamentaria que, a semelhança da de Virgilio, ter-nos-hia privado de tão raros primores litterarios.

THOMAS ANTONIO GONZAGA (DIRCEO)

Foi por muito tempo litigiosa a patria do desditoso amante de Marilia; Portugal e o Brasil reclamavam-no para si fundando-se em razões de grande peso. A certidão porém da sua matricula na universidade de Coimbra, remettida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo Sr. Joze Maria do Amaral, decidiu o pleito em favor de Portugal. Prova-se por este importante documento que no acto d'inscrever-se entre os alumnos da universidade se declarára Gonzaga natural do Porto e nascido no anno de 1747. Si nas ribas do Douro viu o nosso poeta raiar a luz do dia no Brasil passáram-se os seus primeiros annos em companhia de seu pai, desembargador da relação da Bahia. É elle proprio quem no-lo diz nestes lindos versos :

> Pintam que os mares sulco da Bahia
> Onde passei a flôr da minha idade.

Como todos os mancebos estudiosos a quem não faltavam meios, foi receber em Coimbra o premio das suas fadigas litterarias graduando-se ahi na faculdade de direito civil. Percorridos os tramites marcados pelas leis do tempo foi despachado juiz de fóra para varios lugares do reino, cujos empregos com honra e intelligencia

exerceu, sendo por isso elevado á categoria d'ouvidor da comarca de Villa-Rica. Respeitado e bemquisto pelos mineiros, que faziam justiça á rectidão do seu caracter, podia-se com afoiteza affirmar que era Gonzaga um dos homens mais felizes que viviam nas possessões ultra-marinas de S. M. Fidelissima D. Maria I. Os vagares que lhe deixavam as suas funcções de magistrado repartia-os elle entre o culto da poesia e os amores que lhe soubera inspirar uma formosissima senhora por nome D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão. Obtido o beneplacito do seu tio e tutor dispunha-se Gonzaga, já nessa epocha despachado desembargador da relação da Bahia, a ligar-se a ella pelos vinculos do matrimonio antes de partir para o seu novo destino, quando revelado foi ao visconde de Barbacena, governador e capitão-general, a existencia d'uma vasta conspiração tendente a subtrahir a capitania de Minas-Geraes, e quiçá todo o Brasil, ao sceptro lusitano. As intimas relações que mantinha Gonzaga com os principaes conspiradores, e a voz publica que o indigitava para chefe do novo governo, aconselháram a sua prisão, que, com bastante pesar, ordenou o visconde governador.

Da cadeia de Villa-Rica transferido para a do Rio de Janeiro compareceu perante a alçada; e, apesar das suas constantes negativas, foi condemnado a degredo perpetuo para as pedras d'Angoche; commutando-se-lhe depois em dez annos de degredo para Moçambique.

Merencorios escoáram-se os derradeiros dias da sua existencia, não podendo encontrar nas riquezas que em dote lhe trouxera sua esposa, allivio á sua negra melancolia, que não tardou em degenerar em loucura. Neste misero estado succumbiu o emulo d'Anacreonte no anno de 1809, sendo sepultado na cathedral de Moçambique.

Sua *Lyrica*, conhecida debaixo da denominação de *Marilia de Dirceo*, e dividida em duas partes[1], tem tido numerosas edições; e nem-uma obra em portuguez, diz o Sr. Varnhagem[2], á excepção dos *Lusiadas*, mais se tem reproduzido neste seculo.

[1] Propendemos para a opinião dos que julgam espuria a terceira parte; com excepção d'algumas poesias, que visivelmente pertencem ás duas primeiras.

[2] *Florilegio*, tom. II, pag. 413.

Summamente populares em Portugal e no Brasil mereceram as *Lyras* de Gonzaga a subida honra de serem vertidas em francez pelo Sr. Monglave, em italiano pelo Sr. Ruscala, em allemão por Uhland, e não sabemos si mais em algum idioma moderno [1].

Quem poderá disputar a Gonzaga o primeiro lugar nessa especie de poesia lyrica que os criticos assentáram em classificar d'erotica, ou d'anacreontica? — O proprio Diniz, a quem Garrett dá a preferencia, fica-lhe muito inferior em delicadeza de sentimentos e melodia de linguagem. — Discipulo de Petrarcha, imitador de Camões, esmera-se em colorir seus quadros, e com o pincel do Urbino desenhar-nos primorosas scenas do mais puro e ardente amor.

Verdade é que algumas vezes immola Gonzaga a substancia á fórma; e para nos servirmos das expressões d'um dos seus biographos (o Sr. Dr. Pereira da Silva) « a belleza do pensamento, a originalidade e sublimidade da ideia são sacrificadas á sonora, doce e musical consonancia do verso, e a inspiração brilhante do poeta curva-se, sujeita-se e succumbe emfim sob a escolha apurada da palavra e sob a harmonia da dicção. » Tornáram-no porém esses defeitos, aliás mui communs em quasi todos os poetas apaixonados pela magia da metrificação, demasiado popular; e deram ás suas lyras uma voga a que raros escriptores tem podido attingir.

Outro reparo que não podemos deixar de fazer é que cedesse Gonzaga á funesta tendencia dos escriptores seus coevos de fecharem os olhos para não verem as maravilhas da natureza americana para moldurarem seus paineis com as reminiscencias d'alem-mar, ou phantasias mythologicas. Parece-nos que á sua alta illustração facilmente se antolharia quanta gloria lhe estaria destinada, si, rompendo com as velhas tradições, inaugurasse uma escola nova, em que as descripções do nosso clima e dos nossos costumes formassem a base.

Não escapáram estas considerações á perspicacia do visconde d'Almeida Garrett, que, no seu sempre citado *Bosquejo*, assim

[1] Sabemos que algumas das melhores lyras de Gonzaga estão sendo vertidas em latim pelo nosso douto amigo o Sr. Dr. A. de Castro Lopes. Da superioridade d'este trabalho podem avaliar os leitores pelos specimens publicados no *Correio mercantil*.

lastimava a falta d'originalidade n'um poeta, em que aliás reconhecia tão singulares dotes :

« Gonzaga, mais conhecido pelo nome pastoril de *Dirceu* e pela sua Marilia, cuja belleza e amores tão celebre fez n'aquellas nomeadas lyras. Tenho para mim que ha nessas lyras algumas de perfeita e incomparavel belleza : em geral a Marilia de Dirceu é um dos livros a quem o publico fez immediata e boa justiça. Si houvesse pela minha parte de lhe fazer alguma censura so me queixaria, não do que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me : quizera eu que em vez de nos debuchar no Brasil scenas d'Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus paineis com as côres do paiz onde os situou. Oh! e quanto não perdeu a poesia nesse fatal erro! Si essa amavel, si essa ingenua Marilia, fosse como a Virginia de Saint-Pierre, sentar-se á sombra das palmeiras, e em quanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a purpura dos reis, o sabiá terno e melodioso que saltasse pelos montes espessos, a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatú escamoso, ella se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmins, porém dos roixos martyrios, das alvas flores e dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, si a desenhára com a sua natural graça, o ingenuo pincel de Gonzaga! »

Do seu talento descriptivo, de cujo máo emprego censurava-o o reformador da moderna poesia portugueza, abundam documentos nessas maviosas lyras destinadas á immortalidade. Na XXVI da primeira parte pinta-nos elle com as mais vivas e delicadas tintas aquillo mesmo que prosaico achava o seu amigo Glauceste [1] :

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granitos d'oiro
No fundo da bateia.

[1] Claudio Manuel da Costa.

Não verás derrubar os virgens matos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir d'adubo a terra a fertil cinza;
Lançar os graos nas cóvas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo:
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o summo.

Modelo de formosas amplificações e lindas paraphrases realçadas pela mais sublime philosophia, encontrará o leitor na lyra XXIV, em que fallando da superioridade do homem sobre os animaes irracionaes, assim discorre :

Encheu, minha Marilia, o grande Jove
D'immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares;
O grande espaço dos salobros rios,
Dos negros fundos mares,
Para a sua defeza
A todos deu as armas que convinha
A sabia natureza.

Deu as azas aos passaros ligeiros;
Deu ao peixe escamoso as barbatanas;
Deu veneno á serpente,
Ao membrudo elephante a enorme tromba,
E ao javali o dente;
Coube ao leão a garra;
Com leve pé saltando o cervo foge,
E o bravo touro marra.

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Deu-lhe dedos ligeiros
Que podem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros;
Que tecem fortes laços
E forjam raios com que aos brutos cortam
Os vôos, mais os passos.

Que sam moral, que nobres pensamentos não se exhalam da lyra XXVIII, em que explica a sua amante o caracter da verdadeira heroicidade!

Alexandre, Marilia, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro;
Morreu na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A sua mesma patria a fé quebranta,
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta
Dá senhores a Roma,
Consegue ser heroe por um delicto;
Se acaso não vencesse então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano
E despovoa a terra
Tambem o máo tyranno;
Consiste o ser heroe em viver justo:
E tanto póde ser heroe o pobre
Como o maior augusto.

Esse mesmo poéta, que acabamos de ver tão grave e sentencioso, sabia, como o cantor de Teos [1], descrever a belleza physica com as mais finas e pudicas côres. D'entre muitos exemplos que poderiamos citar, damos preferencia ao seguinte retrato de Marilia, que se lê na lyra VIII:

As abelhas nas azas suspendidas
Tiram, Marilia, os sucos saborosos

[1] Anacreonte.

Das orvalhadas flores:
Pendentes de teus beiços graciosos
O mel não chupam, chupam ambrozias
Nunca fartos amores.

O vento quando parte em largas fitas,
As folhas que menea com brandura,
A fonte crystallina
Que sobre as pedras cae de immensa altura,
Não forma um som tão doce como forma
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos que palpitam,
Exhalam mil suspiros disvellados
Enxames de desejos;
Se encontram os teus olhos descuidados
Por mais que se atropellem, voam, chegam,
E dão furtivos beijos.

O cisne quando córta o manso lago,
Erguendo as brancas azas e o pescoço,
A náo que ao longe passa
Quando o vento lhe enfuna o panno grosso,
O teu garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Somos da opinião dos que consideram a segunda parte d'esta estimabilissima lyrica como superior á primeira; pois julgamos descobrir no genio de Gonzaga certo pendor melancolico, que, quando desenvolvido, te-lo-hiam aproximado mais de Job do que de Salomão. D'entre tantas sentidas endechas façamos selecção da seguinte:

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa:
Este mesmo que alveja vai cahindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos,
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me as costas vergam;
As forças de meus membros já se gastam;

Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não poz a mão dos annos;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos
Fazem os meus damnos.

Pondo de parte a questão da naturalidade, meramente accidental, não podemos deixar de considerar Gonzaga como fazendo parte do nosso Parnaso; porque filho de brasileiro, educado no Brasil, por elle soffrendo os tormentos da prisão, e as dôres do exilio, pertence-nos como Benjamin Constant pertence á França, apesar de nascido na Suissa.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

N'antiga villa (hoje cidade) de S. João d'El-Rei nasceu este nosso benemerito compatriota no anno de 1758. Oriundo d'uma familia pobre, deveu á protecção que lhe liberalisáram algumas almas generosas os necessarios auxilios para cultivar o seu engenho. Cursando por este meio as aulas preparatorias que então haviam no Rio de Janeiro, tão distincta figura nellas fez que quizeram os seus protectores completar-lhe o beneficio enviando-o a Coimbra, onde recebeu o gráo de bacharel em leis.

Em Lisboa, onde o havia precedido a reputação de seu talento, exerceu elle por alguns annos a professão d'advogado. Saudades porém da patria trouxeram-no ao Brasil, e escolhendo para sua residencia a cidade do Rio de Janeiro, abriu nella banca d'advocacia. Nas poucas horas que lhe deixavam vagas as lides do fôro, consagrava-se Alvarenga á cultura da poesia, em que já en Coimbra se avantajára; grangeando-lhe não pequena reputação o seu poema heroi-comico intitulado — *O Desertor das Letras*, — composto em honra do marquez de Pombal por occasião da celebre reforma da universidade em 1772.

Devidamente apreciado pelo illustre vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, foi por elle proposto para a cadeira de rhetorica, que

acabava de crear-se nesta capital. Confirmada tão acertada escolha fez-se abertura da dita aula com a maior solemnidade perante o vice-rei e um lusido auditorio, pronunciando por essa occasião um discurso que muito abonava a erudição e facundia do joven professor. Querendo aproveitar-se da animação que Luiz de Vasconcellos e o bispo Mascarenhas concediam ás letras e aos seus cultores lembrou-se Alvarenga, de combinação com seu amigo e comprovinciano José Basilio da Gama, de fundarem na capital do Brasil colonial uma academia, á imitação d'Arcadia de Roma.

Uma pleiade de bellos engenhos não tardou em acudir ao reclamo, e dir-se-hia que sobre o pincaro do Corcovado dispontava o sol das letras. Curta porém foi a illusão; o suspeitoso despotismo do conde de Rezende chamou á realidade esses sonhadores, e a academia fluminense deixou d'existir.

Cedo teve Alvarenga d'arrependerse d'haver concebido uma ideia por demais prematura : por quanto sua convivencia com alguns litteratos mineiros compromettidos na conspiração chamada da *Inconfidencia*, ou mais vulgarmente do *Tira-dentes*, custáram-lhe dois annos de prisão nos carceres da ilha das Cobras.

Profunda melancolia debuchou-se desd' então em seu semblante; alquebrado do corpo, e abatido d'espirito, proseguiu em suas antigas occupações até que o dia 1° de novembro de 1814 trouxe-lhe o eterno repouso.

Publicada debaixo do nome de *Glaura* a collecção das suas poesias eroticas sahiu dos prelos lisbonenses pela solicitude d'um amigo no anno de 1801. O *Desertor das Letras* em que pretendeu Alvarenga imitar a Boileau e a Diniz ficando porém muito longe dos seus modelos, pensa o Sr. Varnhagem que fôra impressa em Coimbra pelos annos de 1773. Existem ainda d'este poeta varias composições colleccionadas em um volume em 12° e publicadas em Lisboa de 1809-1811 : além das que se encontram em varias *revistas* e jornaes litterarios, especialmente no *Parnaso Brasileiro* do Conego Januario e no *Mosaico poetico*. Segundo affirma o nosso laborioso e illustrado amigo o Sr. Joaquim Noberto de Sousa e Silva, occupou-se Alvarenga nos ultimos dias da sua vida na traducção das odes d'Anacreonte, consagrando a este trabalho o maior esmero. Infelizmente desappareceu o manuscripto no dia

da sua morte sem que jamais se podesse saber do seu ulterior destino[1].

Inferior a Gonzaga como erotico, e a Caldas como lyrico, occupa todavia Alvarenga distincto lugar entre os nossos poetas do decimo-oitavo seculo. Si com *Marilia* não póde competir a sua *Glaura;* si na harmonia do verso, na ingenuidade das imagens largo espaço o distancia do primeiro, si com o interprete de David é menos arrojada, menos vibrante a sua inspiração, sobra-lhe ainda bastante merito para ser collocado no terceiro lugar.

Honrosa menção cabe outrosim ao sapiente professor por haver inoculado entre nós o gosto da litteratura franceza, constituindo-se um dos mais esforçados campeões d'essa escola, que, como vimos, bastantes e illustres adeptos contava na poesia portugueza.

Excellente musico, conhecia Alvarenga os complicados segredos da harmonia metrica, solfejando em seus *rondós* e *madrigaes* as mais melodiosas notas. Com que doçura não se dirige elle á lampada das noites que com sua pallida luz illumina o firmamento?

Como vens tão vagarosa,
Oh formosa e branca lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar!

Geme, oh! mangueira antiga,
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento
Que me obriga a suspirar!

Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo
Que se eleva reflectindo
Puros raios sobre o mar.

Variando outras vezes de tom e servindo-se dos endecasyllabos alternados com versos menores, não cessava de lisongear ao ouvido ao mesmo tempo que satisfazia á imaginação. Acompanhemo-lo nessa sua tão feliz transformação:

[1] Vide *Mosaico poetico* publicado pelos Srs. Noberto e Emilio Adet. Rio de Janeiro, 1844.

Dryade, tu que habitas amorosa,
Da mangueira no tronco aspero e duro;
Ah! recebe piedosa
A grinalda que terno aqui penduro;
Pela tarde calmosa,
Glaura saudosa e bella
Te busca e vem com ella mil amores;
Mil suspiros te deixo entre estas flores.

Folha por folha e cheio de ternura
Beijarei esta angelica mimosa,
Beijarei esta rosa,
Que hão d'adornar de Glaura a fermosura.
Ah! ventura! ventura!
Commigo sempre esquiva!
Mostra-te compassiva a meus amores;
Beije Glaura estas flores
E os encontrados beijos
Deem novo e puro ardor aos meus desejos.

Oh! sombra deleitosa,
Onde Glaura se abriga pela sésta
Emquanto o ardor do sol os prados cresta,
Ah! defende estes lyrios e esta rosa.
Oh! sombra deleitosa,
Dize-lhe que os amores
E a temida ternura
Do pastor namorado e sem ventura.

Acabamos de ver o nosso poeta modulando com graça e mestria a flauta de Bernardim Ribeiro, oiçamo-lo agora, agitado pela inspiração pindarica, apostrophar d'est' arte a mocidade portugueza :

E vos, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse
Amor das letras no regaço alheio,
Cortando os mares desd'as praias onde
O oiro nasce, e o sol o carro esconde :

Pisai cheios de gosto
Da bella gloria os asperos caminhos
Emquanto volta o rosto :
O fraco, o inerte á vista dos espinhos;
E fazei que por vós inda se veja
O imperio florescente e firme a igreja.

Longe do fero estrago
Os pomos d'oiro colhereis sem susto :
O sibilante drago
Cahiu sem vida aos pés do throno augusto,
E inda tem sobre a testa formidavel
Do grande heroe a lança inevitavel.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo da grandeza :
Ide, correi, voai, que por vós chama
O rei, a patria, o mundo, a gloria, a fama.

Na *Gruta Americana*, primorosa allegoria no estylo de Gœthe, abundam louçanias poeticas, que ainda mais numerosas seriam si renunciasse abertamente ás ficções mythologicas e pintasse a natureza, que tão esplendida e garbosa aos seus olhos se ostentava. Que o era Alvarenga capaz de o fazer sabem-no os leitores pelos extractos que havemos feito, e a que addicionaremos por ultimo o principio da excellente producção a que nos referimos :

N'um valle estreito o patrio rio desce
D'altissimos rochedos despenhado
Com ruido que as feras ensurdece.
Aqui na vasta gruta socegado
O velho pai das nymphas tutelares
Vi sobre uma musgosa recostado;
Pedaços d'oiro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o ceo quiz derramar nestes lugares.
Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphitheatro onde respiram
No ardor da sésta as dryades formosas.
Os faunos petulantes que deliram,
Chorando o ingrato amor que os atormenta,
De tronco em tronco nestes bosques gyram.

Em presença de tão delicado e formoso quadro estamos certo que Byron e Victor Hugo exclamariam : « *Sendo quem sois, é pena que não sejaes dos nossos.* »

LICÃO XXXII

ESPECIE ELEGIACA

FRANCISCO DIAS GOMES

Nasceu este celebre escriptor na cidade de Lisboa no anno de 1745. Filho d'um honrado mercieiro, foi desde a mais tenra infancia destinado á carreira das letras para a qual mostrava grande propensão. Feitos os seus estudos preliminares nas aulas da *Congregação d'Oratorio* com grandes gabos de seus mestres e condiscipulos, partiu para Coimbra, onde matriculou-se no curso de direito. Pelas suggestões porém d'um tio, a quem seu pai prestava grande credito, foi Francisco Dias desviado da sua vocação para dedicar-se á profissão paterna. Ei-lo pois trocando o gabinete pelo balcão sempre arcando com a pobreza, porquanto as suas nem-umas disposições para a vida que forçadamente abraçára, impediam-lhe de medrar e adquirir cabedaes. Extremoso pai de familia luctava corajosamente contra a adversidade, e para supprir a deficiencia de meios empregava os intervallos que desembaraçado lhe deixavam o seu pequeno commercio, em dar lições de primeiras letras e grammatica latina por casas particulares. Arredado pela obscuridade da sua posição da sociedade culta e selecta, e não podendo acommodar-se ao grosseiro tracto da mór parte d'aquelles que o procuravam, refugiou-se na lição dos grandes

auctores antigos e modernos, adquirindo tal copia de conhecimentos, e formando por tal fórma o seu gosto, que o Sr. Alexandre Herculano o considera «*como o homem talvez de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar o merito d'escriptores.*» Acommettido por uma epidemia, que então grassava em Lisboa, succumbiu aos cincoenta annos d'idade no dia 30 de septembro de 1795, deixando n'um estado visinho da miseria á sua viuva e tres filhos.

Veio-lhes em auxilio a *Academia Real das Sciencias* ordenando que á sua custa e com o seu privilegio fossem impressas as obras do fallecido poeta, sendo o seu producto applicado ás necessidades de sua desditosa familia.

A' excepção das duas tragedias *Iphigenia* e *Electra*, publicadas em avulso, e d'uma memoria intitulada *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*, inserta nas *Memorias de Litteratura d'Academia real das Sciencias de Lisboa*, todas as demais producções que se poderam encontrar foram cuidadosamente collegidas pelo secretario perpetuo d'Academia F. de B. Garção Stockler e impressas n'um volume em 4° que sahiu dos prelos academicos no anno de 1799.

Fallando d'esta obra diz o Sr. José Sylvestre Ribeiro: «Não entra no meu proposito julgar as suas poesias; cabe-me unicamente a missão de recommendar as *Notas* das differentes elegias, odes e cantos, como sendo um precioso thesouro de philologia, erudição e boa critica. — Os juizos de Francisco Dias Gomes são de muito peso e auctoridade [1].»

De todos os generos e especies de poesia foi a elegiaca a em que mais primou o nosso auctor, porque mais de que qualquer outra se coadunava com as contrariedades que desde a juventude o perseguiam, e que lhe haviam gerado n'alma perenne tristeza.

Dando-lhe o primeiro lugar na especie elegiaca da epocha que ora estudamos releva que justifiquemos a nossa escolha com algumas citações, como temos por costume fazer.

Na elegia primeira consagrada *ás Musas* leem-se estes sentidis-

[1] *Resenha da litteratura port.*, tit. III, cap. VIII.

simos versos que optimamente exprimem a situação em que se achava o poeta e a espessa caligem que obscurecia a sua bella alma.

Musas que me inspiraes nobres furores,
Que de meu duro e aspero destino
Mitigaes as cruezas e os rigores;
Vós emblema symbolico e divino
Do sancto influxo com que o Motor Summo
Sublima um peito de seus premios digno;
Vós transumpto mental, alto resumo
De conceitos eternos, pégo immenso,
Onde a luz da virtude é norto e rumo;
Vós a quem templo augusto, altar e incenso,
Vida e meus pensamentos consagrára
Si o consentira em fim meu mal intenso.
No fundo abysmo e escuridade avára
Em que triste me vejo sepultado
Do Pindo me enviai vossa luz clara.
Valei-me, oh deusas! e em tão duro estado
Mandai sobre a minha alma o fogo ardente
Do vosso sancto influxo consagrado.
Porque me possa oppor claro e fulgente
Co' a luz do pessoal merecimento
Contra o furor hostil da cega gente.
Que n'um combate eterno e violento
D'iniquas oppressões, de magoas duras,
Agitado se vê meu pensamento.
Vosso vate illustrae. Voem seguras
D'assalto infame de cruenta inveja
Com fama aos ceos suas ideias puras:
Para que o mundo errado note e veja
Vossos prodigios altos e subidos
Que tanto escurecer tenta e forceja:
Que os engenhos de vós favorecidos
Como astros luminosos resplandecem
Por mais que andem nas trevas envolvidos.
Deusas cujos influxos me enriquecem,
Deusas, meu so prazer, minha so gloria,
E por quem meus espiritos florescem:
Dai-me do Fado escuro alta victoria,
Fazei que cante em placido remanso
Com voz digna de nome e de memoria.
Eu vos prometto se um tal bem alcanço
De nunca celebrar assumpto infame
Que eu já da minha ideia arrojo e lanço.

Nem que o Parnasso invoque e Pindo chame
Para cantar grandeza van, sem feitos
Dignos, que o mesmo Apollo os louve e o aclame.
Consagrarei sómente os meus conceitos
Ás virtudes, á patria, á clara fama
Das proezas dos seus heroicos feitos,
Se a vossa instituição, Musas, me inflama.

É esta elegia digna de rivalisar com as melhores de Tibullo, a que aliás o auctor tanto procurou imitar.

A elegia segunda, dedicada á memoria de seu amigo Luiz Antonio Alvares, que fôra criado do abbade Barbosa Machado, e que no estado d'extrema indigencia fallecera no hospital de S. José, é um valioso documento dos elevados sentimentos que caracterisavam o seu nobre coração.

Com quanta doçura e maviosidade se dirige elle ao seu desventurado amigo nos seguintes formosissimos versos!

Bom Luiz, que ao sereno ceo voaste
Onde á vista de Deus o premio gozas
Da virtude que tanto exercitaste.
Livre das apparencias enganosas
Com que o vão mundo enleia a gente humana
As moradas habitas luminosas.
Já contemplando a Essencia luminosa
Que de nada tirou todo o creado,
Não te lembras de minha dôr insana.
Insana dôr que o peito magoado
De te perder, amigo, eternamente
Não cessa d'affligir-me. Oh! triste estado!
O meu pesar cruel não me consente
Que occulte n'alma a dôr de te perder,
Alma gentil, espirito excellente.
Si alguma coisa póde merecer
Em tão corrupto seculo a virtude
Que nunca em ti cessou d'apparecer,
Eu te fico que em mim jamais se mude
O firme presuposto de louvar-te
Que o mundanal prestigio não me illude.

Assim como Caminha pranteára a morte de Ferreira na elegia, já por nós citada, lastimou igualmente Dias Gomes a perda de

Garção, que na restauração das letras lusitanas representou, como já vimos, um papel identico ao do eximio auctor da *Castro*. Chamamos a attenção dos leitores para este lindissimo trecho :

Chorai, amigos, vós a morte escura
Do bom Garção que não veremos mais ;
Cobri-vos de tristeza horrida e dura.
Com pranto acerbo e vozes desiguaes
Sobre o funebre marmore lancemos
Mil ardentes suspiros, e mil ais.
Espirito sublime, em ti perdemos
Quem ao templo das Musas nos guiasse,
Quem voar nos fizesse aos ceos supremos.
Ah! quem de chorar nunca descançasse
E de seus olhos tristes e saúdosos
Tanta agua como o Tejo derramasse!
Quem vos cantará versos sonorosos?
Quem fará suspender as curvas ondas?
Quem porá freio aos ventos furiosos?
Já não veremos mais que tu respondas
A seus accentos, Echo, dos rochedos
Onde o Fado te obriga que te escondas.
Não veremos correr os arvoredos
Por ouvirem seu canto alto, divino,
Nem moverem-se os montes e os penedos.

A morte d'um filho, por nome Nuno, que *em tenra idade* foi subtrahido á sua ternura, inspirou-lhe uma das mais delicadas elegias que possuimos na lingua portugueza [1]. Com a transcripção d'alguns tercetos habilitaremos os leitores a por si proprios avaliarem da exactidão do nosso juizo :

Nuno, menino, oh! Nuno, oh! alma, oh! vida!
Da vida de teus pais fructo gentil
Nascido d'affeicção pura e subida.
Nuno, assim nos deixaste em penas mil,
Em tristeza, em pesar, em pranto eterno,
Entregues a desgosto acerbo e hostil?
Ah! não se abranda o nosso mal interno

[1] No mesmo sentido, e com superioridade de sentimentos philosophicos, publicou em Paris no anno de 1858 o Sr. D. J. G. de Magalhaens um pequeno volume de poesias a que denominou *Os Mysterios*, o qual no nosso humilde pensar é o que de melhor se tem escripto em Portugal e no Brasil.

Inda com a certeza de que gozas
No ceo prazer sem fim, alto e superno.
  Envolvidos nas sombras horrorosas
Da pobreza cruel que horrenda e fera
Nos inunda de dôres amargosas :
  Nossa alegria, nosso prazer era
Contemplar de teu gesto tenro e bello
As graças, a innocencia que amor gera :
  Em vão foi para ti nosso disvello
E paternaes cuidados; pois sentiste
Da morte horrivel o aspero flagello.
  Oh! pranto, oh! magoa, oh! dôr acerba e triste
Que em nós ha de existir eternamente
No mesmo ponto em que ella agora existe!
  Doce pupillo, oh! planta florescente!
Oh! bello lyrio d'horto deleitoso
Cortado antes de tempo tristemente!
  Da morte o furor impio e rigoroso
Antes em nós cruel se enfurecera
Do que em ti, tenro infante, tão formoso!

Conhecia F. Dias Gomes as difficuldades da especie poetica para que mais propendia; por quanto n'uma nota á elegia consagrada ás Musas é elle proprio quem no-la confessa :

« De todos os poemas monologos o mais difficil e interessante é a elegia. Ella pede muita perspicuidade, pureza e elegancia; mas o que a faz mais custosa d'executar é o manejo dos affectos, e a moral pura que deve inspirar. » E não obstante todos esses obices conseguiu o nosso poeta avantajar-se tão singularmente que ninguem lhe poderá contestar honrosa menção entre os nossos primeiros elegiacos.

Sua pasmosa erudição, de que tantas mostras nos dá nessas preciosas notas, justamente reputadas como o melhor compendio de critica litteraria que em nosso idioma existe, foi-lhes muitas vezes adversa á inspiração, communicando certa frieza aos seus versos. Na escola franceza importa que seja elle inscripto; v. g. sempre cuidou em imitar os grandes modelos d'esta espirituosa e culta nação: mostrando-se enthusiasta por algum d'elles, como v. g. por Voltaire, a quem consagrou uma elegia, mais notavel pelo grande cabedal de conhecimentos que nella se contém do que pela vivacidade dos affectos.

MANUEL MARIA DE BARBOSA (DU BOCAGE)

No dia 17 de setembro de 1766[1] nascia em Setubal um menino que desde os seus mais verdes annos revelou-se como valido das musas, e que por seu pasmoso talento maravilhou os seus mestres. Foram seus pais o doutor José Luiz Soares de Barbosa e D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, filha do coronel de mar e guerra (vice-almirante) Antonio Le Doux du Bocage, que tão bons serviços prestou ao Rio de Janeiro por occasião da invasão de Duguay-Trouin.

Testemunha do precoce desenvolvimento de seu filho procurou a senhora du Bocage proporcionar-lhe todos subsidios que nessa epocha podia offerecer-lhe o lugar da sua residencia. Findos os estudos primarios passou-se á aula de grammatica latina regida por um douto ecclesiastico hespanhol por nome D. João de Medina, com o qual adquiriu esse cabal conhecimento do idioma de Cicero e Virgilio de que nos testificam suas magistraes traducções. Com seu pai apprendeu elle a lingua franceza dando-se mais tarde ao estudo da italiana, que de todas era a que menos conhecia.

Passando pelo desgosto de perder sua carinhosa mãi quando apenas contava dez annos d'idade parece que assás influiu este acontecimento sobre a sua futura sorte: porquanto seu pai, conhecedor por propria experiencia das decepções que d'ordinario se colhem na carreira das letras buscou d'ellas desvia-lo.

Não sabemos si por propria vocação, ou si para annuir á vontade paterna, sentou Manuel Maria praça no regimento de Setubal no anno de 1780, em que havia terminado os seus estudos preparatorios. Dois annos depois obteve passagem para a armada real e na qualidade de guarda-marinha seguiu em Lisboa o curso d'Academia que ahi acaba de fundar-se.

Dando logo provas da inconstancia do seu caracter pediu de novo passagem para o exercito e na idade de dezenove para vinte annos estava já no posto de tenente quando se dispoz á servir nos Esta-

[1] Seguimos a opinião commum dos seus biographos com unica excepção do Sr. Castilho (José), que diz ter tido lugar o nascimento de Bocage a 15 de septembro de 1765.

dos da India. Discordam os biographos sobre as verdadeiras causas d'esta subita resolução, pensando o Sr. Rebello da Silva que a sua proverbial volubilidade é sufficiente para explica-la.

Chegando á capital da India Portugueza, após longa e penosa navegação, não encontrou ahi nada em que podesse applicar a sua actividade, vegetando na mais completa degeneração e classica inercia os successores dos Gamas, Albuquerques e Pachecos. Devia necessariamente dispertar a veia satyrica do nosso poeta o quadro de desmoralisação que lhe offerecia Gôa, onde havia tocado ao seu auge a relaxação dos costumes. Como a Camões foi-lhe funesta esta tendencia do seu caracter; porque havendo escripto contra o capitão-general D. Frederico Guilherme de Sousa uma satyra obscena foi igualmente mandado para Macau, onde demorou-se até o anno de 1790 em que regressou a Portugal depois d'haver obtido baixa do serviço militar.

Para que mais completa fosse a coincidencia da sua vida com a do cantor dos *Lusiadas* tambem naufragou Bocage de volta do exilio e tambem poude a nado salvar as suas poesias. Tinha pois razão de dizer :

> Camões, grande Camões, quão semelhante
> Acho teu fado ao meu quando o cotejo !

No mez d'agosto de 1790 entrava Bocage pela barra de Lisboa sem emprego, nem profissão alguma, e *incapaz d'existir n'um so terreno*, como elle proprio o confessava.

Confundido na turba dos poetas que, *como os rapsodas da Grecia, pagavam em cantos a hospitalidade e os favores, e puniam com imprecações a indifferença e a avareza*, na expressão do Sr. Rebello da Silva, arrastou Bocage uma existencia pouco convinhavel ao seu genio e habilitações litterarias. Verdade é que, ou por preguiça, ou por não querer submetter-se a jugo algum, recusou o lugar d'official da bibliotheca publica que lhe mandou offerecer o ministro do reino José de Seabra, grande admirador do seu engenho poetico.

Vejamos como um dos seus mais eloquentes biographos traça o quadro d'essa vida desregrada e precaria em que se abysmava o eximio poeta, que na nova Arcadia tomára o nome d'*Elmano Sadino*.

« No meio das continuadas distracções, aonde o dom de repentista se exaltava com o enthusiasmo dos admiradores; entre os cuidados e a negligencia d'uma vida em que o dia d'hoje desconhecia o dia d'hontem e ignorava o seguinte, passando da hospitalidade d'um protector rico para o tugurio humilde d'um pobre como elle; incapaz de sejeição e inimigo de qualquer freio supportava mais alegre a indigencia do que o constrangimento, fazendo da incuria a sua divindade tutelar! Regeitando muitas vezes a offerta d'empregos, que o livrariam dos apuros quotidianos para não arrastar o grilhão das obrigações, batia moeda com os versos, e despia-se do que lhe davam para vestir a miseria, com a mesma facilidade com que aceitava o beneficio. Em Lisboa, em Santarém, nas festas e nos serões esta existencia *folgada e milagrosa*, como elle dizia, nunca se desmentiu : nem lhe pareceu pesada. Tiradas poucas horas para a leitura, alcançado momentos antes o pão de cada dia, sentia o estro livre e o espirito desassombrado. O futuro era para elle como o presente um caso de confiança em Deus, em si, e na generosidade inesgotavel dos que o soccorriam[1]. »

Apesar do cordão sanitario da censura começavam nessa epocha a penetrar em Portugal as ideias dos encyclopedistas, propagadas pela voz dos canhões da republica franceza. Enthusiasta por essas ideias Bocage ultrapassou os limites do justo e do honesto; e animado por um circulo d'admiradores, que com *raras excepções* o deslustravam, escreveu a impia epistola que começa por estas palavras :

Pavorosa illusão da eternidade,

e muitas outras composições que o fizeram rival de Parny e Piron.

Posto que desarmado do seu poder tenebroso, não deixava a Inquisição d'incutir temores aos *espiritos fortes;* assim pois, em virtude de reclamação sua remetteu-lhe o intendente geral da policia Manique o poeta denunciado como auctor *d'alguns papeis impios, sediciosos e criticos.*

Nas masmorras do Sancto-Officio lembrou-se Bocage d'implorar

[1] Vide o *Estudo biogr. e litt. sobre Bocage* pelo Sr. L. A Rebello da Silva, inserto no tomo X do *Panorama.*

o valimento dos tres marquezes, de Ponte de Lima, Abrantes e Pombal, que vivamente se interessando pela sua sorte, e auxiliados pelas excellentes disposições que em pról do nosso poeta encontráram no intelligente ministro José de Seabra da Silva, que, como já dissemos, era seu ardente admirador, obtiveram a suspirada ordem de soltura, mediante uma paternal admoestação, que em nome d'el-rei lhe era feita.

Moderou-se Bocage depois d'esta suave lição, e melhor aconselhado do que quando regeitou a offerta de José de Seabra, annuio ao convite que lhe fez o nosso sabio patricio Fr. José Marianno da Conceição Velloso, director da officina chalchographica do *Arco do Cego*, para rever as provas das impressões que ahi se faziam e traduzir obras de reconhecido proveito publico. Neste modesto emprego, que apenas lhe rendia o estupendio de vinte e quatro mil reis mensaes, conservou-se Bocage por algum tempo, recebendo do P. M. Velloso infindos favores, como elle proprio no-lo testifica na dedicatoria do drama intitulado *A Virtude laureada*. A este periodo sedentario da vida do *vate errante* deveram as letras patrias as bellissimas traducções dos *Jardins* de Delille, das *Plantas* de Castel, do *Consorcio das Flores* de Lacroix e do *Cantico de Tripoli* de Cardoso.

Denunciado novamente á Inquisição como *pedreiro livre* teve a felicidade d'achar clemencia no outr'ora terrivel tribunal, que nemum procedimento contra elle ordenou.

Não tardáram porém a pôr termo a esta amargurada existencia as tribulações do espirito, os padecimentos do corpo, e o abuso das bebidas espirituosas, a que seus socios nos prazeres instigavam-no. A 21 de dezembro de 1805 expirou o maior poeta que depois de Camões contou a litteratura portugueza, sendo por todas as classes profundamente lamentada a sua morte.

Com o singular talento de repentista de que era dotado captivou Bocage a admiração dos contemporaneos e incontestavel é a influencia que sobre a poesia de seu tempo exerceu. Acolhido com enthusiasmo em seu regresso da India subiram-lhe ao cerebro os vapores do incenso, que noite e dia lhe queimavam devotos thuriferarios. Eis como a tal respeito se exprime Garrett :

« O fogo de suas ideias ateou o enthusiasmo geral; a mocidade

inflamou-se com o nome de Bocage; d'enthusiasmo degenerou em cegueira, em mania; não lhe viam já defeitos, menos elle em si mesmo. Ninguem duvidava que os improvisos dos cafés do Rocio eram superiores a todas as obras d'antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes de versos do seculo de D. João III e de D. Jozé I[1]. »

Senhor dos segredos da harmonia corriam-lhe os versos com a fluidez da limpha que brandamente se escôa por entre os floridos canteiros d'um jardim; outras vezes aceso o éstro nas lavas da inspiração, despenhava em borbotões como as aguas do S. Francisco nas cachoeiras de Paulo Affonso. Multiplicavam-se as imagens e os pensamentos; e, como nota o Sr. Castilho[2], « julgar-se-hia que os sentidos exteriores sintiam para dentro perdida a consciencia de quanto o rodeava. »

Essa mesma pasmosa faculdade d'improvisar era um serio embaraço para a perfeição das suas obras, imprimindo-lhe um cunho vão e declamatorio. « O temperamento irritavel e ardentissimo de Bocage, diz Garrett, o levava naturalmente a hyperboles e exagerações; essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou nellas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginarios de sua creação phantastica, abandonou a natureza e a suppoz acanhado elemento para o *genio*. Mais elle repetia *eternidades*, *mundos*, *ceos*, *espheras*, *orbes*, *furias*, *gorgonas;* mais dobrava o applauso, mais delirava elle, mais o admiravam. Ao cabo nem elle a sí, nem os outros a elle, o entendiam. »

Como facil era de prever tornou-se Bocage chefe d'uma escola, conhecida pela denominação d'*Elmanista*, que á imitação dos discipulos de Tiziano buscavam no colorido deslumbrante occultar os defeitos e aberrações das regras. Essa escola, que como já dissemos, póde ser filiada á franceza, sustentou gloriosas luctas com a greco-romana capitaneada por Francisco Manuel do Nascimento e José Agostinho de Macedo.

Foi a *Nova Arcadia*, reunida no palacio do conde de Pombeiro, e presidida pelo nosso compatriota, o P. Domingos Caldas Barbosa,

[1] *Bosquejo da hist. da ling. e poes. port.*
[2] *Livraria classica*, tomo XXIII.

mais conhecido por *Lereno*, o campo em que se pelejou essa guerra comparada pelo Sr. Rebello da Silva ao cerco de Troya por haver sobrevivido aos motivos da lucta.

Figuravam d'Achilles e Heitor d'essa metrica *Iliada* Bocage e Macedo, cujo desmedido orgulho devera cedo ou tarde levar a discordia ao gremio do Parnaso. Dotados ambos de grande talento, e possuindo, em gráos diversos, superiores qualidades, não queriam partilhar com ninguem o sceptro da poesia; e desse mal entendido amor proprio originou-se uma porfiada campanha, da qual a dignidade d'um e d'outro sahiu gravemente ferida.

Confiando demasiadamente em seu maravilhoso engenho pouco estudava Bocage; cuja missão na nossa litteratura parece ter sido o de nacionalisar as bellezas que intuitivamente descobria na latina e franceza em que era versado.

Poeta do povo mostrou por mais d'uma vez velleidades de romper com as tradições classicas e inaugurar nova era litteraria; faltavam-lhe porém as condições para operar a reforma, que não tardaria em effeituar-se. Inegavel é todavia que elle contribuiu para ella (naturalmente sem o pensar); e que com Philinto e José Agostinho concorreram para desmoronar o velho edificio classico. Oiçamos como define o Sr. Alexandre Herculano a influencia de Bocage e sua escola :

« Bocage é o typo mais perfeito da sua escola, e de feito devia se-lo. Elle popularisou a arte, porque poetou principalmente para o povo; e emballou ao mesmo tempo com as melodias da linguagem, com o som sonoro do metro essas almas rudes, mais attentas á harmonia da forma que ao poetico do pensamento.

« Feita assim a poesia plebeia duas consequencias deviam seguir-se d'esse passo gigante, a liberdade litteraria e apparecimento do theatro. — A poesia popular regeita, como o povo, quando começa a pensar, e deixa de querer, todas as leis que se fundam em auctoridade e tradição, e não em conveniencias; e o drama é a forma mais completa d'arte quando esta se faz burgueza.

« Por esso a escola bocagiana preparou so metade da revolução artistica; trouxe a poesia dos carrilhos e salões aristocraticos para a praça publica e a fez nacional. Esta difficultosa empresa estava em grande parte guardada para um poeta tão romano em intenções e

desejos quanto portuguez na indole do seu engenho. Francisco Manuel foi quem acabou o que Bocage começára, completando pela nacionalidade o plebeismo d'arte. Feito isto seguia-se a revolução, e um poeta mancebo, desterrado como Francisco Manuel, rasgou a bandeira romana, e hasteou a portugueza. — *Dona Branca* e *Camões* foram o signal da revolta. — As tradições d'Arcadia estavam irremissivelmente condemnadas[1]. »

Brilhou Bocage em quasi todos os assumptos em que ensaiou o seu éstro; obtendo porém a primasia no genero didactico e na especie elegiaca; de que principalmente occupar-nos-hemos na impossibilidade d'acompanha-lo na immensa irradiação da sua fecundissima musa.

Assignando-lhe o segundo lugar na especie elegiaca da sua epocha julgamos que nem-uma injuria lhe fazemos; porquanto no nosso humilde pensar, Francisco Dias Gomes, sem possuir sua vivacidade e brilhantismo de dicção, lhe era superior nos sentimentos de resignação e doce melancolia que formam os principaes caracteres elegiacos.

Uma das mais bellas composições neste genero que sahiu da penna de Bocage é certamente a consagrada á memoria de D. José Thomaz de Menezes, que morrera afogado no Tejo. Como habil artista prepara o poeta a paisagem em que deve collocar a sua tristissima scena. Vejamo-la :

Horridas sombras, horridos vapores
Que enlutaes estes ares carregados
Per onde vão fugindo os meus clamores;
Sinistras aves que funestos brados
Espalhaes de cyprestes luctuosos
Pela negra tristeza bafejados.

Fallando depois da morte que nem-uma condição nem estado poupa assim a pinta :

Antiga lei que a feia sepultura
Arroja sem respeito e sem piedade
A virtude, a grandeza, a formosura!

[1] *Elogio hist. de Sebast. X. Botello*, lido no Conservatorio Real de Lisboa.

Aspera lei, que a pobre humanidade
N'um momento, n'um atomo, arremessa
No centro da medonha eternidade!
Tremendissima lei que tão depressa
Troca em ais e em desgosto a alegria,
Troca a purpura em luto, o solio em eça!

Pode ser citado este trecho como um dos mais bellos exemplares d'*amplificação por via do raciocinio.*

Mais adiante offerece-nos elle não menos frisante modelo d'*anaphora* quando diz :

José, que reunindo a força e a arte,
Feros brutos e indomitos domava
Sendo assombro de tudo em toda a parte.
José, que os lusos povos alegrava
E que sem recordar-se da grandeza
A todos brandamente agasalhava.
José, com que a sorte e a natureza
Foram tão liberaes, em quem luzia
Resto feliz da gloria portugueza.

Dirigindo-se depois ao pai do desditoso mancebo lança contra a morte estas virulentas invectivas :

Oh! lugubre destino! Oh! morte impia!
Illustre e velho pai! tua amargura
Quão rigorosa, quão cruel seria?
A macilenta Clotho, a parca dura
Te roubou para sempre o filho amado,
O doce objecto da maior ternura.
Queixa-te, é justo, queixa-te do fado;
O negro caso deploravel chora,
Em nossas faces pela dòr gravado.
Pragueja aquelle monstro que devora
Os mesmos mortaes..... dize-lhe.....

Lembrando-se depois que como philosopho christão devera diversamente considerar a morte, termina o pensamento por esta magnifica *aposiopése :*

. . . . . Ah! antes
A summa providencia adora.

Prosegue em seguida nas consolações que dá ao venerando ancião, a quem a morte do filho submergira n'um oceano de dôr

Basta, excelso marquez : tua agonia
Pela fé seja emfim modificada
E por uma christan philosophia,
Que tambem em minha alma atribulada
Oiço o riso da candida esperança,
Sinto a terrivel dôr mais applacada.

Recommenda-se á admiração das almas sensiveis o final da elegia em que o poeta d'est'arte apostropha ao seu desventurado amigo :

E tu, alma gentil, que na lembrança
Tão presente me estás, alma ditosa,
Entre os côros angelicos descança.
Não precisa de lagrimas quem goza
D'eterna, d'immortal felicidade;
Por isso é nossa dôr infructuosa.
Porém contudo lá da eternidade
Do centro da ventura mais perfeita,
Si te é possivel, feliz alma, acceita
Provas d'amor, effeito da saudade.

Mui conhecida, e justamente afamada, é a elegia dedicada ao tragico fim da rainha de França, Maria Antonieta, que principia por estes vehementes e sonoros versos :

Seculo horrendo aos seculos vindouros
Que ias inutilmente accumulando
Das artes, das sciencias os thesouros.
Seculo enorme, seculo nefando
Em que das fauces do espantoso averno
Dragões sobre dragões vem rebentando :
Marcado forte pela mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da humanidade amavel, terno.

Descamba depois para o estylo declamatorio, á que tão avesado era, com grave prejuizo do pathetico que convinha sustentar. Que sabia porém fallar a linguagem do sentimento deixou-nos elle

exuberantes provas como v. g. quando nos descreve a morte da rainha :

Justos ceos ! que espectaculo tremendo !
Que imagens de terror ! que horrivel scena
Vou n'assombrada mente revolvendo !
Que victima gentil, muda e serena
Brilha entre espesso detestavel bando,
Nas sombras da calumnia que a condemna !
Orna a paz da innocencia o gesto brando,
E os olhos cujas graças encantáram
Se volvem para o ceo de quando em quando ;
As mãos, aquellas mãos, que semeáram
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincáram,
Ludibrio do furor e d'arrogancia
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza e da constancia.
Oh ! justiça dos ceos ! oh ! mundo ! oh ! gente !
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
A malfadada victima innocente !

. . . . . .

Com-os mesmos sentimentos religiosos que vimos terminar Bocage a precedente elegia fecha elle a presente, e com delicado pincel traça-nos o quadro da entrada de Maria Antonieta na celeste Sião, seu encontro com Luiz XVI, reunindo ambos as suas preces para que a Suprema Bondade se amercie do povo francez :

Já cerrados estais, olhos divinos ;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei d'asperrimos destinos.
Do rei dos reis na côrte luminosa
Revês, o pio heroe por nós chorado,
Que da excelsa virtude os louros goza.
Na mente vos observo : ei-lo a teu lado
Implorando ao Senhor que aos máos flagella
Perdão para o seu povo hallucinado.
Despido o véo corporeo, oh ! alma bella !
No seio d'immortal felicidade
So sentes não voar mais cedo a ella !
Em quanto aos monstros d'horrida maldade
Murmura a seu pesar no peito iroso
A voz da vingadora eternidade ;

Desfructa summa gloria, oh! par ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado e respeitoso
Te aprompta as aras, te dispõe o incenso.

Ha nesta elegia tercetos que rivalisam com os de Monti, na sua mui celebrada *Basvilliana*, e uma impetuosidade nada inferior aos mais flamejantes lugares de Chenier. Depois de subir ao pincaro do enthusiasmo desce o poeta portuguez por uma imperceptivel gradação aos sentimentos de calma resignação, illuminada pela esperança da immortalidade. Tal é, segundo pensamos, o caracter da moderna elegia, mui diverso dos gritos de desesperação d'Ovidio e das imprecações contra o destino que lemos em Propercio. Com semelhante engenho, com tão bellas disposições, pena é que não tivesse Bocage vivido em nossos dias aquecendo-lhe o éstro o sol da liberdade politica e litteraria!

« O unico elogio que póde fazer-se a Bocage, pensa o Sr. A. P. Lopes de Mendonça, é dizer-se que elle appareceu mais tarde, ou nasceu mais cedo do que deveria para a sua propria gloria. Faltou-lhe a atmosphera moral onde a sua grande alma podesse respirar á vontade. Teve d'afinar o talento no tom pretencioso e nas *descabelladas* pugnas litterarias em que se revolviam os poetastros que tentavam uns ser seus rivaes, outros seus imitadores[1]. »

[1] *Memorias de littera contemporanea.*

LIÇÃO XXXIII

ESPECIE DIDACTICA

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Nasceu na cidade de Béja a 11 de setembro de 1761, e dedicando-se á vida monastica professou na igreja de N. S. da Graça de Lisboa, pertencente á ordem dos eremitas de S. Agostinho, no dia 15 de novembro de 1778. Pelas suas continuas infracções da disciplina claustral foi aos trinta annos d'idade solemnemente expulso da communidade. Appellando d'esta sentença e interpondo recurso para Roma, obteve d'esta um breve de secularisação para passar ao estado de presbytero secular. Por largos annos exerceu em Lisboa o ministerio do pulpito, no qual nem-um dos seus contemporaneos levou-lhe a palma. Prégador regio desde 1802, occupou o emprego de censor d'ordinario dos annos de 1824-1829, mereceu ser eleito deputado supplente ás cortes de 1822, e abraçando o partido de D. Miguel, foi por este nomeado chronista-substituto do reino por alvará de 21 de julho de 1830. Pertenceu a diversas sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras, e na ephemera Academia de Bellas Letras de Lisboa, mais conhecida pela segunda Arcadia, tomou o nome d'*Elmiro Tagideo*. Falleceu em 1834 no sitio denominado Pedrouços, nas visinhanças da capi-

tal, e foi sepultado na igreja do convento de N. S. dos Remedios, habitado pelas religiosas trinitarias.

Numerosas são as suas producções, cujo catalogo podem os leitores ler no *Diccionario Bibliographico*, que ora publica o Sr. Innocencio Francisco da Silva, com cujo juizo ácerca d'este fecundissimo polygrapho inteiramente concordamos. Diz o erudito critico supracitado :

« Homem d'innegavel talento e de vasta erudição, escriptor fecundissimo, como bem se deixa ver de tantas e tão variadas producções, seria talvez mais querido dos contemporaneos e a sua memoria melhor apreciada da posteridade, se o temperamento atrabilario que nelle predominava, um amor proprio excessivo, ainda que justificavel até certo ponto pela reconhecida inferioridade de seus competidores e mais que tudo os odios suscitados pelas querelas politicas, em que tomou com a penna tão activa parte nos seus ultimos annos, lhe não alienassem as sympathias de muitos, impossibilitando-os d'assentarem a seu respeito um juizo recto e imparcial. »

Dictador litterato não conheceu José Agostinho rival depois da morte de Bocage, cuja sombra parecia ainda incommodar-lhe. Reinou como despota sobre uma multidão d'admiradores, que lhe exageravam os defeitos sem possuirem o talento d'imitarem suas bellezas. É o ultimo élo da cadeia que prende á velha a nova litteratura, um dos precursores de Garrett, um dos batedores do *romantismo*, cuja estrada seu martello demolidor havia aplanado.

« O que devia assustar a José Agostinho, observa o Sr. Rebello da Silva, se visse ao longe era outro rebate serio que ameaçava não sómente a pessoa mas as instituições poeticas e o Parnaso em que pronunciava os seus decretos. As avançadas da escola então denominada romantica, destacavam-se d'Allemanha, da Inglaterra e da França, aonde foram as primeiras e grandes batalhas, e vinham tocar os clarins victoriosos ás margens do Tejo. Já nos ultimos annos do seu reinado Macedo encontrou-se com os campeões da heresia d'arte, como diriam os flaminos d'Horacio, e alguns tiros voáram de parte a parte. Si o cantor da *Meditação* podesse ler no porvir e advinhasse o destino das obras que mal honrava talvez com um sorriso sceptico, ou com um movimento d'hombros, a

dôr de ver proxima a declinar a sua fama, e a inveja da gloria alheia, de que raiva lhe não invenenariam o orgulho para carregar o retrato dos illuminados da litteratura? Quantas paginas acerbas iriam augmentar o archivo das suas vindictas o poema dos *Burros*, onde o verso nervoso e a expressão pungente aggravam o delicto ao genero [1]. »

Pintam-nos os seus biographos como « devorado de ciumes ardentes, inimigo do merito que resplandecesse ácima do seu, não perdoando aos vivos, nem poupando aos mortos. »

Estava-lhe fadado o papel d'Erasmo, ou quiçá de Voltaire, por sua pasmosa erudição e constante amor ao trabalho. Podia altear-se sobre os homens do seu tempo como um jiquitibá em nossas virgens florestas; podia constituir-se o mediador entre a fogosa impetuosidade de Bocage e a severa aspereza de Francisco Manuel; podia congregar em seus arraiaes os dissidentes d'ambos os campos, e fixar o diapasão pelo qual solfejassem todos os cantores do Parnaso. Não o quiz; não comprehendeu a sua missão; e trocou a tunica de Minerva pela mascara de Momo.

D'entre todas as formas da poesia quadrava-se melhor a didactica com o genio de Macedo, a quem a solidez dos seus estudos, e o constante habito de cogitar haviam suffocado a inspiração, e os arrojos da musa lyrica. « A forma artistica, como pensava Hegel, não póde ser ligada á substancia senão por uma relação puramente externa; porque a ideia já está impressa no espirito com o seu caracter abstracto; porém o animo se dirige antes de tudo á razão e á reflexão, e sendo o seu fim introduzir na intelligencia uma verdade geral é a sua condição essencial a clareza [2]. »

Consideraremos pois a José Agostinho de Macedo como poeta didactico; e procuremos na principal obra que neste genero nos legou respigar bellezas, e quiçá apontar defeitos.

A Meditação, poema philosophico em quatro cantos impresso pela primeira vez em Lisboa em 1813 e dedicado pelo auctor á universidade de Coimbra, teve mais tres edições como no-lo attesta o Sr. J. Francisco da Silva, sendo a ultima a de 1854, que sahiu

[1] *Estudo litterario para servir de complemento á biographia de Bocage*, inserto no tom. VI das suas obras.

[2] Vide *Poetica de Hegel*, tom. II, cap. IV.

dos prelos de Francisco Pereira d'Azevedo residente na cidade do Porto. Fallando d'este poema assim s'expressa um abalisado critico cujas opiniões sempre folgamos de citar :

« Apesar dos motivos já citados pedirei mais uma venia para mencionar como um poema que faz summa honra ao nome portuguez *a Meditação* do Sr. José Agostinho de Macedo, que tem sido censurada por quem não é capaz d'entende-la. Não sei se ella tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, copia de doutrina, phrase portugueza e grandes ideias so lhe negará a cegueira, ou a paixão[1]. »

Combatendo os paradoxos de J. J. Rousseau, pelos quaes tanto se apaixonára o nosso suaviloquo Caldas, pinta Macedo o estado do homem antes que a civilisação lhe viesse modificar a natureza. Contemplemos este seu bellissimo quadro :

Da culpa é primogenita a ignorancia,
D'elle romperam carregadas sombras,
Que os claros horizontes enlutáram
Da razão que no berço em luz nascera :
Qual dos corruptos pantanos se eleva
Exhalação mephitica, que abafa
E que embacia o sol toldando os ares.
O rei da creação tu foste, oh! homem!
Ficaste escravo em carcere profundo :
A doce habitação do Eden viçoso
Onde um instante so tiveste o solio
Perdeste para sempre; errante, e triste,
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando o suor e lagrimas a terra,
Que indocil a teu braço entre os abrolhos
Te dava apenas misero sustento,
Que disputarte ás feras rebelladas :
Qual ephemera flor que brota e murcha
Assim vemos nascer na primavera
Resplandecente o sol, risonho o dia
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz e a paz aos ares;
Tal o destino do mortal primeiro;
Nascendo viu a luz serena e pura;

[1] Vide *Bosquejo sobre a hist. da lingua e da poesia port.*, por J. B. L. d'Almeida Garrett.

Raiar a viu..... esvaecer-se logo.
Houve entre o berço e tumulo um so dia
E tanto poude em nós ser erro e crime
Que temos por herança o mal e a morte :
Para nós foi desterro o que era patria,
A um dia d'ouro seculos de ferro
Se viram succeder; fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra :
De mistura co' as brutas alimarias
O rei da creação nos bosques vive.

Estado insocial, embora acclame
Teus falsos bens chimerica igualdade
O sabio hypocondriaco eloquente
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas o profundo estudo,
Que os homens aborrece e os homens busca,
Que adora a solidão martyr da gloria,
E Timão so quer ser sendo Aristippo,
Se elle commigo pela margem immensa
Do Amazonas medonho os homens vira
Humanos na figura, em tracto feras,
Nús sem cultura, barbaros sem patria
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere e que os ferros,
E so menos cruel que o jugo injusto
Que esses que elle illustrou cobardes soffrem.
Pelos vastos sertões sem lares gyram,
Qual onça insocial, so pasto buscam
Nos lacerados membros palpitantes
De seus mesmos iguaes (e d'assustada
Doce mãi Natureza os olhos tapa)
A crua fome, e gula avida cevam.
Nelles é morta a luz do entendimento;
Contra a injuria do ar lhe ensina apenas,
Qual brada ás feras machinal instincto,
A mal vestir mregalados membros
D'hirsutas pelles d'animaes que matam.
Gente errante, infeliz, não sente apego
Á terra em que nasceu; repousa e dorme
Onde a seus olhos lhe fenece o dia,
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.
Si o sol surgindo as palpebras lhe toca,
Frouxo indolente o barbaro disperta.
Ora um tigre veloz o despedaça,

Ora co' a hervada frecha vára o tigre,
Co' a mosqueada pelle os membros cobre
Si o frio agudo os membros lhe retalha.
Sente o calor? Indifferente a deixa:
Não se ouve um pranto, lagrimas não correm
(Feudo que á morte a natureza paga)
Si no bocejo extremo a vida foge
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha hyena;
Nem-uma pia mão seus olhos fecha,
Nem-uma boca os ultimos suspiros
Lhe toma e lhe conserva; assim nos bosques
Viveu por muitos seculos o homem:
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos sertões d'America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda
Para o perfeito, progressão dos entes;
Tem limites no bruto o instincto, e nunca
Dos homens a razão pára n'um ponto!

Com summa ingenuidade descreve José Agostinho o nascimento da primitiva industria nestes sonoros e graciosos versos:

A industria natural se desenvolve;
De seccas folhas, de quebrados troncos
A primeira choupana ao ar se eleva:
Das brandas aves o mimoso ninho
Das feras o covil foi seu modelo;
Contemplando o castor industrioso
Dos largos rios nas virentes margens
Formando habitação, ergue a morada
E aperfeiçoa mais commodo alvergue;
Das ferteis plantas espontaneos fructos,
Olhando ao perto a provida formiga
Para a quadra opportuna ajunta e guarda.

Dirigindo-se depois ao que primeiro ensinou aos homens a util arte d'agricultar, exclama:

Salve primeiro braço, que intentaste
Rasgar o seio da fecunda terra!
Obedeceu-te a natureza, e veste
A teu aceno formosura estranha.
A tão nobre suor agradecida

Do maternal regaço entorna em ondas
Seus fructos e seus dons, que os votos enchem
Do já não fero agricultor primeiro.
Salve feliz mortal, tu so d'estatuas
Tu foste digno, so de nome e fama:
Chame-te Osiris fabuloso Egypto,
Ou Triptolemo a Grecia aduladora;
Fosses quem fosses tu, digno és por certo
Do respeito dos seculos, mais que esses
Que fizeram gemer, curvar co' o peso
D'imperios vastos a mesquinha terra!

Lamentando depois que os homens se apartassem da senda pacifica e civilisadora, em que tão bem se haviam estreado, para applicarem o seu engenho ás artes bellicosas, estimulados pela ambição, de sua penna sahiram estes profundos conceitos:

Estas da idade d'ouro as artes foram,
Nunca os humanos outras estudassem!
Nem passaria o Gránico Alexandre,
Nem fôra Augusto fulminar no Euphrates.
Inda existira Arbella e erguera Tyro
Das azuladas ondas a cabeça.
Nos campos de Pharsalia abrindo os sulcos
Nunca topára o lavrador co' os ossos
Do orgulhoso romano, que disputa
N'uma batalha so do mundo o throno.
Nem foras, Magalhães, n'um fragil pinho
Buscar n'um mar ignoto a gloria, a morte,
Inda existiras, mexicano imperio!
Souberas, Indostão, que havia o Tejo
Sem d'elle ver o ferro, e heroes da guerra.
A natureza em primitivo estado
De seus fructos, seus dons, e seus thesouros
Pompa frugal fazia, então singelo
Era o sabor que as iguarias tinham.

Sua admiração para com os romanos, e especie de culto que votava aos seus preclaros varões, principalmente a Cicero e a Seneca, patenteam-se no

. . . . . Como em polidos
Chrystaes que uniu Buffon do sol a chamma
Reverbera mais forte activa e clara

D'avassallada Grecia assim ressurte
No vasto imperio da potente Roma
Luz que espalhou reverberos mais vivos.
Nas duras artes da sanguinea guerra
Roma a Grecia excedeu; e excede a Grecia
Nas artes divinaes que a paz fomenta.
Voáram pelo globo altivas aguias,
A Lusitania as vê, o Hydaspe as teme,
Chegam ao Elba a foz, do Nilo a fonte.
Onde Roma fulmina o estrago e guerra,
Das sciencias co' a luz o imperio chega.
Qual dos guerreiros seus na excelsa fronte
Co' as triumphantes mãos não prende e ennastra
Os verdes louros de Minerva e Marte?
Quando a espada depõe, sustenta a penna
O immortal Scipião; se lança os ferros
Ao vencido Perseu, d'entre os despojos
So Paulo Emilio quer das doutas artes,
Da sciencia os depositos, aquelles
Volumes que Platão sagrara aos evos.
Quem ha que opponha a Tullio a Grecia, o mundo?
Tu mesmo, oh! vão Lucrecio, e tu Vanini,
E tu que igualas o mortal á planta,
Que instincto do mortal so vês dos brutos,
Oh! La-Mettrie phrenitico, contempla
Vê se a materia combinada póde
As grandes obras produzir d'um Tullio!
Reune de Demosthenes o genio
Ao genio de Platão e Stagirita;
Si é profundo Epicuro inda mais entra
Da natureza no sacrario immenso;
Si de consul a purpura arrastando
Magestoso na voz, no gesto augusto,
Nas mãos de Themis encadeia os raios
E os infiados reos salva da morte;
Si dobra o coração do invicto Cesar,
Si a patria dá Marcello, ao mundo o justo
Mais que Aristides virtuoso honesto;
Si ao feroz Catilina o crime afeia,
O imperio firma e liberdade a Roma:
Nem Gorgias, nem Pericles contempláram
Tanto dos labios seus pendente o mundo!
Mais inda mais em Tusculo o respeito.
E se entre os labios de Theophrasto tinham
Deposto o favo as atticas abelhas
Com brando eloquio amenisando austeras

Veredas da razão; si luz profunda
De Xenophonte nos escriptos brilha:
Ambos excede Tullio, e excede a todos
Quando entre heroes e consules disputa:
E sóbe onde inda além não póde agora
Sobre as azas dos seculos levada
Remontar-se, subir philosophia!

Na progressão do que é perfeito nunca
O ser humano se suspende e pára.
Eu vejo após um Cicero de Nero
O generoso mestre, o sabio, o forte
De Zeno, de Xenócrates austero
Alumno e vencedor no engenho e vida
Mais sublime que Socrates na morte:
Recebe o vaso da cicuta e cala
Profundo Phocion, Seneca entorna
O quente sangue das rasgadas veias;
Tem já no rosto a morte, inda disputa,
E entrando nos umbraes da eternidade
Demonstra que é ventura o golpe extremo.
Tullio me assombra, sim, mas tu me ensinas,
Tudo o que sou te devo! E si a fortuna
Avara para mim risonho encaro,
Si muito abaixo da voluvel roda
Existo por estado, e muito acima
Por coração magnanimo me elevo,
Si orbens, si os males seus desprezo e piso;
Si as solidões da Libya e o Tejo ameno
São para mim morada indifferente;
Si com semblante igual me vira o mundo
Ou n'um profundo carcere, ou n'um throno,
Si os mesmos ceos descubro em toda a parte,
Si em toda a parte piso a mesma terra,
Si descubro no escravo e no monarcha
Um individuo so da especie humana;
A teus escriptos immortaes o devo;
Á mente luz me dão, valor ao peito.

A' par de tantas bellezas, quaes são os defeitos que com justiça se poderão exprobrar ao poema *Meditação?* — Certa monotonia commum a todos os poemas didascalicos; algumas declamações e referencias proprias do caracter de José Agostinho de Macedo, e um ou otro verso aspero, e quiçá mal medido. — Não obstante a existencia d'esses defeitos que somos o primeiro em reconhecer,

uns inherentes ao genero que adoptára, especiaes outros ao illustrado escriptor, ninguem contestará ao livro cujos excerptos acabamos d'offerecer aos leitores, o lugar de primeiro poema didactico da sua epocha, e talvez mesmo que de toda a nossa litteratura.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANCTOS

Nasceu este distincto philologo no sitio denominado Massarellos, suburbio da cidade do Porto, aos 30 de março de 1745, passando-se aos onze annos de idade para o Rio de Janeiro, onde continuou os seus estudos no antigo seminario de N. S. da Lapa, sob a direcção d'habeis professores jesuitas. Contava apenas dezenove annos quando deixando as plagas do Guanabara regressou á sua patria afim de frequentar os cursos da universidade de Coimbra, onde formou-se em direito canonico em 1771, ficando logo de posse d'uma das cadeiras d'oppositor. Seis annos depois foi promovido ao honroso cargo de bibliothecario da mesma universidade que para elle expressamente se creára, recebendo em 1779 o diploma de socio d'Academia real das Sciencias de Lisboa, creada pelo duque de Lafões.

Elevado á categoria de substituto da faculdade de canones, exerceu com grandes applausos o magisterio até que foi chamado á côrte em 1788 para desempenhar a missão de deputado da junta de revisão e censura do novo codigo; sendo galardoados os relevantes serviços que nessa qualidade prestára com a beca de desembargador da *Casa da Supplicação*.

Não perdia Ribeiro dos Sanctos a esperança de volver ás doces ribas do Mondego solicitando para semelhante effeito a effectividade do seu lugar de lente; o que com facilidade obteve, designando-lhe o decreto de 19 de janeiro de 1790 a primeira cadeira synthetica das Decretaes.

Havendo recebido a sagrada ordem de subdiacono nesse mesmo anno, concorreu para uma das cadeiras da conego de sé de Viseu, na qual foi apresentado em 1793; sendo ao mesmo tempo nomeado deputado do Santo Officio por provisão do bispo inquisidor-mór D. José Maria de Mello.

Jubilando-se na cadeira de Decretaes, foi nomeado censor regio e chronista da casa de Bragança em 1795. Creando-se no anno seguinte a bibliotheca publica de Lisboa recahiu sobre o erudito professor a nomeação de bibliothecario-mór.

Honrou-lhe a rainha fidelissima com o titulo de seu conselheiro por carta regia de 26 de maio de 1802, transferindo-o dois annos depois para uma das conezias da sé archiepiscopal d'Evora, mediante concurso a que concorrera o distincto canonista-bibliothecario.

Repleto d'honras e distincções seriam verdadeiramente felizes os seus ultimos dias si não tivesse a desgraça de perder a vista, em consequencia do excesso com que á cultura das letras se entregára. Falleceu a 16 de janeiro de 1818, sendo sepultado na igreja parochial de N. S. da Lapa.

Foi socio d'Academia celtica de Paris, da das Sciencias de Lisboa e de varias outras associações; pretendendo alguns dos seus biographos que tambem pertencera á *Arcadia Ulysiponense*, onde tomára o apellido d'*Elpino duriense;* proposição esta combatida vivamente pelo Sr. Innocencio F. da Silva em seu *Diccionario bibliographico*, para cujas eruditas paginas remettemos o leitor curioso.

Grande numero d'escriptos em latim, e portuguez, impressos e manuscriptos, deixou o doutor Ribeiro dos Sanctos, cujo catalogo organisou o diligente bibliographo supra citado, e de cuja leitura resultará grande copia de conhecimentos aos amadores da nossa litteratura.

Pondo de parte, por alheias ao nosso assumpto, as suas composições prosaicas, so fallaremos das *Poesias* publicadas em Lisboa entre os annos de 1812-1817 em tres volumes em-4°. No pensar do illustre Garrett, « ninguem melhor do que Antonio Ribeiro dos Santos imitou a Ferreira, sendo algumas de suas epistolas d'uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias. Seguindo a trilha d'*Horacio*, cuja *lyrica* trasladára em verso portuguez, fazendo-a imprimir na typographia regia no anno de 1807, dedicou Ribeiro com mór especialidade seu éstro ao genero didactico, escolhendo de preferencia a fórma epistolar conjuntamente com a da ode nelle sempre mais philosophica do que lyrica.

Mui versado na leitura dos classicos e summamente apaixonado

pela sua correcta e elegante dicção com dôr via o nosso poeta o menoscabo em que pelos proprios naturaes era tido o idioma portuguez, do que se lamenta em varios lugares das suas obras. D'entre estas façamos selecção da epistola endereçada a *Alexis*, na qual se acham estes judiciosos pensamentos :

Que má ventura, meu Alexis, corre
A nossa lingua outr'ora tão senhora
De povos mil de varios continentes,
Desd' as margens do Tejo ao Indo e ao Ganges!
Uns a desdenham, outros a atassalham;
Este tacanha a faz, transida e magra,
Aquelle a tacha d'ensoada e fria;
Est' outro lhe dá costas atrevido,
Como se fosse rustico numida :
Qual a troca por outras estrangeiras,
Menos gentis do que ella menos ricas,
Ingrato filho ao leite que mamára,
Cidadão desleal, de Lysia indigno.

N'outra epistola, dirigida a *Lereno*, exalta os primores da poesia nacional, e animado pelo sacro amor das patrias letras, aconselha-lhe que as cultive incessantemente : *Nocturna versate manu, versate diurna* na phrase do Venusino.

Pois tens lido de gregos, de romanos
Poetas d'alta fama, e nome eterno,
É tempo de passar aos nossos : certo
Que eu não sei d'outros das nações modernas
Que mais os bons antigos imitassem.
Se lêr os nossos nelles achas tudo :
Rica linguagem, elegancia, estylo,
Doce harmonia, sasonado gosto,
Apurada moral, saber profundo,
Sentimentos já ternos já sublimes.
Si tu queres ouvir em metro altivo
Os sons divinos dos celestes deuses,
O cantor immortal do Gama, o sabio
Cantor do vago Ulysses te apresentam
Epica tuba, quasi igual á grega,
Quasi igual á romana : ouvirás feitos
Em grandiloquo estylo remontados,
Que enchem de brio, e d'estro o peito humano,
E a gran valor os animos levantam.

Si mais tenro e sensivel so desejas
Ouvir fallar o coração, a frauta
Que o mavioso Euripides soprára,
Nas mãos te põe o inclito Ferreira:
Soam d'Ignez suspiros, soam magoas,
Do caro esposo seu as queixas soam;
Falla amor e saudade, e susto e medo,
Terror e ira; nunca a lusa lingua
Abriu mais vivamente as paixões d'alma.

Espalham-se a bondade de sua alma e a doce paz da sua consciencia na seguinte pintura que da sua vida e aspirações faz a uma illustre dama, filha do general francez de Valleré:

Os prazeres, senhora, são diversos
Como o são sempre as condições do homem.
Chamam-me godo, solitario e triste,
E sem prazer na vida: e eu vivo alegre
A mim e aos meus: e de mim so contente
E d'aquelles que eu amo, estimo e préso
Por cima das estrellas; que mais quero?
Um lá se apraz, bem que visinho á morte,
D'erguer palacio que assoberbe a praça
Alvo da inveja: aquelle so procura
Amontoar attalicos thesouros
Desbarato de prodigos herdeiros;
Este já regalar com seus banquetes
A cortezãos vorazés, so constantes
Em quanto venta a esplendida fortuna;
Aquelle cavalgar gentil cavallo
Ou com veloz carroça de seis urcos
Atormentar as ruas d'Ulyssea
Com quem vão a la par duros cuidados;
Um folga de bater a mata umbrosa
Co' os sabujos varar co' o dardo as feras,
Prear as aves, e por so recreio
Tirar-lhe a liberdade, ou doce vida,
Que como a nós Natura lhes doara:
Outro já de gastar o dia e a noite
No ardido jogo, em que o dinheiro perde
Com que falta a si mesmo, á esposa, aos filhos;
Quantos ha que em molleza e ocio inerte
Curam so de contar de seus maiores,
A que não se assemelham, feitos raros
Ou na paz, ou na guerra! Quantos outros

Já vivem so de cortejar airosos
Com vagabundo amor garridas damas,
Como elles infieis; ou d'ir na noite
Consummar do mal gasto dia o resto
No comico theatro, não pudica
Escola de costumes, d'acções bellas,
Qual foi n'Athenas e qual ser devia;
Ver os jonicos bailes devassados,
E ouvir d'impuro amor mil garridices,
Que ver não podem ser corar de pejo
Graves donas e moços, castas virgens!
Eu cá vou n'outro bordo, outros prazeres
Me embalam dia e noite mui sereno.
Quereis saber, senhora, em que consistem?
Em gozar de meus lares, de meu predio
Ter uma casa minha so, não d'outrem,
Não sumptuosa e grande que se espantem;
Mas nem pequena, em que eu respiro largo,
Aonde tenho em camara risonho
Leito tambem so meu, não compartido,
Sem cuidado de filhos que me chorem
E sem sustos que entorno de mim voem,
E meu placido somno me quebrantem.
Onde tenho a banquinha, testemunha
Fiel do meu pensar, de meus escriptos,
Que eu desejo que suba aos astros quando
Finar meus dias, feita clara estrella:
Aonde a boa fé, onde a verdade
Lizura, quietação e paz serena
Moram commigo; aonde nunca chega
Um so credor nem já cruel demanda,
Que venha perturbar meus doces lares:
Onde me assiste uma familia antiga,
Que me ama e estima, e me allivia em parte
O peso dos domesticos cuidados:
Onde ha decentes moveis não modernos,
Não esplendidos, mas limpos arranjados:
Pouca alfaia e baixella, mas que basta,
E nada deve a quem a obrou do preço:
Onde ha vinte paineis de mão de mestre
Que quanto mais os vejo, mais me agrado,
E em longa sala estantes enfiadas
De bons livros da douta antiguidade,
Que ensinando mil coisas me deleitam
Sem risco de lisonja, ou vil engano
Tão geral entre os homens que ora vivem.

Apesar de longo, pensamos que aprazeria ao leitor a transcripção integral d'este trecho em que o discipulo d'Horacio tão delicadamente pinta a *aurea mediocritas* por seu mestre desejada aos sabios.

Finalisaremos as citações com alguns excerptos da bellissima epistola em que o doutor Ribeiro dos Sanctos dá conta d'uma digressão que fizera da cidade do Porto ao sitio denominado Vallongos :

Pedes novas de mim e saber queres
Como fiz a jornada; ora eu t' o digo
Em breves termos, que lugar não tenho
D'escrever mais d'espaço : concordamos
Eu, o João, o conego e o Sampaio
Em ir de cavalgata até Vallongo
Por fazer a vontade ao nosso Marques.
Eis raia o dia e cada qual as botas
Calçando cuida de se pôr mais prompto
Que um gamo na carreira; já com brio
O vermelho Sampaio se apresenta
N'um formoso ginete bem montado,
Qual leva o delio Apollo com grão fausto
Nas pythonicas festas galopando :
João n'uma bestinha mansa e linda
Que inveja foi das damas cavalleiras :
O conego no seu rocim, nascido
Nos curtos dias d'engilhado inverno:
E eu, que sabes, sou como um rabaça
N'um esgalgado macho de Vallongo,
Que o bom do Marques me mandou por peça,
Monto tremendo na escaldada sella,
E benzo-me tres vezes mal seguro,
E aos lombos d'alta besta me encommendo :
Logo ao sahir commigo deu em terra
Não sem motetes dos amigos; subo
Outra vez ao gigante em novos sustos;
E assim tal equejando fui meus passos
Atrás de todos co' a poeira em rosto.
Mil vezes me lembrei de D. Quixote,
E mil de Sancho nesta cavalgata;
Mas elles iam ver formosas damas
Filhas do sol, e eu o padre Marques.
Depois de varios trances e paradas
Alfim chegamos a Vallongo; o Marques

Com grandes salas e folias desce
Á porta á receber-nos rindo muito,
E tomando pitadas de tabaco.
Apenas da fadiga descançamos,
Eis-nos nos dá co' o jantar na mesa prompto
Adivinhador da fome que já todos
Traziamos: no meio se apresenta
Verde alguidar vidrado d'alto brio
D'açafroado arroz arrebentando
Que elle so bem podera em grandes bodas
Fartar por dias dez todo o Vallongo,
Um grão prato de vaca, a quem fazião
Que era muito de ver, brilhante escolta
Um lamegal presunto e quatro paios,
Valentes capitães d'almogavares..
Geme co' o peso enorme a velha mesa,
Que esteve a pique d'arrasar por terra
A toalha, o comer, baixella e copos;
E banhar de bom vinho o pavimento.
Por remate do esplendido banquete,
Um atacado prato d'altas bordas
Soberbo com doirada sopa chega,
Que desde o albor do dia arregaçadas
Duas moças esbeltas trabalháram,
Mais guapas e gentis que as cyprias rosas
Que as cerejas de maio mais coradas,
Por quem dois Faunos namorados morrem.

A simplicidade d'esta narração amplamente satisfaz o preceito de Blair relativamente ao genero epistolar; e traz-nos á lembrança a bella carta do nosso compatriota, o padre Sousa Caldas, ao seu amigo João de Deus Pires Ferreira.

Terá talvez notado o leitor certo prosaismo nos versos de Ribeiro dos Sanctos; mas essa tacha commum a Sá de Miranda, Ferreira e Caminha, que lhe serviram de modelos, é quasi que congenita á poesia didactica, na qual o mestre Horacio recommenda o emprego d'um estylo mais chão *sermone pedestre*.

N'um exemplar que temos presente das obras poeticas do distincto litterato, que pertencera ao nosso erudito conterraneo Antonio de Moraes e Silva, deparamos com varios apontamentos dos lugares em que menos correcta fôra a sua linguagem. Cumpre porém que ponderemos que muitos d'esses solecismos não podem

ser attribuidos a um homem tão lido em nossos classicos como era Antonio Ribeiro dos Sanctos, e sim a algum ignorante copista; e que certas minudencias philologicas, ou *nadas grammaticaes*, na expressão do abalisado latinista Cardoso, podiam facilmente escapar, ou serem mesmo desconhecidas a quem d'ellas não fazia particularissimo estudo, como o illustrado lexicographo a que nos referimos. Sentimos porém que a estreiteza do nosso plano vedenos de transcrever algumas d'essas annotações, recommendaveis por mais d'um titulo.

LICÃO XXXIV

ESPECIES SATYRICA E EPIGRAMMATICA

ESPECIE SATYRICA

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

Este eximio poeta que tão elevada hierarchia occupa na nossa poesia lyrica consagrou tambem seu peregrino talento á confecção d'uma obra no gosto do *Lutrin* de Boileau, escolhendo para ella este identico titulo.

O Hyssope. — Pertence este poema ao genero denominado *heroi-comico*, que ao contrario da *Epopea* procura inspirar nos animos dos leitores sentimentos de desprezo pela acção que se propõe cantar. Funda-se principalmente no contraste do grande com o pequeno, do sublime com o ridiculo. Tractando d'esta especie, assim s'exprime um judicioso critico : « Exagera, para divertir-vos, seu valor e sua colera; nem aos preconceitos, á razão e á verosimilhança respeita, e encanta-vos, esclarece-vos, e interessa-vos pela animada pintura das burlescas visões que os seculos consagram dos desenfreados caprichos que geram as paixões, e risonha ironia cujas setas lança contra todos os erros, extravagancias e charlatanices[1]. » Instruindo por meio do motejo e da zombaria, realisa optimamente o pensamento d'Horacio :

[1] Lemercier, *Cours analytique de littérature.*

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci
Lectorem delectando, pariterque monendo [1].

Pequena e burlesca é, como convinha, a acção do *Hyssope*, consistindo na lucta entre o bispo e o deão da igreja d'Elvas, por recusar-se este a offerecer o *hyssope* áquelle quando entrava na cathedral. Ferido o prelado, que então era D. Lourenço de Lencastro, d'este acto d'irreverencia, machinou com alguns dos seus partidarios um accordão do cabido pelo qual era o referido deão, José Carlos de Lara, constrangido a fazer por dever o que até alli practicara por obsequio. Interpoz o offendido recurso para a metropole, que recusou-lhe fazer justiça confirmando a nescia decisão do cabido. Grande seria o desespero do *grosso Lara* ao receber a nova de semelhante sentença, si na prophecia do nigromante Abracadabro não visse vingadas no futuro as suas injurias pelo seu sobrinho e successor.

No nosso fraco entender forma o *Hyssope* a corôa poetica de Diniz, e mais do que as suas *Odes pindaricas* concorreu para transmittir aos posteros o seu preclaro nome. Seguindo a trilha de Boileau, excedeu ao mestre; descobrindo-se na obra do poeta portuguez mais regularidade no plano, mais frescor d'imaginação e mais veracidade nos quadros. Em presença de todos estes predicados, não duvidou Garrett de qualifica-lo de «mais perfeito poema heroi-comico que ainda se compoz em lingua nem-uma [2].»

Entrando na summaria apreciação das bellezas d'este poema, citaremos em primeiro lugar a seguinte pintura do palacio do *Genio das Bagatellas* :

D'este pois populoso e vasto imperio
Em paz empunha o sceptro soberano
O Genio tutelar das Bagatellas.
N'um magestoso alcaçar que se eleva,
Com estranha structura, até as nuvens,
Assiste o grande Nume; alli rege
A lunatica gente, a seu arbitrio.
De transparente tallo fabricado
É o largo edificio que sustentam

[1] *De arte poetica.*
[2] *Bosq. hist. da ling. e poes. port.*

Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantam;
De capricho obra em tudo muito prima
Onde a materia cede muito á arte.

Simples e engraçada é a pintura do banquete dado pelo bispo aos conegos seus parciaes; sendo porém para extranhar que a tão assiduo cultor das lusas letras escapassem nella alguns gallicismos que griphados vão:

Já na soberba mesa cem terrinas
O vapor mais suave derramando
A insaciavel gula provocavam:
Quando chegam ao cheiro os convidados
Que, feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincção em torno se assentáram.
Começam a chover logo os manjares;
Cem perdizes, cem pombos, vem voando,
Cem especies de molhos, cem assados,
Grandes tortas, tymbales, pasteis, cremes
Cobrem com symetria a grande meza:
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna
Cozida em branco leite, ou doce vinho.
Mil fructas, mil *corbelhas*, mil *compotas*
A terceira coberta logo adornam;
E em dourados chrystaes, oh! loução Bacho!
De tuas plantas brilha o roixo summo
Entretanto na porta do palacio
A cem pobres o bicho da cozinha
Por ordem do Pastor caritativo
Um caldeirão de caldo repartia.

Recommendavel pela sua naturalidade, é a entrevista do deão com o doutor Fernandes, com quem se fôra aconselhar sobre o que de melhor devera fazer afim de subtrahir-se á cruel sentença do cabido. Ambos os caracteres são admiravelmente desenhados, como verá o leitor do seguinte fragmento:

Neste momento, sua senhoria
Á porta chega, e o grão consulto ao ve-lo
Logo o rustico deixa e vai busca-lo.

A parte se retiram; e no caso
Que o deão lhe propõe ambos conferem,
Aqui a livraria vem abaixo;
De poeira uma nuvem se levanta
Que sahe dos velhos e traçados livros;
Em vão sacode os punhos e a casaca
O bom deão: que quanto mais sacode
Mais poeira dos livros vem cahindo.
Lê, e relê o gran jurisconsulto,
E depois consid'rando assim conclue:
— A metropole vossa senhoria
Deve logo appellar. Isto me ensinam
Os doutores, senhor, que tenho lido.
— Inda assim (replicou o fofo Lara)
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen, Dupin, Bartholio.
Estes livros louvar e seus auctores
N'uma douta assemblea tenho ouvido.
Que Van-Espen, Dupin e que Demonio
(Disse o consulto então escandescido),
Esses nomes jamais, esses escriptos
Nem ouvi repetir, nem meu peculio
Com elles uma vez allega e prova:
Sem duvida serão alguns hereges.
Aqui temos o bom Panormitano
Em grande letra gothica, os Fagnanos
Valenças, Bellarminos, Anacletos:
Estes sim que são livros de mãos cheias
E não esses auctores estrangeiros
Que com sua doutrina a Igreja empestam.
O que eu lhe digo faça, appelle, appelle,
E deixe-se do mais que é parvoice.

A mais comica situação de todo o poema é a conversa do deão com o padre-mestre jubilado na cerca dos capuchos, que sentimos não poder por sua extensão transcreve-la integralmente. Logo na introducção começa o auctor a manejar com arte a arma do ridiculo quando diz:

Aqui soando pois, como um cavallo,
Chega o deão, a tempo que o porteiro
A porta do claustro prompto abria;
E vendo do deão a gran' fadiga
D'esta sorte lhe diz sobresaltado:
— Que é isto, meu senhor? Que estranho caso

Aconteceu a vossa senhoria
Que per baixo de calma tão intensa
A nossa casa o traz tão affrontado?
Matou acaso algum dos seus collegas?
Roubou a sacristia? ou do diabo
Tentado violou alguma virgem
E asylo vem buscar em nossa igreja?

Depois d'explicar ao porteiro que nem-um d'estes desastres lhe havia acontecido, mas que sómente desejava fallar com padre-guardião sobre negocio urgente, e havendo obtido do digno ostiario a promessa d'ir acordar sua reverencia antes da hora em que sohia finalisar a sua sésta, dirige-se para o jardim do convento, a que denominavam de *cerca*. Transcrevamos o encontro do illustre Lara com o religioso franciscano :

Isto dizendo ao dormitorio sóbe
E o deão caminhando para a cerca
Com outro reverendo acaso topa
De gran' barriga de cachaço gordo
Que attento o cumprimenta e acompanha.
Quiz então a fortuna que este fosse
Um dos padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, ex-leitor, e jubilado
De todos o mais douto, excepto o Arronches,
Pregador de gran' fama na cidade.
O bom Lara que havia longo tempo
Que nesta sancta casa não entrava,
Aturdido ficou quando aos seus olhos
Na cerca entrando, juntos se lhe off'recem
As areiadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, e que em torno
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado
Quando fitando curioso a lente
Na estatua que primeiro alli se encontra,
Pergunta ao jubilado : — Quem é este
Monsieur Paris? — segundo diz a letra
Que por baixo na base tem aberta :
Si se houver de julgar pela apparencia
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi francez e talvez cabelleireiro,

Inventor do topete que o enfeita.
— Páris, e não Paris, diz o letreiro
(Circunspecto lhe volve o padre-mestre),
Nem francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa,
Mas em Troya nasceu de regia estirpe.
— Pois si francez não foi (replica o Lara),
Como Monsieur lhe chamam?
— C' um sorriso
Lhe torna o padre mestre. « Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo :
Ao pé de cada canto hoje sem pejo
Se tratam de *Messieurs* os portuguezes,
Isto, senhor, é moda, e como é moda
A quizemos seguir, e sobretudo
Mostrar ao mundo que francez sabemos. »
— De tanto peso pois (lhe volta o Lara),
É, padre-jubilado, per ventura
O saber o francez, que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas reverencias?
Per acaso sem esse sacramento
Não podiam salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui em segredo lhe descubro
Que o francez para mim o mesmo monta
Que a lingua dos selvagens boticudos.

Dando com a estatua de Helena, pergunta o deão .

E esta madama Helena (continúa)
Que d'elle está defronte per ventura
É troyana tambem, ou é franceza
Como do penteado mostra o gosto?
— Não foi, senhor, franceza, nem troyana,
Responde o padre-mestre, d'alto sangue
Em a Grecia nasceu; e no seu throno
Sparta em tempo a viu; mas sceptro, esposo,
A patria, a fama, a gloria d'alta estirpe,
Tudo deixou por Páris.
— Pois que! o esposo,
A cara patria, o sceptro, a fama, a gloria,
Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
Valente Marafona foi por certo
A tal madama Helena! E quem foi esta?
Diz a letra, madama Pena-Lopes,
Proseguia o deão, talvez seria
Tão boa, como ess' outra?

— Essa (responde
O douto jubilado), é d'outra láia:
A famosa Penelope foi esta
Do conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado hymeneu nas castas aras
Um perfeito exemplar; grande matrona;
Boa mãi de familia; e extremada
Entre as mais do seu tempo, tecedeira
N'uma teia gastou mais de dez annos.....
— Que me diz, padre-mestre, está zombando!
(O deão aturdido lhe replica)
Em urdir e tramar uma so teia
Dez annos consummia a tal madama!
E diz-me que foi grande teceloa?
A minha ama..... é mais é uma toupeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes,
E contudo não passa entre as peritas
Por grande sabichona neste officio.
— Nisso mesmo é que esteve a habilidade
(O padre lhe tornou), pois que de noite
O que obrava de dia desmanchava.
— Peior (diz o deão). Isso é o mesmo
Que para atrás andar qual caranguejo.
Jurarei em cem pares d'Evangelhos
Que essa mulher perdido tinha o siso.

Proseguindo na revista das estatuas parou o deão diante da d'Hercules, e inquirindo do padre-mestre quem elle era, e quaes as suas façanhas, assim lhe responde o douto filho de S. Francisco:

Esse (responde o padre) foi Alcides,
Cujo tremendo braço, cujos feitos
Ha de por certo vossa senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente
Em seus sermões o nosso padre Arronches.
— Engana-se, senhor (o deão volve),
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida,
E posto que no côro muitas vezes
Em razão d'esta minha dignidade
A meu pesar alguns ouvir eu deva,
Em quanto o padre grita estou dormindo:
Pois d'outra sorte disfarçar não posso
A fome que me ataca a essas horas.
Si eu algum dia for eleito bispo
(Como esperar me faz o regio sangue

De Lara que nas veias me circula),
Já desd' aqui, meu padre, lhe prometto
Que estes sermões desterre do bispado;
E si nelle inda achar quem tenha o flato
De prégar, lhe darei prompto remedio:
Mandarei que cumprindo seus desejos
Vá prégar aos hereges e gentios,
Que o premio lhe darão do seu trabalho;
E escusam de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve per uso o povo e não entende
E pagar vem por fim, por alto preço:
Dando (coisa que muito a mim m' espanta),
Sem saber porque o seu dinheiro.
Sermões? E quando quer jantar a gente?
A fome so augmentam, causam somno.

Innumeros primores da ordem dos que havemos citado se encontram nesse precioso episodio do poema, que quanto a nós, excede a tudo o que de espirituoso e sarcastico se depara no *Lutrin*, e ainda no *Orlando furioso* de Ludovico Ariosto, que diversa vereda trilhando, não deixa por isso de ser um poema heroi-comico.

Para não sermos prolixo, supprimimos a citação de muitos outros lugares excellentes do *Hyssope;* não podendo contudo deixar em olvido a riquissima apostrophe que dirige Diniz ao celebre meirinho Gonsalves:

Denodado Gonsalves (si meus versos
Alguma coisa podem, si rompendo
A nevoa escura dos futuros évos,
Sobre as azas do tempo se espalharem
Pela terraquea mole), em quanto alcaides,
Quadrilheiros houver, houver meirinhos,
O teu nome será sempre famoso
Pelo heroico valor com que abarbaste
Do gordo bispo a temerosa sanha;
E dos leitões na praça em quanto as nuvens
A fronte levantar a gran' Lisboa
Entre a terrivel pestilente corja
D'alguazis desalmados e vorazes
Com inveja e louvor serás de todos
Polo primeiro beliguim contado.

No meio de tanta coisa boa descobre a critica neste famoso producto do satyrico engenho de Diniz algumas locuções prosaicas, versos duros, e o que peior é, palavras obscenas que para provocar o riso foram empregadas. Infelizmente padecem d'este achaque a mór parte dos nossos escriptores jocosos, que offendem os ouvidos procurando ter espirito. São porém taes liberdades, desculpaveis antes n'uma producção d'estudantes como a do *Reino da estupidez*[1], do que na d'um grave e circumspecto magistrado como era o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Viu pela primeira vez a luz publica o *Hyssope* no anno de 1802 em Londres, sendo seguida esta edição de mais quatro que foram successivamente publicadas em Paris em 1817 e 1821, sendo a ultima enriquecida de prologos e notas pelo erudito philologo Timotheo Lecussan Verdier, juntando-lhe uma finissima gravura. Além d'estas tres edições, ha mais uma dirigida pelo Sr. José da Fonseca, e que se acha incorporada nos *Satyricos portuguezes*, que constitúem o sexto volume do *Parnaso lusitano*. Diz o Sr. Innocencio F. da Silva (a que devemos estes dados bibliographicos), que durante a occupação franceza fizera imprimir o livreiro Rolland em Lisboa, no anno de 1808, mais outra edição da qual recolheu quasi todos os exemplares que estavam expostos á venda, logo que foram expulsos de Portugal os soldados de Napoleão; por ser nesse tempo a dita obra prohibida no reino. Acrescenta o infatigavel bibliographo que no anno de 1834 sahira dos prelos de João Nunes Esteves uma quinta edição inferior a todas que até aqui tem apparecido. Affirma finalmente que fora o *Hyssope* vertido para a lingua franceza pela diligencia de Mr. Boissonade, que fe-lo-estampar em Pariz no anno de 1828, debaixo d'este titulo: Le Goupillon, *poëme héroï-comique*, *traduit du portugais d'Antoine Diniz*.

NICOLÃO TOLENTINO D ALMEIDA

Nada podemos colher ácerca da naturalidade d'este distincto poeta; assim como das circumstancias da sua vida e morte. Col-

[1] Este poemeto heroi-comico foi, como acima dissemos, devido ao genio sarcastico dos doutores José Bonifacio e Mello Franco, que souberam tão bem guardar o anonymo,

ligimos unicamente da leitura das suas obras que fôra professor de rhetorica em Lisboa, e que pobremente passára a sua existencia, implorando sem cessar a protecção dos grandes. Consta ainda d'um memorial que endereçára ao principe real que frequentára por sete annos o curso de preparatorios da universidade de Coimbra, aperfeiçoando-se n'arte de persuadir de que mais tarde, por falta d'outros recursos, lançou mão para sustentar-se a si e a seus irmãos. No intervallo que lhe sobrava dos onus magistraes entregava-se Tolentino ao tracto das musas, em que adquiriu grande renome, especialmente na especie satyrica.

Ninguem melhor do que Nicoláo Tolentino comprehendeu na lingua portugueza o difficil papel de critico; ninguem melhor compenetrou-se do « *ridendo castigat mores* » do velho Horacio. Eis a sua professão de fé a tal respeito, ou, como hoje se diz, o seu programma :

« Como o meu intento era divertir a Vossa Excellencia [1], ajuntei o prazer á philosophia da obra, e tracei uma satyra : este nome assusta o vulgo ignorante, confunde a satyra com libellos infamatorios; as que ha d'esta natureza são um crime do poeta, que quer emendar erros fazendo mais um; das melhores cousas se pode usar mal; a espada na mão do assassino é o escandalo da humanidade; nas mãos do soldado fiel é a guarda do throno e das leis : Vossa Excellencia sabe que a severa Athenas, prohibindo as satyras da comedia antiga e media, levantou theatros para a nova, porque expunha á irrisão do povo os vicios sem apontar os homens. O riso não implica com a doutrina : Platão e Horacio caminháram por estradas diversas, mas ambos foram philosophos, ambos instruiram os homens. . . . . »

Por esta singela exposição de principios claramente vê-se que nada tinham de pessoaes e directas as satyras do illustrado rheto-

que as iras dos lentes offendidos voltáram-se antes contra dois dos seus mais graves collegas Ricardo Raymundo Ferreira e Antonio Ribeiro dos Sanctos, e que por essa causa soffreram perseguições. Apesar da vivacidade da narração d'alguns bellos episodios que nelle se encontram, é muito inferior ao *Hyssope* que lhe serviu de modelo. Foi pela primeira vez publicado em Paris em 1819, e tem tido mais tres edições, sendo a ultima a de 1834, incorporada á dos *Satyricos portuguezes*.

[1] O marquez d'Angeja (D. José de Noronha), a quem o nosso poeta dedicou a sua muito estimada satyra intitulada *Os Amantes*.

rico, ás quaes com justiça se poderá applicar o judicioso pensamento de Bocage:

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando nellas calumnia o fel não verte;
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vicio nota, o merito gradúa.

Entrando na exemplificação do que acabamos de dizer, começaremos por algumas citações da satyra conhecida pelo «*Bilhar*», que na opinião dos mais acreditados criticos passa por uma das melhores em seu genero. Cheio de verdade e d'espirito é o seguinte retrato d'um máo versejador, um d'esses a quem lord Byron qualificava de pertencente á *canalha dos poetas:*

Mais ao longe com pallida viseira
Sujo posta está vociferando;
Da nojosa empeçada cabelleira,
Varias pontas de palha vem brotando.
Os papeis que lhe pejam a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz de vestia camisa e é collarinho
Torcido solitario pescocinho!

Fôra cem vezes em nocturno outeiro
Da sabia prelada apadrinhado;
E diz-se que glozava por dinheiro;
Mas creio que até aqui não tem cobrado:
Seguindo em moço o officio de barbeiro,
E das filhas de Jove namorado,
Abriu ao mundo asperrima batalha
Tanto co' a penna como co' a navalha.

Fallou por affectar musa campestre
Em surrão e cajado muitas vezes;
Era um flagello este tyranno mestre
Dos ouvidos efaces dos freguezes;
Todos os versos leu da estatua equestre,
E todos os fumosos entremezes
Que no arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um Brabante.

De cançada rançosa poesia
Grosso volume n'algibeira andava;

Em vendo gente logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;
Acrosticos sonetos repetia
Que so elle entendia e so louvava;
Punha em prosa tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo esmola.

Este ouvindo da turba as prosas frias
E aceso do Parnaso em sancto zelo
Alçando a voz cantou doces poesias
Que invejou de Latona o filho bello.
Jurando que as fizera em poucos dias
Prometteu que as havia dar ao prelo;
Mas da roda um dos menos depravados
Em desconto as ouviu dos seus peccados.

Debalde (diz), o povo vil, perverso,
Sobre mim descarrega tiros rudos!
Que eu não so sou poeta desd' o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos:
Sei que syllabas leva cada verso
E não misturo graves com agudos;
Roupo outeiros em Sant' Anna e Chelas;
Chamei sol á prelada, ás mais estrellas.

Co' as sonoras palavras *Pindo e plectro*
Ponho em meus versos locução divina;
E sei para cumprir as leis do metro
Quanto a historia das fabulas m'ensina;
Sei que dos ceos tem Jupiter o sceptro,
Que nos infernos reina Proserpina;
A madrugada sempre chamo Aurora,
Sempre chamo a um jasmin mimo de Flora.

Sei de certo em que tempo veio ao mundo
Filhos da terra os quatro irmãos gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que são consoantes e toantes;
Sei tudo; e unicamente me confundo
C' uns taes versinhos que eu não via d'antes;
Aos novos ursos todo o povo acode,
O estylo é sybillino, o nome é ode.

Faze-las eu não quero, nem desejo;
Porém sei conhece-las facilmente!
Co' as verdes mãos o serpeado Tejo

Alça o trilingue madido tridente
Mas que Gorgona feltra? Eu vejo!..... eu vejo! ...!.
Em dizendo isto é ode certamente
E filha d'arte a escuridade é d' ellas,
É um preceito das *desordens bellas.*

As taes poesias que a entender não chego
Podres palavras tem desenterrado;
Se levam nó é tão occulto e cego
Que quem quer desata-lo vai logrado;
Dizem que imitam nisto um certo grego
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Si isto é assim, a sua lingua d'oiro
Seria grega, mas fallava moiro.

Quatro rapazes estendendo o panno
Deixam as gentes ao redor absortas;
Fallando em Venuzino e Mantuano
As musas portuguezas põem por portas;
Aprendendo francez e italiano,
E umas taes linguas a que chamam mortas,
Trazem com ellas perigosas modas,
Mas ainda bem que eu as ignoro todas.

Diz um sabio que o seculo presente
Ia emendando os erros do passado;
Mas que das odes a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez estropeado;
Que amontoam com mão impertinente
Quantas palavras velhas tem achado;
Que se envergonham das que usamos todos
E vão busca-las muito além dos godos.

Como caruncho e podridão condemna
A lição affectada dos antigos;
Não leio Barros, Sousa, nem Lucena,
Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos;
Ou sempre escreveu mal a sua penna,
Ou nunca as leram bem os taes amigos,
E por cautella arreda bolorentos
Ginjas fataes do tempo dos quinhentos.

Não podem crer os genios lusitanos
Que as modas como as vidas são pequenas;
Que já murchou esse estro dos romanos
E influem sobre nós outras Camenas;

Que o tempo tragador, volvendo os annos,
Fez cahir Roma, fez cahir Athenas,
Que jaz no pó a Iliada envolvida,
E que alça a frente a *Fenix renascida*.

Optimamente desenhado é o quadro que nos traça d'um velho Adonis, e com summa graça satyrisados os seus ridiculos. Vejamo-lo :

Velho que attento namora,
Que arrasta calmas intensas
Por servir a quem adora:
Que lhe cobra logo as tenças,
Que é comprador da senhora;

Que é calado, que é pollido,
Que tem um coração liso,
Com outras não dividido,
Pelas damas de juizo
Aos moços preferido.

Que faz sobrancelha preta,
Corpo esbelto, olhos bonitos,
Si sabe a dama discreta
Que nos cafés seus escriptos
São a segunda gazeta.

Mil relogios, mil fivellas
Que aos Adonis muitas deram
Por uma irmãn ir a Bellas,
A terça feira penderam
Nas cabanas das adellas.

Terminemos as citações das satyras de Nicoláo Tolentino transcrevendo o excellente soneto em que tão habilmente achincalhou a moda dos grandes e elevadissimos toucados :

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa a mãi ordena
Que o furtado colxão fôfo o de penna
A filha o ponha alli, ou a criada.

A filha moça, esbelta e aparaltada,
Lhe diz co' a doce voz, que o ar serena :

—Sumiu-se-lhe um colxão, é forte pena,
O lhe não fique a casa arruinada.

Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que por ter pai embarcado
Já a mãi não tem mãos? — E dizendo isto,

Arremette-lhe a cara e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colxão de dentro do toucado.

Depois das transcripções que havemos feito, pensamos que ninguem tachará d'exagerado o juizo de Garrett quando diz: «que Nicoláo Tolentino é o poeta eminentemente original no seu genero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica.»

ESPECIE EPIGRAMMATICA

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

A semelhança de Camões, raro é o genero de poesia em que não nos legasse este illustre poeta alguns testemunhos do seu pasmoso engenho. Primou porém na especie de que nos occupamos; e ninguem, nem antes, nem depois d'elle, lhe ganhou a palma. Parece que tinha constantemente em vistas as severas regras que lhe prescrevera Boileau[1]:

On dit, à ce propos, qu'un jour ce dieu bizarre,
Voulant pousser à bout tous les rimeurs françois,
Inventa du sonnet les rigoureuses lois;
Voulut qu'en deux quatrains de mesure pareille,
La rime avec deux sons frappât huit fois l'oreille,
Et qu'ensuite six vers, artistement rangés,
Fussent en deux tercets par le sens partagés;
Surtout de ce poëme il bannit la licence:
Lui-même en mesura le nombre et la cadence;
Défendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,

[1] *Art poetique*, chant II.

Os membros quasi nus, o aspecto honrado
Por vil boca e vil mão roto e cuspido,
Sem ver um so mortal compadecido
Do seu funesto rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento,
D'atroz, violenta e inevitavel morte,
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

Quem ha que lendo este sentencioso soneto não se recorde da pintura que traça Platão do homem justo, ou ainda mais não lhe pareça ter presente as inspiradas paginas do *Livro de Job?* Dos seus sentimentos eminentemente religiosos legou-nos exuberantes provas o poeta, que, n'um momento d'allucinação, escrevera a *Pavorosa*. D'entre ellas escolhamos o seguinte soneto, em que demonstra a existencia de Deos pelas obras da creação:

Os milhões d'aureos lustres coruscantes
Que estão d'azul abobada pendendo,
O sol, e a que illumina o throno horrendo
D'essa que anima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,
Serras d'espuma contra os ceos erguendo,
A leda fronte humilde o chão lambendo
Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a provida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo que ha Deus a confessar me obriga:

E para crer n'um braço auctor de tudo,
Que recompensa os bons, que os máos castiga,
Não so da fé, mas da razão me ajudo.

A doçura da vida campestre contrastada com a tumultuosa existencia do morador das cidades, é graciosamente desenada no seguinte quadro, digno da penna de Virgilio ou de Columella:

Nos campos o villão sem sustos passa,
Inquieto na côrte o nobre mora :
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça :

Aquelle canta e ri; não se embaraça
Com essas cousas vans que o mundo adora :
Este (oh cega ambição!) mil vezes chóra
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquelle dorme en paz no chão deitado,
Este no eburneo leito precioso
Nutre exaspera velador cuidado :

Triste, sae do palacio magestoso;
Si has de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes sê camponez e venturoso!

Offerece este soneto um dos mais felizes exemplos da figura antithese, e termina pela mais ingenua e tocante apostrophe

Sabe o leitor quão dissoluta fôra a vida de Bocage, e quão errado carreiro obrigáram-no falsos amigos a trilhar ; pois bem, esse mesmo homem de quem tão grandes escandalos partiram, apresenta-nos na beira do sepulchro o mais sublime modelo de contricção e arrependimento. Admiremo-lo :

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava,
Ah! cego eu cria, oh! mesmo eu pensava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

Do que innumeros soes a mente ufana
Existencia fallaz me não doirava!
Mais eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma que sedenta em si não coube
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh! Deus!... Quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Quizemos fechar as transcripções com este mystico suspiro de dôr e d'esperança; reclamou porém contra esta decisão o magnifico soneto em que Bocage, levando de vencida a Victor Hugo, descreve com sombrias côres os ultimos instantes d'um padecente. Ei-lo:

Ao crebro som do lugubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente;
Um Deus consolador, um Deus clemente,
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento.

Duro nó pelas mãos d'algoz cruento
Estreitar-se no collo o réo já sente;
Multiplicada a morte ancêa a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á Divindade,
Sobe, envolto nas sombras da tristeza,
Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar dureza.
Sae a alma d'entre o véo da humanidade,
Folga a justiça, geme a natureza.

LUIZ PAULINO D'OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA

Luiz Paulino d'Oliveira Pinto da França, natural da cidade da Bahia, viu a luz do dia a 30 de junho de 1771, seguiu a carreira das armas, e serviu com distincção na guerra peninsular. D'elle apenas consta (pelo testemunho do Sr. Innocencio F. da Silva) que fôra condecorado com a medalha d'oiro da referida guerra, chegára á patente de marechal de campo, e tivera assento nas Cortes geraes constituintes de 1821. Diz ainda o mencionado biographo que a estas honras juntára o morgadio da Fonte Nova e as commendas das ordens do Christo e da Conceição. Falleceu a 24 de janeiro de 1824 na entrada do nosso porto que demandava a corveta *Voadora*, trazendo a seu bordo o conde do Rio Maior, incumbido d'uma missão *felizmente mallograda*.

Gozou em seu tempo da reputação de grande poeta, sendo para lamentar que ineditas se conservem quasi todas as producções da

sua musa. O que levou-nos a escrever em nosso repertorio, logo após de Bocage, foram dois sonetos seus, que, quanto a nós, não conhecem rivaes na lingua portugueza. Esperamos que comnosco concordará o leitor bastante illustrado para não avaliar os poetas pelo numero de resmas de papel que escrevem, mas sim pelo intrinseco valor de suas composições. Sem mas preambulo, entremos em materia.

Occupa o primeiro lugar entre estes sonetos o que abaixo transcrevemos, recitado no anno de 1808 sobre o tumulo d'Affonso Henriques na igreja de S. Cruz de Coimbra, onde, por ordem de Junot, procedia-se ao desarmamento dos regimentos de cavallaria de Chaves e Almeida, no ultimo dos quaes servia o nosso patricio no posto de capitão. Assevera o Sr. I. F. da Silva que fôra esta rica poesia publicada pela primeira vez no numero XXII do *Jornal de Coimbra*, pertencente ao mez d'outubro de 1813.

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada;
Hoje rende a traição a forte espada
Que jamais se rendeu á valentia.

Oh rei! si minha dôr, minha agonia,
Penetrar podem sepulchral morada,
Arromba a campa e com a mão mirrada
Corre o vingar injurias d'este dia.

Eu fiel, qual te foi Moniz teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo d'immortal coragem;

E ás lagrimas que a dôr aos olhos lança
Recebe, grande rei, por vassallagem,
Acceita-as em protesto de vingança.

A musa da indignação, ou o anjo do patriotismo, inspiravam o poeta-soldado que via-se constrangido pelo estrangeiro a depor sua espada sobre o tumulo d'esse rei batalhador, que, com o seu montante, erguera a nacionalidade a que elle então pertencia.

Admiramos o enthusiasmo do guerreiro; contemplemos agora a doce resignação do philosopho, que nas maximas do Evangelho,

menos do que nas paginas de Seneca, ou d'Epicteto, aprendera a assoberbar a morte.

Duas horas antes d'expirar, arcando com terrivel enfermidade, e rodeado de lembranças, escrevia o marechal Luiz Paulino :

Eis já dos mausoleos silencio horrendo
Me impede respirar, a voz me esfria:
Eis chega a morte eterna, eis morre o dia,
E ao nada a natureza vai descendo.

No, d'anniquilação passo tremendo
Escudo me da san philosophia;
Terror humilde o rosto não me enfia,
Como Catão morreu, e eu vou morrendo.

Mas, ah! tu d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel co' o soffrimento
Me arremeças a mares d'anciedade.

Mulher... filhos... amigos, n'um momento,
No momento do adeus p'ra a eternidade
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento.

Enthusiasta por este bello trecho poetico, que ás diligencias do erudito conego Januario da Cunha Barbosa deveu a sua primeira apparição nas columnas do *Parnaso brasileiro*, lamentamos profundamente que nos supremos momentos, mais discipulo do Zeno do que de Christo, não tivesse o nosso compatriota, ao inverso de Bocage, nem-um pensamento para o ceo, nem-uma ideia de contricção.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA (GLAUCESTE SATURNIO)

No pequeno arraial do Carmo, termo da cidade episcopal de Marianna, na provincia de Minas-Geraes, nasceu, aos 6 de junho de 1729, este suave e melodioso poeta.

Em verdes annos veio para o Rio de Janeiro, e matriculou-se nas aulas que então com singular esplendor mantinha a Companhia de Jesus, e onde obteve com grande applauso de seus mes-

tres o diploma de *mestre em artes*, correspondente ao bacharelado em letras. Terminado o seu curso preparatorio aos désesette annos d'idade, dirigiu-se á universidade de Coimbra, com o fito de estudar direito civil, em cuja faculdade formou-se.

Quando ainda cursava as aulas universitarias, publicou uma collecção de poesias, que, por cadernos, sahiram a luz com varios titulos, como o de *Munusculo metrico*, *Labyrintho d'Amor*, *Numeros harmoniosos* [1], e que foram muito apreciadas pelos seus lentes e condiscipulos.

Obtido o gráo academico, que tão longe fôra buscar, regressou Claudio Manuel aos seus lares no anno de 1765, fixando o seu domicilio em *Villa Rica* (Ouro Preto), antiga séde da capitania.

Consagrando o seu raro talento á advocacia, não tardou em grangear grande nomeada, sendo de remotas paragens domandados os seus conselhos. Não lhe absorviam porém os trabalhos forenses tanto tempo que não lhe permittissem continuar na cultura das bellas letras, a que desde a puericia se habituara; e referenos um dos seus biographos (o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva) que commentára elle o *Tractado da Origem das riquezas das Nações*, d'Adão Smith; cujo manuscripto, remetido para Lisboa, não consta que tivesse as honras da impressão, de que tambem foram privadas varias outras composições suas, talvez que pelo excessivo preço em que então importavam, ou antes pelos embaraços da censura.

Escapáram felizmente d'este ostracismo as suas *Obras poeticas*, que sahiram das officinas de Luiz Secco Ferreira, no anno de 1768, em um volume de 8º; bem como um poema historico, denominado — *Villa Rica*, — que foi pela primeira vez impresso na capital de Minas em 1839, a expensas do Sr. senador José Pedro Dias de Carvalho. Devemos ainda á sua elegante penna um poemeto em forma d'allegoria, e consagrado ao seu patrio *Ribeirão do Carmo*, e alguns outros trabalhos, tanto em prosa como em verso, e que viram a luz da imprensa no *Parnaso brasileiro* do conego Januario, e no *Patriota*, jornal publicado nesta cidade nos annos de 1813-1814.

[1] Vide *Florilegio da poesia brasileira*, pelo Sr. F. A. de Varnhagen, tom. I.

Governando a capitania de Minas D. Rodrigo José de Menezes, foi Claudio Manuel da Costa nomeado segundo secretario d'estado, cujo emprego com a maior probidade e intelligencia exerceu por espaço de oito annos, volvendo á vida privada e ao exercicio da sua profissão quando as redeas da governança passáram ás mãos do visconde de Barbacena.

Compromettido na conjuração de Tiradentes, em que haviam tomado parte os homens mais notaveis da capitania, foi carregado de ferros, recolhido á cadeia de Villa-Rica, onde, como Chatterton, por termo aos seus dias, enforcando-se com uma liga na idade de quasi sessenta annos. Deploravel fraqueza da parte d'um homem, cujas ideias religiosas e principios philosophicos lhe deveram fazer olhar com horror para o suicidio! Mas... *parce sepultis*.

Admirador de Petrarca, Guarini e Metastasio, pertencia Claudio Manuel á escola italiana, chegando a compor nesta lingua mimosas cançonetas.

Involuntariamente concorreu o illustre mineiro para a nacionalisação da poesia nacional, tanto no seu poema *Villa Rica*, como principalmente na fabula ao *Ribeirão do Carmo*. Muito a medo emprega ahi imagens e pinturas essencialmente brasileiras, e pede depois desculpa pelo seu arrojo. « A desconsolação (diz elle) de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço; mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes, e a escrever a fabula ao *Ribeirão do Carmo*, rio o mais rico d'esta capitania, que corre, e dava o nome á cidade de Marianna, minha patria, quando era villa. »

Nos generos lyrico e didactico avantajou-se Claudio Manuel da Costa, obtendo especialmente no ultimo honrosa menção dos criticos nacionaes e estrangeiros.

Sem partilhar totalmente da opinião do Sr. Dr. Pereira da Silva, que sustenta que o nosso compatriota « conseguira o soneto portuguez, de modo a senão exceder, ao menos rivalisar com os de Francisco Petrarca; sendo menos harmonioso na phrase do que Bocage, porém muito mais completo na poesia e no sentimento: » por considera-la uma *hyperbole patriota*, não podemos recusar-lhe

distincto lugar entre os nossos sonetistas, pela doçura da expressão e castidade do pensamento.

Como o amante de Laura, lamenta elle a ausencia da sua Nize neste formosissimo soneto :

Nize, Nize, onde estas? — Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Si quando a vista se dilata e gyra,
Tanto mais d'encontrar-te desespera!

Ah! si ao menos teu nome ouvir podera
Entre esta aura suave que respira!
Nize, cuido que diz... — mas é mentira!
Nize cuidei que ouvia... e tal não era!

Grutas, troncos, penhascos d'espessura,
Si o meu bem, si a minha alma em vós s'esconde
Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem ao menos o echo me responde!
Ah! como é certa a minha desventura!
Nize, Nize, onde estas? — Aonde, aonde?

Nem menos bello é o soneto em que o desventurado amante descreve a mudança que na natureza operára a tribulação do seu espirito :

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos,
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio d'horror me manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que amor, nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quão lembrado estou d'haver subido
Aquelle monte, e ás vezes que baixando
Deixei do pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando.

Raramente deixa escapar um pensamento patriotico, tão imbuido achava-se elle na leitura dos *seus caros italianos*, que por demais europeo tomando-se em suas imagens, como justamente lhe exproba o Sr. Ferdinand Denis[1]. Tanto mais pura é sentir-se esta fatal tendencia quanto revelou em diversos lugares dos seus escriptos grande talento descriptivo, como, d'entre outros, poderá servir d'exemplo o seguinte soneto :

Leia a posteridade, oh patrio rio!
Em meus versos teu nome celebrado;
Porque vejas uma hora dispertado
O somno vel do esquecimento frio.

Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento d'um alamo copado;
Não vês nympha cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio;

Turvo banhando as pallidas areias
Nas porções do riquissimo thesouro
O vasto campo d'ambição recreias

Que de seus raios o planeta loiro
Enriquecendo o influxo em tuas veias
Quando em chammas fecunda brota em oiro.

Cremos ter citado assás para comprovar o que acima dissemos, relativamente ao lugar que na poesia didactica deve ser dado a Claudio Manuel da Costa, a quem seus contemporaneos consagráram merecida estima, cabendo-lhe a distincção, mui rara para um brazileiro, de fazer parte d'*Arcadia*, onde tomou o nome de *Glauceste Saturnio;* sendo mais tarde reputadas classicas as suas obras pela *Academia real das Sciencias de Lisboa.*

[1] Vide *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*

LIÇÃO XXXV

Genero epico.

O Oriente. — Sabem os leitores que José Agostinho de Macedo criticára acerbamente os *Lusiadas* de Camões, dizendo, como Voltaire, que na lingua portugueza não havia poema epico, e compromettendo-se a escrever um para modelo. Em desempenho da sua palavra, deu-se á composição d'*Oriente*, epopéa, cuja acção, como seu proprio nome o indica, é o descobrimento do novo caminho para a India. Em má hora concebeu Macedo semelhante projecto: emulando com Camões, ficou-lhe muito somenos; e perdeu em já trilhada vereda um cabedal de primores poeticos que em outro assumpto grande renome lhe grangeariam. Dando ainda desconto á differença dos tempos, havia no douto ecclesiastico mais erudição do que no poeta-guerreiro; sobrava porém a este um vigor d'imaginação, um enthusiasmo patriotico, e um cabal conhecimento das localidades e scenas maritimas de que totalmente carecia aquelle. Entre o *Oriente* e os *Lusiadas* existe a differença que assignalam os criticos entre a imitação e a inspiração, entre uma obra escripta nos lazeres da vida, na calma do gabinete, e a que é composta no intervallo das batalhas, nas horas d'amargurado desterro, ou na decepção de mallogradas esperanças.

Salvando-se das syrtes em que naufragára o estro de Luiz de Camões, roçou o baixel poetico de José Agostinho em parceis por

onde desassombrado velejára seu venturoso rival. Si mais perfeito na fórma é o monumento erguido pelo moderno cantor do Gama, maior é o viço e a espontaneidade do epico quinhentista : além de que mais ampla gloria cabe ao audaz pensylvanio [1] que no pequeno *Clermont* [2] sulcou primeiro as mansas aguas da bahia d'*Hudson* do que ao sabio engenheiro que planejou e dirigiu esse gigantesco Leviathão [3], que devorando o espaço, liga a velha Albion á industriosa e livre patria de Washington e de Franklin.

Tres edições tem tido o poema *O Oriente* : a primeira impressa na typographia regia no anno de 1814 em dois tomos de 8° e com dois retratos, o do auctor e o de Vasco da Gama ; a segunda, tambem sahida da imprensa regia no anno de 1827 n'um so volume de 8° grande ; e a terceira, estampada no Porto em 1854, e devida aos cuidados de Francisco Pereira d'Azevedo. Todas estas edições são precedidas d'um prefaçio e dedicatoria á nação portugueza. Não podemos obter senão a segunda, ornada com o retracto do auctor, aberto a buril, e que consta fôra impressa a custa do mosteiro d'Alcobaça, em cuja bibliotheca, como consta d'uma declaração feita no fim da obra, depositou José Agostinho o autographo, passando-lhe disso recibo o procurador, vice-procurador e secretario geral da congregação de S. Bernardo. Por todas estas minudencias, claramente se vê quanto esperava Macedo da posteridade ; que infelizmente não confirmou por seu juizo o que d'ella tanto anhelava. Cremos mesmo que tem sido injusta para o illustre poeta, negando-lhe um testemunho de que credor nos parece elle. Perdoemo-lhe a vaidade com que se quiz antepor a Camões ; e procedamos a seu respeito como os franceses para com o auctor de *Henriade*. Ha no *Oriente* bellezas de primeira ordem : linguagem purissima, perfeito conhecimento e feliz observancia das leis da harmonia.

Como já dissemos, tomou José Agostinho de Macedo para assumpto da sua epopéa a empresa por D. Manuel commettida a Vasco da Gama, incontestavelmente a mais heroica de que se gloriam os

[1] Roberto Fulton, natural do condado de Lancaster no estado da Pensylvania.

[2] Nome do primeiro barco a vapor, construido por Fulton a expensas do chanceller Livingston.

[3] O *Great-Eastern*.

fastos portuguezes. Fiel observador dos preceitos aristotelicos, guardou escrupulosamente as tres unidades, e laconicamente apresenta a sua proposição, quando diz :

O magnanimo heróe que no oceano
Primeiro a estrada abriu do ignoto Oriente,
Fazendo ouvir o nome soberano
De Deus a estranho clima e estranha gente;
Acrescentando ao sceptro lusitano
Um vasto imperio n'Asia florescente:
Farei se for me dado em nobre verso
Nesta empresa immortal pelo universo.

Pertencente a uma epocha mais culta, e nas vesperas da revolução litteraria, que devera banir a mythologia, não invoca Macedo os deuses da fabula :

Desce dos ceos, Inspiração divina,
Sacro fogo que os vates alimenta,
Meu remontado espirito illumina
E seus sublimes extases sustenta;
Os vôos lhe dirige, a estrada ensina,
Por onde aos astros elevar-se intenta,
E si é possivel igualar no canto
O que o mundo escutara a Smyrna e Manto.

Parecerá talvez demasiadamente pretenciosa a sua aspiração de comparar-se com Homero e Virgilio : lembremos-nos porém que elle modifica a ideia com uma condicional, e que a semelhança do objecto podia permittir-lhe o *simile*. Referindo-se ao seu glorioso predecessor, confessa a sublimidade da sua obra; mas explica a escolha que do mesmo ponto fizera pelo desejo (aliás pouco modesto) de derramar sobre ella a luz da philosophia. Oiçamo-lo :

Si outra lyra immortal deu nome ao Gama
Não se estanca em seus dons alma natura,
O seio desabrocha, hoje derrama
Em minha alma mais fogo e luz mais pura :
Philosophica luz e etherea chamma,
Que desterra da mente a sombra escura;
Que imitação servil prosta e derruba
E extrae mais altos sons d'epica tuba.

Seguindo as pisadas de Camões, figura um sonho de D. Manuel, durante o qual lhe apparece a Asia que lhe prognostica a fama que nella colherão as armas lusitanas. Ainda que mais artistica seja no *Oriente* a personificação d'Asia, preferimos a singela imagem do Ganges e do Indo dos *Lusiadas*. É porém de grande effeito a pintura do anjo que, por mandado do Senhor, desce do empyreo para inspirar ao rei o grande pensamento que lhe devera eternisar o nome:

Do espaço ignoto, do immortal assento,
Desce o anjo batendo as igneas pennas;
Transpondo soes e soes n'um so momento
Do ether toca as regiões serenas:
Mais tarde desce o raio, ou corre o vento;
A ondulação da luz o iguala apenas,
Por onde quer que rompe, e onde descia
Se derrama um clarão que o sol vencia.

As azas equilibra e se suspende,
Onde a neve se coalha, e chove e tôa;
D'estes espaços liquidos impêde
A magestosa imperial Lisboa:
Ao Tejo sobranceira, alto resplende
luz que espalha da naval corôa,
Com que fadada por eterno arcano
Rainha foi do tormentoso Oceano.

Enthusiasta pelos *Lusiadas*, não pudemos dissimular a imperfeição com que nelles traçados são a mór parte dos caracteres, especialmente o do protagonista. Evitou habilmente Macedo este escolho, e o caracter de seu heroe é perfeitamente desenhado, e sempre com vigor sustentado. Verdade é que, concentrando nelle toda a sua *vis epica*, nem-um outro personagem occupa-lhe a attenção, ligeiramente dedilhando pelo immenso clavario dos heroes patrios. Logo no primeiro canto, apresenta-nos Vasco da Gama com todos os predicados d'um homem extraordinario, e é elle quem no conselho dos magnates convocado para a opção dos meios com que se devera levar ao cabo tão gigantesca empresa exclama:

Si á vossa gloria um coração votado
Póde ultimar, senhor, est' ardua empresa,

Será transposto o termino vedado
Que até agora aos mortaes poz Natureza:
O tormentoso cabo é já passado,
Deu-lhe outro nome audacia portugueza;
E mostre a Europa Portugal aonde
Seu recatado berço a aurora esconde.

Sustentando na mão vosso estandarte,
O irei cravar nos thalamos do dia,
Com elle irei correndo á extrema parte,
Onde o pólo se envolve em sombra fria:
Não por certo commigo o ceo reparte
Com mesquinhez esforço e valentia;
E se a morte me espera em mar fervente
Acabarei, por vos servir, contente.

Trilhando a estrada onde deixára Luiz de Camões luminoso sulco conhecia Macedo a difficuldade da tarefa que sobre si tomára; assim pois passa rapido por todos os preparatorios da partida d'armada, e desmaiando o seu estro com a fria reproducção do vaticinio do velho « *d'aspeito venerando* », acha uma feliz variante na introducção do formoso episodio, em que descreve a desesperação d'uma desditosa donzella, cujo amante se desprendera de seus braços para acompanhar o Gama. Julgamos que transcrevendo-o aprazeremos aos leitores :

Quasi na foz do Tejo, onde s'erguia
Sobranceiro um penedo, onde fervendo
Na espumante resseca o mar batia
Do escuro fundo a areia revolvendo,
Uma donzella atonita se via
Rio amargo de lagrimas vertendo;
A vista a julga parte do penedo
Tal tinha o rosto enrigelado e quedo.

Solta madeixa ondeia ao vento dada
Tão negra como os ebanos lustrosos,
A vista incerta, languida e turvada,
Quaes no ceo vemos astros nebulosos,
Pallida a tez da face delicada
Sem viva côr aos labios graciosos;
No frio eburneo seio as mãos se cruzam,
Ao moto usado os membros se recusam.

Assim do Ponto o vate enternecido
Nos pinta a amante do fiel Theseo
Quando entre as vagas humidas mettido
Vio ao longe o baixel no mar Egeo.
Assim nos diz que o coração partido
De magoa e cruel dôr lhe esmorecêo;
E que sentada em rigidos escolhos
So nella mostram que respiram os olhos.

Tal a donzella está: o amante chora
Sendo aos seus ais, seus prantos maviosos:
Co' o silencio sómente os ceos implora,
Com elle accusa os fados rigorosos;
Pôde no amante a sombra encantadora
Da gloria mais que os laços amorosos;
Mas do silencio a magoa se desprende
E com taes queixas os penhascos fende.

Ou não te vás, ou leva-me a teu lado,
Onde eu comtigo expire, ou viva amante,
Onde o suspiro extremo, ou o ai magoado,
Possa em teus labios exhalar constante.
Tu mesmo, si te apraz, me apressa o Fado;
Derrama de meu seio o sangue ondeante,
Eu não me queixarei da infausta sorte,
Si expirar a teu lado é doce a morte.

Foi por certo um amante e foi perjuro
Quem se atreveu primeiro em leve faia
A descripção do vento mal seguro
No vasto mar perder de vista a praia;
E não se desfechou do seio escuro
Das nuvens raio vingador!... não caia,
Não, na fronte do ingrato, exista e viva,
Sinta o remorso, furia vingativa.

Faltou-lhe a voz então, muda e suspensa
Para o mar debruçou languida frente;
Entre em duello a recebida offensa
Inda grande, ind' armado amor ardente:
Entre contrarios dois de força immensa
Que golpes fulminou Fado inclemente!
No influxo triste da maligna estrella
A miseranda victima foi ella!

Inda uma vez os olhos alongando
Onde ia o coração, já não descobre

Na cerulea planicie as náos vogando,
Porque o ar tanto ao longe as fecha e cobre;
Permitte então seu Fado miserando
Que tanto e tanto a magoa se redobre
Que de si mesmo barbaro homicida
Prefira a morte á desgraçada vida.

Tal foi d'antiga Dido a infausta sorte,
Quando já delirante o ferro abraça,
E voluntaria victima da morte
Seu magoado coração traspassa:
No lance extremo valorosa e forte
O laço aborrecido despedaça;
Não quiz deixada, não, nem quiz trahida
Mais um momento conservar a vida.

Ás ondas se arrojou; como espantadas
Do escavado penedo se afastáram;
Como em montanhas liquidas forradas,
A tão triste espectaculo paráram;
Subitamente as nuvens carregadas,
Como em negra tormenta fusilavam;
Do mar tragado o corpo ao fundo desce,
E da vista dos ceos desapparece.

É este o unico episodio d'amor, unica scena sentimental que se encontra em todo o poema; porque em attenção talvez do seu caracter não quiz o auctor dedicar-lhes sua primorosa penna, com o que grandemente prejudicou os affectos patheticos que n'este genero tão bem cabidos são; communicando á sua epopéa certa aspereza e sequidão que não se notam nos *Lusiadas*.

Lugar commum é por certo a descripção do inferno e do seu pavoroso monarcha, nem-um epico deixou de faze-la com mais ou menos felicidade; pouca ou nem-uma variedade notando-se porém em seus quadros. Conformando-se com os estylos recebidos teve José Agostinho necessidade de descer (pelo espirito) á região das sombras e do archanjo decahido; deixou-nos esta excellente pintura, que, senão original, é pelo menos bem executada:

Sobre um throno medonho e circumdado
D'um mar immenso de sulfurea flamma,
Está do inferno o despota assentado;
Co' a torva vista ao longe horror derrama:

Conserva o rosto horrendo assignalado,
Inda dos golpes da trisulca chamma,
Que arremeçada pelo braço eterno
O fez cahir dos ceos no escuro inferno.

Inda que a luz celestial e pura
Que a fronte lhe banhou no ceo luzente
De todo esteja immersa em sombra escura
Sempre um archanjo se divisa e sente;
Bem como o claro sol menos fulgura,
Si a lua se interpoz ao disco ardente,
Nem todo o dia fulgido apparece,
Nem de todo a noite se enegrece.

Respira estrago e morte, e a voz levanta
Com força tal que as infernaes cavernas
Co' o pavoroso estrepito quebranta;
Param um pouco as penas sempiternas:
E a negra habitação d'horror se espanta,
Quando a blasphemia ouviu....
. . . . . .

Posto que falte ao cantor d'*Oriente* o conhecimento practico que em longinquas e perigosas viagens adquirira seu immortal émulo, é contudo rico em imagens e figuras o quadro que no canto III, debuchou da horrivel procella que accommetteu a armada lusitana. Com uma unica phrase podemos fazer-lhe o elogio; si dissermos que conseguiu com ella interessar aos leitores dos *Lusiadas*. Copiemo-lhe o começo, esperando que por elle julguem os leitores do seu intrinseco merito:

Por entre nuvens horridas bramindo
D'ellas derrama turbidas correntes,
E as carregadas azas sacudindo
Redobra a furia aos ventos estridentes:
O raio acceso subito cahindo
Deixa espadanas rubidas e ardentes,
E o sulphureo clarão nos turvos ares
Mostra instantaneo os espumosos mares.

Das electricas nuvens ondeantes
Se desatam chuveiros procellosos;
Ao bramido das ondas espumantes,
Se ajunta o berro dos trovões ruidosos:
Reseam pelos lenhos fluctuantes

Os silvos dos tufões caliginosos:
Ao denodado Gama o peito esfria,
Pois mais que as leis da natureza via.

A deprecação do Gama ao verdadeiro Deus, e a subita apparição do anjo que enfrêa a tormenta são trechos verdadeiramente poeticos, e que para si reclamaria a escola romantica, si, menos cingido aos classicos preceitos, tivesse Macedo empunhado o bastão de Garrett.

Nem menos feliz foi o eximio vate com a introducção em seu poema do magestoso vulto do infante D. Henrique. É este um pensamento tão bello como patriotico; pois que a ninguem melhor do que o solitario de Sagres podia convir o papel de mensageiro do Altissimo para sustentar o luso chefe na realisação do plano que nos limbos do futuro antevira.

Em substituição da linda prosopopéa do gigante Adamastor, emprega o cantor d'*Oriente* a da Idolatria, a quem empresta uma longa imprecação contra os portuguezes. Ainda aqui ficou a copia muito abaixo do modelo.

Em varios lugares do seu poema mostra-se Macedo sectario dos paradoxos de Rousseau quanto a superioridade da vida do selvagem á do homem civilisado.

Sirva d'exemplo a maneira porque na estancia 57ª do canto VII se exprime:

Vale por certo mais rude ignorancia
Que as artes que tão cego o luxo adora,
E natural rudez mais que a ignorancia
Do sabio vão que a natureza ignora:
Ou do guerreiro a barbara jactancia
Que ensopa em sangue a espada assoladora,
Quando qual Cesar vai do mundo ao termo
Não vale do hotentote a choça, o ermo.

Obrigado *ab alto thoro* a fazer a narrativa da origem da gente portugueza, dos seus heroicos feitos e do alvo da expedição fe-lo com muito mais parcimonia do que Camões; porque preferindo o plano da *Iliada* so como episodio podia entrar semelhante objecto. De todo este bellissimo trecho faremos selecção da seguinte breve e primorosa pintura de Portugal:

Mas sabe, oh rei! que em clim afortunado,
Onde jamais a primavera cessa,
E o que ao norte é balisa ao sol dourado,
Do acceso Caucro o circulo atravessa:
No mais accidental e extremo lado,
Onde a Europa termina e o mar começa,
Jaz sem muita extensão do luso a terra
Sempre grande na paz, maior na guerra.

Si louvavel é a paciencia com que fez o Gama a narração a que acima nos referimos quando interrogado pelo rei de Melinde digna é por certo de censura a longa prelecção que ao Samorim faz o heroe portuguez ácerca da religião que professa, cuja historia minuciosamente relata. Admira que Macedo, tão conhecedor das regras e conveniencias poeticas, tivesse commettido tal dislate.

Dissemos em outro lugar que a pasmosa erudição de José Agostinho de Macedo suffocava-lhe o talento descriptivo : ha porém algumas felizes excepções d'esta regra, sendo uma d'ellas a pintura do combate do Gama com Timoja, almirante da frota d'Onor. Pensamos que o proprio Homero não regeitaria a paternidade d'estas bellas estancias :

Todo fogo e vingança a vista estende
Onde a refrega é erma e mais accesa;
Tal das nuvens o açor que os ares fende,
Se precipita demandando a presa:
Nem a vulgares campiões attende,
So Timoja procura os mais despresa;
Como a Tancredo se offerece Argante,
Assim Timoja se lhe põe diante.

Turquesco alfange esgrime e denodado,
Afeito a guerra intrepido o vibrava,
Em nobre sangue portuguez banhado,
Com militar exemplo os seus mandava;
De todo o cobre escudo sobraçado
Plumagem rica o elmo lhe assombrava;
Veste (não qual gentio inerte cimbelle)
D'um tigre mosqueado a hirsuta pelle

Qual Massilio leão, que vem ferido
Do mouro caçador co' a lança dura
Qu' a cauda bate e renha, enfurecido

Entre milhares o aggressor procura;
Tal corre o Gama forte e destemido,
De vis arabios pela turba escura;
Pula-lhe o sangue, a raiva lhe recrece,
Quando o soberbo campião conhece.

Aprende, oh! fero, a conhecer a espada
(Lhe diz parando o capitão valente),
Vê como d'honra ao grito provocada
Até agora venceu n'Africa ardente;
Foi eleita do ceo, do ceo mandada,
Mudar o fado ao lucido Oriente;
E, pois despreza a paz, e accende a guerra,
No mar a sinta, e sentirá na terra.

Disse, e da ponta o fere, elle turbado
A esta, aquella parte eis nuta ancioso
Qual aos golpes do rigido machado
Ferido, antes que caia, o freicho annoso:
Tenta esgrimir a cimitarra irado,
Porém da morte o manto luctuoso
O cobre; o sangue em borbotões derrama,
Expira, blasphemando aos pés do Gama.

No XII e ultimo canto leem-se dois lindissimos episodios que, com chave d'oiro, fecham o poema. A apparição d'Alexandre Magno a Vasco da Gama, annunciando-lhe que muito maior do que a sua seria a gloria lusitania nas regiões d'aurora; e a do apostolo S. Thomé, que arrebatando-os aos ares, faz-lhe ver o vasto theatro dos portentosos feitos dos seus compatriotas, são de delicado lavor, e muito abonam o engenho de Macedo. Com este ultimo episodio põe-se termo ao poema, cujo epilogo é assim concebido:

Absorto deixa o Gama, e aos ceos subia
Em luz envolto o apostolo elevado;
Concentrando-se em si n'alma volvia
O tão profundo oraculo sagrado:
Surgio em tanto n' horizonte o dia
Pelos decretos eternaes marcado,
E veio encher de gloria a lusa gente,
Co' o mar vencido e descoberto o Oriente.

Alguns pouquissimos versos duros, raras expressões prosaicas,

uma ou outra locução incorrecta, e certas repetições de palavras, embaciam o lustre d'esta epopéa, que apesar de taes defeitos, fórma um dos padrões de gloria da litteratura portugueza.

O *Uraguay*, poema em cinco cantos por José Basilio da Gama, filho do capitão-mór Manuel da Costa Villas-Boas e de sua mulher D. Quiteria Ignacia da Gama, e nascido no arraial (hoje villa) de S. José do Rio das Mortes no anno de 1740.

Vindo em tenra infancia para o Rio de Janeiro grangeou por seu precoce talento a protecção do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que fe-lo admittir nas aulas que aqui mantinha a Companhia de Jesus. Parece que o jovem mineiro já se havia alistado na qualidade de noviço quando chegou a esta capital o decreto que bania de Portugal e seus dominios a esses poderosos regulares. Aproveitando-se da excepção aberta pelo referido decreto em favor dos que não haviam ainda professado, continuou José Basilio o seu curso philosophico no seminario de S. José.

Summamente pesaroso pela prematura morte de Gomes Freire d'Andrade (conde de Bobadella), que com sua estima o honrava, resolveu passar-se á metropole e ahi proseguir em sua carreira litteraria. Apesar porém das vivas recommendações que d'aqui levava foi em Lisboa mal acolhido por haver pertencido a uma ordem contra a qual conspirada estava a opinião publica.

Contrariado em suas aspirações, pensou o generoso americano que na capital do orbe catholico acharia elle o amparo que lhe negavam seus irmãos d'alem-mar. E não se enganou. Em Roma poude elle obter emprego n'um seminario, e mais tarde quando conhecido o seu saber, foram-lhe franqueadas as portas da celebre *Arcadia Romana*, onde tomou o nome de *Termindo Sepilio*.

Não estão bem averiguados os motivos porque deixára a cidade dos papas encaminhando-se para Napoles, d'onde trasladou-se para Lisboa, e d'ahi para esta capital. Aqui chegando não encontrou seus antigos protectores e viu-se alvo das suspeitas que ainda existiam contra todos os membros da extincta congregação a que em sua juventude pertencera. Governava o marquez de Lavradio, que em observancia ás apertadas ordens que da côrte recebera, reenviou-o para Portugal a bordo d'um navio de guerra.

Asperrimos eram os destinos do nosso compatriota; successivamente lançado das plagas do Guanabara ás ribas do Tejo. Victima sempre d'um imaginario delicto compareceu perante o *Tribunal da Inconfidencia*, onde assignou termo d'ir residir em Angola.

Livrou-o porém de tão dura sentença o seu genio poetico; porquanto compondo um epithalamio ás nupcias d'uma filha do marquez de Pombal, poude, por intervenção d'esta, continuar a viver em Lisboa, sendo nomeado official supra-numerario da secretaria d'estado dos negocios do reino, e empregado muitas vezes no gabinete do ministro.

N'essa aurea quadra da sua vida escreveu elle um poema intitulado *Quitubia*, — em louvor d'um regulo africano que na guerra contra a Hollanda e em pról dos portuguezes se distinguira. Foi durante este mesmo periodo que começou e levou ao cabo o seu *Uraguay*, que mais do que qualquer outra producção, immortalisou-lhe o nome.

Sobre o modesto funccionario publico reflectiu a queda do grande marquez; e feriu-lhe a reacção que contra o seu sabio e vigoroso governo se desencadeára. Fiel ao culto d'amizade e da gratidão não queimou José Basilio os idolos que na vespera adorára : guardou lembrança dos recebidos favores, e na sua reconhecida harpa entoou hymnos ao benemerito varão contra o qual a ignorancia e o fanatismo se conspiráram.

Receando-se das consequencias da sua audacia renunciou Basilio da Gama o seu emprego, e de novo sulcando as ondas pediu ao nosso hospitaleiro solo asylo para os seus amargurados dias. Empunhava o bastão do mando na formosa Sebastianopolis um illustre vice-rei que por seu amor ás letras, deixou nos dipticos da historia gravado o seu preclaro nome. Luiz de Vasconcellos, o Mecenas fluminense, e o bispo Mascarenhas, benignos acolheram o foragido vate, que enlaçando-se pelos vinculos d'amizade com o distincto professor de rhetorica Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, formáram o projecto de fundar uma academia litteraria modelada pela *Arcadia Romana*.

Não permittiam porém os duros fados que luzisse o sol das letras antes do do Ypiranga : nos braços do despotico conde de Rezende expirou a nova Arcadia, apenas balbuciante.

Aterrado pela arbitraria prisão do seu amigo e comprovinciano o Dr. Alvarenga, entendeu José Basilio que ainda uma vez devera affrontar as vagas, e ir, novo Ahasverus, sentar-se nos lares ulysiponenses.

Envolve o denso véo do olvido a derradeira phase d'essa agitada existencia: apenas se sabe, pela ausencia do seu nome no Almanach d'Academia real das sciencias, a cujo gremio fôra admittido, que no anno de 1796 não pertencia mais ao numero dos vivos[1]!

Varias edições tem tido o *Uraguay*, sendo a primeira a de 1769 em 8° e sahida dos prelos da regia officina typographica, e a que se addicionou um opusculo conhecido pelo titulo de *Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultra-marinos das duas monarchias*, etc. Rarissimos são hoje os exemplares d'esta primeira edição, ou porque o proprio auctor os recolhesse temendo-se da cruenta guerra que no reinado de D. Maria I lhe moveram os sectarios dos jesuitas, ou porque por ordem superior fossem elles supprimidos. Por diligencia do Sr. Francisco Adolpho de Varnhagem publicou-se em Lisboa no anno de 1845 uma nitida edição enriquecida de notas e noticias pelo referido Sr. escriptas e formando conjunctamente com o *Caramurú* um bello volume em 18° com o titulo d'*Epicos Brasileiros*.

Feridos pelos certeiros golpes que contra elles desfechara Basilio da Gama silenciosos se conservâram os filhos de Loyola e seus ardentes encomiastas, pelo longo espaço de dezasete annos, e so quando viram-no despido de protecções e alvo d'intrigas lembráram-se d'imprimir uma celebre *Resposta apologetica ao poema intitulado o* URAGUAY, — *composto por José Basilio da Gama e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado e irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde d'Oyeiras e marquez de Pombal Lugano*, 1786, em 8° gr.

É neste libello violentamente insultado o nosso distincto poeta,

[1] Escriptas estavam estas linhas quando vimos no *Diccionario* do Sr. Innocencio da Silva que fallecera José Basilio da Gama a 31 de julho de 1795 e que fora sepultado na igreja do extincto convento de N. S. de Belém.

a quem, na falta de razões, accusa-se d'ingrato, falsario, e outros quejandos epithetos muito do gosto de certa escola. Não nos fazemos cargo de responder a semelhantes diatribes que por mais d'uma vez tem por habeis pennas sido pulverisadas. Feitas estas considerações procedamos á analyse do poema, a que não duvidamos de denominar epico pelos motivos antecedentemente expendidos [1].

Mesquinho é o assumpto do *Uraguay* e d'interesse puramente local : porquanto que se importa o mundo litterario que alguns selvagens, instigados pelos seus catechistas, se oppuzessem á demarcação de limites ordenada pelo tractado de 1750 e que fossem punidos de sua rebeldia pelo exercito luso-hispano? Mas não estarão no mesmo caso a *Henriade* de Voltaire, o *Araucana* d'Ercilla, e o *Affonso Africano* de Quevedo? Já uma vez dissemos que relativo era o interesse : e que so por este principio podem as lendas e a historia dos povos formar o objecto de seus poemas, em que a fórma epica é de preferencia empregada.

Ninguem nos contestará que bem escolhido fosse o titulo; sabendo-se que tanto d'acção, como do protagonista, póde ser elle tomado.

Rigorosamente observadas são as unidades, e com tanto maior facilidade as executou o poeta, por isso que limitadissimo foi o seu plano, e em estreita tela desenhado o seu painel.

Afastando-se da commum trilha com vantagem serviu-se José Basilio do verso endecasyllabo solto, que mais larga margem deixou a sua tão fertil imaginação.

Guiando-se pelo exemplo d'Homero na *Iliada* fez por si mesmo a narração em vez de deixa-la, como na *Odysséa* ao protagonista.

Foi ainda feliz imitador do vate de Smyrna na pinctura dos caracteres, que vigorosos se ostentam com nunca desmentida constancia. Pena é que não lhe permittissem a historia ou a tradição mais heroico fazer o papel de Gomes Freire, que apenas pelos seus discursos revela a grandeza do seu animo. Os de Cacambo, Cepé, e Lindoya são porém d'incontestavel superioridade.

[1] Vide Lição XXII.

Enastrada de lindissimos episodios desapparece a pobreza da acção, e a constante variedade de scenas recreia o leitor; e como que olvidar lhe fazem que se acha n'um acampamento militar, e nas vesperas d'uma sanguinolenta batalha.

É pois indubitavelmente o *Uraguay* o primeiro poema brasilico tanto na ordem chronologica, como na perfeição da obra. Provemos por algumas transcripções a verdade d'esta proposição.

Logo no principio se leem estes magnificos versos, magestoso portico de sumptuoso templo:

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos, impuros,
Em que ondeam cadaveres despidos
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som d'irada artelheria.

Com a intuição so dada ao genio presentiu Basilio da Gama que um dos principaes titulos pelos quaes no futuro seria apreciado o seu poema consistia na parte descriptiva: e ei-lo que de formosos quadros da natureza adereça a sua epopéa. Seguindo a ordem dos cantos comecemos por esta graciosa pintura das ribas do Uraguay. É Andrade quem falla:

Porém o rio e a fórma do terreno
Nos faz não vista e nunca usada guerra.
Sae furioso do seu seio e toda
Vão alagando com o desmedido
Peso das aguas a planicie immensa.
As tendas levantei primeiro aos troncos;
Depois aos altos ramos pouco a pouco
Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos.
Tece o emaranhadissimo arvoredo
Verdes, irregulares e torcidas
Ruas e praças d'uma e d'outra banda
Cruzadas de canoas. Taes podemos
Co' a mistura das luzes e das sombras
Ver por meio d'um vidro transplantado
Ao seio d'Adria os nobres edificios
E os jardins que produz outro elemento,
E batidas do remo navegaveis
As ruas da maritima Veneza.

A falla de Cacambo, verdadeiro heroe do poema, respira nobreza e dignidade congenitas ao homem primitivo. Poucos trechos poeticos podem lhe ser comparados na litteratura dos dois povos que fallam o idioma portuguez. Julgue por si o leitor :

. . . . Oh general famoso,
Tu tens a vista quanta gente bebe
Do soberbo Uraguay a esquerda margem.
Bem que os nossos avós fossem despojo
Da perfidia da Europa, e d' aqui mesmo
Co' os não vingados ossos dos parentes
Se vejam branquejar ao longe os valles,
Eu desarmado e so buscar-te vinho,
Tanto espero de ti. Em quanto as armas
Dão lugar á razão, senhor, vejamos
Si se póde salvar a vida e o sangue
De tantos desgraçados. Muito tempo
Póde ainda tardar-nos o recurso
Com o largo oceano de permeio,
Em que os suspiros dos vexados povos
Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
Está nas vossas mãos, até que um dia
Informados os reis nos restituam
A doce, antiga paz. Si o rei d'Hespanha
A teu rei quer dar terras com mão larga
Que lhe dê Buenos-Ayres e Correntes
E outras que tem por estes vastos climas,
Porém não póde dar-lhe os nossos povos.
E inda no caso que podesse da-los
Eu não sei si o teu rei sabe o que troca;
Porém tenho receio que o não saiba.
Eu já vi a colonia portugueza
Na tenra idade dos primeiros annos
Quando o meu velho pai co' os nossos arco
Ás sitiadoras tropas castelhanas
Deu soccorro e mediu comvosco as armas.
E quererão deixar os portuguezes
A praça que avassalla e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a natureza
Para servir-vos de limite e raia?
Será, mas não o creio. E depois d'isto
As campinas que vês, e a nossa terra
Sem o nosso suor e os nossos braços

De que serve ao teu rei? Aqui não temos
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios d'areia d'ouro. Essa riqueza
Que cobre o templo dos bemditos padres,
Fructo da sua industria e do commercio
Da folha e pelles, é riqueza sua.
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O ceo lh'a deu em sorte. A nos sómente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais que o repartido
Por mãos escassas misero sustento.
Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco, e a seta, e as vistosas pennas,
São as nossas phantasticas riquezas.
Muito suor, e pouco, ou nem-um fasto.
Volta, senhor, não passes adiante.
Que mais queres de nós? Não nos obrigues
A resistir-te em campo aberto. Póde
Custar-te muito sangue dar um passo.
Não queiras ver se cortam nossas frechas;
Vê que o nome dos reis não nos assusta:
O teu está muito longe; e nós os indios
Não temos outro rei mais do que os padres.

Aos que acharem prolixa a fálla que acabamos de citar aprazerá por certo a seguinte laconica replica que ás conciliadoras palavras do general Gomes Freire faz Cepé, que nesta *Iliada* americana occupa o lugar d'Heitor. Ei-la:

. . . . . Cacambo
Fez mais do que devia; e todos sabem
Que estas terras que pisas o ceo livres
Deu aos nossos avós; nós tambem livres
As recebemos dos antepassados.
Livres hão herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo
Que não seja o do ceo por mão dos padres.
As frechas partirão nossas contendas
D'entro de pouco tempo; e o vosso mundo
Si nelle um resto houver d'humanidade
Julgará entre nós; si defendemos
Tu a justiça e nós o Deus e a patria.

Maravilhado o general da energica linguagem do indio, manda

que lhe sejam dados um arco de pontas de marfim e uma aljava cheia de novas setas; e em reconhecimento torna-lhe Cepé :

. . . . . Oh general, eu t'agradeço
As setas que me dás, e te prometto
Mandar-t'as bem depressa uma por uma
Entre nuvens de pó no horror da guerra.
Tu as conhecerás pelas feridas,
Ou porque rompem com mais força os ares.

O sonho de Cacambo durante o qual lhe apparece o seu amigo Cepé, morto n'uma batalha ás mãos do general Montividéo, traz á memoria a bella passagem de Virgilio em que descreve a apparição d'Heitor a Enéas. É uma formosissima prosopopéa, em que sobresae a seguinte apostrophe :

Foge, foge, Cacambo. E tu descanças
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques, e nas patrias grutas,
Tua fraqueza e desventura encobre.

Lembremos aos alumnos de rhetorica que aqui encontrarão tambem o feliz emprego das figuras *reduplicação* e *anaphora*.

Tão justamente celebre como os de Francisca de Rimini na *Divina Commedia*, d'Olinda e Sophronio, na *Jerusalem libertada*, e d'Ignez de Castro nos *Lusiadas*, é o episodio de Lindoya no *Uraguay*.

Com vigorosos traços esboçou José Basilio a gruta da feiticeira Tanajura; e habilmente aproveitando-se das crenças populares vai hai buscar o maravilhoso para o seu poema. O quadro do terremoto e reedificação de Lisboa, intencionalmente introduzido, em nada prejudica á delicadeza e simplicidade do artefacto que tão magistralmente construiu.

Já mostramos com que arte, convertida em palheta a penna do nosso illustrado compatriota, debucha elle as scenas campestres. Sirva ainda d'exemplo a seguinte :

Mas quando o sol de lá do eterno e fixo
Purpureo encosto do dourado assento
Co' a creadora mão desfiz e corre

O veo cinzento d'ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos. Podem
D'aquella altura por espaço immenso
Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros; claras fontes
E lagos cristallinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro onde se admira quanto
Produziu a superflua natureza.
A terra soffredora da cultura
Mostra o rasgado seio : e as varias plantas,
Dando as mãos entre si tecem cumpridas
Ruas por onde a vista saúdosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo e se divisam
Por entre as sombras da verdura ao longe,
As casas branquejando e os altos templos.

Com as mais finas côres pinta Basilio da Gama a morte da *Cleopatra guarany;* e cremos que nem-uma alma sensivel deixará d'enternecer-se com tão pathetico quadro. Tudo estava disposto para o consorcio de Lindoya com Baldeta : fazia-se porém esta por demais esperar; e causando tal demora vivos cuidados aos convivas foram procura-la guiados por Caitutú :

Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irman por entre as sombras do arvoredo
Busca com a vista e treme d'encontra-la.
Entram emfim na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé d'uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este lugar delicioso e triste
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada como que dormia
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
D'um funebre cypreste, que espalhava
Melancolia sombra Mais do perto

Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chama-la, e temem
Que disperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú que treme
Do perigo da irman, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz trez vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta
Que toca o peito de Lindoya e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo com a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
S'enrosca no cypreste, e veste envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao disperta-la
Conhece (com que dôr) no frio rosto
Os signaes de veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos em que amor reinava um dia
Cheios de morte; e muda aquella lingua
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
Contou a larga historia dos seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mãi já tremula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece,
Tanto era bella no seu rosto a morte!

Que vivas enargueias se encontram na descripção do incendio que cônsummiu o templo fastoso que a Companhia de Jesus fizera erguer nas solidões d'America Meridional! Pensando que taes pri-

mores sentem-se mas não se explicam, copiamo-lo aqui com a li geira suppressão d'um lugar que nos pareceu pouco proprio da magestade epica :

. . . . . Aos ares
Vão globos espessissimos de fumo
Que deixam ensanguentada a luz do dia :
. . . . . .
. . . . . .
Por mais que o nosso general se apresse
Não acha mais que cinzas inda frias
E um deserto onde ha pouco era cidade.
Tinham ardido as miseras choupanas
Dos pobres indios, e no chão cahidos
Fumegavam os nobres edificios
Deliciosa habitação dos padres.
Entram no grande templo; e vêem por terra
As imagens sagradas. O aureo throno,
O throno em que se adora um Deus immenso,
Que soffre e não castiga os temerarios,
Em pedaços no chão. Voltava os olhos
Turbado o general, aquella vista
Lhe encheu o peito d'ira e os olhos d'agua.
Em roda os seus fortissimos guerreiros
Admiram espalhados a grandeza
Do rico templo e os desmedidos arcos,
As bases das formosissimas columnas
E os vultos animados que respiram
Na abobada o artifice famoso
Pintára..... mas que intento! as roucas vozes
Seguir não podem do pincel os rasgos.

Conhecedor profundo dos recursos d'arte põe aqui termo a sua narração por bellissima *aposiopese;* assim como finalisára a da morte de Lindoya por uma não menos formosa quão delicada *epiphonema.*

Ainda que um pouco declamatoria recommendavel se faz a sabia explicação das figuras pintadas n'abobada do templo que o furor iconoclasta dos vencidos entregára ás chammas. Seria para desejar que neste passo mais poeta do que politico se mostrasse o auctor.

Si com chave d'oiro abriu Basilio da Gama o seu immortal poema, com chave de prata encerrou-o. Fé robusta tinha na du

ração da sua obra; mais modesto porém do que Horacio com o seu *non omnis moriar*, exprimiu o mesmo pensamento neste lindissimo epilogo :

Serás lido, *Uraguay*. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna,
Tu vive e goza a luz serena e pura.
Vai aos bosques d'Arcadia; e não receies
Chegar desconhecido áquella areia.
Alli de fresco entre as sombrias murtas
Urna triste a Mireu não todo encerra.
Leva d'estranho ceo, sobre ella espalha
Co' a peregrina mão barbaras flores.
E busca o successor que encaminha
Ao teu lugar que ha muito que te espera.

Passemos agora á parte mais desagradavel da nossa tarefa : e apontemos os defeitos que julgamos encontrar nesta excellente producção do nosso illustre conterraneo.

Extranhamos em primeiro lugar a infeliz lembrança de admittir na sua epopea a burlesca figura do *irmão Patusca*, personagem comica e repugnante á gravidade da situação :

Fóra da grande porta recebia
O esperado Tedeu activo e prompto,
A quem o acompanhava vagaroso
Com chaves no cinto o irmão Patusca
De pesada e enormissima barriga.

N'outra occasião, ainda mais solemne, dá largas o auctor ao seu estro satyrico dizendo :

. . . . . A soldadesca alegre
Cerca em roda o fleugmatico Patusca.
Que provido de longe os acompanha
E mal se move no jumento tardo.
Pendem-lhe dos arções d'um lado e d'outro
Os paios saborosos e os vermelhos
Presuntos europeos; e a tiracollo
Inseparavel companheira antiga
De seus caminhos a borracha pende.

Alguns descuidos na versificação fazem com que se incommode o ouvido acostumado aos seus harmoniosos accentos : como por exemplo nestes versos :

Tropel confuso de cavallaria
Que combate desordenadamente,

que com difficuldade se poderão differençar da simples e ainda pouco elegante prosa.

Desce outras vezes a trivialidades de que o seu esclarecido engenho parecia deve-lo arredar, como quando diz :

Soffre em paz as delicias d'esta vida
Taes e quaes no-las dão. Gosta das cousas
Porque gosta ; e contenta-se do effeito :
E nem sabe, e nem quer saber as causas.

Estas imperfeições, devidas á rapidez da composição, lamentava um dos maiores admiradores do nosso poeta, e seu assás competente contraste, quando assim s'expressava :

« *O Uraguay* de José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva ; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados : não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia que nelle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Magoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Si houvera tomado este trabalho desappareceriam algumas incorrecções d'estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belléza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito[1]. »

O *Caramurú* é o segundo poema epico, ou antes romanesco, que contam as letras brasileiras, e antes d'analysa-lo, digamos,

[1] *Bosquejo da historia da ling. e poes. port.*, por Garrett.

como de costume, duas palavras ácerca do seu auctor e das edições com que foi honrado.

Era José Durão natural de Cata-Preta, arraial do Infeccionado, e termo da cidade episcopal de Marianna. Diz o Sr. Dr. Pereira da Silva que foram seus pais honestos e abastados mineiros, não mencionando porém seus nomes. Consta que ainda em verdes annos viera para o Rio de Janeiro e se matriculára nas aulas de preparatorios dirigidas pelos jesuitas, aos quaes, como sabemos, era quasi que exclusivamente confiada a instrucção publica.

Com o louvavel designio d'adquirir maior cabedal de conhecimentos embarcou-se para Lisboa, e d'ahi encaminhando-se á universidade de Coimbra seguiu o curso theologico, no qual doutorou-se. Conhecendo então que a sua vocação chamava-o ao claustro, professou na ordem dos eremitas de S. Agostinho, e não tardou em grangear a reputação d'eximio prégador. Assevera o Sr. Varnhagem que no anno de 1758 recitára na cathedral de Leiria um eloquentissimo sermão por motivo do restabelecimento d'el-rei D. José, escapo do attentado contra seus dias commettido.

Parece porém que suas sympathias para com a Companhia de Jesus attrahiram-lhe alguns dissabores, e que para subtrahir-se a elles projectou visitar a Italia passando pela Hespanha. Lavrava infelizmente a guerra entre esta ultima nação e a portugueza por haver recusado o monarcha lusitano d'adherir á famosa liga dos principes da casa de Bourbon conhecida na historia pelo nome de *pacto de familia*. Suspeito d'espião, foi o religioso brasileiro recolhido á torre de Segovia até que deu fim a tão dissoladora guerra o tractado de Pariz de 10 de fevereiro de 1763.

Sendo-lhe facultados os meios de proseguir em sua mallograda viagem chegou alfim a Roma, onde relacionou-se com os mais distinctos caracteres que a sociedade religiosa e litteraria contava nessa capital. Foi certamente esta a quadra mais fulgida da vida do nosso illustre compatriota, que no claustro tomou o nome de Fr. José de S. Rita Durão.

Reminiscencias da juventude, e a noticia da reforma da universidade de Coimbra, cuja direcção fôra confiada ao seu benemerito conterraneo e amigo o bispo D. Francisco de Lemos, leváram-no de novo a Portugal no anno de 1771. Volvendo ás margens do

Mondego dispoz-se para pleitear um dos lugares d'oppositor da faculdade theologica, escrevendo para esse fim uma these que foi muito applaudida; assim como a oração de sapiencia, que em 1778 recitou, e que foi impressa nesse mesmo anno.

Julgam seus biographos que entre os annos de 1780 a 1781 escrevera elle o seu poema intitulado *O Caramurú;* e segundo o testemunho de seu confrade José Agostinho de Macedo (citado pelo Sr. Varnhagem), grande era a facilidade que tinha o douto ecclesiastico em compor. Servia-lhe d'amanuense um pardo liberto, por nome Bernardo, que consigo levára do Brasil, e sentado n'um sitial de pedra, junto á ribeira de Cozelhas, dictava esses melodiosos versos que hoje tanto ' s encantam [1].

Na doce placidez da virtude e da scien ı escoáram-se os annos de Fr. José de S. Rita Durão, dividindo o :u tempo entre a oração e a poesia, cujo culto nunca abandonou, sendo para sentir-se que no cataclisma politico que subverteu os conventos em Portugal se hajam perdido as producções do nosso illustrado patricio. Nos ultimos dias do anno de 1783, desceu o archanjo da morte ao hospicio do *Colleginho* pertencente ao convento da *Graça*, e foi a victima por elle designada o religioso brasileiro que *por amor ao seu paiz* escrevera o *Caramurú*.

Dissemos *por amor ao seu paiz* porque elle assim explicava a composição do seu poema, quando em seu prefacio escrevia : « Os successos do Brasil não mereciam menos uma epopéa do que os da India. Incitou-me a escrever este amor da patria. Sei que minha profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos d'um religioso, por que o não foram de bispos, e bispos sanctos; e o que mais é de sanctos padres, como S. Gregorio Nazianzeno, S. Paulino e outros. »

Bem inspirado foi S. Rita Durão quando para assumpto do seu poema escolheu as romanescas aventuras de Diogo Alvares Correia, pelos indigenas denominado de *Caramurú?* Si como já precedentemente dissemos não so os factos historicos, mas ainda as legendas podem fornecer materia para semelhantes composições,

[1] Vide a Biographia de S. Rita Durão pelo Sr. Varnhagem inserta no volume dos seus *Epicos brasileiros*.

fóra é de duvida que optimamente fez Durão a escolha do seu assumpto. Releva ainda que não nos esqueçamos que esta tradição, desterrada hoje para o paiz das legendas, depois das eruditas investigações do Sr. Varnhagem, em sua memoria intitulada *O Caramurú perante a historia*[1], passava no tempo do auctor por facto historico escudando-se nas opiniões de Simão de Vasconcellos, Brito Freire, Rocha Pitta, Jaboatão e outros chronistas.

Não coube pois a Durão a parte inventiva em todas as suas circumstancias; achou elle feita a legenda do *Caramurú*, não lhe restando mais do que colori-la pelas graças do estylo.

Sabido é que todos os povos buscam ennobrecer a sua origem, e rodear seu berço de maravilhosos contos. O naufragio d'um obscuro navegador, arrojado pelas vagas ás praias da Bahia, e milagrosamente escapo á furia anthropophaga dos tupinambás, em cujo gremio por alguns annos vivera, casando-se com a filha d'um dos chefes, e ganhando por este motivo, e pelo terror que inspirára aos selvagens a detonação d'uma arma de fogo, grande influencia entre elles, da qual se servira para auxiliar ao primeiro donatario, Coitinho, na fundação da colonia portugueza, foi enfeitado pela imaginação popular, que addicionando-o estranhas circumstancias, e com outros individuos occorridas, como na fabula d'Hercules, formou, com o lapso do tempo, a bella tradição de que se lembrou o nosso compatriota para objecto do seu poema, em que tinha por fito o celebrar a colonisação do Brasil pelos portuguezes e sua iniciação na fé de Christo.

Faltava a S. Rita Durão essa poderosa força imaginativa de que em alto gráo dispunha seu predecessor : prendeu-se demasiadamente á lição dos chronistas, mal architectando a sua obra, e sobrecarregando-a d'inuteis, inverosimeis e prosaicas amplificações. São porém essas maculas offuscadas pelo brilhantismo com que illumina seus quadros, onde o mais puro e sacro patriotismo guia a palheta do monastico pintor. Com favor o hão julgado grandes engenhos, occupando entre elles distincto lugar o sempre chorado Almeida Garrett, que no seu *Bosquejo*, tantas vezes citado, assim se exprime :

[1] Vide *Rev. trimens. do Inst. hist. e G. B.*, tom. X

« Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa quando Fr. José Durão, a embocou para cantar as romanescas aventuras do *Caramurú*. O assumpto não era verdaderamente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobre tudo para a poesia descriptiva. O auctor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinarse para formar a harmonia do seu canto, mas de leve o fez, so se estendeu em os menos poeticos objectos; e d'ahi expiou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas promettia. Notarei por exemplo o episodio de Moêma, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que bellissimas cousas da situação da amante brasileira, da do heroe, do lugar, do tempo não podéra tirar o auctor, si tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis?

« O stylo é ainda por vezes affectado : lá surdem aqui e alli seus *gongorismos;* mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas e ainda sublimes. »

Foi o *Caramurú* impresso pela primeira vez em Lisboa no anno de 1781, tendo tido depois d'esta varias edições, sendo das ultimas a mais recommendavel a presidida pelo Sr. Varnhagem, de que já fizemos menção fallando do *Uraguay*.

Inventariemos agora as bellezas e defeitos da segunda epopéa, que sobre assumptos brasileiros escripta, conseguiu passar á posteridade [1].

Simples e graciosas são a proposição e invocação que abaixo citamos; revelando por esta ultima o auctor o seu divorcio da escola classica, e fazendo-o considerar como um dos precursores do romantismo. Assim estrea Durão o seu poema :

D'um varão en mil casos agitado
Que as praias discorrendo d'occidente
Descobriu o Reconcavo afamado
Da capital brasilica potente :

[1] Sabemos que antes d'estas de que aqui nos occupamos existiram a *Brasilida* de Gonçalo da França, e a *Villa-Rica* de Claudio Manuel da Costa : perdendo-se porém uma, e por muito tempo ficando inedita a outra, não podem competir em antiguidade nem em reputação com as que deixamos apontadas.

Do « Filho do trovão » denominado,
Que o peito domar soube a fera gente,
O valor calarei na adversa sorte,
Pois so conheço heroe quem nella é forte.

Sancto esplendor, que do Grão Padre manas
Ao seio intacto d'uma Virgem bella,
Si da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela Mãi Donzella,
Rompendo as sombras d'illusões humanas
Tu do grão caso a pura luz revela;
Faze que em ti comece e em ti conclúa
Esta grande obra que por fim foi tua.

E um dos mais bellos episodios do poema a historia da estatua encontrada pelos portuguezes na ilha do Pico[1] apontando para o Brasil, que, ao som da cithara, maviosamente canta o mancebo Fernando.

Faz parte d'este episodio a riquissima pintura da morte do prisioneiro, condemnado a servir de pasto ás humanas feras. Impossivel é que o não saibão de cor os leitores; contentando-nos por isso em recordar-lhes esta pitoresca enargueia, realçada pelo mais formoso simile :

Qual da Libya pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devora-lo emprehende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto.
Negro parece o chão, negra onde pende
A planta em que do sangue explora o rasto
Até que avista a preza, e em chusma vôa
Não deixa parte que voraz não roa.

Tal do caboclo foi a furia infanda
E o fanatismo que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda
Invoque o grão Tupá que o raio emprega :
No meio ve-se que em mil voltas anda

[1] Vide ácerca d'esta estatua a excellente memoria publicada pelo Sr. José de Torres, em Lisboa no anno de 1857 com o titulo *Originalidade da navegação do oceano atlantico septentrional e do descobrimento das suas ilhas pelos portuguezes no XV seculo.*

O eleito matador, como quem prega
A brados exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

Já fizemos notar que as inverosimilhanças avultam no poema que analysamos; assim, por exemplo, esquecendo-se o auctor de que fora o primeiro em reconhecer a difficuldade com que o seu heroe poderia comprehender e ser comprehendido por Gupeva estabelece uma longa practica entre elles, na qual expõe o chefe brasiliano a theogonia ensinada pelos seus *pagis*.

D'essa mesma theogonia podera Durão tirar melhor partido, si, como mais tarde practicáram Southey, no seu *Madoc*, e Henrique Heine, no *Huitzilopochtli*, se tivesse aproveitado das lendas que entre os selvagens corriam, relativas aos tempos anteriores á conquista européa. Contra a respeitavel opinião do Sr. Juan Valera[1], cremos que a essas crenças podem com vantagem recorrer os poetas americanos, sempre que ao seu maravilhoso quizerem dar alguma variedade, e adorna-lo de vivas e originaes côres. Não pensamos que seja inferior á grega a mythologia do novo continente.

Sobresaem na falla de Gupeva alguns donosos quadros da vida primitiva, como v. g. o que nos descreve os costumes patriarchaes dos filhos das palmeiras. Offereçamos ao leitor um specimen colhido d'entre muitos outros primores.

Dentro da gran choupana a cada passo
Pende de lenho a lenho a rede extensa:
Alli descanço toma o corpo lasso;
Alli se esconde a marital licença:
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial que tem suspensa;
Nem-um se vê que é raro em tal vivenda,
Que a mulher d'outrem, nem que a filha offenda.

Crendo o nosso poeta que so na raça caucasiana se póde encontrar o typo do bello, faz de Paraguassú uma excepção das da sua tribu, e dá-lhe a cór branca, de que não necessitára Basilio

[1] Vide o seu interessante trabalho *De la Poesia del Brasil*, inserto na *Revista española de Ambos Mundos*, tom. III, maio de 1855.

da Gama para tão formoso retrato traçar da sua Lindoya. Sejam os leitores arbitros do pleito, que ácerca da belleza de suas heroinas, estabeleceram os dois poetas que um mesmo torrão vira nascer. Lembrados do retrato da esposa de Cacambo confronte-no com a do Caramurú.

Paraguassú gentil, tal nome teve,
Bem diversà da gente tão nojosa,
Da côr branca como a branca neve,
E d'onde não é neve era de rosa :
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella luz, testa espaçosa :
D'algodão tudo o mais, com manto espesso
Quanto honesta encobriu, fez ver-lhe o preço.

A demonstração da existencia de Deus pelas provas physicas é mui propria d'um selvagem, como Gupeva, a quem as metaphysicas e moraes eram desconhecidas. Nas seguintes estancias avaliarão os leitores da belleza d'esta demonstração :

Um Deus, diz, um Tupá, um ser possante,
Quem poderá negar que reja o mundo,
Ou veja a nuvem fulminar tonante,
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo ?
Quem enche o ceo de tanta luz brilhante?
Quem borda a terra d'um matiz fecundo?
E aquella sala azul, vasta, infinita,
Si não está lá Tupá quem é que a habita?

A chuva, a neve, o vento, a tempestade,
Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trevas sobre o mundo chove?
E este espirito amante da verdade,
Inimigo do mal, que o bem promove,
Cousa tão grande, como fora brada
Se não lhe dera o ser quem vence o nada?

Quem seja este grande Ente e qual seu nome
Feliz quem saber pode! Eu cego o ignoro;
E sem que a empreza de sabe-lo tome,
Sei que é quem fez tudo, e humilde adoro:
Nem duvido que os ceos a terra dome,

Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil desmaio
Ameaçar no trovão, punir no raio.

Natural é a pintura do paraizo attribuida pelo poeta ao generoso hospede de Diogo Alvares. Nella se notam estas formosas oitavas :

Aqui do grão Tupá no amado seio
Conversam, dansam, jogam sem fastio.
Uns dos males passados sem receio,
Cantam da crua guerra o caso impio :
Outros da propria morte o golpe feio,
Recordam sem pavor, contam com brio,
Que o recordar um mal que é já passado
Dá depôis mais prazer que então cuidado.

Alli dos pais as almas venturosas
Unidas sempre estão ao filho amado,
E o premio das fadigas laboriosas
Gozam no seio um d'outro sem cuidado.
A mãi abraça as filhas amorosas,
Como o esposo a consorte em puro agrado;
Sem guerra, sem contenda e sem porfia
Passam tranquilla a noite e alegre o dia.

Consideramos como uma das mais felizes imitações do livro II da *Iliada* o magestoso painel em que vemos com as mais vivas tinctas deshenada a marcha das tribus guerreiras, que, conduzidas por Jararaca, vão levar a desolação ás tabas de Gupeva e Taparica. Os bellicosos usos de cada cabilda, suas armas, seus variegados cocares, seus ruidosos *maracás* e clangorosas *inubias*, são por lindas *hypotyposes* representadas na mente do leitor.

Dominado pelo desejo de mostrar os seus profundos conhecimentos nas letras sagradas, não perde Durão ensejo de fazer dissertações theologicas, quasi sempre mal cabidas. Para prova do que acabamos de dizer bastará citar a falla de Diogo Alvares a Paraguassú sobre a bondade de Deus e excellencias da religião christan, que se lê no canto V.

Tempo é de fallarmos do episodio de Moema, o mais bem acabado de toda a obra. Não obstante os gabos que se lhe tem feito,

julgamo-lo muito inferior ao de Lindoya e descobrimos nelle certo ar declamatorio summamente prejudicial ao pathetico que tinha em vistas produzir. Digam os leitores se injusto somos em nossa apreciação lendo estes, aliás bellissimos versos :

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada,
E ignorando a occasião da estranha empreza
Pasma da turba feminil que nada ;
Uma que as mais precede em gentileza
Não vinha menos bella do que irada;
Era Moema que d'inveja geme,
E já risonha á náo se apega ao leme :

Barbaro, a bella diz, tigre e não homem
Porém o tigre por cruel que brame
Acha forças amor que emfim o domem,
So a ti não domou por mais que eu te ame.
Furias, raios, coriscos, que o ar consommem,
Como não consummis aquelle infame ?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco,
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo
Quando eu a fé rendia ao teu engano ;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano :
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me traidor e d'esta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte ?

Tão dura ingratidão menos sentira
E este fado cruel doce me fôra
Si a meu despeito triumphar no vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora.
Por serva, por escrava te seguira
Si não temera de chamar senhora
A vil Paraguassú que sem que o creia
Sobre ser-me inferior é nescia e feia.

Emfim tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente com que aos meus respondas :
Barbaro, si esta fé teu peito irrita,

Disse, vendo-o fugir, oh! não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer mais cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo
Com mão já sem vigor soltando o leme
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar que irado freme
Tornando a apparecer desde o profundo.
Ah Diogo cruel! disse com magoa,
E sem mais vista ser sorveu-se n'agoa.

Para conformar-se com os estylos epicos, quiz tambem S. Rita Durão fazer uma narrativa: escolhendo para orador a Diogo Alvares e para ouvinte a *Du Plessis*, commandante da náo franceza em que iam os dois esposos. Impossivel será d'encontrar maior acervo d'inverosimilhanças e contradicções do que neste lugar do poema *Caramurú*. Como podia o protagonista descrever tão miuda e exactamente a costa do Brasil, elle que apenas conhecia o reconcavo da Bahia? Como era possivel que um habitador das ribeiras do Lima, que em cata de melhor fortuna buscava as regiões d'aurora, naufragando dezaseis annos depois do *feliz achado* de Cabral[1], estivesse tão ao facto das circumstancias de tal acontecimento e das explorações d'Amerigo Vespucci? Visivelmente abusava Durão da licença dada por Horacio nestes conceituosos versos:

Pictoribus atque poetis
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

Bem traçada é a estupefacção da filha de Taparica á vista dos esplendores da civilisação accumuladas na capital do reino christianissimo. Destaquemos d'esta grinalda poetica a seguinte parabola, que póde rivalisar com as mais delicadas que se encontram em Camões:

Qual pende o tenro infante ao collo d'ama
Si um novo e bello objecto tem presente,

[1] Diz Jaboatão em seu *Novo orbe seraphico* que o naufragio de Diogo Alvares tivera lugar em 1516.

Que nem a doce mãi que ao peito o chama
Nem os mimos do pai pasmado sente;
Toda a alma no que vê fixo derrama
E so parece pelo olhar vivente:
Não foi d'americana o ar diverso
Vendo em Pariz a summa do universo.

Incorre na censura que acima fizemos a descripção do Brasil e a narrativa da sua historia feita pelo Caramurú a Henrique II. Nem menos estranhavel é a circumstanciada menção de todas as fructas, legumes, e arvores brasilicas que n'uma poesia descriptiva, como nas de Botelho d'Oliveira, seriam de subido valor; mas que repugnam ao tom que devem guardar os poemas, que d'epicos aspiram os fóros.

Posto que muito lindo seja o sonho de Paraguassú em seu regresso aos patrios lares está tambem elle repleto d'incongruencias e continuas violações das leis da verosimilhança. Engolphou-se de tal modo o nosso poeta na narração dos principaes successos da historia patria que esqueceu que a sua heroina lendo no futuro não podia por fórma alguma empregar a linguagem do passado, de que a miudo se serviu. O exemplo de Camões, de que tanto se inspirou, ter-lhe-hia mostrado que as scenas que em perspectiva são revelados aos protagonistas dos poemas não devem ser tão minuciosas como as exposições dos factos anteriormente occorridos.

Extremamente prosaico é o final do *Caramurú*, exceptuando-se apenas o gracioso lance de reconhecer Paraguassú na imagem da Virgem pelas vagas arrojada ás praias a que em sonhos lhe apparecera durante o seu trajecto da França para a Bahia.

Fraquissimos são os caracteres d'este poema, onde, a exemplo do Turno de Virgilio o papel de Jararaca é mais perfeito, e maior interesse inspira do que o de Diogo Alvares Correia. Com delicados toques desenhou, porém o retrato de Paraguassú, a qual com mais justiça caberia o titulo de protagonista.

Ainda mais abundantes do que no *Uraguay* são os descuidos de metrificação, equivocos grammaticaes, e mais alguns peccados contra a boa e castiça linguagem portugueza.

LICÃO XXXVI

Genero dramatico.

Já dissemos que com Gil-Vicente acabou-se a originalidade do theatro portuguez: não podendo seus discipulos Prestes e Rezende reagir contra a influencia da escola classica que contava por campeões a Sá de Miranda e Ferreira, e a que inclinou-se Camões em algumas das suas composições dramaticas. Momentaneo porém foi esse triumpho, não logrando por muito tempo da satisfação d'haver supplantado a sua rival. O seculo XVI, que a vira nascer, a viu tambem succumbir diante da onda invasora dos dramas sacros; monstruosa profanação que debalde por varias vezes quiz a auctoridade ecclesiastica reprimir. Em um mandamento datado de 1561 punha o cardeal-infante D. Henrique (inquisidor mór) no rol dos livros prohibidos todas « as obras em romance de burlas, onde se tracta das coisas de religião, ou da Sagrada Escriptura, ou aonde se applicam palavras sagradas a propositos profanos. »

Pelos fins do seculo XVI introduziram os jesuitas em Portugal as tragi-comedias sagradas, sendo a primeira composta pelo P. Luiz da Cruz e representada diante d'El-Rei D. Sebastião no anno de 1570 por occasião da sua visita á universidade de Coimbra. Algumas d'essas composições subiram á scena com grande apparato, como v. g. a que tinha por assumpto o descobrimento e conquista d'Oriente por D. Manuel, e que foi representada em 1619 em presença de D. Philippe II. Entravam nesse drama,

de gosto chinez, 350 personagens sendo acompanhado d'orchesta, côros e todo o genero de machinas, no que principalmente faziam consistir o merecimento d'essas anomalias theatraes, urdidas contra todas as regras da verosimilhança e do bom gosto.

Nem menos monstruosas erão as comedias magicas, cujo introductor fôra o celebre Simão, mais conhecido por Boaventura Machado, cujo unico pensamento era divertir o publico e deslumbrar-lhe os olhos pela magnificencia da decoração.

Para a decadencia que com gigantescos passos corria a scena lusitana, trouxe ainda o seu contingente a paixão que nessa epocha se desenvolveu pelo theatro hespanhol; a que Lope de Vega e Calderon de la Barca tanto esplendor haviam communicado. « Não havendo já corte em Lisboa, diz Aragão Morato, concorriam aqui os comediantes hespanhoes attrahidos pelos vice-reis e representavam os dramas do seu paiz. Dos portuguezes uns na sua mesma patria, outros na côrte de Madrid, pretenderam ou imitar, ou exceder aquelles modelos; mas quasi todos escreveram em castelhano e nem-um se atreveu a afastar-se do caminho então seguido e formar uma nova escola. *A Musa entretenida de varios entremezes* foi a unica coisa nova que no seculo XVII se produziu em Portugal. É devida á penna de Manuel Coelho Rebello, e divide-se em vinte e quatro entremezes, uns em portuguez e outros em castelhano, impressos em Coimbra em 1658 e em Lisboa em 1695[1]. »

Muitos annos depois da restauração da monarchia e da independencia nacionaes, continuáram as *zarzuelas* e operas hespanholas a manter o privilegio de recreiar o publico lisbonense e das Principaes cidades do reino. Com ellas veio mais tarde competir a *opera italiana*, que a magnificencia de D. João V attrahiu ás margens do Tejo. Do contacto d'essas duas escolas procedeu a *opera portugueza* que dos annos de 1733 ao de 1741 subiu á scena nos theatros do *Bairro Alto* e da *Mourasia*. « Estas peças, pondera Aragão Morato, que aliás não são estimaveis nem pela invenção, nem pelo enredo, nem pelo estylo e linguagem, tem muita graça

[1] Vide *Mem. sobre o theatr. port.*, por F. Trigoso d'Aragão Morato, inserta no tomo V das *Mem. d'Academia real das sciencias de Lisboa.*

comica, e (si me é licito assim dize-lo) uma certa originalidade, que debalde se procura em todos os nossos dramaticos do seculo antecedente. »

Quem assim continuava a dynastia dramatica de Gil-Vicente, quem calçava o seu sócco por tão largos annos abandonado, era um nosso compatriota, cujo nome, mais pelo seu infortunio do que pelo raro talento, é hoje popular entre nós. Por certo que ter-nos-ha prevenido a perspicacia do leitor conhecendo que queremos fallar de

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro aos 8 de maio de 1705 foi filho de João Mendes da Silva, que aqui exercia a profissão d'advogado, e de sua mulher Lourença Coitinho. Tinha esta a desgraça de pertencer á grei dos christãos-novos, e sendo accusada de *judaisar* foi remettida para Lisboa em fim de 1712 ou começo de 1713. Acompanhou-a seu marido e filhos, e nos carceres da inquisição permaneceu por algum tempo até que feita a penitencia pelas suas reaes, ou pretendidas culpas, foi posta em liberdade. Sob tão tristes auspicios estreou Antonio José seus estudos; e na sociedade de judeus e christãos-novos em que vivia, por lhe serem as demais defesas, talvez que com elles se habituasse a pensar e professasse occultamente os seus principios religiosos.

Julgando que a formatura em canones lhe servisse d'escudo contra a suspeitosa vigilancia do Sancto Officio matriculou-se na universidade de Coimbra, e com tão feliz exito que aos vinte e um annos d'idade havia completado os seus estudos. Regressando aos seus lares auxiliava a seu pai no escriptorio d'advocacia, que tinha aberto no sitio denominado — *Pateo da Comedia*, — quando arrastáram-no para as masmorras do *Rocio*, onde, cedendo aos energicos argumentos da polé esteve por tudo que d'elle quizeram seus singulares catechistas, e no *auto da fé* de 13 d'outubro de 1726 fez solemne e formal abjuração dos erros que lhe eram attribuidos.

Amestrado por tão cruel experiencia rompeu Antonio José as suas relações com a sociedade suspeita com que até então

convivia, e buscou ligar-se estreitamente com os religiosos mais instruidos e morigerados, principalmente da ordem de S. Domingos.

Havendo-se casado em 1734 com Leonor Maria de Carvalho foi residir no largo do *Soccorro*, junto á igreja d'este nome, em cuja pia baptisou-se no anno seguinte uma galante menina que, em honra de sua avó, recebeu o nome de Lourença.

Placidos e serenos se deslisavam os dias do advogado fluminense, que do rendimento da sua banca addicionado ao que lhe davam as suas composições dramaticas, que com grande applauso eram recebidas pelo publico no theatro da *Mouraria* onde até então so representavam figuras inanimadas, tirava honesta e folgada subsistencia.

Acontecimento á primeira vista insignificante, veio toldar o horizonte de sua felicidade: possuia sua mãi (que em sua companhia vivia) uma escrava natural de Cabo-Verde, e castigando-a Antonio José pelo seu desregrado proceder foi por ella denunciado ao Sancto Officio.

Talvez que alguma palavra imprudente lhe tivesse escapado nas doces expansões familiares; o certo é que acolhida com sofreguidão a denuncia, foi de novo recolhido aos calabouços do Rocio com sua joven esposa, velha mãi, e a negra denunciante; a qual tomada d'inexplicavel terror expirou poucos dias depois d'haver transposto os umbraes do fanatismo.

Nada se lhe podendo extrahir das suas obras devidamente licenciadas que podesse comprometter a sua orthodoxia, recorreu-se á espionagem por meio d'*escutas*, ou buracos feitos nos tectos e nas paredes dos carceres. Nem o testemunho dos guardas que asseguravam te-lo visto amiudadas vezes rezar e bemzer-se; nem o depoimento, sempre valioso, dos frades dominicanos, que juráram em seu favor, affiançando a sua devoção e boa conducta, e o que é mais, nem a protecção do proprio rei (D. João V), que por elle mostrou interessar-se, poderam salva-lo das garras do nefando tribunal!

D'onde partia tão implacavel odio? — É de crer que fosse elle motivado pela liberdade da sua musa satyrica; por algumas illusões aos abusos do clero; e talvez que pelas machinações d'algum inve-

joso e occulto inimigo. — Pelo menos assim pensava Costa e Silva, quando estas palavras escrevia :

« É natural que a Inquisição tivesse em vista o poeta pelas censuras que aventurava em suas peças contra o relaxamento do clero, e por tal ou qual trecho do *Amphitrião* em que parece alludir ao máo tractamento que recebera nos carceres : além d'isso a sua gloria dramatica devia crear-lhe invejosos, e os invejosos são sempre os inimigos mais temiveis; porque a inveja so cabe em almas vís, e estas nem se applacam, nem escrupulisam nos meios de vingança[1]. »

Sepultado no carcere n° 6 do chamado *corredor meio novo* aguardou Antonio José por largo tempo a sua sentença, que lhe foi intimada no dia 16 d'outubro de 1739. Por um refinamento de crueldade, digno de taes *inquisidores* da fé, guardáram elles esta sentença em segredo por espaço de septe mezes, fazendo-lhe oscillar a alma entre o temor e a esperança. Entrando para o oratorio em companhia do jesuita Francisco Lopes, prodigalisou-lhe este todas as precisas consolações confortando-o para a viagem d'além-tumulo. Com a sinistra pompa de que sohiam taes actos ser revertidos, caminhou Antonio José para o *Campo da Lan :* e subindo com a resignação d'um martyr a fatal fogueira, foram em breve reduzidos a cinzas os seus restos mortaes : voando o espirito aos pés d'um Deus justo e misericordioso. Passava-se isto a 19 d'outubro de 1739 aos olhos d'um povo civilisado, e na capital d'um reino que tres seculos antes recebia hospitaleiramente os judeus expulsos da Hespanha! !.....

Duas mulheres estreitamente ligadas ao *relapso* adornavam o *triumpho da fé :* eram estas Lourença Coitinho e Leonor de Carvalho; ás quaes era permittido viver gravando-se-lhe na fronte o estigma da reprovação.....

As operas d'Antonio José foram colleccionadas depois da sua morte por Francisco Luiz Ameno debaixo do titulo *Theatro comico* e publicadas pela primeira vez em 1744. D'esta collecção que constam de quatro volumes pensam os criticos que os dois ùltimos são d'outros auctores, principalmente d'Alexandre Antonio

[1] *Ensaio biograph.-critico*, tom X, cap. IV

de Lima não passando de pessimas traducções do hespanhol e do italiano. Tal era porém a avidez do publico por este genero de composições, que mais tres edições se tiráram, sendo a ultima a que sahiu das officinas de Simão Thadeu Ferreira dos annos de 1787-1792. Além da collecção a que nos referimos imprimiram-se avulsas algumas das peças d'Antonio José, como, v. g. a intitulada — *As Guerras do Alecrim e da Mangerona.* — Ao mui prestimoso e illustrado Sr. Ferdinand Denis deve-se a traducção da opera denominada *D. Quichote*, que inseriu na collecção dos *Chefs-d'œuvre des théâtres étrangers* [1]. Segundo o testemunho do Sr. Varnhagem dispunha-se o illustrado desembargador Silva Pontes a dar uma edição completa das obras do nosso desditoso compatriota expurgada dos erros que nas antigas impressões haviam escapado. A morte de tão benemerito cultor das letras privou-nos d'este trabalho e de muitos outros que consta-nos que deixára completos, ou muito adiantados.

Ninguem mais do que Antonio José aproximou-se a Aristophanes pela originalidade da invenção, acrimonia em satyrisar os ridiculos nacionaes, facilidade no dialogo, e perfeição na pinctura dos caracteres. Com o firme proposito de provocar a hilaridade pouco se lhe dava com a escolha dos personagens, nem com o lugar da scena. Amalgava a historia com a fabula : Jupiter, Alcmena, Medea, Esopo, Proteo e D. Quichote, tudo lhe servia; tecia o seu enredo como lhe aprazia pouco se lhe importando em observar as regras da verosimilhança. Escrevia em Portugal e para portuguezes, e sob o véo transparente de suas ficções facil era de perceber o quadro fiel d'essa côrte de D. João V.

A imitação dos *vaudevilles* são as suas operas entremeiadas de versos que se cantavam em scena, encontrando-se entre elles alguns pedaços perfeitamente lyricos, que demonstram que as nórmas das tragedias gregas com seus riquissimos córos não lhe erão

[1] Durante sua curta residencia em Lisboa poude o nosso respeitavel e bom amigo o Sr. M. d'Araujo Porto-Alegre deparar com uma composição inedita d'Antonio José intitulada *Obras do Diabinho da Mão Furada*, e havendo d'ella obtido uma copia authentica, offereceu-a a S. M. o Imperador, por cuja determinação comecei a publica-la na *Revista brasileira* do mez de setembro de 1860. Compõe-se ella de cinco partes, a que o auctor chamou de folhetos, no estylo joco-serio em que tanto primava o *Plauto brasilio.*

desconhecidas. Vê-se pois, que não por ignorancia, e sim por querer conservar um cunho proprio, uma physionomia nacional, é que recusava cingir-se ás prescripções d'Aristoteles, como lhe aconselhavam alguns doutos amigos. Oiçamos o que a tal respeito diz o Sr. Magalhaens na prefação da bellissima tragedia com que arrancou do esquecimento o nome do illustre dramaturgo.

« Dotado d'um genio nimiamente comico e satyrico, deu-se ás composições theatraes, desprezando todas as regras estabelecidas e não attendendo sinão ao estado do povo para quem escrevia; em vão o conde da Ericeira, então litterato de grande nota e legislador do Parnaso luso, o aconselhava d'imitar a Molière, como elle em tudo imitava a Boileau, de quem traduzia em portuguez a *Arte poetica;* Antonio José ouvia os conselhos de seu nobre amigo, admirava Molière, mas seu genio era outro. »

Escrevendo para o povo acommodava á sua comprehensão a linguagem das personagens, graduando-a contudo seguindo a sua classe e condição. Assim pois usam os reis, os principes e os nobres d'um phraseado cheio de trocadilhos, emphatico e sesquipedal, em quanto fallam os plebeus uma linguagem chan e sem ornatos. Era isto uma critica aos restos do gongorismo, que no gremio da fidalguia buscára asylo. Podemos com affoiteza dizer que neste ponto Gozzi, Goldoni e Molière não lhe levam a palma.

Reina certa monotonia nas peças d'Antonio José, e lidas duas ou tres póde conhecer o enredo de todas as outras. Ha sempre nellas um criado vivo e espirituoso cujas argucias e chistes distrahem o auditorio e procuram um desenlace ao nó da intriga. Cumpre porém confessar que é este defeito commum a todos os auctores comicos, e que d'elle não se poderam subtrahir ainda os grandes mestres supra-citados.

Na escolha dos assumptos, na invenção e urdidura do enredo, no embate das paixões, e na feliz e natural peripecia não conhece Antonio José rival na litteratura portugueza.

Receando sempre da fraqueza do nosso juizo buscamos ampararnos com os dos mais do que nós amestrados no mister de julgadores. Sirva-nos ainda esta vez de broquel a opinião d'um competente contraste.

« Qualquer comedia d'Antonio José da Silva é uma estampa perfeita d'espirito, graças e sal comico; o riso deve estar sempre nos labios; a curiosidade avivada continuamente; as scenas mudam e o espectador guarda a memoria de seus passados prazeres e fica sequioso de novos, com que já conta pela precedencia, e que, com quanto lhe tragam sempre delicias, quasi que lhe sahem d'ordinario pelo avesso do resultado que esperam.

« E quanta originalidade! Quantos ditos populares portuguezes, que, pela primeira vez viu o povo repetir-se, e que elle applaude sempre porque é a sua imagem, que alli anda, é seu sangue que alli corre, é sua boca que alli falla, são suas practicas, suas phrases, suas palavras, que alli se dizem! Porque é que Aristophanes fazia correr os athenienses ás suas comedias, informes, mas bellas e espirituosas? — Porque elles nellas se conheciam, como o povo de Portugal se vê retratado nas personagens das operas d'Antonio José da Silva [1]. »

Quem pautando-as pelas ideias d'hoje, pela delicadeza dos nossos ouvidos, quizesse avaliar as operas d'Antonio José, acha-las-hia grosseiras e empregando a miudo uma linguagem inconveniente e por vezes obscena. Releva porém que não nos olvidemos do preceito de critica litteraria que manda collocarmos pela imaginação no tempo e na sociedade em que viveram os auctores que quizermos julgar. Si assim proceder o censor estamos certo de que absolverá o dramaturgo fluminense d'accusação d'immoral, reconhecendo que nessa epocha de grande laxidão de costumes occulta com o manto da hypocrisia, e da falsa devoção, era preciso ferir a rudes golpes, usar dos termos proprios ou ao alcance d'uma platea composta pela mór parte da escuma da população lisbonense. Era talvez para evitar o contacto com essa platea, cujos applausos mendigavam os auctores por meio d'imagens burlescas, senão indecentes, que recusavam nossos avós levar suas familias a taes lugares por elles reputados como fócos d'abominações.

Sem que fosse o seu principal movel não se descuidava Antonio José de misturar lições de moral e exemplos de bons costumes em suas operas, imitando nisso o sempre lembrado Gil-Vicente.

[1] Vide *Varões illustres dos tempos coloniaes* pelo Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva.

Havia porém notavel differença entre estes legisladores da scena portugueza : e vinha a ser, que o auctor da farça *D. Ignez Pereira* fazia representar os seus autos, comedias e tragi-comedias perante as côrtes cultas de D. Manuel e D. João III, ao passo que o nosso compatriota tinha por juizes os frequentadores dos theatros do *Bairro Alto* e da *Mouraria*. Ainda assim como prova do seu grande talento poucas serão as suas peças que, mediante alguns córtes e modificações de phrases, não possam ser hoje expostas ao publico e por elle applaudidas. Diz Costa e Silva que assistira no theatro do *Salitre* á representação do *Labyrintho de Creta*, que muito agradára os espectadores.

Perplexo na escolha das bellezas que aos milhares abundam nas operas d'Antonio José, daremos apenas d'ellas alguns specimens aconselhando a sua integral lição ao leitor curioso.

Na *Vida do Grande D. Quichote de la Mancha* achamos nós uma fina satyra aos que querem passar por espadachins e valentões, nutrindo-se de basofias e vestindo os andrajos da miseria. É magnificamente traçada a figura do protagonista, e não menos completa a do espirituoso Sancho Pansa. Vejamos como elle descreve á sua mulher e filha a mui celebre ilha cujo governo lhe promettera seu amo :

É a mais excellente do mundo; é mui grande, tem septe palmos de comprido e dois de largo; tem muitas arvores d'espinhos, e o que me gabam mais é um passeio que tem d'ortigas, que dizem é uma maravilha : sobre tudo tem ao pé dos muros um canteiro de boninas, que cheiram que tresandam; tem muito lega-cachorro, e é tão sadia que todos os annos tem um ramo de peste : quanto ao eu ir bem accommodado nisso não se falla : tomara-me eu já nestas limpezas, e então, si Deus quizer, casarei a minha Sanchica com um fidalgo.

Chistoso é o testamento do dito Sancho Pansa dictado a um almocreve que fazia as vezes de tabellião. É tambem uma fina critica a mania testamentaria, então muito em voga, ainda naquelles que nada tinham que deixar :

Declaro por descargo da minha consciencia que me chamo Sancho Pansa, natural de bom genio; declaro mais que fui casado desanove vezes,

todas contra a minha vontade : item, que d'esta ultima mulher que tenho.....

THERESA.

Criada de Vossa Mercê.

SANCHO.

Callai-vos lá tola, não embaraceis o pavio da historia. Tenho tres filhos, cujos nomes me não lembram por ora. Item que sou senhor e possuidor de muitos bens movitos e de raiz e outros sem raiz ; os movitos vem a ser, duas bassouras do Algarve, dois esfolinhadores da chaminé, e uma rotula já furada. Item, trinta e tres cadeiras que deram com o couro á sóla. Item, mais um bofete de páo, que veio de bordo, tres paineis já em muito bom uso, a saber, um do mundo ás avessas, outro d'um navio, que pintou o meu pequeno, e outro que já se não sabe que pintura tem; porém supponho que seria boa. Item, um espelho de despir sem aço, um Mafamede da India com o seu tapete d'Arrayolos coberto por cima. Item, uma excellente manta de retalhos que me veio do Japão, e outra que me ha de vir do Jaquejo. Item, uma formosa teia d'aranhas, duas colheres de tartaruga bastarda, um bispote e mais trem de cosinha. Ora vamos agora aos bens de raiz. Declaro que tenho umas casas na minha vestia. Item, um pairreiral d'uvas de cão no meu telhado. Item, dois vasos, um d'ensaião e outro que teve arruda, que ainda se conhece pelo cheiro. Item, mais uma arvore de geração. Passemos agora ao meu gado. Em primeiro lugar tenho um burro, que lhe chamam o ruça por alcunha ; tenho mais duas cadellas paridas. Declaro que não me devem nada, e que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo a minha mulher tudo quanto poder furtar no inventario. Deixo a minha filha Sanchica o meu bom coração, e aos meus filhos não lhes deixo nada, porque si o quizerem que o furtem como eu fiz. Institúo por meu universal herdeiro forçado a um mouro da galé, a quem peço, que faça pela minha alma o mesmo que eu fizera pela sua. Tal parte, em tal lugar..... tantos do mez passado.....

. . . . . .

Não poupou Antonio José a turba dos versejadores a que lord Byron appellidava de *canalha dos poetas*. Na scena IX da 1ª parte figura elle a entrevista de D. Quichote com Apollo no monte Parnaso, onde se achavam amotinados os filhos d'harmonia.

APOLLO.

Esperai, bastardos filhos d'Apollo, que cedo virá quem me vingue das vossas injurias.

POETA.

Já não te reconhecemos, oh Apollo! por Deus da poesia, pois qualquer de nós é um Apollo e qualquer ideia nossa uma musa.

APOLLO.

Assim vos atreveis a profanar o decóro que se deve aos meus apollineos raios?

(Sae D. Quichotte, Sancho e Caliope.)

POETA.

Toca a investir o Parnaso.

APOLLO.

Em boa hora venhas, valente D. Quichote, que so a tua espada me póde segurar o throno e o laurel: vem, vem a vingar-me d'esses poetasinhos, que sem mais arma do que a sua presumpção querem não so competir com o meu plectro, mas ainda intentam despojar-me do Parnaso; e como as armas e as letras são tão fieis companheiras quero-me valer das tuas armas para a restauração da minha sciencia; e como esta violencia que se me faz não desmerece os empregos da tua cavallaria peço-te que me soccorras.

D. QUICHOTE.

Senhor Apollo, eu tomo sobre mim o seu desaggravo, e desde agora se póde assentar bem nesse throno, que d'elle ninguem o ha de arrancar.

SANCHO.

Senhor meu amo, eu cuido que estou sonhando. Que V. Mce entre no Parnaso e não é muito porque é louco; porém eu que sendo um ignorante tambem cá esteja, é que mais me admira; e d'aqui venho agora a concluir que não ha tolo que não entre hoje no Parnaso.

D. QUICHOTE.

Diga-me, senhor Apollo, e como se chamam os poetas que tanto o perseguem?

APOLLO.

Esta é a desgraça, D. Quichote, que os poetas que me perseguem não são de nome, e contudo cada um cuida que vale mais do que eu mesmo.

A pintura da justiça que lemos na scena IV da 2ª parte é digna do pincel de Menandro pela delicadeza e naturalidade de seus traços. Copiemo-la:

MEIRINHO.

Ora já que V. M. fallou em espada e justiça, diga-me porque pintáram a justiça com olhos tapados, espada na mão e balança na outra, pois ando com esta duvida, e ninguem m'a póde dissolver, e so V. M. m'a ha d'explicar como sabio em tudo?

SANCHO.

Que me faça bom proveito : dai-me attenção, meirinho. Sabei primeiramente que isto de justiça é coisa pintada, e que tal mulher não ha no mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g. a senhora Dulcinêa del Toboso, nem mais, nem menos; porém como era necessario haver esta figura no mundo para meter medo a gente grande, como o papão ás crianças, pintáram uma mulher vestida a tragica, porque toda a justiça acaba em tragedia; tapáram-lhe os olhos porque diziam que era vesga e que metia um olho por outro; e como a justiça havia de sahir direita para não se lhe enxergar esta falta, lhe cobriram depressa os olhos. A espada na mão significa que tudo ha de levar á espada que o mesmo que a torto e a direito. Os doutores que fallam nesta materia não declaram se era espada colibrina, loba, ou de foliga; mas eu de mim para mim entendo que d'esta espada a folha era de papel, os terços, d'infanteria, os copos de vidro, a maçan de craveiro, e o punho secco; na outra mão tinha uma balança de dois fundos de melancia como as dos rapazes, não tem fiel, nem fiador, mas contudo dá boa conta de si, porque esta moça se não tem quem a desencaminhe é mui sisuda. Algum dia podia eu ler de ponto nesta materia, porque vos posso dizer que criei a justiça a meus peitos; mas as cavallarias do Senhor D. Quichote fizeram-me com que fechasse os livros e desembainhasse as folhas.

Recommenda-se pela simplicidade da contextura a opera denominada *Esopaida*, ou *Vida d'Esopo*, onde se põe em relevo o espirito agudo e sagaz d'este famoso philosopho grego. Inutil será de dizer que Antonio José poz á margem quasi tudo o que nos transmittiu a historia ácerca d'elle, servindo-se apenas das circumstancias de ter sido escravo, corcunda e summamente espirituoso. Para não multiplicar citações, apenas citaremos d'esta peça a seguinte scena em que Esopo elevado á dignidade de doutor em philosophia, desdenha do amor da criada :

GERINGONÇA.

Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?

ESOPO.

Doutor de quando em quando.

GERINGONÇA.

Que ande eu morrendo d'amores por ti, e que tu tão secco, tão despegado, e desdenhoso me faças desprezos?

ESOPO.

Mulher, ou tição do inferno, não me deixaras? Como queres que te queira bem se não acho por onde te pegue? Não vês que és uma cozinheira e que eu sou um doutor?

GERINGONÇA.

Tu és doutor?

ESOPO.

Quando nada; porque? Não me vistes logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora si está bem a um doutor casar com uma cozinheira? Já si tu fôras doutora, tranca, porém uma criada chirle, fedendo a adubos, *non suffertur in rerum natura.*

GERINGONÇA.

Ai! tu sabes latim?

ESOPO.

In totum, ite, ite, ad temperandas panellas.

É justamente reputada a opera *Guerra do Alecrim e da Mangerona*, como a mais primorosa das composições d'Antonio José. Na impossibilidade de fazer uma analyse d'esta peça por falta d'espaço [1], contentar-nos-hemos com transcrever aqui parte da scena V da 2ª parte em que Semicupio, criado de D. Gilvaz, se finge de medico para ter entrada em casa do velho D. Lancerote, cujo sobrinho D. Tiburcio achava-se molesto:

D. LANCEROTE.

Oh! tarda este medico!

SEVADILHA.

Não póde tardar muito, pois me disse que já vinha.

D. LANCEROTE.

Como estás agora, meu sobrinho?

[1] No *Plutarcho brasileiro*, ou nos *Varões illustres* do Sr. Dr. Pereira da Silva, encontrarão os leitores uma excellente analyse d'esta opera.

D. TIBURCIO.

Depois que arrotei acho-me mais alliviado.

D. NIZE.

Vaso ruim não quebra (*á parte*).

D. CLORIS.

Si fôra coisa boa não havia d'escapar (*á parte*).

D. LANCEROTE.

Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia de ser luzido : vós o vereis.

D. TIBURCIO.

Outro tanto desejo eu fazer a Vossa Mercê.

(Sahem D. Gil e Semicupio, vestidos de medicos.)

SEMICUPIO.

Deo gratias.

D. LANCEROTE.

Entrem, senhores doutores.

SEMICUPIO.

Qual de Vossas Merces é aqui o doente?

D. LANCEROTE.

É este que aqui está de cama.

SEMICUPIO.

Logo me pareceu pelos simptomas.

D. TIBURCIO.

Ai minha barriga, que morro! Acuda-me, senhor doutor!

SEMICUPIO.

Agora vou a isso : ora diga-me o que lhe doe?

D. TIBURCIO.

Tenho na barriga umas dôres mui finas.

SEMICUPIO.

Logo as engrossaremos : e tem o ventre tremido, inchado e pullulante?

D. TIBURCIO.

Alguma coisa.

SEMICUPIO.

Vossa Mercê é casada, ou solteira?

D. LANCEROTE.

Não, senhor, que meu sobrinho é macho.

SEMICUPIO.

Dianteiro ou trazeiro?

D. LANCEROTE.

Ui, senhor doutor! Digo que meu sobrinho é varão.

SEMICUPIO.

D'aço, ou de ferro?

D. LANCEROTE.

É homem; não me entende?

SEMICUPIO.

Ora acabe com isso: eis aqui como por falta d'informações morrem os doentes; pois si eu não especulára isso com miudeza entendendo que era macho lhe applicava uns cravos, e si fosse varão umas limas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe ha de fazer.

D. LANCEROTE.

Eis aqui como eu gosto de ver os medicos assim especulativos.

SEMICUPIO.

Pois o mais é asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. TIBURCIO.

Tanto como a futura, porque desde que se me acabáram as chouriças que trouxe no alforje, me tem meu tio posto a pão e laranja.

D. LANCEROTE.

Aquillo são delirios, senhor doutor.

SEMICUPIOI.

Assim deve ser por força, ainda que não queira; pois conforme ao aphorismo: *Cùm barriga dolet, cætera membra dolent.*

D. TIBURCIO.

Não são delirios, senhor doutor, que eu estou em meu juizo perfeito,

SEMICUPIO.

Peior, pois quem diz que tem juizo não o tem.

D. LANCEROTE.

Senhor doutor, o homem está allucinado depois que uma phantasma

que sahiu d'uma caixa o desancou; e sobre isto a grande pena que tem tomado d'umas moças que aqui introduziu em casa enganando-as, de cuja innocencia se me veio queixar a mãi que era mulher de bem, ao que parecia.

SEMICUPIO.

Ella é muito criada de Vossa Mercê.

D. TIBURCIO.

Deixemos isso; o caso è que a minha barriga não esta boa.

SEMICUPIO.

Cale-se que ainda ha de ter uma boa barrigada. Deite a lingua fóra.

D. TIBURCIO.

Ei-la aqui.

SEMICUPIO.

Deite mais.

D. TIBURCIO.

Não ha mais.

SEMICUPIO.

Esta bastará: é forte linguado! Tem muito boa ponta de lingua! Vejam Vossas Mercês, senhores doutores.

D. GIL.

A lingua é de prata.

D. FUAS.

Humida está bastantemente.

SEMICUPIO.

Venha o pulso, está intermittente, languido, e convulsivo. Oh! menina tomou as aguas?

SEVADILHA.

Ainda não veio o aguadeiro.

SEMICUPIO.

Pergunto si o doente fez a mija?

D. TIBURCIO.

Nesta casa não ha ourinol.

SEMICUPIO.

Pois tome-as ainda que seja n'uma frigideira; em todo o caso, *quia per urinis optime cognoscitur morbus*.

D. LANCEROTE.

Ah! senhores, que grande medico!

D. NIZE e D. FUAS.

Como está tão melancolico! (*para D. Cloris*).

D. CLORIS.

Estará cuidando na receita.

SEMICUPIO.

Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (si é que o é, que isto não pertence á medicina) teve uma colerica procedida de paixões internas, porque o espirito agitado da representação phantasmal e da investida feminil, retrahindo-se o sangue aos vasos linfaticos, deixando exhauridas as matrizes sanguinarias fez uma revolução no intestino recto; e como a materia crassa e viscosa, que havia nutrir o succo pancreatico pela sua turgencia se achasse destituida de vigor, por falta do apetite famelico, degenerou em liquidos; estes pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as tunicas e membranas do ventriculo, exaltáram-se os sais fixos e volateis por virtude do acido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse de calças na mão toda esta noite: *in calcis andatur, qui ventre evacuatur*, disse Galleno.

D. LANCEROTE.

Eu não lhe entendi palavra.

D. TIBURCIO.

Eu morro sem saber de que.

SEMICUPIO.

Conhecida a queixa votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarei em ultimo lugar.

D. GIL.

Eu sou de parecer que o sangrem.

D. FUAS.

Eu que o purguem.

SEMICUPIO.

Senhores meus, a grande queixa grande remedio; o mais efficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

D. TIBURCIO.

Como é isso de bichas nas meninas dos olhos?

SEMICUPIO.

É um remedio topico; não se assuste que não é nada.

D. TIBURCIO.

Vossa Mercê me quer cegar?

SEMICUPIO.

Cale-se ahi, quantas meninas tomam bichas e mais não cegam?

D. LANCEROTE.

Calai-vos, sobrinho, que elle medico é, e bem o entende.

D. TIBURCIO.

Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha de levar o diabo o medico e a receita do que eu tal consinta.

SEMICUPIO.

Deite-se, deite-se, o homem está maniaco e furioso.

Esta scena, escripta no estylo de Plauto, é digna de Molière, que por certo não duvidaria d'aceitar-lhe a paternidade, intercalando-a com pequenas alterações em seu admiravel *Doente imaginario*. — Para não desbotar-lhe as vivas côres entendemos nada dever cortar da linguagem de *Semicupio* conservando certas expressões que, por menos véladas, podem offender aos susceptiveis ouvidos dos leitores.

Si demos maior desenvolvimento ao estudo das obras d'Antonio José foi porque consideramos que merecem ellas ser mais conhecidas, libertando-as da reprovação que por largos annos pesou sobre as *Operas do Judeu* porque eram conhecidas. Criticos estrangeiros como Bouterweck e Sismondi, não comprehendendo as bellezas e o espirito do nosso dramaturgo, e so avaliando-o pela fórma, tractáram-no com certo desprezo : exceptua-se porém d'este numero o Sr. Ferdinand Denis, que no seu *Resumo da Historia litteraria de Portugal* assim o caracterisa :

« Sua maliciosa jovialidade pinta com habilidade os ridiculos; e apesar de suas imperfeições é original, sabendo fazer-se absolver de suas extravagancias pela sua vivacidade. »

Cumpre porém observar que aquillo que o illustrado critico francez chama d'*extravagancias* é exactamente o que maior padrão de gloria ergueu a Shakspeare e a Lope de Vega, conside-

rados como creadores do theatro moderno. Confessamos que Antonio José desprezava adrede as regras aristotelicas : mas serão ellas porventura tão fixas e infalliveis que não possam modificar-se pelo attrito dos seculos? — Não o cremos; antes com o sabio Schlegel pensamos que na estructura dos theatros gregos achou o mestre d'Alexandre motivo para recommendar a rigorosa observancia das tres famosas unidades dramaticas.

PEDRO ANTONIO CORREIA GARÇÃO

Testemunha da degeneração do theatro portuguez tentou este illustre poeta prestar-lhe o mesmo serviço que outr'ora lhe haviam prestado Sá de Miranda e Ferreira. Com effeito os successores d'Antonio José, exagerando os defeitos do mestre sem participarem de nem-uma das suas raras qualidades, cahiam nos mais condemnaveis excessos, e ultrapassavam as raias do burlesco em procura da graça e do espirito. Para corrigir pelo ridiculo taes monstruosidades escreveu elle um drama, a que intitulou de

Theatro Novo em um so acto e oito scenas. A simplicidade do enredo serve apenas de pretexto para disparar as suas hervadas setas contra os estragadores da scena. Por vezes azeda-se a sua zombaria, e, na phrase do Sr. Rebello da Silva, o dardo ironico sente-se ferir tocado de fel. Façamos uma analyse d'esta excellente producção do *Horacio Lusitano*.

Apresenta-nos na scena 1ª o astuto Aprigio que recommenda a suas filhas Aldonsa e Branca que se vistam de ponto em branco para receberem o seu compadre Arthur Bigodes :

. . . . . que na frota
Veio ha pouco do Rio; e vem potente
Traz infindo dinheiro, papagaios
Araras e bugios; traz mil coisas.

e do qual pretende obter a necessaria quantia para estabelecer um theatro. Para desaferrolhar a burra do velho usurario pensa em inspirar-lhe uma paixão por sua filha Aldonsa, que, prestando-

se de máo grado a semelhante papel, é animada e auxiliada por Branca, que diz-lhe :

Antes, querida mana, nada custa
Engana-los, vendo-los que esta gente
Com pouco se contenta : um leve riso,
Qualquer agrado os enche de vaidade.

Na scena II é bem traçado o dialogo entre o empresario Aprizio e o capitalista Arthur. Depois d'haver preconisado a excellencia do seu plano, diz o primeiro :

Alguns sujeitos tenho intelligentes,
Architecto, poeta, bons actores,
Um musico chapado, e para damas
As minhas filhas Branca e Aldonsa,
Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

ARTHUR.

Pois isso é oiro sobre azul; que o povo
Ou dorme, ou ri, se vê uma tapuya
Arrancando suspiros emprestados,
Torcer os vesgos olhos, e mostrar-nos
Abrindo a negra boca, que é cerrada.
Eu empresto o dinheiro, mas declaro
Que isto se entende em quanto as damas forem
Engraçadas, formosas e bem feitas :
Que para vir gasta-lo com serpentes,
Não o ganhei passando tantos dias
Por duros morros, por incultas fragas,
Talvez comendo carne de macacos.

Pareceu-nos pouco verosimil o amor do septuagenario Arthur pela sua afilhada Aldonsa; é contudo bem sustentado o seu caracter e apropriada a linguagem que lhe empresta o poeta nestes versos :

. . . . . Minha Aldonsa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,
Agora o chego a ver; nelles ao longe
Muito ha que descobri um brando gesto
Que n'alma me bulia ; mas atado
Ao pesado trambolho de meus annos
Luctando afflicto com septenta invernos

Por mais que ardiam fervidos desejos
Capazes d'animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enrigelava,
Porque um homem que é serio, que é prudente,
Antes se humilha a parecer covarde
Que levar na bocheca uma apupada
D'estas rascoas d'hoje presumidas
Que buscam Tamerlões, imperadores
Franchinotes, casquilhos e poetas
Para ao depois berrarem com ciumes,
Sem achar cabeções que a subjuguem.
Tu és, Aldonsa, a excepção da regra.
Amavel, linda, candida, innocente;
Qual rosa pudibunda que em manhan fresca
Que da rustica mão do jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

Por boca de Gil-Leinel expõe Garção as suas ideias a respeito do theatro e da reforma que pretendia nelle operar :

Errado vai quem julga que o theatro
So para divertir o povo rude
Dos antigos poetas foi achado.
Com mais alto designio Athenas, Roma,
E outras cidades mil o receberam :
Póde nelle ensinar-se á mocidade
Guardar as sanctas leis, a fé devida
Á cara patria, ao principe, aos amigos :
Póde nelle mostrar-se quanto é feio
O pallido semblante da cobiça;
D'avareza infeliz, da triste inveja :
Mas para recolher tão grande fruto
É necessario, Aprigio, que o poeta
Em sisuda dicção, em phrase nobre
Com sonoroso verso torneado
Exponha ao povo fabulas sublimes,
Tragedias, ou comedias regulares.
D'aqui venho a tirar que no theatro
Não devemos soffrer drama imperfeito
Cuja graça consiste na doçura
D'afeminada musica moderna,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania!
Restauremos o portuguez theatro

Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleives que sem razão lhe assacam.

Perfeitamente comico é o papel d'Arthur, que, como todos os aventureiros, crê que com o dinheiro lhe vieram todas as aptidões. Tratava-se, como sabemos, de levar ávante a ideia d'Aprigio : recahira a escolha da peça na *Iphigenia* do poeta Gil, e indo se proceder a distribuição dos papeis coube a Jofre o d'Achilles, pelo que indignado o millionario zote exclama :

Espere; tenha mão, senhor poeta;
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro galan a mim me toca.

GIL.

Não póde ser galan; ha de ser barbas.

ARTHUR.

Eu barbas! eu que empresto o meu dinheiro!

GIL.

E que tem o dinheiro co' a figura?
Um velho nunca póde ser mancebo.

ARTHUR.

Senhor poeta, Gil, faça-me a graça
E ponha-se na rua.....

Do modo o mais frio termina este drama, cujo enredo, com grave prejuizo da unidade d'acção, parece unicamente tecido para dar lugar a algumas surriadas aos apologistas e imitadores d'Antonio José. Casa-se Arthur com Aldonsa, dota a Branca, e forçado Aprigio a adiar seus projectos, consola-se dizendo :

Inda o fado não quer, inda não chega
A epocha feliz e suspirada
De lançar do theatro alheias musas,
De restaurar a scena portugueza.

Assemblea, ou Partida. É tambem de Garção este drama, ou antes verdadeira comedia de costumes. Simples e natural é a acção consistente na censura que faz o auctor á mania que tem muita gente de querer figurar mais do que póde. Braz Carril, chefe d'uma honesta familia, composta de sua mulher, um filho e duas

filhas, concebeu a ideia de dar uma *partida*, ou um *chá*, como hoje chamamos, no que foi *caldamente* acoroçoado por sua consorte, anciosa d'achar uma occasião em que podesse ostentar as suas grandezas heraldicas. Faltava porém a este por feliz o indispensavel alimento para este genero d'empresas; por isso que phthisica em segundo gráo achava-se a bolsa. Graças á fertilidade da imaginação de D. Urraca não serviu este *deficit* d'embaraço; abriu um *credito complementar* sacando sobre o velho Gil Fustote, e pondo em contribuição os amigos e conhecidos que cada qual forneceu o que tinha; um as cadeiras, outro as chicaras, etc. Ainda que um pouco ridicula a *partida* pelo mosaico que offereciam os moveis e a baixella, reinava nella viva alegria quando veio mangrar-lhe a chegada dos meirinhos que apresentáram ao dono da casa um mandado de penhora pela quantia de novecentos mil reis de que era devedor a um certo Martinho Raimon. Segue-se uma engraçada scena em que cada convidado reclama o que lhe pertence; reina grande consternação, até que o doutor Muconio responde pela divida, e, conhecedor da inclinação de sua filha por Jofre, filho de Braz, dispõe o seu casamento; assim como o das duas moças Dulce e Branca com Jacob e Picote.

Consideramos esta peça como muito superior á antecedente pela firmeza dos caracteres, flexibilidade do dialogo e interesse sempre crescente do enredo. Quanto á pureza de linguagem é tal como se devera esperar da elegante penna de Garção. Pensamos mesmo que, ao inverso do *Theatro Novo*, poderia esta comedia ser representada, e que ainda hoje seria pelo publico bem recebida.

Ácerca do merito d'esta producção somos inteiramente do parecer do Sr. L. A. Rebello da Silva, que no seu bellissimo trabalho sobre os poetas d'Arcadia, assim se exprime:

« Pelos lineamentos das figuras, pelo calor do dialogo em algumas situações, e pela exacta interpretação dos costumes, a *Assembléa* deve ser collocada entre os bons dramas da escola portugueza [1]. »

Magistralmente desenhada pareceu-nos a lucta entre o passado e o presente, representados por Braz Carril e Gil Gustote. Vejamo-la:

[1] Vide *Panorama*, tomo IX. — 1852.

GIL.

Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em casa terás ou assembléa:
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas são o fruto
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa
Ou te embrulha na rede em que perneias:
Compaixão, grande compaixão me deves
Partidas! assembléas! que mania!

BRAZ.

E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver como vive a gente seria
Hoje em Lisboa? Grandes e pequenos
Todos querem gozar das sans delicias
Do suave prazer da companhia.

GIL.

Sem esses bons prazeres e delicias
Nossos avós e nossos pais viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.

BRAZ.

Ora já que traziam retorcidos
Os grisalhos bigodes; estirada
A esqualida guedelha; no pescoço
Crespas golilhas; gorra na cabeça,
As calças retalhadas e pantufos.
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivellas os sapatos.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.
Não vês no frio inverno ao tronco annoso
Cahir-lhes murchas cans, e quando torna
A fresca primavera, verdejarem
Cobertos de mil folhas novos ramos?
Assim as modas são, assim os usos;
E devemo-nos todos sujeitar-nos
A tão perpetuas leis da natureza.

Summamente satisfeito com a remessa dos castiçaes que para a sua funcção lhe faz seu amigo Jacob Bilhostre diz:

BRAZ.

Vejamos que tres são. Oh! lá soberbos.
Que secia, minha Urraca! Estás contente?

A mulher porém a quem haviam subido ao cerebro os fumos da fidalguia causando-lhe insuportavel orgulho, responde-lhe :

Nunca vi castiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embaláram,
Que nasci n'um curral?

BRAZ.

Não digo tanto;
Mas olha são magnificos e novos.

URRACA.

Na verdade são bons, mal empregados
Em casa onde bastava uma candeia;
E talvez que nem essa elle teria,
Quando cebo vendia aos Remulares.
Na fetida bacúca..... Mas o tempo.....

Com a palheta de Goldoni ridicularisa o nosso poeta a vaidade dos tractamentos, achaque de que já adoecia bastante a sociedade d'essa era, e que parece que se vai aggravando. Chega um gallego trazendo a loiça que emprestada lhes enviava um dos amigos da casa.

GALLEGO.

Aqui manda o senho Gaspar Picote
Assucareiro, bulle, cafeteira
Com tres duzias de chicaras e pires
Que sente não ter mais; e fica prompto
Para a vossas mercês servir em tudo.

URRACA.

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto,
Atrevido, insolente, vai-te embora,
Tu não sabes fallar? Dize a teu amo
Que te mande ensinar: logo pareces
Criado de villão.....

Ao estravagante penteado de que usavam os janotas d'esse tempo e a campanuda terminologia dos medicos dirige-se Garção no seguinte tracto da scena XVII :

MUCONIO.

Leiam, senhor, leiam, não se riam,
Oiçam *in momento temporis* do enfermo,

Incha o pescoço; os tabidos bracinhos
Se mirram, e se encolhem, e parecem
De boneco de massa : mal campeam
As estanguidas pernas marasmadas,
E dos levidos pés cascos vidrentos
O tarso e metatarso edematoso
So consente nas unhas as fivellas.
Finalmente, senhor, degenerando
A massa dos humores pelas pravas
Estranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo;
Os horrendos estragos se propagam
Da triste, da fatal metamorphose
Que os enfermos e miseros casquilhos
Em peraltas ridiculos transforma.

Pelo que havemos transcripto d'essa composição dramatica de Correia Garção facil será de conhecer que não é a sua invenção das mais engenhosas; bem como que ha certa confusão e tibieza no enredo, o qual todavia, como já notamos, não perde o seu interesse.

Pela vereda estreada por *Corydon* trilhavam logo alguns dos mais engenhosos *arcades*, como *Francisco José Freire* (*Candido Lusitano*), naturalisando em nosso idioma a *Merope* de Maffei, e a *Athalia* de Racine, Quita escrevendo a sua *Castro*, e Diniz o seu *Falso Heroismo*.

Por mais d'uma vez havemos assignalado a influencia d'esta celebre associação sobre a nossa litteratura; infelizmente porém ineficaz foi a sua acção relativamente ao theatro nacional, que como reconhecia o erudito Aragão Morato, na *Memoria* supracitada, caminhava em seu tempo (1817) sem norte algum, alimentando-se de traducções de Voltaire, Molière, Metastasio e Goldoni. Foi nessa extrema anarchia, nesse negerrimo chaos que o encontrou Garrett, que chamando-o, pelas suas formosissimas producções, a novos e gloriosos destinos, abriu-lhe a nova era em que actualmente se illustram talentos por todos nós conhecidos.

Tão importante e difficil missão coube entre nós ao Sr. Magalhaens, que com os seus *Antonio José*, *Othello*, *Olgiato* e *Aristodemo* procurou erguer o paleo brasilico, cujo desenvolvimento multiplicadas e estranhas causas hão obstado.

LIÇÃO XXXVII

Romance.

O Feliz independente do Mundo e da Fortuna. — Ao famoso oratoriano P. Theodoro d'Almeida, devem as letras lusitanas este romance, assás apreciado em seu tempo e hoje quasi que esquecido. Como d'estylo digamos alguma coisa da vida do auctor antes de julgar a obra.

Nasceu Theodoro d'Almeida na cidade de Lisboa no anno de 1722, e ainda muito moço abraçou o instituto de S. Philippe Neri, e consagrou-se inteiramente ao estudo das sciencias naturaes, conseguindo por seus esforços saccudir o jugo da physica escolastica que antes d'elle era ensinada em Portugal pelos jesuitas. Para popularisar os conhecimentos uteis escreveu uma obra em cinco volumes, a que denominou *Recreação philosophica*, que lhe grangeou grande estima dos sabios e eruditos. Sua inabalavel affeição aos principios conhecidos pela denominação d'*ultramontanos*, attrahiram-lhe a inimizade do marquez de Pombal; vendo-se obrigado a procurar um refugio em Pariz, onde se conservou até a queda do poderoso ministro de D. José I. De volta á patria foi admittido ao gremio d'Academia Real das Sciencias de Lisboa; tendo já antecedentemente sido honrado com o titulo de socio da Real Sociedade de Londres e da de Biscaia. Presado pelos seus concidadões pelas elevadas qualidades que o ornavam chegou á

avançada idade de oitenta e um annos, fallecendo em Lisboa em 1803.

Ácerca do valor dos seus escriptos scientificos folgamos de citar a opinião do illustrado critico Francisco Freire de Carvalho, que assim s'expressa :

« O P. Theodoro d'Almeida, da Congregação d'Oratorio, Socio d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Real Sociedade de Londres, e da de Biscaia, bem conhecido pelas suas obras philosophicas, escriptas em estylo tal que se fizeram ler com avidez por todas as classes de pessoas, generalisando-se d'esta sorte em Portugal o gosto d'essas interessantes sciencias, o qual n'aquelle tempo se achava ainda limitado aos gabinetes de muitos poucos individuos, seus verdadeiros apreciadores[1]. »

Não contente com a justa reputação de sabio aspirou o P. Theodoro d'Almeida a de romancista compondo á imitação de Fénelon no seu *Telemaco* um romance philosophico com o titulo que acima deixamos declarado. Não agradou este romance aos apaixonados de fortes emoções e lances imprevistos, e quixotescas proezas; e por isso o appellidáram logo de *Feliz impertinente*. Os que porém sabem dar o justo valor ás coisas não poderão deixar d'apreciar a san moral e sublimes principios que nelle resplandece, a belleza de muitos dos seus quadros e situações, e a pura e castiça linguagem em que é escripto.

O desejo de ser util ao seus semelhantes levou o douto ecclesiastico a urdir a trama d'esta romance como elle proprio no-lo diz no seu prologo. Oiçamo-lo :

Como o publico foi sempre o juiz das obras que lhe offerecem, convém que seja informado dos motivos porque se emprehenderam. O principal que me moveu a meditar esta obra foi o bem da humanidade. Vi eu que a maior parte dos que se chamavam infelizes, podiam não ser, si tivessem no entendimento outro modo de pensar, e na vontade outra moderação no querer.

Posto que muito inferior ao seu modelo não é o *Feliz independente* destituido d'interesse, já pelo complexo de seu plano, já

[1] *Primeiro ensaio sobre a Historia litt. de Portugal.* Periodo VIII.

pelo bem acabado de suas partes. Assim por exemplo o caracter de Misseno é admiravelmente desenhado, e desde que entra em scena conquista a benevolencia ao leitor. Forma o contraste com o frio cenobita da verdade o perverso conde de Moravia, cujas acções e pensares inspiram-nos constante horror. O doce e meigo papel d'Hermila serve para matizar o quadro com o esmalte da virtude; ao passo que a desgraçada morte de Neucasis offerece-nos um lance verdadeiramente pathetico.

Procurando evitar o escolho da mythologia grega, recorreu o P. Theodoro d'Almeida aos seres allegoricos para com elles formar o seu maravilhoso. Mostra-nos ás vezes as *Furias infernaes* urdindo enredos, as *Paixões* e os *Vicios* como actores subalternos: os *Sonhos* e as *Visões* trazendo o seu contingente para a acção; o *Anjo tutelar da Polonia* baixando em soccorro do protagonista, etc. Como já dissemos são os seus allegoricos muito pouco favoraveis ao maravilhoso poetico; não podendo escapar d'esta pecha nem ainda quando manejados pelo eximio poeta latino Lucano.

O estylo é sempre flórido, e tal qual convinha ao assumpto notando-se em varias descripções uma pompa que muito o assemelha á poesia, como acontece com o *Telemaco* que lhe servia de modelo.

Tirados a mór parte dos seus episodios dos factos mais salientes da historia d'essa epocha prendem-se com naturalidade á acção principal, e formam uma variedade que instrúe deitando.

Em desconto d'essas bellezas não poude o *Feliz independente* subtrahir-se a certa monotonia; e o immoderado gosto de philosophar que tem Misseno torna o seu papel um tanto tedioso.

Façamos agora um breve elencho das mais bellas passagens do celebre romance do P. Theodoro d'Almeida.

A seguinte pintura d'uma linda noite de luar é digna da esmerada palheta do arcebispo de Cambraia :

Era a noite tão clara e tão serena que os dois irmãos poucas saudades tinham do dia : o luar por si so dava, sem os incommodos do calor, quasi a mesma belleza á face da terra ; e quando elles vinham atravessando a ponte as aguas offereciam um espectaculo tal que não se podiam arrancar

do sitio; porque as muitas bellezas a um tempo lhes lisongeavam os olhos. As ondas pareciam estrellas que desinquietas, buliçosas e tremulas, estavam scintillando no ceo movediço das aguas. Para um lado se via um como cardume d'estrellas, que faziam um mar de prata, mais ao longe appareciam outras que desconfiadas, ou fugitivas, se iam mansamente retirando, e ora appareciam de novo, ora tornavam a esconder-se com alternativa engraçada.

Á par d'este formoso quadro da natureza physica, encontramos muitos e exactissimos da moral, como v. g. o do ciume que optimamente caracterisa nestas palavras :

Quanto ao ciume (diz Sophia) tendes razão e bem fundada; pois onde entrou o ciume fugiu para bem longe a alegria e o contentamento : e quem uma vez foi picado d'este escorpião está perdido de todo : o semblante se lhe muda, os olhos se lhe enfurecem, o sangue lhe ferve, o somno lhe foge, o juizo enlouquece, a vista se turba, os sentidos se confundem, e tudo se vê, tudo se ouve ás avessas. Si tendes ciume a maior innocencia para vós é crime, a fidelidade é perjurio, a candura disfarce, a prudencia não é senão fingimento. Si tendes ciume sereis um algoz de vós mesmos, e (o que mais é) verdugo d'esse mesmo caro objecto que mais ternamente amaes. Vós mesmo, a força d'ama-lo, o fareis exhalar nos vossos braços a vida e a fogo lento o fareis ir morrendo. Mas si isto acontece aos ciosos (acrescenta a irman sorrindo-se), serão felizes os que não derem nesta mania.

Verdadeiramente bucolico é o seguinte painel das doçuras da vida agricola :

Ainda o sol não apparecia no horisonte quando o conde, confuso e impaciente, convidou sua irman para o passeio querendo ir visitar a Misseno. A manhan serena, o ar fresco, o ceo alegre, os estavam convidando. Pelo caminho viam por uma parte o lavrador alegre que com passo lento atrás da vagarosa charrúa ia cantando, levado da consideração de que aquelle curvo ferro lhe abria commum thesouro. Por outra parte viam os rebanhos d'ovelhas, e após d'ellas os contentes pastores, tocando com ar harmonioso e simples nas suas frautas, as quaes respondião as serranas com bem ajustadas cantigas. Todos se punham com alegria ao trabalho que com alegria haviam deixado.

Póde ser citada como exemplo d'uma animada narração a que

faz Messeno da partida d'armada que de Veneza ia contra Constantinopla :

Haviam os cavalheiros da Cruzada acceitado a offerta d'Aleixo, e annuido ás suas proposições. Em consequencia disso viera o principe a embarcar-se n'armada, que ainda estava no mar Adriatico, e que cada dia se achava mais possante com os continuados soccorros que successivamente vinham. O doge e o principe Aleixo me buscavam com diligencia para ser seu companheiro na empreza que eu tanto havia persuadido; mas as suas diligencias so serviram de publicar o meu nome e empenho que naquella empreza havia mostrado. Fervia naquelle golfo uma multidão infinita de vasos de todas as fórmas, uns que traziam, outros que se preparavam para o transporte, e Veneza estancava todas as suas forças, porque grande era o interesse que a animava. Vinha-se já o sol avisinhando ao norte, os mares se acalmavam, eram os ventos favoraveis, a monção opportuna; e os guerreiros, desejosos da nova gloria, bordejavam por todas as ilhas do golfo e pelas costas d'Albania, do Epiro e da Dalmacia, esperando que se juntassem todas as forças para darem um tal golpe sobre Constantinopla que não necessitasse de segundo.

Por varias vezes deu o P. Theodoro d'Almeida provas do seu talento descriptivo; sendo a pintura do assalto de Constantinopla pelo exercito dos cruzados uma das que mais se avantajam pela sua vivacidade e brilhantismo de dicção. Ei-la :

Chegou emfim a madrugada do dia seguinte; porém ainda se não sabia porque parte do horisonte havia de sahir a aurora, e já no campo soavam os bellicos instrumentos, e os preparos para um horrivel assalto. Pouco a pouco veio esclarecendo o dia, e dirieis que toda a terra se desentranhava em gente, e o murmurinho do povo multiplicado por todos os habitantes e pelos sitiadores parecia o sussurro do mar agitado contra os rochedos. Em toda a noite não tinha cessado o conde de Flandres de preparar uma nova ponte para lançar a porta, que as chammas haviam aberto; e aos primeiros raios do sol estava a ponte lançada, a porta aberta, e Aleixo á testa de todas as tropas. Estavam os animos dos sitiadores impacientes, e até os cavallos o estavam quando soavam as trombetas e timbales, porque não era ainda este o signal para que se entrasse a cidade : mordiam os freios, e a pedaços cahia a espuma, que formavam de raivosos e bravos; batiam a terra, que tremia e soava debaixo dos pés dos brutos; os rinchos, os pullos, os movimentos do corpo desconcertavam as filas; e dobrava-se a impaciencia da cavallaria quando soa o signal para que a infantaria mar-

che a passo amiudado. Mais de cem mil gregos estavam dispostos a defender a porta; e o resto sustentava todos os outros postos perigosos. Fiados no seu vantajoso numero já repartiam entre si os despojos, antes d'entrar na batalha; e na sua ideia quantos cavalheiros viam tantas victimas destinavam ao seu furor e vingança. Theophilo e Parmenas eram os dois generaes que aqui commandavam tropas, e todos a pé firme esperavam os sitiadores dentro da cidade, para que, encerrando-os pelas costas nem-um podesse escapar com vida ao furor do seu ferro.

Ao chegar a infantaria mais perto dos muros se dispára a um tempo uma chuva de setas tão cerrada, tão espessa, que ellas mutuamente se encontravam nos ares, e muitos tiros se perdiam. Caem por um e por outro lado os companheiros mortos; mas cada qual herdava logo dos defunctos o animo, e ardor, e a raiva para a vingança. Abre-se em duas columnas a infantaria ao chegar á ponte, e entra a cavallaria de golpe, abrindo o passo á infantaria. Trava-se pendencia, e tudo na cidade é horror, tudo mortandade. Qual lobo voraz no meio de numeroso rebanho, assim andava a morte com a funesta e desapiedada foice, involvendo em sua colera igualmente os valerosos e os fortes, os latinos e os gregos, os cavalheiros e os soldados razos.

. . . . . .

Chamamos a attenção do leitor para o seguinte bosquejo das tribulações e embustes que cercam os reis. É Misseno quem falla :

Passei de repente da região da verdade á da mentira. Uma chusma d'aduladores me cercavam noite e dia, e nada via do que ver desejava : por entre o espesso fumo dos incensos que me descompunham o cerebro, nada alcançavam meus olhos que não fosse offuscado com mil duvidas e mil receios d'engano. Ah! meu Deus! e que theatro de mentiras! Então já os meus erros eram acertos, os meus defeitos virtudes, as virtudes de Lesko eram fraquezas, e o zelo do conde Skrins era atrevimento. A mesma acção que pela manhan era crime, si eu a approvava se convertia de repente em relevante merecimento; e quanto mais me esforçava a conhecer a verdade tanto mais enredado me via. Ah! e quantas vezes corri com os coração e braços abertos atraz da verdade e me achava com um monstruoso e feissimo erro, que me tinham maliciosamente encoberto! Quantas vezes me arrependi do que fizera com a melhor intenção que podia desejar-se! Emfim entre o arrependimento do que feito havia e o temor do que havia d'obrar passava os meus dias, velava as noites, e perdia o animo, a paciencia e o tempo.

Buscava para meu allivio um amigo : um amigo, thesouro riquissimo

que qualquer miseravel acha em outro miseravel com quem se consola; e em todo o meu reino eu não podia acha-lo. Mas como havia de conhecer, si um altissimo muro d'interesseiros me cercava por toda a parte! Os que mereciam ser meus amigos não me buscavam, e estando longe de mim mal os podia ver; e os que não mereciam se-lo me davam todos os signaes d'amizade sincera. Um ar risonho, um desejo d'agradar-me, uma assistencia continua, uma terna compaixão das minhas afflicções internas, me iam ás vezes persuadindo que eu era amado; mas logo um momento de reflexão bem curto me fazia ver que tudo era ficção, tudo interesse, tudo engano.

Fechado então em meu gabinete estava so estudando sobre o bem publico, imaginando os meios da geral felicidade; mas ao mesmo tempo lá em particulares congressos se estudava como me haviam d'armar o laço em que eu, buscando o bem geral, cahisse no que so servia ao interesse particular d'alguns, inda que isso fosse com ruina publica. Si gemia em meu coração havia de ter o riso no rosto para fallar com agrado; si o meu coração cahia para outro, cujo merecimento me agradava, devia fazer-me violencia para o não fazer canal ou instrumento d'alheia perfidia.

Respondendo á princeza Sophia, que lastimava o estado de pobreza e isolamento em que vivia o ex-soberano da Polonia, mostra-se este feliz com a sua sorte, e fazendo uma elegante comparação dos esplendores que outr'ora o circumdavam com o seu actual modo de viver, prorompe nestas expressões:

Não me lastimeis, amigos, neste estado, nem tenhais por menos feliz do que naquelle que ha pouco deixei, porque não é tão humilde como á primeira vista parece. Bem solido e bem elevado throno é este rochedo, e aqui tenho o cortejo que me fazem as ondas de dia e mais de noite: e cuidais vós que não é para lastimar a ancia com que vem lá de mui longe lançar-se aos meus pés? Este ruido das aguas não imita bem o bulicio da corte? Não domino aqui os mares? E habitando esta região aeria não me vedes aqui superior ao resto dos humanos? Aqui recebo o sincero obsequio dos passarinhos, o sol é meu visinho, as estrellas minhas companheiras, os cuidados não sabem que vivo no mundo, a tristeza foge de mim, e a alegria não me larga um instante, e eu, descançando nos braços da paz, vivo verdadeiramente feliz.

Eloquentissima é a falla de Govorek, enviado por Lesko a seu primo Vladisláo (Misseno) conjurando-o para que voltasse a Varsovia e novamente empunhasse o sceptro que em suas mãos

tão firmes sopesára. Extractemos d'esse bello trecho d'eloquencia o epilogo, onde com tanta mestria empregou o illustre romancista os affectos ethicos e patheticos :

Os povos lembrados do vosso suavissimo governo a cada momento vos nomeam : não sôa nas assembléas outro nome senão o de Vladisláo : os velhos o pronunciam chorando de pena de vos haverem perdido : os moços com raiva ; e até os meninos, bebendo no leite o affecto dos pais, estão aprendendo a fallar pronunciando o vosso agradavel nome. N'uma palavra todos com saudades vos desejam. O ceo se vê já cansado dos votos que lhe fazem de dia e de noite para que vos descubram os que ignoram qual seja a venturosa cidade que vos possúe; e si o soubessem todos aqui, viriam para vos levarem em triumpho. So Lesko tinha os indicios da vossa retirada habitação, e elle mais que todos vos pede que não negueis a vossa mãi que é a patria, este soccorro na sua ultima ruina; que concedais ao vosso sangue o remedio unico da sua afflicção inconsolavel; que vos lembreis que elle é vosso primo e vosso amigo, que já vos cedeu a primeira vez a corôa, e que so por força a recebeu de vossa mão quando lh'a deixastes : que si a inconstancia dos povos vos offendeu bem arrependidos se mostram agora do seu primeiro erro; que d'esta vez sereis mais obedecido, pois que vos amam com preferencia; e sempre os erros do principio foram os alicerces dos finaes acertos.

É por certo uma felicissima imagem a d'aguia que, voando diante de Misseno, vai-lhe indicando o caminho que deve seguir para regressar aos patrios lares. E seja esta a nossa ultima citação das galas e primores que, neste tão olvidado romance, se deparam :

Apenas Misseno partiu, uma aguia extraordinaria se lhe apresentou diante dos olhos, para lhe dirigir o caminho; e então Misseno vendo o signal promettido se confirma na visão celeste. Voava o passaro ligeiro, e sem que Misseno se esforçasse o caminho desapparecia : as estradas como que se abriam de novo em linha direita; os montes humilhando a sua altiva cabeça, se abatiam, e prostravam para obedecer as ordens supremas; os valles, soberbos e vaidosos de lhe darem passagem, se levantavam igualando-se com os outeiros. Nem o sol offendia, nem os ventos molestavam, nem os brutos desfalleciam; e d'este modo caminhava Misseno, e em menos d'um dia se achou nas fronteiras que dividem a Hungria da Polonia. Estas montanhas que se levantam ás nuvens são uma trincheira que mutuamente defende um povo da invasão d'outro; e a neve, que perpetua-

mente as corôa, as faz até por este modo impenetraveis; mas, sem saber como, Misseno e Lesko se encontráram no mais alto d'ellas, e sem se haverem avistado ao longe, se topáram mutuamente.

Pelas transcripções que havemos feito, verá o leitor que não carecia o douto oratoriano da faculdade inventiva, e nem esteril era a sua imaginação. Immune de defeitos não é a sua obra: uns ingenitos, communs outros aos seus contemporaneos. É porém a sua principal macula o aborrecimento occasionado pelos eternos discursos de Misseno, que, a semelhança de *Mentor* no *Telemaco*, não cessa d'aconselhar. *Mais obras e menos palavras*, poderiamos dizer ao ex-rei da Polonia: importava que do desenlace das situações, das bem combinadas peripecias resultasse a moralidade, como v. g. no *Numa Pompilio* de Florian, ou no *Paulo e Virginia* de Bernardin de S. Pierre; improprias sendo d'este genero de composições longas dissertações philosophas. Quão preferivel porém não é a leitura do *Feliz Independente* á d'essas myriadas de novellas com que quotidianamente invade o nosso mercado a livraria estrangeira, principalmente a franceza! Com afoiteza póde o mais escrupuloso pai de familia confiar ás suas filhas o romance do P. Theodoro d'Almeida; pode-lo-ha porém fazer com todos os de Dumas, Sand, Sue e outros? Não o cremos.

LIÇÃO XXXVIII

Oratoria.

O PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

O auctor dos poemas *A Meditação* e *O Oriente*, cujo esboço biographico já em outro lugar fizemos, foi tambem eximio orador e rival de Vieira na gloria do pulpito.

Como primeiro prégador do seu tempo era o P. Macedo convidado em todas as occasiões solemnes em que devera ser ouvida a palavra evangelica; assim pois numerosos são os seus sermões sobre todos os assumptos que soem ser levados á tribuna sagrada. D'entre os numerosos documentos da sua facundia que temos entre mãos, faremos escolha d'alguns que mais proprios nos parecem para corroborar o juizo que d'elle formamos.

Sabem os leitores de que importancia gozam na eloquencia sagrada os panegyricos dos sanctos, em que tanto se avantajáram na primeira Igreja os Cyprianos, os Chrysostomos e os Gregorios Nazianzenos, e entre os modernos os Bossuets e os Massillons; pois apesar da sua difficuldade, reconhecida pelos primeiros mestres [1],

[1] Eis como a tal respeito se exprime o senhor conego J. J. Roquete no seu *Manual d'Eloquencia sagrada*: « Todo o elogio pede ser tractado magnificamente e realçado com toda a pompa e eloquencia; com mais razão deve-se-lo o elogio d'um heroe christão, obra prima da graça, gloria do Christianismo, real habitante da celeste morada. Esta veneração solemne, que pela boca de seus ministros tributa a Igreja a um dos

foi este o genero em que quanto a nós mais se distinguiu o Padre José Agostinho de Macedo.

No panegyrico de S. Francisco Xavier, merecidamente apontado como modelo, apesar do tom emphatico que nelle reina, admiram-se as seguintes amplificações imitadas dos *Lusiadas :*

Ergue a tua respeitavel cabeça, disse, e do mais alto dos septe montes gyra em torno a tua vista, oh sancta, oh catholica, oh romana Igreja! olha quão formoso dia se derramou sobre tanto mundo que envolto jazia nas carregadas e negras sombras da morte. Já passeiam no clarão da tua luz as gentes da terra e seus monarchas. Aplainam-se as cabeças asperas dos empinados montes : abriram-se e dilatáram-se mais as impervias estradas aos viandantes. Que multidão innumeravel de concorrentes se apresenta aos meus olhos! Para ti vem correndo tantos povos, vem lançar-se aos teus pés; beijar a terra que tu pisas. Ah! não te assombres das estranhas divisas das tiaras, das mitras e das barbaras equipagens que trazem os dromedarios e os camellos da barbara Madian e da pedregosa Arabia. Todos estes povos são teus filhos, que perdidos e desgarrados ha longo tempo vem de longes terras buscando a sua madre commum. Alarga, alarga teu mystico pavilhão, estende as cordas e duplica-lhe seus sustentaculos, que á direita, e á esquerda, a cento e a mil veem, como cerrando-se em multidão, eleitos esquadrões para accolher-se ás tuas sombras e aninhar-se debaixo de tuas azas. Estende, estende teu dominio e senhorio a climas e a terras vastissimas, que despida a antiga bruteza, e vestidas de nova forma e florente juventude, vem viver e prosperar á sombra de tuas sanctissimas leis. Sahirão de suas grutas os dragões, nem terão covas os tigres, nem outras feras, si ha mais barbaras e indoceis, hão infectar tuas novas conquistas. Já rompem por toda a parte vêas d'aguas limpas e vivas que vão fecundar e fertilisar tuas extensas campinas; cobrir-se-hão d'hervas verdes, vestir-se-hão as plantas de novas folhas, e darão pasto e guarida a seus numerosos e tranquillos rebanhos.

Adequado emprego das figuras *pretermissão* lê-se na passagem seguinte do mesmo panegyrico :

Eu não intento fallar d'aquellas humanas virtudes que elle possuiu em

seus filhos, elevado do lugar de soffrimentos e combates á corôa immortal, merece todos os desvelos do pregador. Além de que um discurso d'este genero não é so destinado a realçar a gloria e o merito dos sanctos, senão a propo-los por modelos e a procurar-lhes imitadores. Este genero é singularmente util; porque apresenta constantemente a moral acompanhada da sua prova. »

tanta copia para ganhar os animos e leva-los onde quizesse; nem fallarei d'aquelle brando e amavel genio, e da suavidade maravilhosa d'indole e de suas maneiras insinuantes, por virtude dos quaes, á semelhança do Redemptor, se introduzia e vivia com os ultimos navegantes, com os soldados, com os mesmos meninos gentios do mais baixo e ignorado povo d'Asia; nem fallarei do alto entendimento, da profunda doutrina, da engraçada expressão, da vehemencia, do impeto, e do fervor dos seus ordinarios discursos, contra os quaes mal podia ter a mais pertinaz dureza, e era por isso tido e chamado pelos mesmos gentios senhor e arbitro da palavra. Esqueçâmos tambem que tendo-o Deus enviado a ensinar seu nome aos potentados do seculo, lhe havia inspirado, como ao propheta Daniel, um gesto e attitude superior á humanidade, fazendo-o em tudo não so amavel aos mesmos monarchas cingidos de terror, e revestidos de magestade e de gloria. Fiquem pois em silencio estas virtudes, ouça V. Alteza fallar que não vem e correm do seio da natureza, mas que são inspiradas pela graça do Evangelho.

Tão feliz não era o P. Macedo em seus sermões politicos : porquanto, acerrimo partidario dos velhos principios, era muitas vezes injusto para com as conquistas da moderna civilisação, e a sua indignação não raro convertia-se em virulentas invectivas. Ha porém trechos d'esses sermões que podem com segurança ser tomados para exemplos : tal é, por exemplo, a riquissima pintura da desolação em que a partida da familia real portugueza causou a Lisboa. Dirigindo-se a el-rei D. João VI, e felicitando-o pelo seu regresso á antiga capital da monarchia, assim se exprime :

Eu fui, Senhor, com todos os seus fieis subditos e servidores, espectador do quadro tristissimo de seu doloroso apartamento; e repentinamente se abriram diante dos meus olhos os fastos de todas as desgraças humanas, e nem-uma vi, que expremesse dos olhos mortaes mais sinceras lagrimas. Tornei a vista á immensa Lisboa, e aquillo que se chama a expressão do luto, um como estupido silencio, porque as pequenas dôres fallam e as grandes emudecem; como espantados nos olhavamos uns aos outros depois que as náos, lenhos guardadores da nossa esperança, engolphadas nas ondas, so se divisavam como pequenas manchas perdidas nos remotos e nebulosos horisontes, sim, como que espantados; e quando descemos da corôa dos montes impendentes ao Tejo, desenganada já, mas não cansada a nossa vista de buscar a V. Magestade, vagando pelos ermos d'oceano, um frio horror, qual costuma ser o da proximidade da morte, se apoderou de nós todos, quando os nossos olhos tão arrazados de lagrimas topáram

com o medonho espectaculo das hostes invasoras, já cobriam as praças, já enchiam as ruas da capital.

No sermão em acção de graças pelo restabelecimento do governo absoluto, pregado na igreja de N. S. da Graça da cidade de Lisboa, no dia 27 de novembro de 1823, sobresae este veridico e pavoroso quadro dos horrores da guerra :

Si contemplo as sociedades humanas em seu estado moral, basta-me para cahir n'um pelago d'horror e tristeza a contemplação do flagello que se chama guerra. Eu lhe darei outro nome, e lhe chamarei o tumulo universal da humanidade, a arma mais poderosa que o peccado poz nas mãos da morte!! A guerra!! Ah! nunca esta infausta sombra venha enlutar os nossos horisontes. Senhor, deixai-me levantar um pouco este lutuoso veo, e sede um rei pacifico. Povo portuguez, temei este monstro devorador. So vos arme os braços a guerra do Senhor, *ad prœliandum bellum Domini;* so quando a religião for atacada e o throno offendido, defendei-vos: nunca provoqueis a guerra, repelli seus agressores. A guerra, este é o maior flagello do mundo moral. Vede, Senhor, é preciso não contemplar um so ponto do globo que habitamos; mas estender á vista aquella longa serie de matanças que tanto enxovalha as paginas da historia. Fixemo-nos na epocha da declinação da republica romana. Mario extermina em uma batalha duzentos mil cimbros; Mithridates faz degolar d'uma so vez oitenta mil romanos. Sylla degolla noventa mil homens em uma so batalha dada na Beocia. Olhai agora para as guerras civis e para as proscripções. Cesar faz morrer um milhão d'homens nos campos da batalha; e Alexandre antes d'elle tinha ganho esta funesta honra. Augusto fechou por um instante o templo de Jano, mas logo o fez abrir para seculos, estabelecendo o desgraçado imperio electivo. No imperio do que se chama optimo e virtuoso Tito morrem um milhão e um mil homens na destruição de Jerusalem. A destruição da especie humana feita pelas armas de Roma é verdadeiramente espantosa. No Baixo Imperio ainda se descobrem mais horrores e maiores estragos da guerra. Licinio perde vinte mil homens em Cibalis trinta e quatro mil em Andinopoli, e cem mil em Chrysopolis. As nações do norte marcham; os francos, os hunos, os godos, os lombardos, os vandalos atacam o imperio e o despedaçam, e Attila põe a Europa a fogo e a sangue. Os francos lhe matam mais de duzentos mil homens junto a Chalons, e os godos em a seguinte campanha lhe causam ainda maior perda. Em menos d'um seculo Roma foi entrada e saqueada tres vezes. Os godos se assenhoream de Milão, e nesta cidade matam trezentos mil habitantes. Mafoma apparece, e o alfange e o Alcorão correm os dois terços do globo.

Os sarracenos correm desde o Euphrates ao Guadalquivir, arrazam até os alicerces a immensa cidade de Syracusa. Nas planicies de *Tours* Carlos Magno no meio de trezentos mil cadaveres junta a seu nome o epitheto de terrivel, por que ainda hoje é conhecido. Vede as Cruzadas, a Europa toda se precipita n'Asia; fogem ao calculo as victimas que pereceram. Gengis-Kan e seus soldados subjugam e despovoam o globo desde a China até á Bohemia... Napoleão submerge a Europa em sangue, e sepulta a França nos espantosos e gelados ermos da Moscovia.

. . . . . .

Conhecida é a difficuldade de compor uma boa oração funebre, porque, como muito judiciosamente pondera o Sr. Roquete, « tracta-se de louvar e por mui disposto que se supponha o homem é mais difficil de contentar nos louvores que se dão aos outros do que nos que a elles mesmos se endereçam. É rigoroso na escolha dos factos que se louvam e na maneira de os louvar. Si são communs não lhes dá grande importancia, si são extraordinarios difficilmente lhes dá credito[1]. » Apesar d'estas difficuldades é este genero d'antiquissima origem; assim vemos David entoando um admiravel cantico pela morte de Saúl e de Jonathas; Jeremias celebrando os illustres feitos do rei Josias; Pericles pronunciando o elogio dos cidadões mortos em Marathon; Nero recitando uma oração funebre pelo seu predecessor Claudio; S. Gregorio Nazianzeno honrando a memoria de seu pai, e a do illustre bispo de Cesarea. Nos tempos mais modernos aponta-se com gloria os nomes de Bossuet e Fléchier, como havendo melhor do que quaesquer outros comprehendido e executado seus custosos preceitos.

Limitadissimos são os modelos que neste genero offerece o pulpito lusitano, porquanto o seu oraculo, o P. Antonio Vieira, foi nelle fraquissimo, podendo apenas citar-se como tendo algum merito a oração recitada nas exequias de D. Maria Attaide, onde superabundam os conceitos e agudezas improprias da magestade do Sanctuario. Nem mais feliz foi o P. José Agostinho de Macedo, avantajando-se apenas d'entre multidão dos seus discursos funebres o recitado nas exequias do barão de Quintal celebradas no anno de 1818; e a oração prégada por occasião do officio cele-

[1] *Manual da Eloquencia Sagrada*, capitulo VII, pag. 310.

brado na igreja do Coração de Jesus em memoria do rei-imperador D. João VI.

N'essa celebre oração depara-se com o seguinte rapido e formoso bosquejo da historia de Portugal.

Os sarracenos, que depois d'extincta a dominação goda pelo espaço de mais de trezentos annos tinham possuido e conquistado Portugal, dispersos, afugentados, vencidos de batalha em batalha, de victoria em victoria desd'as margens do Douro até as campinas d'Ourique, com vivos e furiosos assaltos tomadas as suas praças, entrados os seus castellos, até que cinco potentados vencidos ouviram, no meio da sua mesma derrota, as vozes d'aquella acclamação que constituiu no throno portuguez o primeiro de seus monarchas : os mesmos Sarracenos segunda vez vencidos e dispersos desd'as margens do Tejo até as ribeiras do Guadalquivir; Portugal já todo portuguez desd'a barra de Caminha até o Cabo de S. Vicente, sem a presença d'um sarraceno armado; os reinos de Leão sem feudo, e d'Aragão sem dependencia, buscando a sua alliança, e participando da sua gloria; crescendo a sua população, cercando-se de muralhas suas grandes cidades, villas e fortalezas, dilatando-se prodigiosamente a sua agricultura, apparecendo a luz das sciencias e das artes, concebendo-se e publicando-se prudentissimas leis, sustentando-se a sua independencia, firmando-se o seu throno sobre tropheos da mais illustre victoria, eis aqui o quadro que á contemplação do mundo offerece Portugal no primeiro periodo da sua politica existencia, desde a batalha d'Ourique até a sanguinosa lide d'Aljubarrota.

Si d'este ponto vou alongando rapidamente pelos seculos que se seguem quanto mais vou progredindo maiores prodigios se me apresentam. Começa a vadear-se e a romper-se o intacto oceano; e vejo já tremular o estandarte portuguez nas altas torres e muralhas africanas, entrando pelas portas de Ceuta as armas e guerreiros da Europa, que depois dos Scipiões, dos Marios, e depois dos ferozes Gensericos, e vandalicas phalanges nunca alli tinham apparecido. Vejo, emquanto pelo Atlantico se vão descobrindo e conquistando ilhas desconhecidas, e pelo lado occidental d'Africa nações barbaras e estranhas, entrarem victoriosamente os portuguezes pelos arrazados baluartes de Tangere, d'Arzila, de Safim, de Marzagão até baterem com os contos das lanças ás portas de Tetuão e de Marrocos. Vejo Portugal não contente de se assenhorear d'uma tão grande parte da Mauritania Tingitana, ir rompendo mais e mais o nunca d'antes navegado Oceano, e juntando a sua corôa quanto é povoado desd'as bocas do Senegal até a Angra, ou Bahia de S. Helena, juntando por conquista a seus titulos o senhorio de Guiné, e o vasto reino d'Angola; e como si julgasse estreitos

os limites de tão vasto imperio ir, depois de tantas e tão arriscadas tentativas dobrar o formidavel e tormentoso Cabo, que pelo lado austral limita a Africa, levantando tropheos de gloria e de valor por aquellas abrazadas costas e ardentes regiões da Ethiopia oriental até que finalmente podesse tocar pelo oceano áquella vasta, poderosa e opulentissima Asia, de que podemos dizer que foi primeiro conquistada que vista, porque so com o terror do nome portuguez, sem verem ainda lampejar suas espadas, se fizeram tributarios ao solio lusitano tantos reinos, e tantas monarchias. Vejo com tantos prodigios espantada a Europa, quando ouvia pela confissão dos povos conquistados que Portugal era arbitro e senhor verdadeiro de todo o espaço litoral da mesma Asia desd'as bocas do mar Roixo até ao extremo da terra que se acaba com as dispersas ilhas que os Japões habitam, sem se omittirim aquellas que lageam em tão vasta extensão todo o Oceano Pacifico.

. . . . . .

A vista d'estas citações pensamos que partilhará o leitor do nosso juizo sobre o merecimento do P. José Agostinho de Macedo como orador sagrado : não duvidando de considera-lo como abalisado prégador que rival não conheceria na litteratura portugueza, si menos emphatico e hyperbolico fosse. Era porém nelle uma paixão dominante o immoderado gosto pela linguagem tropologica, occultando ás vezes bem mesquinhos pensamentos no involucro das *sesquipedalia verba.*

FR. FRANCISCO DE S. CARLOS

Fr. Francisco de S. Carlos, que no seculo chamava-se Francisco Carlos da Silva, nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 13 d'agosto de 1763, sendo filho legitimo de José Carlos da Silva e de D. Anna Maria de Jesus. Na tenra idade de treze annos tomou o habito franciscano no convento de S. Bernardino d'antiga villa de Macacú, onde mais tarde professou. No collegio d'esta capital fez os seus estudos de philosophia e theologia recebendo ordens sacras das mãos do illustre bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, sendo logo depois elevado á categoria de passante em premio do seu singular talento.

Cedendo ás vivas instancias dos seus superiores partiu no anno

de 1790 para a cidade de S. Paulo afim d'exercer o cargo de lente de theologia dogmatica, que com geral aceitação desempenhou por espaço de seis annos, regressando á sua cidade natal em 1796. Apenas aqui chegou foi escolhido para commissario dos terceiros da Penitencia, emprego em que pouco demorou-se, porquanto teve logo d'acompanhar o capitão general de Minas-Geraes Bernardo José de Lorena, indo incumbido de visitar as ordens terceiras e confrarias dependentes da sua provincia.

Havendo com honra e intelligencia correspondido á confiança que nelle tinham depositado os seus superiores, regressou á patria, onde o aguardava a cadeira d'eloquencia sagrada do Seminario episcopal de S. José.

D'esta commissão foi por duas vezes distrahido no curto espaço de cinco annos afim de desempenhar as funcções de guardião dos conventos do Bom Jesus, e de N. S. da Penha, na provincia do Espirito Sancto. Coube-lhe mais tarde a honra de presidir o convento d'esta cidade recebendo em galardão dos seus serviços os titulos de definidor e visitador geral.

Ouvindo-o prégar o principe-regente, depois rei D. João VI, ficou tão arrebatado pela sua eloquencia que confessou nunca ter ouvido nada d'igual, e agraciou-o com os diplomas de prégador-regio e examinador da Mesa da Consciencia e Ordens. Sentindo-se falto de forças retirou-se do pulpito, e recolheu-se á sombra do claustro, onde em serena calma viu terminar sua existencia no dia 6 de maio de 1829, sendo sepultado no convento d'esta capital.

Além d'eximio prégador era tambem poeta o P. M. S. Carlos, de que deixou-nos evidente prova no seu poema intitulado *A Assumpção da Virgem* e impresso na typographia regia no anno de 1819 em um volume de 8°.

Não sendo possivel, em razão dos circunscriptos limites d'este livro, fazer a analyse do poema do bardo seraphico, pedimos venia para transcrever aqui o juizo que a seu respeito em outro lugar emittimos.

« O maior merito que para nós tem a *Assumpção* é o de ser um poema eminentemente nacional; um d'esses poucos monumentos que nos legou a geração passada para a formação da nossa litteratura. N'uma epocha em que os bardos brasileiros volviam as suas

vistas para além do Atlantico, em que so se achavam o Tejo, o Douro e o Mondego dignos de seus cantos, suspirando eternamente pela fabulosa Arcadia; quando S. Rita Durão empregava a medo os termos brasilicos; Claudio Manuel da Costa escrevia na prefação de suas obras : « A desconsolação de não poder substabe-« lecer as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego me fez entorpe-« cer o engenho dentro do meu berço; » F. Francisco de S. Carlos deparava com um oceano de poesia nas comparações patrias, nas allusões aos nossos usos e costumes; collocava no paraizo os nossos fructos para ter occasião de descreve-los; e encontrava em um dos emblemas do carro da Virgem a pintura do Brasil e especialmente do Rio de Janeiro. Quando outro merito não tivesse o poema d'*Assumpção*, bastaria este para recommenda-lo á posteridade [1]. »

Avaliando-o como orador sagrado em outro numero da mesma interessante publicação, assim nos exprimimos :

« Torrentes d'eloquencia despenhavam-se de seus labios como as aguas do rio de S. Francisco na cachoeira de Paulo Affonso; sua voz maviosa, semelhante á do sabiá, deleitava os ouvidos do auditorio, emquanto sua vigorosa dialectica prendia as attenções. Por vezes abandonava-se á inspiração; voava sobre as azas do improviso, e arrebatava os ouvintes a regiões desconhecidas : então era Chrysostomo, era Basilio, era Gregorio Nazianzeno, n'uma palavra Massillon. A frescura das suas imagens, o viço e esplendor da sua dicção transmutava o sermão em hymno, e dir-se-hia que dedilhava a harpa de David [2]. »

D'entre as galas oratorias do illustrado franciscano póde-se com orgulho apontar a magnifica oração funebre da rainha D. Maria I, que pela pompa de linguagem e sublimidade de pensamentos traz-nos á memoria a mui justamente celebre de Bossuet pela duqueza d'Orleans Henriqueta d'Inglaterra.

N'esta oração (que apenas conhecemos pelos fragmentos que d'ella fez o Sr. Dr. Pereira da Silva no seu *Plutarcho brasileiro*) recommenda-se pelos seus sentimentos patheticos a seguinte pin-

[1] *Revista brasileira*, nº 7 de Janeiro de 1860, pag. 49.
[2] *Revista brasileira*, nº 9 de Septembro de 1860, pag. 510.

tura da morte e da entrada na bemaventurança da soberana de Portugal.

..... Assim viviamos, quando.... E direi eu, portuguezes, aquelle sussurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como ave de máo agouro? Aquella voz surda, que sahia pela boca do povo, e que dizia, como que em segredo: — Nossa rainha está mal, Nossa rainha perece, morre! — Oxalá que não fôra! Verificou-se! — Morreu! — Aqui a tendes morta! — Morta? — Eu me reporto: Não, viva; porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas; era necessario que os olhos que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella formosura sempre antiga e sempre nova, como diz S. Agostinho. Bate pois as azas, oh pomba! solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia de teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos; atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoáram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado; mas que sceptro? — Uma vara arrancada d'uma arvore, despojada de suas folhas, privada de fazer sombra, a que o artista dando-lhe um verniz d'oiro não lhe tirou a condição de corromper-se? — Não. — É este sceptro da virtude de Deus que o Senhor envia a Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino que teu Deus te mette de posse; mas que reino? — O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos d'Ourique, que no quarto seculo da sua fundação esteve em perigo de ser herança d'estranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o seu dono[1]? — Não. — É este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis.* — Recolhe emfim a corôa que te é reservada pelo juiz justo. — Que corôa? — D'isto que se chama oiro a que um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? — D'estas pedras chamadas ricas que brilham com a claridade emprestada do sol, e para dizer tudo terra e mais terra? — Não: a recompensa e a corôa é o mesmo Deus recompensador!

Não arrefecia a eloquencia do P. M. de S. Carlos na especie panegyrica; do que dá-nos exuberante prova a oração que em louvor de S. Anna recitou na capella da fazenda dos *Marinhos*, termo da villa do Rio Bonito, no anno de 1788. Tomando por thema este trecho de S. Matheus: *Simile est regnum cœlorum thesauro*

[1] Allude á divisão do reino de Portugal por Napoleão I em virtude do tractado secreto de Fontainebleau.

abscondito in agro, quem, qui invenit homo, vendit universa quæ habet, et emit agrum illum, prorompe neste bellissimo exordio :

Que thesouro tão precioso será este, meus irmãos, que o negociante do Evangelho não duvida sacrificar todos os seus bens com tanto que o chegue a possuir? Embora os sagrados interpretes se dividam em seus pareceres: embora uns digam que é a doutrina evangelica; outros que é o reino do ceo; outros o desprezo dos bens terrenos, como S. Gregorio; outros que é o mesmo Jesus-Christo, como S. Agostinho. Emquanto a mim eu penso que é a virtude da fé, esta virtude sem a qual, diz S. Paulo, não se pode agradar a Deus. Ella foi o signal caracteristico dos maiores sanctos e das mais illustres personagens d'antiga lei. Pelo sacrificio que Abrahão fez do seu filho no alto de Moria conheceu-se o heroismo da virtude e da fé d'este pai dos crentes. Ella é quem nutria na vida espiritual, quem sustinha, quem consolava, os justos do antigo Testamento nos seus trabalhos e adversidades. Ou elles descessem ao Egypto impellidos da fome e esterilidade, ou fossem conduzidos á Chaldea em captiveiro pelos reis d'Assyria; ou vissem assentado no solio de David um idumeo, senhor do sceptro de Judá. A fé é quem adoçava o ferro de seus grilhões, quem enxugava as lagrimas dos seus desterros, quem os sustinha no meio de provas tão rudes. Ella é quem os separava d'esta massa geral da corrupção que dominava então sobre a face da terra, quem os distinguia das nações incircumcisas, que curvavam o joelho, e queimavam incenso ás obras de suas mãos, quem os fazia um povo á parte, uma crença á parte, em uma palavra um povo sancto deposito da fé das promessas divinas. A esperança d'um reparador que havia de sahir d'esta nação privilegiada era uma tradição inalteravel, que no seio das familias se perpetuava de pais a filhos, de geração em geração, e de seculo em seculo; e que na ordem da graça fazia vegetar esta porção escolhida da humanidade. Na fé pois d'estas promessas e d'estas verdades occulta ao resto das nações tem um lugar bem distincto a illustre sancta, vossa protectora, a quem tributamos os presentes cultos. Sim, senhores, foi pela fé que Anna achou no campo mystico da Synagoga o thesouro precioso, que a elevou no ceo da nova igreja evangelica a tão alto gráo de celebridade. *Vendit universa quæ habet, et emit agrum illum.* Por esta virtude emfim ella mereceu ser a mãi de Maria, e avó de Jesu-Christo. Debaixo d'este ponto de vista eu venho tecer o seu elogio, mostrando promiscuamente seus trabalhos e suas recompensas, seus combates e seus triumphos. Digne-se a Sancta Virgem, sua filha, d'alcançar-me de seu Esposo, o Espirito Sancto, as luzes necessarias para desempenhar tão grande objecto. *Ave Maria.*

Passando depois a fallar do estado conjugal, traça d'elle o seguinte formosissimo quadro :

Ora, o estado conjugal é o mais analogo á natureza humana e o mais doce na ordem social. O Senhor o instituiu ainda no Paraizo, elle o abençoou. Não é bem, disse o mesmo Senhor, que o homem seja so, eu lhe vou dar um adjutorio semelhante á sua especie para que repartam entre si seus prazeres e suas lagrimas, seus infortunios e suas prosperidades. Serão dois em uma so carne; pelos consortes deixarão os conjuges pais, mãis, irmãos e toda a parentela. Aqui, meus senhores, se me representa ver o primeiro casamento do mundo; o Creador mesmo é o sacerdote que preside a acção; o Paraizo ainda fresco e recente com as flores e fructos que a terra ainda virgem viu sahir do seu seio, como admirada, pela primeira vez, é o templo soberbo, onde se fez o tracto; as testemunhas são essa multidão de creaturas diversas em especies e figuras, que ha pouco eram volumes de barro inerte, e agora se metamorphosearam em viventes dotados d'um movimento espontaneo.

Proseguindo nos louvores da vida matrimonial, serve-se d'esta graciosa comparação, digna por certo do auctor d'*Assumpção :*

Quando eu vejo n'um bosque duas arvores enroscadas entre si, fazendo de seus troncos um tronco commum, offerecendo ao viajor fatigado uma sombra salutifera, e na fecundidade de seus fructos um espectaculo pomposo aos olhos do conhecedor, eu vejo um quadro perfeito do estado conjugal.

Desenhando depois com vivas côres a esterilidade de S. Anna, emprega esta linda *amplificação por gradação :*

Mas passou o primeiro anno de tão venturosa união e não appareceram fructos. Passáram-se mais cinco annos, Anna esteril. Passáram-se mais vinte, e Anna esteril; passáram-se mais alguns, Anna sempre esteril. Já o outono da vida vinha encanecer sua cabeça, um sangue gelado começava a correr pelas veias, aquella idade risonha e vigorosa que é propria da reproducção começava a fugir para nunca mais tornar, e nada de filhos. O povo que murmura da graça não lhe poupou sarcasmos, insultos, invectivas.

Terminaremos as transcripções d'este excellente panegyrico co-

piando a delicadissima pintura das tribulações da esposa de S. Joaquim exalçadas pela mais exemplar humildade:

N'este estado d'humilhação e de tortura vivia Anna, quando uma escrava mesmo (dizem) excedendo os limites da sua condição lançou-lhe em rosto com a ultima impudencia, o seu pretendido opprobrio. Entretanto Anna beijava a mão occulta que a feria, sua humildade trazia ao seu pensamento ideias as mais tristes, e consternantes, e lhe persuadia que no fundo do seu coração havia um grande germen d'iniquidade, que a tornava abominavel aos olhos de Deus e lhe attrahia toda a sorte de males. Ella se reputava pela mais desgraçada das mulheres de sua tribu; um tronco inerte, secco, esteril, incapaz de produzir fructos; uma terra amaldiçoada, onde não cahia o orvalho do ceo; um astro nebuloso e eclipsado, que não podia brilhar, nem lançar de si raios de luz. Orações, esmolas, jejuns, mortificações, obras de piedade, nada lhe escapava, tudo fazia valer para desarmar o braço do Senhor, que ella suppunha que pelos seus pretendidos crimes descarregava sobre a sua cabeça.

Lagrimas ferventes, gemidos continuos, suspiros entercortados de soluços, apenas adoçavam aquelle coração opprimido com o peso de tantas amarguras. Assim se purificava aquelle metal precioso no cadinho da tribulação, assim se chrystalisava aquella esmeralda fina, que o Senhor reservava para a sua corôa.

Parece que havemos justificado o titulo d'eximio orador que demos ao P. M. Fr. Francisco de S. Carlos, que n'uma epocha de grandes prégadores uberrima partilhava com o P. Antonio Pereira de Sousa Caldas, o sceptro da eloquencia sagrada. É porém para lastimar que rarissimos sejam hoje os tropheos de seus triumphos oratorios, havendo-se a mór parte d'elles perdidos ou extraviados. Este phenomeno que amiudadas vezes se repetia, é pelo P. Mestre Mont'alverne explicado do modo seguinte:

« A difficuldade da impressão, a falta de recursos, a indifferença para com toda a sorte d'emprezas typographicas, talvez mesmo a modestia dos auctores, impediam a execução d'estes projectos, que illustráram outras nações, e fizeram avultar a massa dos conhecimentos humanos. Todas essas inspirações do genio, essas felizes producções que faziam o encanto e a admiração dos nacionaes e dos estrangeiros eram destinadas a morrer no mesmo dia de sua apparição, ou quando muito a obter, qual peça de theatro, novas

vistas. A posteridade estava fechada para os nossos oradores : as honras da imprensa eram apenas concedidas aos discursos recitados por occasião d'algum grande acontecimento, e cuja publicação convinha áquelles que os prégavam, ou faziam imprimir. A ninguem lembrou ainda reunir as orações funebres de S. Carlos e de Sampaio e formar uma collecção, qual a que os francezes fizeram das orações funebres de Bossuet e Fléchier. Estes brios nacionaes estão quasi extinctos : para nós tudo está materialisado : nossa vida é para o dia de hoje, por que é a vida dos sentidos — é o presente — o futuro pertence á intelligencia[1]. »

FR. FRANCISCO DE S. THEREZA DE JESUS SAMPAIO

Posto que inferior ao precedente nos floreios da imaginação e na valentia da dialectica, merece contudo ser citado depois d'elle; por ser uma das estrellas que mais rutiláram no firmamento do pulpito brasileiro.

Nasceu este distincto compatriota nosso nesta cidade do Rio de Janeiro no mez d'agosto do anno de 1778, e teve por pais o negociante Manuel José de Sampaio e sua mulher D. Helena da Conceição. Perdendo sua carinhosa mãi ainda em verdes annos apossou-se d'elle tão grande melancolia que buscou na religião allivio e amparo, inscrevendo-se a 14 d'outubro de 1793 nos dípticos da ordem franciscana e tomando o habito de patriarcha d'Assis no convento da ilha do Bom-Jesus.

Com o fim de completar o seu curso d'humanidades encaminhou-se para a cidade de S. Paulo em cujo collegio applicou-se aos estudos philosophicos. Volvendo a esta capital, recebeu a ordem de presbytero, e a patente de lente de theologia e eloquencia sagrada.

Sua reconhecida illustração e probidade fizeram-no successivamente eleger para os honrosos cargos de guardião, secretario da provincia e definidor.

Apreciador das sciencias ecclesiasticas e dos seus cultores nomeou-o el-rei D. João VI (então ainda principe regente) prégador

[1] *Obras oratorias*, Discurso prelim., pag. XI.

da sua real capella por diploma de 7 d'agosto de 1808, escolhendo-o nesse mesmo anno para examinador da Mesa da Consciencia e Ordens.

A estas importantes commissões addicionou em 1813 a de censor episcopal, e em 1824 a de deputado da Bulla da Cruzada.

Seu renome d'orador transpoz o Atlantico sendo pela real Academia de bellas-letras de Munich nomeado seu socio correspondente.

Ainda cheio de robustez succumbiu o P. M. Sampaio aos 13 de septembro de 1830, e jaz sepultado no convento de S. Antonio d'esta cidade. Posto que tarde pagou-lhe a sua ordem o tributo da veneração que lhe deve inspirar tão digno membro, e a 13 de junho de 1860 foi o seu retrato, tirado pelo artista Tirone, collocado juntamente com os dos seus preclaros confrades, S. Carlos, Rodovalho e Mont'alverne, n'uma das salas do supra-citado convento.

No *Ostensòr brasileiro*, periodico publicado n'esta cidade dentre os annos de 1846-1847, lê-se o seguinte juizo ácerca do merito oratorio d'este erudito franciscano :

« Elle distinguiu-se principalmente nas cadeiras dos nossos templos, onde a sua eloquencia por tantas vezes arrebatou os corações de numerosos ouvintes, que se apinhavam attrahidos pelas bellezas de seus sermões. Fr. Francisco de Sampaio já não existe; mas o seu nome ainda gyra na lembrança dos que o conheceram, e ainda a sua voz parece resoar em nossos templos dispertando as saudades d'um povo que o respeitava como orador mui distincto, e talvez um d'aquelles que mais concorreram para introduzir o melhor gosto de pregar por um estudo mais depurado, tanto das regras dos grandes mestres, como do estylo e doutrina dos Padres da Igreja, e das Sanctas Escripturas. Uma phrase rica, pensamentos sublimes, estylo magestoso, invenção digna dos assumptos que tractava, facilidade d'expressão, e exemplos bem escolhidos, doutrina solida, figuras brilhantes, posto que algumas vezes atrevidas, quando não podia conter o arrebatamento do seu genio; emfim uma reunião de qualidades oratorias que bem poucas vezes se encontram nos ministros da sancta palavra; sustentavam-lhe o credito d'um orador que honrava sua religião e sua patria. »

Escolhamos no pequeno peculio oratorio que do P. M. de Sampaio podemos fazer, alguns trechos que melhor correspondem ao juizo do biographo cujas palavras acabamos de citar.

No sermão que na primeira dominga d'advento do anno de 1811 prégou na capella real nota-se esta magestosa pintura do juizo final, que faz-nos recordar a de Massillon no seu mui celebre sermão *sobre o pequeno numero dos escolhidos :*

São tão insupportaveis os effeitos d'uma desgraça extraordinaria (diz Sampaio), que o homem chega a ponto de preferir-lhe a morte para se livrar do tormento que o assassina; a morte que é sempre tão temida parece então doce e suave; invejam-se os mesmos horrores do sepulchro; e o infeliz deseja lançar fóra de si o peso da vida que o acabrunha. Tal é a ideia que o Espirito-Sancto nos dá do terror que conceberemos em o dia das vinganças eternas; elle nos pinta os mortos procurando outra vez as sombras dos sepulchros d'onde sahiram; os vivos pedindo aos montes que caiam sobre elles, encondendo-se nas entranhas dos rochedos; outros amaldiçoando as estrellas que brilharão em o dia do seu nascimento, ou desejando achar no inferno um asylo para evitarem a magestosa presença do Juiz Supremo, que apparece nas nuvens. Sim, meus irmãos, qual será o vosso espanto quando ouvirdes bramindo nos ceos a voz d'Aquelle que nos servia d'escudo contra a indignação de seu Pai? quando virdes erguer-se esse throno de chammas onde Daniel faz apparecer o Antigo dos dias; quando virdes o mundo em ruinas servindo de tropheo á omnipotencia do seu Deus temivel em sua colera! Qual será o vosso terror quando vos virdes diante d'um Deus que vós desprezastes, quando elle vos procurava como amigo, e do qual não podeis fugir mostrando-se como vosso juiz? quando virdes as potencias que cingem o throno de Deus tremendo, assim como tremem, diz S. Agostinho, os validos dos soberanos do mundo, quando estes pronuncião sentença de morte contra os reos da sua magestade; quando virdes a misericordia com as mãos ligadas porque não vos pode valer; os sanctos que eram vossos intercessores pedindo vingança contra vós; empunhando espadas de dois gumes para castigarem as nações e algemarem os grandes d'entre o povo; quando virdes entre fachas de foge a cruz de Jesus-Christo ainda avermelhada pelo sangue da redempção; a cruz que vós calcastes, pondo sobre o altar que lhe competia os idolos do vosso culto; a cruz que Jesus-Christo vos offereceu como uma escada para subirdes as portas d'esse reino; como tropheo para honrar vossas victorias, quando virdes em o corpo de Jesus-Christo ainda impressas as cicatrizes da sua morte então convertidas em testemunho de vossa reprovação eterna; quando virdes.....

Oh ceos! oh Deus! quem poderá descrever o apparato de vossa Igreja nesse dia? Vinde em meu soccorro, illustres Padres da Igreja, discipulos da Sabedoria increada, dizei vos mesmos o que pensastes sobre este dia : Eu tremo, diz S. Anselmo, quando me apresento diante d'este tribunal vendo d'uma parte os peccados accusando-me dos deleites que eu gozava, d'outra a justiça impondo-me silencio, ou regeitando minhas escusas; debaixo dos meus pés a garganta do abysmo aberta para me engolir; de cima um Juiz que não se dobra nem a lagrimas, nem a supplicas; no meu interior a consciencia atassalhando-me, fóra o mundo em chammas. Eu tremo, diz S. Bernardo, contemplando na face d'este Deus irado, sentindo os effeitos da sua colera, os signaes do seu furor; ouvindo a voz de Archanjo que reanima as cinzas de todos os mortos desde o oriente até o occidente; vendo estes leões famintos que aguçam na terra as unhas para estrangularem mais depressa suas victimas; eu me horroriso quando considero neste insecto que se nutrirá nas entranhas do peccador, sem nunca morrer. Será n'esse dia, continúa o mesmo Padre, que tudo quanto agora nos parece oiro se converterá em espuma; que conheceremos a impureza de nossas acções; será alli que os idolos do nosso coração rebellando-se contra nós, aggravarão ainda mais o peso das nossas desgraças. Ah! si eu tivesse mil fontes de lagrimas, ainda seriam poucas para prevenir estas lagrimas eternas. Eu tremo, diz S. Gregorio Nazianzeno, quando se me representa o dia em que Jesus-Christo entrará commigo em juizo convencendo-me de crimes que eu julgava perdoados, apresentando-me em face os meus peccados como accusadores, oppondo contra as minhas iniquidades os beneficios que recebi d'elle; pedindo-me contas da formosura da sua imagem impressa sobre mim e desfigurada pelas nodoas mais vergonhosas; obrigando-me emfim a pronunciar a sentença contra mim mesmo, para que eu não possa queixar-me de que soffro injustamente. Quem me servirá d'advogado diante d'este Juiz? Com que pretextos, com que falsas escusas, com que artificiosas côres, com que invenções subtis, poderei disfarçar a verdade na presença d'este soberano tribunal, onde tudo será contra mim e nada em meu favor? Ah! pronunciada a sentença, á vista da balança em que forem pesadas minhas acções, eu não terei outro juizo para onde appellar, não terei meios de destruir por nova conducta o mal que fiz; expirou o tempo; cahiu um véo de chammas sobre a scena onde eu representava; eis ahi a porta de eternidade. Que nova perspectiva!

Aterrada a imaginação do leitor por tão tetrico painel comprazer-se-ha com a graciosa imagem que do amor da gloria faz o Massillon brasilico no seu sermão de S. Francisco de Paula, prégado na sua igreja no anno de 1808. Vejamo-la :

O amor da gloria, meus irmãos, é tão natural ao homem como o da sua existencia; esta paixão é como o annel onde se prende o fio da nossa vida, e o centro para onde se inclinam todas as nossas acções. Não ha um iman mais poderoso e que tenha um influxo mais universal; a natureza privada d'este fogo cae no desprezivel estado d'inercia; ninguem mais se levantará até as alturas dos mundos para medir a marcha dos astros; ninguem atravessará o Oceano por entre perigos de mares incognitos, ninguem irá expor sua vida ao furor dos combates nas incertas mãos da victoria. Os justos, meus irmãos, tambem são estimulados por esse amor de se distinguirem, mas são bem differentes os meios de que se servem para chegar ao termo de seus desejos. Como elles sabem que só escondendo sua vida em Jesus-Christo poderão ser grandes no seu reino, lançam-se nos abysmos da humilhação para ahi participarem dos raios da sua gloria. A graça nos apresenta de seculo em seculo um d'estes heroes que vem como que encher o vasio que deixáram no mundo aquelles que ella formou, e que acabáram em outros tempos. Antes que elles appareçam a natureza dá todos os signaes d'um parto feliz, não é sobre um terreno fecundo que ordinariamente germinam estas vergonteas, que devem engrossar como os cedros do Libano; tanto elles são mais raros quanto trazem circumstancias mais particulares. Nós sabemos o que custou o nascimento de Samuel, destinado a ser o representante do Omnipotente junto ao throno dos reis da terra, quanto foi desejada a sua presença e sentida a sua falta. Francisco de Paula foi para seus pais um novo Isaac, um novo Sansão, filho de lagrimas e gemidos, a nobreza de sua familia começou com elle, e a humildade foi que lhe abriu a carreira da gloria.

Celebrando as grandezas de Maria na capella da Lapa dos Mercadores no anno de 1805, começa por este florido exordio:

Si o grande Melchisidech offerecendo aos ceos um sacrificio novo e desconhecido no Antigo Testamento, mostrou de longe a pureza das oblações da lei da graça, deixando como uma especie de liturgia para o sacrificio de Jesus-Christo, Maria consagrando ao ceo sua virgindade, virtude ainda não practicada no seu seculo, deu a conhecer, como diz S. Bernardo, que a uma lei toda carnal ia succeder outra toda espiritual. Esta foi sua maior partilha, continúa S. Ildefonso, e ninguem lh'a poderia disputar. Eu ouço os gemidos de Sara esteril, eu vejo Rachel angustiar-se porque o thalamo do seu esposo não florescia; eu vejo lá ao longe a filha de Jephté correndo desgrenhada pelas montanhas porque seu pai a obrigava a consagrar a Deus sua virgindade; eu vejo a mãi de Samuel debruçada no pavimento do sanctuario humedecido pelas suas lagrimas queixando-se ao Senhor

porque era infecunda. Todas as matronas d'Israel ambicionavam a gloria ou d'entrar na genealogia de Jesus-Christo, ou de serem sua mãi; porém Maria escolheu a melhor parte offerecendo ao ceo a sua virgindade, e ninguem póde disputar-lhe a sua herança. *Maria* optimam *partem elegit*, etc. Não se viu nem nos dias mais gloriosos d'Israel, nem depois uma mulher mais engrandecida do que Maria : ella appareceu no mundo para realisar todas as imagens que a tinham antecedido. Já as filhas mais celebres do seu povo tinham alcançado immensas riquezas; nos muros de Bethulia ainda soavam os louvores de Judith tincta no sangue d'Holofernes; ainda se engrandecia a prudencia d'Abigail que desarmou o braço de David suspenso contra Nabal; ainda se fallava da sabedoria de Debora que prophetisava debaixo da palmeira entre Ramá e Bethel; e na torrente de Cison viam-se os restos dos carros, dos escudos e das lanças do exercito de Sisara, morto aos pés de Jahel; contava-se como um prodigio a humildade d'Esther, que alcançou a vida para o seu povo condemnado por Assuéro: estas mulheres foram as heroinas dos seus seculos; porém Maria apparece, as nações emudeceram vendo entre si a mulher forte que o Sabio apenas tinha pintado, mas que julgou impossivel sua existencia. Maria entra no mundo desherdada de todos os titulos de sua nobreza, sem nome, sem dignidade, sem riquezas; porém tinha virtude, era virgem, e eis aqui a melhor parte que ella escolheu, e que ninguem lhe ha podido disputar.

Sentimos não poder proseguir nos exceptos dos mais eloquentes sermões do P. M. Sampaio, porque d'isso no-lo veda a estreiteza do nosso plano. Copiosa erudição enriquecia o orador fluminense; sobravam-lhe recursos d'imaginação que com as côres do iris matisava os seus discursos; era porém algumas vezes excessivo no emprego dos tropos e figuras como notou um dos seus biographos, já por nós citado; e pouco se occupava com limar a phrase expurgando-a de feias nodoas, e intoleraveis gallicismos.

FR. FRANCISCO DE MONT'ALVERNE

Fr. Francisco de Mont'alverne [1], que no seculo chamava-se Francisco José de Carvalho, nasceu nesta cidade de Rio de Janeiro

[1] Ainda que rigorosamente fallando deva Mont'alverne pertencer á sexta epocha da litteratura nacional, collocamo-lo todavia na quinta; porque nella tiveram lugar seus mais bellos triumphos oratorios, e até porque muitas são as affinidades que o ligam á escola de S. Carlos, P. Sampaio, a que denominaremos de *brasilico-seraphica*.

no anno de 1785. Arrastado por uma ardente vocação, dedicou-se á vida monastica, recebendo o habito franciscano das mãos do provincial Fr. Antonio de S. Bernardo Monção a 28 de junho de 1801, professando a 31 d'outubro do anno seguinte. Em 1804, partiu para S. Paulo na qualidade de collegial, afim de continuar seus estudos sob a direcção do P. M. Fr. Ignacio de S. Justina, que passava por consummado theologo. Ahi conservou-se até o anno de 1807, tomando successivamente todas as ordens sacras que lhe foram conferidas pelo virtuoso bispo D. Matheus d'Abreu Pereira.

Mereceram-lhe seu talento e applicação reiteradas provas d'estima e confiança da parte de seus superiores e confrades, assim foi iterativamente escolhido para os cargos de passante (substituto) prégador, e aos trinta e um annos d'idade já era lente de prima, honra até então so concedida aos velhos.

Era porém no pulpito que mais luzia a capacidade do P. M. Mont'alverne, e n'uma epocha tão rica em verdadeiras illustrações conseguiu chamar a attenção d'el-rei D. João VI, que, por provisão de 17 d'outubro de 1816, nomeou-o prégador da sua real capella.

Tinha Mont'alverne consciencia da sua facundia, consciencia que degenerava em excessivo amor proprio. Eis como explicava a sua elevação ao apogeo da gloria do pulpito, e como se avaliava em relação aos outros eximios oradores contemporaneos seus :

« Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816 como prégador regio, oito annos depois que nella entraram S. Carlos, Sampaio, monsenhor Neto, e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de luctar com esses gigantes da oratoria, que tantos louros tinham ganhado, e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivaes. O paiz sabe quaes foram meus successos neste combate desigual : elle apreciou meus esforços, e designou o lugar a que eu tinha direito entre meus contemporaneos; pertence á posteridade sanccionar este juizo [1]. »

Abriu-lhe a carreira das honras o pulpito sendo a 20 de septembro de 1818 despachado examinador da Mesa da Consciencia e Ordens; a 18 de novembro d'esse mesmo anno theologo da nun-

[1] *Obras orat.*, tom I, Discurso prel.

ciatura; a 23 d'outubro de 1819 guardião do convento da Penha na provincia do Espirito Sancto; e a 11 de março de 1824 tomava assento na Mesa Capitular, na elevada hierarchia de custodio.

Não era so no claustro que se apreciavão as eminentes qualidades do P. M. Mont'alverne; por quanto fazia a auctoridade diocesana elevado conceito da sua grande capacidade fazendo d'elle selecção para professor de rhetorica do Episcopal Seminario de S. José, substituto de philosophia e theologia dogmatica, e finalmente examinador synodal.

Tambem não lhe faltáram condecorações scientificas e litterarias, admittindo-o no seu gremio o Instituto Historico de França na qualidade de socio correspondente, o Instituto Historico e Geographico do Brasil como seu socio honorario, a Sociedade Amante da Instrucção e o Ensaio Philosophico do Rio de Janeiro.

No meio de todas essas homenagens colheu a cruel enfermidade (*amaurosa*) que privando-o do lume dos olhos abysmou-o nas trevas. Tal era porém o seu vigor intellectual que não abandonava o exercicio activo de suas funcções, occupando nos ultimos dias da sua gloriosa existencia os empregos de custodio da provincia e de professor de philosophia e dogma. Aggraváram-se-lhe porém os padecimentos (talvez que pelo excesso do trabalho em tão avançada idade e depois de tão longo e forçado repouso), e julgando encontrar em S. Domingos de Nictheroy allivio aos seus males, ahi expirou a 2 de dezembro de 1858. Embalsamado o seu corpo (em excepção aos usos da ordem), foi sepultado na quadra para esse fim destinada em uma carneira perpetua, e o seu retrato tirado, como já dissemos, por habil artista acha-se collocado entre seus antigos companheiros e emulos na prégação da divina palavra.

Suas *Obras oratorias*, publicadas pelos irmãos Laemmert nos annos de 1853-1854, formam quatro volumes em-8°, sendo por quasi toda a imprensa saúdada a sua apparição não so pelo seu valor intrinseco, como pela feliz circumstancia de ser o primeiro brasileiro que aos prelos confiava uma tão rica e completa messe oratoria. No *Guanabara*, revista litteraria, que então redigiamos, escrevemos estas palavras, que pedimos venia para aqui reproduzir :

« Os sermões do distincto franciscano tem uma physionomia

que os faz differentes de todos os outros: o seu estylo, suas provas, e diremos quasi a disposição das diversas partes d'esses discursos lhe são proprios. Reune em si os predicados que illustráram os mais famosos prégadores: sabe alliar a sublimidade de Bossuet á doce eloquencia e ás perfumadas phrases do suaviloquo Massillon. Cremos todavia que entre todos os oradores francezes do seculo de Luiz XIV que lhe serviram de mestres, tinha mais predilecção pela vigorosa logica de Bourdaloue. Conscio do dever do orador evangelico de doutrinar o povo sempre que fallava colhiam-se de suas palavras uteis lições: era o Platão catholico, expondo o dogma, ou a moral, como o sabio grego explicava a sua republica ideal. Longe de seguir o exemplo de muitos prégadores, cujos discursos são pobres d'ideias porém abundantes de palavras, que exprimem mesquinhos e triviaes pensamentos em sonorosas phrases, o nosso eloquente patricio não se serve d'um vocabulo superfluo, nem d'um epitheto desnecessario[1].

Respiguemos na basta seára que ante nós se descortina exemplos com que evidenciemos a proposições supra-exaradas, e que, apesar do lapso do tempo, ainda hoje confirmamos.

No seu celebre sermão sobre a *demorada conversão* admiram-se estas energicas imagens, pelos rhetoricos denominadas de *collisões*:

Eis aqui chegado este momento, este momento para o qual o peccador tinha retardado a conversão! Soou a hora além da qual a pendula da vida não deve balançar mais. Evadido aos acasos, escapado a uma morte prematura e violenta, o novo Antiocho está lançado no leito d'onde não se levantará mais. Entrae dentro da sua casa!..... Não, não é mais o som dos canticos, a harmonia dos concertos, o estrondo agradavel dos bailes, que vos encanta, e surprehende a vossa admiração. É o grito da desolação, é o gemido pungente da desgraça: é a esposa desmaiada; são os filhos banhados em lagrimãs; é a turbação dos criados, que se empurram, tropeçam, e correm em sentido contrario!!! Chegae-vos ao lento do moribundo. O medo está pintado em seu rosto; seus olhos exprimem a mais profunda agitação. Pungido dos remorsos, aterrado com a ideia da sua reprovação, convencido de sua indignidade, elle não espera, mas treme; não invoca o Eterno, mas geme, suspira e agonisa. Como entornar a confiança no seio

[1] Tomo II, numero 7, pag. 122.

d a desesperação?! Como reanimar as chammas do amor em um coração que não sente? São vinte, trinta, quarenta ou sessenta annos que se tracta de pôr em ordem! É o negocio da Eternidade, que convém ultimar dentro d'algumas horas! Confiai a este homem o menos importante dos nossos negocios! Encarrega-lo de dirigir uma negociação, dar um conselho, tomar uma deliberação! Oh meu Deus, quando a natureza desfallece, quando as dôres se exacerbam, quando os vinculos os mais apertados e mais preciosos são despedaçados, quando a fé apparece so para espantar o peccador, quando a esperança foge, e está morta a caridade: abnegar-se!..... renunciar a propria vontade!! lançar-se em vossos braços cheio de confiança em vossa misericordia!!

É verdadeiramente *ciceroniano* o exordio insinuativo do sermão sobre a *profanação dos templos*, que assim principia:

Si a carreira apostolica offereceu jamais aos oradores sagrados verdadeiros motivos de succumbir debaixo do peso do seu ministerio, si em alguma occasião o dever d'annunciar as maximas do Evangelho tem opprimido os ministros d'um Deus cioso dos seus direitos; é sem duvida no momento em que, tendo a braços a torrente das paixões, põe-se em risco a divina palavra sem talvez a esperança d'obter algum successo.

Referindo-se a um facto da vida de S. Francisco de Paula aproveita Mont'alverne o ensejo para dar aos que governam uma sublime lição de moral. Que formosas e vivas enargueias, que valentes *apostrophes* avultam neste magestoso quadro!

Francisco (diz elle) faz em pedaços uma moeda d'ouro e mostra ao rei as gotas de sangue que corriam d'este metal precioso..... É o sangue dos teus vassallos arrastados á miseria por tuas vexações, exclama o homem de Deus! — É o suor dos povos sobrecarregados por contribuições enormes para saciar tua cobiça e promover tuas desordens. São as lagrimas de milhares d'infelizes cansados de tua dominação e que te consideram seu verdugo, e seu mais implacavel tyranno! Acreditas porventura que tu és o senhor inexoravel d'um povo que te foi confiado para governar e não para opprimir? — Esqueces que o Eterno te collocou no meio dos teus subditos para ser o ministro da sua providencia sobre esta fracção da grande familia do genero humano? — Treme, oh rei! treme da vingança que te aguarda. — Um dia as maldições d'este mesmo povo, pesado do teu despotismo, irão reunir-se aos flagellos com que Deus sabe vingar a iniquidade e a prepotencia dos reis.

Sabia o eximio orador fluminense com admiravel concisão exprimir os elevados pensamentos : sirva d'exemplo a maneira por que a imitação do bispo de Meaux, falla das grandezas humanas na oração funebre da primeira imperatriz do Brasil a senhora D. Leopoldina.

Deus esmaga nas barreiras do tumulo todos esses gigantes da terra, dilacera a purpura dos reis, quebra os sceptros e as corôas, e estende a mão á virtude que se levanta gloriosa e vencedora.

Lembram-se os contemporaneos da parte activa que tomára o P. M. Mont'alverne em nossas dissenções politicas : dizem que debaixo da estamenha pulsava-lhe um coração patriotico, e que novo Savonarola, erguera por mais d'uma vez seu eloquente brado em pról das patrias liberdades. Manuseando seus sermões politicos, encontramos no prégado na igreja de S. Francisco de Paula no dia 25 de março de 1831 com as mais avançadas theorias liberaes; e a sua voz, semelhante a esses ruidos subterraneos, prenuncios das erupções volcanicas, parecia presagiar a revolução prestes a manifestar-se :

É uma injustiça (dizia o tribuno ecclesiastico) reconhecer nas revoluções politicas dos povos a influencia exclusiva das paixões e dos crimes individuaes. É um absurdo pretender que as nações se deixem arrastar por uma cega fatalidade sobe abysmos onde vão perder sua grandeza e sua gloria. Folheando os annaes dos povos, consultando os monumentos, que attestam a passagem d'estas lavas, que tem engolido as monarchias e as mais florentes republicas, a philosophia assignala com segurança a causa d'estas commoções violentas que tem sacudido as gerações, e tantas vezes ameaçado a existencia do genero humano. Ha um sentimento de felicidade que levanta o seu grito poderoso no seio dos povos, como domina imperiosamente no coração de cada homem. Esta expressão de magnanimidade, estas inspirações do heroismo, esta necessidade de gloria, que lançam nos mais soberbos theatros estes genios, destinados a marcar uma epocha nos fastos do universo, pulsam n'arena as differentes fracções do genero humano, que por um instincto da razão, por um sentimento da dignidade nacional, precipitam-se após esta liberdade, sem a qual são perdidas sua consideração e grandeza.

Por abuso mais escandaloso roubou-se ás nações este florão da sua gloria. Por a mais iniqua de todas as injustiças o homem apparece no seio do

universo como uma besta feroz, dilacerando os seus semelhantes, quebrando os monumentos da civilisação, destruindo na sua raiva os tropheos consagrados por as artes, e levantado sobre as ruinas, como um genio da morte, de destruição e carnagem. Todavia, a despeito de todas essas sombras melancolicas, logo que os prejuizos não influem mais sobre a razão, desde que as paixões cessam d'empregar suas côres facticias, é facil d'entrever nestas reacções espantosas e formidaveis a lucta sublime da razão contra os abusos d'um poder, que fazendo-se tyrannico e oppressor, tenha cessado d'encher seus fins importantes e sublimes : não é difficil de reconhecer a nobre expressão de vingança com que os povos, cansados de supportar seu aviltamento, fazem em pedaços esses thronos, esses sceptros, essas machadinhas, essas cadeiras de marfim, que manchando-se no sangue dos povos que os haviam creado para a sua felicidade eram um titulo d'oppressão, e um monumento d'opprobrio, d'escravidão e de vingança. O Sabio tinha já dito que as revoluções dos povos eram causadas por a perfidia, os ultrajes, as violencias, e injustiça que se-lhe faziam soffrer. Elle tinha visto as cadeiras dos orgulhosos da terra engulidas no meio d'esses terremotos politicos, que seus excessos tinham provocado. É nessas barreiras formidaveis que se despedaçam todos esses oppressores, que fundam a sua grandeza e sua gloria nas lagrimas, nos gemidos e na miseria dos povos.

O fervoroso patriota que com tanta vehemencia defendia os direitos do povo não era um energumeno politico como aprouve a algum representa-lo; reconhecia o salutar principio d'auctoridade, e formava sinceros votos para que d'entre nós não desapparecesse o elemento monarchico, palládio da felicidade e futura grandeza do imperio do Cruzeiro. Orando na igreja parochial do SS. Sacramento no dia 3 de novembro de 1833, no *Te Deum* mandado celebrar pelo faustoso motivo do restabelecimento da saúde de S. M. I. o senhor D. Pedro II, exclama :

Não sei se me engano. Mas pondo a mão sobre o meu peito, creio que quando mesmo o Brasil nada tivesse de soffrer com a morte anticipada do seu imperador; so a ideia de possuirmos um principe, que respirou nacendo este ar embalsamado; e abrindo a primeira vez os olhos vio este ceo dos tropicos tão sereno, e d'um azul tão fascinador; gera tanto enlevo, nutre um orgulho tão nobre que não encontro um so brasileiro que não esteja prompto a sacrificar a sua vida a fim de conservar os dias preciosos do seu augusto compatriota ! Vós o destes duas vezes ao Brasil em penhor da sua estabilidade, oh Deus! Deus omnipotente e cheio de misericordia! Vós ratificastes o contracto feito com o vosso povo restituindo o principe

querido aos lamentos da patria, que com elle zombará de todos os perigos e todos os azares. Seu throno será eterno na vossa presença, qual o sol em todo o seu fulgor, a lua na phase da maior belleza, e esse brilhante arco celeste, fiel testemunho da vossa eterna alliança, como diz o Psalmista.

Depois d'este brilhante lampejo eclipsou-se o estro de Mont'alverne: em sua retina não refletiu mais a luz do dia; e o Ossian do pulpito sentou-se na solidão do claustro. Por tres lustros e mais tres annos viveu no olvido, seu nome era pronunciado como uma gloriosa tradição d'outra era, e naturalmente associado aos dos cyclopes da tribuna evangelica que na paz do Senhor haviam adormecido. Não estava porém finda a missão do illustre franciscano. Esse infante coroado, cuja saúde vimos tão affectuosamente saudar, havia crescido no corpo e ainda mais n'alma, tornara-se chefe d'um esperançoso povo, cingira o diadema de principe da juventude e manifestou ao venerando cenobita o desejo de ve-lo ainda uma vez descer a arena onde tão grandes louros havia alcançado. Um pedido, diremos quasi, uma velleidade do monarcha é para o subdito fiel e dedicado imperioso preceito. Mont'alverne assim o pensou, esqueceu suas enfermidades, sua cegueira, seu isolamento do mundo, e como um gigante da palavra reappareceu no pulpito da capella imperial no dia 19 d'outubro de 1854 afim de pronunciar o panegyrico de S. Pedro d'Alcantara.

Peçamos ao nosso respeitavel amigo o Sr. M. d'Araujo Porto-Alegre que nos pinte com o seu *buonarottico pincel* essa resurreição d'um venerando vulto evocado da penumbra do tumulo pelo magico poder d'uma *Augusta Vontade.*

« Um numeroso e intelligente auditorio se premava em todo o ambito da capella imperial; uma côrte luzida pautava as alas do templo; os corredores, as escadas e todo o adro interno se povoavam d'espectadores desensoffridos; d'homens, de mulheres, que vinham assistir a essa resurreição, a essa nova vida da palavra sagrada! Os velhos choravam e como que remoçavam aos assaltos de suas reminiscencias, e os moços tambem choravam á vista d'aquelle sublime representante de tantas glorias, d'aquelle antigo proprietario de tantas ovações, e do apparecimento d'um homem, cujo nome vagava entre nós como a sombra d'um gigante.

« Parecia que tantos annos de soffrimento, de morte social, e de..... perseguições atrozes por aquelles mesmos que o deviam sagrar como o laurel prestigioso da sua ordem, como o representante de tantas glorias, e d'um passado edificante, o deveriam vergar e fraquear através d'essa vida cahotica e silenciosa, d'essa ausencia dos livros, e sobretudo do laboratorio das ideias; porém a sua natureza privilegiada, a sua grande individualidade, rutiláram através da noite em que vivia; e o homem do passado, conculcando a concha da balança do tempo, venceu os annos, as molestias, e as dôres, e rehouve em uma hora dezoito annos de silencio e de retiro.

« Pulpito, templo e elle formavam uma so massa, uma so figura, um gigante, que elevado a uma esphera superior, dominando todas as intelligencias que o escutavam, parecia desprender dos seus labios uma aurora d'harmonias, um lume ainda não admirado. A geração que o escutava, na immobilidade de sua admiração, como que se achava anniquilada diante d'aquellas proporções gigantescas, d'aquella voz radiante, exhumada da obscuridade do claustro, e offerecida ao sol da intelligencia como um primor de Phidias, recuperado, como outr'ora Laocoon diante do qual a multidão d'artistas do seculo de Leão X parecia desanimada.

« D'onde veio pois este homem que com a palavra sómente nos amesquinha, nos atrophia, e nos faz ser uma familia de pygmeus? Onde foi elle buscar o segredo de tantos prodigios? Em si mesmo, na fonte inexgotavel da inspiração, na força da sua fé, na practica de suas virtudes.

« O seu gesto era a estatua do pensamento que o animava, as suas mãos fallavam e escreviam, a sua voz concutia em todos os corações!

« E porque este homem extraordinario, esta força civilisadora, esta palavra viva, este cego, acenava com tanto acerto, com tanta propriedade, com tanta graça, com tanta firmeza, como se a luz lhe abrisse o grande scenario que o rodeava, e o fizesse saborear os louros d'essa nova conquista? Porque nas alturas a que se elevara ninguem o viu vacillar, titubear, e antes conculcar o chão do pulpito com aquella firmeza do sagitario, com a destreza do gladiador, e com o denodo do athleta?

« Porque elle via com os olhos d'Homero [1]. »

Pelos excerptos que vamos fazer deste magnifico sermão conhecerá o leitor que so a verdade e não a hyperbole dictou o conceito que de seu egregio mestre formou o inspirado cantor das *Brasilianas*.

Do pomposissimo exordio destaca-se o seguinte trecho ungido pela mais profunda melancolia, mas infelizmente desbotado pela quasi que total ausencia da modestia :

Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar : compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do sanctuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil em reminiscencias? como reproduzir esses transportes, esse enlevo, com que realcei as festas da religião e da patria? *É tarde!... É muito tarde!...* Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos e cujos degraos desci so e silencioso para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pesares, não ouvindo mais os echos repetirem as estrophes dos seus canticos nas quebradas de suas montanhas pictorescas, não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, pendurárram os seus alaúdes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão ; e, quando os homens que apreciavam as suas composições, quando aquelles que se deleitavam com os perfumes de seu estylo e a belleza de suas imagens vinham pedir-lhes a reproducção d'essas epopéas em que se perpetuavam as memorias de seus antepassados, e as maravilhas do *Todo-Poderoso*, — elles cobriam suas faces humedecidas do pranto e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento das tempestades.

Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu que dirigistes meus passos na vereda escabrosa da eloquencia, tu a quem devo todas as minhas inspirações, tu minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta coroa..... Si dos espinhos que a cercam rebentar alguma flor, si das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas folhas, si um enfeite, si um adorno renascer d'estas vergonteas já seccas ; — deposita-as nas mãos do

[1] *O Guanabara*, tom. II, numero 9, pag. 323-324

imperador para que as suspenda como um tropheo sobre o altar do grande homem a quem elle deve seu nome e o Brasil a protecção mais decidida.

Resumindo depois os apostolicos trabalhos dos religiosos d'Arrabida prorompe nestas bellissimas expressões :

Sempre na vanguarda dos combatentes, o emulo dos Antãos e dos Pacomios fortalece com os seus conselhos, e ainda mais com o seu exemplo, os novos solitarios que lembram esses famigerados anachoretas que nos começos da Igreja espantáram com as suas austeridades as solidões do alto Egypto, e os desertos do Sayd e da Thebaida. Do cimo d'esses rochedos alcantilados, o infatigavel conductor das novas tribus contemplava nos assomos d'alegria esses destemidos arautos que envergavam a mesma couraça de que elle estava revestido, e que dos mesmos intrincheiramentos com que se defendia levavam em suas mãos robustas o archote da revelação, e ião acordar os povos que dormiam nas trevas da idolatria. Elles não temeram affrontar impavoridos o cabo das Tormentas; sulcáram os mares d'aurora, passáram o Indo, visitáram os Corillis orientaes; e sentados ás portas de Cantão e de Nankim, aguardavam o momento d'arvorar em suas torres o estandarte do Crucificado. Os lagos do Canadá, as inundações de Missisipi, e as alturas dos Andes não assustáram sua impavidez apostolica.

Nossos pais os contempláram communicando com o Guayucurú, reprimindo a ferocidade do Botecudo, conciliando o implacavel Aymoré. Elles domáram o indomito Goytacaz, poliram o Tamoyo, prenderam ao corro de J. C. o Tupy e o Caethé. Povoações florentes surgiram, como por encanto, das margens do Amazonas até as cabeceiras do Prata; e para cumulo de sua gloria foram elles que saudáram primeiro a civilisação da terra de Cabral, e ergueram o labaro sagrado que procurou ao Brasil o epitheto ainda mais precioso de Terra de S. Cruz.

Modelo do estylo vehemente é por certo o quadro da renuncia do imperador Carlos V trocando a purpura dos Cesares pelo habito de monge. Contemplemo-la :

O universo acabava de presenciar um d'esses acontecimentos que abafam a penetração mais atilada, e illudem o pedestal dos simulacros da grandeza. Quebrando entre suas mãos os reis como se fossem um vaso d'argila, despojando de suas insignias os gloriosos, os sublimes da terra, Deus patenteia da maneira a mais solemne que é elle quem domina os reinos e os imperios, e que sómente a elle pertence a exaltação e o poderio. O principe illustrado cujo nome é uma formosa antonomasia : o estadista

profundo, cuja administração prestára novas formas ao direito publico, e creára o systema politico hoje conhecido com a denominação d'equilibrio europeu : o triumphador que depois da batalha de Pavia recebeu em Madrid a homenagem do monarcha mais cavalheiroso do seu tempo : o guerreiro feliz que escarmentou a arrogancia de Tunis, e humilhára em Muhlberg a altivez dos principes confederados,— arrojou o sceptro que se tornára um peso insupportavel — Carlos V tinha abdicado. O potentado que estendia sua dominação desde o golpho do Mexico até além das praias do Texel, e do Danubio até alem da bahia de S. Francisco, fatigado, enjoado da inconstancia, das mentiras, das lisonjas do mundo, abandonou os thronos fulgurantes d'Allemanha, da Hespanha, da Sicilia, e dos Paizes Baixos, renunciou as suas immensas possessões n'America, e foi occultar-se no interior d'um mosteiro!

O senhor d'Alhambra e d'Hapsburgo esqueceu os estuques doirados d'esses paços sumptuosos, onde se ostentavam os primores do luxo e do fausto, e encerrou-se nos estreitos limites d'uma cella. O arminho e a purpura foram trocados pela sotaina do converso.

Ponhamos fim ás citações copiando a inimitavel pintura dos derradeiros instantes de S. Pedro d'Alcantara :

O lidador já tinha dobrado a meta do estadio que levára de vencida. Exhausto de forças, cahiu sobre montões de palmas e grinaldas que merecera por sua perseverança. Pedro d'Alcantara está rodeado de seus irmãos que o observam, choram e admiram. O pobre de J. C. despe o seu habito e pede outro mais velho em que se envolva depois de morto. O superior olha em torno de si e não encontrando quem ostente igual desprezo, veste a reliquia inestimavel e lhe dá em troco a sua tunica. O corpo do penitente assemelha-se a raizes resicadas; sua pelle está denigrida e queimada com o fogo da mortificação. O frio da morte agita seus membros lividos e descarnados. Um moço religioso aproxima-se e intenta estender sobre elle um lençol. — Retira-te, grita-lhe o luctador; ainda ha perigo; o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate!... O justo imprime seus labios no signal adoravel da Redempção... Pedro d'Alcantara subiu a throno de Deus!!..... »

Parecerá mesquinho depois d'admirar tão ricos paineis ouvir fallar em defeitos e incorrecções da obra; nossa missão de critico porém a isso no-lo obriga. Cremos que terá notado o leitor que nem sempre é bastante castiça a linguagem do P. M. Mont'alverne, que pomposas phrases abrigam muitas vezes triviaes

pensamentos, e que não raro revelam seus sermões um luxo d'erudição mais profana do que sagrada. Não escapáram essas imperfeições á atilada intelligencia do douto franciscano que no seu *Discurso preliminar* assim se justifica :

Compondo os meus sermões nunca fui embaraçado das formas de que devia revestir o meu estylo. Sabia com Montesquieu ser impossivel realisar alguma coisa d'importante desde que fosse mister levar á balança os nossos pensamentos. E quando pois eu tinha d'exprimir uma ideia empregava na sua traducção o termo mais significativo, ou mais sonoro, sem curar da sua precisão e mesmo da sua existencia. Era certamente um grande mal em ordem á litteratura, era um grande defeito, mas a ideia apparecia com as suas côres fortes e originaes. e o prestigio da pronunciação conseguia o resto.

LIÇÃO XXXIX

Epistolographia.

ALEXANDRE DE GUSMÃO

Alexandre de Gusmão, nono filho do cirurgião do presidio d'antiga villa (hoje cidade) de Sanctos Francisco Lourenço e de sua mulher D. Maria Alvares, nasceu no anno de 1695. Deveu o seu appellido ao famoso jesuita Alexandre de Gusmão seu padrinho e protector.

Havendo feito o seu curso de preparatorios no collegio da Com panhia existente em sua villa natal foi por seus.pais mandado para Lisboa, confiando-o aos cuidados de seu irmão o P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão que nessa côrte gozava de grandes creditos. Utilmente empregando o seu tempo deu-se com ardor aos estudos das mathematicas e d'algumas linguas vivas.

Não tardou em apparecer a occasião em que fossem seus talentos e capacidade postos a prova. Por quanto sendo ainda bem moço foi escolhido para secretario da embaixada que el-rei D. João V enviava á corte de Luiz XIV, e de que era chefe D. Luiz Manuel da Camara, conde da Ribeira Grande.

Aproveitando-se da estada em Pariz cursou as aulas da sua celebre universidade, e nella tomou o gráo de doutor em direito civil; e findo o objecto da embaixada com a celebração do tratado de Utrecht, regressou o novel diplomata a Lisboa, onde não equi-

vocas provas recebeu da satisfação com que considerára os serviços que tivera a fortuna de prestar-lhe.

Pequena foi a sua demora na capital da monarchia lusitana; recebendo ordem de ir reunir-se em Roma a seu irmão Bartholomeu incumbido d'alcançar para o seu rei o titulo de *Fidelissimo*, e muitas outras graças que a piedade de D. João V solicitava da Sancta Sé.

De tal geito se comportou que, reconhecida a sua aptidão diplomatica, ficou so á frente das negociacões sendo chamado a Lisboa o P. Bartholomeu. Logrou com felicidade o fim da sua missão, e retirando-se de Roma no anno de 1730 deixou ahi grande numero d'amigos; e affirma Miguel Martin d'Araujo[1] que lhe fôra offerecida pelo S. Pontifice a elevada hierarchia de principe romano, que não quizera aceitar sem venia do seu monarcha, o qual lh'a recusára.

De novo restituido a Portugal foi escolhido pelo soberano para o cargo de seu secretario particular; manejando sem caracter official os negocios internos e externos. Existem de seu punho uma grande quantidade de decisões explicando varios pontos duvidosos de direito, e estabelecendo com notavel clareza as mais puras regras do regimen administrativo.

Suas luzes grangeáram-lhe um lugar n'*Academia Real da Historia Portugueza*, para cujo gremio entrou no anno de 1752 em substituição ao conselheiro Antonio Rodrigues da Costa. Foi-lhe commettida a tarefa d'escrever na lingua latina a historia das possessões ultramarinas que não nos consta que finalisasse e muito menos que a confiasse aos prelos.

Nomeado membro do conselho ultramarino em 1742, teve conspicua parte nas deliberações d'este importante tribunal; e devem-se-lhe muitos pareceres recommendaveis pela sua elevação de vistas e vastidão de conhecimentos.

Foi cavalleiro professo da ordem de Christo, fidalgo da casa real, e alcaide-mór de Piconha. Retirado dos negocios depois do fallecimento d'el-rei D. João V, passou obscuramente os ultimos annos da sua vida em companhia de sua virtuosa esposa e de dois filhos

[1] Vide *Elogio historico d'Alexandre de Gusmão.*

(aos quaes deu os heroicos nomes de Viriato e Trajano), que morreram n'um incendio que devorou a casa em que habitava, com tudo o que nella existia. Apenas sobreviveu um anno a tão doloroso golpe, expirando no dia 31 de dezembro de 1753, e sendo sepultado na igreja de N. S. dos Remedios, dos extinctos Carmelistas Descalços.

« D'elle conhecemos até agora poucos escriptos (diz um dos seus biographos [1]), escassa producção de tão fecundo engenho, e que não corresponde aos seus aturados estudos; sem duvida preciosos manuscriptos ineditos foram presas das chammas que reduziram a cinzas a sua casa e bibliotheca : que seria senão atravessassem até nós memorias d'algumas suas principaes acções, por isso mais facil e seguro de por ellas avaliar o caracter do alto funccionario do que pelo exame dos escriptos d'aquelle, que se dedicou exclusivamente ás letras. »

Pondo á margem por alheios ao nosso proposito algumas poesias, memorias e apontamentos do benemerito brasileiro extractaremos unicamente algumas de suas cartas que correm impressas n'um pequeno volume de 8°, publicado no Porto em 1841, com o seguinte titulo : *Collecção de varios escriptos ineditos, politicos e litterarios d'Alexandre de Gusmão dados á luz publica por J. M. F. de C...* seguido d'um Complemento aos ditos *Ineditos* dado á estampa por Albano Alvaro da Silveira Pinto na mesma cidade do Porto e no anno de 1844.

Considerado como epistolographo é Alexandre um dos primeiros da nossa lingua pela facilidade com que tractava dos mais importantes objectos sem perder jamais a candura e ingenuidade tão necessarias neste genero de composições. Revela-se nessa correspondencia, por forma alguma destinada á publicidade, o estado da sua alma; os pensamentos reconditos que nutria ácerca da marcha dos negocios publicos, e seu juizo sobre os homens que nessa epocha de maior importancia gozavam em Portugal. É um curioso estudo d'*après nature*, um achado numismatico.

Para que possam avaliar os leitores do sal attico com que tem-

[1] O Visconde de S. Leopoldo na sua Memoria intitulada — *Da Vida e Feitos d'Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.*

perava Alexandre de Gusmão a sua correspondencia, e da maneira espirituosa com que avaliava os homens e as coisas de seu tempo, transcreveremos aqui a sua resposta á carta em que D. Luiz da Cunha, embaixador portuguez em Pariz, convidava-o para envidar o seu valimento junto d'el-rei D. João V, afim de que se offerecesse este para arbitro da guerra que nessa epocha devastava a Europa.

Excellentissimo Senhor.—Ainda que eu já sabia quando recebia carta de V. Exª. que não havia de vencer o negocio em que V. Exª. se empenhou, contudo, por obedecer e servir a V. Exª., sempre fallei a S. M. e aos ministros actuaes do governo.

Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. Exª. era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar el-rei obrigado ao cumprimento do tractado, o que não era conveniente. Emquanto fallamos na materia se entreteve o secretario d'estado seu irmão, na mesma casa, em alporcar uns craveiros, que até isto fazem alli fóra de tempo e lugar.

Procurei fallar a S. R^ma^ mais de tres vezes primeiro que me ouvisse. e o achei contando a apparição de Sancho a seu amo, que traz o padre Causino na sua côrte sancta, cuja historia ouviram com grande attenção o duque de Lafões, Fernáo Freire, e outros. Respondeu-me que Deus nos tinha conservado em paz, e que V. Exª. queria metter-nos em arengas, que era tentar a Deus.

Finalmente fallei a el-rei (seja pelo amor de Deus) que estava perguntando ao prior da freguezia por quanto rendiam as esmolas pelas almas, e as missas que se diziam por ellas. Disse-me que a proposição de V. Exª. era muito propria das maximas francezas com as quaes V. Exª. se tinha co-naturalisado, e que não proseguisse mais.

Si V. Exª. cahisse na materialidade (do que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar nellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer alguns premios.

A pessoa de V. Exª. guarde Deus, como desejo, para defesa e credito de Portugal.

Lisboa, 2 de fevereiro de 1747.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

N'outra carta escripta ao mesmo diplomata acaba o retrato dos abalisados estadistas que contava Portugal no reinado de D. João V. Sem minimo esforço, com a maior naturalidade, de-

senha seus typos, não afastando-se nunca das regras do genero epistolar. Citemo-la ainda integralmente :

Excellentissimo Senhor — Nem a proposição do marquez d'Alorna, nem de V. Exª. mereceram a menor acceitação aos nossos ministros d'estado A primeira foi tractada na presença d'el-rei com o cardeal e o prior de S. Nicoláo, o monsenhor Moreira e dois jesuitas, a quem já se tinha communicado. Antes que nem-um d'elles fallasse a resolveu el-rei com a maior facilidade do que uma jornada das Caldas; porém não obstante aquella resolução, sempre votáram — que era dictada pelo espirito da soberba e d'ambição — com que foi bem salgada.

A segunda mereceu a convocação d'uma junta, mas foi para maior castigo. Ahi se acháram os tres cardeaes, os dois secretarios, sua reverendissima e eu, e muita gente não sei como. Desencadernáram-se as negociações e se baralháram com a superstição e a ignorancia; fechando-se a decisão com o ridiculo adagio : — guerra com todo o mundo e paz com a Inglaterra — cuja sancta alliança nos era muito conveniente. E finalmente que V. Exª. não era muito certo na religião, pois se mostrava muito francez.

Acabado isto se fallou no soccorro da India, que consta de duas náos e tres navios de transporte. O Motta disse a el-rei : — Esta esquadra ha d'atemorisar a India; — e S. R^ma^ disse : — Ha de fazer bulha na Europa : — o reitor de S. Antão : — Tomara já ler os progressos escriptos pelos nossos padres. — É o que se passou na junta. E escusa V. Exª. de molestar-se em propôr negociações á nossa côrte, porque perderá o tempo que empregar nellas.

Como V. Exª. me pede novidades ahi vão finalmente. — Devemos ao Em^mo^. Sr. Cunha o alliviar-nos de raios, tempestades, trovões, etc., que desterrou das folhinhas do anno com pena de lhes negar as licenças. — Devemos a S. Rev. o haver proposto a el-rei, que conseguisse do Papa o livrar-nos dos espiritos malignos e de feitiços que causavam neste reino tanto damno, e não ouvia que os sentissem as outras nações. — Os *padres tristes* deram conta a el-rei da confissão prodigiosa d'uma feiticeira que cahiu em seu poder. E creio que será este negocio o maior d'estado d'este governo. — Antonio de Saldanha (o mar e guerra) descompoz o cardeal da Motta e na pessoa d'este ao nosso amo. — O desembargador Francisco Galvão da Fonseca disse a Pedro da Motta — que os diabos o levassem; — o conde de Villa-Nova disse aos criados d'um e d'outro ministro em presença de muita gente que fossem ambos. . . . . o Encerrabodes não sabendo a quem havia pedir a sua carta credencial pelo jogo do empurra em que se viu, disse — que o nosso governo era hermaphrodito.

Isto não são contos arabigos, mas factos certos acontecidos dentro da Europa culta. Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. Exª., que Deus guarde.

Lisboa, a 11 de fevereiro de 1748.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

A este Encerrabodes de que se faz menção na carta supra, e que fôra nomeado ministro de Portugal na côrte de Londres, escreveu Gusmão a seguinte carta, testemunha do desgosto com que vivia n'uma atmosphera hostil ao seu espirito livre e philosophico.

Meu amigo e senhor — Estimo as noticias de V. S^a e lhe dou o parabem por ter chegado felizmente a essa côrte, onde se acha livre d'animaes, que o molestavam, e goza da liberdade que Deus conferiu ao homem, sem offender os preceitos da sua lei.

Os inglezes ignorantes aborrecem aos catholicos, sem saberem o porque; mas os bens instruidos e civis são excellentes para a sociedade sem offenderem a nossa crença. Logram-se em Inglaterra muitas outras delicias que aqui são ignoradas; e como V. S^a. não vai negociar coisa alguma porém levar boa vida, sem offensa do seu caracter, que so correria risco querendo encher as obrigações do seu ministerio, mas como aqui não querem isso está V. S^a. desobrigado.

Não se esqueça V. S^a. dos amigos que deixou luctando com as ondas do mar da superstição e da ignorancia; e agradeça aos seus inimigos o mimo de que actualmente goza. Eu tambem havia de descompor os meus se tivesse a certeza de lhes merecer semelhante desterro; mas lembra-me a queixa de Camões a respeito do desconceito do mundo, e por isso me empenho em esquecer-lhes; no que serei afortunado si o puder conseguir.

Não ha mais novidades que arder o palacio do *Lavra*... e ainda que elrei já não arde, sempre suavisou a magoa com o pesame, e com varias madeiras e outros offerecimentos. — Fico para dar gosto a V. S^a., que Deus guarde.

Lisboa, a 16 de fevereiro de 1750.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

De rara modestia era dotado o nosso distincto compatriota, de que varios documentos existem em suas cartas, especificadamente a dirigida ao abbade Diogo Barbosa Machado, que pretendia incluí-lo na sua *Bibliotheca Lusitana*:

Sinto muito que V. M^ce tomasse o incommodo de buscar-me e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da

qual procurarei aproveitar-me sem molestia sua. Muito tenho que agradecer a V. Mce occorrer-lhe o meu nome ao formar um catalogo dos portuguezes eruditos, sendo o maior agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e supposto que não desconheça, ou deixe d'apreciar a honra que V. Mce me faz, é justo tambem que me não indusa o amor proprio a abusar d'ella. Alguns amigos me fazem a mercê d'espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão á benevolencia dos que me favorecem; pois até o presente não tenho mostrado composição por onde pudesse adquiri-la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que o perderia de todo, sabindo alias com algum volume. Supposta esta verdade que sou obrigado a confessar, ainda que me cause confusão, discorro que tambem V. Mce se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria extranhada a boa exacção e boa critica de V. Mce contar na *Bibliotheca Lusitana* entre os auctores a um individuo que não o é, assim como não tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compuz, julgo superfluo dar satisfação aos mais requisitos que contem a carta de V. Mce. No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto e intelligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do lugar que a bondade de V. Mce me queria dar nelle, que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa servir a V. Mce muitos annos.

De Casa, 2 de maio de 1740.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Não desmerece a correspondencia intima do conceito que formamos do honrado secretario particular de D. João V. Espelha-se a sua bella alma nas cartas que escrevia ao seu dilecto amigo, o arcediago d'Oliveira. Extractemos, para prova do que dizemos, o começo da que lhe endereçára em 31 d'agosto de 1743:

Meu amigo e muito meu senhor do coração. Recebo por este correio uma carta de V. Mce em que achei uma novidade, que nunca teria esperado por muito que viva, persuadido da generosidade e bizarria de V. Mce, de sorte que não bastou privar-se V. Mce, até a vinda da frota do Rio, de tres mil cruzados que lhe seriam necessarios para mil cousas entretanto para me fazer favor d'emprestar-mos, encommodar-se a buscar mais quatrocentos mil reis a juro para prefazer os quatro mil cruzados, que eu lhe tinha pedido: de mais a mais para coroar esta fineza torna a mandar-me os

meus escriptos e as mesmas letras com os recibos! Eu bem sabia que V. Mce me não havia mandar citar por elles, nem espero, com o favor de Deus, pôr-me no caso de merece-lo; porque para a frota tenho por sem duvida satisfazer esta divida : mas para o caso da minha morte justo era que ficassem na mão de V. Mce aquelles documentos. Emfim não espero entrar em disputas com V. Mce, e por isso não lh'os torno a remetter. Mas já que não ha entre nós escriptura seria bem que ao menos houvesse um escripto para lembrança de quanto importa o emprestimo.

Impossivel seria d'agradecer com mais vivas expressões o cavalheirismo do arcediago; que não depositaria tanta confiança em seu devedor si d'ella não o julgasse digno, aquilitando-o pelos seus honrosos precedentes.

Nem dirigindo-se aos grandes e poderosos fraqueava a linguagem d'Alexandre de Gusmão; nunca resvalava do plano da respeitosa dignidade para o da lisonja, ou da humilhação. Sirva de prova a seguinte carta, escripta ao arcebispo primaz de Braga, D. José, filho reconhecido d'el-rei D. Pedro II e irmão do monarcha reinante.

Serenissimo Senhor. — Com grande magoa do meu coração vou participar a V. A. que havendo-se noticiado a el-rei o interdicto que V. A. mandou impor na cidade do Porto, e seus suburbios, sómente com o pretexto de não haver cumprido o provisor d'aquelle bispado os mandados do vigario-geral de Braga, expedidos em nome de V. A., e ás instancias da irmandade dos terceiros dominicanos com os frades da mesma ordem : está el-rei tão enfadado com este terrivel acontecimento, e tão sensivelmente magoado, de que V. A. o fabricasse, que quiz romper logo em passar vigorosas e providenciaes ordens, que obrigassem a V. A. a levantar immediatamente o interdicto, e pôr em socego os moradores d'aquella cidade.

Estas reaes ordens, Senhor, haviam d'inquietar a V. A. obrigando-o a declarar publicamente o desacerto com que tem usado dos direitos e regalias da sua igreja bracharense. Para el-rei mais sentir succede este facto estando ainda frescas as memorias das futeis e indignas discordias succedidas pelo estribeiro e ministros de V. A. contra os conegos da sua cathedral, com o que, meu Senhor, agora acresceram novos motivos de desgostar-se el-rei, sendo-lhe este mais sensivel; visto que as discordias com o seu cabido inquietavam uma corporação particular, e o interdicto perturba e desordena a corporação dos povos d'uma das mais populosas e das primeiras cidades do reino.

D'esta fatal desordem o que escandalisa mais a el-rei é o impedir-se aos povos o exercicio publico da religião, cujo escandaloso procedimento lhe tem parecido, e aos seus ministros actuaes, muito proprio dos seculos d'ignorancia e de barbaridade. Em tão funesta situação muito desgostoso eu d'ouvir censurar indecorosas as acções de V. A.; e ponderando as perigosas consequencias do interdicto me abalancei a sacrificar-me por V. A., pedindo a el-rei quizesse confiar-me o honroso trabalho de deligenciar o levantamento do interdicto.

Benigno me ouviu S. M., e logo me honrou com a mercê pedida, a qual attribui aos influxos do real sangue que liga V. A. com sua augustissima pessoa; o que o mesmo Senhor tem em lembrança apesar de tantos desgostos. Mas, Senhor, eu na verdade assegur a V. A. que totalmente me confundo quando considero no empenho a que me arrojei entre o meu soberano e V. A. Serenissima! Valha-me a protecção da Igreja, pela parte que tem neste meu sacrificio, ainda que seja feito em beneficio de V. A.

Senhor, eu estou bem persuadido de ter dado muitas provas a V. A. de que venero, amo, e respeito a sua serenissima pessoa : animado com esta certeza, rogo a V. A. por tudo quanto lhe mereço queira dignar-se de fazer levantar logo aquelle funesto interdicto, dando para esse fim as ordens necessarias sem a menor perda de tempo, não esperando attenção nem obediencia da parte do senr. bispo do Porto, nem dos seus ministros : logo que V. A. passar as ordens se dignará participar a el-rei esta noticia, pela secretaria d'estado dos negocios do reino. Repito outra vez a lembrança de toda a brevidade possivel, afim de que os povos d'aquella cidade do Porto e seus suburbios sejam immediatamente restituidos ao seu antecedente socego, e livre exercicio da religião. Assim o espero da bondade, virtude, e religião de V. A.: finalmente que me honre com os seus preceitos e favoreça com a sua sancta benção. Deus guarde a V. A. por muitos e felizes annos. Lisboa, no Paço, a 4 d'outubro de 1743. Beijo as mãos de V. A. com a maior submissão e mais obsequiosso respeito.

ALEXANDRE DE GUSMÃO.

Pelas transcripções que havemos feito, cremos que comnosco concordará o leitor em ser o nosso patricio um eximio epistolographo; aproximando-se mais do estylo do bispo Osorio, do que ao de Vieira e o de D. Francisco Manuel de Mello. Si não é tão purista na linguagem como o douto jesuita, tem mais nobreza na phrase, mas independencia nas ideias. Si menos espirituoso do que o auctor das *Epanophoras*, mais suculentas são tambem as suas cartas; mais util e instructiva a sua correspondencia.

LIÇÃO XL

Biographia.

DIOGO BARBOSA MACHADO

Diogo Barbosa Machado, nascido na cidade de Lisboa a 31 de março de 1682, dedicou-se á vida ecclesiastica, e recebendo a ordem de presbytero secular, foi promovido a abbade da igreja parochial de S. Adriáo de Sever, no bispado do Porto, em cujo emprego escoáram-se tranquillos os annos de sua existencia até o dia 9 d'agosto de 1772, em que exhalou o ultimo suspiro, sendo sepultado na igreja dos Padres da Congregação da Missão em Relhafolles.

Foi o abbade Barbosa Machado eximio cultor das letras; sendo por isso um dos primeiros convidados para a organisação d'*Academia Real da Historia Portugueza*, fundada, como já dissemos, sob os auspicios d'el-rei D. João V. Além das suas *Memorias para a historia de Portugal que comprehendeu o reinado d'el-rei D. Sebastião*, em quatro volumes, escriptas com grande erudição, e que esclarecem muitos pontos até então duvidosos d'essa epocha, é Barbosa auctor de varios outros escriptos de subido merito. Sua obra porém de maior vulto, e que, mais do que qualquer outra, concorreu que passasse o seu nome á posteridade foi a

Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Chronologica que comprehende a noticia dos auctores portuguezes e das obras que

compuzeram desde o tempo da promulgação da lei da Graça até o tempo presente. Offerecida á Augusta Magestade de D. João V, Nosso Senhor. Lisboa, 1741-1759, em quatro tomos.

Acerca do merito d'este riquissimo repertorio e dos defeitos que nelle se descobrem, oiçamos o juizo formulado por um distincto litterato contemporaneo:

« E ainda que outro fructo não produzira a Academia Real da Historia Portugueza além da *Bibliotheca Lusitana* do abbade Diogo Barbosa Machado, so este trabalho bastára para a tornar recommendavel á posteridade, e acredora do nosso reconhecimento. Bem sei, e o proprio abbade confessa, que já achou muitos subsidios apurados por auctores que o antecederam; mas esses trabalhos, ou por ineditos, ou talvez por menos completos, de pouco serviam ao publico. Por isso o venerando abbade conserva ha mais d'um seculo o sceptro da bibliographia portugueza, e recebe as homenagens das successivas gerações d'estudiosos, sem embargo dos vicios inevitaveis do seu tempo, e ainda dos outros resultantes da disposição menos acertada do seu plano. Assim, por exemplo, subordinando todo o desenho da sua obra aos nomes dos auctores, deixou de mencionar as obras anonymas todas as vezes que lhes não poude descobrir auctor, nem descreveu as collecções quer academicas, quer periodicas, ou d'outra qualquer especie. Negou os fóros d'auctores portuguezes, e repelliu inexoravelmente da sua *Bibliotheca* aquelles que tiveram a sorte de nascer fóra da raia de Portugal, embora houvessem escripto em genuino e castiço portuguez [1]. »

Conhecia o abbade Barbosa Machado a magnitude da empresa que sobre si tomava, como se deprehende das seguintes palavras com que dá começo ao seu prologo:

De todas as producções litterarias com que os maiores seculos eternisáram a sua fama nos annaes da posteridade, nenhum lhes mereceu mais gloriosos elogios e celebres applausos que o laborioso estudo d'uma *Bibliotheca*, onde pelo impulso de suas pennas renascem a nova vida os escriptores que tinham alcançado immortal na republica das letras. São as

[1] Vide *Algumas lembranças para a formação da Bibliotheca port.*, por J. H. da Cunha Rivara, insertas no tomo X do *Panorama*.

Bibliothecas, ou depositos por ordem alphabetica, como observarão huns, ou chronologica, como seguirão outros; aquelles eruditos amphitheatros em cuja espaçosa circumferencia apparecem animados os oraculos de todas as sciencias, que para nunca emudecerem deixáram impressa nos fecundos pastos de seus engenhos, ao mais nobre de todas as potencias. Nellas se fazem patentes as patrias que illustrarão com o seu nascimento como os lugares que foram religiosos depositos de suas cinzas. Relatão-se as acções memoraveis das suas vidas para documentos exemplares da vida moral e politica. Com a luz sempre preclara da chronologia se desterrão as sombras dos anachronismos que confundem a verdadeira epocha dos annos. Restitue-se ao seu verdadeiro auctor a obra injustamente usurpada pela affectada sciencia dos plagiarios.

. . . . . .

Para que possa o leitor avaliar do estylo e pureza de dicção do illustrado abbade de Sever, façamos citações pelas suas biographias.

Fallando do eximio escriptor Fr. Antonio Brandão assim se exprime :

Entre as virtudes que cultivou com mayor perfeição, além das relatadas, foy a summa commiseração para com os pobres de que deu manifesto argumento quando padecendo os visinhos do convento do Bouro, onde dictava filosofia no anno de 1613, huma lastimosa fome, para acudir a tão extrema necessidade, sahiu, com faculdade do prelado, a pedir esmolas a algumas pessoas, chegando a privar-se do alimento que lhe era preciso para sustentar a muitos que estavam quasi agonisando. Nunca recebeu o ordenado de chronista-mór, mas o entregava a hum religioso, seu confidente, para lhe dar alguma parte quando necessitasse, e o restante mandava para os pobres.

Nem menos elegante é o juizo que fórma do doutissimo bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro :

Foi insigne orador latino, cuja eloquencia arrebatava a attenção dos mayores professores d'esta arte, sendo hum delles o integro Jeronymo Cardoso affirmando na Epist. LXIII a elle escripta que lhe roubára suavemente a alma pelos ouvidos. Não foi menos feliz na eloquencia portugueza ao que era na latina, sendo sempre nomeado pelos nossos monarchas para orador das mayores funcções, ou fossem sagradas, ou politicas, e concor-

rendo todo o genero de pessoas a ouvi-lo como *Cicero portuguez*, qual o intitula Manuel de Faria e Souza.

Occupando-se com o maior vulto historico do decimo septimo seculo em Portugal, com o abalisado orador, fino diplomata, habil politico, e exemplar sacerdote, n'uma palavra com o P. Antonio Vieira, serve-se d'estas palavras :

Practicou como religioso observante todas as virtudes proprias d'aquelle estado. Levantava-se muito cedo para a oração entrando pelo descanço necessario á sua idade para ficar expedito para o estudo. O livro espiritual de que mais frequentemente rezava era o *De Imitatione Christi*, escutando como vozes divinas as sentenças que nelle lia. Teve hum animo imperturbavel, soffrendo com heroica constancia o odio dissimulado em zelo de muitos emulos que armados contra a sua pessoa lhe derão grande materia para exame da sua paciencia, não tendo outro motivo para esta injustiça do que nascer mais singular que todos em tantos dotes de que abundantemente o ornou a graça e a natureza. Retribuiu sempre beneficios por aggravos satisfazendo-se com tão nobre vingança dos seus offensores. Nunca no seu semblante se descobriu o menor signal de alteração ainda quando se sentiu infamado com satyras, accusado em diversos tribunaes, e perseguido d'aquelles que lhe erão mais obrigados, antes como se fôra o Olympo que goza de huma inalteravel tranquillidade dissimulava com prudencia, soffria com resignação toda esta furiosa tormenta. Entre tantas côrtes e praças por onde discorreu, nas quaes costumava reinar licenciosamente a incontinencia, conservou-se como se fosse anjo, illesa a pureza com tal previlegio que nunca teve contra esta angelica virtude materia para a confissão. Foi exactissimo observador da pobreza religiosa, usando sempre dos vestidos mais remendados, conservando huma capa pelo largo espaço de quatorze annos que largou violentado. Igual era ao amor á pobreza e odio das riquezas regeitando heroicamente vinte e cinco mil cruzados que lhe mandou a Pariz el-rey D. João o IV para comprar livros para o seu uso, e quarenta mil cruzados que a ilha Terceira lhe offereceu em premio de patrocinar com a sua auctoridade hum grave negocio.

Nesta mesma biographia do P. Vieira mostra o abbade Barbosa Machado o seu amor pelo maravilhoso, e quão pouco escrupulosa era a sua critica, aceitando de leve milagres, a que so a credulidade do vulgo poderia dar peso. Referindo as exequias e homenagens prestadas ao seu heroe, diz :

Não sómente o mundo concorreu para as ultimas honras deste grande varão, mas até o ceo se empenhou em canonisar a sua memoria apparecendo-lhe tres noites antes da sua morte, e tres depois, huma brilhante estrella de extraordinaria grandeza, a qual perpendicular sobre o seu cubiculo foy vista e admirada do mar e terra, affirmando as pessoas mais judiciosas que aquelle meteoro era huma luminosa testemunha com que o ceo declarava as virtudes do P. Vieira.

Finalisaremos as transcripções com o seguinte retrato de Luiz de Camões :

Teve a estatura mediana e grossa, o rosto carregado da testa, o nariz comprido, no meio levantado, e na extremidade grosso : a falta do olho direito diminuiu com excesso a gentileza : o cabello de louro degenerava em açafroado. Foi na conversação jovial e distincto, porém tanto que chegou á idade mayor emendou as verduras com que brotava a primavera dos annos com tão madura gravidade que passou a profunda melancolia. Nunca casou, deixando a mais nobre descendencia nas producções da sua lyra, sendo estes partos do espirito infinitamente superiores aos do corpo.

Pelos excerptos que havemos feito, terá por certo o leitor assentado o seu juizo ácerca da importantissima obra que fórma o objecto d'esta lição, e cremos que abundando nos sentimentos do Sr. Rivára, reconhecerá o relevante serviço por elle prestado á litteratura portugueza; lamentando comnosco que mais imparcial não fosse o infatigavel ecclesiastico, renunciando algumas vezes a linguagem do encomiasta para assumir a do critico, mais severo na esmerilhação dos factos que em seus dipticos tinha de registar. Castiça é sempre a sua phrase; nem-uma duvida tendo de classifica-lo entre os auctores classicos que em portuguez escreveram no seculo passado.

LIÇÃO XLI

Historiographia.

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA

D. Antonio Caetano de Sousa, clerigo regular da ordem de Santo Caetano, mais conhecida pela denominação de *Theatinos*, da qual foi duas vezes preposito, exerceu varios cargos d'importancia, como o de deputado da junta da Bulla da Cruzada, e um dos primeiros cincoenta d'*Academia Real da Historia Portugueza*. Nascido em Lisboa a 30 de maio de 1674, abraçou muito moço a profissão religiosa, na qual conservou-se até a sua morte, occorrida a 5 de julho de 1759. Entre os seus escriptos occupam distincto lugar os dois seguintes:

Historia Genealogica da Casa Real Portugueza desde a sua origem até o presente, com as familias illustres que procedem dos Reis e dos Serenissimos duques de Bragança, justificada com escriptores de inviolavel fé. Lisboa, 1735-1748, em 13 vol. de 4° grande.

Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, tiradas dos instrumentos do Archivo da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros, e outros particulares deste reino. Lisboa, 1739-1748, seis vol. em-4° grande.

Ainda que pelo titulo pareça ser esta obra unicamente genealo-

gica, é contudo um monumento historico de subido valor, sendo como tal considerado por el-rei D. João V, que a mandou imprimir á sua custa, aceitando benignamente a dedicatoria que lhe foi endereçada.

Curiosos documentos encontram-se nas *Provas* que pela primeira vez viram o lume da imprensa, e debalde hoje algures se procurariam. Reconhecendo o valor de semelhantes peças, lastima o esclarecido paleographo João Pinto Ribeiro em suas *Observações diplomaticas*, que tão grosseiros erros se inoculassem nesta collecção, parecendo que nem sequer lera o auctor os monumentos que addicionára á sua Historia, confiando a sua copia a ignorantes amanuenses.

Apesar d'esta censura que apenas recahe na parte accessoria da obra, foi, e ainda é, justamente appreciada dentro e fóra do paiz, figurando como rarissima no catalogo da livraria de lord Stuart, e no *Manuel* de Brunet.

Eis como o abbade Barbosa Machado explica a composição d'esta riquissima encyclopedia historica, genealogica, archeologica e diplomatica:

« Sendo eleito academico (D. Antonio Caetano de Sousa) dos primeiros cincoenta de que se formou este litterario corpo em quanto não desempenhava o argumento das memorias dos bispados ultra-marinos, que lhe foram commettidas á sua penna, para não ser accusado de menos deligente ideou, e felizmente conseguiu a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, para cujo estudo além de ser nelle muito versado, revolveu com escrupuloso exame e grande investigação o archivo real, donde extrahiu documentos solidos para estabelecer as suas opiniões; e das quaes grande parte tinha fugido á profunda indagação dos Britos e Brandões, chronistas geraes d'este reino e celebres corypheus de sua historia.

Entrando, como de costume, no exame das bellezas de que abunda a mencionada obra, logo na introducção lemos este pomposo exordio :

A Casa Real Portugueza, grande pela sua origem e admiravel pelas suas conquistas, com que se fez respeitada no mundo, não cede a nenhuma

outra soberana, nem na gloria do seu principio, nem menos na que com que soube estabelecer a sua monarchia. Foy principiada pelo valor dos seus principes, e fabricada sobre despojos dos infieis, sanctificada na mysteriosa visão do campo d'Ourique, e verificada no cumprimento da eleição dos nossos reys para cultores da fé, com fatal ruina dos inimigos do nome de Jesu Christo, de quem conseguiram gloriosos triumphos.

A mascula eloquencia do benemerito theatino revela-se em muitos outros lugares da sua historia, sendo-nos impossivel acompanha-lo passo a passo em sua peregrinação pelos páramos do passado. Citemos porém como modelo d'uma excellente narração a que deixou-nos da tomada d'Alcacer do Sal por el-rei D. Affonso II.

A villa d'Alcacer do Sal, que os romanos conquistárão ás suas armas, vencida a poderosa multidão dos barbaros, em que adquiriu notavel reputação, por ser o seu castello dos mais fortes que havia na Hespanha. Será sempre celebre este sitio, pelo tempo que durou, pelos diversos successos que nelle houve, e pelas repetidas victorias que nelle conseguiram as armas christans; porque acodindo ao sitio de ambas as partes novos exercitos, foy tão porfiada a contenda que deixou celebre nas historias esta facção. Não bastou huma batalha, forão repetidas as victorias até a ultima entrega da villa, porque os mouros se defendiam com valor e brio, e avaliando a perda por injuria do poder e da religião, se empenhavão na defensa e assim erão soccorridos com exercitos em que se interessavão tres reys, e não falta quem affirme que erão quatro, a saber, o de Sevilha, Jaen, Cordova e Badajoz. Mas o ceo contra quem não val a multidão, parece que com milagres ajudava ao nosso exercito que triumphou, segunda vez das bandeiras mauritanas no dia 11 de setembro de 1217 com fatal ruina dos inimigos, porque nesta batalha morrerão trinta mil mouros e entre elles dois reys. Ainda não foi esta sanguinolenta victoria a decisão da empreza; porque reforçados com novos soccorros continuáram a defensa até que foy finalmente rendida e entrada a praça aos 18 d'outubro do referido anno pelo bispo de Lisboa D. Matheos, ajudado pelo mestre do Templo, do prior de S. João, e de huma grossa armada, composta de mais de cem vélas de inglezes, flamengos, francezes, e outras nações que casualmente aportarão a Lisboa, para terem parte nesta empreza, quando hião em soccorro da Terra Sancta. Desta sorte correspondia Deos á piedade d'el-rey, o qual neste mesmo anno no mez de maio tinha applicado certos dinheiros á igreja de S. Maria de Guimaraens para hum anniversario.

Com a maior simplicidade menciona D. Antonio Caetano de

Sousa a fundação da universidade de Coimbra, no reinado de D. Diniz, despindo-se da sua habitual pompa de linguagem.

Sendo valeroso para manejar armas abatendo o orgulho dos seus emulos, não foy menos cuidadoso no amor das letras, querendo que seus vassallos polissem o engenho natural com o estudo e applicação das sciencias adquiridas com laborioso cuidado, sem o qual não se póde chegar á perfeição da sabedoria; como quem tambem tinha entendido, que sem homens letrados não póde a republica conseguir acertos, por ser o conselho dos sabios a primeira felicidade dos negocios. A este fim instituiu a famosa universidade de Coimbra, que então poz na cidade de Lisboa, a que fez estatutos que confirmou o Papa Nicoláo IV em Orvieto a 5 d'agosto de 1290, mandando vir de diversas partes homens doutos e mestres em todas as faculdades que com larga despeza sustentava.

Perfeito conhecedor dos recursos da lingua, que como mestre manejava, era o douto academico summamente feliz em suas pinturas e narrações de que serve de prova, entre outras muitas, a das ceremonias que por ordem de D. Pedro I foram executadas na trasladação e coroação da desditosa D. Ignez de Castro.

E para a ratificação d'esta verdade passando das escripturas aos marmores, lhe quiz fazer eterna a duração da memoria, mandando-lhe lavrar huma sumptuosa e magnifica sepultura no real mosteiro d'Alcobaça, para onde fez trasladar o seu corpo com a mayor pompa que virão aquelles seculos; porque as dezoito legoas que ha de Coimbra a Alcobaça estavão occupadas de hum e outro lado de homens que allumiavão com tochas, em quanto passava o real cadaver. Tirado o corpo da sepultura foy vestido e adornado das insignias da magestade, assentando-o em huma cadeira lhe beijarão a mão os senhores e grandes do reyno, em demonstração e reconhecimento de vassallagem. E sobre o mausoléo em que forão encerradas as cinzas daquella desgraçada rainha se collocou huma estatua sua, lavrada ao natural, com corôa na cabeça, em que el-rey declarava á posteridade a fé do seu amor, pondo aos olhos de todos este indubitavel testemunho de sua real asseveração.

Notavel pela sua elegancia e concisão é a seguinte noticia que dá-nos da instituição da *ordem da Torre e Espada :*

Achando el-rey D. Affonso (o V) ao que parece seguro em sustentar a praça d'Alcacer-Seguer e não esquecido das vantagens que reconhecia em

el-rey seu avô na conquista de Ceuta, ardia em desejos de obrar mayores cousas na conquista d'Africa. E tendo noticia, quando esteve em Africa, que na cidade de Fez havia huma torre, por cujo capitel, ou remate, passava huma espada, e que entre os mouros era tradição, que passava supersticiosamente medrosa, de que a tiraria hum principe christão, acabando então o dominio agareno na Africa, não desprezou el-rei a noticia, parecendo-lhe que para elle poderia ser reservada esta fortuna. E determinando na conquista de Africa, e querendo com o seu ardor, infundir mayores espiritos aos cavalleiros, instituiu nova ordem militar, a que deu o nome *da Espada* com allusão á da Torre de Fez; e assim intentada a poz em practica. Era a divisa pendente de hum collar de ouro, huma venera redonda, tambem de ouro, em a qual em esmalte branco se via atravessada huma torre com a espada. Para esta ordem escolheu vinte e sete cavalleiros, em memoria de outros tantos annos que tinha ao tempo que a instituiu, e se achava victorioso em a propria Africa, que vem a ser o anno de 1459.

Pensamos que não desaprazerá ao leitor a exposição do descobrimento do Brasil feita pelo distincto historiador que ora analysamos.

No anno seguinte de 1500, a 9 de março, sahuiu do porto de Lisboa Pedro Alvares Cabral, senhor d'Azuára, que el-rey mandou á India e obrigado de hum temporal descobriu o Brasil, a quem a piedade do seu primeiro descobridor deo o nome de S. Cruz, e a ambição converteo depois no de Brasil, pela estimação do páo assim chamado. Foi descoberta esta grande região a 25 de abril do referido anno[1] onde a fortuna constante d'el-rey D. Manoel levou acaso este capitão para lhe fazer mais dilatado o imperio com a grande porção desta nova parte do mundo, a cujo continente se deo o nome de America, derivado de Americo Vespucio, por patria florentino, e por profissão hum dos mayores geographos daquelles empos, a quem el-rey D. Manoel mandou reconhecer a terra e pôr-lhe termos, e delle se veio a chamar esta quarta parte do mundo — *America* — devendo com mais razão intitular-se — *Manoelica*, — pois á ventura d'este principe, e não ás demarcações de Americo, deveo o mundo mais claro conhecimento desta grande parte.

Quer pela natureza da obra, quer em attenção á personagem a

[1] O auctor equivoca-se na data do descobrimento do nosso paiz, que não foi a 25 d'abril mas sim a 22, como consta da carta de Pero Vaz Caminha.

quem a dedicou, raras são as occasiões em que abdica o sabio theatino as funções de panegyrista. Pertence a uma d'essas excepções a censura que dirige a el-rei D. Fernando e á sua impudica consorte. Citemo-la como um primor da gravidade de que jamais deve desamparar ao historiador :

Estava quasi completo o tempo dos cinco mezes que se assignára para a infanta D. Leonor, sua esposa, passar a Portugal, quando el-rey, namorado de D. Leonor Telles de Menezes, e arrastado da violenta paixão do seu apetite, sem memoria da propria reputação a recebeo por molher e fez reconhecer rainha, contra o que a tão pouco tempo havia jurado, não fazendo caso do escandalo publico por ser D. Leonor casada com João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, o qual se passou a Castella, e lá fez gala da violencia com que o descasarão, porque com affectada sentença foy julgado por nullo o matrimonio. Esta acção foy muy sentida dos povos e dos grandes, menos dos parentes de D. Leonor, que erão muytos e de grande representação, e assim a estes foram entregues as principaes forças do reyno, e el-rey os honrou com especiaes mercês, e a outras pessoas por intercessão da rainha, que, reconhecendo o quanto era aborrecida, procurou ganhar com liberalidades os animos, para que como agradecidos lhe fossem propicios na adversidade da fortuna, que não duvidava que padeceria com o tempo.

Como terá visto o leitor faltavam a D. Antonio Caetano de Sousa alguns dos predicados exigidos para os que gravam os fastos nacionaes com o buril de Thucydides, ou de Tacito; sobravam-lhe porém muitos outros, que são por si sufficientes para inscreve-lo no catalogo dos Barros, Coutos, Britos e Brandões, transmittindo ás gerações futuras o seu preclaro nome, e digna fazendo a sua obra d'estudo e meditação.

LIÇÃO XLII

SEXTA EPOCHA — 1826-....

ESCOLA ROMANTICA PORTUGUEZA

Do Ménalo da ultima Arcadia avistou Philinto Elysio os novos horizontes do romantismo : faltava porém ao venerando poeta o necessario vigor para hastear o pavilhão da reforma que ondeava ovante nas mãos de Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Manzoni, Foscolo, Schiller, Gœthe, Byron, Moore, Cooper, e Martinez de la Rosa. Capitaneada por tão felizes engenhos marchava uma phalange d'esperançosos mancebos. Era essa uma epocha de fé viva, de profundas convicções, uma d'essas quadras que, semelhantes a meteoros, illuminam d'espaço a espaço o firmamento das letras.

Emquanto tal situação se desenhava nos mais adiantados paizes da Europa agonisava em Portugal a escola de Ferreira e Garção : apagara-se nas aras o fogo sagrado, e dispersos os sacerdotes do velho culto prestavam attentos ouvidos a incognitos e longinquos rumores. Entrava-se n'uma phase de transição e caminhava-se para uma meta desconhecida.

Preparado o terreno para a revolução faltava o revolucionario, o chefe audaz que derrocasse carcomidas usanças, demolisse seculares tradições. Impaciente volviam-se os olhos para todos os pon-

tos do horizonte, e interrogavam-se todos os symptomas. Finado visivelmente havia uma epocha; como se estrearia a nova?

Quem seria o Josué que introduziria a nova geração no Chanaan das letras?.....

Não se fará elle esperar. — Allongai vossas vistas para as margens do Sena; penetrai pelo pensamento na moderna Athenas, na cidade de Minerva, de Pallas, e lá n'umas aguas-furtadas descobrireis um mancebo que curte as agonias do exilio somando as addições do *livro da razão* da casa Laffitte, e consagrando seus curtos lazeres a cantar as aventuras do maior poeta de que se orgulhava seu paiz, e cujo grande nome mais tarde a posteridade associaria ao seu : *João Baptista da Silva Leitão d'*Almeida Garrett chamava-se esse mancebo, e o livro que escrevia tinha no frontispicio o nome de Camões.

Teve este seu poema a importancia d'um acontecimento : era so elle uma revolução litteraria. Admirador enthusiasta de Philinto Elysio no seu poemeto *D. Branca* já ahi se abalançára a algumas innovações, já lhe pesavam os grilhões classicos : no *Camões* porém rompeu com as tradições, e associou-se ao grande movimento de que então era theatro a Europa.

Contemplemos a galhardia com que se apresenta ao publico :

« A indole d'este poema (diz elle na prefação da primeira edição) é inteiramente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca d'antes navegados.

« Conheço que está fóra das regras, e que si pelos principios classicos o quizerem julgar, não encontrarão senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras, nem a principios, que não consultei a Horacio, nem a Aristoteles, mas fui insensivelmente depós o coração, e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos d'arte e operações combinadas de espirito.»

Lançado d'est'arte nos arraiaes da nova litteratura, comprehendeu Garrett a sua missão de reformador : com tanta espontaneidade e enthusiasmo a ella entregou-se, que um critico contemporaneo [1],

[1] O Sr. A. P. Lopes de Mendonça. — *Memorias de Litteratura contemporanea.*

disse que não era elle um homem, e sim uma nacionalidade que resuscitava. Poesia, romance, theatro, oratoria, tudo se presta ás pasmosas irradiações do seu genio : vasa tudo no molde da sua originalidade, e colhendo o que de bom encontra nas estranhas seáras, imprime aos seus escriptos o perenne cunho portuguez. Nacionaes são todos os seus assumptos, nacional a sua linguagem, nacionaes as suas tendencias e aspirações.

« A sua iniciativa litteraria (observa um dos seus mais dignos discipulos) parte d'um grande pensamento : elle, ou d'instincto, ou de sciencia certa, abraça todos os generos para os retemperar nas aguas do moderno Jordão, para os baptizar nas verdades do novo dogma, sem os contrafazer na imitação servil do estrangeiro. Na *Adozinda* tenta o romance popular, e é um mimoso trovador; na *D. Branca* e no *Camões* inventa o poema d'actualidade, dando-lhe um cunho, uma individualidade toda portugueza. No *Auto de Gil-Vicente* abre as portas do theatro nacional, e cria o drama, perfeitamente desligado d'estranhas innovações. Até o assumpto parece denunciar as sympathias mysteriosas da sua missão poetica : face a face com a figura imponente de D. Manuel, levanta os dois representantes d'essa litteratura que expira para dar lugar a renascença; o jogral Gil-Vicente e o trovador Bernardim Riveiro são os elos que prendem o passado ao seculo que viu resurgir o primeiro poeta da peninsula, o grande Camões [1]. »

Não tencionamos aqui fazer a analyse das obras do protagonista da escola romantica portugueza : correm ellas pelas mãos de todos, e por todos são sentidas e apreciadas. Tudo nelle é esplendido, tudo grandioso. Si porém no meio de tantos primores, que nos legou a sua abundante penna, podessemos dar uma preferencia, cremos que fixa-la-hiamos no seu *Fr. Luiz de Sousa*. É uma obra monumental, uma d'essas producções do engenho humano que de subito collocam seus auctores no Pántheon da immortalidade. Disse Lamartine que se porventura tiver o francez de passar para o catalogo das linguas mortas bastará para faze-lo estudar o *Discurso sobre a Historia universal* de Bossuet e a *Athalia* de Racine; o mesmo diremos nós relativamente aos *Lu-*

[1] *Memorias de Litt. contemp.*, pelo Sr. Lopes de Mendonça.

siadas de Camões e ao *Frei Luiz de Sousa* do visconde d'Almeida Garrett.

Homem do seu seculo, e comprehendendo suas mais nobres e legitimas ambições, teve a insigne ventura de capitanear a nova geração, que anhelante de gloria corria após o maravilhoso, e erguia altares as *Deo ignoto*.

O primeiro discipulo d'essa escola foi, como elle, um soldado do Mindello; um d'esses paladinos que com a espingarda ao hombro e penna na mão, nos campos das batalhas e nas pugnas da imprensa defendiam a causa da liberdade contra o despotismo, e rasgavam as nuvens da ignorancia para deixar luzir o sol da intelligencia. Ter-nos-ha por certo prevenido o leitor pronunciando antes de nós o nome do Sr. Alexandre Herculano, que, á imitação de lord Maccaulay, acaba so pelas letras de conquistar um assento entre os pares do reino [1].

Sublime e agreste é a sua musa na *Harpa do Crente;* nessa exhalação d'uma alma religiosa, nesse solemne e energico protesto contra todas as servidões. Indignado contra os que desprezam a patria e a liberdade, exclama :

> Eu não! eu rujo escravo, eu creio e espero
> No Deus das almas generosas, puras,
> E os despotas maldigo. — Entendimento
> Bronco lançado em seculo fundido
> Na servidão de gozo ataviada,
> Creio que Deus é Deus, e os homens livres!

Shakspeare e Byron não se teriam expressado com mais vehemencia, nem melhor traduzido a ideia.

A aguia ensaiava o vôo para pousar no alcantilado pincaro do Calpe : retirado da politica em 1842 escreveu na solidão d'Ajuda, onde a munificencia regia lhe deparára seguro remanso, um poema em prosa, um monumento de gloria para a nossa litteratura (como pensa o Sr. Ernesto Biester [2]) que assignala uma das mais energicas

[1] Quando estas linhas escreviamos (em junho de 1861), constava no Rio de Janeiro que fôra o Sr. Alexandre Herculano escolhido par do reino de Portugal pelo esclarecido monarcha o Sr. D. Pedro V.

[2] Vide *Uma Viagem pela Litteratura contemp.*

concepções d'este seculo, tanto pelo vigor da linguagem, como pelo grandioso da imagem que parece esculpida em bronze. Este monumento é, como todos sabem, o *Eurico*.

Este romance fundido no molde de Walter Scott, é uma verdadeira physiologia do celibato clerical, ou, como elle mesmo diz : « Intuição quasi prophetica do passado, ás vezes intuição mais difficultosa que a do futuro [1]. »

Quanto ao seu modo particular d'escrever, quanto a arte com que burila os seus pensamentos, deixemos que o aprecie um dos melhores estylistas da moderna litteratura portugueza :

« . . . . . Usamos de proposito aqui da palavra *cinzelar*. É que o estylo do Sr. Alexandre Herculano não possue os toques maviosos, o colorido vaporoso e ligeiro, o traço elegante e fugitivo do pincel : grava-se e entranha-se na pedra; sente-se gemer, partindo em lascas a superficie dura e rebelde do marmore, ou do granito, figura-se-nos o immutavel e poderosamente indistructivel da estattuaria e architectura : é como os *baixos relevos* dos edificios antigos que adquirem côr tisnada que lhe imprime o tempo, sopro dos seculos que entristece e ao mesmo tempo sanctifica a face dos monumentos [2]. »

Faz o Sr. Alexandre Herculano no *Monge de Cister* a autopsia do reinado de D. João I : acuradamente estuda esta epocha cheia de vitalidade, e anhelante d'heroismo. Contrasta a grave e sombria figura de Fr. Vasco com a doce e resignada Beatriz, a quem seriamos tentados a tomar pelo anjo da contrição. Destaca-se d'um grupo artisticamente combinado o magestoso vulto do *Mestre d'Aviz*, maior fazendo justiça contra seu valido do que quando rodeado d'aureola d'Aljubarrota.

Digna dos precedentes trabalhos é essa grinalda romantica bellamente enastrada com o titulo de *Lendas e Narrativas*. *A Abobada*, as *Arrhas por fôro d'Hespanha* são a exhumação do passado com as côres do presente; e o *Parocho d'Aldeia* estudo profundo e consciencioso d'uma modesta e virtuosa existencia.

Carregado de louros caminhava o triumphador para o Capitolio

[1] Vide o *Prefacio* á segunda edição do *Eurico*.
[2] *Mem. da Litt. contemp.*, pelo Sr. A. P. Lopes de Mendonça.

onde o aguardava a corôa de que Thucydides e Tacito na culta antiguidade, e Niebuhr, Macaulay, Guizot e Cantú em nossos dias haviam cingido suas nobres frontes. A *Historia de Portugal* e a *da Inquisição* alçáram ao Sr. Alexandre Herculano um moimento mais perduravel do que as pyramides do Egypto. Pode-se com afoiteza dizer que nunca antes d'elle a musa da historia recebera em Portugal tão pura homenagem.

Para prova de que a nova litteratura não se compõe de poderosas individualidades, de phenomenos intellectuaes, porém marcha compacta como a phalange macedonia, unisona obedecendo á mesma senha, é que podemos mencionar, depois dos dois grandes nomes supra citados, e de muitos outros, que, posto que collocados em plano inferior, formam contudo um grupo tão magestoso como o que do castigo de Laocoonte figurára o artifice grego.

No romance, assim como na historia, cabe ao Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva o primeiro lugar depois do auctor d'*Eurico*. Sirvira-lhe de gymnasio o *Rausso por homisio*, em que se reflectem todos os excessos da escola ultra-romantica, mas onde se divisa o alvorecer d'um poderoso talento, o desabrochar do lyrio da inspiração. Não passava porém de primeiros amores, d'espousaes litterarios. Acenava-lhe a gloria com novas afagos, e para merece-los escreve a *Mocidade de D. João V*, romance historico, repleto d'erudição, faceado com esmero, e vasados seus caracteres no molde de Walter Scott e de Manzoni. Com que arte soube o Sr. Rebello da Silva desenhar com o lapis de Gavarni a figura do geral dos jesuitas! Projecta-se por todo o livro a sombra sinistra da Companhia; traça sua mão invisivel caracteres indecifraveis nas salas dos festins, como o espectro de Banquo no *Macbeth* de Shakspeare. Severos os toques do seu pincel quando pinta a personagem do P. Ventura, torna-se morbido no gracioso grupo das *tres Graças*, illuminado pela aurora do amor. No epilogo quando o moço monarcha que do throno so conhecera as pompas e jamais o poderio, exclama : — *sou rei* — assiste-se a uma verdadeira resurreição, e dir-se-hia que o neto de D. Manuel ia entrar na posse de sua herança, e que a mumia do passado erguia-se do sarcophago dos Gamas e Albuquerques.

Depondo a palheta de romancista tomou o Sr. Rebello da Silva

o buril da historia, e sobre excellente marmore de Carrara começou a entalhar os *Fastos da Igreja*. Compensa a falta de novidade do assumpto pelo talento da execução : escreve como annalista, e discute como philosopho. Perante o esplendido espectaculo d'esses obreiros da civilisação levando aos confins do globo o archote da fé, d'essas pudibundas virgens que descem a arena do Colyseo para sellarem com o seu sangue a firmeza de suas crenças, d'esses austeros cenobitas que nos desertos da Thebaida recebem dos passaros o sustento do corpo, e dos anjos o celeste pabulo, extasia-se o pio escriptor e inspiradas paginas lega á posteridade.

De volta de suas peregrinações ao berço do christianismo pede venia ao Sr. Herculano para seguir-lhe a trilha compondo com a já amestrada penna a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. Abraçado com o cadaver da patria, parece ainda ouvir as pulsações do pendulo da vida, quando já immovel se havia este tornado : e mais tarde quando lhe chega o desengano rega com o seu pranto o materno ataúde, sobre elle reverente depositando capellas de goivos e saudades. Sentado na tripode da imparcialidade chama a juizo os reos de matricidio, e sobre as suas curvas frontes imprime o estigma da reprovação embora estejam ellas cingidas dos laureis de *Dio*, ou do *Alcacer Kebir*.

Não esqueçamos tambem neste rapido esboço da litteratura portugueza contemporanea o preclaro nome do Sr. Antonio Feliciano de Castilho. Elmanista nas *Cartas d'Echo a Narcizo* e na *Primavera* eleva gradualmente o tom até chegar aos graves accentos da *Noite do Castello*, ou á sublime loucura dos *Ciumes do Bardo*. Não cremos que jamais possa o Sr. Castilho subir tão alto como o fez neste ultimo poema, porque so uma vez na vida se pode sentir tão fortes emoções; so uma vez se póde achar o verbo que com verdade exprima as grandes ideias que n'alma tumultuam.

Dos da nova geração foi o Sr. José Maria Mendes Leal Junior o primeiro que acudiu ao brado de Garrett para reerguer o tablado em que representára Gil-Vicente. Radiante d'enthusiasmo pelas palavras do mestre jungiu-se ao seu bufete, e em poucos dias arrancou do nada os *Dois Renegados*, drama *ultra-romantico*, como a escola pela qual se norteara, mas onde abundam infinitas bellezas, primores de subido quilate. Quem ha que se não interesse

pela meiga figura d'*Erther*, que apenas esboçada, é todavia uma das mais felizes creações do moderno theatro portuguez? Partilhando os defeitos que a esclarecida critica descobre nos dramas de Victor Hugo e Alexandre Dumas, resgata-os o Sr. Mendes Leal por uma invejavel louçania d'expressões e pelos pindaricos vôos de sua opulenta imaginação.

Não se deixou porém fascinar o illustre dramaturgo pelo deslumbrante acolhimento com que fora recebido o seu drama, antes temendo os perigos de Capua, hinvernou no mesmo campo da batalha; e compoz uma serie de peças selladas com o cunho do aperfeiçoamento e revelando os acurados estudos que quotidianamente faz não so sobre os livros, como ainda nas veridicas paginas da observação.

Si os *Dois Renegados* vieram á luz com o peccado original do *ultra-romantismo*, pertencem os ultimos dramas e comedias do Sr. Mendes Leal á *escola realista*, de que são legisladores Dumas filho, Ponsard e Octavio Feuillet.

Sinceramente lamentamos que se descarrêe tão bello engenho pela falsa vereda do *realismo*, que, quanto a nós, é a negação de todo o sentimento de bello que exornar deve as producções poeticas. Razão tem o Sr. Carlos de Mazade quando affirma « que não passa elle da substituição d'uma servil copia á livre e fecunda interpretação do pensamento, do culto das minudencias posto em lugar do largo e superior estudo dos phenomenos caracteristicos do mundo moral; do aniquilamento das faculdades creadoras do espirito por um trabalho paciente, tyrannico, e esteril d'imitação [1]. »

Apesar d'esta lamentavel tendencia, consideramos o *Homem d'ouro* e a *Herança do Chanceller* como as duas mais formosas flores da sua grinalda dramatica.

Não é so ahi que se revela o talento do Sr. Mendes Leal. Descendo do carro de Thespis, toma o alaúde, e canta na sua primeira *Indiana* a Vasco da Gama :

Quando a juba sacudia
O Leão occidental,

[1] Vide *Revue des Deux-Mondes*, tomo XXIX.

Goa arfava, Adhem tremia
No seu leito de chrystal,
Heroe n'um gesto grandioso
Do teu braço glorioso,
Chamaste um rei venturoso,
Fizeste um povo immortal!

Inspira-lhe os mais energicos versos a galhardia do ultimo cavalleiro arabe, *Abd-el-Kader*:

Ei-lo ainda aos ceos erguido
O signal da nossa fé:
Errante e sempre temido,
Proscripto e sempre de pé!
Nesta sagrada bandeira
Nossa esp'rança derradeira
Ninguem mais ouve por mão;
E, si eu cahir na batalha,
Sirvam-me emfim de mortalha
As dobras do meu pendão.

No *Ave, Cesar*, dedicado á memoria de Carlos Alberto, elevou-se o Sr. Mendes Leal a uma altura incommensuravel; pousou ao lado de Victor Hugo, e amesquinhou todos os emulos em seu olympico arrojo. «Nunca, diz o Sr. E. Biester, o poeta foi mais inspirado, mais grandioso, mais elevado, mais sublime e mais pathetico. Tudo alli é magnifico, tudo revela o genio. Semelhante aos cantos d'Haydn e Mozart, a um grupo de Canova, a um discurso de Bossuet, ás obras primas de qualquer genero, ha de ler-se d'aqui a seculos com o mesmo sentimento com que se leem os poemas de Dante, os amores de Tasso, e os versos d'Homero [1].» Si hyperbolico foi este juizo, avalie o leitor pelo seguinte trecho:

Ei-lo o teu defensor, oh liberdade!
Ei-lo no extremo leito. Á humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada a lamina abraçado
Viveu soldado-rei, — e rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

[1] *Uma Viag. pela Litt. contemporanea*, pag. 92

Rasgou-lhe ovante as margens do destino;
Foi-lhe róta, bordão de peregrino
Essa espada leal.
Hoje é cruz! Do aço puro a cruz so resta,
Sentinella da campa ao mundo attesta
Que o heroe era mortal.

Os Œdipos d'um drama incerto e vario,
Talháram-te na purpura o sudario,
Deixáram-te ermo e so!
Salve, oh rei! rei, no solio e no abandono,
Mais rei no exilio, do que os reis no throno,
Rei até sobre o pó!

Depois do Sr. Mendes Leal, o poeta que melhor comprehende o lyrismo é por certo o Sr. João de Lemos Seixas Castello Branco. « É um poeta que nasceu no seio da civilisação (diz o Sr. Lopes de Mendonça), cuja musa parece revestir-se de todos os primores da elegancia e do luxo. O seu espirito abraça, é verdade, todas as magnificencias da natureza, mas o seu estro mais facilmente quando se recorda do passado, quando pela intuição divinatoria, que é o condão das imaginações poeticas, se torna contemporaneo dos heroes que elle admira, dos feitos que elle quizera ver imitados e reproduzidos. »

No seu *Festim de Balthasar* respiramos a atmosphera embalsamada d'Oriente, admiramos toda a pompa de dicção, toda a melodia da phrase. Na *Lua de Londres*, soffremos da nostalgia do poeta, com elle nos identificamos em seu saudoso suspiro á patria, e voando pela imaginação ás pictorescas ribas do Lima e do Mondego mais melancolico achamos o ceo d'Albion. Acreditamos que immorredoura será esta producção do Sr. João de Lemos, a quem saudamos como um dos mais distinctos romeiros da nova peregrinação litteraria.

Nos seus *Soláos*, legitima epopea do povo, colheu o Sr. José Freire de Serpa virentes louros para a sua coroa poetica. Modelando-se pelos romances do *Cid* e da *Rosa*, apropriou-se dos assumptos nacionaes, e respigou no jardim das tradições e lendas populares as mais fragrantes flores. A sua *Cidazunda*, ou as *Armas de Coimbra*, attesta no moço poeta um talento de primeira plana, e recommenda-se por certa ingenuidade, certo tom familiar que

encantam e deleitam. *D. Sismando* é uma vigorosa inspiração lyrica, alguma coisa no genero d'esses romances arabes, que tão fundo sulco deixáram na peninsula iberica. *Aben Afan* é a sequencia de *D. Sismando*, fundido no mesmo molde, dictado pela mesma inspiração.

Ao findar este bosquejo, commemoremos os esperançosos nomes dos Srs. Luiz Augusto Palmeirim, intelligente e espirituoso photographo dos costumes provincianos; Bulhão Pato, em que o Sr. Lopes de Mendonça descobre um rival d'Alfredo de Vigny, « poeta puro, enthusiasta, cheio de confiança, poeta d'uma *poesia louca e ingenua;* » Pereira da Cunha, que na sua *Herança do Barbadão* de perto rasteia o auctor do *Auto de Gil-Vicente;* e nas suas *Xacáras* encontra uma mina tão preciosa como o seu amigo José Serpa nos *Soláos;* Antonio Serpa, que no *Pirata* e no *Canto do Cruzado* patentea admiravel frescura d'imaginação e consciencioso estudo da epocha que tentou descrever; João d'Andrade Corvo, que pelo seu lindissimo romance historico, intitulado *Um Anno na Côrte*, mereceu do Sr. Herculano tão honrosa menção; e que na sua *D. Maria Telles* traz-nos á memoria os pungentes accentos de Shakspeare no *Hamleto*.

Após estes chefes da moderna litteratura caminha cerrada columna de brilhantes engenhos; que, si em contrario sentido, não actuarem estranhas causas, com novo seculo aureo poderão dotar a Portugal.

LIÇÃO XLIII

ESCOLA ROMANTICA BRASILEIRA

Nem-uma distincção havemos até agora estabelecido entre os dois povos que, através do Atlantico, fallam a lingua de Camões: dividindo em escolas a sua litteratura, classificamos indistinctamente nellas brasileiros e portuguezes conforme entendemos pertencerem-lhes seus escriptos. Assignalámos todavia por mais d'uma vez certa physionomia propria que caracterisava os poetas americanos, e que os extremava de seus irmãos d'além-mar; differenças estas provenientes da influencia do clima e dos costumes, mas que não eram, a nosso ver, sufficiente para constituir uma litteratura independente.

Bem que nos pese apartarmo-nos da opinião d'um particular amigo a quem muito respeitamos pelos seus profundos conhecimentos na materia[1], não pensamos que possa existir litteratura brasileira antes da epocha que vamos estudar. Fortalece-nos esta crença as seguintes palavras escriptas por um distincto compatriota nosso. « Cada povo tem a sua litteratura, como cada homem o seu caracter, cada arvore o seu fructo. Mas esta verdade que para os primitivos povos é incontestavel e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aquelles, cuja civilisação apenas é

[1] Referimo-nos ao Sr. J. Norberto de Sousa e Silva, assás conhecido pelos seus luminosos escriptos ácerca da nacionalidade da litteratura brasileira.

um reflexo da civilisação d'outro povo. Então, semelhante ás arvores enxertadas, veem-se pender dos galhos d'um mesmo tronco fructos de diversas especies, e posto que não degenerem aquelles que do enxerto brotáram contudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quaes os distinguem dos outros fructos da mesma especie. Em tal caso porém as duas litteraturas marcham á par, e conhecer-se póde qual a indigena, qual a estrangeira. N'outras circumstancias quaes as aguas de dois rios, que n'um confluente se annexam, e confundidas n'um so leito se deslisam, as duas litteraturas de tal geito se alliam, que impossivel é separa-las [1]. »

Na ultima d'estas hypotheses pensamos poder collocar as obras dos Brasileiros que escreveram antes que o sol da independencia litteraria luzisse sobre o firmamento da patria. Dissemos independencia litteraria e não politica, porque a esta precedeu aquella: formamos primeiro uma nação livre e soberana antes que nos emancipassemos do jugo intellectual; hasteamos o pendão auriverde, baptizado pela victoria nos campos de *Pirajá*, muito tempo antes que deixassem de ser as nossas letras pupillas das nymphas do Tejo e do Mondego.

Nem esse nobre enthusiasmo que arrojou o gigante dos tropicos n'arena das nações, que fe-lo despedaçar nas planuras do Ypiranga os grilhões tres vezes seculares teve immediata influencia sobre a nossa autonomia litteraria. Até o Franklin Brasileiro [2], tão conhecido no mundo scientifico como no politico, sobraçando o alaúde nas ribas do Garonna modula seu plangente canto pelo de Philinto Elysio, de quem tão grande admirador se confessava. O Tyrteo pernambucano [3], que tão magestosas estrophes entoou em honra dos heroes das *Tabocas*, *Porto Calvo* e *Guararapes*, seria eminentemente nacional, si tão de perto não seguisse os passos de Diniz, e si menos reminiscencias d'alem-mar conservasse. Vilella Barbosa [4] em sua *Primavera*, o conego Januario em seu *Nictheroy*, Gual-

[1] *Ensaio sobre a Historia da litt. do Brasil*, pelo Sr. D. J. G. de Magalhaens, inserto no *Nictheroy*, Revista brasiliense, impressa em Pariz no anno de 1856.

[2] José Bonifacio d'Andrada e Silva.

[3] José da Natividade Saldanha.

[4] Francisco Vilella Barbosa, depois marquez de Paranaguá.

berto Ferreira em suas *Georgicas Brasileiras*, e tantos outros bellos engenhos desprendem de suas harpas os mais harmoniosos accentos, fazem presagiar a visinha apparição da nova litteratura, mas ainda não tem cunho original.

Quatro annos apenas contavamos d'existencia politica, e já o Sr. Ferdinand Denis revelava á Europa a urgente necessidade d'uma litteratura brasileira. Copiemos suas animadoras expressões :

« Sentiu o Brasil precisão d'adoptar instituições differentes das que lhe impozera a Europa. O Brasil experimenta já necessidade d'ir beber suas inspirações poeticas n'uma fonte que de facto lhe pertence; e em sua nascente gloria não tardará em apresentar as primicias d'esse enthusiasmo que attesta a juventude d'um povo.

« Si adoptou esta parte d'America uma linguagem que aperfeiçoou a nossa velha Europa, deve rejeitar as ideias mythologicas, devidas ás fabulas da Grecia; gastas pela nossa longa civilisação foram levadas a plagas onde não podiam as nações bem comprehende-las, e onde sempre deveram ser desconhecidas; porque não estão em harmonia nem com o seu clima, nem com as suas tradições. A America brilhante de mocidade deve ter novos e energicos pensamentos; não pode a nossa gloria litteraria esclarece-la sempre com um reflexo que se debilita através dos mares, e que deve absolutamente impallidecer diante das primitivas inspirações d'uma nação repleta d'energia.

« Nessas bellas regiões tão favorecidas da natureza, importa que se alargue o pensamento como o espectaculo que lhe é offerecido; magestosa, graças aos primores d'antiguidade, cumpre que fique independente, e não busque senão na observação o seu guia. Deve finalmente a America ser livre em sua poesia, assim como já é em seu governo[3]. »

Impediram as commoções politicas que agitáram o primeiro imperado e o começo do segundo que ouvido fosse o appello do illustre estrangeiro. Devera partir o brado da reforma e da independencia das margens do Sena, d'onde dez annos antes um poeta, tambem mancebo, pregara a cruzada luso-romantica. — Até em

[1] *Résumé de l'Histoire litt. du Brésil*, chap. Ier.

seu divorcio assemelham-se os destinos das duas litteraturas co-irmans.

Um bardo fluminense que, fugindo ao sinistro ruido das discordias civis, na Europa fôra receber a consagração dos seus estudos, impressionado pelo grande movimento intellectual que em torno de si se operava, pensou na patria, e julgou que chegado era o momento de tambem dotar-lhe com novas e livres instituições. Esse mancebo é o poeta-diplomata, o philosopho dos *Factos do Espirito humano*, o cantor dos *Tamoyos*, n'uma palavra o Sr. Domingos José Gonçalves de Magalhaens.

Oiçamos o seu brado d'*independencia, ou morte*, echoando no Ypiranga das brasilias letras:

« Toca ao nosso seculo restaurar as ruinas e reparar os erros dos passados seculos. Cada nação livre reconhece hoje mais do que nunca a necessidade de marchar. Marchar para uma nação é engrandecerse, é desenvolver todos os elementos da civilisação. Ha mister reunir todos os titulos de sua existencia, para tomar o posto que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos da sua genealogia para em face do rei fazer-se credor d'uma nova graça. Si o futuro so póde sahir do presente, a grandeza d'aquelle se medirá pela d'este. O povo que se olvida a si mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente, como em tudo o que em si se passa, esse povo ficará sempre na immobilidade como o imperio Indo-Chinez.

« Nada d'exclusão, nada de desprezo. Tudo o que poder concorrer para o estabelecimento da historia geral dos progressos da humanidade merecer deve a nossa consideração. Jamais uma nação poderá prever o seu futuro, quando ella não conhece o que ella é, comparativamente com o que foi. Estudar o passado é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar. Nada d'exclusão; a exclusão é dos espiritos apoucados, que em pequena orbita gyram, sempre satellites e brilhantes com luz emprestada. O amante da verdade porém, per caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse, e objecto de profunda meditação. Como o viajor naturalista, que se extasia na consideração d'uma florzinha desconhecida, que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado ou esquecido romperá d'est'arte o en-

voltorio das trevas, achará devido lugar entre as coisas já conhecidas. Depois de tantos systemas exclusivos, o espirito eclectico anima o nosso seculo, elle se levanta como um immenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os annaes de todas as gerações, n'uma mão o archote da philosophia aceso pelo genio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa, onde se convergem todos os raios de luz, escapada do brandão que a sustenta. Luz e progresso, eis sua divisa. — Não, oh Brasil! no meio do qual movimento tu não deves ficar immovel e tranquillo, como o colono sem ambição e sem esperanças. O germen da civilisação depositado em teu seio pela Europa, não tem dado ainda todos os fructos que deveria dar, vicios radicaes tem tolhido o seu desenvolvimento. Tu afastaste do teu collo a mão estranha que te suffocava, respira livremente, respira e cultiva as sciencias, as artes, as letras, a industria, e combate tudo que entreva-las pode[1]. »

Caracterisando depois a reforma que intentava operar e para a qual convidava as juvenis intelligencias dos seus conterraneos manifesta-se abertamente *romantico*, e aconselhando a emancipação das formulas mythologicas faz as seguintes ponderações :

« A poesia do Brasil não é uma virgem civilisada, é uma grega vestida á franceza e á portugueza e climatisada no Brasil; é uma virgem do Helicon que peregrinando pelo mundo estragára seu manto, talhado pelas mãos d'Homero e sentada á sombra das palmeiras d'America, se apraz ainda com as reminiscencias da patria, cuida ouvir o doce murmurio da Castalia, e o trepido sussurro do Lodon e do Ismeno, e toma por um roxinol o sabiá que gorgeia entre os galhos da larangeira. Encantados por este nume seductor, por esta bella estrangeira, os poetas brasileiros se deixáram levar pelos seus canticos e olvidáram as simples imagens que uma natureza virgem com tanta profusão lhes offerecia, semelhante á Armida de Tasso, cuja belleza, artificios e doces palavras attrahiram e desorientáram os principaes guerreiros de Goffredo. É rica a mythologia, são bellas as suas ficções, mas á força de serem repetidas e copiadas vão desmerecendo, além de que, como o passaro da fabula despimos as nossas plumas para apavonarmo-nos

[1] *Nictheroy, Rev. bras*, paginas 144-146.

com antigas galas que não nos pertencem. Em poesia requer-se mais que tudo invenção, genio, e novidade; repetidas imitações o espirito embrutecem, como a muita arte e preceitos tolhem e suffocam o genio; as primeiras verdades da sciencia, como os mais bellos ornamentos da poesia, quando a todos pertencem, a ninguem honram. O que dá realce e nomeada a alguns poetas nossos, não é certamente o uso d'estas ficções, mais sim outro genero de bellezas naturaes, não colhidas nos livros, mas que so a patria lhes inspirára. Ora, tão grande foi a influencia que sobre o genio brasileiro exerceu a grega mythologia, transportada pelos poetas portuguezes, que muitas vezes poetas brasileiros em pastores se metamorphoseam, e vão apascentar seus rebanhos nas margens do Tejo e cantar á sombra das faias. »

Tocado estava o rebate; a postos haviam corrido os combatentes; esperava-se porém que do reformador partisse o exemplo, que juntasse a theoria á practica, dando-lhe d'est'arte a derradeira sancção. Comprehendeu o Sr. Magalhaens essa necessidade, e nesse mesmo anno (o de 1836) fez a sahir dos prelos parisienses um elegante volume de poesias a que intitulou — *Suspiros poeticos e Saudades*. O sentimentalismo de Lamartine, a suave melancolia de Chateaubriand, a vigorosa imaginação de lord Byron, ou de Victor Hugo, as graves e profundas cogitações de Schiller e de Gœthe, se acham reunidos neste livro, precioso talisman dos novos romeiros.

Dando conta d'apparição d'esta obra assim se expressava um esperançoso mancebo, mais tarde convertido em habil e profundo estadista :

« . . . . . Um joven poeta da nova escola, nascido debaixo do ceo pomposo do Rio de Janeiro, ardente de futuro e de gloria, com a cabeça repleta d'harmonias, e o coração pesado de nobres emoções, acaba de revelar a pobreza da nossa litteratura com um volume admiravel de poesias. Profundo sentimento dos segredos do gosto, o qual é o bom senso do genio, sentimento bem raro nas producções da mocidade, levada sempre para o grandioso extravagante : riqueza, variedade, e excellente concepção d'imagens, que imprimem um effeito magico á doce melancolia do poeta; perfume, uncção religiosa, espalhadas sobre

as scenas da natureza; elevação dos pensamentos philosophicos inspirados pela escola idealista alleman, e pelas doutrinas do Christianismo, pureza e pompa de versificação, taes são em resumo os meritos dos *Suspiros poeticos* do Sr. Magalhaens[1]. »

O lastimoso estado do nosso theatro não escapou ás penetrantes vistas do eximio reformador : e *Antonio José, ou o Poeta e a Inquisição*, « veio, na phrase do Sr. Norberto, arrancar o nome e a memoria d'um fluminense conspicuo ao frio esquecimento em que jazia sepultado. » Creada estava a scena brasileira : novos horizontes se abriam ao genio, cuja trepida marcha nesta brilhante arena não examinaremos neste lugar. Estreme de defeitos não é *Antonio José :* pertence-lhe os da sua escola, da inexperiencia do auctor, e quiçá d'excessivo patriotismo. Innumeras bellezas vem remir essas leves maculas, e colloca-lo no numero das melhores producções do engenho dramatico brasileiro.

Da tragedia remontou-se o Sr. Magalhaens á epopéa, e na *Confederação dos Tamoyos* brindou a nova litteratura com um poema de resplendentes imagens e nativas bellezas. Com arte desenhados são os seus caracteres, ligados com graça seus episodios, e com vivas côres traçadas suas descripções. O nobre papel d'Aimbire, o heroico defensor das patrias *tabas*, é superior a todo o elogio. Primor d'eloquencia é o seu discurso dirigido ao velho *Pindobuçu* a quem encontra dando sepultura a um dilecto filho entre os fragueados da Gavea :

. . . . . Em paz descança,
(Diz) oh guerreiro, cujo nome ignoro :
Mas és tamoyo e amigos meus te choram.
Aqui teus olhos jazerão p'ra sempre
Sobre este monte que me viu pequeno,
Após meu pai, andar *sahis* caçando,
Tão lindos qu'eu co' as pennas m'enfeitava..
Lá diviso a tijuca tão saudosa,
Cujas aguas bebi, nellas banhei-me,
Alli n'aquelle morro onde s'eleva
O Corcovado, pincaro ventoso,
Doce e manso deslisa o Carioca,

[1] Vide o artigo bibliographico escripto pelo Sr. Francisco de Salles Torres-Homem e publicado no nº 2º do *Nictheroy*.

A cujas margens minha mãi cantava.
Tão mestos cantos que eu chorando ouvia,
E indo choro co' a lembrança d'elles.
Quantas vezes n'aquella escura varzea
Onde o Catête saltante corre
Ouvindo o sabiá e o guturamo,
Dormei, sonhei, aromas respirando.
Aqui abaixo o Camorim se alarga,
Onde eu pescava tantas vezes, tantas.
Terras em que eu nasci, como sois bellas!
Como és formoso, oh ceo do Guanabára!
Mais azul do que as pennas d'araruna!
E a vós eu volto, e vos saúdo em frente,
D'uma recente, pranteada campa!.....

Reflecte nestes versos a natureza brasilica, e ninguem ao le-los poderá duvidar da nacionalidade do poeta. Tudo aqui é nosso; os assumptos, os nomes, as comparações, as imagens, tudo é americano. É com producções d'esta ordem que incontestavelmente firmaremos a nossa independencia litteraria. É perfeitamente lyrica a barcarolla attribuida pelo Sr. Magalhaens aos remeiros tamoyos, que accommettem com suas frageis *pirogas* as furias do Oceano. Citemo-la ainda como um excellente modelo d'essa *côr local*, de que abunda o poema:

Voga, canoa, que é maré d'amigo;
Ligeira voga, sem temor das ondas.
São braços fortes os que vão remando,
Braços tamoyos, que a remar não cansam.

Gosto de ver-te pelo mar singrando
Cabeceando, levantado espuma;
Assim, canoa, assim, bufando vôa
Como esses peixes que lá vão fugindo.

O mar stá manso, estão dormindo os ventos,
Mas p'ra o Tamoyo sempre o mar foi manso;
Eia, canoa, o teu balanço é doce
Como na terra o balançar da rede.

« Não so aquelle *singrando*, *cabeceando*, *levantando*, *bufando* (diz o Sr. Soares d'Azevedo), imita perfeitamente o movimento

dos lenhos que se quebram, mas a barcarolla é composta em taes echos que o ouvido juraria ser rimada[1]. »

Apesar d'algumas injustas censuras com que foi acolhido o poema da *Confederação dos Tamoyos*, consideramo-lo como um dos primeiros que contam as brasilias letras.

Descortez seriamos se deixassemos o patriarcha da nova escola sem fallar nos seus *Mysterios*, ultima producção poetica da sua elegante penna. A' imitação de Victor Hugo em suas *Contemplações*, sentou-se o bardo fluminense sobre a campa de seus filhos, e dedilhando as cordas de seu alaúde d'elle extrahiu os mais magoados suspiros. Com que sincera expressão de dôr dirige-se aos pais como elle feridos pelo rapido estallar das cordas d'alma :

Tristes pais, tristes mãis, a quem a morte
Os dias enluctou, impia roubando
Os caros filhos que chorais ainda :
Em vós me vejo e como vós carpindo,
Aos vossos corações meus ais, meu pranto
Com estes carmes funebres envio.
Comnigo meditai nesses mysterios
Da existencia fugaz, farta de dôres,
Balda de bens, si a fé não vem doura-la.
Ah! possa a fé seccar o pranto vosso,
E mostrar-vos no ceo os caros filhos.

Pensamos não cegar-nos o patriotismo e admiração que votamos ao nosso distincto diplomata, si dissermos que antepomos os seus *Mysterios* ás *Contemplações* do exul de Jersey.

Cabe ao Sr. Manoel d'Araujo Porto-Alegre o segundo lugar na nossa infantil litteratura : é um dos seus creadores, um dos que primeiro illuminou-lhe o berço com o clarão do seu genio. Peregrino d'arte, perlustrava na primavera da vida as ruinas da velha Ausonia ; e chegando a Cumas, ouviu a voz da poesia que lhe ordenava deixar por um momento a palheta de Miguel Angelo para pintar com a penna. Obedecendo a inspiração que lhe visitava a mente, ei-lo que entoa um funebre canto sobre a lousa das passadas gerações, e n'uma pomposa prosopopéa chama ao juizo da

[1] Vide o *Juizo sobre a Confed. dos Tamoyos*, pelo Sr. José Soares d'Azevedo, inserto no nº 1º da *Revista brasileira*.

posteridade as priscas crenças e as derrocadas instituições. « Este poémeto (diz elle) é a voz da inspiração que guia o sentimento do coração: é a voz da natureza, é o echo das ruinas repercutido pelos nossos labios; cada ilha que povoa o mar tyrrheno, cada gleba que se eleva sobre aquelles lugares, exalçou um hymno, ou uma nenia a nossa imaginação, que o reproduzimos em mesquinho metro: não é o poeta, é o artista; é o pincel que sobre a palheta toma a forma do alaúde do bardo, e desenha os quadros que a historia narra, e que as reminiscencias disperta á vista dos lugares que foram testemunhas de taes scenas[1]. »

Como na *Harpa do Crente* do Sr. Herculano descobre-se alguma coisa d'inculto, d'agreste, nesse balbuciante verbo do Byron brasileiro. « O sinistro e o terrivel, diz o Sr. Norberto, se mesclam de momento em momento com o bello, com o termo e o mavioso; mas o sublime domina tudo e lampeja em todos os periodos[2]. »

Não segue o genio por trilhadas sendas: o poeta artista que tão sublimes accentos encontrára na evocação do passado de volta á patria emaranhou-se em nossos bosques, ouviu o bramir das cachoeiras, o trinar do sabiá, contemplou o nosso ceo de saphiras, nossa luxuosa vegetação, e creou um genero novo. *As Brasilianas* fazem do Sr. Porto-Alegre uma poderosa individualidade, prestam-lhe um cunho, uma physionomia originaes. Nellas se descobrem grandes bellezas, e porventura grandes defeitos, porque, como pensa o Sr. Juan Valera[3], tudo neste poeta é novo e extraordinario, sendo por excellencia americano, e quem com mais verdade e enthusiasmo pinta e exalta as grandezas e formosura do novo mundo.

É no grande livro da natureza que vai o nosso venerando amigo beber suas inspirações; é so ella que lhe dicta os epinicios do jubilo, ou os threnos da dôr. Seu estylo quasi sempre terso e vehemente toma algumas vezes o tom do idyllio, quando no seio da intimidade derrama suas emoções. Oiçamo-lo :

[1] Vide *Contornos de Napoles*, pelo Sr. M. d'Araujo Porto-Alegre, publicados no 2º nº do *Nictheroy*.

[2] *Bosquejo da Historia da poesia brasileira.*

[3] Vide *Revista española de Ambos Mundos.*

Quanto é grato, meu Leme, nestas plagas
Que o acaso e Cabral ao mundo deram,
No centro d'estas margens serranias
A natureza adorar inda innocente,
E o mundo primitivo perlustrando
Ouvir da creação a voz intacta
Fruir embevecido os sons divinos;
Aqui em sonho elysio em almo arroubo,
Perfumando a existencia amaveis horas
A vida se deslisa entre venturas.

É grato junto a um cor'go chrystallino
Á sombra gigantesca d'um vinhatico,
Repensar nesse mundo em cuja lapida
Os sec'los exaráram á porfia
O pomposo epitaphio — a historia humana —
Desdobrar do passado o panorama
E do escuro sarcophago da morte
Arrebatar co' a mente o mundo antigo.
Aqui sem tradições vemos o berço
De Memphis, de Persepolis, d'Athenas:
Aqui vemos o Druida e o Cimmerio
Como o genio do vate outr'ora vira
Nas florestas d'Ausonia e da Britania
Predizendo o futuro: estas montanhas
O berço do universo representam.

Outras vezes cheio d'indignação ao contemplar a brutal destruição das nossas florestas exclama:

Oh que espectaculo grandioso e lugubre
Meus olhos abarcando contempláram!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante chlamyde da terra,
O seu manto sem par, — e cuidadoso
Poupar avaro os esqueletos aridos,
D'ervados troncos, carcomidos galhos
Aonde a viridante primavera
Em vão tentára, em contumazes lustros
Nos podres garfos da raiz annosa
Um insuflo vital verter benigna!

Digno de Dante é a prophetica imprecação com que termina o seu magnifico canto:

Um dia chegará, incola insano,
Que o suor de teu filho a estrada banhe,
Que arquejando cansado em longos dias
Em vão busque um esteio que levante
O herdado casal, curvado em ruinas!
Um dia chegará que a peso d'ouro
Compre o monarcha no seu vasto imperio
Estranhos lenhos que mesquinhos teçam
Dos fastigios reaes a cumieira!
E os templos do Senhor, o pinho invoquem
P'ra o altar amparar das tempestades!
Um dia chegará que imigas hostes
Intentem deshonrar-nos, leis impondo
E nós bradando em furia sem podermos
Em grossas náos de canhões bordadas
A affronta repellir, rasgar-lhe em face
O ousado pavilhão, e conculca-lo!.....

No *Corcovado*, sublime soliloquio, arrouba-se o poeta diante do esplendido panorama que a seus olhos se descortina:

Sessenta milhas minha vista mede
Si no azul horizonte um raio enfia:
Centos de leguas n'um volver abraça!

Si a mão espalmo uma montanha encubro;
Si os olhos fito descortino um reino:
Rola a meus pés variegado enleio
Virentes valles, transparentes aguas,
Talhadas rochas, portuosas angras,
Pescosos lagamares, prados, quintas,
E um immenso archipelago ostentando
Redondas fragas que encapellam ondas:
Como titaneas frontes resonando
N'um leito de chrystal somno eviterno.

A obra porém monumental do Sr. Porto-Alegre, a que á mais remota posteridade deve levar o seu preclaro nome, que será lida e commentada com o mesmo afan com que hoje se entrega a douta Europa ao estudo da *Divina Commedia* do Orestes florentino, é o seu *Colombo*, que, semelhante ao templo de Salomão e ás pyramides do Egypto, não póde ser medido pelo compasso de Vitruvio. Temerario é julgar uma obra antes de terminada, antes

que o artifice pondo-lhe a ultima mão a tenha entregado á numerosa familia dos zoilos. Em favor porém da classe para quem particularmente escrevemos, vamos destacar d'esse maravilhoso conjuncto o psalmo que serve d'invocação ao poema :

Meu Deus e meu Senhor, verte em meu seio
Do teu throno de luz um raio harmonico;
Abre em minha alma um templo d'harmonias,
Espadana em meu éstro ardentes pleiadas,
De ficções e verdades : sê piedoso :
Fecunda o pobre vate americano
Neste arrojo tão grande como o orbe
Que ententa descrever : unge-lhe a fronte
Com teu dedo que assella mil carismas,
E faz do verme impuro aguia altaneira.
Põe no meu canto o magestoso fluxo
Do caudal Amazonas, e no meu halito
O doce effluvio da baunilha odora.
Que esta empresa, Senhor, é toda tua,
É mais um epinicio a teus triumphos
Plantados sobre a terra protegida
Da cruz que o Dante vira nestes ceos
Em fatidico arroubo sobre a tripode
Que o seu genio divino artefactára,
Além da morte quando ovante, homerico,
Quebrou do inferno as portas, e em teu solio
Aspirando luzeiros endeusado
A fronte augusta inflorescceu d'estrellas.

Abre os teus labios, brasileiro vate,
Ungidos pelo amor sagrado immenso
De teu epico berço : canta o Nauta
Que as virgens ondas perlustrando ousado
Foi um mundo buscar mudando a face
Da renascida Europa, burilando
No mappa das nações novos imperios.
Victoria-o no metro agradecido,
Adorna a sua gloria, engrinaldando
De purpurea acayaba a fronte heroica.
Narra em teu canto o singular evento
E o denodo sem par d'um peito eximio
Senhoreando azares, conquistando
Com os olhos no ceo e a mão no leme,
O ermo undoso, o fabulado paramo
Té li vedado ao homem que descera

Do Ararath ao Nilo, do Ida aos Alpes,
Do celico Himalaya á extrema Tule.

Canta d'um mundo o natalicio augusto
Que a esphera dilatando realisára
Os doutos sonhos do Colombo egregio
Descrido no decrepito concilio
Da estulta Salamanca, que cuidava
Os ceos medir — da ferrea quadratura. —
Na dextra d'Adonay ler os mysterios
Da infinda creação em quanto a America
Gemea da Europa incognita gyrava,
No gremio ethereo do azulado espaço,
E na fronte do sol meiga libava
Sua eterna belleza, e ao sol erguia
Aras de prata, sanctuarios d'ouro.

Eleva a tua voz, o feito exorna,
D'esse genio inspirado, luz do seculo
Que Gama e Guttemburgo sublimáram.
Enlaça entre harmonias, risos, lagrimas
Á gloria e ingratidão; vinga o Ligurio
Que nos atrios das regias offuscadas
Errante mendigou, — senhor d'um mundo! —
E foi por esses reis tão mal acceito,
Que estreitados na Europa pleiteavam
Uma nesga de terra, transfegando
No desastroso embate de mil hostes
Rios de sangue nos dourados elmos.

Lacere-se o bulcão que abafa os tumulos;
Abram-se os tempos da saturnea terra,
Exhume-se o passado: as azas colha
O Anjo encanecido que sigilla
Do alcaçar da morte as mudas portas.
Aos olhos de minh' alma erga-se o seculo
Que o tempo aferrolhou na lousa historica:
Suspenso em claras decadas se mostre
O sudario d'um mundo carcomido
Pela broca do verme dos sepulchros.
Nauta illustre, primeiro americano,
E vós coevos que o vistes n'amplo estadio,
Larvas heroicas, tribus victimadas,
Vinde encarnar-vos, resurgir nas azas
D'ardente phantasia, e redivivas
Em conjuncto sagrado, alçar commigo
Um hymno á gloria, um monumento á patria.

Ao grande poeta das insolitas e homericas imagens faremos succeder o cantor do bello, o vate d'harmonia, o fino e delicado colorista. O Sr. Antonio Gonçalves Dias tem já uma reputação européa; sagrou-o o patriarcha das lusas letras como um dos primeiros engenhos americanos. Quanta frescura d'imaginação não se encontra nesses versos orvalhados pelas nossas noites tropicaes, tão resplendentes, tão tachonadas d'estrellas? Lamenta com razão o Sr. A. Herculano que mais amplidão não désse elle a essas *Poesias Americanas*, mais solido e perduravel padrão de sua gloria. « Quizeramos (diz o sabio critico) que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio, occupassem nelle maior espaço. Nos poemas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse novo mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assás rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem a sombras de suas selvas primitivas [1]. »

É realmente nessa especie de poesias que mais se avantaja o éstro do Sr. Gonçalves Dias, que mais intimamente o prende ao grande movimento reformador iniciado pelo Sr. Magalhaens. So quem viu nascendo rutilar no firmamento a bella constellação do cruzeiro poderia escrever o formosissimo canto do *Piaga*, que começa por estes inimitaveis versos :

Oh guerreiros da taba sagrada,
Oh guerreiros da tribu Tupi,
Fallam deuses nos cantos do Piaga;
Oh guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta,
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrivel caverna que habito
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs que prodigios que vi!
Arde o páo de resina famosa,
Não fui eu, não fui eu que accendi!

Eis rebenta a meus pés um phantasma,
Um phantasma d'immensa extensão,

[1] Vide a *Rev. universal lisbonense*, tom. VII, pag. 5, anno de 1847-1848.

Liso cranco repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias
Todo inteiro — ossos, carnes — tremia.
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era fado medonho tremendo,
Oh guerreiros, o espectro que eu vi!
Fallam deuses nos cantos do Piaga;
Oh guerreiros, meus cantos ouvi!

Não é possivel tirar melhor partido das crenças supersticiosas dos nossos indigenas.

Quem ha ahi que não conheça o *Gigante de pedra*, sublime inspiração da musa americana? Todo o Brasileiro sabe de cór estas bellissimas estrophes:

Gigante orgulhoso de fero semblante
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante
Que os raios sómente poderam fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devera cuidoso, sanhudo velar,
O raio passando o deixou fulminado
E a aurora que surge não ha de acordar!

Co' os braços no peito, cruzados, nervosos
Mais alto que as nuvens, o ceos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes, seus membros fundidos
Avultam immensos: so Deus poderá
Rebelde lança-lo dos montes erguidos
Curvados ao peso que sobre elle stá.

E o ceo, e as estrellas, e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe que o cobre são negros bulcões.

Da noite que surge no manto fagueiro
Quiz Deus que se erguesse de junto a seus pés,

A cruz sempre viva do sul no cruzeiro
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumano-no odores que as flores exhalam,
Bafejam-no carmes d'um hymno d'amor,
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
Dos ventos que rugem do mar em furor.

E lá na montanha, deitado, dormido,
Campeia o gigante — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

Qualificamos o Sr. Gonçalves Dias d'eximio colorista: cremos que ninguem lhe recusará este attributo, percorrendo com attenção varias poesias suas em que se reflecte a natureza com a fidelidade do daguerreotypo. A *Tempestade* é um d'esses magnificos trechos em que parece haver-se o poeta excedido á si mesmo. Eis como o considerou um competente juiz ultra-marino:

« Em raros poetas temos visto mais pronunciado e distincto o sentimento da natureza, da natureza indigena, americana. So um poeta, e um poeta nascido e educado nas scenas dos tropicos, pode escrever assim o luar que brilha tão vivo ao sul do equador, e namorar as estrellas, que mais vastas e luzentes se accendem no manto azul do firmamento. Na sua poesia, a *Tempestade*, por exemplo, está em rapidos traços esboçada a perspectiva da tormenta, que se esconde nos confins do horizonte, que rebenta furiosa e rapida, para dentro n'uma hora desapparecer de todo e o ceo limpido e sereno. É a tempestade do Brasil, d'America, que se não assemelha ás tempestades da Europa, que maravilha o estrangeiro, agitando em accesso terrivel e momentaneo de colera a face quasi sempre meiga d'essas regiões deliciosas [1].»

Occupa honroso lugar nos dipticos da nova escola o nosso bom amigo o Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, poeta distincto, romancista fecundo e imaginativo. Seus *Canticos lyricos*, primicias d'uma mocidade estudiosa e de gloria avida, offerecem varios quadros de notavel primor, dos quaes para não multiplicar

[1] *Mem. da Litt. contemp.*, pelo Sr. A. P. Lopes de Mendonça.

citações, apenas citaremos o seguinte parallelo entre Cesar e Pompeo :

Eram Cesar e Pompeo astros de Roma,
Cobertos ambos d'immurchaveis louros,
Ambos guerreiros, triumphantes ambos,
Magnanimos na paz, heroes na guerra;
Ambos iguaes no nome, iguaes nos feitos,
E iguaes na grandeza, iguaes no brilho!
Ambos tão grandes cobiçando a gloria,
Que para os contentar, nem-uma achavam!
Era p'ra sustentar mui leve o globo,
O peso enorme dos seus duros gladios!
Era mesquinha a descoberta terra
Ante o soberbo plano immensuravel
De conquistas dos avidos guerreiros!
Ante seus corações, para seus feitos,
Era pequeno da memoria o templo!
E a mesma eternidade não chegava
Para conter a gloria de seus nomes!

Mais do que qualquer outra composição sua forma, a nossa ver, o diadema poetico do Sr. Teixeira e Sousa o seu poema-romance denominado *Os Tres Dias d'um Noivado*. A simplicidade da tela em que desenhou tão rico lavor é mais uma prova do singular talento que todos lhe reconhecem. Como no *Uraguay* é curtissima a acção, e sempre crescente o interesse que inspira. A descripção de *Cabo-Frio*, que se lê no canto I, é feita com enthusiasmo; porque o amor do patrio torrão não é por certo a ultima das qualidades que adornam a bella alma do nosso amigo. Admiremos a formosa pintura que ahi se encontra do *Adamastor Brasilio :*

. . . . . Nevoa eterna
Inteira involve da montanha os pincaros,
Dirieis que esse genio atroz, indomito,
Zeloso do seu reino o quer continuo
D'orgulhoso interdicto, e bem vedado
A qualquer olho humano. Qual pé d'homem
Ousou vingar da encosta o meio apenas?
Chegar-lhe a pequenina e branca praia
Visinha a terra firme, mal foi dado
A velhos pescadores. Por balisa
Ampla lingua de terra ao mar entrada,

As ondas sobranceiras, altiva a grimpa
Extremo portentoso até as nuvens.

Varios são os lugares em que visivelmente se manifestam os sentimentos philosophicos do illustre poeta, que um tanto fascinado pelas brilhantes theorias de J. J. Rousseau, engastou em seu poema esta bella nenia:

Feliz, oh! sim feliz! pois nessas eras
Essas telhas que os valles dadivavam
Aos filhos venturosos das florestas
So abrigavam paz, so innocencia,
D'aquelles que corruptos não libavam
O licor empestado das cidades,
Que pouco a pouco filtra-se insensivel
Nos jovens corações! Felices elles,
Que as agrestes choupanas povoavam;
Elles que nem traçar inda sabiam
As figuras das quaes senão o invento
D'ampliação ao menos coube a gloria,
Ao moço que das praias da Phenicia
Parte em busca da irman d'um Nume illusa,
Sobre o touro fallaz, nos priscos évos
Quando em lindas ficções embevecida
A culta Grecia realisava sonhos
Madeiro innutil transmutando em deuses.

Revela-se a delicadeza do seu pincel, e aprimorado gosto na graciosa pintura de Meryba, que quanto a nós nada tem d'invejar á tão justamente celebre da formosa esposa do desditoso Cacambo. Admiremo-la:

Em doce arfar os d'ebano lustroso
Sobre os formosos hombros d'alabastro
Contrastam, graciosos, embalados
Pelo amante bafejo d'uma brisa,
Que as meigas azas, suspirando, agita,
Lindos cabellos, negros corredios:
Sobre esta côr bem diz por sobre a coma
Recendentes jasmins em nivea c'roa!
Assim as sobrancelhas se assemelham
A tão formosa grenha.
Sobre o rosto
Candidas açucenas entretidas

Não deparaes, com purpurinas rosas,
Qual no ralo cendal Venus envolta
Ante o Nume dos raios nos pintara
O cantor immortal dos heroes lusos.
Um tanto branca tez entremorena,
Não debalde prestou-lhe a natureza
Uns grandes lindos olhos, cujo negro
D'azeviche, brilhassem brandamente
Sobre um fundo gentil de puro leite.

Perfeitamente exprimiu o poeta os sustos da meiga Meryba ao ver Corimbaba desprender-se de seus amorosos braços para partir para a caça. O encontro do filho das palmeiras com o solitario que a meio seculo fugira do tracto dos homens, as graves e sensatas palavras d'este ácerca das decepções que por via de regra colhemos no mundo formam o sombreado do pincel. Parecerá talvez a alguem demasiado severa a linguagem do solitario; convém porém reflectir que é ella adaptada ao seu caracter, e propria para contrastar com a excessiva confiança que em si proprio depositava o mancebo. Nas crenças populares encontrou o Sr. Teixeira e Sousa o maravilhoso para o seu poema. A scena da gruta d'Itauna, philosophicamente commentada pelo ermitão, esparge um perfume de melancolia n'alma do leitor, e preparam-no para o desfecho. Põe remate ás bellezas do poema a tocante pintura dos derradeiros momentos de Meryba, que victima d'um fatal equivoco, morre orando pelo seu desgraçado esposo convertido em algoz.

Como já dissemos preferimos os *Tres Dias d'um Noivado* a todas as outras composições poeticas do Sr. Teixeira e Sousa, ainda mesmo á sua epopéa da *Independencia do Brasil*, onde a sua fulgurante imaginação viu-se sopeada pela verdade historica, como aconteceu com Lucano e Voltaire.

Nas ficções em prosa tem o nosso amigo adquirido bem merecida reputação, como fiel e desapaixonado pintor dos nossos usos e costumes. Desde o *Filho do Pescador*, até a *Providencia*, o mais bem elaborado dos seus romances, descobre-se uma escola chromatica d'aperfeiçoamento tanto na substancia, como ainda na forma.

Tambem erradiou-se o seu estro sobre o pulco scenico, e o *Ca-*

valleiro teutonico é para o nosso gosto uma tragedia romantica digna do auctor de *Catharina Howardo* e d'*Henrique III.*

Predomina em nossa poesia o elemento lyrico; e a elle pertencem á mór parte das composições d'um illustre brasileiro, de quem fariamos o elogio si d'isso houvesse mister, e si pelos estreitos laços da mais fraternal amizade não estivessemos a elle ligado. Fallamos do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, vantajosamente conhecido dentro e fóra do paiz.

Nas *Modulações poeticas* estreou elle a sua carreira; e bem que alguns senões se possam descobrir nesses tentames da infancia, nesses primeiros gorgeios do sabiá, divisam-se nelles as luxuosas galas d'uma viridante imaginação. Escolhamos d'entre tantos naturaes primores a seguinte pintura d'uma tarde na risonha Nictheroy :

Que scena para os olhos! — Como alegres
Estes valles não são, estas montanhas,
E os longes serros que nos ceos se perdem
E se dilatam por extensos plainos!
Que vasto mar, assetinado e quedo
Sereno reflectindo a côr mimosa
Do ceo azul e rubido horizonte!
Já lá vaidoso o sol entre mil nuvens
De jasmins e de rosas matisadas
Se esconde, aqui resurge a muda noite
O occidente toldando d'atras nevoas,
Brincões favonios placidos adejam
As grimpas das florestas encrespando;
Ondula a flôr no valle, a flòr mimosa
Que ao fulgir da manhan desabrochára
O niveo seio, que lhe enrubeceram
Os queimores do sol. Regatos bordam
Com trepido sussurro o verde prado.
Oh poesia, enlevo da existencia!
Aqui te reproduzes, aqui fallas,
Eloquente qual és, qual és donosa,
Oh poesia, enlevo da existencia!
Estes teus quadros são, estes me encantam.

Naturalisou entre nós o Sr. Norberto a ballata, especie de poesia tão convinhavel á educação poetica do povo, tão azada a alimentar nelle os sentimentos patrioticos, e o culto das grandes ideias.

Falta-nos espaço para, colhendo nesse jardim as mais olorosas flores, aqui offerta-las ao benigno leitor. Desejando porém dar-lhe uma ideia do quão feliz tem sido o nosso amigo nessa senda transcreveremos a denominada — *O Prisioneiro*, — cujo protagonista é um dos nomes mais heroicos de que se honram os fastos brasileiros. Ei-la :

Da batalha era o dia : no oriente
A aurora reluziu,
De carijó e da tapuya gente
O campo se cobriu.

A fera inubia nas d'Hybiapabas
Montanhas echoou,
E o pleito em que o valor se ufana e gaba
Asinha se travou.

E arcos mil se curvam, flechas voam
Gemendo pelo ar;
Soam ais de pavor, de morte soam
O horror a realçar.

E o valor dos tapuyas indomados
Consegue repellir
Os doceis carijós que derrotados
Começam de fugir.

Exultam os tapuyas, que a victoria
Por fim se declarou,
E um prisioneiro so por tanta gloria!
Após elle marchou.

E o triste prisioneiro encadeiado
Em horrida prisão,
Inteiros annos passa contristado
Chorando a condição.

— Porque, Tupá, eu não morri guerreiro
Já farto a batalhar?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar.

Que me importa com essa companheira
Que vive junta a mim
Si o filho que me deu terna e fagueira
Terá commigo fim?

Atado á mussurana, do tacape
Aos golpes cahirei,
E ensanguentado sem que o filho escape
Com elle morrerei!

Porque, Tupá, eu não morri guerreiro
Já farto a batalhar?
Fui vencido na guerra, e prisioneiro
Aqui devo acabar!.....

Calou-se e ao filho prodigando abraços
Tristonho suspirou:
E na rede co' o tenro filho em braços
Ligeiro se lançou.

É noite! A lua envolta em negra manta
Transmitte a tudo horror,
E nas tabas tapuyas se levanta
Um brado de clamor.

— Alerta! Alerta! — Sus! que o prisioneiro
Já lá fugindo sae,
Porém baldio esforço! Incendio arteiro
Lavrando em tudo vae!

E um dia os batavos armados
Goyanna vem cercar,
E o imbecil povo despiedosos brados
Começa de chorar.

Vomitam mortes em chuvas de metralha
Os bronzicos canhões,
E o pallido terror por terra espalha
Contrarios batalhões.

— Victoria! — É vencedor! Rufai, tambores!
Trombetas, retini!
Abatei-vos, baionetas d'invasores!
Pendões, cahi, cahi! —

Curvai-vos ante o heroe victorioso,
Oh batava nação!
Saudai do prisioneiro o filho honroso
O invicto Camarão!

Nos *Cantos epicos*, fragmentos d'um gigantesco poema, cujas tres unidades são a historia, o Brasil e o futuro celebra o illustre

poeta todas as glorias, todas as tradições patrias. Destaquemos d'esse magnifico grupo o lance verdadeiramente dramatico da proclamação da independencia nas margens do Ypiranga.

. . . . . Veles como um relampago
Junto a elle parou um mensageiro;
Rapido salta do fogoso bruto,
Que nitrindo co' as mãos o chão escava;
E o mensageiro se descobre; beija
A regia dextra; entrega-lhe a missiva,
Que vem de longes mares, longes terras.
Ah! de fadiga o seu corsel arqueja,
E entre vellos d'espuma o freio tasca!
Parára a comitiva. Toma a carta
O principe, e a percorre, e a lê d'um rasgo!
Na frente bella, magestosa e vasta
Contracção de pesar lhe notam todos;
Eis subito se anima; — no seu peito
Se lhe dilata o coração: — os olhos
Ao longe os leva, — e a terra se lhe avulta
Em extrema campina e serra immensa,
Que cingem rios que o universo assombram!
— Elle vê um imperio ingente e bello,
E invicto brada — *Independencia, ou morte!* —
Que electrico furor! Que enthusiasmo
Innunda as almas de prazer divino!
Abrasados do sacro amor da patria,
Cheios de brio e ardor os cavalleiros
As espadas arrancam repetindo
O grito que soara magestoso
Como o immenso vagido d'um gigante,
Pela ultima vez o sol luzira
Sobre as espadas que cruzadas brilham,
Symbolisando um sancto juramento,
E se abysmára no horizonte infindo
Deixando o ceo apavonado e bello.
Como longa serpente sinuosa
A estrada voltejando se sumira,
Tambem a numerosa comitiva,
Ouvindo sempre o portentoso brado
Que d'echo em echo revivia ao longe.

Infatigavel esmerilhador das cousas patrias possúe o Sr. Norberto amplo cabedal de conhecimentos historicos e tradicionaes, de que faz o publico confidente, quer na forma do romance, como

em *Januario Garcia*, quer na do drama e da opera como em *Amador Bueno* e *Beatriz*. Como Augustin Thierzy, com quem tanto se assemelha, recorre a todos os meios que lhe faculta a sua fertil imaginação para transmittir aos posteros os archivos do passado; compulsa as velhas chronicas e inintelligiveis codices, e em amena e florida linguagem disperta nos corações juvenís ardente amor pelo abençoado torrão que benigna lhe doara a Providencia, e justo orgulho pela sua nobre linhagem.

Na galeria dos poetas cujos perfis toscamente esboçamos impossivel seria deixar do contemplar o Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo. Indesculpavel descuido tem sido em deixar esparsas por essas publicações destinadas á ephemera existencia suas mimosas e faceiras poesias; de sorte que difficil nos sendo de colleccionar todas ellas teriamos o desprazer de nada citar do nosso espirituoso collega si não possuissemos um poema cheio de vida, de brilhante colorido, e de melodica versificação. A *Nebulosa* é uma composição phantastica, no gosto d'esses poemas orientaes que encantam pelos arabescos da imaginação. Ninguem o lerá uma so vez : ninguem deixará de sentir a necessidade que experimentamos d'abrir suas perfumadas paginas para retemperar nossa alma nas fontes do bello sempre que nos sentirmos arrastados para o esteril terreno do positivismo.

Ainda que não localisasse o Sr. Dr. Macedo a acção do seu poema é elle inteiramente brasileiro; porque so um brasileiro poderia d'est' arte descrever os sublimes horrores da natureza tropical :

Como duas columnas de guerreiros
Gigantes feros que avançando irados
Param ambos a um tempo antes da lucta,
Deixando ao turvo olhar espaço breve,
Duas filas de rochas escarpadas
Tinham rasgado o pelago raivoso
Frente a frente estacado : inabalaveis
Os pés fincavam no profundo abysmo,
Em suas frontes remoinhavam nuvens
Quaes da vingança tenebrosos planos.

Ao lermos a imprecação do *Trovador* contra a placidez da na-

tureza que contrastava com a agitação que dentro de seu peito turbilhonava, vieram-nos á mente essas paginas incandescentes que a volcanica penna de lord Byron legou á posteridade. Aqui transcrevendo-a esperamos associar o leitor ao juizo que ácima formulamos :

Oh natureza! minha dôr insultas!
Na tua placidez leio um sarcasmo,
Abomino-te assim, amo-te horrivel.
Que quer dizer um mar que não rebrama,
Uma terra que nada em luz d'encantos,
Um ceo que tormentoso não ribomba
Quando no coração temos o inferno?
Oh! mil vezes o horror e a tempestade!
Apraz-me em guerra ver a natureza
Abalada em seus elos mais profundos;
A terra, o ceo, o mar, rugindo a um tempo.
Do mundo escarneo pulo aos pés do mundo:
Eu sou como esta rocha esteril, negra,
Zombaria do mar, exposta ás vagas;
Desgraçado, aborreço a dita alheia
E ouço meus hymnos no chorar dos homens!
Sim, o raio, a serpente do horizonte,
Que coriscante morde e rompe as nuvens;
Os trovões a bramir, tigres do espaço;
As montanhas ao pego embravecido
Nas praias se quebrando e branca espuma
Do rochedo atirando á face turva,
O vento impetuoso em mil refregas
Gigantes da floresta, arrebatando
Pelos ares que raios incendeiam
Para açoutar as nuvens com seus ramos,
Que orgulho foram da vetusta selva;
Sim, o raio, os trovões..... o pego..... os ventos.....
Ao som das tempestades alçam meus hymnos.

Com a palheta de Sanzio e as côres brasilicas desenhou o poeta o seguinte mimoso retrato da *Peregrina :*

Ao ver-lhe a breve e graciosa boca
Suas madonas retocara Urbino;
O bico da trocaz rubor mais puro
Não tem que os labios seus, nem mais alvura,
Que os finos dentes neve chrystallina,

Ao cysne do Uruguay não cede em graça
Seu collo altivo e bello, e nem ás fadas
A cintura no mimo e delgadeza.

Póde servir de resposta á virulenta accusação que ao sexo feminino faz o *Bardo* do Sr. Castilho a seguinte apostrophe, que contra os homens dirige a *Peregrina* do Sr. Dr. Macedo :

Mulher, irman, escuta-me; não ames!
Quando a teus pés um homem curvo e tenro
Chorar amor, chorar pranto de sangue,
Não creias, não, mulher, elle te engana.
As lagrimas são galas da mentira,
E o juramento manto da perfidia;
O homem é rei que tyrannisa, e ao menos
A isenção nos garante a liberdade.
O homem que pede amor merca uma escrava;
Si agora é flamma todo, em breve prazo
Em gelo se transforma, e desabrido
Ou a despreza sem pudor, ou cedo
Com indifferença mata-a. Somos flores
Que em quanto novas d'ornamentos servem,
E murchas pelo chão rolam pisadas.

Copiado ao natural é o papel de mãi : é uma verdadeira *photographia :* e nem-uma (cremos nós) existirá que deixe de reconhecer-se nestes bellissimos versos :

Filho! filho! uma mãi!..... (so mãis o sentem)
É o symbolo do amor mais puro e sancto,
Amor que nunca esfria, sempre avulta,
Qualquer que seja o tempo, o transe, o fado.
Extremosa nem vê do filho os erros;
É feliz so com a dita de seu filho,
So desgraçada si a desgraça o fere;
Si um crime o nodoou mesmo no crime
Ama-o sublime, desdenhando o mundo;
Que tem com o mundo? O crime que lhe importa?
Lá no ceo está Deus p'ra perdoa-lo
E ella na terra para amar seu filho.

Veda-nos o nosso plano de proseguir no inventario das bellezas d'este inimitavel poema, que como a estrella d'alva, fulgura no ceo das brasilias letras.

O auctor da *Nebulosa* é tambem notavel romancista e conceituado dramaturgo. A *Moreninha* é talvez a mais popular de suas elegantes ficções; por que com morbido pincel desenhou as mais imperceptiveis matizes da vida intima, sem que jamais naufragasse nos parceis do *realismo*. O *Moço Louro*, *Rosa*, *Vicentina*, o *Forasteiro* tem o mesmo ar de familia e de prompto se reconhecem por irmãos. Com mestria desempenha o auctor do *Cego* e do *Cobé* as regras do moderno drama; no *Phantasma branco* executa com o mesmo primor as da opera comica; ao passo que no *Luxo e Vaidade* applica o ferro candente da satyra comica aos dois cancros que mais convem a nossa sociedade. Que formosos e quiçá incognitos horizontes não descortinaria o engenho do Sr. Dr. Macedo se tivessemos um theatro nacional? Mas... Passemos avante.

Dutra e Mello, Alvares d'Azevedo e Junqueira Freire foram tres botões que a segure da morte ceifou antes que desabrochassem. Pouco conhecemos do primeiro, cujas principaes poesias, por causas que ignoramos, ficáram ineditas; os dois ultimos porém confiaram aos prelos a primeira florescencia do seu estro, e por ellas os julgaremos.

Discipulo de Byron, educado na descrença d'Alfredo de Musset, alistou-se Alvares d'Azevedo na legião dos que amaldiçoam o mundo antes de conhece-lo, e mostram-se gafos antes do trabalho. Foi esta uma lamentavel tendencia que impregnou do fel do scepticismo os cantos d'um poeta mancebo, cujo futuro com purpureas nuvens desenhava-se nos paramos da gloria.

Junqueira Freire era o homem do presente envolto no sudario do passado : bem fundadas eram as suas convicções religiosas, mas ahi mesmo, no recesso da sua alma devota, gotejára a duvida seu lethal veneno. *As Inspirações do claustro* são o fiel espelho d'esse longo martyrologio que começou no dia em que dos olhos lhe cahiu a venda, em que a illusão transmutou-se em cruel realidade. Lede essa bella canção intitulada — *Meu Filho no claustro*, e ouvi os magoados suspiros d'essa mãi insonsolavel que exclama :

É mentira. Essa lei violenta
Não foi feita por nosso Senhor.

Nosso Deus não nos prende com ferros,
Mas com laço de docil amor.
Não inveja da mãi os prazeres
Como rosas ornando o festim,
Não lhe dá innocentes filhinhos
Para em vida arranca-los assim!

Escutai o grito da desesperação que genuflexo nos degráos do templo, solta o monge, a quem o sanctuario parecera um refugio contra os vaivens do mundo:

Si eu não morri, sou transfuga da vida:
Dista, dista de mim, minha alma antiga,
A toga ferrea que estreitou-me os artos,
Como azinhavre devorou-me as carnes;
Osso, esqueleto, pelas fibras preso,
Vou caminhando, e caminhando rinjo.
Folga, Loyola, — eu preenchi teu mando.
Até te entrego o teu superfluo — quasi —
Eu sou cadaver, sou! Olha-me e julga.

Saciado outras vezes de decepções, e vendo uma por uma desbotarem as flores da grinalda da esperança, extrahia da sua gemebunda harpa estas dolorosas endechas:

Eu tambem antevi dourados dias
Nesse dia fatal:
Eu tambem como tu sonhei contente
Uma ventura igual.

Eu tambem ideei a linda imagem
Da placidez da vida:
Eu tambem desejei o claustro esteril
Como feliz guarida.

Eu tambem me prostei ao pé das aras
Com jubilo indisivel:
Eu tambem declarei com forte accento
O juramento horrivel.

Eu tambem affirmei que era bem facil
Esse voto immortal:

Eu tambem prometti cumprir as juras
Desse dia fatal.

Fazendo depois a narrativa das dôres porque passara, dos desenganos que colhera, exclama :

Illudimo-nos todos! Concebemos
Um paraizo eterno :
E quando nelle soffregos tocamos,
Achamos um inferno.

Mais um tocante exemplo offerece-nos o poeta monastico da leviandade com que muitos mancebos, julgando ouvir em doirados sonhos a voz d'uma firme e inabalavel vocação, trocam as galas do mundo pela estamenha do claustro. Foi Junqueira Freire um grande poeta, a quem a ferrea mão da descrença suffocou no lumiar da vida.

Longe iriamos si quizessemos mencionar todos os bardos que com seus dulios canticos honram a litteratura nacional. Enumeramos os que primeiro ouviram o grito d'alarma, e com mais açodamento correram ao campo da batalha. A ninguem irrogamo injuria collocando-os na primeira plana; porque incontestavelmente são elles os corypheus da nova escola, os patriarchas da nossa independencia litteraria.

Algum desenvolvimento demos á parte poetica; porque é por ella que começam as litteraturas a sua linha divisoria; e a que mais cedo disperta no alvorecer dos espiritos.

Para finalisar esta já longa lição, digamos duas palavras sobre a prosa que paralallemente lhe seguia os vôos.

Já algumas reflexões expendemos acerca do romance quando tractamos dos poetas que a este genero de composição consagráram suas doiradas pennas. É elle inteiramente novo entre nós; sendo para lamentar que d'assidua leitura das nossas chronicas tão poucos romances historicos hajam apparecido. Muita tradição bonita, muitas poeticas lendas populares andam por ahi, que com talento aproveitadas, poderiam converter-se em uteis e aprazíveis leituras para as familias, onde sobretudo se visse impresso o cunho da originalidade e as côres nacionaes.

A oratoria, que como vimos, so tinha por theatro o pulpito, achou mais larga esphera com as novas instituições de que foi dotado o paiz no momento de sacudir o jugo que por tres seculos o opprimira. Causa pasmo que logo na Constituinte se apresentassem grandes oradores, e que sem o tyrocinio da experiencia assummissem logo á elevada hierarchia em que folgamos de contempla-los. D'entre esses paladinos da eloquencia occupam distincto lugar os dois irmãos Andradas : Antonio Carlos, vehemente, impetuoso, e arrastando pela magia da sua palavra viva e colorida o attonito auditorio ; Martim Francisco, grave, meditador, e convencendo os seus ouvintes pela força da logica e pelo vigor do raciocinio. Mais d'uma vocação oratoria se tem assignalado em nossas camaras legislativas ; e o leitor que por certo as conhece dá o devido apreço á sua capacidade.

Mais um estadio abriu-se á eloquencia com a creação do jury ; e mui conhecidos são tambem os nomes dos athletas que com os louros da victoria hão adornado as suas nobres frontes. Infelizmente porém inveja a tribuna politica a todas as outras os engenhos que nellas melhor se estream, e assim vemos que declina o pulpito, e enlanguece o fôro ; ao passo que cada legislatura envia ao parlamento novos e brilhantes oradores.

Por uma feliz excepção, dos que esquecem nos braços da politica seus primeiros amores litterarios é o Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva, eloquente parlamentar e habil escriptor. Pertence elle a essa pleiade de talentosos mancebos que inauguráram á escola *brasilico-romantica*, plantando sua auriflamma sobre as derrocadas muralhas da classica imitação. Assás conhecido por uma serie d'artigos publicados en varias revistas e jornaes, adquiriu incontestavel renome dando a luz o seu *Plutarcho Brasileiro*, nome que na segunda edição trocou pelo mais apropriado de *Varões illustres dos Tempos coloniaes*. É esta obra um riquissimo diorama, por cujo campo successivamente desfillam os mais heroicos vultos da nossa historia, paramentados com as ricas galas que lhes empresta a poetica imaginação do illustrado biographo. Irresistivel é o encanto que experimentamos ao ler as vidas d'esses prestimosos varões : ora derramamos lagrimas de compuncção ao contemplar a edificante conducta d'Anchieta entre os tamoyos

d'Ubatuba; ora admiramos o denodo com que Jorge d'Albuquerque e Salvador Correia honram nos campos de batalha a patria que ainda não é sua : folgamos com a rara sciencia dos dois Gusmões, e com a patriotica empresa d'um Rocha Pitta. Arrebata-nos outras vezes o ameno biographo á região das Musas, e fallando dos Caldas, dos Durões, dos Basilios da Gama e dos Alvarengas, extasia-se ante as maravilhosas producções dos seus fecundos engenhos, e então convertendo a sua penna em pincel, com vigorosos traços pinta-nos os retratos d'esses dilectos filhos das Musas. Neste vasto Pantheon ergue-se altares para todas as aptidões; é o politico exalçado na pessoa de José Bonifacio, ou na de José da Silva Lisboa; o prelado extremoso pelo seu rebanho e eximio cultor das letras em D. Francisco de Lemos; o economista em D. J. J. da Cunha Azeredo Coitinho; finalmente o medico que arranca os segredos da natureza para allivio da humanidade soffredora em Francisco de Mello e Franco. N'uma palavra so corações dessecados pelo gelido sopro da indifferença ou do egoismo poderão ler sem commoverem-se os *Varões Illustres* do Sr. Dr. Pereira da Silva.

Aproveitou a historiographia d'essa leva de broqueis que se notava no campo das letras : e ao Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen coube a gloria d'haver chamado ao tribunal da critica o que até então passava com o pomposo titulo d'historia do Brasil. Com esse espirito d'observação que o caracterisa submette ao seu delicado crysal os factos que mais bem averiguados pareciam, e avalia a cada um por seu justo quilate. Apesar de certa dureza na phrase e das suas longas divagações é a *Historia geral do Brasil* do Sr. Varnhagem uma obra que muito abona ás patrias letras; e que aos exploradores da verdade servirá de seguro fanal.

Reconhecida a utilidade das monographias varios brasileiros lhe hão dedicado seus lazeres; avantajando-se entre elles o Sr. João Francisco Lisboa, que no seu interessante *Jornal de Timon*, emulando com Macaulay, tão abundantes luzes derrama sobre os annaes de sua provincia [1].

[1] A do Maranhão.

Terminada parece a primeira phase da nova litteratura : viajamos pelo deserto da transição, descortinando novos ceos, novas estrellas. — Qual é porém essa região para onde caminhamos? — Ninguem o sabe. — O futuro pertence a Deus; o passado á historia : a nós so cabe o presente; saibamo-lo aproveitar.

F M.

INDICE

Advertencia do Editor. v

Ao Leitor. vii

Lição I. — Origem da lingua portugueza. 1
Lição II. — Noção e divisão da litteratura. 8
Lição III. — Primeira Epocha. — 1140-1279. 12
Lição IV. — Segunda Epocha. — 1279-1495. 17
Lição V. — Terceira Epocha. — 1495-1580. 23
Lição VI. — Genero lyrico. — Especie bucolica. 26
Lição VII. — Especie lyrica. 42
Lição VIII. — Especie elegiaca. 50
Lição IX. — Genero didactico. — Especies didactica e epigrammatica. —
Especie didactica. 55
Especie epigrammatica. 59
Lição X. — Genero epico. 63
Lição XI. — Genero dramatico. 79
Lição XII. — Romance. 115
Lição XIII. — Dialogos. 126
Lição XIV. — Epistolographia. 137
Lição XV. — Biographia. 143
Lição XVI. — Historiographia. 152
Lição XVII. — Viagens. 169

Lição XVIII. — Quarta Epocha. — 1580-1750. 173
Lição XIX. — Genero lyrico. — Especie bucolica. 182
Lição XX. — Especie lyrica. 186
Lição XXI. — Genero didactico. — Especie satyrica. 193
Lição XXII. — Genero epico. 201
Lição XXIII. — Romance. 229
Lição XXIV. — Dialogos. 235
Lição XXV. — Oratoria. 240
Lição XXVI. — Epistolographia. 256
Lição XXVII. — Biographia. 266
Lição XXVIII. — Historiographia. 279
Lição XXIX. — Quinta Epocha. — 1750-1826. 292
Lição XXX. — Genero lyrico. — Especie bucolica. 296
Lição XXXI. — Especie lyrica. 307
Lição XXXII. — Especie elegiaca. 341
Lição XXXIII. — Especie didactica. 358
Lição XXXIV. — Especies satyrica e epigrammatica. — Especie satyrica. 375
—Especie epigammatica. 389
Lição XXXV. — Genero epico. 401
Lição XXXVI. — Genero dramatico. 436
Lição XXXVII. — Romance. 462
Lição XXXVIII. — Oratoria. 471
Lição XXXIX. — Epistolographia. 502
Lição XL. — Biographia. 511
Lição XLI. — Historiographia. 516
Lição XLII. — Sexta Epocha. — 1826-.... — Escola romantica portugueza. 522
Lição XLIII. — Escola romantica brasileira. 533

AUG 15 1928